da autora de Melancia e
A mulher que roubou a minha vida

Marian Keyes

"Simplesmente brilhante."
Sunday Times

dando um tempo



BERTRAND BRASIL

O BRAS DA AUTORA

Melancia
Férias!
Sushi
Casório?!
É Agora... ou Nunca
Los Angeles
Um Bestseller pra Chamar de Meu
Tem Alguém Aí?
Cheio de Charme
A Estrela Mais Brilhante do Céu
Chá de sumiço
Mamãe Walsh
A mulher que roubou a minha vida

Marian Keyes dando um tempo

Tradução
Carolina Simmer

1ª edição

BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2018

Copyright © Marian Keyes 2017

Título original: *The break*

Capa: Leonardo Iaccarino

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2018
Produzido no Brasil
Produced in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K55d

Keyes, Marian, 1963-
Dando um tempo [recurso eletrônico] / Marian Keyes; tradução Carolina Simmer. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.
recurso digital

Tradução de: The break
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-286-2372-7 (recurso eletrônico)

1. Romance irlandês. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II. Título.

18-51651

CDD: 828.99153
CDU: 82-31(415)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-1512

Para Louise Moore, com amor e gratidão

Sumário

Antes

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

Durante

20
21
22
23
24
25
26
27
28

29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65

66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93

Depois

94
95
96
97
98
99
100

101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123

Epílogo

Agradecimentos

ANTES

1

Sexta-feira, 9 de setembro

— Eu e Hugh — digo — vamos dar um tempo.

— Tipo “dar um tempo, passeando na cidade grande e comendo em restaurantes chiques”? — Maura estreitou os olhos. — Ou tipo “vou dar um tempo vivendo que nem a Rihanna”? E aí? — pressiona ela. — É o dos restaurantes chiques?

— Não, é...

— É o tempo da Rihanna? Você *só pode* estar de brincadeira, porque a Rihanna tem, o que, 22 anos, e você...

— Não tenho 22 anos.

É imprescindível interrompê-la antes que mencione minha idade. Não sei como acabei chegando aos 44. Obviamente me distraí no meio do caminho, mas, um pouco tarde demais, estou tentando disfarçar quaisquer referências à minha idade. Não se trata apenas do medo de morrer ou, pior, desenvolver pelancas, mas também porque trabalho com relações públicas, uma área dinâmica, jovem, que não valoriza o pessoal mais “maduro”. Só estou sendo pragmática. Afinal, tenho contas a pagar.

Por isso evito qualquer tipo de declaração sobre a minha idade, tipo, *sempre*, na esperança de que, se ninguém mencioná-la, posso passar a eternidade sem me preocupar com a velhice. (Meu único arrependimento é não ter começado essa prática aos 27, mas eu não sabia de nada naquela época.)

— Você está falando com a sua irmã — diz Maura. — Sou sete anos mais velha, então, se tenho 51...

— Claro — respondo muito, muito rápido, falando por cima dela, para fazê-la calar a boca. — Claro, claro, claro.

Maura nunca teve medo de envelhecer. Desde que me entendo por gente, ela é idosa, parecendo mais a irmã gêmea de papai do

que a filha mais velha.

— Então é um “tempo” em que Hugh pode ir... para onde?

— Para o Sudeste Asiático.

— Sério? E depois... o quê?

— Ele vai voltar.

— E se não voltar?

Foi a pior ideia do mundo contar a novidade para Maura, mas ela sempre consegue arrancar a verdade das pessoas. (A gente costuma chamá-la de “A Torturadora”.) Minha irmã sente cheiro de problema. Ela sabia que alguma coisa estava acontecendo nos últimos cinco dias — achei que conseguiria escapar se evitasse os telefonemas, mas é óbvio que tenho uma forte tendência a me enganar, porque foi só uma questão de tempo até ela aparecer no meu trabalho e se recusar a ir embora enquanto não descobrisse tudo.

— Olha, não tem nada decidido ainda — digo, tentando uma abordagem. — Talvez ele nem vá.

Porque talvez não vá mesmo.

— Você não pode deixar isso acontecer — avisa ela. — Simplesmente diga que não e ponto-final.

Ah, se as coisas fossem simples assim. Ela não tinha lido a carta de Hugh, então não sabia como ele estava perturbado. Deixá-lo ir seria a melhor forma de salvar meu casamento. Talvez.

— Isso tem a ver com a morte do pai dele?

Faço que sim com a cabeça. Meu sogro faleceu onze meses atrás, e Hugh ficou desolado.

— Achei que fosse melhorar com o tempo.

— Mas não melhorou. Isso é o oposto de melhorar. — Ela está ficando agitada. — Que porcaria de família. Será que o drama nunca acaba? É uma coisa atrás da outra. — Já estou acostumada com os chiliques de Maura; não morro mais de medo deles. — Quando um de vocês começa a entrar nos eixos, aparece outro para inventar moda. Por que a vida de vocês é tão complicada?

Ela está falando de mim e dos meus irmãos, e, na verdade, não somos tão ruins assim. Bem, temos tantos problemas quanto qualquer família, ou seja, muitos, mas não é nada diferente da maioria das pessoas, então acabamos sendo bem normais.

— A culpa deve ser minha — declara Maura. — Fui um mau exemplo?

— Foi.

Na verdade, ela é o completo oposto de um mau exemplo, mas está me deixando irritada. Seria de imaginar, considerando tudo, que eu mereceria um pouco de compaixão.

— Você é sempre tão cruel! — diz Maura. — Imagine só como é ser uma garotinha — ela está falando de si mesma — com uma mãe que vive no hospital, sofrendo de tuberculose numa época em que tuberculose não é nada *de mais* e saiu de moda há anos. Uma garotinha com quatro irmãos mais novos que não param de chorar, uma casa enorme e fria caindo aos pedaços e um pai incapaz de cuidar de tudo. Sim, tenho um senso de responsabilidade extrapolado...

Já conheço esse discurso de cor e salteado e seria capaz de repetir cada vírgula, mas é quase impossível fazer Maura se calar quando ela perde as estribeiras. (Meus irmãos e eu gostamos de brincar que o marido dela, OPC — O Pobre Coitado —, desenvolveu mudez espontânea pouco depois do casamento, e faz 21 anos que ninguém escuta a voz dele. Achamos que a última palavra que disse, num tom muito hesitante, foi “Aceito...?”.)

— Qual é o problema? — pergunto, chocada com toda aquela antipatia. — Eu não fiz nada de errado.

— Ainda — diz Maura. — Ainda!

— Como assim?

Ela parece surpresa.

— Se o seu marido está “dando um tempo” do casamento — ela faz aspas com os dedos —, então você não está — mais aspas — “dando um tempo” também?

Levo alguns segundos para absorver essas palavras. Em seguida, para minha grande surpresa, algo se agita dentro de mim, uma sensação esperançosa que, depois desses últimos cinco dias tenebrosos, parece um grande alívio. Bem no fundo da minha alma, uma luzinha minúscula se acende.

Lentamente, digo:

— Como você colocou as coisas desse jeito, bem, imagino que sim.

2

Agora que conseguiu o que queria, Maura pega suas coisas, uma resistente pasta marrom e um casaco impermeável.

— Por favor, Maura — digo, agitada. — Você *não pode* contar para os outros.

— Mas é a sua família! — Como ela conseguiu fazer isso soar como um xingamento? — E faz séculos que Hugh não aparece nos jantares de sexta. Todo mundo já percebeu que tem algo errado.

— Estou falando sério, Maura. As meninas ainda não sabem e não quero que descubram por mexericos. — Faço uma pausa. As pessoas ainda falam “mexerico”? Melhor nem arriscar. — Não quero que fiquem sabendo pela boca dos outros. — Uma expressão mais sem graça, mas serve.

— Você não contou nem pra Derry? — Maura parece surpresa.

Derry é nossa outra irmã, e, como é apenas quinze meses mais velha que eu, somos próximas.

— Olha, pode acabar não dando em nada. Talvez Hugh nem vá.

Pela primeira vez, o rosto dela é tomado por compaixão.

— Você está em negação.

— Estou em alguma coisa — admito. — Em choque, eu acho. — Mas no meio disso tudo também existe a vergonha, o medo, a tristeza, a culpa e, sim, a negação, tudo misturado numa confusão horrorosa.

— Você está em condições de fazer o jantar de hoje?

— Sim.

O jantar na casa de mamãe e papai é uma tradição que já dura pelo menos uma década. Mamãe não tem forças para preparar a comida toda semana para o batalhão que aparece por lá — meus irmãos e os filhos, parceiros e ex-parceiros (sim, somos muito modernos) de cada um —, então revezamos.

— Sabe quantos seremos hoje? — pergunto.

A família O'Connell é uma bagunça tão grande que é impossível estipular um número exato para quantificar a comida. Toda sexta, trocamos uma enxurrada de mensagens, cancelando e confirmando, adicionando e subtraindo, e o único número que dá para ter certeza de que *não* vai ser é aquele que achamos que é. Porém, independentemente da quantidade de bocas para alimentar, o melhor é levar comida para um batalhão. Deus me livre de faltar alguma coisa no meu turno: isso seria jogado na minha cara o resto da vida.

— Eu — diz Maura, contando nos dedos. — Você. Hugh não, claro.

Eu me encolho.

Uma batida fraca à porta nos interrompe. A cabeça de Thamy surge.

— Cinco minutos — anuncia ela.

— Você precisa ir embora — digo para Maura. — Tenho uma reunião.

— Numa sexta-feira à tarde? — Minha irmã aciona suas antenas. — Quem faz reunião numa sexta à tarde? Alguém está encrencado, não é?

— Por favor — insisto. — Dê o fora.

A Escotilha, a pequena agência da qual sou um terço, oferece todo tipo de serviço de relações públicas, incluindo gerenciamento de imagem. Reabilitamos políticos, atletas, atores — figuras famosas de várias áreas que tenham passado por alguma vergonha perante o mundo. Antigamente, o problema era sempre algum escândalo sexual, mas, hoje em dia, existem mais oportunidades de cair em desgraça — acusações de racismo ganharam bastante força — que podem fazer, com razão, muita gente perder o emprego. Preconceitos contra mulheres, idades e tipos físicos são complicados, assim como assédio moral, furtos de pequenos objetos, como a caneta de Putin, ou estacionar em vaga de deficiente quando não se tem deficiência alguma.

É claro que os métodos de humilhação pública também mudaram: tempos atrás, os malfeitores tinham pavor da primeira página dos tabloides dominicais. Porém, como tudo hoje em dia é registrado por celulares, o medo agora é de viralizar.

— Algum brinde? — pergunta Maura enquanto Thamy e eu a empurramos pelo salão do escritório em direção à saída.

— Dê as fraldas geriátricas para ela — digo a Thamy. A SempreSeco é um dos nossos maiores clientes, e, por mais deprimente que pareça, o mercado da terceira idade está crescendo.

— Ah, o que é isso! — exclama Maura. — Não estou nem perto de precisar disso ainda. Não tem chocolate? Ah, oi, Alastair...

Alastair acabara de chegar de Londres, então estava particularmente deslumbrante em seu terno caro e sua camisa branca bem-passada. Ele encara Maura com seus olhos acinzentados e lentamente abre O Sorriso. Que homem *patético*.

— Oi, Maura — diz ele, a voz baixa, num tom íntimo.

— Oi — guincha ela, ficando vermelha até o pescoço.

— Chocolate? — repete Alastair. — Espere um pouquinho...

A Escotilha representa uma fábrica de chocolate artesanal, o que é um tormento, porque sempre enviam amostras para o escritório e tem dias que é cansativo demais resistir a elas.

Alastair pega uma caixa de bombom no armário, depois uns esfoliantes para o corpo feitos de grama (eu *sei*). Como pequeno gesto de rebeldia, adiciono um pacote de fraldas à pilha.

Thamy acompanha minha irmã até a escada para que ela não dê de cara com a Sra. SempreSeco saindo do elevador. Thamy é uma bênção dos deuses — ela é brasileira e cuida da recepção, do departamento de cobrança e do controle de serviços, tudo num pacote único e charmoso. Thamy é capaz de persuadir o devedor mais relutante a abrir o bolso, nunca reclama de passar um café e, ao contrário de todas as suas antecessoras, não é uma demente. Muito pelo contrário. (Agora estou preocupada por ter usado a palavra “demente” — já teve gente no Twitter sendo humilhada por menos. Trabalhar com a reabilitação de pessoas que caíram em desgraça faz você se tornar muito ciente desse tipo de coisa.)

Alastair e eu seguimos para a pequena sala de reunião, o lugar onde Maura acabara de arrancar meu triste segredo de mim. (Tudo na Escotilha é minúsculo, porque minúsculo é o que conseguimos bancar. Veja bem, por dois dias na semana trabalho em Londres, onde não temos dinheiro para alugar espaço *nenhum*.)

Não tenho tempo para pentear meu cabelo, então pergunto a Alastair:

— Estou com uma cara boa?

Quando as pessoas descobrem que trabalho com relações públicas, mal conseguem esconder a surpresa. As mulheres do ramo geralmente são altas, magérrimas, louras e indiferentes; usam terninhos brancos com saias apertadas que delineiam seus flancos sem celulite; seus sorrisos são frios, e elas têm uma aura indubitavelmente glacial. Amaldiçoada com baixa estatura e uma tendência a arredondar, coisa que preciso supervisionar com olhos de águia, minha aparência com certeza não condiz com meu cargo. Ainda bem que sou boa no que faço.

— Estar desarrumada te deixa charmosa — diz Alastair. — Faz você parecer amigável. Mas — ele começa a ajeitar minha gola — talvez hoje você esteja um pouco bagunçada *demais*?

Afasto a mão dele. Alastair é muito saidinho quando o assunto é encostar em mulheres. Mesmo assim, meu vestido está amarrotado, e meu desespero interior não pode começar a se manifestar na aparência. Percorro mentalmente formas possíveis de melhorar meu visual. Passar as roupas de trabalho: isso seria um começo promissor.

Agarrando-me a uma esperança louca, eu me pergunto se há algo mágico que eu possa fazer com meu cabelo. Talvez cortar uns quinze centímetros? Mas isso seria praticamente automutilação — meu cabelo sempre é bom comigo. Talvez seja um pouco carente e, de acordo com artigos de revista, comprido demais para uma mulher na casa dos 40, mas é a coisa mais glamorosa que tenho.

Tingimento? Será que finalmente chegou a hora de abandonar o castanho-escuro e mudar para um tom mais claro e apropriado para a minha idade?

Meu cabeleireiro já me passou o sermão batido sobre como tons de pele desbotam conforme uma mulher envelhece.

— Se continuar tingindo o cabelo dessa cor — disse ele —, vai começar a parecer que foi embalsamada.

— Eu sei o que “dizem” por aí — respondi. — De verdade, Lovatt. Mas isso não vale neste caso. Sou uma exceção. Ou uma abominação da natureza, se você preferir.

Ele não tinha preferido nada. Sua boca se apertou em revolta, e, como castigo, deixou minhas raízes secas, como as de uma velha.

— Vai fazer alguma coisa interessante no fim de semana? — pergunta Alastair.

Penso sobre os planos de Hugh de ir embora. Sobre a necessidade de contar para as meninas. Sobre isso ser o fim da vida com a qual me acostumei. Dou de ombros.

— Nada de mais. E você?

— Um curso. — Ele parece um pouco envergonhado.

— Mais um daqueles tipo Aprenda o Segredo da Felicidade em 48 Horas? Alastair — digo, desanimada —, você está procurando uma coisa que não existe. — Ele parece dedicar um fim de semana por mês para Curar as Feridas da Infância ou O Vazio da Era da Fartura, coisas do tipo, mas, por enquanto, nada funcionou. — Vou te contar o segredo da felicidade — continuo. — Encha a cara sempre que puder. Faça compras. Se nada disso funcionar, passe três dias na cama comendo rosquinhas. É o que todo mundo faz.

Antes que Alastair consiga se defender, Tim, o terceiro sócio da Escotilha, entra.

Nós três — Tim, Alastair e eu — trabalhávamos juntos numa grande agência irlandesa de relações públicas, mas fomos demitidos cerca de cinco anos atrás. Como parte de sua busca incessante, Alastair foi para um *ashram* na Índia, do qual foi convidado a se retirar porque não conseguia parar de transar com suas colegas fanáticas por ioga. Passei alguns anos deprimentes na selva freelancer, e Tim voltou para a faculdade para se formar em contabilidade. Isso mostra todos os três tipos diferentes de energia que trazemos para o trabalho.

Fundamos nossa pequena agência há cerca de dois anos e meio, e todo mês estamos mal das pernas, sem nunca saber se continuaremos funcionando no mês seguinte. É uma vida cheia de ansiedade. Na verdade, a ansiedade é tanta que tenho gastrite crônica, e um dos meus grupos alimentares principais é a ranitidina. Minha médica (faz 12 anos) disse que eu devia descontar todo o estresse em exercícios físicos. Obediente, eu concordei, mas por dentro estava dizendo, sarcástica: “Jura?” Então ela me falou para emagrecer alguns quilos, e eu quis chorar: esse peso extra era

consequência de ter parado de fumar. Considerei simplesmente fazer tudo que era ruim para mim e morrer cedo, mas pelo menos com a certeza de que tinha aproveitado a vida.

E lá vem a Sra. SempreSeco, robusta e assustadora em seu vestido feito sob medida, e nós três levantamos para cumprimentá-la. Maura se enganou ao deduzir que uma reunião na tarde de sexta-feira significa uma crise: é o horário em que a Sra. SempreSeco prefere receber seu relatório sobre os progressos mensais. Ela mora numa região rural nada idílica e gosta de passar os fins de semana em Dublin "para ver as modas".

— Você. — Ela aponta para mim.

Merda. O que foi que eu fiz? Ou não fiz?

— Fiquei sabendo que Neeve Aldin é sua filha — diz ela. — Neeve Aldin, do *Miga, Se Liga*?

— Ahn? Ah... Sim!

— Sempre assisto aos seus vlogs de maquiagem com minha filha de 14 anos. Ela é tão engraçada, nós duas morremos de rir.

— Bem... Ah... Que *ótimo*!

— Apesar de estar quase indo à falência comprando as coisas que ela indica. Você pode pedir para ela mostrar umas marcas mais baratas?

— Posso tentar! — De jeito *nenhum* Neeve me obedeceria.

— Por que vocês têm sobrenomes diferentes?

— Ela é filha do meu primeiro casamento. Usa o nome do pai.

— Mistério resolvido. Vamos começar.

Nós começamos a falar, e a Sra. SempreSeco fica feliz com parte do nosso desempenho — conseguimos mencionar a marca na novela *Coronation Street*.

— Mas decidi que precisamos de um embaixador — diz ela. Suas palavras são seguidas de um silêncio atordoado. — Associarmos um rosto à marca.

Nós sabemos o que é um embaixador, só não temos noção de como explicar que ela perdeu completamente o juízo.

— Interessante... — Estou tentando ganhar tempo.

— Não me venha com essa de "interessante" — rebate ela.

Alastair é o mais indicado para amenizar a situação; a Sra. SempreSeco é *apaixonada* por ele.

— Sra. Mullen — diz ele, num tom gentil —, não vai ser fácil encontrar alguém que queira admitir publicamente que sofre de incontinência urinária.

— Só precisamos de uma pessoa — rebate ela. — E aí todo mundo vai entrar no clima.

É verdade. Não faz muito tempo que ter câncer era motivo de segredo e ninguém queria admitir um diagnóstico de Alzheimer.

— Todo mundo sofre de incontinência! — declara a Sra. SempreSeco. Ela olha para Alastair, e seu tom se acalma. — Bem, talvez não você. Você é perfeito.

— Tenho mais problemas do que a senhora imagina. — Alastair acha que está sendo charmoso, mas concordo com ele.

A Sra. SempreSeco analisa Tim.

— Você também não parece ter incontinência.

— Sou jovem demais — diz Tim.

— E reprimido demais.

Todos soltamos uma risada inesperada. A Sra. SempreSeco é nossa cliente mais importante, mas é impossível não gostar dela.

Agora, seu olhar se volta para mim.

— Não posso dizer que sofro de incontinência — comento num tom pesaroso —, mas minha bexiga já não é mais a mesma.

— Talvez nem todo mundo sofra de incontinência *por enquanto* — admite a Sra. SempreSeco. — Mas logo sofrerão. Porque todos nós estamos vivendo por tempo demais.

E foi exatamente isso que Hugh tentou argumentar quando anunciou sua decisão horrorosa. A pontinha minúscula de esperança que a visita de Maura criou se extingue abruptamente, e, mais uma vez, eu me sinto triste e assustada.

3

Eu estava mais do que ciente do sofrimento de Hugh — seu pai tinha morrido, era esperado que ele sofresse. Como sua mãe falecera oito anos antes, ele agora era oficialmente órfão.

Nunca perdi nenhum parente, mas aprendi o suficiente com nossa cultura obcecada por psicologia barata para saber que cada um enfrenta o luto de forma diferente, e a única coisa que eu poderia fazer por meu marido era dar-lhe apoio. Só que, apesar da minha insistência para que ele chorasse, Hugh não derramou uma lágrima sequer. E mesmo recebendo permissão expressa para afogar as mágoas na bebida, continuou bebendo suas poucas garrafas de cerveja artesanal com nomes esdrúxulos. Eu até me ofereci para irmos fazer snowboarding, muito embora o estado de minhas roupas acolchoadas me preocupasse, mas Hugh não se interessou.

Tentei amenizar o estresse na vida dele tanto quanto possível — o que basicamente se resumia a acalmar a tensão entre ele e Neeve — perguntando frequentemente se queria conversar.

Porém, conversar era a última coisa que Hugh queria fazer.

Também não queria saber muito de sexo, por falar nisso. E talvez nós não estivéssemos falando nisso, mas é algo que precisa ser mencionado. Na verdade, depois da morte do pai, Hugh passou muito pouco tempo na cama. Começou a ficar acordado até tarde, assistindo compulsivamente a programas sobre crimes, e a sempre levantar antes de mim.

Então, certa quinta-feira, talvez quatro ou cinco meses depois do enterro, acordei de supetão às seis da manhã. Hugh tinha sumido, e seu lado da cama estava frio. Apesar de o carro dele estar parado lá fora, não havia nem sinal do meu marido na casa. Muito preocupada, liguei para o celular de Hugh e, quando ele não atendeu, comecei a pensar no pior. Sempre ouvimos falar sobre como os homens — aparentemente — não dão sinais antes de cometer suicídio.

Hugh não se mostrava angustiado. Em geral, era um homem muito estável, e, de forma paradoxal, era essa estabilidade que me convencera de que ele estava em perigo — parecia que acumulava demais dentro de si, mantendo-se impassível. Em pânico, me vesti e peguei o carro para dar uma volta por Dundrum, procurando meu marido no alvorecer de março.

O Marley Park parecia uma escolha óbvia — um lugar tão cheio de árvores —, mas não havia ninguém lá, então segui pelas ruas residenciais em nossa vizinhança por uma hora talvez, uma hora muito longa, até meu celular tocar. Era Hugh. Eu estava tão nervosa que mal consegui acreditar que ouvia sua voz.

— Onde você está? — perguntou ele.

— Onde *você* está?

— Em casa.

— Fique aí.

Ele alegou ter ido fazer uma caminhada. Eu acreditei, apesar de isso ser extremamente perturbador. Sair para correr, mesmo no meio da madrugada, era uma coisa bem comum, certo? Mas fazer uma caminhada parecia esquisito.

— Fiquei preocupada — disse. — Achei que você pudesse ter...

— Não. Eu nunca faria isso.

— Mas não sei o que está acontecendo com você.

— Pois é. — Ele suspirou. — Também não sei o que está acontecendo comigo.

— Querido — falei. — Acho que está na hora de pensar em antidepressivos.

Depois de um longo silêncio, ele disse:

— Tudo bem.

E aí eu realmente fiquei morta de preocupação. Hugh evitava a todo custo ir ao médico — se a perna dele caísse, era capaz de dizer que era só um machucado sem importância enquanto pulava, perneta, para não cair de cara no chão.

Mas ele foi ao médico, que lhe receitou paroxetina. (Que eu sabia ser um inibidor de serotonina leve — como uma mulher de meia-idade e de classe média, minha vida está cheia de pessoas que tomam ou conhecem alguém que toma antidepressivos.)

Mesmo fazendo uso dos comprimidos, Hugh continuou a sumir no meio da madrugada com frequência, e, quando contei isso à minha irmã Derry, ela sugeriu:

— Você não acha que ele está, sabe, saindo com alguma mulher?

Era *óbvio* que isso já tinha passado pela minha cabeça, mas meus instintos diziam que, qualquer que fosse a batalha interior que estava acontecendo dentro de Hugh, ela não tinha nada a ver com puladas de cerca.

Então sentei com ele para termos outra conversa e sugeri que se consultasse com um terapeuta especializado em luto.

— No que isso ajudaria? — perguntou ele, os olhos inexpressivos.

Fiquei perdida. Eu não sabia nada sobre o funcionamento de uma terapia. Mas...

— Muita gente que perdeu alguém acha que faz bem se consultar com um profissional.

— Quanto custaria?

— Posso descobrir.

— Quantas vezes eu teria que ir?

— Deve variar.

— Acha que isso pode me ajudar?

— Bem, ajuda muita gente. Por que não te ajudaria?

— Tudo bem. — Hugh soltou um longo suspiro. — Talvez seja melhor ir mesmo. — E então: — Não posso continuar desse jeito.

Essa parte me deixou apavorada.

— Como assim, querido?

— É só que... Não posso continuar desse jeito.

— De que jeito?

— Tudo parece sem sentido.

— Me explique. Por favor.

Ele fez que não com a cabeça.

— Não tem nada para explicar. É só que tudo parece sem sentido.

Eu sabia que não adiantava dizer que nem tudo era sem sentido. Mas ver aquela dor e ser incapaz de ajudar era algo extremamente frustrante. Nós dois, que tínhamos sido tão próximos, parecíamos separados por anos-luz de distância.

Alastair era meu consultor de todas as questões relacionadas a desenvolvimento emocional. Ele me passou o nome de uma

psicoterapeuta especializada em perdas.

— Ela é cara — avisou.

Mas eu não me importei. Qualquer quantia valeria a pena se tirasse Hugh de sua tristeza silenciosa e inexpressiva.

Depois da primeira sessão, perguntei:

— Como foi?

— Não sei — respondeu ele com o rosto impassível.

— Você vai voltar?

— Sim. Na semana que vem. Ela disse que preciso me comprometer por dez semanas.

— Tudo bem. Que bom. Que ótimo, Hugh. Excelente.

Ele ficou me encarando como se não me reconhecesse.

Então, por várias quintas-feiras seguidas, Hugh foi às consultas. Tentei não enchê-lo de perguntas, mas sempre soltava um “Como foi?” animado.

Geralmente, ele dava de ombros e emitia algum som evasivo, mas, quase no fim do tratamento, disse, num tom sem emoção:

— Acho que não está funcionando.

Meu estado de espírito sofreu um baque. Mesmo assim, forcei um tom alegre e disse:

— Dê tempo ao tempo.

O que me mantinha otimista era a esperança de que as coisas melhorariam um pouco depois que passássemos do aniversário de um ano da morte de seu pai.

E aí a coisa mais horrível aconteceu: um amigo de Hugh morreu, um homem que ele conhecia desde que tinha 5 anos de idade. A forma como isso se deu foi especialmente terrível. Gavin foi picado por uma vespa e entrou em choque anafilático. Ninguém sabia que ele era alérgico a vespas — a situação toda foi completamente inesperada.

Fiquei triste pela mulher de Gavin, por seus filhos, seus pais e seu irmão — mas, para a minha vergonha eterna, fiquei mais preocupada com Hugh. Aquilo teria um impacto profundo nele. Qualquer progresso que tivesse feito nos meses desde a morte do pai com certeza sofreria um regresso.

E assim foi. Na mesma hora Hugh abandonou a terapia e saía de perto sempre que eu tocava no assunto. Começou a faltar ao

trabalho e passar horas e horas assistindo à Netflix. Parou de encontrar os amigos, evitava eventos de família e quase não falava.

Em julho, fomos com as meninas passar férias na Sardenha, e eu tinha alguma esperança louca de que pegar sol poderia surtir algum efeito benéfico nele. Mas tudo que Hugh fez foi ficar encarando o mar em silêncio, com um olhar distante, enquanto o restante de nós o tratávamos cheias de dedos.

Quando voltamos para casa, percebi, com bastante desespero, que a única coisa que poderia fazer era esperar aquilo passar, sabendo que a espera provavelmente seria bem longa.

Porém, cerca de três semanas atrás, fomos convidados para um coquetel — era aniversário de alguém —, e, para a minha surpresa, Hugh quis ir. Meu coração se encheu de animação, e o constante embrulho no meu estômago se acalmou um pouco.

No entanto, assim que chegamos lá, minha arqui-inimiga Genevieve Payne veio para cima de nós.

— Hugh! Quanto tempo! — Ela começou a acariciar seu braço. — Os olhos deste homem! — continuou. — Tão azuis! Tão sensuais! Sabe, Amy, se Hugh fosse meu marido, eu jamais deixaria que ele saísse da cama.

Genevieve sempre fala essas coisas para ele. Minha boca fez "Ha-ha-ha", enquanto meus olhos diziam: "Por favor, posso enfiar um machado na sua cabeça?"

Antigamente, Hugh sempre recebia os comentários com um ar contundente e silencioso — sem dispensá-la, mas também sem encorajá-la. Sabe, sendo *educado*. Ele sabia que a confiança despreocupada dela me intimidava.

Mas, daquela vez, foi diferente e ele abriu um sorriso — fazia um ano que eu não o via sorrir. Genevieve corou, pareceu envergonhada de verdade, e algo dentro de mim ficou gelado de medo.

Enquanto voltávamos para casa, comentei:

— Se você um dia quiser ter um caso, que seja com qualquer uma, exceto Genevieve Payne.

Sempre que eu dizia isso — coisa que acontecia toda vez que encontrávamos com ela —, Hugh respondia: "Querida, nunca vou ter um caso." Mas, daquela vez, ele disse:

— Tudo bem.

Sem “querida”. Só “tudo bem”.

Abri a boca para responder, mas então pensei melhor e resolvi deixar para lá.

Já na noite do último sábado, estávamos sozinhos em casa. Sentado à mesa da cozinha havia horas, Hugh mexia no iPad. Em uma olhada rápida por cima de seu ombro consegui ver que fazia algo que envolvia números. Nem me preocupei com o assunto, mas, quando voltei, um século depois, ele continuava na mesma.

— O que está fazendo?

Hugh hesitou, e seu jeito fez com que uma leve apreensão se apossasse de mim.

— Calculando as nossas economias.

Eu o encarei por um longo e silencioso instante. Aquilo não fazia sentido. Dois meses antes, nossas finanças tinham finalmente melhorado porque a casa do pai dele fora vendida. O valor total fora dividido entre Hugh e os três irmãos, e, depois de separarmos uma parte para a poupança de faculdade de Sofie e Kiara, pagarmos o aparelho para os dentes tortos de Kiara, consertarmos o alarme problemático da casa e uma goteira no quarto de Neeve, tirarmos férias na Sardenha e pagarmos nossas dívidas de cartões de crédito, o que sobrou era suficiente para comprar metade de um carro. (Um carro barato, nada muito sofisticado.)

Como nunca antes tínhamos chegado a um equilíbrio financeiro harmonioso, a situação sem precedentes de não termos que nos preocupar com nosso cartão ser recusado sempre que fazíamos uma compra era uma alegria.

Mas ter *fundos de verdade com dinheiro de verdade* para se distrair praticamente me fez perder a cabeça. Comecei a mencionar o termo “pé-de-meia”, apesar de antes considerá-lo a coisa mais irritante e presunçosa que já tinha ouvido.

Com planos ambiciosos para o “pé-de-meia”, criei uma enorme lista de desejos: trocar nosso aquecedor imprevisível, comprar um muito necessário sofá novo, pagar uma fração minúscula da nossa hipoteca ou até mesmo — esta era uma ideia secreta, desesperada — tirar miniférias com Hugh, só nós dois, na esperança de que conseguíssemos nos reconectar de alguma forma.

Nada explicava os cálculos excessivos que ele passara a noite fazendo, e eu podia tê-lo pressionado, mas algo — o medo? — me disse para ficar quieta.

Na noite seguinte, depois que as meninas foram para a cama, ele anunciou:

— Precisamos conversar.

Essa é uma frase que ninguém jamais quer ouvir. Mas como Hugh mal tinha direcionado uma sílaba para mim no último ano, realmente fiquei... *interessada*, imagino.

Ele me passou uma taça de vinho.

— Podemos ir para a mesa da cozinha?

Uma conversa na qual eu precisava ser acalmada com álcool? Uma conversa na qual ficaríamos *encarando* um ao outro?

Tomei um longo gole do vinho, fui para a cozinha, sentei-me à mesa e bebi mais.

— Pode falar.

Hugh olhou para baixo, como se os segredos do universo estivessem escritos no carvalho caiado.

— Eu te amo. — Ele me fitou, e seus olhos estavam cheios de sinceridade. Então voltou a observar a mesa. — Quero continuar casado.

Palavras ótimas, sim, palavras boas, palavras *certas*. No entanto, qualquer idiota podia perceber um grande MAS pairando sobre nossa cabeça como um bloco de concreto.

— Mas? — ajudei.

As mãos dele agarraram a garrafa de cerveja, e houve um momento de silêncio antes que continuasse.

— Preciso de um tempo.

Péssimo. Isso era péssimo, péssimo, *péssimo*.

— Pode olhar para mim? — Se eu pudesse vê-lo direito, talvez conseguisse impedir aquilo.

— Desculpe. — Hugh se empertigou, e a visão de seu rosto, de frente, foi meio que uma surpresa, porque, quando se está com uma pessoa por muito tempo, quase não se dá mais ao trabalho de observá-la direito. Ele parecia exausto. — Não estou me expressando bem. — Soava arrasado. — Escrevi uma carta. Posso te mostrar? — Ele empurrou o iPad para o meu lado da mesa.

Meu anjo,

Eu te amo. Sempre vou te amar. Quero que a gente fique junto para sempre.

Mas quero algo diferente. Preciso de mais.

Acho que é por causa de papai, depois Gavin. Só consigo pensar em como a vida é completamente fútil; nós temos uma chance, que logo acaba, e aí morremos. Sinto que não fiz o suficiente com a minha vida. O suficiente para mim. Amo Neeve, Sofie e Kiara com todas as minhas forças, mas acho que passei muito tempo colocando as necessidades delas na frente das minhas. Quero um tempo para dar prioridade a mim mesmo.

Enquanto escrevo isto, vejo como pareço egoísta, e estou ciente de todas as outras pessoas que têm vidas horríveis das quais não podem se desvencilhar. Sei que você também acredita que seu tempo é completamente dominado e que está sempre em último lugar na lista de prioridades. Mas eu me sinto como se estivesse sendo enterrado vivo e fosse explodir se não fizer nada a respeito. Essa sensação está me destruindo, e não consigo continuar assim.

Sei que vou magoar você e me odeio por isso, mas não consigo parar de pensar. Quero ficar com você, mas, por mim, preciso ir. É como se eu tivesse sido partido ao meio por uma ratoeira.

Sim, é uma crise de meia-idade, mas não quero um carro esportivo, só um pouco de liberdade. Eu realmente acredito que, a longo prazo, isso será o melhor para todos.

Quero envelhecer com você. Quero que fiquemos juntos até o fim.

Não é simplesmente uma questão de sexo. Sei que você se preocupa com essas coisas, mas não é esse o motivo.

Isso não é uma tentativa de terminar o nosso casamento de um jeito covarde. Eu te amo, amo nossa vida juntos, sempre amarei você e, depois de seis meses, prometo voltar.

Hugh

Meu Deus. Meu *Deus.*

Ainda bem que eu estava sentada, porque aquilo me deixou tonta. Hugh me fitou, seu olhar perscrutador, e o encarei de volta como se ele fosse um estranho.

— Amy?

— Eu... Meu Deus, não sei o que...

— É um baque, eu sei — disse ele. — Desculpe, Amy. Desculpe. Odeio fazer isso com você. Não quero me sentir assim. Tentei parar, mas essa sensação fica voltando.

Passei os olhos pelas palavras de novo, e elas eram ainda mais devastadoras quando lidas pela segunda vez — *partido ao meio por uma ratoeira... como se estivesse sendo enterrado vivo... seis meses... liberdade...*

Era horrível ver exposta a turbulência interna de Hugh — ele estava muito mal. E o fato de querer seis meses de liberdade não era um capricho: era uma conclusão a que chegara depois de dolorosa reflexão.

Ele não devia ir — isso era óbvio —, mas eu precisava dos detalhes para conseguir lidar com a questão.

— Aonde você quer ir para fazer isso? — Minha voz estava embargada.

— Sudeste da Ásia: Tailândia, Vietnã, esses lugares. Um mochilão. Quero aprender a mergulhar.

O nível de detalhamento me causou outra onda de tonteira. Todo aquele tempo que Hugh passara zanzando pela casa como um fantasma silencioso, enquanto eu lhe perguntava, solícita, se queria conversar, ele estivera planejando a fuga.

E *mochilando*? O homem tinha 46 anos, não 19.

Bom. Muitas pessoas estavam abrindo mão da vida de meia-idade e classe média para reviver seus anos de adolescência. Chamam isso de os grisalhos-sei-lá-o-quê. Não que Hugh fosse grisalho: sua barba e seu cabelo desgrenhado eram castanho-escuros, sem nenhum fio branco. Ele era alto, estava em forma e, quando não estava afundado em sua angústia, parecia mais jovem do que era. Meu marido faria sucesso no circuito das festas na praia sob a luz da lua cheia.

— E o seu trabalho?

— Já conversei com Carl. — Carl é o irmão dele; os dois são donos de um estúdio de gravação onde Hugh trabalha como engenheiro. — Ele disse que pode me cobrir com freelancers.

— Você contou para Carl? — Antes de me contar. Tomei outro gole de vinho. — Então você ficaria sem salário por seis meses?

E a hipoteca, todos os seguros e planos de saúde, os gastos diários das meninas, todas as pequenas despesas que acabavam somando uma fortuna?

Nesse momento ele pareceu mesmo envergonhado.

— Sinto muito, querida, mas o dinheiro que sobrou da casa do papai vai cobrir tudo.

Não achei que eu pudesse ficar ainda mais chocada. Adeus, pé-de-meia.

— Quando você está planejando ir? — Eu teria semanas ou meses para convencê-lo a mudar de ideia?

— Talvez em uma semana ou dez dias?

Meu *Deus.*

— Já... você já comprou a passagem?

— Estou pesquisando voos.

— Ah, meu Deus, Hugh...

— Desculpe.

Surpreendentemente, seu rosto se contorceu e ele começou a chorar, as primeiras lágrimas que eu o vira derramar desde a morte do pai.

— Querido... — Dei a volta na mesa e o abracei.

— Quando vi papai deitado naquele caixão... — Hugh estremeceu, apoiado no meu ombro. — Todas as coisas que ele queria ter feito e nunca mais teria a chance... Isso acabou comigo...

Eu precisava esperar até meu marido chorar tudo que precisava para fazer minha próxima pergunta. Finalmente, ele passou a manga do moletom nos olhos molhados.

— Desculpe — murmurou.

— Hugh? — Eu estava arfando de ansiedade. — Quando você disse que não é simplesmente uma questão de sexo, quer dizer que *é* uma questão de sexo?

Eu ainda estava torcendo para ter entendido errado, mesmo sabendo, no fundo da minha alma, que não tinha.

Trocamos um olhar, e foi como se todo o nosso relacionamento pairasse sobre nós: as promessas, a confiança, as emoções emaranhadas, a firme união — e, agora, uma reviravolta horrenda na qual ele se afastava para seguir outro caminho.

Hugh balançou a cabeça.

— O problema não é esse.

— Mas isso também não está fora de questão?

Ele analisou as mãos por bastante tempo.

— Amy, eu te amo. Vou voltar para você. Mas, se acontecer... então, sim.

Porrrrra...

Hugh segurou a cerveja, as juntas dos dedos brancas.

— Por seis meses, seria como... — Ele fez uma pausa, depois soltou: — Como se não estivéssemos casados.

Minha mente mergulhou no terror daquilo. Porque já havia acontecido antes — eu, sendo largada por um marido —, e fora a pior coisa pela qual eu já passara. Fora tão horrível que, para garantir que nada assim aconteceria de novo, durante cinco anos eu evitei me envolver de verdade com homens. E então, cinco anos depois de Richie ter me dado um pé na bunda, um clima maravilhoso surgiu entre mim e Hugh, o que me deixara apavorada.

Vários meses se passaram até que eu me convencesse a dar uma chance a Hugh, e só fiz isso porque passei esse período de negação casta observando-o e analisando-o, da mesma forma que um comprador de cavalos inspeciona uma compra em potencial, erguendo os cascos e examinando os dentes. Eu NÃO queria um mulherengo. Eu NÃO queria um homem que fosse capaz de me largar. Porque aquilo não poderia acontecer de novo.

E, mesmo assim, cá estava — acontecendo de novo.

Como se soubesse no que eu estava pensando, Hugh disse:

— São só seis meses, Amy. Não é para sempre.

— Sim, mas...

— Eu vou voltar. Vou voltar com certeza.

Ele não podia ter certeza disso. Tem coisas que não voltam atrás.

Mas Hugh podia ter feito isso da forma como os homens geralmente fazem — na encolha, com mentiras e dois celulares. Inventar que precisava ir a um congresso chato quando, na verdade,

ia passar um fim de semana transando e enchendo a cara em San Sebastián.

Pelo menos ele estava sendo sincero. Isso tornava a situação melhor? Eu não sabia.

Peguei meu vinho e tomei tudo de um só gole. Então, disse:

— Pode pegar uma dose de vodca?

— Claro.

Ele levantou num pulo, a culpa e o alívio acrescentando vigor aos movimentos.

Aquilo era doloroso demais. Eu precisava encher a cara.

Acordei em algum momento do fatídico pré-amanhecer. Eu estava na cama, sem fazer ideia de como chegara lá. Algo catastrófico tinha acontecido — os sentimentos vieram à mente antes dos fatos. E então lembrei: Hugh queria passar seis meses fora, numa separação consciente.

Meio ano. Era muito tempo. As pessoas podem mudar bastante em seis meses — especialmente quando passam esse tempo conhecendo muita gente nova. Uma imagem súbita do meu marido trepando com uma menina esbelta com tatuagens bonitas e cabelo queimado de praia me deu a sensação de que eu estava tendo um pesadelo acordada.

Será que aquilo era só por causa de sexo? Ele tinha dito que não, mas eu subitamente estava convencida de que a culpa era toda minha — devia ter me esforçado mais nesse quesito. No geral, quando estou transando, eu gosto, mas a verdade vergonhosa é que, nos últimos dois anos, não teria me importado se nós nunca mais transássemos.

Como eu tinha medo de ser o clichê que era, fazia um esforço mais ou menos uma vez a cada quatro semanas e tentava me enganar, pensando que Hugh não notava minha falta de entusiasmo.

Porém, na última vez em que acontecera — séculos e séculos atrás —, Hugh tinha dito:

— Seu dever está cumprido até o mês que vem.

Um segundo tarde demais, ele forçara uma risada. (Eu me desdobrara pensando nas palavras certas a dizer enquanto ele fugia

rapidamente no modo passivo-agressivo.)

Talvez, se tivéssemos tido uma conversa franca naquele momento, não estaríamos na situação atual, mas era óbvio que nós dois sabíamos que aquilo afetaria coisas demais.

Em pânico, cutuquei seu corpo adormecido.

— Acorde, Hugh, *por favor*. A gente pode transar mais.

Minha cabeça estava cheia de todas as formas pelas quais seria possível convencê-lo a ficar — eu podia usar lingeries sensuais, mandar nudes, filmar nossas trepadas... De repente, fiquei chocada por nunca ter tentado a história dos nudes — era bem capaz de Hugh gostar disso, já que, sempre que fotos de celebridades peladas vazavam, um clima animado surgia entre nós.

Ninguém poderia dizer que eu não fora avisada sobre os perigos da estagnação em relacionamentos longos — os especialistas viviam escrevendo matérias sobre isso. Pouco tempo antes, eu tinha lido um artigo de um terapeuta de casais norte-americano que dizia que, para manter a chama viva, era preciso — e esta é uma citação — "uma putaria mútua". Ele escrevera um livro inteiro sobre o assunto, e eu cogitara comprá-lo por meio segundo, antes de pensar: não. Não quero putaria.

Agora, queria ter comprado aquela bosta.

No entanto, junto com esses pensamentos, uma voz alta insistia que mulher alguma deveria fazer algo que não queria só para segurar um homem. Só que, talvez, se eu tivesse tentado, poderia ter gostado...

— Acorde!

Eu o sacudi, então tateei em busca do interruptor e fiz o quarto se inundar de luz.

Ah, *por que* eu não tinha sido mais ousada? Pelo amor de Deus, teria sido muito difícil tirar uma foto da bunda?

Mas a timidez me impedira. E outra coisa que só agora eu via com clareza: uma suspeita desconfortável de que nossos desejos sexuais eram diferentes. De inúmeras formas, Hugh e eu estávamos alinhados — às vezes, parecia até que dividíamos o mesmo cérebro, e essa sensação de ter um quase gêmeo era muito reconfortante. Exceto no que dizia respeito a transar. Lá no fundo, eu suspeitava de que Hugh queria coisas que não me apeteciam.

Nunca expressei esse pensamento — meu medo era que, caso isso se provasse verdade, meu marido se tornaria um estranho.

Agora, em vez disso, o que tinha acontecido era bem pior.

— Você está acordado? — perguntei.

— Estou... — Ele piscava e tentava sentar.

— Isso é verdade? — perguntei. — Está acontecendo mesmo?

— Desculpe. — Hugh tentou me abraçar.

Eu o empurrei.

— A gente podia transar mais. — Eu soava esganiçada e desesperada.

— Querida — disse ele num tom gentil. — Sexo não é a questão.

A esperança surgiu, e então me forcei a confirmar:

— Mas *talvez* você transe com outras pessoas?

Hugh fez que sim com a cabeça.

O desespero tomou conta de mim, logo seguido por uma repulsa a mim mesma: eu era velha demais, gorda demais, ruim de cama demais.

— É porque estou uma bola? — perguntei.

Ele riu — uma risada de verdade, algo que não acontecia havia algum tempo.

— Não. E você não está.

— Estou, sim — respondi. — Bem, um pouco. E, você sabe, só fiquei assim depois que parei de fumar.

— O problema não é você, sou eu. E não acredito que acabei de falar isso.

— Se não se trata de sexo, o que você está procurando? — Talvez eu pudesse lhe dar isso.

Hugh fechou os olhos, depois tornou a abri-los.

— Esperança, acho. Alguma coisa parecida com esperança, de toda forma. Talvez empolgação. Possibilidades.

Certo. Engoli em seco. Esperança. Empolgação. Possibilidades. Eu já tinha ouvido falar nessas coisas.

— Novidades? — sugeri. — Descobertas? A chance de ser uma pessoa diferente, uma versão melhorada de si mesmo?

Ele pareceu um pouco surpreso.

— Sim. Isso mesmo.

Bem, novidades e descobertas eram coisas que eu não poderia lhe dar.

— E as meninas? — perguntei.

— Posso conversar com elas amanhã.

Já era amanhã.

— Não.

Contar às meninas tornaria aquilo uma realidade. Enquanto só eu e Carl soubéssemos, havia a chance de Hugh mudar de ideia.

— Kiara acabou de completar 16 anos — falei. — Quem vai cuidar dela quando eu estiver fora? — Eu passava as noites de terça em Londres.

— Ela pode cuidar de si mesma — disse Hugh. — Aquela menina é mais sensata do que nós dois. Ou Neeve pode ficar responsável pela casa.

Fiz outra tentativa:

— Dezesseis anos é uma idade complicada para o pai desaparecer por metade de um ano.

— Kiara é madura; a adolescente mais bem-ajustada do mundo.

— O problema é que... — Eu ia dizer que o desaparecimento dele podia mudar tudo isso, então percebi que não faria diferença: Hugh levaria aquilo até o fim independentemente dos meus argumentos. Uma onda de angústia me assolou. — Por favor, não vá. — Agarrei a mão dele.

— Sinto muito, Amy. Eu preciso disso.

— E se eu disser que não?

Hugh quebrou o contato visual comigo, e seu silêncio disse tudo: ele iria mesmo assim.

4

Sigo para a casa de meus pais em Shankill — na minha infância, parecia que morávamos no interior, mas, agora, as áreas residenciais de Dublin se ampliaram para englobar a região, e o trânsito de sexta-feira à noite passou a ser intenso. Apesar de estarmos no início de setembro, o clima continua ensolarado e quente, então as pessoas devem estar indo para a praia, em busca dos últimos raios de verão.

Enquanto ando numa velocidade mínima, o telefone toca. É Dominik, o cuidador de meio expediente de papai. Por muito tempo, Maura não queria nem cogitar a ideia de contratarmos um cuidador para ele. No entanto, mamãe tem uma agenda lotada de consultas no hospital para cuidar de seus muitos problemas, e, quando papai ficava sozinho em casa, era capaz de inundar o banheiro ou doar as joias de mamãe para desconhecidos que batiam à porta. Uma vez, ela voltou do hospital e encontrou três estranhos — encorajados aos berros por papai, “Isso aí, rapaziada, vocês conseguem” — arrastando a máquina de lavar para uma van.

Só que levar papai para as consultas de mamãe no hospital já não era mais uma boa ideia, porque ele costumava virar para a enfermeira e dizer: “Você parece uma versão jovem de Rosemary West. Quantos cadáveres enterrou no seu porão?”

Então, há uns cinco meses, mamãe demonstrou rara iniciativa e contratou a Cuidadores Camélia.

— Oi, Dominik.

Fico me perguntando o motivo para o telefonema. Talvez papai tenha resolvido jogar o próprio jantar na parede de novo. Mas isso não seria novidade.

— Amy, sua mãe estar atrasada, e tenho próximo serviço para ir.

Dominik é muito requisitado — *muito*. No universo dos cuidadores de pessoas com demência, ele é Kate Moss.

O problema é que papai — seguindo o hábito de uma vida inteira — é sempre um paciente difícil e costuma acusar seus cuidadores de serem assassinos em série. Mesmo que essas pessoas estejam habituadas a insultos bizarros de pacientes com demência, papai as vence pelo cansaço rapidinho. Nos últimos cinco meses, uma grande lista de profissionais passou por nós. Dominik, que serviu mais de vinte anos no exército tcheco, é o único com resistência suficiente para aguentar, e não podemos irritá-lo.

— Tenho certeza de que ela já vai chegar. — Mamãe é muito confiável.

— Ela já estar duas horas atrasado.

— Duas horas! Você tentou ligar para o celular?

— Claro que tentar, mas ele estar em aparador na cozinha.

— Mas aonde ela foi? — Mamãe só sai de casa para ir às consultas no hospital. — Que horas saiu?

Começo a ter visões horríveis dela caída numa calçada, cercada por estranhos preocupados tentando descobrir sua identidade, e mamãe completamente desnorteada, incapaz de responder.

— Ela sair ao meio-dia.

— *O quê!?* Isso foi seis horas atrás!

— Eu sei ver horas, Amy. E seu pai dizer que sou mais pior que o Estripador de Yorkshire. Estou ouvindo isso haver seis horas.

— Mas, Dominik, para qual hospital ela foi? Onde...

— Nada de hospital hoje. Ela ir almoçar chique...

— Espere, o quê? Almoçar?

— ... no hotel chique. Ela diz que ir encher a cara.

— Não, Dominik, mamãe nunca diria isso!

— Estar me chamando mentiroso? Ela diz para mim: “Dominik, vou soltar a franga e encher a cara.” Nessas palavras.

Isso parece *extremamente* improvável, mas preciso de mais informações antes de chegar a uma conclusão.

— Estarei aí em dez minutos.

É mais provável que demore 25. Sou uma mentirosa crônica quando se trata de quanto demoro para chegar a algum lugar — é só que nunca tenho tempo suficiente.

— Eu precisar ir agora — diz Dominik.

— Tudo bem, vou mandar alguém o mais rápido possível.

Para quem ligo? No caso remoto de Dominik ter entendido corretamente a situação, não quero colocar mamãe em maus lençóis, então Maura não pode ficar sabendo. Resolvo falar com Derry.

— Existe alguma possibilidade de você chegar na casa de mamãe e papai nos próximos dez minutos? — pergunto. — Mamãe sumiu, e Dominik precisa ir embora.

— Então você liga para a filha solteira? — questiona ela. — Pobre Derry, a solteirona. Sem um homem, sem uma vida, só serve para cuidar dos pais idosos. Bem, os tempos mudaram e...

— Você pode fazer isso ou é melhor eu ligar para Joe?

— Vou para a Cidade do Cabo amanhã. Ainda bem que não fui hoje, né? Posso ajudar Dominik agora, mas não comece a achar que eu sou esse tipo de pessoa. — Ela desliga.

Meia hora depois, entro na rua onde fica a fria e dilapidada casa vitoriana onde fui criada. No passado, o terreno ao redor dela era imenso, mas, na época em que foi comprada por papai, tudo já tinha sido vendido e um conjunto habitacional fora construído, então nossa residência se agigantava como um túmulo enorme de granito sobre o mar de casas geminadas de três quartos.

Eu havia passado a infância sonhando em morar numa casa modesta, com um terraço enfeitado com pedrinhas e uma churrasqueira elétrica, em vez do fogão de ferro fundido Aga que tínhamos e que causava uma desconfiança velada em nossos vizinhos.

As árvores ladeando o caminho da garagem estão tão pesadas que os galhos batem e arrastam no teto do meu carro — talvez Hugh possa vir no fim de semana para cortá-los. Mas não. Hugh tem outras prioridades agora. De repente, percebo que, se ele for, todas as tarefas práticas da casa se tornarão responsabilidade minha: trocar lâmpadas, fazer as compras semanais no mercado e — sim, pode parecer um clichê, mas ainda assim é verdade — tirar o lixo. A mera visão de uma lata de lixo já me causa arrepios.

Pensar nas puladas de cerca de Hugh foi tão perturbador que não refleti como sua ausência vai afetar minha vida diária e, na verdade, estou quase mais incomodada com as lixeiras.

Existe algum faz-tudo que possa ser recrutado? Neeve e Kiara não têm namorado. O amado Jackson de Sofie é um fofo, mas é um menino muito delicado, que parece frágil demais para conseguir empurrar as latas até o portão.

Estaciono logo atrás do carro de Derry, deixando espaço suficiente para quem mais vier hoje. Quando por fim consigo tirar a torre de pizzas do banco do porta-malas, minha irmã já abriu a porta da frente.

— Ela já chegou?

Estou olhando por cima do ombro de Derry, torcendo para ver a figura pequena e pesarosa de mamãe no corredor escuro.

— Não.

Entro na casa e observo minha irmã por cima da pilha de comida.

— Estou preocupada. Devemos nos preocupar? Escute, Dominik estava calmo?

Vivo com medo de ele nos abandonar, porque então eu acabaria tendo que tomar conta de papai, e já não tenho tempo para mais nada.

— Ele é um babaca reclamão. — Minha irmã fecha a porta para mim.

— Será que devemos chamar a polícia para procurar mamãe?

— Estou falando sério, eu não posso ser sempre a pessoa para quem ligam quando acontece alguma coisa com mamãe e papai — diz ela. — É uma palhaçada a forma como tratam mulheres solteiras, como se não tivéssemos obrigações.

— Derry!

Sua ladainha é sempre a mesma, o que geralmente é engraçado. Hoje, nem tanto. Preciso contar sobre Hugh logo — é estranho ainda não ter contado.

— Nossa sociedade nos desrespeita demais.

Isso podia ser verdade para outras mulheres solteiras, mas você jamais cometeria esse erro com Derry.

— Dominik me ligou primeiro — digo —, e sou casada.

Bem, sou *mesmo*. Tecnicamente.

— Eu também podia ser.

É bem provável. Ela é esperta, carismática e bem-sucedida. E bonita. Em seu estado natural, Derry parece com todos os

O’Connell, com nossa pele pálida, olhos claros e uma tendência a bundas grandes. (Urzula diz que somos a família com mais cara de celta que ela já viu.) No entanto, com o uso de limpezas de pele vampirescas, tratamentos a laser, liftings corporais e tudo mais que estiver disponível, Derry — com fundamentais dez centímetros mais alta que eu e cinco quilos a menos — turbinou seus recursos naturais a ponto de chegar a uma beleza impressionante. (Sim, estou com inveja: minhas economias nunca deram para uma gotinha de Botox.)

— Você podia ser casada, sim — digo. — Se não ficasse dispensando homens porque eles dizem “menas” ou chamam ketchup de “quéchupi”...

— Então eu devia aturar idiotices que me irritam para não ser tratada como se fosse inferior?

— Sim — respondo, e nós duas rimos.

— CADÊ A SUA MÃE? — grita papai da sala de estar. — Peguem minha bengala. Vou atrás dela.

— Segure isto.

Empurro a montanha de caixas de pizza para cima de Derry, pego a bengala de papai no móvel do vestíbulo, atravesso a cozinha correndo até chegar à área de serviço e a enfio no freezer horizontal. Ele não vai sair desta casa. Já basta minha mãe ter sumido. Meu pai também seria algo além das minhas capacidades.

Enfio a cabeça na sala de estar e grito:

— Ela já vai chegar, papai, não se preocupe.

— Eu te conheço! — A expressão raivosa em seu rosto desaparece. — Você é minha irmã?

— Não, papai, sou Amy, sua filha.

— Porra nenhuma! Não tenho filhos!

Ouço portas de carro batendo lá fora.

— É Joe — grita Derry, antes que eu comece a achar que é mamãe.

Nosso irmão mais velho, Joe, sua mulher, Siena, e seus três filhos, Finn (8 anos), Pip (6) e Kit (4) se amontoam no vestíbulo. Imediatamente, os meninos começam a correr pela casa e entram no domínio de papai. Com a sinfonia dele gritando ao fundo,

“SOLTE ESSA MERDA, SEU FEDELHO!”, explico a crise para Joe e Siena.

— Ela disse que ia *encher a cara*? — Joe está incrédulo.

— De acordo com Dominik — diz Derry.

— VOCÊS VÃO TOMAR UM CHOQUE, E VAI SER BEM FEITO!

Joe insiste em ver o telefone de mamãe — que está de fato sobre o aparador da cozinha, como Dominik dissera.

— É esse mesmo — concorda ele.

— O que vamos fazer? — pergunto.

— O que *você* acha que devemos fazer?

Preciso esclarecer: Joe é inútil. Charmoso, viajado, mas inútil.

— Olhem, vou cuidar do jantar — diz Siena. — O que preciso fazer?

Para ser sincera, Siena também é inútil. Eles são a Família Inútil. Usam seu rostinho bonito para sobreviver.

— Só tire as embalagens e coloque o máximo de pizzas que conseguir no forno — digo.

— PARE DE MUDAR O CANAL! PARE DE MUDAR O CANAL!

A porta da frente se abre de novo, e meu coração se acalma. Mas a esperança desaparece quase ao mesmo tempo que surge: não é mamãe. É Neeve, minha filha mais velha, a luz da minha vida e a pedra no meu sapato.

— E aí?

Ela para no vestíbulo e tira o casaco. Neeve é minúscula — tem pouco mais que um metro e meio — e cheia de curvas: seios grandes, cintura fina, bunda arredondada. É exatamente o corpo que *eu* tinha aos 22 anos, porém, naquela época, eu me achava gorda. Não era — é fantástico olhar para as coisas em retrospecto. E, talvez, daqui a 22 anos, eu olhe para trás e pense que sou bem gostosa. Francamente, não consigo nem imaginar uma coisa dessas, mas sei que acontece. E não se trata apenas do tamanho da minha bunda. Quer dizer, oito meses atrás, eu achava que minha vida não era nada de mais, porém, agora, daria de tudo para voltar e saborear cada segundo do meu casamento seguro. É como diz aquela música: a gente só sabe o que tem quando perde.

— Cadê a vovó? — Neeve junta o cabelo louro-acobreado num rabo de cavalo alto e grosso e estreita os olhos brilhantes para o

corredor. Minha filha pode ter puxado o meu corpo, mas o restante é todo de Richie Aldin. — Trouxe umas coisas para ela. — E indica uma sacola quase transbordando de maquiagem nova.

É uma *tortura* ver os pacotes com cosméticos que chegam à nossa casa com a esperança de aparecerem no *Miga, Se Liga*, o canal de Neeve no YouTube. Se os produtos forem bons, ela guarda; se forem ruins, passa-os adiante para os mais necessitados. Eu raramente faço parte desse grupo.

— Vovó sumiu — explico. — Dominik disse que ela foi encher a cara.

— *Encher a cara?* — Quando fala comigo, o tom de Neeve se mantém permanentemente desdenhoso, mas ela consegue se superar dessa vez. — A *vovó*? Ele é *retardado*?

— Meu amor, não diga "retardado".

— Por que não?

— Porque as pessoas retardadas podem ficar ofendidas e...

— KIARA CHEGOU! KIARA CHEGOU! KIARA CHEGOU!

Finn, Pip e Kit fazem um estardalhaço ao entrarem no vestíbulo para receber minha outra filha, que acaba de passar pela porta. Ela está vestindo o uniforme da escola. A camisa saiu de dentro da saia, as unhas roídas estão pintadas com marca-texto amarelo, e suas costas estão curvadas pelo peso dos livros na mochila.

— Meninos!

Kiara tira a mochila dos ombros, abre os braços para os primos, que começam a subir nela como se fosse uma parede de escalada. Ela é o yin meigo para o yang irritado de Neeve; prova de que tudo é uma questão de personalidade, não de criação. Minhas duas meninas têm pais muito diferentes e personalidades muito diferentes. Neeve é complicada (pelo menos é assim comigo e com Hugh; já notei que sabe ser mais gentil com o restante do mundo), enquanto Kiara é um doce.

— QUERO MINHA BENGALA! VOU PROCURAR MINHA MULHER!

— Derry? — Sigo o fluxo de pessoas para a sala de estar. — Acho melhor chamarmos a polícia.

— Tudo be... Espere! Tem um carro lá fora! É Declyn!

Cinco anos mais novo que eu, Declyn é o caçula da família O'Connell. Todo mundo — Derry, Neeve, Kiara, Joe, Siena, Finn, Pip e Kit — cerca a cadeira de papai e se apoia no velho assento barulhento diante da janela.

— ELE TROUXE A MENINA?

— Ele está saindo — diz alguém. — Veio sozinho. Ahhhhh!

Dezesseis meses atrás, Declyn e o marido Hayden tiveram a pequena Maisey (por barriga de aluguel, obviamente), e somos todos loucos por ela. Mas isso significa que Declyn perdeu toda a graça sem a filha.

— ELE TROUXE A MENINA? ALGUÉM PODE RESPONDER À PORRA DA PERGUNTA?

— Não, papai, não trouxe — digo.

— BEM, QUERO MAIS É QUE SE FODA!

— Papai, estamos todos aqui do seu lado. Não precisa gritar.

— NÃO ESTOU GRITANDO!

— Esperem! — exclama Derry. — Ele está tirando alguma coisa do banco de trás!

— Pode ser a bolsa — diz Finn.

Coletivamente prendendo a respiração, observamos Declyn mexer no carro — e um grito de alegria surge quando ele aparece com a pequena Maisey numa cadeirinha para automóvel.

Todo mundo está contente — menos Kit. Baixinho, ele me diz:

— Odeio a pequena Maisey.

— O quê? Por quê?

— Eu era o mais novo. Era o favorito.

Faço que sim com a cabeça.

— A vida é dura, amiguinho.

— Eu era fofo.

— Você continua sendo fofo.

Ele me lança um olhar muito adulto.

— Não fala assim comigo — diz.

Seguimos em bando para a porta, e, assim que Declyn pisa no vestíbulo, a cadeirinha abrigando Maisey é levada de mão em mão para a sala de estar, onde é rolada pelo chão e sufocada por beijos dos primos.

Declyn observa a cena com um sorriso indulgente, depois se concentra em mim.

— Adorei o vestido, Amy. Vintage?

— Vintage.

Ou, colocando as coisas de outra forma, de segunda mão. Algumas das minhas roupas são vintage de verdade, caras, de estilistas dos anos 1970. Mas outras vieram dos armários de velhinhas recém-falecidas, vendidas por quase nada no brechó Ajude os Idosos. (Pode-se dizer que tenho uma consultora de estilo — uma voluntária maravilhosa chamada Bronagh Kingston, que me liga quando chegam coisas boas.) E, na realidade, não há motivo para morbidez — se as roupas são bonitas e são lavadas duas vezes seguidas, não é bonito pensar que vão continuar dando prazer a alguém? (Talvez eu pareça estar na defensiva, mas é porque tenho que defender minhas escolhas para Neeve, que, na maioria das manhãs, me vem com “Roupa de gente morta, que *óóótimo*...”)

Não que minhas roupas vintage possam ser usadas todos os dias — se tenho uma reunião importante, especialmente uma apresentação para clientes em potencial, preciso adotar um visual mais corporativo, usando um terninho que não tem o corte certo para uma pessoa de baixa estatura como eu. Mas, quando os clientes começam a confiar em mim, como parece ser o caso da Sra. SempreSeco, meu figurino maravilhoso cheio de personalidade pode dar as caras. (Tim também não gosta das peças de brechó. Ele prefere que tudo seja tradicional. Se pudesse, me obrigaria a trabalhar com um uniforme azul-marinho.)

— Uma mistura de governanta da era eduardiana com garota motoqueira. — Declyn passa alguns segundos admirando meu modelito antes de notar a ausência de mamãe. — Cadê ela?

— Ninguém sabe — respondo. — Saiu para almoçar.

— *Almoçar?*

— Mas isso já faz seis horas e meia.

— Acho que ela chegou! — anuncia Derry.

Corremos para a janela. Um táxi parou lá fora. Em meio à confusão de galhos, observamos a porta de trás abrir e uma mulher diminuta — mamãe — usando jaqueta de couro cor-de-rosa. Ela sai

cambaleando. Antes de cair de cara no chão, ela consegue se endireitar e diz algo para o motorista que a faz se dobrar, morrendo de rir a ponto de se apoiar na lateral do carro.

— Ela está bem? — pergunta Joe.

— Ela está *doente*? — Essa foi de Kiara, interessada.

Então Derry fala o que está cada vez mais claro para todos nós enquanto observamos mamãe vir trocando as pernas até a porta de casa, o rosto tão rosado quanto a jaqueta.

— Ela está... bêbada?

— E *o que* ela está vestindo?

— Minha jaqueta — responde Neeve.

Eu devia ter imaginado. Tudo é de Neeve.

Nós seguimos para a porta da frente. Mamãe entra de supetão no vestíbulo, e caímos em cima dela com lamentos de preocupação.

— Aonde você foi? Estávamos tão preocupados.

— Eu SAÍ! — declara ela. — Fui almoçar! Enchi a cara e ganhei um prêmio! — Ela balança uma caixa de doces no ar. — Manjar turco! De menta!

— Mas, mamãe, você devia ter voltado mais cedo.

— Eu estava me *divertindo*. Passo o dia todo aguentando seu pai, ouvindo as bobagens dele sobre processar o carteiro por ter cortado o cabelo e querendo saber onde está o cachorro que não temos, e...

— Vovó — diz Neeve. — Essa jaqueta é minha! Não conseguimos encontrá-la quando eu fui embora na semana passada.

— Eu sei! — Mamãe está radiante. — Escondi para pegar emprestado.

— Mas por que não me pediu?

— Porque você diria que não. Eu queria a jaqueta. — Os olhos de mamãe estão vítreos e vermelhos. — E não vou devolver. — Ela continua a sorrir de forma estranhamente rebelde para Neeve.

Ótimo, penso, que ótimo. Agora mamãe também enlouqueceu. Meu marido vai me largar e meus dois pais têm problemas mentais.

5

E Maura chegou. Raios!

— Gente — chio —, ajam com naturalidade. — Eu me viro para mamãe. — Principalmente você.

Neeve guia mamãe escada acima, e saio correndo para receber Maura. Tentando não mover os lábios, pergunto:

— Para quem você contou sobre Hugh?

— Ninguém.

É difícil acreditar nisso: ela é tão fofoqueira quanto Julian Assange.

— Continue assim, porque as meninas ainda não sabem, e, seja lá o que você fizer, não conte a Sofie.

— Eu *não* contei a Sofie.

Tomada pelo medo, digo:

— Mas talvez conte. E não pode fazer isso.

Sofie, de 17 anos, é uma criaturinha frágil. Ela é a filha mais velha de Joe, o irresponsável: sua mãe é a mulher que veio antes de Siena, e, por motivos que não quero detalhar agora, ela mora comigo e com Hugh desde que tinha 3 anos. (Não *falei* que somos modernos?)

Minha sobrinha é extremamente ligada a Hugh e não seria certo que ficasse sabendo de seu período sabático por outra pessoa além dele.

— Fiquei pensando em Alastair — diz Maura.

É *claro* que Maura ficaria caidinha por ele — ela é uma fuxiqueira inata, e Alastair é o tipo de homem que a maioria das mulheres quer consertar. Porém, semana sim, semana não, eu o vejo traçando uma infinidade de garotas só para depois descartá-las como se fossem panos de prato velhos.

— Maura, preste atenção, você é casada!

— Não para mim, sua besta. Para você! O *meu* marido não está me largando. — É claro que não. O Pobre Coitado silencioso já

perdera toda força de vontade. — Enquanto Hugh estiver fora, você devia, sabe, *aproveitar* Alastair.

Sinceramente, existem poucas coisas que eu detestaria mais do que isso. Hugh é o único homem que quero, mas, *se* eu fosse capaz de considerar algum outro, Alastair estaria quase no fim da lista. Mas não no último lugar. Não. Essa honra seria reservada para Richie Aldin.

— Ele é muito... — Maura engole em seco com dificuldade e assente com a cabeça — sexy.

— Ele é nojento.

Gosto de Alastair, mas é inquietante pensar nele dessa forma. Dá para perceber de longe que o sujeito tem muito talento para ginástica sexual. Sempre que o imagino na cama com uma de suas amiguinhas (o que acontece muito raramente), eu os visualizo numa cavalgada invertida, os dois pulando e gritando bastante — e a sortuda usando um chapéu de caubói, girando um laço sobre a cabeça.

Uma ânsia por nicotina me atinge como um golpe. Dez meses atrás, parei de fumar — não que fumasse muito, só três preciosos cigarros por dia. No entanto, o pai de Hugh morrera de câncer de pulmão, e me pareceu desrespeitoso continuar.

Só que essa última semana está sendo tão difícil que sinto um medo verdadeiro de ter uma recaída. Esperando evitar esse problema, comprei um cigarro eletrônico.

— Só um segundinho...

Sigo para o andar de cima, onde, em um dos quartos frios, Neeve está maquiando mamãe. As duas estão sentadas na velha penteadeira que seria o sonho de consumo de alguém que recicla móveis. Não o meu. Acho-a grande demais, pesada demais, melancólica demais. Sento na velha cama de ferro simples (não, também não dá para se animar com ela — muito alta, muito bamba, muito barulhenta) e as observo.

Neeve olha de esguelha para mim e meu cigarro eletrônico.

— Parece que você está tocando uma flauta de anão.

Tem tanta coisa errada com essa frase que nem sei por onde começar. Eu me contento com:

— Você não pode mais chamá-los assim.

— Não se pode mais dizer nada — reclama mamãe. — Daqui a pouco, falar vai virar crime. As pessoas se ofendem com tanta facilidade. Então como eles se chamam agora?

Faço uma careta.

— Pessoas pequenas. Eu acho.

— Mas pessoas pequenas são duendes. Alguém precisa avisar a eles que sentimos muito, mas terão que encontrar outro termo.

— Mamãe, *por favor*.

Ela olha para Neeve.

— Quando você disse “flauta”, estava insinuando algo diferente?

Minha filha ri baixinho.

— Foi só a sua mente maldosa, vovó.

— Eu tenho uma mente maldosa? — Mamãe parece encantada.

— Terrível.

As duas se acabam de rir, e fico observando, envergonhada da minha inveja. Se Neeve me demonstrasse só um pingo da doçura que tem com mamãe... Veja bem, hoje em dia, a vovó faz sucesso com as netas. Ultimamente, Sofie tem passado grande parte do tempo aqui. Durante o último verão, ela se mudou da nossa casa e foi morar com Urzula, a mãe dela, na esperança de retomarem um relacionamento. Não está dando certo. Ficamos de coração partido quando Sofie nos deixou, e dói ainda mais observá-la se matando para que Urzula aja de forma maternal. Mas o que podemos fazer? Hugh e eu estamos tentando realizar a tarefa quase impossível de oferecer a Sofie todos os benefícios e deveres de uma família, ao mesmo tempo que respeitamos o fato de que ela tem pais biológicos. Hoje em dia, Sofie alterna entre a casa de Urzula e a dos meus pais, mas o que eu queria era que ela voltasse para mim.

Com ar especulativo, Neeve observa o rosto maquiado de mamãe no espelho.

— Você está ótima, vovó. Talvez a gente possa fazer um vlog.

— Eu apareceria na televisão?

— Vovó... — Um tom de alerta surge na voz de Neeve. — Não me faça explicar de novo como a internet funciona.

— Não, não. Não. Já entendi. É uma televisão mágica para os jovens.

— Você apareceria no meu canal do YouTube.

— Não quero aparecer nele. O nome é muito esquisito. Imagine só eu ter que dizer às pessoas que apareci no programa *Miga, Se Liga*. O que isso ao menos *significa*? *Miga, Se Liga*?

— Vou te mostrar — diz Neeve. — Mãe, me pergunte se você pode ficar com essa maquiagem toda. — Ela indica a penteadeira, ocupada por um conjunto de sombras Tom Ford, uma base Charlotte Tilbury, vários produtos para fazer contorno e três batons diferentes.

Desanimada, pergunto:

— Neeve, posso ficar com essa maquiagem toda?

Ela ergue a palma da mão, me olha de canto de olho e diz, num tom desdenhoso:

— Miga, se liga. Entendeu, vovó?

— Não.

Neeve sorri.

— Venha, vamos descer.

As duas descem e se juntam ao caos barulhento lá debaixo. Eu fico sentada no quarto pacífico, fumando meu cigarro eletrônico e meditando enquanto encaro a penteadeira. Aquilo tudo seria um desperdício em mamãe. Completamente desperdiçado. Dou outro trago e penso que é preciso ser uma pessoa muito triste para ser reduzida a roubar maquiagem da própria mãe de 72 anos.

Estimulada com a minha proximidade aos cosméticos, decido assistir ao vídeo mais recente do *Miga, Se Liga* e ver o que Neeve está recomendando esta semana. Existe a opção de lhe perguntar pessoalmente, suponho, mas — e isso é um problema — as coisas parecem mais reais quando as vejo pelo iPad.

O vídeo mais recente é um especial de outono de volta às aulas, inspirado no seriado infantil *Grange Hill* e com sequências fofas de títulos exibindo folhas caídas e nozes — *muito* bonito. E lá está Neeve, o longo cabelo louro-acobreado se espalhando sobre os ombros, usando gorro, cachecol e luvas de crochê num tom azul-acinzentado que destaca seus olhos verdes. Recentemente, ela expandiu os vídeos para roupas e acessórios, além de cosméticos, e faz comentários bem ácidos sobre as “merdas” que recebe.

Mas essas peças de crochê não são merda, longe disso. São adornadas com um monte de folhas de couro inspiradas nas da

Fendi, adoráveis, mas não bonitinhas demais, e o efeito geral é tão maravilhoso que solto um gemido. Só de pensar que ela recebeu tudo isso de graça!

Quase nunca entro no quarto de Neeve, porque ela é uma mulher adulta e tem direito à privacidade. *E também* porque sinto medo de perder o controle e começar a chorar ou tentar comer os batons.

Em meus momentos de maior fantasia, penso que dormir naquele quarto deve ser como dormir dentro de uma bolsa de maquiagem gigante — mesmo que o espaço seja tomado por câmera, luzes e computador, e as paredes estejam cobertas por pilhas de caixas marrons, tudo altamente eficiente, como um minidepósito.

Como se fosse um trabalho... porque *é* um trabalho.

Mas não um que renda dinheiro. Neeve nos paga aluguel através de um sistema de escambo, ajudando na limpeza da casa que fazemos todo domingo. (Que também conta como tempo junto da família.)

Sua ausência de renda é uma preocupação. Ela é formada em marketing pela University College Dublin, mas, em vez de arrumar um emprego em alguma multinacional, como seus colegas de faculdade, decidiu que fazer vlogs em seu quarto era uma opção viável de carreira.

E talvez seja.

Porque o mundo é diferente de quando eu tinha a idade dela, certo? Hoje em dia, a garotada gosta de ter várias experiências, e Deus sabe que Neeve trabalha duro. Filmar e editar os vídeos é só a ponta do iceberg. A maior parte do tempo é gasta atazanando patrocinadores ou paparicando agentes de publicidade. Além disso, para ganhar uns trocados, ela trabalha duas vezes na semana como hostess numa “boate nojenta”.

Agora, no vlog, Neeve está falando sobre coisas novas e empolgantes no mundo da maquiagem, começando com um primer da Marc Jacobs. Seus comentários fazem o negócio parecer tão bom que minhas juntas chegam a ficar brancas de tanto que aperto as mãos com desejo. A seguir, vem uma base de que não gostou tanto. *Ahhh*. Não gostou nada. Ela faz um discurso divertido sobre seus defeitos, e termina dizendo “nem morta”, soando igualzinho a uma velha metida, o que me faz rir. Neeve tem um talento natural

para comédia e consegue fazer avaliações negativas sem parecer uma reclamona. Existe um brilho nela, um charme sarcástico. Se ela conseguisse não ser tão mal-humorada comigo...

Sei que isso acontece por motivos que ela provavelmente não entende, mas que têm tudo a ver com o fato de eu não ser mais casada com o pai dela. E não posso fazer nada sobre isso, assim como não posso fazer nada sobre ela e sobre tudo, incluindo a partida de Hugh, e não gosto desses sentimentos horríveis que não posso controlar, e descubro que o primer da Marc Jacobs não está entre os produtos grátis sobre a penteadeira, então clico para comprar e vejo que ele não está disponível na Irlanda e não enviam do exterior e o único lugar onde posso comprá-lo em Londres é a Harrods, e é impossível ir lá porque o lugar sempre me faz sentir presa num quadro de Escher.

Memórias terríveis de visitas anteriores me vêm à mente, dando voltas e mais voltas, passando de corredor em corredor, todos cheios de bolsas de pele de crocodilo que custam mais do que meu carro. Como num pesadelo, vejo uma placa de saída após a outra, mas tenho uma certeza horrível de que a porta nunca vai aparecer...

Droga, é melhor eu ir ver a quantas anda o jantar!

Sorrateira, liberto mamãe das sombras da Tom Ford e então sigo para a cozinha, onde Siena conseguiu não queimar nada.

— Eu termino aqui — digo.

Vagamente, ela comenta:

— Alguém precisa trazer as cadeiras do quintal para a sala de jantar.

Somos tantos que nunca temos cadeiras de verdade para todos sentarem.

A porta da frente bate mais uma vez, e agora é Jackson, o namorado de Sofie — ele tem até a *chave*?

Isso não chega a surpreender, na verdade: ele é praticamente da família. E vem direto para a cozinha — com seu cachecol esvoaçante, calça jeans bem, *bem* skinny e o cabelo maravilhoso digno de um rei francês — para me dar um abraço. Tenho que admitir que sinto quase tanta falta dele quanto de Sofie.

— Sofie vem? — pergunto.

— Está chegando. Precisam de ajuda?

— Ahhh... — Siena, tomando vinho e olhando para o telefone, parece não ter intenção alguma de ir buscar as cadeiras. — As cadeiras do quintal.

A expressão dele é zombeteira.

— Você acha que tenho força suficiente para trazê-las?

— Talvez. — A fraqueza de Jackson é uma brincadeira recorrente. — Elas são de plástico.

6

— Hugh?

Nenhuma resposta.

A casa ressoa com o silêncio, mas isso não me impede de dar uma olhada na sala de estar, depois na cozinha, depois no nosso "solário" (uma extensão de acrílico que fica um gelo a partir de setembro e que no verão amplifica tanto os raios solares que, um dia desses, alguém vai pegar fogo).

Lá em cima, nosso quarto está vazio e silencioso, com os restos de nossa semana ocupada — blusas e saias e toalhas descartadas —, congelados em montes artísticos. Podia ser uma pintura: *Vida abandonada abruptamente*.

De jeito nenhum ele estaria no quarto de Kiara ou no minidepósito de Neeve, nem no loft convertido onde Sofie dorme, então verifico meu telefone. Nenhuma mensagem. Com uma súbita onda de raiva, envio um rápido **Cadê vc?** Os seis meses ainda não começaram!

O que preciso agora é de uma rodada de compras virtuais e uma taça de Rioja — não gosto do quanto ando bebendo, mas essa é uma questão a trabalhar mais tarde.

Para completar esse meu momento de felicidade, tiro o cigarro eletrônico da bolsa.

Foi uma semana tão esquisita. Eu me senti embasbacada e incapaz de distinguir todos os horrores individuais dentro de mim — medo, ciúme, tristeza, sofrimento, incredulidade —, mas o sentimento mais claro agora é de "erro". Ou vergonha, para usar a palavra certa. (Aprendi isso em revistas de psicologia. Aprendi um *monte* de coisas com elas.)

Por grande parte da vida, me senti "errada". Na minha infância, mamãe passava tempo demais no hospital, e nossa vida familiar era uma bagunça. Papai se esforçava, mas seu emprego como diretor de escola tomava muito do seu tempo. Maura tentava cuidar de nós, mas, como também era criança, os jantares eram eventos raros,

incompletos, a roupa nem sempre era lavada ou nós nos esquecíamos de tomar banho, porque ninguém nos lembrava.

Coitada da mamãe; ela foi quem mais sofreu. Não só estava doente — estava *muito* doente: passara dois anos inteiros no hospital com tuberculose, depois com doença pulmonar crônica, que com frequência a fazia voltar a dar entrada —, mas também se sentia muito culpada. Sempre que precisava ser internada de novo, se debulhava em lágrimas. Tenho uma imagem mental do choro de mamãe caindo em minhas mãos enquanto ela soluçava:

— Desculpe, Amy, desculpe.

Não sei de qual internação é a lembrança — foram muitas.

Só depois que me tornei mãe consegui compreender essa agonia. Ter que abandonar a todos nós, sabendo que não seríamos alimentados direito nem teríamos seu apoio e afeto — a *culpa*, o sofrimento.

Nós, crianças, lidamos com sua ausência de formas diferentes. Joe era o mais raivoso, costumava dizer:

— Queria que ela morresse. Assim, papai podia arrumar outra mãe para nós.

Maura também se sentia irritada e reclamava sempre que podia, mas a única vez em que eu senti raiva foi quando mamãe teve Declyn. Por que alguém faria outro filho quando não conseguia cuidar dos que já tinha?

Eu só queria que mamãe melhorasse, e, apesar de ela não ter passado minha infância inteira internada, a incerteza sempre estava presente. Até mesmo quando voltava para casa, sabíamos que não ia durar. Houve uma vez em que lhe deram alta e fizeram estardalhaço sobre como ela “foi curada” — porém, vinte horas depois, lá estava ela, já de volta ao hospital. Nos últimos quinze anos, mais ou menos, sua saúde melhorou bastante, mas ainda a tratamos como se fosse feita de açúcar. E os resquícios da vergonha ainda permanecem. (“Não podemos brincar juntos porque minha mãe diz que você tem germes.” E talvez tivesse mesmo — eu com certeza era suja. Hoje em dia, tenho uma mania quase patológica com higiene pessoal.)

Quando cresci e saí de casa, as coisas também não deram muito certo — acabei me casando, me divorciando e me tornando mãe

solteira aos 22 anos. Outras garotas da minha idade estavam enchendo a cara e comprando sapatos enquanto eu trabalhava em tempo integral *e* era a única responsável por criar uma criança. Apesar de me sentir física e emocionalmente destruída na maior parte do tempo, hoje vejo que era cheia de energia, andando por aí com calças capri, suéteres justos de bolinhas, a pequena Neeve embaixo de um braço e uma pasta vintage com projetos de trabalho na outra. Eu era capaz de fazer penteados estilosos da década de 1940 em dez segundos e trocar uma fralda em vinte. Era especialista em passar delineador sem borrar, tinha mão boa para batons vermelhos "vem que tem" e era fornecedora a jato de leite materno.

Quando completei 27, tinha passado tanto tempo da minha vida num ritmo diferente dos outros que já havia aceitado isso como um fato. Foi aí que conheci Hugh.

Ele era forte e bonito, barbado, com o peito largo — mas isso não era suficiente para que eu me envolvesse. Hugh persistiu com devoção firme e implícita; tinha talento para compreender minhas necessidades. Como na noite em que apareceu na minha porta em Londres com um muffin enorme e um kit para fazer chocolate quente que tinha até marshmallows. E ainda levou uma caneca gigante novinha em folha.

Já era tarde, eu estava exausta, tivera um dia difícil — ele sabia de tudo isso porque vínhamos trabalhando juntos —, mas permiti que entrasse. No entanto, Hugh só deixou os presentes e foi embora. Também era impressionante o fato de não ter levado nada para Neeve — eu sempre achava esquisito quando homens tentavam me conquistar sendo legais com a minha filha.

Hugh via a *mim*, a pessoa que eu era, não uma mulher que tinha outro ser humano como carga.

Minha eventual decisão de me comprometer foi tomada com cuidado e frieza, mas nunca me arrependi. Juntos, construímos uma vida que tem sido boa e estável, e, hoje em dia, sou parte de uma comunidade: me sinto aceita, sinto que *pertenço* a alguma coisa.

Tudo bem, num mundo ideal, eu teria dinheiro e corpo para vestir apenas roupas de grife, mas, de vez em quando, me pego

pensando com prazer: *Mesmo que eu tenha demorado mais que a maioria das pessoas, acabei chegando aqui.*

Só que não cheguei, nunca. Não cheguei a lugar algum. Ainda sou uma desajustada, uma mulher cujo marido quer fazer algo sem qualquer precedente — ele não quer ir embora, mas também não quer ficar. Velhos sentimentos de vergonha se apossam novamente de mim com toda a força.

Talvez Hugh acabe não indo.

Em vários momentos durante a semana, fui atrás dele, pálida de tanto medo, e pedi:

— Por favor, não vá.

Todas as vezes, ele respondeu:

— Sinto muito, querida, mas preciso fazer isso.

Só que ele ainda não conversou com as meninas, o que me dá esperança.

Mesmo assim, a vida está bem longe de ser normal. Sinto como se meu estômago estivesse cheio de pedras, e o sono vem e vai em ondas irregulares, como se eu estivesse recebendo um sinal fraco de rádio. Também, e essa parte é bem esquisita, ando incitando sexo toda manhã e toda noite. Não numa tentativa desesperada de mostrar a Hugh que ele não precisa atravessar o mundo — mas por mim. Se fosse possível, me enfiaria dentro dele e me fecharia lá.

Eu devia ligar para Derry — não tive chance de levá-la para um canto para conversarmos sozinhas no meio da confusão mais cedo na casa dos meus pais e nunca esperei tanto para contar algo tão importante a ela.

O que me impede — e demoro um pouco antes de cavar fundo o suficiente para identificar o motivo — é que a notícia irá magoá-la. Minha dor se torna a dor dela, e o sofrimento é mútuo.

Só que lidamos de forma diferente com os problemas da vida. Derry é proativa, impaciente e, se algo começa a dar problema, ela arruma um substituto na mesma hora. Nada é consertado e nada recebe tempo para sarar. Sua reação será tentar encontrar um novo homem para mim. Ela faz parte de uma agência horrorosa de encontros para pessoas ricas e, quando eu der por mim, vai estar me despachando para um clube de elite, onde terei que beber Krug

e conversar sobre evasão fiscal. Não. Não, com todas as minhas forças.

Como é praticamente ilegal telefonar para alguém “só para bater papo”, penso em mandar uma mensagem para Petra Pomposa para ver se posso ligar. Mas seria inútil. Três anos atrás, com 42, ela teve gêmeas, que sofrem do que chama de “Síndrome de Satanás”. (Uma condição que só as duas apresentam.)

Os três filhos de Joe não são nada comparados às meninas: parece que as duas nunca dormem. Se não estão quebrando alguma coisa, estão esfregando algo nojento nela, e a barulheira que fazem — gritando, batendo, uivando — seria suficiente para a pessoa mais calma do mundo perder o controle. Pobre Petra Pomposa...

É difícil avaliar o grau de sua verdadeira pomposidade. Seu sotaque é sofisticado, mas não o suficiente para gerar antipatia instantânea; quando pequena, passava suas férias de família em galerias de arte no exterior, mas, em vez de ficar de saco cheio disso como qualquer pessoa normal, ela ainda fazia discursos extasiados sobre os mestres holandeses. Além disso, chama o jantar de “ceia”.

Nós nos conhecemos há mais de dez anos, quando estávamos supervisionando um passeio de crianças de 5 anos — Anne, sua filha, era da turma de Kiara. Petra tinha analisado a massa de pessoinhas rosadas gritando e murmurara:

— Isso é tipo o inferno na Terra.

Foi como se eu tivesse me apaixonado de novo.

De todas as minhas amigas, Petra seria a que melhor entenderia meus sentimentos por Hugh. Mas não dava para ligar para ela, porque ela sempre precisa parar de falar a cada cinco segundos para gritar com as gêmeas, e visitá-la em casa é pior ainda, porque sempre saio de lá com um prato inteiro de feijão no meu cabelo. Também é difícil encontrá-la no mundo exterior, porque as babás aparecem uma vez e vão embora chorando, jurando que nunca mais voltam — geralmente com feijão amassado em seus cabelos adolescentes. As meninas gostam de oferecer feijão para os visitantes.

Petra e o marido sobrevivem dividindo pequenas parcelas de tempo em que cada um sai sozinho. A noite de domingo será a vez dela. Vou ter que esperar até lá.

Talvez eu possa mandar uma mensagem para Steevie. Somos amigas desde a época da escola, mas, desde que Lee a deixou, ela não quer ouvir nada bom sobre homens e provavelmente descascaria Hugh.

A descascada seria bem-intencionada — Steevie veria isso como uma forma de demonstrar apoio. Mas ela simplesmente estaria vendo a minha situação pelo prisma da própria experiência.

Então, talvez, eu poderia ligar para Jana. Ela é a pessoa mais doce do mundo, mas também é, inexplicavelmente, amiga de Genevieve Payne, e mesmo que eu implore para que ela não conte nada, a fofoca está no seu sangue. Preciso que Hugh já esteja do outro lado do mundo quando Genevieve descobrir.

Cada uma das minhas amigas tem um porém que impede uma confissão completa e livre, e é um choque perceber que não tenho uma melhor amiga de verdade para confidenciar cada detalhe da minha vida. Sou uma desgraçada patética... a menos que seja normal ter uma seleção de amigas que servem para coisas diferentes. Talvez seja assim para os adultos. Um “portfólio” de conhecidos?

Pelo amor de Deus, isso é *terrível*, e nunca, jamais, pensarei numa coisa dessas de novo. Mesmo que desconfie que seja verdade.

A realidade é que, até agora, Hugh foi meu melhor amigo.

Não há praticamente nada que eu não lhe conte, e ele sempre me apoia, independentemente do que acontece: as brigas de sempre com Neeve, os estresses do trabalho e as coisas mais estranhas e aleatórias (por exemplo, uma afta no meu *olho*).

Certo, vou ligar para Derry! Não, para Derry, não. Petra Pomposa então. Não, seria inútil. Repasso a lista, e, no fim das contas, o que eu *diria*? Esse limbo é tão diferente que não há palavras para explicá-lo. Não é o tipo de coisa que se encontra no subúrbio de Dublin.

Mas talvez eu seja a primeira de muitas. Talvez uma epidemia comece num futuro próximo. Eu seria uma lançadora de tendência,

e as pessoas diriam:

— Puxa, como você é legal, com suas roupas engraçadas e seu casamento moderno.

Meu Deus, não quero nem *pensar* nisso. Se Hugh for embora, os próximos seis meses serão um pesadelo. Será que posso desaparecer e só dar as caras de novo quando — se — ele voltar?

Não. Isso é impossível. Terei que trabalhar a notícia da mesma maneira que faria com uma situação complicada na minha empreitada e fazê-la parecer algo mútuo, positivo, até mesmo desejável. Começo a elaborar um comunicado imaginário à imprensa.

> É com muita alegria que Amy e Hugh anunciam uma nova fase emocionante de seu casamento: um período sabático de seis meses nos quais vão explorar momentos separados com o objetivo de se reconectarem numa parceria ainda mais amorosa e leal. É isso aí, e todos vocês, otários, com seus casamentos lineares e monogâmicos, deviam se sentir envergonhados. Não precisam ter pena de Amy. Vocês deviam é ter inveja.

Será que isso convenceria *alguém*? Quem sabe? Mas talvez salvasse um pouco do meu orgulho. Nesse meio-tempo, vou precisar de algumas pessoas com quem possa ser mesmo sincera — apesar de elas terem que jurar manter segredo, já que a vergonha de a verdade se espalhar por aí me transformaria num ponto turístico local. Aonde quer que eu fosse, as pessoas me olhariam com pena e diriam:

— Ela deixou o marido passar seis meses aprontando. Que tipo de imbecil faz uma coisa dessas?

Mas eu *sou* imbecil? (E talvez eu não devesse usar essa palavra.)

O caso é que, numa situação normal, Homem Traidor = Completamente Babaca. Isso é um consenso, certo? Como meu primeiro marido: Richie Aldin = Completamente Babaca. Sem dúvida, a carapuça serve como uma luva. Ou o Lee de Steevie. Ele se apaixonou pela secretária, e todo mundo sabia como eram as coisas: Lee = Completamente Babaca; Steevie = A Coitadinha. Depois de muitos meses, Lee tentou recuperar os velhos amigos,

mas, apesar de alguns dos homens talvez se encontrarem com ele às escondidas, todo mundo sabia: Lee = Completamente Babaca. O sujeito caindo no ostracismo.

Conforme o tempo passava, a equação de Steevie evoluiu de “A Coitadinha” para “A Sobrevivente” para “Eu Vou Esfregar minha Felicidade na sua Cara”, mas Lee continuou sendo Completamente Babaca.

Hugh não é assim. Ele me ama, está sofrendo por me magoar, mas me compadecer pela pessoa que está me machucando é estranho demais para explicar.

Quando a porta da frente se abre, a garrafa de vinho já fez um estrago e uma bolsa da Ganni está no meu carrinho de compras virtual. Levanto num pulo e vou para o vestíbulo. É Hugh, vestindo uma camisa do Joy Division que um dia fora preta, mas desbotara para cinza-escuro depois de tantas lavagens. Combina com ele. Nos últimos dias, tenho olhado para meu marido de forma diferente, e sua sensualidade é quase chocante — é fácil entender por que Genevieve Payne fica dando em cima dele.

— Oi. — Hugh faz uma pausa, parecendo pouco à vontade.

— Onde você estava? Por que não me mandou uma mensagem? Você ainda não foi embora, então faça a porra do favor de me *avisar* das coisas.

As mãos dele estão cheias de sacolas, e há algo grande e volumoso às suas costas.

— O que houve? — pergunto. — Você foi fazer compras?

— Pois é, hum...

Eu me estico para ver o que ele está tentando esconder ali atrás. Quando vejo o que é, sinto como se tivesse levado um soco no estômago. É uma mochila gigante.

Está acontecendo. Está acontecendo mesmo. Fui uma completa idiota por ficar dizendo a mim mesma que talvez fosse tudo mentira.

— Que mochila enorme. — Minha língua não está funcionando direito.

— Não queria que você visse.

— O que tem nas sacolas? Posso dar uma olhada? — Por que fazer isso comigo mesma? Não seria melhor ficar na ignorância?

— Amy, pare, não...

— Sério, isso é ótimo. Quero ver. — A ideia é mostrar que estou levando tudo na esportiva, que não me importo com nada disso.

— Tudo bem.

Nós seguimos para a sala de estar, onde, com relutância, Hugh mostra várias camisas coloridas — de cores alegres demais. Eu jamais teria aprovado qualquer uma delas. É estranho e horrível ser excluída da vida dele dessa forma.

Depois, surge uma camisa branca de linho, do tipo que se usaria num jantar chique num país quente. A situação é quase insuportável, mas sigo em frente.

— E isto aqui? — Encontrei um pequeno tecido atoalhado azul.

— Uma daquelas toalhas que secam bem rápido. — Ele a desenrola e exibe uma toalha de banho de tamanho normal. — Depois de usada, ela fica completamente seca em vinte minutos, e aí você a enrola de novo. Quase não ocupa espaço na mochila.

— Que... útil.

— Pronto, Amy, vamos parar com isso.

— Você vai mesmo?

— Desculpe, querida. — Ele parece triste e envergonhado.

— Quando vai contar às meninas?

— Amanhã. Vamos nos encontrar aqui, às dez.

— Até Sofie?

— Sim.

Meu coração acelera. Aqui vamos nós, com mochilas e planos.

— Isso é muito difícil. — Minha voz soa engasgada.

— Desculpe.

— Sei que ninguém é dono de ninguém, mas me habituei a pensar em você como meu. E agora vou ter que... te compartilhar.

Ele assente com a cabeça, pouco à vontade.

— Pensava até no seu pênis como meu.

Mais uma vez, Hugh assente.

— Sinto como se você não tivesse o direito de me largar, como se não tivesse o direito de transar com ninguém além de mim, sabe?

— Sei.

— Você sempre foi legal comigo, tão legal, como se estivesse disposto a fazer qualquer coisa que eu pedisse.

— Eu te amo.

— Passei a contar com você, e agora me odeio um pouco por causa disso. Mas o que eu deveria ter feito, Hugh? — Minha voz está trêmula. — A gente precisa confiar nas pessoas. Não podemos passar a vida completamente sozinhos. — Tem algo que preciso perguntar. — A culpa é minha? Foi... algo que eu fiz?

Ele faz que não com a cabeça.

— A culpa não é de ninguém. É uma coisa minha.

Isso é um consolo, mais ou menos, e lágrimas de alívio marejam meus olhos.

— Desculpe — diz ele, com uma sinceridade ferrenha. — Eu me odeio por magoar você.

Por um instante, minhas lágrimas ameaçam cair, mas então toco o peito e o empurro para o sofá. Subo no seu colo, montando nele. Seguro seu rosto com as duas mãos, meus dedos roçando sua barba, e lhe dou um beijo apaixonado. Afasto sua camisa e esfrego as palmas das mãos por seu peito. Nos últimos cinco dias, até o cheiro de Hugh está diferente — sensual, estranho, como se eu não o conhecesse.

— As meninas? — protesta ele, debilmente.

— Saíram.

Bem, Kiara está tomando conta de Finn, Pip e Kit. Só Deus sabe onde está Neeve, e Sofie pode chegar a qualquer instante, mas isso não importa. Desabotoo a calça jeans de Hugh e escorrego para baixo para lamber a ponta trêmula de sua ereção. Lentamente, a puxo para fora, e então começo a tirar a calça de Hugh.

— Tem certeza? — pergunta ele com urgência.

— Absoluta.

Hugh se levanta e tira o restante das roupas. Jogo as almofadas no tapete e o puxo para cima de mim. Com mãos desajeitadas, desabotoamos meu vestido e tiramos minha calcinha.

Havia anos que não fazíamos sexo em um lugar que não fosse uma cama, mas, desde a noite de sábado, temos transado pela casa inteira — no chuveiro, na banheira e até na parte da pia da cozinha onde a louça fica secando, porque sempre vejo as pessoas fazendo isso em seriados dinamarqueses. (E devo dizer que não é nem um *pouco* sensual como parece na televisão — o alumínio estava frio contra a minha bunda e se mexia e fazia um barulho de

pá-pá a cada estocada. Foi tão barulhento e batia tanto que senti um medo real de quebrar alguma coisa. Só faz três anos que reformamos a cozinha. É um *prazer* tão grande ter um cômodo na casa que não seja uma merda que, enquanto eu quicava sobre o escorredor, minha maior emoção foi ansiedade.)

Tomando as rédeas da situação, deito Hugh sobre as almofadas e insisto em mudar de posição a cada minuto. É como um mostruário — veja tudo que Amy pode oferecer! Eu até — obviamente pela lembrança de Alastair fresca na mente — tento a tal cavalgada invertida, mas não consigo encontrar o ângulo certo. Praticamente dobro a ereção de Hugh ao meio, e mesmo assim não entra.

— Pare — diz ele, gentil. — Assim você vai me quebrar.

Impiedosa, continuo tentando.

— Vem cá.

Hugh me envolve em seus braços e passamos para uma das nossas posições rotineiras. Já transamos hoje — de manhã, antes do trabalho. (E ontem à noite. E ontem de manhã. E anteontem à noite.)

Mas a depressão me domina. Não há qualquer alegria no ato. Hugh tenta algumas coisas que costumam funcionar, mas me esforço para acelerar o processo, porque agora só quero que termine. Ele acaba gozando e, no silêncio que se segue, apoia a cabeça no braço e me olha nos olhos.

— Eu te amo — diz ele. — E eu *vou* voltar.

— Você sempre vai me amar?

— Sim.

— Diga.

— Eu sempre vou te amar.

— De novo.

— Eu sempre vou te amar.

Mas, independentemente de quantas vezes Hugh o repita, não consigo me sentir segura.

7

Vinte e dois anos atrás

Pressionei as costas contra a porta para impedi-lo de sair.

— Por favor! — Eu chorava tanto que mal conseguia enxergar. — Não faça isso.

Ele segurou meus ombros, tentando me tirar do caminho. Eu toquei seu peito e o empurrei com força.

— Você não pode ir! Não pode. Tem que ficar.

Richie tentou de novo me afastar. Ele não queria usar a força, mas estava decidido e conseguiu me mover alguns centímetros. Eu me debatia, determinada a barrar sua saída.

— Não. — Minha voz tinha ficado rouca de tanto chorar. — Por favor.

Ele era muito mais forte, mas eu também parecia mais forte que o normal. Lutamos por alguns segundos horríveis, empurrando um ao outro, e, de alguma forma, um espaço surgiu, Richie virou a chave e a porta se abriu.

— Você vai ficar bem — murmurou ele e partiu.

Eu o persegui pelo corredor até chegar à escada. Richie desceu como um raio, e eu o teria seguido se não fosse pela pequena Neeve chorando no apartamento. Hesitei por um segundo, dividida entre as duas pessoas que mais amava no mundo, e tomei minha decisão.

Só de me lembrar do momento, quase 22 anos atrás, ainda fico nervosa. Foi a pior noite da minha vida.

Tudo havia começado no aeroporto de Leeds-Bradford. Eu e Neeve, com 4 meses, íamos pegar um voo para passar o Natal em Dublin. Richie tinha um evento com os patrocinadores do time e iria no dia seguinte.

Era 23 de dezembro, e o aeroporto estava uma loucura, o que não era grande surpresa. Todos os voos estavam atrasados, inclusive o meu. A hora do embarque chegou e passou, e, depois de um tempo, ofereceram um voucher para quem quisesse voar na manhã do dia seguinte. Era óbvio que o voo estava lotado, mas, como Neeve era tão pequena, pensei que teríamos prioridade. Porém, a preferência era para os membros do programa de milhagem, e havia uma multidão desses no voo.

— Estou com um bebê. — Eu me sentia prestes a cair no choro.

Foi inútil; mandaram voltar no dia seguinte.

De volta ao apartamento com Neeve na cadeirinha, ouvi sons vindo do quarto — Richie devia ter se esquecido de desligar a televisão antes de sair. Deixei a bebê no chão da sala de estar e me preparei para descer os quatro andares de escada para buscar a mala, mas então decidi passar no quarto antes — eu era ingênua, mas não burra.

Ela parece muito autoconfiante foi meu primeiro pensamento. A mulher estava por cima, subindo e descendo. Seu cabelo era comprido, parecendo sintético — apliques —, e havia alguma coisa esquisita acontecendo com seus peitos: a parte de fora subia e descia com o restante do corpo, mas a de dentro tinha um ritmo mais lento. Silicone. Foi a primeira vez que vi implantes desses ao vivo.

O rosto de Richie se contorcia no calor do momento, e isso é algo que jamais queria ter visto. Passei anos sem tirar a imagem da cabeça.

Então ele me viu e empalideceu. A garota — eu não a conhecia — continuou a se sacolejar ritmicamente. Levou mais alguns segundos para que percebesse que havia algo errado. Parou no meio do movimento e seguiu o olhar de Richie.

— Merda! — exclamou, saindo de cima dele.

Roupas desconhecidas estavam espalhadas pelo chão — um sutiã preto, um fio-dental de renda que não era meu, um vestido acobreado brilhante.

— Vista-se. — Eu juntei as peças e as joguei nela. — E dê o fora daqui.

Em menos de um minuto, a garota desapareceu — com seu vestido curto brilhante e sapatos de plataforma, ela não tinha como ser mais diferente de mim. Fiquei esperando Richie começar a ladainha que as pessoas dizem nessas situações: “Não foi nada, ela não significou nada, eu estava bêbado, foi só sexo.” Eu já estava inventando desculpas para mim mesma para perdoá-lo.

Na adolescência, sempre que saía alguma notícia dizendo que uma mulher famosa ia continuar com o marido que a traíra, Steevie e eu reagíamos com extremo desdém — de jeito nenhum aceitaríamos uma coisa dessas! Não, nós éramos garotas fortes, com amor-próprio, nunca seríamos tão patéticas. Mas a coisa muda de figura quando se torna realidade. Quando você é jovem e vulnerável. Quando você tem um filho com o sujeito. E quando você o ama tanto quanto eu amava Richie Aldin.

Ele começou a se vestir. Sem me encarar, disse:

— O negócio, Amy, é que a gente não devia ter casado. Somos jovens demais.

— N-não, não somos — gaguejei.

— Você tem 22 anos, eu tenho 23 — disse ele. — Somos jovens demais. Não está dando certo. Vou embora.

Richie pegou a mala que ficava embaixo da cama enquanto eu gritava:

— Não! Você não pode! — A adrenalina tomou conta de mim, e meu cérebro vasculhava todos os argumentos disponíveis para convencê-lo a ficar. — Neeve — disse. — Sua filha. Você não pode abandoná-la.

— Não quero ser pai.

— Sei que é difícil. — Eu estava implorando. — Mas não vai ser sempre assim.

Richie jogou três pares de tênis dentro da mala. Eu me atirei em cima dele, tentando impedi-lo de guardar o restante. Com facilidade, ele me bloqueou — Richie era baixo, mas forte e em forma — e começou a tirar coisas do armário. Na briga para fazê-lo parar, algo se rasgou, e ele pareceu ficar nervoso. Suas roupas eram cada vez mais caras, apesar de estarmos com pouco dinheiro.

— É aquela garota? Você acha que a ama? — Talvez eu pudesse implorar a ela para se afastar.

— A que estava aqui? — Richie estava irritado. — Ela não significa nada.

— Mas, se ela não significa nada...

— Amy — disse ele, quase gentil —, faço isso o tempo todo.

Ele era jogador de futebol profissional — não de um time de primeira divisão, mas de terceira. Mesmo assim, havia marias-chuteiras aos montes.

— Mas...

Fiquei tão chocada que emudeci. Richie sempre jurara que me amava demais para querer outras mulheres, e eu acreditava.

— Eu traio você desde a época da gravidez.

— Não. — Comecei a engasgar com as lágrimas.

— Eu queria é que nada disso tivesse acontecido — disse ele. — Você, eu, o casamento, a bebê.

— Mas foi você quem quis ter filhos. — Eu estava arfando. — E foi você quem quis casar.

Nós estávamos juntos desde o último ano da escola, e, apesar de eu ter certeza de que nosso amor seria eterno, pensava que era cedo demais para casarmos, que dirá para termos filhos. Richie (provavelmente sob a leve persuasão do time, percebi anos mais tarde) tinha me convencido do contrário.

Ele pegou a mala e seguiu para a porta. Cheguei lá primeiro e bloqueei o caminho, determinada a impedir sua saída. Mas, no fim, não teve jeito.

Minha vontade era morrer, mas, por causa de Neeve, tive que superar o inverno mais longo, frio e solitário da minha vida. Eu não conhecia ninguém em Leeds — só estava morando lá porque Richie fora contratado por um time local.

Maura tentou me convencer a voltar para Dublin e ficar próxima das pessoas que gostavam de mim. Só que meus amigos, todos com a minha idade, estavam agindo como pessoas normais de 22 anos, caindo na farra e sendo irresponsáveis.

Quanto à minha família, ou estavam sofrendo de doenças variadas (mamãe), trabalhando o tempo todo (papai), morando na Austrália (Derry), eram tontos demais (Joe), jovens demais (Declyn), ou era Maura sendo solícita *demais*.

E, apesar de Richie se recusar a passar tempo comigo ou com Neeve, era fundamental estar por perto para o caso de ele mudar de ideia.

Fazia só oito meses que estávamos casados, e Richie se desvencilhou com uma velocidade impressionante — todo o processo de divórcio foi finalizado em menos de cinco meses. Advogados inescrupulosos do time dele me enviaram uma carta assustadora dizendo que Neeve receberia uma migalha de pensão mensal. Eu não conseguiria bancar um advogado inescrupuloso e tive que me virar com um defensor público bonzinho, mas resisti e não desisti até a oferta inicial ser triplicada.

Continuou sendo uma miséria.

Mesmo assim, Neeve e eu sobrevivemos àquele inverno horroroso. Acabei voltando para a firma de relações públicas onde eu era assistente antes de entrar de licença-maternidade e trabalhei em jornada integral ao mesmo tempo que fui a única cuidadora da minha filha. A vida era exaustiva — cinco horas de sono eram um luxo —, e, ainda assim, é surpreendente como pareço saudável e sã nas fotos da época.

Lá estou eu com um casaco comprido esvoaçante de mohair preto, digno de Audrey Hepburn, e luvas pretas de couro que vão até os cotovelos. Em outra foto apareço com um rabo de cavalo com a ponta enrolada e — como é que eu conseguia arrumar tempo para essas coisas? — a franja presa num topetinho. Hoje, meu lema é “minha inspiração é retrô”, mas, naquela época, as únicas palavras disponíveis eram “dura demais para comprar roupas em lojas de verdade”.

Só Deus sabe onde eu arrumava disposição, mas meus fins de semana eram dedicados a visitas aos mercados de roupas vintage de Leeds, com Neeve no colo e eu *sempre* de salto alto.

Encontrei coisas maravilhosas — uma saia tulipa de cetineta escovada, um vestido justo de cetim preto lustroso, vários suéteres curtos de cashmere e um terninho Givenchy original: vestido tubinho e um belo blazer quadrado no azul-pastel de uma amêndoa açucarada.

A maioria das roupas já se foi há muito tempo — perdidas em várias mudanças de casa ou por se desfazerem depois de tanto uso —, mas, apesar de ficar apertado demais agora, ainda tenho esse terninho. É como um emblema: ele me lembra de como a vida já foi difícil. E, talvez, de como sou forte quando preciso ser.

8

Sábado, 10 de setembro

— Um tempo? — Neeve parece incrédula. — Você por acaso acha que é a Taylor Swift?

— Não. — Hugh se deixa provocar. — *Não* acho.

— Por favor — murmuro para Neeve. — Vamos ser civilizados. Coma um croissant.

Arrumei a mesa da cozinha como se fosse um bufê de café da manhã — pães, salada de frutas e café —, mas ninguém tocou na comida. É como se eu estivesse no escritório: as pessoas encaram a fome como um sinal de fraqueza. Mas, ao mesmo tempo, ficariam mortalmente ofendidas se você *não* oferecesse um pãozinho.

— A gente sabe que você não anda muito feliz — diz Kiara. — Vamos sentir sua falta, mas vamos tentar compreender.

— Obrigado, querida.

— Então, como vamos manter contato? — pergunta ela. — Você vai fazer um FaceTime com a gente toda semana? Tipo toda manhã de sábado?

— Não! — responde Hugh, rápido demais. O medo em seu rosto mostra que a última coisa que deseja é uma rotina. — Não, hum... não. — Ele limpa a garganta. — Vou levar meu celular, e, se vocês precisarem de mim, meninas, podem ligar a qualquer hora.

— E a mamãe? — pergunta Neeve, maliciosa. — *Ela* vai poder ligar sempre que quiser?

Hugh parece pesaroso.

— Se for uma emergência.

Ah. Eu não sabia que meu contato seria tão restrito. Meu Deus, como isso dói.

— O mais importante — diz Hugh — é que amo muito todas vocês. Amo vocês, e vou voltar.

Sofie começa a chorar.

— Todo mundo sempre vai embora.

Pobre Sofie. Ela parece frágil e desarrumada, o belo cabelo louro-esbranquiçado todo emaranhado. E está mais magra do que há uma semana, pequena o suficiente para se passar por um menino de 12 anos. Morar com a mãe obviamente não está lhe fazendo bem, mas isso é algo que ela precisa decidir por si mesma. Só posso ficar observando de longe, com o coração na mão.

Antes de pensar melhor no que estou fazendo, coloco metade de um pão doce no prato dela e digo:

— Coma alguma coisa, querida.

Todos paramos, e Sofie fica tão chocada que o choro acaba. E então Kiara pega o pão do prato dela e o faz desaparecer em duas mordidas rápidas.

Apesar da minha gafe, fico orgulhosa — tenho muita, *muita* esperança para o futuro de Kiara: ela vai acabar se tornando algum tipo de embaixatriz, pelo menos. É uma menina tão perspicaz e atenta às necessidades dos outros. Por um momento selvagem e amargurado, desejo que fosse *ela* a filha com um vlog — *ela* dividiria a maquiagem comigo.

Kiara limpa os farelos de pão da boca e diz para Hugh:

— Podemos visitar você?

— Não! — Mais uma vez, ele fica horrorizado. — Quer dizer, não, não, querida, não vai ser esse tipo de viagem. Vou ficar indo de um lugar para outro, e, você sabe...

— Nós sabemos — diz Neeve, cheia de insinuações.

Kiara a encara.

— Pare com isso. Não se trata de algo assim. Ele quer uma realização pessoal. Não é, pai?

— Certo!

Realização pessoal. Esse é um bom termo. Se eu conseguir repeti-lo sem revirar os olhos, talvez seja útil.

— Mas você vai voltar para o Natal? — pergunta Kiara.

— Não, querida — diz ele, gentil. — Mas vou ligar.

— Se você vai dar um tempo — começa Neeve —, isso quer dizer que a mamãe também vai. Certo?

Uma expressão desconhecida surge no rosto de Hugh.

— Você não tinha pensado nisso? — Neeve soa desdenhosa.

Hugh me encara como se estivesse avaliando como eu me daria com o mercado aberto, e então se torna inexpressivo.

— Amy também vai dar um tempo.

— Pronto — diz Neeve para mim. — Você pode voltar com o meu pai. Todo mundo sabe que você nunca superou ele, o que deve ter sido o único motivo para se casar com a Taylor Swift aqui.

Não sei nem como responder. Tirando que não tocaria em Richie Aldin nem se ele fosse o último homem na Terra: prefiro passar todos os dias da minha vida fazendo cavalgadas invertidas, girando laços e dando gritos de caubói com Alastair a cometer esse erro de novo. Mas nunca falo mal de Richie para Neeve — quero que ela descubra por si mesma como o pai é Completamente Babaca. Infelizmente, no entanto, como ele se mantém distante, ela guarda uma visão idealizada dele.

— Não acredito que você vai fazer isso com a gente. — Parece que Sofie vai começar a chorar de novo.

— Querida, Sofie, não vou embora para sempre.

— Vou para a casa da vovó.

— Eu te dou uma carona — diz Neeve. — No carro de Hugh. Ele vai ficar na garagem por seis meses mesmo. Então, acabamos aqui?

— Acabamos? — Os olhos ansiosos de Hugh consultam as meninas.

— Sim — decreta Neeve.

— Mas, por favor, entendam — ele tenta outra explosão de sinceridade —, amo vocês com todo o coração e só vou passar seis meses fora. Vou voltar.

Sofie chia:

— Você está estragando tudo.

Ela gira e sai da cozinha, deixando Hugh pálido de angústia.

— Sinto muito interromper a destruição da nossa família — diz Neeve, alegre —, mas vou receber uma entrega da Chanel.

Na mesma hora, começo a bolar uma forma de roubar o pacote — é uma *agonia* assistir à chegada desses cosméticos preciosos —, mas ela ri.

— Sei o que você está pensando.

— Você não pode dar alguma coisa para sua mãe? — pergunta Hugh.

— Para amenizar a dor de ser abandonada?

— Não estou abandonando...

— Veremos. — Neeve o interrompe. — Se tiver alguma coisa que fique bem em você, mamãe, vou te dar.

— Não precisa ficar bem em mim — digo. — Fico feliz com qualquer coisa.

Neeve lança um olhar insinuador para Hugh.

— Bem, isso é óbvio.

Antes que qualquer palavra de protesto consiga sair da minha boca, Neeve e Sofie fogem da casa.

— Vou só... — murmura Hugh, então desaparece no andar de cima, deixando a mim e Kiara sentadas, encarando uma a outra.

9

— Uau — diz Kiara. — Que choque.

Estou fula da vida. Neeve e Sofie tiveram inícios de vida bem ruins, mas tudo correu bem para Kiara. O foco dessa situação não deveria ser eu, mas Kiara era minha folha em branco, minha história de sucesso, e, agora, Hugh estragara isso também.

— Sinto muito, querida — digo. — Como está se sentindo?

— Quer dizer, que choque para você.

— Não, não, não...

— Estou bem — diz ela. — Entendo que papai precise fazer isso. É com você que me preocupo.

— Kiara...

Às vezes, ela parece mais madura que todos nós, mas grande parte disso deve ser superficial, e seria um erro começar a usá-la como apoio.

— Mamãe, eu estou bem. Mas você vai precisar de uma estratégia para os próximos seis meses. Devia começar a fazer escaladas.

— Por quê?

— Bem, talvez não escaladas. Só estou dando uma sugestão. Mas deve haver um monte de coisas que você queria ter feito na vida, e essa é a sua chance!

Meu Deus. Tudo que eu quero fazer é passar os próximos seis meses deitada na minha cama, comendo cereal direto da caixa. Em vez disso, vou ter que criar novas memórias, ser a melhor versão de mim mesma, fazer uma coisa que me assuste todos os dias e outras porcarias proativas que estão impregnadas nesse raciocínio de Kiara.

— Tipo, se você morresse amanhã — sugere ela —, o que ia se arrepender de não ter feito?

Que merda. Eu sou a adulta aqui; ela, a criança. Sou eu quem deveria estar oferecendo consolo e soluções.

— Tem que haver alguma coisa, mamãe.

Talvez seja o estresse, mas só consigo pensar em uma resposta. Desde que parei de fumar, engordei alguns quilos. E, quando se é baixa como eu, cada grama faz diferença. Ainda não me acostumei ao novo peso, nem quero — esta não sou eu de verdade.

— Eu me arrependeria de não voltar a emagrecer — digo. — Odiaria morrer do tamanho errado. Sinto que não conseguiria aproveitar o além como deveria. Seria o mesmo que sair para fazer trilha com uma pedrinha dentro da bota.

O sorriso de Kiara enfraquece. Essa resposta obviamente não é boa o bastante. Mas então ela se recupera.

— Pronto — diz. — Aí está. Comer melhor, certo?

— Torrada de batata-doce — digo. — Ou será que torrada de batata-doce saiu de moda?

— Não saiu, não.

Eu não tinha tanta certeza, mas Kiara era uma boa menina.

— Talvez você possa conversar com Urzula — sugere ela.

— Talvez — murmuro.

— *Maaaas* talvez não.

A mãe de Sofie, Urzula, é uma guru das dietas que chegou ao sucesso por conta própria e aparece com uma regularidade cada vez maior nas redes de televisão daqui da Irlanda e do Reino Unido. Ela não tem nenhuma qualificação, mas sua magreza fria e báltica junto com seus comentários cruéis tecidos com sotaque letão estão conquistando muitos fãs entre pessoas que adoram sua política de morde e assopra, seu hábito de falar na cara das pessoas que estão gordas. Ela é *obcecada* em combater a banha dos outros. Na minha opinião, Urzula simplesmente conseguiu transformar seu transtorno alimentar em uma carreira.

— Urzula tem gelo no lugar da alma — digo.

— Não — rebate Kiara. — Urzula tem uma colher rasa de chá de mingau de milheto no lugar da alma.

Nós rimos, e ela vai embora.

Agora que as meninas foram informadas e tudo se tornou oficial, faço o que já devia ter feito dias atrás e ligo para Derry.

— Tenho uma coisa estranha para contar. — Respiro fundo. — Hugh está meio que me largando. Por seis meses — acrescento

depressa. — Depois ele vai voltar. Mas, enquanto estiver fora, é como se fosse solteiro.

Por um instante, minha irmã fica em silêncio. E então:

— Onde você está? Em casa? Chego aí em dez minutos.

Uns oito minutos depois, seu carro entra em disparada no nosso terreno e freia com tudo na frente do portão. E lá vem ela, metade do cabelo seco numa escova esvoaçante, metade ainda molhado.

— Caramba, Derry, pelo amor de Deus, você não precisava ter saído antes de terminar de secar o cabelo.

— Estou em cima da hora. Conte tudo.

Com dificuldade, faço um resumo dos fatos.

— E quando isso aconteceu?

— Domingo passado.

— E você não me contou porque... era esquisito demais? Estava se sentindo muito humilhada? Ficou esperando Hugh mudar de ideia?

— Todas essas coisas.

— Meu Deus, Amy, tadinha de você. — Ela me olha com profunda sinceridade. — Nunca vi alguém com tanto azar com maridos.

— Mas ele jura que vai voltar.

A cara de Derry diz tudo: mesmo que Hugh volte, jamais será igual. Seria impossível ele simplesmente reaparecer aqui e retomar tudo de onde parou.

— Amy, você sempre aguenta o tranco.

Ela fala isso com firmeza, e, sim, parece mesmo ser verdade — aguentei o tranco quando Richie foi embora, aguentei o tranco de todas as palhaçadas dele com Neeve, aguentei o tranco da adolescência dela, que pareceu inspirada em *O exorcista*, aguentei o tranco de duas demissões catastróficas, uma em Londres, muito tempo atrás, e outra mais recente em Dublin.

Só que aguentar o tranco dá muito trabalho, é mais difícil do que parece, e acho que talvez tenha perdido minhas forças. Se eu pudesse escolher, preferia uma vida paparicada de dondoca em que nada de ruim acontece.

— Como posso ajudar? — Derry é sempre proativa.

— Só quero desabafar. E, por favor, não me obrigue a sair com ninguém. Não quero me envolver com nenhum homem, nem agora,

nem nunca.

— Mas e aquele...

— Derry, por favor! Aquilo foi um momento de loucura.

— Mas você podia terminar o que co...

— Estou implorando, Derry, nunca mais fale disso, nunca mais. Por favor. — Estou correndo o risco de começar a chorar. — Quero passar esses seis meses escondida, sem falar com ninguém, e ver o que acontece quando Hugh voltar.

— Quando ele vai?

— Logo. Tipo semana que vem.

Derry está mordendo o lábio inferior.

— Olha — diz ela —, eu deveria ir para a Cidade do Cabo hoje. — Seu trabalho com recursos humanos requer um monte de viagens. — Mas posso tentar cancelar, se...

— Derry, pode parar. De qualquer jeito, ele vai passar seis meses fora, droga. Você não pode cancelar todas as suas viagens.

— Mas quem vai cuidar de você quando ele for embora esta semana? Maura vai querer ser a estrela do show. Meu Deus, ela vai ficar *doida* quando descobrir... — Derry nota a minha cara. — Espere aí, ela já está sabendo?

— Desculpe, Derry. Ela adivinhou que alguma coisa tinha acontecido. Apareceu no meu trabalho e me pressionou até eu confessar.

— A Torturadora ataca novamente.

— Para falar a verdade, ela não foi insensível.

— Mas, mesmo assim, Maura não vai servir de porra nenhuma quando a bomba estourar. E Steevie? Ela continua na onda do THSB?

Faço que sim com a cabeça. THSB significa “Todos os Homens São Babacas”.

— Isso não é uma vantagem? Vocês duas podem fazer homenzinhos de cera e espetar alfinetes... não?

— Não. Sei que parece loucura, mas Hugh não tem culpa.

Derry estava incrédula.

— Hugh é um escroto. Eu adoro ele, você sabe, mas isso é uma escrotice tremenda. — Ela parece confusa. — Por que você não o odeia?

— Mas eu odeio. Às vezes. Bem, o tempo todo... — Então explodo: — Por que é que ele não pode cumprir a promessa que fez quando casamos? Por que é tão fraco? — Antes de ela conseguir responder, continuo: — Ou será que sou *eu* quem é fraca, permitindo que ele vá embora assim? Outra mulher teria insistido que o contrato de casamento fosse cumprido? "Na alegria e na tristeza...?"

— É, foi isso que você prometeu, seu bundão!

— Mas obrigá-lo a ficar seria inútil, Derry. Ele anda infeliz e distante.

— Ele é um escroto.

— Mas, Derry, eu continuo amando Hugh. *E* sentindo pena dele. Que confusão.

— Então tá. — Um momento de silêncio. — Acho que entendo. — O que queria dizer que essa não seria a reação *dela*, mas que ela estava se esforçando para adaptar sua opinião à minha. — Ter dois pensamentos diferentes e opostos ao mesmo tempo. Quem disse que a vida é fácil? Tem mais alguém que possa ajudar? E aquela besta da Jana Shanahan?

Solto uma risada inesperada. Derry detesta Jana: o que eu interpreto como doçura, minha irmã vê como uma profunda estupidez. Certa vez, comentou que "o Tico e Teco daquela ali já pararam de funcionar faz *teeeeempo*".

— Jana faria diferença num momento de crise? — A voz de Derry tem um tom muito duvidoso. — Acho que ela é tão útil quanto o Pinterest, mas você gosta da criatura.

— Ela é amiga de Genevieve Payne.

— E você não quer que Genevieve descubra até Hugh esteja fora de alcance? Mas e depois que ele for embora?

— Ainda assim, não quero que ela descubra.

— Mas vai descobrir. Alguém vai acabar contando. Merda, *todo mundo* vai acabar contando. Sinto muito, meu bem, mas você vai passar uma eternidade na boca do povo.

— Não, se eu ficar de boca calada. Menos para você, óbvio. E para Maura. E para as meninas. E Jackson vai ter que saber, porque está sempre aqui. Mas, tirando essas pessoas, não vou contar para mais ninguém.

O rosto de Derry é uma mistura de preocupação e compaixão.

— Amy, querida, você não pode... Olhe, não tem como manter isso em segredo por seis meses. E nem há motivo para isso. Você não fez nada errado.

— Mas é tão humilhante — sussurro.

— É humilhante *mesmo*. Mas vai ser muito, muito difícil, e você vai precisar de apoio.

Fico quieta. Cansei de depender dos outros. Alguns dos meus irmãos, tudo bem: nossa infância problemática nos uniu. Mas o resto do mundo não me interessa, não agora.

— A notícia vai vazar. — Ela não faz questão nenhuma de ser delicada. — É melhor que você controle as informações. Encare isso como um comunicado à imprensa do seu trabalho.

O quê? Tipo aquele cheio de firulas que escrevi na minha cabeça? De jeito nenhum.

— Preciso ir — diz Derry. — Tenho que pegar meu voo. Falo com você pelo FaceTime. Mas conte para as pessoas, Amy, gerencie o estrago.

— Tudo bem. — Não vou fazer isso.

Minha irmã vai embora, e estou colocando a roupa para lavar quando meu telefone toca. É mamãe. Na mesma hora, fico tensa: qual é o desastre do momento?

— Está tudo bem? — pergunto.

— As meninas estão comigo. Neeve e Sofie. Fiquei sabendo que Hugh vai embora.

— Elas contaram?

Não se dá notícias ruins para mamãe! Aprendemos desde novos a isolar seu sistema imunológico problemático de todos os contratempos. Que *ideia* foi essa de Neeve e Sofie? Vou precisar ter uma conversa séria com as duas, e com Kiara também...

Mas seria loucura querer que as três guardassem segredo da ausência de Hugh — elas são novas demais, seria muita responsabilidade. Cheia de raiva, percebo que Derry tem razão e será impossível esconder a história.

— Acho que você ficou chateada — diz mamãe.

— Ah, você sabe... — Ela não é o tipo de mãe com quem se tem essas conversas.

— Quer vir passar um tempo comigo?

— Ahn... — *Passar um tempo?*

— Podemos pintar suas unhas. Neeve sempre me dá um monte de esmaltes.

Sorte a sua. A única coisa que eu ganho é xampu anticaspa.

— Se quiser, podemos tomar um vinho. É ótimo para quebrar o gelo. Queria ter descoberto isso anos atrás.

Preciso desligar o telefone, pois tenho uma ideia.

— Obrigada pela oferta, mamãe. — Nós nos despedimos. Então, numa fúria descontrolada, grito: — Hugh! HUGH!

Ele vem correndo pela escada, então pego meu telefone e o encontro no meio do caminho.

— Vá pegar aquela merda de toalha! — ordeno.

— O quê?

— A merda da toalha que seca em cinco minutos!

— O que houve?

— Pegue. A. Merda. Da. Toalha.

Ele desaparece no barracão nos fundos do terreno — pelo visto, seu quartel-general da viagem — e volta com um bolinho de pano azul.

— O que aconteceu? — pergunta.

— Estique a toalha e a segure. Sorria.

— Por quê?

— Só faça isso, merda.

Tiro várias fotos de Hugh segurando a toalha fazendo careta e com os olhos vítreos.

— Puta merda, Hugh, SORRIA! Que sorte a sua, saindo de férias por seis meses cheios de sexo.

Publico a foto com a cara menos deprimente no Facebook. “Vejam só!”, escrevo. “A toalha de viagem de Hugh. Seca em vinte minutos! Boa viagem para ele nos próximos seis meses. Traga um pouco de sol para a gente quando voltar!” Num instante, coloco um milhão de emojis de aviões, sóis, sorvetes, drinques e biquínis, e posto a mensagem para meus 1.439 amigos.

— Amy, o que você fez?

Arranco a toalha dele, amasso-a numa bola e então a jogo com força contra seu peito. Infelizmente, ela é leve demais para ter muito

impacto.

— O que você fez? — Hugh puxa meu telefone, e eu puxo de volta.

Publiquei minha versão dos fatos, e o mundo todo agora sabe da história. Provavelmente vou viralizar, mas, daqui em diante, sou *eu* quem controlo a narrativa.

10

Dezoito anos atrás

Numa bela manhã de abril em Londres, no fim da década de 1990, eu corria pelo Soho, vestindo uma calça capri azul-escura, escarpins pontudos rosa-choque e uma blusa listrada de botões. Um monte de gente moderninha estava por ali, carregando copos de café ou pastas retrô, parecendo a caminho de seus trabalhos em agências de publicidade ou qualquer outro lugar descolado como esse — e eu me incluía nisso.

Foi um daqueles raros dias, que só devem ter acontecido quatro ou cinco vezes na minha vida, em que senti que estava exatamente onde deveria estar.

Meu destino era um estúdio de gravação, onde cuidaria de uma campanha de marketing, e minha cabeça já estava tentando solucionar todos os problemas que poderiam surgir.

— Oi. — Hugh, do estúdio, surgiu diante de mim, e notei que fiquei imensamente feliz por encontrá-lo.

— Oi!

Trabalhávamos juntos com frequência, e todo mundo ali o amava. Hugh era grande e bonito, tranquilo e confiante. As pessoas viviam falando de seus olhos “irlandeses” — acho que queriam dizer que eram alegres. Se alguém me perguntasse, diria que não eram *tão* alegres assim — sentia que Hugh vivia se contendo um pouco.

Todo mundo achava que minha afeição por ele se dava só porque nós dois éramos irlandeses, mas isso não fazia diferença. Era porque Hugh era bom no que fazia — minha vida era tão estressante que qualquer coisa que tornasse meu trabalho mais fácil era uma dádiva. Na maioria das manhãs, eu encarava o dia como se estivesse partindo para a guerra: precisava acordar Neeve, vesti-la, alimentá-la, deixá-la na escola, pegar o metrô para o trabalho, participar de reuniões, falar com clientes... Mas, quando era dia de ir para o estúdio de Hugh, eu sempre me sentia animada.

Quando ele estava cuidando da mesa de som, as coisas começavam na hora marcada. Se um roteiro não cabia no tempo combinado de trinta segundos, ele sugeria adaptações inteligentes, mesmo que não fosse parte de suas atribuições. Ou, quando o cliente começava a reclamar que a entonação do locutor não combinava com a mensagem da marca, Hugh interferia e sugeria mais seriedade ou menos empolgação, o que fosse necessário.

— Chegou bem na hora — disse ele naquela manhã ensolarada na Dean Street. — Eu vim comprar café.

— O homem mais trabalhador do mercado.

Nós andamos um pouco até a casa geminada detonada que abrigava o estúdio.

— Nossa, você está fantástica hoje — disse ele.

— Fantástica de um jeito bom ou fantástica de um jeito ridículo?

— Fantástica de um jeito bom.

Abri um sorriso carinhoso.

— Lá na Rocket Sounds me chamam de Viajante do Tempo — expliquei. — Ou Amy do Rock Antigo. Prefiro essa recepção do Estúdio do Hugh.

— Você tem estilo, sem dúvida.

Agora, já estávamos dentro da casa, subindo a escada estreita e inclinada até o último andar, onde ficava o estúdio.

— É porque minha pobreza só me permite comprar roupas de brechó. Meu Deus, estas *escadas*. — Fiz uma pausa num patamar e olhei pela janela estreita. — Veja só, dá para ver os fundos das outras casas. — Eu ri. — Você sabe que só estou fingindo admirar a vista enquanto descanso um pouco. Que tal instalar um elevador aqui?

— O prédio é tombado — explicou Hugh. — Pois é, não parece. — Uma pausa. — Mas, se eu pudesse, faria isso por você.

A súbita sinceridade em sua voz fez com que eu o encarasse, surpresa. Fez com que eu o observasse *de verdade*, e não sei exatamente o que aconteceu, mas sua aura pareceu mudar. De repente, ele deixou de ser Hugh, meu colega de trabalho adorado, para um Hugh muito diferente.

Do nada, uma atração poderosa veio à tona, como aquelas flores do deserto que desabrocham muito depressa, e, sem nem imaginar como aquilo surgira, eu estava a fim dele. Fiquei *chocada*. Que raios tinha acontecido?

Torcendo por algum tipo de iluminação, eu o encarei. Hugh era um homem grande, não todo musculoso, mas, ainda assim, é, dava para... Ele parecia tão chocado quanto eu. Engoli em seco, continuei subindo as escadas e só voltei a falar quando encontramos os outros.

Desde aquele dia da escada, as coisas mudaram. Nos três ou quatro meses seguintes, eu me sentia eufórica e agitada sempre que trabalhávamos juntos — e fiquei bem triste quando ele entrou de férias e foi substituído por um freelancer.

Fisicamente, estava sempre muito consciente da presença dele. Se Hugh passasse perto de mim, os pelos na minha nuca se arrepiavam, e, se saísse da sala, eu ficava irritada e ansiosa, impaciente por seu retorno. Apesar de nossa conexão ser implícita, quando minha equipe precisava que Hugh abrisse mais cedo, diziam: “Melhor a Amy pedir. Ele vai fazer isso por ela.”

Naquela época, o Soho era a área da pegação. Todo mundo parecia dormir com todo mundo, como se estivessem colecionando figurinhas: a espanhola; o namorado de Maria; o traficante de cocaína sueco; o ajudante de cozinha do Pollo com um pau enorme; a garçonete do Coach & Horses; o modelo da Dundee; o cara japonês com black power. Talvez Hugh andasse com esse pessoal e eu fosse só mais uma pessoa para tirar da lista. “Amy do Rock Antigo, com as roupas esquisitas. É, já comi.”

Eu não seria a primeira a dormir com um homem que a princípio parecia completamente apaixonado e que, assim que conseguisse o que queria, passaria a ser um completo ignorante. Mas minha colega de trabalho, Phoebe, passou adiante a informação de que Hugh era solteiro e não saía por aí pegando todo mundo, e foi então que um rápido alívio se tornou euforia.

Foi então que uma onda de autoanálise me atingiu. A traição de Richie me transformara: a ideia de confiar em um homem me deixava apavorada.

Como um paradoxo, minha vida — que funcionava de forma eficiente — de repente me pareceu vazia e triste. Eu só tinha 27 anos: devia estar dividindo um apartamento com mais duas garotas, bebendo até cair e tendo casinhos de uma noite. Faltava diversão, espontaneidade, conexões nos meus dias. Mais uma vez, eu era a diferentona.

Não havia a possibilidade de eu considerar me envolver com Hugh só pelo sexo. A questão não era apenas Neeve, mas eu — mesmo antes de Richie fazer o que fizera, sexo casual nunca me parecera interessante. Se as coisas ficassem mais sérias, Hugh teria que

ser informado sobre a minha triste história. Mas e se eu me oferecesse de bandeja, dizendo “Aqui estão meus problemas” e ele saísse correndo? Será que dava para sobreviver a uma coisa dessas?

Foi quando veio a noite em que Hugh apareceu no meu apartamento detonado em Streatham com um muffin gigante e um kit para fazer chocolate quente.

Nós tínhamos passado a semana toda juntos — eu, minha assistente, meu cliente, o colega de trabalho dele, o dublador e Hugh, todos enfurnados no estúdio no sótão. Era uma campanha complicada e estávamos com o prazo apertado, vivendo à base de balas de goma e Coca-Cola diet, alternando-nos para reabastecer o estoque no jornaleiro mais próximo. A essa altura, eu ficava abertamente feliz na presença de Hugh, apesar de o clima entre nós continuar implícito.

Naquela noite, meu horário acabou antes de Hugh terminar de editar o trabalho do dia, mas eu precisava ouvir as fitas para me preparar para o dia seguinte.

— Pode ir — disse ele. — Vá buscar sua filha. Se você quiser, posso te entregar as fitas depois que eu acabar.

Então lhe dei meu endereço. E claro que fiquei me perguntando se alguma coisa iria acontecer. Um homem ir à casa de uma colega de trabalho pode ser considerado algo esquisito, mas, quando Hugh apareceu à minha porta, pensei: Vamos lá, estou pronta. E aí ele me deu as fitas, os chocolates, e foi embora, me deixando sem palavras de tanta decepção.

Dois dias depois, terminamos a campanha, e, como isso aconteceu duas horas antes do esperado, fomos todos para o bar. Pela primeira vez, consegui ir junto — tinha contratado uma babá, imaginando que o trabalho duraria até tarde.

Tudo isso me fez pensar que os planetas estavam se alinhando.

Mais tarde, naquela noite, encontrei Hugh no corredor. Ele tinha vindo me procurar. Bloqueou meu caminho, me colocou contra a parede e disse:

— Então.

— Então?

— Então, Bela Amy, o que nós vamos fazer?

Um choque atravessou meu corpo — aquilo finalmente estava acontecendo. Mas eu precisava colocar as coisas em pratos limpos.

— Não estou atrás de pegação.

Hugh segurou meus ombros e me fixou com um olhar, sem sorrir agora, completamente sério.

— Tenho três coisas para te contar. Sou louco por você. Isso é sério para mim. Sou tão leal quanto um cachorro.

— Tudo bem — concordei.

— Tudo bem?

— Tudo bem.

Ah, e aquele primeiro beijo. Doce e excitante, como uma trufa de chocolate meio amargo. Foi demorado e prolongado, um beijo interminável, mais emocionante e delicioso do que qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado.

Quando fomos para a cama pela primeira vez, Hugh me desembrulhou como um presente, encostou a pele nua na minha, me abraçou tão apertado que chegou a doer um pouco, e disse:

— Você nem imagina o quanto eu esperei por isso.

Naqueles primeiros dias, nossas sessões de beijo duravam uma eternidade. Por mais maravilhosos que fossem, eram uma consequência da presença de Neeve — sexo não chegava nem perto de acontecer com a frequência que eu queria, e os beijos precisavam compensar essa falta. Hugh e eu nunca tivemos a oportunidade, como muitos novos casais

fazem, de passarmos nossos primeiros meses na cama, aproveitando fins de semana longos e preguiçosos de sexo, leituras de jornal, comida e mais sexo.

Desde o início, fomos limitados por responsabilidades, primeiro com Neeve, e então, apenas quatro meses depois, engravidei de Kiara. Foi um acidente; eu tomava pílula, algo deve ter dado errado. Mas Hugh recebeu a notícia com tranquilidade.

— Talvez tenha sido um pouco mais rápido que o ideal, mas filhos sempre foram parte dos planos, não é?

Então, quando Kiara tinha só 2 anos, Sofie veio morar com a gente. (Joe tinha largado Urzula quando minha sobrinha ainda era bebê, e, na época em que ela completou 3 anos, nenhum dos dois queria se responsabilizar pela filha.)

De vez em quando, eu me incomodava por nosso relacionamento nunca ter tido uma época descontraída. Minha preocupação era mais por Hugh do que por mim mesma, mas ele sempre dispensava meus pedidos de desculpa.

— Eu amo você. Eu amo *você*.

E eu acreditava.

11

Domingo, 11 de setembro

— Então, comprei minha passagem.

Meu coração começa a se acelerar. É manhã de domingo, meio-dia, e, rabugenta e triste, continuo na cama, lendo os jornais porque isso conta como trabalho, e, enquanto eu estiver trabalhando, posso fingir que minha vida não está caindo aos pedaços. De vez em quando, o telefone apita — a foto de Hugh com a toalha mágica bombou no Facebook — com recados, tuítes e ligações perdidas. Tenho 71 mensagens não lidas no Messenger. *Setenta e uma!*

Nunca vou lê-las. Provavelmente tem uma meia dúzia de amigos verdadeiros perdidos aí, mas a maioria deve ser de adoradores de tragédias. Sei disso porque — e Deus é testemunha de que não me orgulho desse fato — é assim que eu agiria caso, por exemplo, Genevieve Payne postasse que o marido iria viajar. Inquieta. Sim. Muito. E enviaria mensagens frenéticas para descobrir se alguém sabia dos detalhes.

É apenas a natureza humana — cometemos o erro de acreditar que há um limite de desastres que podem acontecer ao mesmo tempo, e, se tem outra pessoa sofrendo, seremos poupados.

Hugh passou a manhã limpando a casa. Ele, Neeve e Kiara foram muito eficientes, batendo e chacoalhando as coisas, abrindo torneiras e chamando uns aos outros. Imagino que ele esteja tentando ser legal, como se viver com uma luminária sem poeira fosse me servir de consolo nos seis meses de sua ausência.

Eu devia estar com as meninas, mostrando que elas podem contar comigo, mas quero punir Hugh enquanto ainda posso.

Em certo momento, ele aparece na porta do quarto, fazendo cara de santo, usando luvas de borracha e carregando um balde cheio de produtos de limpeza.

— Posso arrumar o nosso banheiro?

— Não.

— Mas...

— Não, idiota. Vá embora.

E, agora, ele voltou com notícias de verdade.

— Dublin para Dubai, e de lá para Bangkok.

Estou pouco me lixando para o itinerário dele.

— Quando?

— Terça.

— Terça, depois de amanhã?

— Sim.

Ah, meu Deus. Ele vai mesmo — e tão rápido.

— Amy — diz ele baixinho —, estou fazendo a coisa certa?

Isso é uma surpresa; uma surpresa enorme, boa. Depressa, me empertigo na cama e, tentando abafar qualquer esperança na minha voz, digo:

— Você não precisa ir.

Agora estou arrependida por ter postado a foto da toalha. Vou ter que encontrar uma maneira de amenizar a situação, mas esse é o menor dos meus problemas.

Hugh senta, encolhido e tenso, fechado em si mesmo. Por muito, muito tempo, continua em silêncio, e é difícil não começar a sugerir alternativas e tranquilizá-lo.

Finalmente, ele fala:

— Desculpe. Só estou... Vou ficar bem.

A decepção é devastadora.

— Você vai mesmo? — Minha garganta parece inchada.

— Vou. Mas estou morrendo de medo. E se me assaltarem? E se eu me sentir solitário? As pessoas vão me achar patético? Um homem de meia-idade tentando ser jovem de novo?

Esse é o momento em que eu o convenço de que tudo vai dar certo.

— Antes de você comer sua primeira panqueca de banana na Khoa San Road — digo —, seu passaporte será roubado, seu cartão de débito vai ser levado por uma prostituta que te enrolou com uma história triste, e vão te botar para contrabandear drogas sem querer. É o que sempre acontece nos filmes.

Hugh ri, um pouco nervoso.

— E você vai ter que ir lá para me tirar da cadeia.

Dou de ombros.

— E se eu já tiver conhecido outra pessoa e decidir que você pode ficar por lá?

Outra risada nervosa.

— Amy, eu juro que *vou* voltar.

Quem sabe? Talvez ele só estivesse me largando de um jeito menos traumático.

— Terça-feira é 13 de setembro, o que significa que você vai voltar no dia 13 de março do ano que vem. — Ah, meu Deus, isso é uma eternidade.

— Mais ou menos.

— Mais ou menos? Não, Hugh. Não me venha com essa merda de “mais ou menos”. Esteja aqui no dia 13 de março.

— Tudo bem.

— Hugh, me escute — digo, nervosa. — Mesmo que volte, você vai estar diferente. E talvez eu também esteja. Não vai mais existir um “nós”.

— As coisas podem ficar ainda melhores — diz ele.

Em teoria. Isso presumindo que vou conseguir superar meu ciúme. Que vou conseguir viver com as partes desconhecidas de Hugh, com as garotas com quem ele trepou, com as risadas que deu, com esses seis meses que passou vivendo sem mim.

— Não vá — digo. — Por favor, Hugh, nós não vamos sobreviver. E não diga que isso é sinal de que não estamos bem o suficiente agora. A realidade é essa, e você está falando comigo. Será que não pode esperar essa tristeza passar?

— Eu tentei esperar.

— Espere um pouco mais.

Hugh faz que não com a cabeça.

— Não posso continuar assim.

Odeio as lágrimas que enchem meus olhos.

— Não posso continuar assim — repete ele. — Sinto muito, Amy.

— O Facebook — digo. — Você vai ficar postando fotos dos lugares que você estiver? Com... com quem estiver com você? — Tenho uma visão de Hugh num acampamento na praia, bronzeado,

parecendo jovem e despreocupado, cercado por mocinhas de biquíni com bandanas na cabeça. — Porque você não pode fazer uma coisa dessas. Pense nas meninas. Elas não podem ver... seja lá o quê... você sabe...

— Não vou usar o Facebook.

— É melhor mesmo.

— Amy, desculpe. Por tudo isso.

— Ah, Hugh, vá se foder!

Se ao menos eu tivesse alguém com quem conversar. A oferta peculiar de mamãe ainda está de pé, e poderíamos ficar de bobeira, tomando vinho, mas meu mundo já foi abalado o suficiente, e não vou ser capaz de lidar com uma mãe agindo de um jeito bizarro.

Como se o universo tivesse escutado minha necessidade de ter uma confidente, meu telefone toca. Mas fica óbvio que o universo é meio surdo, porque a pessoa do outro lado da linha é Maura. De novo. Já tenho três ligações perdidas dela. Quando passa desse número, ela começa a fazer visitas, o que seria péssimo por vários motivos. Talvez ela resolva passar um sermão em Hugh, e pode ser até que ele mereça, mas isso não me ajudaria em nada.

Suspiro e atendo.

— Maura?

— Você está bem? Já sabe quando ele vai?

— Não. — Ainda não posso contar a ela. Não estou pronta para o dramalhão.

— Sabe de uma coisa, você está dando uma de Bode Expiatório.

Maura fez um curso que explica os papéis adotados por famílias com pais ausentes. Pelo visto, há cinco deles: o Herói, o Bode Expiatório, o Zelador, a Criança Perdida e o Mascote. Como Maura era obviamente a Heroína, ela adorava essa análise. Declyn, o O'Connell mais novo e mais fofo, era o nosso Mascote. Ela tinha dificuldades em classificar Joe, Derry e a mim nos três papéis restantes, mas, basicamente, acha que nós três somos Bodes Expiatórios. Até Declyn entrou na roda por um tempo, quando se assumiu gay.

— Se Hugh não for — continua ela —, retiro o que disse. Mas, por enquanto, digamos que você está na fase anterior ao Bode Expiatório.

Talvez seja melhor eu aceitar que sou a líder dos Bodes Expiatórios.

— Tchau, Maura.

— A gente se fala mais tarde.

Infelizmente, tenho certeza de que sim.

Volto para o meu iPad e os jornais de domingo. O *Times* tem uma matéria enorme e positiva sobre o meu cliente Bryan Sawyer, o triatleta britânico que foi filmado no início do ano roubando colheres de chá do restaurante de Marcus Waring. Bryan fez pouco caso do roubo, dizendo que tinha sido uma aposta. Então, sua ex-mulher vendeu uma história dizendo que ele tinha um histórico de cleptomania e que já afanara inúmeros guardanapos de pano do restaurante de Jamie Oliver. (Ela foi fotografada, fazendo cara de triste, numa mesa posta para doze pessoas, com um dos guardanapos de Jaime ao lado de cada apoio de prato.)

Um dono de hotel veio com outra história: pelo visto, Bryan tinha roubado duas toalhas dele. Então outro hoteleiro o acusou de roubar sete cabides de madeira. A mídia foi à loucura, os patrocinadores de Bryan o abandonaram, e ele estava péssimo quando veio me procurar, cinco meses atrás.

Ainda bem que gostei dele — é um homem complicado, vulnerável, que teve uma infância difícil —, porque, por pior que esteja a situação da Escotilha, não ajudamos pessoas que não mereçam. Foi difícil reconstruir a vida pública de Bryan — trabalhos de caridade, uma presença em mídias sociais cuidadosamente planejada e uma admissão pública de seu problema de cleptomania. Não é educado ficar contando vantagem, mas estou arrasando: dois patrocinadores voltaram atrás, e a matéria de hoje é um sinal de que meu trabalho está quase terminado. Vários outros jornais vão publicar notas positivas em edições vespertinas — algumas críticas virão, como sempre, mas nada que cause muito impacto.

Em qualquer outro dia, eu me sentiria triunfante, e provavelmente recebi algumas mensagens de parabéns no meio da enxurrada de xeretas, mas é arriscado demais olhar.

A situação de Bryan Sawyer não me causa só orgulho profissional, mas também é um importante consolo financeiro: vou receber uma porcentagem dos seus patrocínios, e, francamente,

isso não podia ter vindo em hora melhor. Mesmo sem as férias de seis meses de Hugh, estamos em uma situação apertada. Meu salário é imprevisível, e raramente sobra muito depois da minha cota das contas.

É claro que vou ter acesso ao nosso “pé-de-meia” cada vez mais inexistente enquanto Hugh estiver fora... Uma raiva imensa explode no meu peito. Era tão *bom* ter aquele dinheiro. Saber que muitos dos nossos problemas de casa seriam resolvidos era um prazer indescritível, e, agora, Hugh — o babaca do Hugh — estava prestes a queimar tudo com aquela crise de meia-idade.

Mas será que estou sendo injusta? O dinheiro tinha vindo do pai *dele*. E Hugh tinha separado uma grana para a *minha* sobrinha ir para a faculdade, já que os pais biológicos dela têm problemas financeiros desde sempre e já desistimos de pedir por ajuda faz tempo. Além disso, a renda de Hugh é bem maior que a minha, de modo que ele sempre contribuiu mais do que eu para nossa conta conjunta sem nunca reclamar.

É muito confuso julgar o que é certo e errado nessa situação.

Passo os olhos pelo resto dos jornais, sempre pensando em trabalho. Qualquer celebridade que esteja em maus lençóis e precise ser reabilitada aos olhos da opinião pública é um cliente em potencial.

Mas minha cabeça já parou de funcionar; jogo o iPad na cama, desabo sobre os travesseiros e analiso meu sofrimento. Essa situação me lembra demais de quando Richie me largou. Na época, depois de um tempo de recuperação, jurei para mim mesma que jamais seria aquela mulher de novo, mas cá estou, sendo aquela mulher. Esse é o sentido da vida? Fazer a gente encarar nossos piores medos até que eles parem de nos assustar?

Será que talvez sejamos até cúmplices, no nosso subconsciente, da sua manifestação? Foi isso que eu mesma fiz? Porque surge na minha mente uma história vaga, talvez um mito ou uma lenda, sobre as pessoas encontrarem seu destino no caminho que tomaram para evitá-lo. É óbvio que pensei que, ao escolher Hugh, eu tinha escapado do meu destino de ser largada, mas — apesar de ter demorado bastante tempo para acontecer — acabei me envolvendo com a pessoa exata para repetir aquelas circunstâncias.

Nossa, que desanimador.

Talvez eu devesse simplesmente me sentir grata por ter tido mais de dezessete anos felizes com ele. Ultimamente, tenho visto várias matérias que falam que não temos mais uma única “alma gêmea”, mas várias. Cada relacionamento tem um tempo de validade embutido, que cedo ou tarde será alcançado, e então chega a hora de passar para a próxima pessoa.

O problema é que pensar nisso é deprimente demais. As coisas vão acontecer de qualquer jeito; por que não adiar as preocupações até que elas sejam inevitáveis?

E pode ser que tudo dê certo. As pessoas superam coisas piores. Bem, bem piores. O espírito humano sabe ser resistente e todo esse blá-blá-blá.

12

Dezessete anos atrás

Depois que engravidei de Kiara, nossa vida mudou com uma velocidade assustadora.

— É melhor voltarmos para a Irlanda — disse Hugh. — Temos uma família agora. Precisamos comprar uma casa e não podemos bancar nada com os preços de Londres.

Na verdade, também não podíamos bancar os preços irlandeses — ainda estávamos passando por um boom econômico. No entanto, apesar de as casas estarem custando nas alturas, os salários também eram bons. Havia um monte de vagas na área de relações públicas, como é de esperar numa economia lotada de gente feliz e desesperada para gastar sua recém-adquirida fortuna (que era uma ilusão, mas nenhum de nós sabia disso na época).

Testando o terreno, ainda muito nervosa com a reviravolta na minha vida, mandei currículo para duas vagas em Dublin, e, mesmo depois de "admitir" que estava grávida, as duas empresas queriam me contratar, me dar uma licença-maternidade remunerada por seis meses e depois me receber de volta. Foi como eu disse: esse tipo de coisa não aconteceria hoje em dia, agora que já passou o boom econômico, de jeito nenhum.

Atualmente, minhas amigas com idade de ter filhos e que trabalham em empresas de certo porte dizem que a vida é como um romance distópico no qual as mulheres são obrigadas a tomar sua pílula numa cerimônia pública no escritório todas as manhãs. ("Eles não desgrudam o olho de você. Não se pode nem mais vomitar por causa de ressaca ou engordar meio quilo. Se desconfiarem que está grávida, imediatamente te colocam para o pior projeto do mundo e te forçam a pedir demissão logo.")

Quando perguntei a Hugh se achava que seria fácil encontrar emprego em Dublin, ele disse:

— Não vou ter problemas. — E então foi um pouco mais evasivo. — Faz um tempo que eu e Carl estamos pensando em abrir nosso próprio estúdio. Talvez agora seja o momento certo.

— Como você faria isso?

— A gente pegaria um empréstimo.

— Ao mesmo tempo que começaríamos a pagar nossa hipoteca? Não ficaria muito pesado para nós?

— Vamos conseguir pagar tudo — disse ele. — Só vai ficar um pouco apertado.

— Maravilha, ótimo, tudo bem.

— E outra vantagem de voltar para Dublin — disse ele — é que, com nós dois trabalhando, nossas famílias podem nos ajudar.

— Com a família que eu tenho, não sei se isso é uma vantagem.

Hugh riu.

— Deixa disso. Se ficarmos presos no trabalho, Maura pode buscar Neeve na escola. Se limitarmos a exposição a intervalos curtos, o trauma será menor. E Declyn pode ficar de

babá se a gente resolver sair algum dia novamente. Além disso, também tem a minha família.

Ah! A família de Hugh! Eles eram *maravilhosos*.

Sua mãe era carinhosa, gostava de distribuir abraços e comida; o pai tinha olhos divertidos, era tranquilo e sabia consertar as coisas. Ele tinha uma caixa de ferramentas azul gigante que abria como um acordeão, e, lá dentro, arrumadas com uma lógica e uma organização que enchiam meu coração de felicidade, havia todas as ferramentas que alguém poderia precisar na vida.

O pai de Hugh era o oposto do meu — todas as fotos na nossa casa estavam tortas na parede, se é que tinham sido penduradas. Fios retorcidos saíam ameaçadores de tomadas quebradas, e suas tentativas de consertar qualquer coisa sempre terminavam com ele perdendo a paciência, jogando a ferramenta e o parafuso do tamanho errado no chão, gritando “Essa porcaria não serve pra nada!” e indo embora batendo os pés.

Provavelmente por ser tão velha, sempre havia algum problema na nossa casa — torneiras caíam, dobradiças de porta enferrujavam, pedaços de gesso despencavam do teto no nosso jantar —, mas aprendemos a ignorá-los. Num inverno, também desenvolvemos surdez seletiva. Enquanto assistíamos à televisão na sala de estar, o aquecedor velho rangia tão alto quanto uma britadeira furando uma pedra. A vibração ensurdecedora começava todo dia às cinco da tarde, quando o aparelho era ligado, mas nossa solução era simplesmente aumentar o volume da televisão a ponto de ela berrar, porque não queríamos nem pensar na alternativa: papai pegar uma chave-inglesa na gaveta da cozinha e ficar batendo no aquecedor até piorar a situação, talvez inclusive soltando-o da parede e fazendo-o espirrar água enferrujada e escaldante pela sala, que foi o que aconteceu quando ele “consertou” o aquecedor do corredor.

Quando mamãe estava lá para testemunhar as peripécias de papai, a trilha sonora era de risadas abafadas, mas a maioria de minhas lembranças é de sentir um frio no estômago. Não é de surpreender que eu tenha gastrite crônica agora — e que tenha me apaixonado por toda a família de Hugh: minha fantasia era ter crescido numa casa como aquela.

Na nossa família, vivíamos à base de batatas assadas e feijão, porque era só isso que Maura sabia cozinhar. Mas a mãe de Hugh fazia bolos e tinha determinado um prato diferente para o jantar de cada dia da semana. Às vezes, eu pedia a Hugh para recitar o cardápio.

— Mas você já sabe de cor — reclamava ele.

— Ah, fale, Hugh!

— Tudo bem. Domingo é dia de frango assado. Segunda, de curry feito com as sobras. Na terça é ensopado. Quarta, torta de cordeiro. Quinta, macarrão. Sexta, peixe e batata frita. E...

— ... sábado, carnes frias e salada. — Eu suspirava, encantada.

— Mas era tão chato, Amy, e quarta-feira era um martírio, porque torta de cordeiro é o pior jantar do mundo.

— Nossa vida pode ser assim? — perguntei. — Quando nos mudarmos para Dublin e virarmos adultos com uma família?

— *Talveeez.* Mas nada de torta de cordeiro.

— Ótimo. Nada de torta de cordeiro. Mas nós vamos ter rotinas preestabelecidas, Hugh. — Eu mal podia esperar.

Numa maré de otimismo, porém completamente despreparados, chegamos a Dublin em 2000 e nos mudamos para a casa de três quartos em Dundrum onde ainda moramos. Comecei no meu emprego novo de imediato. Foi lá que conheci Tim e Alastair.

Além dos pais lindos, Hugh tinha dois irmãos mais velhos e um mais novo, todos deliciosamente normais. Neeve foi recebida de forma muito calorosa, embora fizesse questão de ficar lembrando:

— Você não é minha avó de verdade. Você não é meu tio de verdade.

— Tem razão — respondia a vovó Sandie de mentira ou o tio Carl de mentira. — Sabemos que não somos de verdade, mas podemos amar você também?

— Acho que sim — cedia Neeve. — Vocês só não podem esquecer que sou meu pai cuspido e escarrado.

(Na época, as únicas roupas que ela aceitava usar eram o uniforme do time Rotherham United — blusa vermelha, short branco e meias vermelhas até os joelhos. Seu cabelo louro-acobreado era cortado curto, e ela parecia tanto com Richie que as pessoas às vezes a reconheciam. Um torcedor do Rotherham visitando Dublin para uma despedida de solteiro chegou a declarar:

— Você parece o Richie Aldin em miniatura.

— Ele é meu pai.

— Dá para ver, cara. Você é ele cuspido e escarrado.

Neeve sussurrou para mim:

— Ele achou que eu fosse um menino. — Estava toda alegre. — O que quer dizer "escarrado"?

Por anos, quando lhe perguntavam o que queria ser quando crescesse, ela respondia: "Jogadora de futebol profissional, como meu pai.")

Para minha tristeza, a avó, o avô e o tio Aldin de verdade recusaram todas as minhas tentativas de serem apresentados a Neeve. Richie, ainda jogando futebol para algum time do norte da Inglaterra, casara-se outra vez, e os Aldin pareciam ter resolvido sofrer uma amnésia coletiva sobre o primeiro casamento. O que me deixava arrasada, por Neeve.

Enquanto isso, meus irmãos invadiam nossa vida, se metendo em tudo sem limites, mas com boas intenções.

Eles nos ajudaram com coisas práticas — jantares congelados, escadas e baldes para colocarmos papel de parede na casa, um carro emprestado até conseguirmos comprar o nosso. Mais importante: ofereceram ajuda financeira, porque — quem diria? — comprar uma casa no mesmo mês em que se abre um estúdio de gravação pode raspar sua conta bancária.

Maura nos emprestou dinheiro, assim como papai. Ele ofereceu — eu jamais teria pedido, porque papai sempre nega quando alguém lhe pede qualquer coisa. Ele não era maldoso, só do contra.

Tentar deixar a casa pronta para a bebê ao mesmo tempo que trabalhava feito louca era um plano bem ambicioso, e eu ainda estava desempacotando caixas da mudança quando a bolsa estourou.

— Está cedo demais — choraminguei. — Ande, vamos abrir mais uma caixa enquanto ainda posso!

— Não! — Hugh estava em pânico, enlouquecido. — Largue essas caixas. Você vai pra porra do hospital.

Kiara nasceu após um trabalho de parto que durou seis horas e quase não doeu — dando sinais desde o início de como pretendia passar a vida, sempre uma criança amável; tão diferente de Neeve, que me torturou por 34 horas quando resolveu vir ao mundo.

Então voltei do hospital, e, apesar de Kiara ser muito boazinha, ainda assim ela era um bebezinho, Hugh estava montando o estúdio, Neeve estava confusa e tudo era um caos. Nada parecia estável — a gente vivia se esforçando para não deixar a peteca cair e nunca conseguimos seguir as rotinas rígidas da minha fantasia.

Eu planejava criar cronogramas, até tentei criar um cronograma para a criação dos cronogramas, mas era impossível. Faltava um monte de coisa — tempo, energia e dinheiro, *especialmente* dinheiro, nunca alcançamos um equilíbrio financeiro —, mas estávamos nos virando bem.

Hugh era dedicado cuidando de Kiara (e de Neeve, quando ela deixava). Ele se mostrava obediente e sabia acatar ordens. “Faço tudo que você quiser, mas preciso de instruções.”

Ele cozinhava, mais ou menos, se tivesse uma receita, mas fiquei surpresa mesmo quando descobri que ele sabia costurar. Algum problema acabaria aparecendo, certo? (Não estou falando de fazer bordados como os caras hipsters fazem, mas ele conseguia prender botões em camisas e etiquetas de nomes no uniforme de Neeve.) “Minha mãe me ensinou a costurar para que eu conseguisse cuidar de mim mesmo quando morasse sozinho.” (A mãe dele gostava de artesanato, e foi assim que fizemos amizade. Ela gostava de tricotar, eu preferia costurar, mas entramos em um curso de feltragem juntas, e, por um tempo, todos os presentes de Natal e aniversários que dávamos era um chapéu ou uma bolsa de feltro.)

Um homem ajudar com os afazeres de casa não devia ser digno de nota, mas Hugh era tão aplicado a suas tarefas que eu às vezes sentia pena dele. Lembro-me de ter cambaleado pelas escadas certa madrugada, depois das duas, e encontrar Hugh na cozinha, colocando purê de cenoura em potinhos para congelar para os jantares de Kiara.

— O que você está *fazendo*? — perguntei.

— Você deixou um bilhete pedindo.

— Não quis dizer para fazer isso no meio da madrugada, Hugh. Você podia ter esperado até amanhã.

— Mas vou sair cedo.

— Droga. Tudo bem. — Comecei a ajudar a fechar as tampas e tive que rir. — Ah, Hugh, veja só como são as coisas! Outro dia mesmo você era um cara solteiro com o Soho inteiro para transar. Agora, está enfurnado no subúrbio de Dublin, pai de duas meninas, e uma não é nem sua. Muita bondade a sua em “assumir a criança”.

“Assumir a criança” era nossa piada interna, porque papai realmente disse para ele: “Foi legal da sua parte assumir a filha de outro camarada. Eu não faria uma coisa dessas nem morto.”

E, mesmo que ninguém mais dissesse isso, o assunto acabava sendo insinuado sempre que me davam uma olhada sentimental, apertavam meu ombro com força e diziam: “Você arrumou um cara ótimo, Amy. Um cara *maravilhoso*.”

— E aqui está você, no meio da madrugada, fazendo purê de cenoura. Onde foi que as coisas deram errado?

Hugh ergueu o olhar e sorriu.

— Querida, o que nós temos é sério. De verdade. Pra valer.

13

— Mãe! — Kiara parece nervosa. — Vá se arrumar.

Sonolenta, eu a encaro. Que dia é hoje? Segunda? Já está na hora do trabalho? Não, ainda é domingo — eu tinha caído no sono, provavelmente por ter passado a última semana inteira sem dormir direito, mas é sempre um erro tirar uma soneca no meio da tarde: levo uma eternidade até me sentir acordada e depois não consigo dormir à noite.

— Vamos! — diz Kiara. — Está na hora do cinema!

Ai, meu Deus. Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Não posso ir. Várias pessoas do Facebook vão estar lá, terão visto meu post — vou acabar sendo o centro das atenções.

— Querida, você ficaria chateada se...?

— Ficaria — responde ela. — Esta é nossa última merda de saída como família sabe-se lá por quanto tempo, então, sim, eu ficaria chateada.

Levanto da cama num pulo. Kiara nunca fala palavrão e sempre coloca os outros em primeiro lugar. Mas a vida com que se acostumou está prestes a ser interrompida, talvez para sempre. Vou cambaleando para o banheiro.

— Tome uma ducha — diz ela. — Vou fazer café e escolher uma roupa para você.

— Obrigada. — Minha língua parece inchada.

Fico parada sob o jato de água quente, feliz por Kiara ter sido direta comigo. Recebi um recado bem claro: desabar não é uma opção. Não sou a única pessoa afetada pela partida de Hugh: tenho que cuidar de Kiara, Sofie e Neeve antes de cuidar de mim mesma.

Ela está me esperando com uma xícara de café e dois vestidos — um midi, azul-escuro, meio steampunk, e outro midi, vermelho-escuro, meio steampunk. Minha “consultora de estilo” do Ajude os Idosos é ótima para encontrar peças no estilo vitoriano que ficam

ótimas se eu não colocar acessórios demais. Tipo um chapéu em miniatura, por exemplo. Ou uma bolsa de médico.

— Qual dos dois? — Kiara ergue os vestidos.

Eu preferia uma calça jeans, mas minha filha, intuitiva como sempre, entende que roupas bonitas têm poder.

Na verdade...

— Dane-se, quero meu vestido chique!

— Uau. Vai pegar pesado!

Ela tira do armário meu vestido midi verde-musgo, com gola alta e babados, tão sexy quanto um saco de batatas. Hugh nunca achou ruim que eu evitasse roupas justas. Ele até tem o hábito de me mostrar vestidos que batem no tornozelo com mangas chamativas porque sabe que esse é o tipo de coisa que me deixa à vontade. Homens assim são raros.

Pois é, penso, tão raros que não existem de verdade. Afinal de contas, ele vai me largar para passar tempo com menininhas que provavelmente usam shorts desfiados curtos e collant minúsculos de Lycra. Desolada, coloco uma meia-calça.

— Quer seu sapato boneca? — pergunta Kiara.

Hesito. Um tempo atrás, li uma matéria dizendo que nenhuma mulher com mais de 17 anos deveria usar sapatos boneca e, desde então, ando com vergonha dos meus. Outra matéria dizia que você tem que encontrar seu estilo e se comprometer com ele. Era isso o que eu tentava fazer, mas a história dos sapatos me deixava hesitante.

— Ou suas botas da Miu Miu? — Ela percebeu minha hesitação.

— As botas — respondo rápido.

Elas são as melhores botas do mundo — impactantes, pesadas, de salto, pretas e com cadarço. Foram um presente para mim mesma em comemoração ao contrato com Perry White, e, ainda assim, tive que esperar até estarem com sessenta por cento de desconto. Na teoria, sou pelo menos vinte anos velha demais para usar Miu Miu, mas as botas combinam comigo, então ignoro quaisquer berros de “Ei, sua doida!”.

Na verdade, fora as vozes na minha cabeça, a única pessoa que zomba de mim mesmo é Neeve, e não tenho nem como expressar meu alívio por meus pés serem dois tamanhos menores que os

dela, porque a garota rouba tudo que tenho de bom. (E então Kiara rouba de volta e me devolve, como um cãozinho fiel.)

— Esta bolsa? — Ela exibe uma clutch bonitinha.

— Carente demais.

O dia de hoje pede por uma bolsa que saiba cuidar de si mesma. Minhas mãos talvez sejam necessárias — uma imagem súbita e indesejada de mim mesma abrindo caminho entre uma multidão, com todos querendo saber os detalhes horrendos das férias de Hugh, surge como um filme de terror.

— E esta? — Ela apresenta minha bolsa de ombro resistente.

— Perfeita.

Nós não vamos para um cinema normal, onde você senta no meio de uma horda de adolescentes mandando mensagens de texto e engolindo cachorros-quentes gigantes. Vamos para um *clube* cinematográfico, que acontece no cinema do bairro todos os domingos às cinco da tarde, no período letivo. As sessões recomeçaram na semana passada, quando as férias de verão acabaram. Os filmes são (talvez você já até imagine) estrangeiros, e, entre cervejas artesanais e tapas bascos, o evento *cheira* a classe média.

Mas as meninas gostam de ir. Na verdade, para ser sincera, *eu* gosto de ir. Os filmes em si variam: alguns são fofos, e outros — especialmente os iranianos —, muito confusos. Mas a melhor parte é que Neeve costuma vir também e manter um cessar-fogo. Depois da sessão, com frequência levando conosco Jackson, o namorado de Sofie, vamos para o Wagamama e conversamos sobre como o filme foi doido (se fosse o caso; felizmente, na maioria das vezes era).

Com seu jeito nada especial, o ritual todo faz com que eu me sinta grata pelo que tenho, e, apenas uma semana atrás, resumia minha vida. Agora, é horrível pensar que não saboreei cada segundo daquilo. Como todo mundo, meu foco sempre estava nas minhas preocupações — a ladainha de Neeve de “Meu Pai de Verdade É o Melhor Pai do Mundo”, a pobre Sofie e suas batalhas alimentares, minha ansiedade eterna com dinheiro. Em vez disso, eu devia estar agradecendo.

— Vamos! — grita Hugh do andar de baixo. — O estacionamento vai lotar!

Sabe, estou até sentindo saudade de sua irritação eterna por morar numa casa cheia de mulheres atrasadas.

— Sofie vem hoje? — pergunto para Kiara.

— Não sei. Ela não respondeu às mensagens do papai.

Ela também não tinha respondido às minhas, e de repente fico furiosa com Hugh de novo, porque ele não está abandonando só a mim, mas a todas nós. Sempre acho mais fácil ficar com raiva pelos outros. Pobre Sofie, coitadinha...

14

Catorze anos atrás

Hugh, Neeve, Kiara e eu seguíamos com nossa nova vida em Dublin, eternamente exaustos e focados num futuro distante onde tudo estaria sob controle. E então, pouco depois do segundo aniversário de Kiara, Sofie, aos 3 anos, chegou à Irlanda.

Joe tinha largado Urzula poucas semanas depois do nascimento da filha. Urzula se esforçara ao máximo para sustentar a si mesma e a Sofie na Letônia, mas não tinha dado certo. Depois de três anos de dificuldades, ela arrumou um emprego como garçonete num cruzeiro (isso foi antes de descobrir sua vocação como pentelha de gordos). O salário era bom, mas seria impossível levar a filha junto.

Então Sofie foi despachada para Joe, que tinha voltado para Dublin.

Ela chegou quase selvagem — ainda usava fraldas, quase não falava, não fazia contato visual e, se comia, usava as mãos. Era chocante e vergonhoso: aquela era a minha *sobrinha*. Eu devia ter descoberto o que estava acontecendo e ajudado.

Num piscar de olhos, Joe se deu conta de que não conseguiria manter um emprego em tempo integral *e* cuidar da filha. O que era uma babaquice completa, porque, se ele fosse mulher, todo mundo esperaria que fizesse isso. Um monte de mulheres vive assim. Um monte de homens também, sejamos justos. Mas não Joe.

Ele começou a empurrar Sofie para cima de mim, Maura ou Derry. Apesar de todos nós tirarmos sarro da cara de Maura, ela tem um coração de ouro, mas ficava nervosa quando tinha que tomar conta de criancinhas. “Eu volto para a minha infância traumática. É por isso que nunca tive filhos.” (Maura fez muita terapia. Não adiantou de muita coisa. Bem, pelo menos ela entende seus ataques de raiva. Isso deve contar para alguma coisa.)

Quanto a Derry, ela teve razão em presumir que, como uma mulher solteira sem dependentes, era a candidata mais provável para o trabalho — e de jeito nenhum concordaria com isso. A coisa que Derry mais valorizava na vida era a independência.

Então restava eu. E Hugh, é claro. E, desde o início, a única pessoa em quem Sofie parecia confiar era ele.

Algumas pessoas têm essa qualidade — os cachorros geralmente sentem. Tipo, se eu estivesse com meu marido numa sala cheia de gente e um cachorro aparecesse, você praticamente veria o Totó pensar: Ah, gostei *daquele* ali. E seguiria direto para Hugh.

Então, quando Joe deixava Sofie na nossa casa, ela ficava parada num canto, encarando o chão, e devagar, com seus passinhos discretos, se aproximava de Hugh. Subia no sofá e se apoiava contra ele, que, depois de um tempo, erguia o braço, e ela pressionava os ossinhos contra a barriga encamisada dele. Hugh era o único que conseguia convencê-la a comer, e ninguém mais tinha permissão de desembaraçar seu cabelo louro-acinzentado.

Quando Joe voltava para buscá-la — sempre tarde, e com frequência muito tarde —, Sofie tocava o rosto barbado de Hugh com suas mãozinhas e o cobria de beijos, e então, derramando lágrimas silenciosas e assustadoramente adultas, ia embora.

— Como é que Hugh tem tanto jeito com crianças? — perguntou-me Steevie certa vez.

— Não faço ideia. Hugh é o segundo mais novo da família dele, então não é como se tivesse aprendido cuidando dos irmãos menores.

— Talvez ele só seja uma pessoa boa. — Steevie não parecia acreditar muito nisso.

— Pode ser...

Estávamos sempre preocupados com uma solução para Sofie. Ela passava tanto tempo na nossa casa que a ideia de ela se tornar oficialmente parte da família parecia cada vez mais inevitável. Mas Hugh já tinha “assumido” a filha de outro homem — não que as coisas fossem postas desse jeito. Desde o início, ele recebera Neeve com o coração aberto (e a recíproca estava bem longe de ser verdadeira).

Mas nós dois parecíamos dividir o mesmo cérebro, então não foi uma surpresa quando, na manhã de um sábado, Hugh me sacudiu levemente para me acordar.

— É melhor sairmos agora, antes que as lojas encham — disse ele. — Vamos comprar uma cama para Sofie. Ela precisa vir morar com a gente.

Achei que meu coração fosse explodir de tanto amor.

Decidimos que ela dividiria o quarto com Kiara até arrumarmos dinheiro para reformar o sótão, então compramos uma cama branca, que pintamos de rosa porque Sofie era muito, muito menininha. Foi mais difícil encontrar uma capa de edredom adequada: nada era bonito o suficiente.

— Você não poderia dar um dos seus jeitinhos? — perguntou Hugh. — Costurar uma com aquelas coisas brilhantes e bonitas da sua caixa de costura?

Eu colecionava retalhos de tecidos lustrosos e itens que só podiam ser chamados de “bugigangas de armarinho”: flores de lantejoulas, laços purpurinados e tule transparente. Tudo vinha de bazares e festinhas de escola na esperança de que pudessem ser úteis um dia. Enquanto criava um edredom digno do País das Maravilhas, foi bom sentir a confirmação de que meu instinto estava certo.

Quando Sofie viu a cama rosa lampejante e cintilante, ficou olhando para o móvel, depois para nós, e sussurrou:

— É minha?

— É sua — dissemos.

Ela se aproximou devagar, como se tivesse medo, então subiu lentamente e começou a analisar os detalhes da capa, admirando e soltando exclamações ao descobrir borboletas, joaninhas e rosas.

— Mágica de fadas! — anunciou com um sorriso enorme.

Hugh apertou meu ombro com tanta força que doeu. Nós dois estávamos nos esforçando para não chorar.

Assim, Sofie se mudou para nossa casa e abandonou as fraldas quase que da noite para o dia. Começou a falar frases inteiras. Dormia a noite toda, parou de chupar os dois dedos do meio o tempo todo, passou a chamar Hugh de “pai” (eu continuava sendo “Amy”), nunca perguntava sobre a mãe — o que era bom, porque as ligações dela eram raras — e tratava Joe com uma indiferença afável.

Ao contrário da pobre Neeve, que continuava obcecada com o pai biológico, sua nova mulher e as filhas, Sofie desabrochou sob nossos cuidados.

15

— Se vocês ainda quiserem ir — grita Hugh da cozinha —, precisamos sair AGORA!

Desço correndo as escadas e o vejo lá com Neeve, revirando uma pilha de coisas ao lado do escorredor de louça.

— É este? — Ele ergue um frasco de batom.

— Não — responde ela.

— Este? — Outra cor.

— Não.

— E este?

— *Siiiiim.* — Neeve pega o batom líquido dele.

— Passe no carro! Não temos tempo.

E, graças a Deus, lá vem Sofie, andando até a porta. Mas, para minha total surpresa, sua cabeça está raspada.

De certa forma, ela está bem fofa, tipo um patinho, com as pontinhas louro-acinzentadas espetadas e os olhos azuis enormes. Mas também poderia dizer que parece uma pessoa da idade média pagando penitência, tentando compensar algum pecado obscuro. Ela vai direto para os braços de Hugh e cai no choro apoiada em seu corpo. Ele a abraça apertado e a deixa chorar. Depois de um tempo, Sofie se afasta, lhe dá um tapinha no braço, abre um sorriso choroso, e os dois são amigos de novo.

— O que você fez com seu *cabelo*, sua doida? — indaga Neeve.

Ainda bem que alguém puxou o assunto.

— Coloquei aplique — responde Sofie.

Todos rimos.

— Jackson vem? — pergunta Hugh, seguindo para a porta da frente.

— Vai nos encontrar lá.

— É melhor eu trocar de calça jeans? — hesita Neeve.

— NÃO! — todo mundo grita.

Discutindo, falando um por cima do outro e terminando os últimos detalhes da arrumação, nós cinco finalmente entramos no carro, e Hugh dá a ré com os pneus cantando.

No cinema, geralmente entro com as meninas enquanto Hugh estaciona, mas, hoje, fico no carro porque acho melhor chegarmos juntos e dar uma PUE (Prova de União Extrema).

Ele recebeu instruções sobre como proceder, então entramos pelas portas automáticas abraçados e paramos por um instante para todos os interessados darem uma bela olhada. *Vejam só. Meu marido pode até estar me largando por seis meses, talvez até para sempre, mas nós parecemos bem unidos, não é?*

No saguão de entrada, os vendedores de bebida estão a toda — mulheres com olhos tristes girando taças de Merlot como se tivessem acabado de descobrir que a safra de uvas foi arruinada, e pais suburbanos tentando ser moderninhos entornando cerveja artesanal e comendo presunto basco assustadoramente caro. ("Tratados a pão de ló, alimentados com ração cara, choram fácil e adoram reprises de *Columbo*.")

Algumas cabeças se viram na nossa direção, mas não é tipo a cena em *E o vento levou...* em que Scarlett O'Hara faz um baile inteiro parar porque foi pega com a boca na botija com Ashley Wilkes. (Os detalhes específicos me fogem à mente.)

Hugh começa a andar, mas aperto sua cintura. *Ainda não.* Mais alguns segundos para fixar a imagem na cabeça de todo mundo. Eu me sinto falsa e exposta e me pergunto se é assim que mulheres de políticos em desgraça se sentem, tirando fotos que dizem Tudo Bem Aqui, Não Há Nenhuma Homossexualidade ou Fraude com que se Preocupar.

Tudo bem. Já basta. Paro de apertar Hugh um pouco, e então alguém dá um encontrão, fazendo nós dois cambalearmos para a frente.

— Desculpe! — grita a pessoa.

— Não, não, desculpe a gente!

— Não, desculpe *a gente*.

Todos sentimos muito, mas, enquanto o outro casal se afasta, escuto um deles dizer para o outro:

— Mas que raios eles estavam fazendo parados ali?

Vejo Petra Pomposa.

— Certo — digo para Hugh. — Petra está ali. Você pode ir para o bar.

Petra está bebendo um belo Merlot, mas, quando me vê, vem correndo na minha direção.

— Meu amor. — Ela fala como se tentasse não mover a boca. — Mandei um bilhão de mensagens para você. — E me puxa para perto. — O que está *acontecendo*?

Mais uma vez, fico paranoica. Será que todo mundo aqui está me olhando com pena enquanto comem suas anchovas caras? Mas uma olhada rápida não me mostra nenhum movimento anormal.

— Hugh vai passar os próximos seis meses viajando.

— Como assim?

— Ele vai sair da Irlanda e ir visitar outros países. Vai passar seis meses fora.

— Sem você? Que porra é essa?

Geralmente, adoro ouvir Petra Pomposa xingar.

Dou de ombros.

— Ele quer viver uma realização pessoal.

— Realização *pessoal*? — Petra parece tão desdenhosa que acho melhor não usar mais esse argumento.

— Talvez ele mereça um tempo de folga por bom comportamento.

O rosto dela é uma mistura de curiosidade e pena.

— Mas... desculpe me meter, mas isso também é um tempo de folga por mau comportamento? — Petra Pomposa está obviamente horrorizada. — Amy, mas que... que coisa horrível, não é? Você está bem?

— Ainda não sei. Acho que só vou descobrir quando ele for. Que vai ser na manhã de terça.

— Já? Você sabe que eu te amo. — Petra me olha nos olhos. — E não sou só eu, você tem bons amigos. Juntos, vamos cuidar de você.

Normalmente, odeio que sintam pena de mim, mas estou cansada e assustada e tão triste.

— Você pode ir me visitar sempre que precisar, dia ou noite. Pode até se mudar para lá se quiser.

Feijão, penso. *Feijão no meu cabelo.*

Petra percebe no que estou pensando.

— São aquelas duas pestinhas, não é? — Os olhos dela estão brilhantes demais. — Elas estragaram a minha vida, Amy. Estão arruinando minhas amizades. Minha carreira. — Petra trabalha numa galeria de arte. — Ei — diz ela —, você vai à inauguração quinta à noite?

Penso no assunto. E então:

— Não.

— Ah, Amy, vá. Vai ter vinho.

— Tenho vinho em casa.

— Vai ser bom para você. Uma oportunidade de aprendizado.

A gente sempre discorda sobre isso. Eu gosto de cenas rurais ou vilas pintadas de forma simples: elas fazem com que eu me sinta segura. Petra gosta de arte deprimente, sombria, "desafiadora". Tipo, *por quê*? A vida já é desafiadora o suficiente. Por que acrescentar ainda mais problemas?

— Se você for — ela se esforça para soar convidativa —, pergunto ao marchand se ele sabe alguma coisa sobre sua artista misteriosa.

Uma das minhas muitas, muitas obsessões é uma artista da Sérvia.

Sabe quando você vê algo tão fenomenal de bonito — tipo uma palheta de sombras da Tom Ford em tons prateados e cinza? Ou aquelas bolsas decoradas da Miu Miu? E sente quase como se tivesse levado um soco?

Bem, os quadros dessa mulher fazem isso comigo.

Eu os vi pela primeira vez no Pinterest e comecei a procurá-la no Google na mesma hora, mas não descobri porra nenhuma além do fato de que ela é da Sérvia. Nem sei se ainda está viva. E o mais frustrante é que nunca tive uma chance de comprar seus trabalhos. Sabe-se lá se eu conseguiria bancar uma lasquinha dos quadros dela, mas queria ter a oportunidade de descobrir.

— Quem sabe — digo. — Vamos ver como vai ser a semana.

Petra tenta beber da taça vazia.

— Preciso de mais vinho. É isso que vai estar escrito na minha lápide.

— Vou com você até o bar.

Mas sou interceptada por Jana.

— Amy, meu doce de coco, liguei tanto para...

— Eu sei, desculpe.

— O que houve?

— Hugh vai passar seis meses viajando. Uma folga para mau comportamento. — Tento dar uma risada. Não sai muito convincente. — Depois ele vai voltar.

Jana parece confusa.

— Você está chateada?

Meu coração se aperta. Talvez Derry tenha razão sobre Jana.

— O que você acha?

— Desculpe. Desculpe, Amy. É óbvio.

— Sei que você vai contar a Genevieve, mas pode fingir que não estou arrasada?

— Não vou falar nada para Genevieve.

— Jana...

— Tudo bem — admite ela. — Vou contar os fatos, mas direi que você está tranquila. *Juro.* — Seu rosto parece completamente sincero, e quem sabe? Talvez ela diga mesmo. — Mas, Amy, você também vai ganhar uma folga? Para se comportar mal? Porque já seria alguma coisa, não é?

Meu Deus, não. Isso é quase pior que pena.

— Isso aí, mandou bem, garota! — Ela ergue a taça de vinho e dá um gritinho que faz algumas cabeças virarem. Em voz alta, Jana declara: — Olhe só pra gente! Tomando vinho antes das seis, comendo *pintxos*, prestes a ver um filme malaio, e, agora, uma de nós está num casamento aberto. Você tem que reconhecer, somos um pessoal bem sofisticado!

16

Segunda-feira, 12 de setembro

— Bom dia — resmunga Tim. Ele praticamente não tira o olhar da tela.

— Bom dia.

Não sei o que é pior, gente querendo saber cada detalhe horroroso dos planos de Hugh ou — como Tim está fazendo — se comportando como se não houvesse nada incomum acontecendo.

E lá vem Alastair, arrumado de um jeito despojado demais, usando uma calça jeans desbotada e uma camisa azul-clara, o que provavelmente é sinal de que conheceu uma garota no seu curso idiota de fim de semana e ainda não passou em casa.

— Bom dia. — Seus dentes lampejam pela sala. — Aproveitaram o fim de semana?

Fico encarando minha tela desligada. É óbvio que ele estava fazendo um detox digital, coisa que acontecia com frequência e sempre durava pouco.

— Timothy? — O maior sinal de que Alastair está de bom humor é quando começa a chamar todo mundo pelo nome inteiro. Thamy provavelmente será Thamyres, e sem dúvida eu serei Amelia. — Fez alguma coisa legal, Timothy? Me deixe adivinhar, você cortou a grama? Consertou uma torneira que estava pingando? Não, agora lembrei... Você tinha uma festa, não tinha? Um aniversário de 6 anos?

Tim tem cinco filhos — cinco! O mais novo tem 20 meses, e o mais velho, 16 anos. Sua mulher é uma cirurgiã que, apesar de tudo, nunca trocou uma fralda; é Tim quem cuida de tudo.

— Você fez os bolinhos? — pergunta Alastair.

— Fiz — responde Tim.

— Teve que fazer alguma visita à emergência? Alguma criança caiu da casa da árvore? Ou engoliu uma bateria?

— O cachorro começou a vomitar, e tive que levá-lo ao veterinário com nove crianças de 6 anos.

— A bagunça de sempre. Bem, meu fim de semana foi muito produtivo. Adorei meu curso.

— Você se curou? — pergunta Tim.

— Para valer. Estou bem feliz. — É impossível saber se ele está falando sério, mas, mesmo que esteja, não vai durar. Nunca dura. — E você, Amelia? Aproveitou o fim de semana?

Um silêncio terrível se segue.

— O quê? — pergunta Alastair. Ele olha para mim, depois para Tim, então volta a me olhar. — *O quê?*

— Ahnnnn. Hugh vai dar um tempo de seis meses. — Escuto a mim mesma dizendo essas palavras. — Vai fazer um mochilão por aí. O voo é amanhã.

— *Hugh?* — Alastair engasga. — Hugh, seu marido?

Quase pior do que o choque de Alastair é o silêncio de Tim — ele entendeu tudinho.

— Quando você diz “dar um tempo”...? — pergunta Alastair.

— Sim — digo. — *Dar um tempo*. Ou férias, pode chamar do que quiser.

— E isso vale, tipo, para outras mulheres? Meu *Deus*. — Ele parece escandalizado. — Sempre achei que vocês dois um casal tão firme.

Pois é... estou *morrendo*.

— E você? — pergunta ele. — Também vai tirar férias?

— Corta essa! — Esse é o primeiro comentário de Tim.

— Eu não... Não quis dizer nesse sentido. — Alastair parece genuinamente ofendido. — Só estou *perguntando*. Amy é como se fosse minha irmã. De verdade, Amy. Como se fosse minha irmã. Eu fico *preocupado*. Então, ele decidiu de repente? Ou você já sabia que alguma coisa estava estranha?

— As duas coisas. Foi um choque, dos grandes. Mas Hugh devia estar se sentindo incomodado há um tempo.

— Desde que o pai dele morreu?

— Humm. — Ou talvez até antes. Há uns dezesseis meses.

— Chega desse interrogatório — diz Tim para Alastair. Então, se vira para mim. — Você quer passar um tempo de licença? Tirar uns dias de folga para cuidar da cabeça?

Dizem que Tim não é muito divertido, e, apesar de isso provavelmente ser verdade, ele sabe ser muito bondoso. Faço que não com a cabeça.

— Preciso me manter ocupada.

— Se Hugh vai embora amanhã, quer que Alastair cubra suas reuniões em Londres? Você pode ficar em Dublin e se despedir — diz Tim.

Não. De jeito nenhum vou levar Hugh ao aeroporto, como se ele estivesse indo relaxar por um tempo, como se eu *concordasse* com aquilo. Nem vou correr o risco de surtar em público. Não, vamos nos despedir como fazemos todas as manhãs de terça, às cinco e meia. Ele ainda vai estar na cama, quase dormindo, e eu lhe darei um beijo rápido antes de sair para pegar o voo. Por um tempo, vou me permitir fingir que, quando voltar na noite de quarta-feira, meu marido estará em casa, como sempre, e não do outro lado do mundo.

— Quer um abraço? — pergunta Alastair.

— Seu? — pergunto num tom duvidoso. — Que inesperado. — Então acrescento: — Mas não, obrigada.

— Se mudar de ideia...

Eu não mudaria.

— Gente, por favor, não quero causar estardalhaço — digo. — Estou com vergonha e com medo, e só quero que minha vida volte ao normal. Vamos trabalhar.

— Espere um pouco.

Alastair vai até o armário “dele”. Tim e eu arregalamos os olhos e trocamos um aceno de cabeça enquanto ele pega um livrinho de poesias de Rumi de uma pilha de vinte que guarda lá dentro.

Alastair *com certeza* conheceu alguém, uma amiga nova, no tal curso — nós sempre sabemos que há uma novidade na área quando o vemos colocar um dos livros num envelope, junto com um punhado de pétalas roxas desidratadas, e então tenta misturá-lo junto às cartas que serão enviadas pelo escritório. As pobres moças geralmente são ingênuas o bastante para achar que Rumi significa

que Alastair é profundamente espiritualizado, mas, como Tim sempre diz, ele é tão amoroso que não consegue nem se dignar a pagar pela postagem. (Apesar do que, ultimamente, Alastair anda fazendo questão de colocar uma nota de cinco euros na mesa de Thamy e anunciar, aos berros, “Para cobrir o envio de um item pessoal”, lançando um olhar amargurado para Tim.)

Mas ele folheia as páginas do livro, encontra algo de que gosta e então deposita o exemplar na minha frente. Não! A poesia de Rumi é para mim!

— Leia.

Tim parece horrorizado e solidário.

Eu leio o poema.

A vida humana é uma hospedaria,
Uma nova chegada a cada manhã.
Uma alegria, uma tristeza, uma maldade,
Alguma consciência momentânea que surge
Como um visitante inesperado.

Receba e cuide de todos eles!
Mesmo sendo uma multidão de desgostos,
Que com violência esvaziam sua casa
E carregam toda mobília.
Ainda assim, trate todos os hóspedes com respeito,
Pois eles podem abrir caminho para um novo prazer.

Não quero nenhum “novo prazer” — e, com “novo prazer”, Alastair com certeza está dizendo para eu ir para a cama com alguém. Não com ele, não é essa a ideia. Mas com *alguém*. Juro por Deus, todo mundo é *obcecado* por sexo — ontem, no cinema, três amigas diferentes fizeram gracinha a esse respeito. Como se a viagem de Hugh fosse algo positivo, enquanto a única coisa que sinto é uma sensação de perda, uma sensação terrível de perda.

17

Thamy coloca um arranjo chamativo de galhos secos decorados na minha mesa.

Por improvável que pareça, tenho um surto ridículo de esperança de que aquilo seja presente de Hugh, para dizer que mudou de ideia. Abro o cartão: “Obrigado por me devolver minha vida. Bjs, Bryan (Sawyer).”

Ah.

— Quem mandou? — pergunta Alastair.

— Bryan Sawyer.

— O cleptomaníaco?

— *Ex*-cleptomaníaco — diz Tim. — Todo prosa, reabilitado e respeitável de novo, graças a Amy.

Lágrimas de decepção enchem meus olhos e então escorrem por meu rosto. Eu as seco discretamente: não posso ser a pessoa que chora no trabalho. Atrás de mim, escuto Tim se levantar e me esforço ainda mais para me recompor. Algo surge ao lado do meu mouse — uma caixinha de lenços de papel. Surpresa, viro para agradecer a ele, mas Tim já está de volta ao computador. Sua bondade silenciosa me faz chorar mais.

Fungo, tentando engolir o choro o mais silenciosamente possível, mas Alastair escuta.

— Você está bem?

— Alergia. — Aponto para o buquê de Bryan.

— Aler...? Ah, claro, alergia.

— Dá para ver que você está sofrendo. — Alastair me encurrala mais tarde para tentar me animar. — Mas devia tentar aproveitar esse tempo.

Sei exatamente aonde ele quer chegar.

— Você pode parar com isso? Perdi toda a confiança que tinha em mim mesma. Estou sentindo todo o peso dos meus 44 anos de

idade, e, mesmo que eu quisesse, de jeito nenhum mostraria esse meu corpo idoso para outro homem. Seria como aquela cena em *Game of Thrones*, quando Melisandre tira o colar e envelhece novecentos anos.

— Você não está acabada — diz Alastair. — Sério. *Eu* encararia.

— Achei que você me visse como uma irmã.

— *Beeem*, eu poderia fazer um esforço para me esquecer disso.

— Jura? — Por um instante, fico genuinamente curiosa.

— Claro! — Ele soa enfático *demais* para eu acreditar.

Mesmo assim, eu o observo por um bom tempo — as maçãs do rosto, o maxilar, a famosa boca —, mas então penso na cavalgada invertida e esse plano vai por água abaixo. Seria PÉSSIMO.

— Ames, tem certeza de que não consegue convencer Hugh a mudar de ideia?

— Tenho.

— Mas ele é tão... *tranquilo*.

— Só até certo ponto. — Porque, quando Hugh quer uma coisa, quer de *verdade*, ele vai lá e faz.

— Bem, eu sou seu amigo. Se eu puder ajudar com qualquer coisa, me avise.

Ele se afasta, me deixando sozinha com a lembrança de algo que acontecera havia alguns anos.

Hugh é meio músico, sempre foi, e costuma dizer que, se pudesse viver sua vida dos sonhos, seria o vocalista de uma dessas bandas de rock alternativo. Ele adora ir a shows. Para mim, são uma versão do inferno — derrubam cerveja na minha roupa, não consigo enxergar nada porque sou baixinha, tenho que usar sapatilhas porque saltos afundam na grama... é uma tragédia.

Quando nos mudamos de volta para Dublin, Hugh entrou em contato com três caras com quem tinha uma banda na época de adolescente (Os Zeladores), e eles decidiram voltar à ativa. Hugh tocava guitarra solo e dividia os vocais com Clancy (eles se chamam pelos sobrenomes, como faziam quando eram novos, e Hugh é “Durrant”). Os quatro levavam aquilo quase a sério. As noites de quinta eram reservadas para o “ensaio da banda”, e não importava o quanto fosse inconveniente, Hugh separava esse tempo para si mesmo.

— Eu preciso tocar — me dizia ele. — É o que me dá forças para fazer tudo mais na vida.

Então Hugh sumia para a casa de Nugent por horas e só voltava na madrugada de sexta, cheirando a suor e maconha.

Continuei sem saber o que acontecia na garagem de Nugent com seus amplificadores e palhetas. Meu interesse por aquilo tudo era mais do que nulo — e eu meio que me detestava por não ser uma garota que curtia música descolada, com ambições de também tocar guitarra solo, uma franja à la Chrissie Hynde e botas com bico pontudo.

Suponho que tinha o meu próprio passatempo — roupas "vintage". Mas só porque eu e Hugh éramos próximos, isso não significava que precisávamos ser gêmeos siameses, certo?

A parte estranha — ou interessante? —, bem, o que quer que fosse, era que eu não gostava de ficar com Hugh quando ele estava com os caras da banda. Eram homens legais, tão normais e casados quanto meu marido. Mas ele ficava um pouco diferente quando estavam juntos — bebia mais, seu tom de voz aumentava, e eles tinham piadas internas que me soavam misteriosas. Eu estava tão adaptada à *minha* versão de Hugh que qualquer outra versão, por menor que fosse a diferença, me incomodava. Geralmente isso me deixava de mau humor e com vontade de gritar com ele: "Por que está falando merda e berrando?"

Uma vez por ano, ele e os caras da banda iam assistir a um show numa cidade estrangeira — Copenhagen, Berlim, Manchester —, e uma tarde, dois anos atrás, desliguei o telefone depois de falar com Maura e disse para Hugh:

— Tenho uma novidade. Joe vai casar com Siena no dia 29 de setembro.

— Vinte e nove de setembro? — Ele balançou a cabeça. — Vou estar em Amsterdã, no show do Smashing Pumpkins.

— Nada disso. — Eu balancei a cabeça. — Nada de Amsterdã. Sinto muito, querido. É o casamento do meu irmão.

— Já comprei meu ingresso. Vou com a galera. Está tudo marcado.

Havia outros problemas envolvidos — o principal sendo que Hugh achava que Joe era um babaca completo —, e me pareceu óbvio

que ele só precisaria ser convencido.

— Mas...

— Eu vou ao show, Amy.

— Hugh... — Era inconcebível pensar que ele não faria o que eu queria.

— Não vou ao casamento de Joe. Só se ele mudar a data. Aí não tem problema.

Era raro que ele me negasse alguma coisa, mas assim que notei a força de sua determinação, eu me rendi imediatamente. Aprendi algo naquele dia: você podia pressionar Hugh e pressionar Hugh e pressionar Hugh, e ele cederia uma vez após a outra, sem se incomodar. E então chegaria o dia em que você encontraria um limite, e nada o faria mudar de ideia.

18

— O que tem pra jantar? — Kiara entra na cozinha.

— Vamos pedir alguma coisa.

— Numa segunda-feira? — Ela adora a ideia.

Segunda é meu dia de cozinhar. Hugh cozinha de terça a quinta. Mas...

— Não vou cozinhar merda nenhuma hoje.

O sorriso de Kiara desaparece.

— Eita.

"Eita" é um termo adequado. Eu me recuso a preparar uma refeição para o lançamento da Grande Aventura de Hugh.

— O que vamos pedir? — pergunta ela.

— O que você quiser.

— Até Eddie Rocket's?

— Isso aí.

Só vamos ao Eddie Rocket's em ocasiões especiais, porque sempre acabamos comendo demais — não conseguimos parar até mesmo ao sentir vontade de vomitar —, mas, hoje, não me importo.

— *Tuuudo* bem — diz Kiara. — Talvez seja melhor pedirmos pizza.

— Querida, desculpe. — É completamente errado descontar minha raiva em Kiara. — Peça no Eddie Rocket's.

— Não — diz ela. — Quer dizer, não estamos comemorando nada, não é? Mas pizzas são um bom meio-termo. Ah, papai chegou. Ei, onde você estava?

— Na clínica que vende medicamentos para países tropicais, tomando vacina! — Depois de passar tantos meses praticamente mudo, Hugh agora fala pelos cotovelos, todo entusiasmado. Que ódio. — Depois fui à farmácia — ele ergue uma sacola de compras — e comprei um kit completo de primeiros socorros.

Tenho vontade de perguntar se comprou camisinhas nessa maratona médica, mas me controlo. Quer dizer, é melhor que tenha

comprado. Se ele acha que pode fazer sexo sem proteção com um monte de garotas e depois voltar para mim — *ah, meu Deus, Hugh transando com outra mulher...*

— Vamos pedir pizza para o jantar — anuncia Kiara.

— Ah, é? — Ele me lança um olhar inseguro, e disfarço preparando uma xícara de chá. — Tudo bem, quero a de sempre.

— Mãe, o que você quer?

— Nada.

— Amy... — diz Hugh.

— Não estou com fome. — Passei o dia todo sem comer.

— Peça um pão de alho para ela — diz Hugh para Kiara.

— *Não* peça pão de alho — respondo.

Ele está com medo de eu começar a chorar — Hugh nunca sabe o que fazer quando choro. Mas não há motivo para se preocupar: estou tensa e seca. Meu corpo inteiro parece ter entrado em pane.

— Querida, desculpe — digo para Kiara.

— Não precisa se desculpar. — Ela sai da cozinha e grita para Neeve: — Vamos pedir pizza. O que você quer?

Hugh tenta me abraçar; me desvencilho dele, vou para a sala e enfio a cara no iPad. Ele me segue.

— Amy — começa. — Desculpe.

— Sei.

Se eu tivesse juízo, me certificaria de que a última lembrança dele em relação a mim fosse eu sendo adorável, mas estou de saco cheio de "ser compreensiva". Hugh jogou uma bomba enorme em cima de mim. Sob essas circunstâncias, qualquer outra mulher estaria fazendo um escândalo ou vivendo à base de sedativos. Provavelmente se recusaria a deixá-lo ir. Eu me comportei muito bem, considerando a situação toda. É uma pena não ter conseguido me controlar por mais algumas horas...

— Quer um vinho?

— Não. — Tenho medo de começar a beber, porque é bem provável que encha a cara e perca a cabeça.

— Quer que eu traga alguma coisa?

— Não.

— Quer deitar?

— *Claaaro*.

Eu estava dando respostas muito curtas, terminando cada palavra com um muxoxo excelente. Aquilo era muito divertido. Talvez criar um perfil no Tinder pudesse contar como hobby.

— Vamos, eu subo junto...

— *Nããããão.* Porque você vai ficar entrando e saindo do quarto a noite toda, terminando de fazer a merda da sua mala. Bom! — digo com entusiasmo falso. — Daqui a pouco você vai embora, e vou ter o quarto só para mim.

Hugh baixa a cabeça.

— Vou voltar.

Dou de ombros com exagero.

— Veremos.

Fico deitada no sofá ignorando a agitação e começo a pensar no início da nossa união. Sim, vivíamos cansados, sim, vivíamos sem um tostão, mas estávamos juntos.

Teve um dia, um dia qualquer, sem nada de especial, talvez doze anos atrás, quando cheguei em casa e ouvi risadas e gritos de alegria. Segui o som dos risos pelas escadas e encontrei Hugh deitado no chão do nosso quarto enquanto Neeve, Kiara e Sofie desenhavam em seu rosto com a minha maquiagem. Isso acontecia sempre, e Hugh costumava ir para o trabalho usando esmalte brilhante.

— Meu batom! Esse é dos caros! — gritei.

— Veja só a moça! — Kiara apresentou o rosto decorado de Hugh. Ela devia ter uns 4 anos na época. — Ele é uma moça linda. — E todas morreram de rir.

— Tire isso — mandei. — Temos que sair! Festa de verão da igreja!

— Limpe, tonifique e hidrate! — disse Sofie para Hugh, saindo correndo para pegar algodão.

— Vão se arrumar — falei. — Rápido! As coisas boas vão acabar logo!

— Que coisas boas?

— Bolos!

Quinze minutos depois, nos reunimos na porta. Hugh, com o rosto agora livre de maquiagem, com exceção de uma purpurina ou outra no cabelo despenteado, usava uma camiseta do Psychedelic Furs e

calça jeans preta. Neeve vestia o uniforme de futebol, enquanto Kiara parecia sombria, solene e séria, num estilo anos 1940 — vestido bordado, casaco elegante azul-marinho, meia-calça listrada, sapatos boneca e o cabelo sem um fio sequer despenteado, arrumado em um prendedor preto. Trazia até mesmo uma das bolsas antigas da minha mãe, um modelo empertigado de couro, pendurado na curva do cotovelo.

Em contraste, Sofie estava toda trabalhada no brilho: galochas de abelhinha com listras pretas e amarelas, meia-calça combinando, saia de tule rosa cintilante, um casaco verde coberto de enfeites brilhantes, um par de asas purpurinadas presas às suas costas, anteninhas fofas, um monte de pulseiras brilhantes em cada bracinho e uma mala de rodinhas de joaninha. Como papai sempre dizia: “Essa aí é tão menininha que deve chorar purpurina.”

— Posso carregar os bolos na minha joaninha — confidenciou Sofie em sua voz rouca, com a língua presa.

— Bem pensado, Batgirl.

Analisei nosso grupo heterogêneo e murmurei para Hugh, um pouco triste:

— Quando eu era mais nova, tudo que queria ter quando crescesse era uma família sem graça.

— Mas, querida, olhe só para nós, somos ótimos!

Ele tinha razão. Do nosso jeito excêntrico, nós *éramos* mesmo ótimos, e Hugh era o que nos unia.

Eu — é preciso sussurrar isso — tinha um casamento feliz. Tive que chegar a essa conclusão aos poucos, porque morria de medo de provocar o Destino. Apesar de a parte do casamento só ter vindo anos depois.

Hugh não fazia questão de legalizar a situação.

— Eu te amo — dizia ele. — Vou te amar para sempre. Mas podemos casar, se você quiser.

Eu estremecia. Não queria. Por mais louco que pareça, eu me sentia mais segura *não* sendo casada — se um anel fosse colocado em meu dedo, ele poderia, um dia, ser tirado de novo.

Só que as escolas acabaram nos forçando. Os colégios públicos da Irlanda eram controlados pela Igreja Católica, então as pessoas “vivendo em pecado” nunca conseguiam vaga para os filhos. Havia

umas escolas laicas maravilhosas, mas eram caras, e dinheiro era algo que sempre nos faltava.

Então, quando Kiara completou 4 anos, nos casamos discretamente num cartório. Neeve levou as alianças, Sofie e Kiara foram damas de honra, com Derry e Carl de testemunhas. Usei um vestido de seda azul, e fomos depois de tudo comemorar no Eddie Rocket's, onde, toda vez que a aliança aparecia no meu campo de visão, eu sentia como se tivessem jogado um banho de água fria na minha alma.

— Não tem problema — repetia Hugh o tempo todo. — É só um papel. Não vamos irritar o Destino. Tudo continua igual. Só lembre que eu te amo e sempre vou amar.

19

— Não quero choradeira quando eu sair amanhã — digo a Hugh.

— Tudo bem. — Ele parece aliviado.

— Só vou levantar e ir embora. — Meu voo para Londres sai às seis e quarenta e cinco, então vou acordar às cinco, como sempre.

— Tudo bem.

— Vou sentir saudade.

— Vou sentir saudade.

— Então por que vai embora?

Hugh se afasta de mim.

— Se você se separasse de mim de verdade, pelo menos eu saberia em que pé as coisas estão.

— Desculpe.

— Essa situação toda é muito esquisita. Não sei como me sentir.

É surpreendente o quanto mudei — quando conheci Hugh, eu era autoconfiança em pessoa. Em algum momento no meio do caminho, fui reconfigurada como uma pessoa que é apenas a outra parte de um casamento, mas aquela mulher corajosa ainda deve estar dentro de mim — li uma matéria na revista de psicologia que dizia que trazemos todas as nossas versões anteriores dentro de nossa versão atual, como conjuntos de bonecas russas. Se eu conseguir me reconectar com a pessoa que era antes, tudo ficará maravilhoso.

— E se eu começar a me divertir enquanto você estiver fora? — pergunto a Hugh. — E se, quando você voltar, pronto para colocar as coisas de volta nos eixos, eu resolver que não quero mais?

— Se for assim, a gente dá um jeito.

— Se essa resposta era para me fazer sentir melhor, não funcionou.

Ele ri e, de repente, é Hugh de novo, meu melhor amigo, minha pessoa favorita no mundo inteiro — e eu rio também.

Nós dois deitamos cedo, mas estou triste e irritada demais para transar.

Na escuridão, deito de lado, e Hugh se aconchega atrás de mim, encaixando seu corpo no meu. Passa o braço ao redor da minha cintura, me puxa contra ele, e nossa respiração fica sincronizada.

Esta é a última vez que ficaremos deitados assim, acho.

Ou talvez não. Talvez a gente fique exatamente assim em algum momento não específico no futuro. Mas há muitas coisas horríveis a viver até chegarmos lá.

Meu alarme desperta às cinco, mas já estou acordada, encolhida num sofrimento silencioso, desejando que o tempo parasse. Saio da cama e entro embaixo do chuveiro, torcendo para a água aliviar o aperto terrível no meu peito.

De volta ao quarto, Hugh também está acordado.

— Durma — digo.

Ele não responde, só continua deitado, imóvel, parecendo tão arrasado quanto eu. É difícil aceitar que, quando eu voltar de Londres amanhã, meu marido não estará mais aqui.

Em silêncio, ele fica observando enquanto me maquio, depois puxo a gaveta das calcinhas e pego meu sutiã favorito, de um fúcsia chamativo.

Hesito. Pela primeira vez na vida, parece vergonhoso ficar nua diante de Hugh. Não quero que ele vá embora com a memória dos meus seios já não tão empinados, que ficariam em desvantagem ao serem comparados com os das mulheres mais jovens que ele vai encontrar na viagem. Pego minhas roupas e termino de me vestir atrás da porta do banheiro. Então calço minhas botas de cano curto, seguro a alça da minha mala de rodinhas e — de surpresa —, num gesto rápido e eficiente, agarro minha escova de cabelo e a atiro pelo quarto. Ela o acerta na cabeça.

— Amy! O que é isso?

— Doeu? Ótimo. — Sigo para a porta. — Adeus.

Hugh afasta o edredom e o doce aroma masculino dele, quente da cama, chega até mim.

— Entre aqui rapidinho.

— Não.

— Por favor.

Então deito na cama, pronta para o trabalho, e deixo que ele me tome nos braços. Nós nos abraçamos apertado, e seus braços esmagam tanto minhas costas que chega a doer. Enterro o rosto em seu pescoço, tentando capturar o cheiro de seu cabelo, de sua pele, de seu hálito, sabendo que isso terá que me bastar pelos próximos 181 dias. Talvez para sempre.

O rosto dele está manchado de lágrimas, e sinto uma ânsia de ajudá-lo. Mas a única maneira de fazer isso é deixá-lo partir.

Minha garganta dói. Eu me solto de Hugh e desço as escadas correndo. Fecho a porta da frente às minhas costas, enjoada com a ideia de que, na próxima vez que abri-la, meu marido terá sido engolido por uma vida desconhecida do outro lado do mundo. O ar do início da manhã está fresco e cheira a outono, dando ainda mais a sensação de que tudo está escurecendo e morrendo.

DURANTE

Agora, está escuro demais para ver o mar, mas ainda consigo escutá-lo, sugando e espirrando na praia pedregosa de Brighton.

— A gente podia fazer nossa própria boate aqui, colocar umas músicas. Sério! Vai ser divertido!

Ele começa a mexer no aparelho de som do hotel, e um som dançante que quase reconheço começa a tocar. Então escuto "Groove Is in the Heart", e meu coração dispara.

— Ah, eu ADORO essa música! — Fico em pé num pulo e tiro os sapatos. — Aumente! — Estou bêbada, talvez um pouco mais do que tinha imaginado, mas adoro essa música e quero dançar. — Aumente o som.

Na mesma hora, a canção fica dez vezes mais alta e faz as paredes pulsarem. As batidas tocam dentro de mim, e a melodia me envolve. Eu me sinto viva*. Giro pelo salão, e, por um instante, todas as minhas preocupações desaparecem. As únicas coisas no mundo somos eu e a música, e me sinto feliz e livre.*

Então noto que ele está me observando dançar com uma expressão tensa e imóvel. Seu corpo está relaxado sobre o sofá, os braços esticados sobre o encosto. A gravata preta desapareceu, a camisa tem três botões abertos — não lembro quando isso aconteceu. Do nada, fico consciente do clima. É como se eu estivesse apresentando uma dança erótica para ele. A ideia me deixa excitada, desconfortável, e então uma mistura estranha das duas coisas.

— Mais alto! — digo.

Movendo apenas o braço, ainda me observando com avidez, ele estica a mão para trás e, sem olhar, gira o botão do volume.

Não aguento seu olhar silencioso.

— Venha dançar. — Pego suas mãos e o puxo para fora do sofá.

Ele está em pé agora, mas continua sem se mover, apenas observando.

— Dance comigo — diz.

— Estou dançando.

— Não, você está dançando para *mim. Quero que dance* comigo*.*
— Ele me puxa para perto.

— Não!

Não quero diminuir o ritmo, não quero parar. Mas, num gesto fluido, ele afasta meu cabelo para o lado, enterra o rosto no meu pescoço e me dá uma mordida rápida. De repente, presto atenção nele.

Parei de dançar.

Sussurro:

— O que foi isso?

Quero me afastar, mas os braços dele são firmes contra as minhas costas e, presa em seu campo magnético, tudo que posso fazer é encará-lo.

Seu rosto está chegando perto do meu. Uma das mãos foi parar atrás da minha cabeça e me aproxima da dele. E então sua boca está na minha, ele está determinado, as coisas não vão parar por aqui...

Eu me solto dos braços dele.

— Não podemos, não posso!

Estou arfando, ele está arfando. Sua camisa está amarrotada, e os olhos, selvagens.

Ele geme, mas eu insisto:

— Não podemos.

Eu me afasto, aumentando a distância.

— Não me arrependo. — Ele dá um passo na minha direção. — Queria fazer isso há séculos.

— Sério?

— Desde a primeira vez que vi você.

20

Terça-feira, 13 de setembro, primeiro dia

Irritada, caminho serpenteando pelas multidões hesitantes no aeroporto de Heathrow — enfrento zonas de fúria, como uma turbulência emocional — e finalmente chego ao metrô.

Desde que saí de casa, sinto medo de ser tomada por um ataque de pânico. Ser esmagada dentro do vagão me deixa mais arfante e com o peito apertado. Hoje vai ser um dia difícil.

Sem internet para me distrair, começo a ser consumida por minhas preocupações com Hugh. E se a pancada da escova de cabelo causar uma hemorragia no seu cérebro? Já vi algo assim em *Grey's Anatomy* — ele pode sofrer um aneurisma. Fico paralisada só de pensar em meu marido caído no chão em algum país estrangeiro, cercado por estranhos.

Ele pode morrer.

É, bem, todos nós vamos morrer. E Hugh fez por merecer. Se ele não tivesse decidido passar seis meses fora, não teria recebido uma escovada na cabeça. Nós estivemos juntos por mais de dezessete anos, e eu nunca atirei uma escova nele antes. Enfim, paciência.

Minha parada é Marble Arch. Abro caminho entre a multidão da hora do rush e chego ao "escritório" dez minutos antes da minha primeira reunião. Na verdade, se trata do Home House, um clube exclusivo para sócios. Alastair e eu somos membros porque a taxa anual é muito mais barata do que bancar uma sala em Londres.

Os próximos dois dias serão bem atarefados, o que provavelmente será bom: tempo livre não me ajuda em nada, não quero nem mesmo um segundo ocasional para pensar, porque qualquer hiato será como um abismo, e, se eu cair lá dentro, talvez seja bem difícil sair.

Nas próximas 48 horas, vou precisar comer e beber bastante. A parte da comida pode se tornar um desafio, mas a da bebida deve ajudar.

Uma boa empresa de relações públicas mantém contato com o máximo de jornalistas influentes e produtores de televisão possível, para que, quando o circo pegar fogo, você tenha amigos a quem recorrer.

Trabalhar com a mídia irlandesa é fácil, porque todo mundo se conhece. Então, Tim, Alastair e eu damos nosso jeito de cobrir o Reino Unido: Tim vai para Edimburgo em quintas-feiras alternadas; eu passo as terças e quartas em Londres; e Alastair fica no meu lugar nas quintas e sextas.

A menos que uma crise apareça — e isso costuma acontecer bastante —, meu trabalho (que não parece nem um pouco trabalhoso, eu sei) consiste principalmente em ficar sentada na Home House com meu laptop e puxar o saco do pessoal da imprensa. Pergunto sobre filhos doentes, me lembro do nome de cônjuges e, acima de tudo, enche-os de comida e bebida.

Minha rotina diária geralmente envolve reuniões no café da manhã, depois no brunch, depois no almoço, depois no chá da tarde, depois no jantar, e meu limite semanal de bebidas alcoólicas quase sempre estoura no meio da tarde de terça, graças à Mimosa no café, ao Prosecco no brunch, ao vinho no almoço e ao champanhe no chá da tarde.

Eu preferia não ter que beber tanto, mas as pessoas ficam desconfiadas quando começo a incentivá-las a encher a cara enquanto limito meu consumo a uma água com gás. No entanto, hoje, estou muito feliz por ter um emprego que me obriga a me embebedar já de manhã.

Meu trabalho é basicamente um escambo. Por exemplo, se você esquecer a matéria sobre como o meu cliente Sr. X maltratou cangurus, eu lhe dou uma entrevista exclusiva com outra cliente, a Srta. Y, assim que ela sair da reabilitação. (Sinceramente, para cada artigo sobre uma pessoa famosa ter feito algo idiota ou ilegal, deve haver umas dez que nunca são publicadas. Vou te contar, as coisas que *acontecem* por aí são inacreditáveis. E geralmente são as pessoas menos poderosas e mais vulneráveis que são jogadas na

fogueira. Qualquer um com o mínimo de ajuda consegue escapar das matérias negativas.)

Na adolescência, eu queria trabalhar com algo artístico — com roupas, talvez, ou decoração. Mas não estudei arte na faculdade — papai não deixou, insistiu que isso não era um curso de verdade —, então, quando me mudei para Leeds com Richie, sem qualquer qualificação profissional, foi apenas por acaso que meu simplório emprego como recepcionista acabou sendo numa empresa de relações públicas.

Eu não sabia absolutamente nada sobre o assunto, mas aquelas pessoas viram algo em mim, começaram a me envolver nas campanhas, e aprendi as coisas na prática.

Então estou no mercado há muito tempo, primeiro em Leeds, depois em Londres e agora dividindo meu tempo entre Dublin e Londres. Com o passar dos anos, conheci muita gente da imprensa, e o resumo da ópera é que morro de medo de ofender alguém e criar inimizades.

Não é como se eu estivesse me matando numa mina, eu sei disso, mas, numa atmosfera de primeiro mundo, é um trabalho assustador. O pessoal da imprensa é *muito* poderoso. Eles também têm um senso de humor cáustico, e, apesar de eu me esforçar para entrar no jogo deles, nunca sei qual é o limite.

O que significa que, assim que a pessoa vai embora, meu cérebro começa a reprisar a conversa e meu estômago, a esguichar tudo que é tóxico. Foi errado rir da história do roubo? Que tipo de idiota riria de uma história de roubo? Mas ela foi contada de um jeito engraçado, e fiquei com medo de *não* rir. Em retrospecto, será que eu devia ter encontrado uma forma de transmitir que (a) a pessoa era um gênio da comédia que (b) passou por uma experiência traumática?

Minha primeira reunião do dia é com uma estrela pop da década de 1980 que está quase falindo e quer recuperar a carreira. Eu devia oferecer o trabalho de embaixatriz da SempreSeco para ela, mas, nas atuais circunstâncias, simplesmente não tenho energia emocional para tratar algo tão problemático com o devido tato. No geral, nossa reunião não é das melhores. Nem a próxima, só um “cafezinho para saber das novidades” com um colunista conhecido

do *The Guardian*, nem a seguinte, brunch com um jovem produtor de televisão em ascensão.

Minha cabeça está nos ares, e sinto dificuldade em respirar.

Mas estou funcional — pronuncio palavras, levanto, balanço a cabeça, inalo o ar às vezes. Francamente, fico bem impressionada comigo mesma. Talvez este seja um dos benefícios de ser adulta — você pode sentir que perdeu tudo de mais importante na sua vida ao mesmo tempo que come um omelete e pergunta sobre o bem-estar do poodle de estimação de um jornalista.

Depois do almoço, me aventuro no mundo real. No momento, estou tentando reabilitar uma ex-política (escândalo com orçamento), e um dos meus planos é oferecer seus serviços de porta-voz para a Quarto, uma instituição de caridade para pessoas em situação de rua. Não é uma combinação natural. Minha ex-política, Tabitha Wilton, é pomposa e ríspida. Sua voz tem um tom imponente e confiante que causa uma antipatia instantânea. Hoje, ela vai se encontrar com seus aliados em potencial, e sinto um misto estranho de niilismo e extremo nervosismo. Foi uma luta encontrar uma instituição de caridade disposta a se associar a ela — mesmo sem o escândalo do orçamento, Tabitha não é das mais simpáticas.

Sim, se der certo, isso vai ajudar muito a imagem dela e chamar atenção para a instituição — além de, é claro, trazer um aumento proporcional de renda.

A situação toda é tão desagradável quanto um casamento arranjado, com Tabitha no lugar da noiva, e eu como — sei lá — a casamenteira? O pai pobretão da noiva? Eu me sinto muito puxa-saco ao mesmo tempo que me livro de um problema.

Os três representantes da Quarto são homens de terno que não me parecem muito empolgados.

— O que você sabe sobre pessoas em situação de rua? — pergunta um deles de um jeito meio desdenhoso.

— Quase nada! — anuncia Tabitha, como se estivesse falando com pessoas a quatro países de distância. — Mas estou disposta a aprender.

— O que acha de distribuir sopa pela cidade com nossos voluntários? Hoje à noite?

Tabitha hesita, mas se recupera.

— Claro!

Eu solto o ar de um jeito audível demais.

— Você tem duas casas?

— Hipotecadas até o último fio de cabelo! O banco quer que eu declare falência! Estou morrendo de medo, para falar a verdade!

Boa resposta. Um dos homens de terno anota algo rápido em seu caderno. Ele pode estar apenas escrevendo um lembrete para comprar lenços de papel, mas, se estiver pensando como eu, vai querer que ela repita essas exatas palavras em entrevistas com a imprensa.

— Talvez *eu mesma* peça ajuda a vocês se as coisas não começarem a dar certo para mim!

Depois dessa admissão, o clima fica mais leve. Tabitha se torna mais calorosa e humilde do que seu sotaque sofisticado sugere. Eu gosto dela.

— Você tem um escândalo nas costas — diz um dos homens. — A imprensa vai perguntar sobre isso caso trabalhemos juntos. Como lidaria com esse assunto?

Fico com o coração na boca. Estou tão ansiosa que quase quero me meter e responder por ela, mas todas as minhas orientações foram ouvidas.

— Fui uma idiota — responde Tabitha. — Uma idiota gananciosa. Roubar dos contribuintes. Não há desculpa para uma coisa dessas. Quero me redimir com a sociedade.

Mais anotações no caderno. Um lembrete de que precisa comprar salsicha? Ou seria outro bom sinal?

Agora o interrogatório passa para a disponibilidade de Tabitha.

— Desempregada! — diz ela. — Estou disponível 24 horas por dia!

Uma conversa sobre agendar um almoço com os membros do conselho diretor se segue — o que significa que Tabitha passou para a próxima etapa. Pegamos nossas coisas e, comigo sorrindo, sorrindo, assentindo, sorrindo, fazendo uma reverência com a cabeça e basicamente sendo a maior puxa-saco do mundo, nos despedimos.

Assim que pisamos na rua, Tabitha diz:

— Vamos beber?

É uma péssima ideia: tenho que ter limites com os clientes. Além do mais, estou esgotada, mais cansada do que o normal. E também preciso ficar sozinha e tentar respirar.

— Você vai ter que participar da entrega de sopa mais tarde — lembro.

— Mais um motivo para encher a cara.

Eu dou uma desculpa.

O metrô está quente, lotado e andando devagar. Já passa das sete quando chego ao apartamento de Druzie em Shepherd's Bush.

Druzie van Zweden é minha amiga há mais de vinte anos. Nascida no Zimbábue, nossas vidas se cruzaram em Leeds, antes de Richie me largar. Ela era minha vizinha de cima, e, apesar de não termos *nada* em comum, nos demos bem de cara. Por dois anos, vivíamos subindo e descendo a escada para nos visitar, e, quando consegui um emprego melhor em Londres, foi uma tristeza deixá-la para trás.

Mas não demorou muito até que ela se mudasse para Londres também e começasse a trabalhar para uma instituição de caridade que supervisiona a distribuição de auxílio em áreas de risco. Druzie foi promovida e promovida e promovida, e, hoje em dia, seu trabalho basicamente é viajar pelo mundo, mas ainda assim ela mantém um apartamento em Londres, cuja chave ela me deu (e deu uma a Alastair também). Assim, não precisamos pagar por hospedagem uma vez por semana e podemos deixar nossas escovas de dente e coisas do tipo lá, o que faz com que nos sintamos em casa.

Druzie é, sem dúvida, uma das pessoas que mais amo no mundo, mas fico envergonhadamente aliviada por sua ausência hoje: ela não veria graça nenhuma nas aventuras de Hugh. Minha amiga é pragmática — de um jeito fascinante — sobre relacionamentos. Em seus postos no exterior, ela arruma um namorado quase antes de desfazer as malas, e, quando seus chefes a transferem para outro canto, ela segue em frente sem olhar para trás.

Seu conselho despreocupado provavelmente seria para eu dar um pé na bunda de Hugh para sempre, sinceramente sendo incapaz de entender por que isso seria impossível para mim.

O apartamento térreo de Druzie é uma graça. Aqui tem queijo, paz e tranquilidade, um pouco de haxixe numa caixinha entalhada

para quem gosta. Não é o meu caso, mas não julgo.

Porém, depois de passar o dia inteiro desejando estar livre da presença dos outros, percebo que ter paz e tranquilidade *demais* talvez não seja bom. Coloco Jeff Buckley para tocar — muito triste. Tento Solange, pior ainda. Nile Rodgers também não adianta.

E agora? Não sei o que fazer e, quando meu telefone toca, fico agradecida. É Tim.

— O que houve? — Ele só liga quando as coisas estão um pandemônio.

— Nada, só queria saber se você está...

Poxa, que legal.

— Estou ótima, Tim. De verdade.

As portas da sala de estar se abrem para o jardim dos fundos, que é iluminado pela luz desfalecida do início da noite. Vou lá para fora com uma xícara de chá e meu laptop. Posso trabalhar um pouco e depois assistir a *Masterchef*. Em momentos assim, fico feliz pelo meu trabalho: sempre tem alguma coisa para fazer.

Só quando começo a sentir arrepios nos braços é que me dou conta de que já são dez da noite e o jardim está escuro e gélido — perdi o programa!

Por um instante, me bate um alívio por não estar sentindo falta de Hugh, mas então sou tomada pelo pânico — eu devia estar mais triste. Como se meu coração fosse apertado por dedos frios, penso: Realmente não tem mais jeito para nós.

Não consigo respirar! Merda, não consigo respirar! Ah, meu Deus, e se eu morrer aqui, sozinha no jardim de Druzie?

Eu me levanto, me apoio na mesa e, por longos segundos, fico parada com a boca aberta, paralisada e desesperada para voltar a respirar. Finalmente, meu peito suga o ar, que desce por mim. Começo a arfar, me sentindo agradecida.

Meu Deus, que momento horroroso. Este dia todo foi horroroso.

Mas, talvez, hoje tenha sido a pior parte, e tudo acabe ficando um pouco mais fácil daqui em diante.

Porém, já tenho idade *demaaais* para saber que uma mágoa não começa com um pico de tristeza e então vai diminuindo tranquila e estavelmente até você melhorar de forma tão imperceptível que quase não se dá conta do que aconteceu.

As emoções — especialmente as desagradáveis — se distribuem em crises e recomeços. São mestres do disfarce, orgulhando-se da própria imprevisibilidade. Por mais que eu me sinta mal agora, vai ser bem pior quando chegar em casa amanhã à noite e não encontrar Hugh. A ideia da casa abalada por sua ausência gera outra rodada de falta de ar.

21

Lá vamos nós. A primeira noite sem Hugh. Deito na cama do quarto de hóspedes de Druzie, e é tão estranho não falar com ele ao telefone antes de apagar a luz... Espere! Tem alguém me ligando por FaceTime! Por um momento de extrema esperança, acho que é Hugh.

— E aí, meu bem? Saudações da Cidade do Cabo.

Ver o rosto de Derry é surpreendentemente reconfortante.

— Obrigada por ligar. — Deve ter sido difícil para minha irmã conseguir um tempo livre.

O trabalho dela com recursos humanos envolve contratos importantes para encontrar quinhentos enfermeiros ou trezentos engenheiros num país e transferi-los para outro. As viagens são intensas — quinze horas por dia analisando milhares de candidatos: entrevistas, análises, seleções e decisões atrás de decisões até suas faculdades mentais serem reduzidas a zero.

— Ele foi? — pergunta ela.

— Imagino que sim. Ninguém me disse nada diferente.

— Como você está?

— Ah, sabe como é. Poderia ser pior. — Agora não é o momento certo para isso. Derry parece cansada, o que é raro. — Quando você volta?

— Sexta. Mas preciso ir para Dubai sábado à noite.

— Meu Deus, Der, você vai ter um treco assim!

— Vai dar tudo certo. Uma hora o ritmo vai ter que diminuir, né?

O salário dela é muito bom, mas será que há dinheiro no mundo que compense esse esforço todo?

— Sei que você disse que não queria nada com nenhum homem além de Hugh — diz minha irmã —, mas nós, mulheres com 40 e poucos anos, estamos *cheias* de energia sexual. Essa é nossa última chance antes de a menopausa mental começar e nós murcharmos e morrermos.

— Obrigada por esse incentivo, Derry. Você é um amor. Durma bem. Amo você.

— Também amo você.

Queria que as pessoas parassem de me incentivar a sair transando por aí, porque sou incapaz de separar o físico do emocional. Algumas pessoas têm talento para isso — gostam de alguém, fazem um comentário sugestivo e, num piscar de olhos, estão indo para a cama —, e boa sorte para elas. Todo mundo funciona de um jeito diferente; viver assim pode ser divertido se você se encaixar nesse padrão.

Mas, nos meus 44 anos, só dormi com seis homens, e apenas um deles foi um casinho de uma noite. Apenas um! Era um holandês, Elian — ainda me lembro do nome dele, apesar de eu ter 17 anos na época, o que faz com que isso tenha acontecido 27 anos *atrás*. Ele estudava medicina em Delft. Nossos olhares se cruzaram num bar lotado em Ibiza, e, quando vimos, estávamos abrindo caminho pela multidão para nos encontrarmos. Elian ia embora no dia seguinte, e passamos a noite toda conversando e nos beijando. Juntos, na praia, vimos o sol nascer, e depois fomos ao apartamento dele, onde o sexo rolou uma hora antes de ele ter que partir.

Ao longo daquela noite, me apaixonei. Bem, devo ter me apaixonado de certo modo. Nossa despedida foi tenra e doce — não houve promessas de que manteríamos contato, não éramos idiotas, e, em uma questão de dias, ele foi esquecido. Porém, naquele momento, nos conectamos: senti que o conhecia e vice-versa.

Sempre preferi o romance à paixão sexual irresistível, apesar de as duas coisas acontecerem juntas às vezes, como no caso de Richie Aldin.

Nos anos após Richie, antes de conhecer Hugh, tive dois míseros namoros. O problema era que eu não tinha tempo para homens: cada segundo de cada dia exaustivo já estava tomado por algo mais importante, como dar comida para a minha filha ou fazer o meu trabalho.

Quando Neeve tinha 3 anos, teve um pai divorciado com um filho na creche dela que eu sempre encontrava quando ia deixá-la ou buscá-la. Por um ano, trocamos sorrisos, e isso acabou evoluindo num acordo mútuo de que ocasionalmente buscaríamos o filho do

outro. Mais ou menos na época que decidi que gostava mesmo dele, o cara me convidou para sairmos juntos.

— Um encontro? — lembro-me de ter perguntado.

— Um encontro — confirmou ele.

Porém, nunca nos entrosamos de verdade, e o romance não durou nem um mês. O sujeito era legal, mas um pouquinho tedioso, e o término foi tão sem-sal quanto o relacionamento todo — certa manhã, ele abriu um sorrisinho triste para mim e disse:

— Não?

Minha emoção mais profunda foi arrependimento por não parecer mais apropriado pedir a ele para buscar Neeve quando eu estivesse atrasada.

O outro namoro antes de Hugh foi completamente diferente. Max Nicholson era um relações-públicas extremamente bem-sucedido na empresa enorme que me contratara quando saí de Leeds. Por mais famoso que fosse por seu trabalho, ele era mais conhecido por ser mulherengo. Max era o clássico homem charmoso, divertido e galanteador, e, quando focava seu carisma em você, era irresistível. Ele transava com quem queria, e era sempre fácil saber quem era o alvo do momento, porque a sortuda praticamente dava pulinhos de alegria. Quando Max começava a se cansar — e ele *sempre* se cansava —, dava para ver a energia da moça se esvaindo, como se fosse uma pilha prestes a perder a bateria.

Pelos menos duas mulheres descartadas pediram demissão da empresa e mudaram de trabalho, enquanto outra desapareceu da noite para o dia porque teve um colapso nervoso.

Então Max resolveu focar em *mim*. Numa manhã, ele passou em disparada pela minha mesa e então parou subitamente quando já estava longe, deu uma meia-volta graciosa e me encarou intensamente.

— E aí, gata?

— E aí, gato, digo eu. — Eu queria rir, porque ele era tão exagerado.

— Irlandesa — disse Max, pensativo.

— Inglês. — Imitei seu tom e mantive meu olhar firme.

Esse foi o começo, e ele veio atrás de mim com *todas* as firulas típicas. Flores. Convites para encontros extravagantes. (“Jantar

hoje? Em Lisboa?") Um par de sapatos da Manolo Blahnik do meu tamanho por entrega expressa.

Todos os dias, Max se apoiava na minha mesa e murmurava: "Você sabia que está me deixando doido?" Ou: "Quando você vai acabar com meu sofrimento e ir para a cama comigo?"

Foi divertido. Ao contrário de todas as pobres mulheres que se deixavam encantar pela atenção devastadora dele, eu sabia exatamente onde estava me metendo. E. Não. Me. Importei. Foi como decidir comer um cheesecake com calda de caramelo inteiro — era um exercício de autodestruição, mas você se divertia no processo.

Nem a minha falta de experiência sexual me intimidava, porque, mesmo que eu tivesse um *diploma* em técnicas exóticas de comportamento na cama, ele acabaria me dando um pé na bunda de toda forma. Seria só uma questão de tempo.

Tirando que fui eu quem terminei.

Numa manhã, deitados, ele, de forma muito deliberada, passou um dedo por uma linha na minha barriga.

— Estria?

Havia tantas insinuações naquela palavra: crítica, desdém e um incentivo para que eu me esforçasse mais. Uma mulher que tivesse caído na conversa mole dele teria saído correndo para comprar um galão de Bio-Oil, mas me lembro de pensar: *Lá vamos nós. É assim que as coisas começam a desandar.*

Não havia volta: ele já se cansava de mim e o que seguiria a partir dali seria uma sutil depreciação que ficaria cada vez mais evidente.

Girei para fora da cama e encontrei minha calcinha.

— Isso foi divertido, Max.

— Talvez a gente possa repetir a dose um dia desses.

— Nada disso.

Ele franziu a testa.

— Essa foi a última vez.

— Como?

— Você já sabia, Max, que esse negócio entre nós era só... — Minhas falas pareciam estar saindo de um livro de Danielle Steel.

— Só o quê?

— Diversão? — Eu ia dizer "uma trepada", mas perdi a coragem.

— Diversão? Mas...

— Nós somos adultos, e você é um cara superlegal. — Minha voz foi diminuindo. — Na verdade, Max, você não é nada legal.

Ele empalideceu.

— Você é uma pessoa *terrível*. Fica brincando com as emoções dos outros. Isso é de uma crueldade absurda.

Até mesmo seus lábios estavam brancos.

— Você está bem *mesmo*?

— Estou ótima. Mas, Max, eu me preocuparia é com você.

Não era da minha índole julgar os outros de forma tão impiedosa, mas, olhando para trás, aquilo foi obviamente uma forma de me vingar da sacanagem de Richie: um mulherengo sendo punido pelo comportamento do outro.

Em retrospecto, meu coração estava duro, fechado como um punho, e eu não confiava em ninguém. Então, foi um milagre Hugh ter conseguido me convencer a me abrir, como um botão de flor rígido, amargurado, desabrochando e florescendo.

22

Quarta-feira, 14 de setembro, segundo dia

Às quatro e trinta e sete da manhã, acordo de supetão e me vejo no quarto de hóspedes de Druzie. Sento na cama e acendo a luz. Sei como os horrores da madrugada funcionam — enquanto estou acordada, o rebuliço artificial de uma vida atarefada abafa os problemas. Mas, durante o sono, todas as camadas de bobagens insignificantes vão gradualmente indo embora, até que a única coisa que resta é a verdade em todo o seu terror.

A perda, a vergonha, o medo do futuro — merda, que coisa horrorosa. Pior de tudo, a *tristeza.* De repente, tenho certeza de que não vou conseguir sobreviver. Hugh me amava, eu o amava. Nós éramos o final feliz um do outro.

Quem me dera saber como me acalmar. Devia ter aprendido a meditar, mas agora é tarde demais, porque não adianta de nada querer aprender as coisas quando você já está no meio de uma crise: é preciso começar quando ainda está tudo bem. Mas só as pessoas mais esquisitas do mundo pensariam: Puxa, minha vida é perfeita. Já sei! Vou desperdiçar vinte minutos sentada em Observação dos Meus Pensamentos sem Emitir Julgamento.

Fumo meu cigarro eletrônico e abro o Facebook — lá estão todas aquelas vidas perfeitas. Tenho 93 mensagens não lidas, e já sei, sem nem abri-las, que estão famintas por fofocas. É péssimo ser a pessoa no foco de um escândalo, e juro que, no futuro, vou pensar duas vezes antes de ir sondar os detalhes da desgraça dos outros. Não perguntem por quem os “como vc tá, miga?” dobram. Eles dobram por vós.

Dou uma olhada no perfil de Hugh. Apesar de ele ter jurado que não postaria nada, não confio mais nas promessas dele. Não há nenhuma novidade: a última publicação é de três dias atrás, quando

ele ainda estava em casa e compartilhou um dos posts de Kiara sobre refugiados.

Passo para o Instagram, torcendo para encontrar vestidos vintage, mas está cheio de clichês motivacionais. “Ouse ser extraordinário”, “Você é mais forte do que imagina”.

É óbvio que estou seguindo as pessoas erradas, porque não tenho tempo para essas tolices. Talvez eu devesse passar a ter. Talvez devesse repensar esses seis meses sozinha e vê-los como uma oportunidade — parafraseando Kiara — para me autorrealizar.

De repente, no Instagram, uma das frases me chama atenção: “Uma jornada de mil quilômetros começa com uma decisão idiota.” E rio, alto de verdade — geralmente, nunca emito sons quando estou sozinha, nem mesmo quando, por exemplo, bato o dedinho do pé na quina da banheira. Que diferença faz berrar “Ai! Meu DEDO!”, se ninguém vai aparecer para me consolar?

Imediatamente curto a foto no Instagram. Teria curtido três vezes se pudesse. E então vejo quem a postou — Josh Rowan —, e minha risada para na mesma hora.

23

Dezessete meses atrás

Então, num dia absurdamente quente de abril do ano passado, eu estava no meu "escritório" de Londres, lendo e-mails, quando o telefone tocou.

Era uma cliente, Premilla Routh, uma atriz que lutava contra o vício em remédios controlados — e um jornal de circulação nacional conseguira um vídeo dela comprando drogas na rua.

— O traficante armou pra cima de mim. — Ela estava tão nervosa que mal conseguia falar. — Amy, por favor, me ajude. Vou perder o emprego se isso vazar. E vou acabar perdendo meus filhos também. — O casamento já tinha acabado.

— Quem falou com você? — perguntei.

— Marie Vann.

Pior, impossível. Marie Vann era a fofoqueira de plantão do *Herald* britânico. E sua especialidade era destroçar os mais vulneráveis. Ela gostava de dizer que as pessoas com doenças mentais eram gente patética que queria atenção, então não pegaria leve com Premilla. Um pedido para esquecer a história só pioraria a situação — como toda pessoa que adora intimidar os outros, Marie Vann tinha o grande talento de conseguir manipular as tentativas de autodefesa da sua vítima contra elas. Se não tomasse cuidado, Premilla e eu acabaríamos sendo pintadas de vilãs na matéria certamente maldosa de Marie.

Minha única opção — e isso era algo que aprendi com Tim — era passar por cima de Marie Vann e ficar à mercê do chefe dela. (Tim, apesar de parecer apático e sem-sal, era um relações-públicas extremamente hábil.)

Mas o editor-executivo do *Herald* era uma figura distante. Teria sido mais fácil marcar uma reunião com a Beyoncé. Tudo que eu tinha no meu arsenal era uma leve conexão on-line com o superior imediato de Marie, o editor. Seu nome era Josh Rowan, e o mais inconveniente era que ainda não nos conhecíamos — eu o convidara para almoçar algumas vezes, mas meu convite sempre era recusado. Nós seguíamos um ao outro no Twitter, e esse era o nosso único contato.

— Deixe comigo, Premilla — garanti. — Tente não se preocupar.

— Obrigada, Amy. — Ela soluçou. — Obrigada, obrigada, obrigada.

Os agradecimentos eram um pouco prematuros. Eu não tinha ideia se conseguiria resolver aquilo; raramente tinha — só se o jornalista fosse um amigo próximo (nunca era) e eu tivesse uma matéria exclusiva escondida na manga para usar como barganha (quase nunca).

Peguei minha jaqueta jeans, minha pasta, minha bolsa enorme, saí para o calor da rua e entrei direto num táxi. No caminho para o escritório do *Herald* em Canary Wharf, mandei uma mensagem direta para Josh Rowan perguntando se ele podia me encontrar para um café rápido. Então liguei para a central do *Herald*, porque jornalistas são algumas das poucas pessoas no mundo que ainda atendem ao telefone mesmo se não identificam o

número da chamada. Nada, só caixa postal. Então mandei uma mensagem de texto para Tim e Alastair, pedindo o número do celular dele.

Meu estômago começou a queimar numa mistura familiar de adrenalina e ansiedade; comecei a revirar minha bolsa atrás do meu Gaviscon e tomei um gole — o frasco já estava quase vazio: eu bebia aquilo como se fosse água.

Essa parte do meu trabalho, derrubar uma matéria prejudicial, era quase como ir à guerra — as estratégias, a antecipação aos planos de batalha do inimigo, o medo do fracasso... Sempre que eu estava no olho do furacão, pensava no quanto detestava fazer esse tipo de coisa, mas o engraçado é que, assim que superávamos a crise, eu sentia falta da agitação.

O que tornava aquela situação ainda mais importante é que Premilla era uma vítima — ela se viciara em benzodiazepina quando um médico sem noção a receitara para acalmar um tique nervoso facial. Nos vinte meses que se seguiram, ela se empenhou em se livrar do remédio, mas as crises de abstinência eram tão fortes que ela vivia tendo recaídas. Seu sustento dependia de eu conseguir resolver aquele problema.

Depois de doze minutos tensos no táxi verificando meu telefone a cada dez segundos, uma mensagem direta apareceu: Josh Rowan dizia que estava disponível para uma ligação. Mas, com um pedido tão delicado quanto aquele, só um encontro cara a cara resolveria. O tal Josh Rowan tinha que ser levado a gostar de mim e, por consequência, de Premilla. Respondi dizendo que estaria no lobby do prédio dele em meia hora. Sete minutos depois, veio uma mensagem sucinta: ele estaria num pub chamado Black Friar às quatro e meia.

O táxi me deixou na frente do pub às quatro e trinta e três. Era um lugar pouco iluminado, decorado com madeira escura e quase vazio — havia alguns grupos nos cantos, mas nem sinal de Josh Rowan.

Preocupada, mas partindo do princípio que ele apareceria, resolvi tomar controle do território.

Uma análise rápida pelo interior do pub revelou o lugar ideal para nossa conversa — uma cabine estofada, longe o suficiente dos grupos para podermos falar abertamente, mas não longe demais a ponto de parecer que estávamos fazendo algo suspeito. Havia algumas mesas vagas do lado de fora, mas não queria que nos distraíssemos com o sol batendo nos tetos de zinco e quase nos cegando — um dos dois poderia precisar de óculos escuros, e contato visual era fundamental nesse caso.

Então fiquei esperando.

Não pedi nada para beber, porque ficaria feio se eu estivesse entornando vodca e ele pedisse uma comportada xícara de chá. Francamente, eu tinha esperanças de que o sujeito quisesse beber de verdade, mas, se não fosse o caso, eu o acompanharia. Nessas situações, é importante imitar o outro lado. Algo como dizer: “Sou igual a você. Veja como somos parecidos. Sim, pode confiar em mim.”

Quanto mais eu esperava, mais me preocupava. O que não faltava era motivo de preocupação, mas, como sempre, minha aparência era o maior alvo de minhas críticas — talvez porque fosse uma das poucas coisas sob meu controle.

Minhas roupas eram o problema, e a culpa era minha por não ter visto a previsão do tempo de manhã. Ontem, o dia em Dublin fora agradável, mas hoje, em Londres, o sol estava de matar. E meu vestido — um modelo rodado, estilo anos 1950, de popelina, com mangas que iam até os cotovelos e estampado com rosas vermelhas e cor-de-rosa — parecia refinado demais. Eu precisava da jaqueta jeans para quebrar um pouco o estilo. Mas morreria de calor dentro dela. Meu esmalte azul e meus sapatos — sandálias pesadas prateadas — talvez ajudassem um pouco, mas havia grandes chances de o tal Josh Rowan me ver como uma mulher abobada que se vestia como Doris Day.

(Em sua defesa, eu adorava aquele vestido. Foi uma das coisas mais legais que Bronagh já encontrara para mim — o tecido era tão rígido que ele praticamente ficava em pé sozinho.)

Não ousei ir ao banheiro para conferir minha maquiagem, com medo de desencontrá-lo, então peguei meu espelhinho na bolsa e dei uma olhada rápida. Meu Deus, meu cabelo. Eu estava usando um despenteado artístico ondulado e retorcido conquistado com um modelador de cachos e uma tonelada de spray texturizador, mas, durante a travessia da cidade, ele fora de despenteado artístico para cabelo de maluca.

Vasculhei a bolsa gigante atrás do meu pente, mas não consegui encontrá-lo. Fiz uma segunda tentativa mais sistemática, e comecei a ficar nervosa, porque eu *precisava* dele.

Na terceira busca, quando já estava praticamente entrando na bolsa, percebi, com uma raiva crescente, que o pente jamais apareceria. Ele tinha sido roubado — provavelmente por Neeve, mas qualquer uma das meninas podia ser a culpada.

— Aquelas vacas — murmurei.

— Quem?

Congelei na minha busca corcunda e ergui o olhar para ver um homem com um rosto inteligente, um pouco abatido. Ele parecia atarefado e desalinhado, com as mangas da camisa dobradas para cima, exibindo os antebraços. Eu sabia que era Josh Rowan. E ele sabia que era eu.

— Eu...

— Quem? — repetiu ele.

Não havia escolha além de seguir em frente. Eu me empertiguei no banco.

— Minhas filhas. Elas roubaram meu pente.

— E por que você precisa de um pente?

— Vou encontrar com um jornalista. Preciso estar arrumada para ele me levar a sério.

Josh Rowan me analisou e então disse:

— Você está ótima. Arrumada. Ele vai te levar a sério.

E houve um momento. Contato visual. Uma imobilidade. Alguma coisa.

— Tudo bem. Perfeito. — Mas a tensão continuou ali.

O sotaque dele parecia vir da região de Newcastle.

Um pensamento terrível se abateu sobre mim.

— Você *é* Josh Rowan?

— Não, meu bem, você estava contando seus segredos para um cara aleatório. — Diante do meu choque, ele cedeu. — Tudo certo. Sou Josh.

Fui inundada por uma sensação de alívio.

— É *mesmo* você. Igualzinho à sua foto no Twitter. Quer dizer — expliquei —, pelo que eu já vi por aí, as pessoas tendem a parecer versões mais velhas e bem menos afortunadas que suas fotos de perfil.

Ele deu um sorriso pouco entusiasmado.

— Agora, vamos arrumar alguma coisa para você beber. — Eu estava dando uma de maternal, apesar de nós dois termos a mesma faixa etária.

— Não tenho tempo...

— Claro. Sem problema.

Abri um sorriso amigável, confiante. Era assim que as coisas tinham que ser — amigáveis, amigáveis, amigáveis. Depois sensatas, sensatas, sensatas. Nada de drama, nada de emoções exaltadas, apenas dois adultos tendo uma conversa adulta de um jeito adulto.

Josh Rowan sentou e pareceu não estar planejando ficar ali por muito tempo, mas senti que aquela conversa poderia render frutos. Era difícil dizer o que chamava atenção nele — seu cabelo era de um castanho normal; os olhos, de um cinza comum —, mas havia

alguma coisa, talvez uma forte autoconfiança misturada com um toque de humanidade, que o tornava especial.

— Então, qual é o problema?

— Marie Vann — expliquei.

Na mesma hora, seu rosto ficou sério. Ele me encarou, analisando-me em silêncio.

— Premilla Routh é minha cliente — continuei, gentil.

Ainda assim, Josh Rowan continuou quieto, me observando com o rosto abatido e os olhos fixos.

— Não publique a matéria — pedi. — Por favor.

— Por que não?

— Porque seria maldade.

Ele soltou uma gargalhada.

— Ela é uma boa pessoa — falei.

— Marie?

— Não — balbuciei. — Premilla.

Mas soltei uma risada diante da ideia de que Marie pudesse ser descrita como boa pessoa. Aquilo me fez perder o compasso. Ele não riu de novo, mas nossos olhos se encontraram, a tensão entre nós diminuiu um pouco, e, naquele momento, senti que as coisas poderiam acabar bem.

— Sei que você está com pressa — falei. — E isso é confidencial, mas...

— Talvez eu beba alguma coisa. O que você quer?

— Gostei do seu sotaque — deixei escapar. — Adoro como as pessoas de Newcastle falam. — Meu rosto ficou vermelho. — Desculpe.

Houve uma revirada de olhos rápida e exasperada.

— Então, para beber?

Estiquei a mão na direção da bolsa.

— É por minha conta.

Josh Rowan balançou rapidamente a cabeça.

— Eu pago.

Se ele pagasse pelas bebidas, eu estaria lhe passando o controle da situação. Mas não daria para insistir sem criar uma questão.

— Tudo bem. Obrigada. Vinho branco. — Eu queria álcool e estava cansada e nervosa demais para tentar desafiá-lo. — Qualquer um. Sauvignon Blanc. Tanto faz, o que tiverem.

— Somos bem sofisticados aqui em Canary Wharf. — Era difícil saber se ele estava sendo irônico. Era bem provável.

— Sauvignon Blanc está ótimo.

Josh Rowan foi para o bar, e aproveitei a oportunidade para analisá-lo. Ele era alto, mas não um gigante de quase dois metros de altura. Podem me chamar de antiquada — ou baixinha —, mas qualquer coisa acima de um metro e oitenta e cinco é desnecessária, a menos que o cara seja Ashley Banjo (o que infelizmente nunca é o caso).

Josh Rowan usava uma blusa clara de algodão desabotoada no pescoço, que dava a impressão de que seu dono ficaria completamente à vontade numa sala de redação agitada. Tudo de que precisava era de um elástico de camisa ao redor dos bíceps para completar a imagem de jornalista clássico.

Ele parecia em forma, mas minha intuição dizia que detestava academias. Peladas de futebol nas noites de quarta-feira faziam mais o seu estilo. Ou talvez tivesse conseguido aqueles braços musculosos mudando os móveis de casa de lugar para a mulher nos fins de semana.

Porque ele, com certeza, era casado — havia uma aliança de casamento em seu dedo, e, apesar de ser uma lembrança vaga, eu já tinha visto alguma foto de família nas redes

sociais.

Do meu lugar, era impossível ouvir o que Josh Rowan dizia ao barman, mas estava óbvio que era simpático. Isso não devia ser digno de nota, mas há tanta gente no mundo que não faz questão alguma de ser legal. Seu comportamento acabou me dando esperança. E então ele voltou com meu vinho e algum drinque com cerveja.

— O melhor de Canary Wharf. — E puxou uma cadeira até a mesa.

— Obrigada.

Em sincronia perfeita, pegamos nossas bebidas e automaticamente brindamos. Então houve uma pausa estranha. Nossos olhos se encontraram, e me senti corar.

Depois de um instante desconfortável, ele disse:

— Diga lá, então. Conte o que aconteceu.

Fiz um breve resumo dos problemas de Premilla. Josh Rowan ouviu em silêncio.

— Ela está se esforçando para valer — concluí. — Não merece os castigos que vai receber se Marie publicar a matéria.

— Não prometo nada — disse Josh Rowan. — De verdade. Mas vou ver o que consigo. Agora, preciso ir.

Nós dois nos levantamos. Ergui o olhar para o rosto dele.

— Obrigada, Josh Rowan.

— É sério, não prometo nada.

— Mas vai se esforçar?

Ele deu uma meia risada exasperada.

— Vou.

Nós saímos do pub e demos de cara com o bafo quente do início da noite. Comecei a procurar por um táxi.

— Para onde você vai agora? — perguntou ele.

— Heathrow. Tenho que pegar meu voo para casa.

— Você mora na Irlanda?

— Dublin.

Ele ergueu a mão para chamar o táxi, fechou a porta depois que entrei e ficou observando enquanto o carro se afastava.

Assim que o carro fez a curva e ele desapareceu de vista, bufei, exalando devagar, nervosa, e então liguei para Premilla e fiz comentários cuidadosamente otimistas. Ela recomeçou os agradecimentos efusivos, mas a interrompi na mesma hora. É sempre bom diminuir as expectativas dos clientes, mas algum instinto me dizia que eu havia conseguido resolver o problema.

Meu voo tinha ido embora sem mim, mas havia um assento disponível em outro mais tarde. A adrenalina ainda corria pelo meu corpo, e tudo que eu queria era tomar todos os drinques do cardápio do restaurante da área de embarque, mas consegui ficar no chá de hortelã.

Para passar o tempo, fiz uma pesquisa extensiva sobre Josh Rowan, coisa que devia ter feito muito antes. Sério, foi muito negligente da minha parte: o editor de um jornal nacional cujo nome do cachorro eu não sabia. (Uma springer spaniel chamada Yvonne, descobri naquele momento através de uma amiga em comum no Facebook.) Ele tinha dois filhos — com 10 e 12 anos pelas fotos, mas achei difícil avaliar, já que só lido com meninas — e a mulher, Marcia. Passei para o perfil dela, o que tornou minha investigação mais recompensadora.

Eu a analisei com avidez, ansiosa por saber como outras pessoas lidavam com a situação tão complicada que é ser uma mulher. Ela parecia ter 40 e poucos anos, era bonita, mas nada espetacular. Que interessante.

Todo acontecimento da vida dos Rowan parecia ser documentado por Marcia — eles tinham ido a Portugal em julho passado, para um resort que eu fora com Hugh três anos antes. Primeiro, me surpreendi com a coincidência, mas então fiquei subitamente melancólica ao compreender que era apenas um clichê da classe média.

Então veio uma foto de Marcia de biquíni, depois outra — meu Deus, que bom para ela, porque eu jamais pretendia usar um biquíni de novo na vida, que dirá postar fotos na internet para todo mundo ver. Se eu tivesse que usar roupas de banho, optava por um maiô que amarrava no pescoço, preferencialmente com uma sainha. Eu fingia que isso era por causa do meu estilo retrô, mas, na verdade, era só uma forma de disfarçar a barriga flácida. E, por falar em barrigas flácidas — não estou sendo maldosa, apenas citando os fatos —, Marcia devia diminuir a quantidade de bananas que andava comendo. (Ou era só eu que via esses anúncios na internet? Eles estavam dando certo, porque não conseguia mais nem olhar para uma banana sem pensar que fossem aumentar minha cintura.) No entanto, com quantidades modestas de gordura abdominal ou não, Marcia parecia ser muito confiante.

Continuei lendo os posts dela — então meu coração deu um pulo quando apareceram fotos de Josh com um grupo de homens sujos de lama. Ele se classificara para as semifinais de um campeonato de futebol! Fiquei muito contente por ter acertado. Aquilo era um bom sinal — um ótimo sinal!

Automaticamente, quase curti a foto, mas consegui afastar a mão bem a tempo — não seria bom se ele descobrisse que eu estava fuxicando sua vida.

Meu foco ficou dividido entre espionar a vida dos Rowan e monitorar o site do *Herald*, e, quando meu avião finalmente foi para a pista, ainda não havia nada sobre Premilla na internet. O comissário de bordo pediu para que eu desligasse meus telefones. Supersticiosa, minha sensação era que, se ficasse de olho nas coisas, nada poderia dar errado. Contudo, obedeci para o avião não cair. (Apesar de nunca ter me convencido de que telefones celulares interferem de verdade com os instrumentos do avião, porque já esqueci um dos meus aparelhos ligado por um voo inteiro e nada de ruim aconteceu. Você começa a se perguntar se as empresas aéreas não fazem isso só para incomodar. Da mesma forma como precisam que as persianas das janelas fiquem abertas na decolagem e na aterrissagem, e todas as outras coisas aleatórias difíceis de acreditar.)

Assim que aterrissei, liguei o telefone. Para meu susto, havia várias ligações perdidas — e um mau pressentimento. Em vez de ouvir as mensagens, fui direto para o site do *Herald*, e meu coração disparou quando cheguei à manchete na página principal: ATRIZ DE NOVELA VICIADA EM DROGAS.

Com as mãos trêmulas, fui descendo pelos detalhes nojentos do flagrante de Premilla. Pensar em como eu havia acreditado que Josh Rowan se compadecera com a história triste dela era humilhante. Como se quisessem anunciar a tempestade midiática que eu teria que enfrentar, meus dois telefones começaram a tocar ao mesmo tempo. Vá se foder, Josh Rowan. Vá se foder.

24

Na noite de quarta, por volta das oito da noite, estaciono meu carro, olho para minha casinha e sinto algo parecido com pavor.

Não é como se minha volta de Londres sempre fosse recebida com uma festa — eu geralmente só passo uma noite fora, e a viagem já faz parte da nossa rotina. Hugh costumava me abraçar, eu subia e desfazia metade da mala — cujo lugar permanente era no chão do quarto, com coisas caindo dela —, então descia de novo, e ele preparava uma xícara de chá para a gente. Às vezes, Hugh deixava o jantar pronto, às vezes, não, mas nos sentávamos e conversávamos. Não era uma conversa *séria*, cheia de verdades; nós batíamos papo sobre coisas rotineiras, tipo se aquela era a semana de botar as latas de reciclagem na rua para o lixeiro ou se valia a pena gastar mais dinheiro com aulas particulares de matemática para Kiara, banalidades de um casamento que sempre são menosprezadas. Porém, é com as conversas sobre latas de lixo e orçamento que as vidas vão se entrelaçando.

Pego minhas coisas e decido ser forte. Hugh já teria aberto a porta a essa altura, mas tenho que encarar a realidade.

Assim que minha chave vira na fechadura, Neeve e Kiara aparecem no vestíbulo. Até Sofie está aqui. Que diabos está acontecendo? Sou a chefe da casa agora e não tenho ninguém com quem compartilhar minhas preocupações.

— Oi! Aconteceu alguma coisa?

— Nada. Não. Só achamos que podíamos...

As três me cercam. Uma delas pega minha mala, e outra me passa uma taça de vinho.

— Esvaziamos a lava-louça — anuncia Neeve. Isso é, era, tarefa de Hugh.

— E compramos queijo para você — diz Sofie. — O pior que eles tinham. Fede feito um defunto.

— É horroroso. — Kiara parece entusiasmada.

— Você não vai acreditar no quanto fede. — Sofie me guia para a cozinha. — Vamos sentar.

Kiara puxa uma cadeira, e Sofie me acomoda, como se eu fosse uma inválida. Não é desagradável.

Neeve abre a geladeira, o cheiro do queijo escapa numa nuvem gelada, e todas as meninas exclamam:

— Eca!

— Está sentindo? — Neeve parece cheia de orgulho.

Faço que sim com a cabeça.

— É horrível mesmo. — Não é tão ruim assim, mas quem sou eu para estragar a alegria delas?

— Não é? Sofie quase vomitou no carro quando estávamos voltando do mercado, não foi, Sofie?

— Precisei abrir a janela e tudo.

Com cautela, Neeve tira o queijo da geladeira e, mantendo-o bem afastado do corpo, o leva para a mesa.

— É francês — explica.

— Toulouse-Lautrec — diz Sofie.

— Camus — diz Kiara. — Esse tem mais nome de queijo.

As três morrem de rir.

— Alguém pegue um prato — ordena Neeve. — E uma faca.

Tudo isso é levado para a mesa na mesma hora, seguido por um pote de chutney artesanal, biscoitos de água e sal e sete nozes-pecã, cuidadosamente partidas ao meio. Minha taça de vinho é reabastecida, e as meninas se afastam para admirar o próprio trabalho.

— Muito bem! — As três abrem sorrisos radiantes para mim; tudo isso é tão gentil da parte delas.

— Espero que goste do seu queijo — diz Neeve. — Se isso for mesmo possível.

— Isso, sim, é um belo prato de comida — digo, e então instantaneamente me arrependo, porque essa é uma das muitas piadas internas que eu compartilhava com Hugh.

Neeve franze a testa.

— O quê? Ah, é o que falam no *Masterchef*. — Então ela arqueja. — A maçã! Esquecemos a maçã! — Ela se joga em cima da fruteira. — Corte, Sofie. — O papel de Sofie na família é cortar as coisas

desde que fez um ótimo trabalho num bolo de aniversário muitos e muitos anos atrás. Cortar comida a deixa muito ansiosa, mas você sabe como são famílias. Regras são regras. — Fatias finas, bem finas, como Hugh faz. — Alguns minutos tensos se seguem enquanto Neeve fica atrás de Sofie, chiando: — Faça um leque. Tipo um leque. Que nem Hugh faz.

A maçã aparece, cortada um pouco torta.

— Certo — diz Neeve. — Cada uma de nós fez uma lista de coisas que você pode gostar de fazer enquanto ele estiver fora. Kiara, pode começar.

— Não — protesto. — Não! Estou bem, de verdade. — Eu sou a adulta da casa, e não importa o quanto me sinto mal, as meninas não podem saber. Precisam confiar que vou tomar conta de tudo: o mundo delas já foi bagunçado o suficiente, e precisam poder contar com pelo menos um dos pais. — Estou *bem*. Vou cuidar de vocês três. Esse é meu único plano pelos próximos seis meses.

— A gente sabe que você vai cuidar da gente — responde Sofie. — Mas nós *temos* vidas. Estamos tranquilas.

— Sim, tranquilas, mãe.

Sejamos justos, eu também tenho uma vida. Mais ou menos.

— Mas eu sou a adulta.

— Se acharmos que as coisas estão estranhas sem ele, vamos avisar — diz Kiara. — O importante é nos comunicarmos. Mas você também precisa saber que pode contar com a gente.

— Sim, mas...

— Fique quieta. — Kiara começa um discurso: — A maioria das pessoas em relacionamentos duradouros nunca tem uma oportunidade como essa. Se vocês dois usarem esse tempo com sabedoria, o relacionamento de vocês só tem a ganhar pelo que aprenderam enquanto estavam separados. As coisas serão melhores ainda.

Parece grosseiro mencionar que as coisas já estavam bem o suficiente antes disso.

— Aqui vai a minha lista — anuncia Kiara. — *Mindfulness.* Meditação. Ler uma obra clássica que sempre te chamou atenção. Escutar podcasts inspiradores enquanto faz longas caminhadas sozinha. — Todas as escolhas de Kiara são atividades individuais

porque ela não quer que eu conheça outro homem. Nem precisava ter se preocupado. — Manter-se aberta ao crescimento pessoal.

O problema com crescimento pessoal, na minha experiência, é que raramente é uma opção. É o tipo de coisa que ocorre como efeito colateral de alguma perda ou trauma. Considerando como essa situação está me deixando mal, vou ter me tornado um Colosso particular no fim das contas.

— Certo, aqui vai a minha lista. — Neeve começa a ler no iPad. — Colocar Botox.

— Eu adoraria, mas acho que os médicos irlandeses não aceitam pagamento em pedras ou batons velhos.

— Sua vida é difícil, mãe. — Neeve balança a cabeça numa demonstração cínica de solidariedade. — Próxima sugestão: começar a correr.

Isso *nunca* vai acontecer. Não tenho o corpo certo: minhas coxas celtas são curtas demais.

— Posso te fazer companhia — acrescenta Neeve.

Apesar das coxas dela serem tão curtas quanto as minhas, o fato de minha filha ter se oferecido para fazer qualquer coisa comigo é encorajador. Talvez eu possa usar esse tempo para fortalecer os laços com as pessoas na minha vida.

A ironia da situação é que a *última* coisa que vou ter é tempo. Eu já vivia correndo quando Hugh estava aqui, fazendo tudo que ninguém queria fazer, o que significa que minha agenda vai ficar ainda mais cheia agora que ele foi embora.

— Talvez eu devesse entrar no Tinder? — Tento bancar a brincalhona.

— Você? — Sofie solta uma gargalhada. — No Tinder?

Todas as três começam a rir.

— Desculpe, mãe — diz Kiara. — Mas você é velha demais.

— E além disso — começa Neeve —, você provavelmente ia acabar arrastando as fotos para o lado errado e ficando com os esquisitões.

Jovens são *tão* arrogantes.

— Tudo bem, Sofie — digo. — Leia a sua lista.

— Só consegui pensar numa coisa. Comprar almofadas para sua cama.

— Ah? — *Hein?*

— Você adora deixar um monte de almofadas na cama, e papai, não.

Isso é verdade.

— Então essa é uma oportunidade de você fazer algo de que gosta.

Sabe, esse conselho até que é bom.

— É verdade, mãe! — De repente, Kiara se empolga. — Você pode procurar na internet aquelas coisas bordadas de contos de fada.

— Feitas por camponesas cegas em florestas habitadas por lobos da Moldávia — zomba Neeve.

— O artesanato oferece uma fonte de renda para pessoas que necessitam dele. — Kiara lança um olhar frio para a irmã. — Vamos, mãe, compre as almofadas.

Não é como se eu precisasse ser encorajada a gastar dinheiro.

— Mas e quando Hugh voltar? — pergunta Neeve.

— Elas podem ficar na sala de estar.

— Não quero ficar olhando para as almofadas bregas dela.

Não posso deixar essa passar.

— Não são bregas! São delicadas.

— Bregas. — Neeve abre um sorriso enviesado para mim.

— Artesanato caseiro de uma vida campestre idealizada.

— Bregas.

Eu só consigo rir.

25

O telefone de Neeve apita. Ela olha para a tela e diz:

— Papai está a caminho.

Eu a encaro. Mas que raios...? Ela está falando de Richie Aldin? Não pode ser Richie Aldin.

— Que papai? — Kiara parece tão surpresa quanto eu.

— O *meu* pai — diz Neeve.

Mas que *absurdo*.

— Como assim, ele está a caminho? — pergunta Sofie. — A caminho para onde?

— Para cá. — Neeve parece impaciente.

Mas Richie Aldin não vê a filha mais que duas vezes por ano. Ele entra e sai da vida dela quando quer, e sua ausência é fonte de uma dor crônica. Como isso a incomoda tanto, também sofro por ela.

Ele é uma merda de homem. Três anos depois de nos divorciarmos, Richie voltou a se casar, e sua mulher teve uma filha, depois outra, depois outra, e cada novo nascimento deixava Neeve mais cheia de medo e anseio. Com o passar dos anos, ela fez várias tentativas de se infiltrar no clã das meias-irmãs, e, às vezes, as três lhe davam alguma abertura. Mas então Neeve descobria que tinham ido à EuroDisney ou a Alton Towers sem convidá-la, e voltávamos à estaca zero, com ela chorando nos meus braços, dizendo que tudo que queria era fazer parte de uma “família de verdade”.

Já entrei num avião duas vezes e fui a Leeds só para implorar a Richie para incluí-la nas suas férias de família. Eu pagaria por tudo se deixassem que ela fosse junto. Nas duas vezes, ele disse que ia pensar, mas, no fim das contas, a decepcionou. Richie não se cansava de magoá-la.

Ainda assim, não posso falar mal dele para Neeve. O idiota é pai dela, e um relacionamento mínimo é melhor do que relacionamento nenhum.

— Ele vai filmar um vlog comigo — explica Neeve. — Sobre como os homens cuidam do corpo.

— Por que hoje, querida?

— Era o único dia que ele podia.

Não importa o que Neeve diga, o fato de Richie aparecer aqui justamente hoje não é por acaso. Qualquer idiota sabe que nós dois nunca vamos reatar, mas ela ainda tem esperança. E, se eu deixar, isso partiria meu coração.

— Ele é muito ocupado — diz Neeve, na defensiva, como se eu fosse proibir seu pai de entrar na casa. Coisa que jamais aconteceria. Mas não que eu não tenha *vontade*.

Richie nunca me pediu desculpas, nunca pedirá, e, apesar de eu não guardar rancor, o detesto para valer. As coisas sempre dão certo para ele — um período longo e moderadamente bem-sucedido como jogador de futebol no Reino Unido, durante o qual se comportou e juntou bastante dinheiro. Quando a carreira chegou ao fim, de forma natural, sem grandes crises, ele não comprou um pub ou gastou as economias todas em bebedeiras, como muitos ex-atletas fazem (de acordo com uma matéria que li em algum canto). Em vez disso, voltou para a Irlanda e abriu uma escola de futebol que tem uma boa reputação, que funciona como um celeiro para times da Inglaterra e, pelo que os jornais dizem, ganha rios de dinheiro.

E sua vida pessoal também não lhe causa dores de cabeça. Alguns anos atrás, Richie resolveu largar a segunda mulher — de acordo com Neeve, estava “entediado”. Não sei os detalhes, mas não parece ter sido uma decisão que tenha causado muita reflexão ou culpa.

Ele nunca pareceu duvidar de si mesmo nem ter problemas de consciência. Richie faz o que quer e sempre se safa.

Hoje em dia, vive arrumando namoradas bonitas e simpáticas, mas não o vejo com frequência suficiente para acompanhar a rotatividade delas.

Será que ele sabe que Hugh foi embora?

Na verdade, não me importa.

— Que horas ele vem? — Kiara está séria. Ela não gosta de Richie.

— Já está chegando.

— Qual será o carro dessa vez? — pergunta Sofie. — Algum chamativo, acho. — Ela também não é lá muito fã dele. — Talvez um Aston Martin.

— Ou uma Lamborghini — digo.

— Mas com certeza caro? — pergunta Kiara.

— Sim!

— Se eu tivesse um carro — diz Kiara, pensativa —, queria que fosse um Citroën Dyane.

— Até ele quebrar pela décima sétima vez antes de rodar um quilômetro — rebate Neeve. — Aí você ia querer uma BMW.

— Vai ser uma Ferrari — intervém Sofie.

— Claro que não. — Neeve insiste em defender sua porcaria de pai.

A campainha toca.

— Já?

Nós quatro vamos até a porta, curiosas para ver o carro de Richie e... nos deparamos com Genevieve Payne. Segurando o que parece ser uma travessa de comida.

— Só vim oferecer meus sentimentos e entregar isto.

— O que é? — quer saber Neeve.

— Um ensopado.

— Mas por quê? — pergunta Neeve. — Ninguém morreu.

— Mas...

— Meu padrasto foi atrás de uma realização pessoal. Ele é demais. Não precisamos do seu ensopado.

Genevieve tenta fazer um contato visual assustado comigo.

— Amy, eu...

Mas Neeve já está fechando a porta.

E então ela se fecha, e estou andando para trás pelo corredor, chocada e zonza e apreensiva com as repercussões.

— Que babaca! — diz Neeve.

— Neevizinha! — exclama Sofie. — Você acabou com ela! Isso aí! Arrasou!

Ela arrasou *mesmo*. Quando Neeve está do lado de alguém, não há ninguém mais leal e determinado.

— “Não precisamos do seu ensopado” — exclama Kiara num tom de admiração. — *Lacrou.*

— Mas, *pooorra*, as pessoas oferecem sentimentos quando os outros morrem!

— Mitamos!

— *Mitamos*!

— Pisamos naquela vaca!

Entendo vagamente o significado das palavras, mas jamais seria capaz de usá-las com confiança.

— “Não precisamos do seu ensopado” — diz Sofie, e, de repente, estamos todas engasgando de tanto gargalhar.

Rio até meu rosto ficar encharcado de lágrimas e os espasmos diminuírem.

Então Kiara diz:

— “Não precisamos do seu ensopado.” — E lá vamos nós outra vez.

Um Audi com faróis chamativos para diante de casa.

— Droga — diz Kiara. — Ninguém acertou.

— Oi, Amy.

Richie Aldin entra no vestíbulo e me dá um beijo educado na bochecha. Ele cheira a algum perfume masculino caro. Nunca tem um aroma natural. Talvez seja coisa de jogador de futebol, com essa mania de viver tomando banho.

— Você está bonita — diz.

Ele também está bonito, de um jeito atlético. Seu cabelo louro-acobreado está “domado” num corte moderno e atopetado, e seu corpo é compacto e musculoso, não alto, mas forte. Deve continuar treinando naquela escola cara dele.

— Oi, querida. — Richie abraça Neeve.

— Oi, papai.

Dói ver como ela fica feliz. Ele não podia ter sido mais bondoso com ela nos últimos 22 anos? O que torna tudo ainda mais doloroso é o quanto os dois se parecem — os olhos atentos e desdenhosos, as sardas espalhadas pelo nariz, o cabelo brilhante com uma cor tão diferente.

— Hugh não está em casa?

Congelo.

— Hum, não.

— O quê? — Richie olha para mim e então para Neeve. Fofoqueiro idiota.

— Vamos, pai — diz ela. — É melhor começarmos logo.

— Mas...

— Depois eu explico — insiste ela.

26

Quinta-feira, 15 de setembro, terceiro dia

As noites de quinta são reservadas para fazer compras, e meu plano é ir atrás de coisas bonitas quando sair do escritório. Mas meu telefone toca. É mamãe, e meu coração dispara.

— Amy, preciso que você venha para cá hoje. Dominik furou comigo, e eu preciso sair.

— Ah! Mas... aonde você vai?

— Sair. — Ela soa quase afrontada. — Vou beber.

— Com quem?

— Com amigos.

— Mamãe, com *que* amigos?

— Meus amigos — reclama ela. — E Dominik está ficando folgado demais.

Isso é muito preocupante. É Dominik quem mantém aquela casa de pé.

— O que houve? Ele cancelou?

— Não. Mas disse que não estava disponível. Parece que tem outro trabalho.

— Mas...

— Esteja aqui às sete. — Ela desliga.

Isso tudo — essa confiança de mamãe, essa insensatez — é novidade. Vou perguntar a Hugh o que fazer e... Ah! Não posso.

É literalmente inacreditável que ele tenha ido embora. Como as coisas deram tão errado tão rápido?

Ligo de novo para mamãe, mas a ligação cai direto na caixa postal. Então, tento o telefone fixo, e a mesma coisa acontece. Não tenho escolha além de ir até lá.

Mamãe está vestindo a jaqueta de couro de Neeve, esperando-me na porta da frente.

— Obrigada pela ajuda — diz ela. — Se eu não sair e tirar uma folga dele — e acena na direção de papai —, vou perder a porra da cabeça.

— Ahn... tudo bem. — Tenho certeza de que nunca a ouvira dizer “porra”. — Quem você vai encontrar?

Mamãe responde segurando as minhas mãos e perguntando:

— Como você está, meu amor? Desde que Hugh foi embora?

— Ah. Hum. É estranho. Mas ainda estou me acostumando.

— Bem, estou aqui caso precise. Pode aparecer sempre que quiser.

— Então, aonde você vai agora?

— Quem vai fazer o jantar amanhã?

— Maura.

— Ah.

Os dias de Maura são os piores do rodízio de cinco semanas, porque a única coisa que minha irmã sabe cozinhar é batata assada com queijo ralado, o que gera resmungos nervosos de que ela podia pelo menos pedir pizzas, já que é cheia da grana.

Eu trago pizzas nas minhas semanas, mas são aquelas de supermercado, coisa que também deve gerar resmungos nervosos. Eles que se danem; não tenho tanta grana quanto Maura.

Joe e Declyn cozinham bem, então as semanas deles são felizes. Mas as de Derry são nossas joias mais preciosas, os bailes de gala, os eventos que ninguém perde. Ela nunca faz miséria com o dinheiro e sempre pede pequenas montanhas de comida indiana maravilhosa no Rasam.

Algo buzina lá fora.

— Meu táxi chegou — diz mamãe. — Volto às onze.

— Está levando seu telefone? — pergunto.

— Sim. — Ela sai em disparada.

— Ele está ligado?

— Sim — responde sua voz ao longe. Tenho certeza de que está mentindo.

Sentindo-me confusa e passada para trás, entro para cumprimentar papai, que me recebe gritando:

— Quem é você?

— Amy.

— Que Amy?
— Amy O'Connell.
— Meu sobrenome é O'Connell, será que somos parentes?
— Sou sua filha.
— Porra nenhuma, não tenho filhos. Quem é você?
— Amy.
— Que Amy?
— Amy O'Connell.

Depois de dez minutos dessa ladainha, minha vontade é lhe dar uma marretada. Consigo até visualizar a cena, eu pegando a marreta, acertando a cabeça de papai e depois observando-o cair num coma silencioso. Não admira que haja tantos casos de abuso contra idosos.

De repente, fica mais fácil entender a necessidade que mamãe tem de sair com esses amigos misteriosos dela.

Não posso nem mesmo fugir para a internet e procurar capas de almofada ou férias dos sonhos, porque o Wi-Fi só pega em um quarto no andar de cima, e é melhor eu não deixar papai sozinho.

O problema com a internet é que, na verdade, ela é roubada dos vizinhos, os Flood. Tenho vergonha disso, mas a história de como eu e Derry tentamos instalar banda larga aqui e fracassamos é longa e chata demais. No entanto, é difícil viver sem internet, e, às vezes, não resistimos à tentação de invadir a rede dos Flood. Como compensação, compramos uma caixa de vinho argentino para eles, mas, quando Joe a entregou, por motivos que jamais conseguimos entender, acabou não explicando a razão por trás do presente. Então perdemos o momento de confessar e agora vivemos com medo de os Flood começarem a usar senha.

Às oito horas, as coisas pioram: papai quer assistir a um documentário sobre assassinos em série, mas eu prefiro — *preciso* — assistir a *Masterchef*. Ele parece muito mais difícil hoje do que o normal. Então lembro que Hugh estava comigo todas as poucas vezes que fiquei de babá. É bem mais fácil fazer isso a dois.

— Você vai gostar — digo a ele, mantendo a posse do controle.

Mas papai começa a berrar xingamentos tão exagerados para Marcus Waring e os pobres participantes que eu rapidamente aceito a derrota e mudo para *Jeffrey Dahmer: o canibal de Milwaukee*.

— O sujeito da chaleira! — diz papai. — Esse é dos bons.

27

Sexta-feira, 16 de setembro, quarto dia

Alastair chega tranquilamente de Londres por volta das duas da tarde, como sempre faz às sextas.

— Quais são os planos para o fim de semana, Amy?

— Neeve e Kiara querem ir jogar boliche.

— Boliche!

Tenho que rir.

— Tirando todo o restante, ainda tem os *sapatos.* Não, vamos só ao cinema no domingo, como sempre.

— É bom ter uma rotina. E aí, algum evento social? E as suas amigas?

— Vou almoçar com Steevie amanhã, depois de uma batalha com meu cabeleireiro. E à noite tenho o aniversário de Vivi Cooper.

— Quem?

— Ela é mulher de Frankie, amigo de Hugh. Ele disse que iria antes de resolver ir embora do país, então herdei a obrigação. Vai ser em Ananda, eu e mais seis casais. Não vou. Vivi disse que posso decidir em cima da hora, mas já sei que será impossível.

— Você não acha que talvez seria bom para vo...

— Eu ia morrer de vergonha. Ter que fingir que está tudo bem, mas... Ah, meu Deus! — De repente, não consigo respirar.

— Calma — diz Alastair. Ele esfrega as minhas costas gentilmente até eu conseguir puxar o ar. — Desculpe.

— Não tem problema. Você só queria ajudar. E só que, e se eu entrar em pânico numa situação dessas? Quando eu estiver presa com essa gente toda?

Ele concorda com a cabeça.

— Que tal ir encontrando as pessoas aos poucos?

Não sei, não. Além das meninas, não me sinto completamente segura com mais ninguém.

— Mas, amanhã à noite — diz Alastair, sentindo meus pensamentos —, talvez seja melhor ficar em casa, comer e assistir a alguns desfiles no site da Vogue. Você está em choque. Seu mundo mudou de repente. Esse tipo de coisa tem que ser digerido.

— Que tipo de coisa? — Estou desesperada por uma explicação.

— A transição vai demorar — continua ele. — Você precisa metabolizar todos esses novos fatores.

— E só então vou me sentir melhor?

Alastair ri, um pouco triste.

— Muito bem — anuncia Tim para mim e Alastair. — Reunião rápida.

— Puta merda — reclama Alastair. — São dez para as cinco. Já é praticamente fim de semana.

— O Prêmio da Imprensa? — continua Tim como se não tivesse sido interrompido. — Na sexta-feira, 11 de novembro, em Brighton. A gente vai? E, se formos, qual de nós?

Como a imprensa britânica precisa fingir que não é completamente focada em Londres, o prêmio — "o Oscar do Mundo das Notícias" — acontece fora da capital. Cerca de setecentos apresentadores, produtores, pesquisadores, diretores e jornalistas lotam um resort à beira-mar, onde cerca de um zilhão de prêmios são distribuídos para cada versão imaginável de eventos da atualidade.

Estar longe de casa de alguma forma incentiva as pessoas a ficarem acordadas até tarde e aprontarem. Elogios são tecidos aos todo-poderosos durante um jantar animado como esse. Depois, há uma noitada de antigamente num salão, cheia de dancinhas vergonhosas, e a farra continua em vários quartos de hotel. Em alguns deles, você toma uísque e joga pôquer até o sol nascer; em outros, dança ao redor de uma prensa para calças, tão bêbado que se acha talentoso o suficiente para requebrar em cima do palco de uma boate.

Pobre do infeliz com o quarto abaixo de uma dessas farras — ele não vai conseguir dormir. E nem adianta reclamar: os funcionários

ficam morrendo de medo de se meter numa confusão dessas, e, se o hóspede insone resolver subir para mandar calarem a boca, é bem provável que acabe sendo puxado para a festa e obrigado a beber rum.

Várias alianças improváveis surgem nessas noites — você pode terminar segurando o cabelo de sua inimiga mortal enquanto ela vomita depois de encher a cara com B52. Ou andar de mãos dadas pela praia pedregosa durante o nascer do sol com um homem que nunca considerou pegável.

Caso tenha alguma predisposição à infidelidade, esse é o lugar ideal.

— Quer ir, Amy? — pergunta Tim.

— Quero. — A noite sempre é divertida, e não fui ano passado porque o pai de Hugh tinha acabado de falecer.

— Na verdade, devíamos ir todos — diz Tim. — Ter quase todos os jornalistas do Reino Unido em um único lugar é uma oportunidade boa demais.

— Podemos bancar três viagens? — Entre passagens aéreas, hospedagem e ingressos, esse tipo de coisa sai caro.

Alastair e eu encaramos Tim com expectativa, esperando o veredito. Todos temos partes iguais do negócio, mas, quando se trata de questões financeiras, Tim é como se fosse nosso pai.

— Thamy? — grita ele. — Pode verificar o preço dos voos para Gatwick no dia 11 de novembro? E os quartos mais baratos do Gresham Hotel em Brighton?

Voltamos para o trabalho, e, quando Thamy apresenta suas pesquisas para Tim, fica óbvio que ele gostou do resultado, porque diz:

— Faça as reservas. — E então: — Muito bem. Vamos todos.

Do nada, me pergunto se Josh Rowan estará lá.

28

Dezessete meses atrás

Na noite terrível em que o escândalo de Premilla com as drogas foi parar na internet, fiquei esperando em pé no avião, impaciente pelo momento da saída, arrastando a tela do celular enquanto lia os detalhes horrorosos e bolava uma estratégia.

Era preciso ser rápida para mudar a narrativa, transformando "Premilla, a compradora de drogas" em "Premilla, a mulher respeitável que sofreu um desserviço da comunidade médica". Uma entrevista com um jornalista em quem eu confiasse? Um segmento num programa matutino de televisão?

Meus dois telefones tocavam. Atendi um deles a esmo.

— Amy O'Connell.

— Aqui é Josh Rowan.

Não falei nada. Fiquei quieta. Furiosa.

— Você está na linha?

— O que você quer? — Nenhum relações-públicas queria ter um inimigo na imprensa, mas eu estava com raiva.

— Desculpe — disse ele. — Sobre Marie Vann. — Aquele sotaque de Newcastle. "O sotaque mais confiável", apontara uma pesquisa qualquer. — Fiz o que pude. Ela passou por cima de mim. Mas posso oferecer outra coisa. Uma entrevista com Chrissy Heathers, para diminuir o estrago. Com um belo destaque. Duas páginas na sexta-feira. Favorável.

Em silêncio, ponderei a oferta. Chrissy Heathers tinha um estilo bem diferente de Marie Vann. Ela publicava matérias questionadoras, mas, no geral, equilibradas e justas. E agora que os podres de Premilla tinham sido expostos, a única opção era tentar controlar o estrago. Ainda assim, mesmo que eu confiasse no *Herald*, era impossível saber se minha cliente aceitaria conversar com o jornal que a ferrara.

— Posso aprovar a matéria? — perguntei.

Ele suspirou.

— Não.

Era o que eu já imaginava. Jornalistas quase nunca cediam nesse ponto, porque isso significaria que qualquer coisa negativa poderia ser — e seria — removida pelo entrevistado, restando só um textinho bonito.

— Olhe, vou ver o que posso fazer.

— Mas não vai prometer nada — reiterei.

Parecendo um pouco cansado, Josh Rowan disse:

— Isso.

Minha primeira ligação foi para Hugh, para contar que não voltaria para casa. Então, assim que nos liberaram do avião, subi direto para o andar de Embarques e comprei um voo de volta para Londres, o último da noite.

Correndo pelo aeroporto, liguei para Premilla, jurei que estava resolvendo o problema e então telefonei para sua irmã para pedir que tomasse conta dela. Então liguei para Josh

Rowan.

— Por que eu deveria confiar em você? — perguntei.

— Porque você pode.

— Você acabou de provar que não posso.

— Eu não prometi nada. Não podia. Marie não é minha contratação, não tenho poder nenhum sobre ela, mas todo o restante do pessoal de reportagens é meu.

Eu estava pensando rápido, rápido, rápido. Era verdade, Marie Vann fora contratada pelo editor tão inalcançável quanto Beyoncé em uma péssima tentativa de aumentar as vendas decadentes do jornal. Na mesma hora, analisei meu catálogo mental de todos os jornalistas bonzinhos que me ajudariam — muitos escreveriam uma matéria legal, mas, como trabalhavam para publicações semanais, teríamos que esperar duas semanas. Aquela situação precisava ser remediada imediatamente, antes que a percepção pública de Premilla como uma drogada se cristalizasse.

— Sexta? — perguntei. — Esta sexta? Depois de amanhã? Duas páginas?

— Esta sexta. Duas páginas. Favorável. Vou tentar que você aprove a matéria e, de toda forma, vou pessoalmente supervisionar os subeditores.

Um fator importante. Uma matéria piedosa podia acabar sendo inútil se um dos subeditores inventasse uma manchete de tabloide vagabundo, como “Minha vergonha com as drogas”.

Minha indecisão era agonizante; se eu tomasse a decisão errada, teria muito a perder.

— Ou você pode procurar outra publicação — disse ele. — Quem tiraria sua razão?

Num paradoxo, foi isso que me fez decidir. Uma defesa de Premilla no *The Guardian* ou no *The Times* poderia parecer um jornal querendo vencer o outro. Por outro lado, se a matéria saísse no *Herald*, poderia neutralizar a história original.

— Tudo bem. Chrissy Heathers entrevista Premilla amanhã, num hotel. — Nenhum jornalista ia se enfiar na casa da minha cliente para vasculhar o armário do banheiro e relatar tudo que encontrara.

— E é uma exclusiva. Espere aí. Você está *correndo*? — perguntou ele.

— Sim. Vou pegar o último voo de volta para Londres.

— Com os mesmos sapatos de mais cedo?

— Quando alguém é baixinha como eu, acaba se acostumando a fazer tudo de sal... Ah, meu Deus! — De repente, meu pulso estava vibrando.

— O que houve?

— Ah. Entendi. — Não diminuí o ritmo. — É o meu Fitbit. Devo ter alcançado meus dez mil passos diários. Isso é tão raro que não percebi o que estava acontecendo.

— Mas as mensagens simpáticas de incentivo nunca param de aparecer. Pelo visto, já andei toda a extensão do Reino Unido, mas levei uns três anos. Certo. Então está combinado que vai ser uma exclusiva?

— Combinado.

Combinadíssimo. Era vital que Premilla não falasse com mais ninguém. O silêncio ensurdecedor seria a única resposta adequada até termos a matéria que viraria o jogo na sexta.

Meu estômago queimava. Eu não sabia o quanto Josh Rowan era confiável.

Ele já me ferrara uma vez.

Era quase meia-noite quando cheguei ao apartamento de Premilla em Ladbroke Grove, para dormir. Um tumulto barulhento de jornalistas esperava do lado de fora, a lente dos fotógrafos mirando as janelas dela no primeiro andar.

A multidão era ainda maior na manhã seguinte, quando dois seguranças lituanos e eu ladeamos Premilla até o carro que nos aguardava.

— Ignore todos eles — falei baixinho no ouvido dela enquanto os jornalistas berravam insultos e acusações, qualquer coisa que provocasse uma reação. As unhas de Premilla estavam tão roídas que dava para ver sangue, e seu belo rosto estava vermelho e descamando de psoríase por estresse.

Uma suíte no centro de Londres fora reservada para a entrevista. Do lado de fora da porta, Premilla tremia.

— Vai dar tudo certo — garanti, determinada. — Vai, sim.

Bem, eu faria de tudo para que desse. Peguei a mão dela e a guiei para dentro.

Chrissy Heathers estava lá, o rosto rechonchudo e o cabelo encaracolado, bagunçado, dando a falsa impressão de alguém totalmente benevolente. Também havia um fotógrafo, uma estilista, uma maquiadora e — apoiado numa parede, observando todo mundo — Josh Rowan. Meu coração deu um salto quando o vi, e uma mistura estranha de sentimentos me invadiu: desconfiança, rancor e alguma variação de vergonha.

Seus braços estavam cruzados diante do peito, e ele permanecia completamente imóvel no meio de toda a agitação. Nossos olhos se encontraram por um momento mais longo do que o necessário, e minha pele entrou em combustão. Por que ele estava ali? Editores não costumam aparecer em entrevistas, independentemente do rebuliço.

Um barulho engasgado vindo de Premilla me distraiu — ela estava tão abalada com o tamanho daquela operação que começou a chorar.

— Shhh — falei, baixinho. — Está tudo bem.

Chrissy notou nossa chegada, então abri um sorriso enorme em sua direção, mas ela o ignorou.

— Você vai poder aprovar a matéria inteira.

Vou? Que ótima notícia.

— Obrigada.

— A decisão não foi minha. — Meu Deus, ela estava morrendo de raiva. — Agradeça a ele.

Chrissy inclinou a cabeça na direção de Josh Rowan — que subitamente apareceu do meu lado.

— Premilla? Sou Josh Rowan, o editor da seção que vai publicar a sua matéria. Sinto muito por você ter que passar por tudo isso. Mas vamos nos esforçar ao máximo para que o dia de hoje seja tolerável. — E lá ia ele, com seu sotaque “mais confiável”, tentando ser charmoso com a minha cliente.

Premilla engoliu em seco e assentiu com a cabeça.

— Só queremos melhorar sua reputação — continuou Josh Rowan. — E você e Amy vão poder aprovar a matéria toda. Isso significa...

— Premilla sabe o que isso significa — interrompi. Babaca pretensioso.

— Podemos começar? — Chrissy não estava mesmo nada feliz.

— Só um instante. — Não ia ter entrevista alguma antes de Premilla se sentir à vontade. Eu a guiei até uma poltrona. — O que você quer beber, meu bem? Água? Chá de camomila?

— Chá.

— Deixa comigo — disse Josh Rowan.

Era para isso que ele tinha vindo? Para servir chá? *Até parece*.

Enquanto ele se enfiava na parte da suíte em que o chá de camomila era preparado, Chrissy começou a disparar perguntas — era óbvio que a entrevista tinha começado sem a conversa-fiada que geralmente as precedia.

Trêmula e assustada, Premilla se enrolou com a primeira resposta, e fui tomada pela fúria.

— Só um instante. — Meu rosto exibia um sorriso, mas meu tom de voz era ríspido. — Chrissy, podemos conversar rapidinho? Em particular? — Eu estava de pé, me afastando, determinada. No corredor que ligava a sala de estar ao quarto, disse: — Sei que é um saco sua matéria ter que ser aprovada. Mas Premilla está abalada de verdade. Você não pode ser mais gentil?

Chrissy me lançou um olhar raivoso, mas, então, sua expressão se acalmou.

— Tudo bem. — Ela suspirou. — Tudo bem.

Ela se virou e voltou para a sala, comigo atrás, na mesma hora em que Josh Rowan surgia no corredor, bloqueando meu caminho.

— Está tudo bem?

De repente, a raiva voltou.

— Você armou isso tudo? — perguntei. — Deixou Marie publicar aquela matéria de merda só para o seu jornal conseguir uma bela exclusiva?

— Não. — Sua voz era educada; seu rosto, inabalável.

Ele parecia convincente, mas era difícil interpretá-lo.

— E por que você está aqui? — perguntei.

Josh Rowan começou a dizer algo, então parou, e, nesse momento, nessas palavras não ditas, senti o... aquilo, o que quer que fosse que havia entre nós.

Ele deu de ombros.

— Quero consertar as coisas.

Assenti com a cabeça, mas aquela não era a verdade. Ou, pelo menos, não a verdade completa.

Nós voltamos para sala, e a entrevista recomeçou, dessa vez com Chrissy sendo agradável, o que deixou Premilla visivelmente mais calma.

Josh Rowan retornou para sua posição inicial, apoiado na parede, observando tudo, e, mais uma vez, me perguntei por que ele estava ali.

— Com licença. — Meu tom era frio. — Você se importaria de ir embora?

— Não dá — disse Chrissy. — É ele quem vai fazer a edição final.

De repente, tudo ficou claro: o nome dela estaria nos créditos, mas Josh Rowan controlaria o conteúdo. Tudo bem, ele podia ficar.

Depois de uma hora, Chrissy foi escrever sua matéria e chegou o momento das fotos, que eram no mínimo tão importantes quanto a entrevista. A estilista tinha separado três araras de roupas no quarto, e, com olhos de águia, analisei as opções.

— Não. Não. Nada de jeans. Nada de brim.

— Que tal este? — Ela ergueu um vestido Roksanda maravilhoso, mas era vermelho, e vermelho é festivo demais.

— É lindo. — Havia um desejo real na minha voz. — Mas nada de vermelho, amarelo, rosa ou laranja. Nada de cores vivas. Pense no desejo e reparação.

— Tipo o filme? Tenho um vestido verde justo...

— Não o filme. — Não consegui segurar minha risada. — A emoção, o sentimento, qualquer coisa assim.

Algo me fez erguer o olhar. Josh Rowan estava no recinto. Ele tinha ouvido a conversa, e, mesmo sem que abrisse um sorriso ou emitisse qualquer som, eu sabia que tinha achado graça. Não. Nada de piadas internas. Nós não seríamos cúmplices. Eu não permitiria.

Depois de várias tentativas, o visual de Premilla finalmente foi aprovado por mim — calça preta reta, uma blusa esvoaçante da Chloé e os sapatos mais sem graça que já existiram (couro preto, ponta redonda, saltos de cinco centímetros). Ela parecia uma diretora de escola levemente estilosa.

Então, grudei na maquiadora enquanto a mulher cuidava do rosto de Premilla, garantindo que as manchas vermelhas da psoríase fossem cobertas, dispensando batons coloridos demais e insistindo que o cabelo fosse preso num coque elegante. Durante esse processo, o fotógrafo me olhava de cara feia, e ele estava certo em ficar preocupado: assim que as fotos começaram, eu me meti.

— Não a coloque atrás de uma mesa — ordenei. — Ela fica em pé, não tem nada a esconder. Tudo bem, sorria, Premilla, mas não mostre os dentes. — Havia uma linha tênue ali; não podia parecer que ser viciada em drogas era a alegria de sua vida, mas também era necessário evitar poses de "tragédia". — Pense em "hesitantemente esperançosa".

O fotógrafo me passou a câmera.

— Ótima ideia. Quer tirar as fotos?

— Eu sei. — Ergui as mãos e dei de ombros, como quem diz "fazer o quê?". — Sou um pé no saco.

Sim, o sujeito me odiava, mas era meu trabalho proteger Premilla.

E, enquanto tudo isso acontecia, eu sentia que Josh Rowan me observava o tempo todo. Isso me deixava... envergonhada. Ressentida. Confusa. Eufórica.

Quando as fotos acabaram, já passava das sete. Coloquei Premilla num táxi para a casa de sua irmã.

Josh Rowan anunciou:

— Chrissy terminou a matéria. Vou te mandar por e-mail.

— Obrigada. Sim, tudo bem, até logo, obrigada, tchau. — A estilista e o restante da equipe estavam indo embora.

Abri o anexo, e meu coração se apertou diante da primeira frase: "Aconchegada na bela poltrona de um hotel luxuoso de Londres..."

Josh também lia, sentado diante de mim na sala de estar, que subitamente se tornara muito silenciosa depois da partida de todos.

— Não — decretei.

— Eu sei.

Olhei ao redor.

— É *mesmo* luxuoso...

— Mas isso não é relevante.

— Não pode haver qualquer insinuação de que ela está se beneficiando com tudo isso.

— Pode deixar. — Ele digitou algo rapidamente.

— Uma observação de que ela não foi paga para dar a entrevista?

— Feito.

— Então vamos apagar essa primeira frase e...

— Descrever como ela estava nervosa quando chegou?

— Não exagere. Deixe claro que era um nervosismo emocional, não uma crise de abstinência.

— Tudo bem. — Ele começou a digitar de novo. Pequenas sequências de palavras, seguidas por letras sendo apagadas e longos períodos em que apenas encarava a tela antes de as palavras recomeçarem. — Que tal assim? — Ele leu: — "Premilla Routh não planejou que sua vida tomasse esse rumo. Tantos anos de trabalho duro, apresentando-se em teatros velhos de cidades do interior, seguidos pela rigidez das filmagens de quatro capítulos de *Rua da Miséria* por semana, para seu nome acabar nas manchetes por ter comprado remédios controlados na rua. Ela está arrasada."

— Um pouco exagerado — observei. — Mas está bom. Tire esse "na rua" e continue.

Nas próximas horas, Josh e eu debatemos o texto e reescrevemos toda a matéria. O original de Chrissy não fora maldoso — ela obedecera ao combinado —, mas aquele era mais perspicaz, focando no pesadelo que era o vício acidental. A compra das drogas de

fato mal fora mencionada. Era óbvio que Josh prestara atenção em tudo que Premilla dissera. Tinha valido a pena deixá-lo permanecer na sala.

Enquanto o texto tomava forma, ficou cada vez mais claro que aquilo era muito, muito melhor do que uma simples operação para controlar os danos — a matéria poderia até mesmo impulsionar um novo futuro para Premilla. Um grupo de apoio a viciados em benzodiazepina provavelmente a contrataria como porta-voz, e seu nome seria considerado para papéis mais sombrios e sérios, já que enfrentara e sobrevivera ao seu próprio inferno.

— Premilla vai sair bem dessa — reconheci.

— A melhor coisa que já aconteceu com ela — disse Josh.

Ergui a cabeça no mesmo instante.

Então percebi que ele estava brincando.

— Quanto maior a crise, maior a oportunidade. — Seu tom tinha uma solenidade zombeteira.

Respondi:

— Tudo acontece por um motivo.

— Às vezes, o caminho errado nos leva ao lugar certo.

— A que eu mais odeio é: "Viver não é esperar a tempestade passar, é aprender a dançar na chuva."

— A minha é: "Não fuja da dor. Em vez disso..."

— "... dance com ela" — concluí.

O clima estava mais leve. Nós dois tínhamos aberto um sorriso; o dele se erguia só de um lado do rosto, parecendo relutante.

— O Instagram está cheio dessas bobagens inspiradoras — comentei.

— Pois é. Nada é banal ou óbvio demais para ser postado.

— O Pinterest também é ruim. Sigo um monte de idiotas só para me irritar com os clichês que eles postam.

— Nunca gostei muito do Pinterest. Tapeçaria demais. — Ele olhou para sua tela. — Então.

Então. De volta ao trabalho.

— Para terminar isso — continuou ele. — Para a manchete, que tal "Meu médico receitou"?

— Ótimo. — Isso tornaria a matéria sobre a droga, não sobre a pessoa.

— Releia tudo de novo, e, se estiver satisfeita, mando.

Eu dei outra olhada. Perfeito. Assenti com a cabeça e, assim que ele apertou Enviar, fui tomada pelo cansaço.

— Que horas são? — Olhei meu telefone. — Meu Deus. Onze e quinze. Perdi o último voo para casa. — E era tarde demais para me hospedar na casa de Druzie. — É melhor eu procurar um hotel.

— Você *está* num hotel.

— Ficou doido? Uma pessoa normal não consegue bancar um lugar destes.

— Mas o *Herald* já pagou. Você devia ficar. Nessa suíte *luxuosa*.

Isso me fez sorrir.

— Bem, *de fato* ela é *mesmo* luxuosa... Mas seria errado ficar. Você devia ficar. — De repente, me sentindo boba, já que o dia complicado finalmente chegava ao fim, exclamei: — Ah, por que nós dois não ficamos?

A expressão na cara dele fez meu rosto ficar quente.

— Só quis dizer... — O que é que eu *tinha* querido dizer? — Eu só estava... brincando.

Ele me encarou por um momento bem, bem longo.

— Que pena.

29

Sábado, 17 de setembro, quinto dia

Manhã de sábado... a percepção maravilhosa, sonhadora, de que hoje é o dia em que posso ficar na cama por quanto tempo quiser...

E então eu me lembro.

No meu estado semiadormecido, dou de cara com uma porta de aço. Ofegante, tateando em busca do interruptor, sento, torcendo para aquilo ser um pesadelo, mas sabendo que não é.

Agora, estou acordada e o quarto está iluminado. Encaro o lado dele da cama. Vazio.

Continuo encarando e encarando, então levanto a coberta e toco o lençol em que ele já se deitou. *Onde você está agora? Com quem está?*

E por que não me ligou?

Ele disse que não ligaria, mas alimento a esperança de que mude de ideia.

Sentir falta de Hugh é exaustivo, a compulsão de ligar para ele é quase incontrolável. Só para ouvir sua voz inconfundível — isso penetraria minha dor e preencheria a ânsia em meu peito. Hugh tem a voz perfeita — o tom certo, o volume certo, carinhoso e reconfortante da maneira exata. Até as palavras que diz são perfeitas. Ele as escolhe com cuidado. Não fala nada por falar. Só agora valorizo isso como deveria.

Pego o telefone, olho para o contato do meu marido e passo um segundo e mais um segundo e mais outro segundo prestes a apertar o botão de ligar. Ele atenderia porque pensaria que era uma emergência. Então provavelmente ficaria irritado comigo, e talvez seja melhor guardar minhas reservas para algum problema de verdade.

Mas será que Hugh não sente minha falta? Desde terça-feira, sinto falta dele a cada instante.

As lágrimas se forçam a sair de mim, e, quase sem saber o que estou fazendo, soco a pilha de travesseiros do lado dele e grito, chorosa:

— Por que você não me ligou? — Outra porrada nos travesseiros. — Seu merda! — Outro soco. — Seu desgraçado! — E mais um. — Seu babaca traidor de...

— Mãe?

Merda. Qual delas será?

Tudo bem. É Neeve quem está parada na porta do quarto me encarando em choque. Ela aguenta ver coisas assim. Kiara, não.

— Você está bem? — Ela soa hesitante.

— Estou bem pra caralho! — Meu rosto queima, e as lágrimas salgadas fazem minha pele arder. Dou outro soco nos travesseiros. — Só não acredito que ele não me ligou.

— Mãe, ele disse que não ia ligar.

— Mas DEVIA! — berro, com a boca tapada para Kiara não ouvir.

— Hugh é assim mesmo.

— Frio pra caralho!

— Não frio. Só... lógico. É essa a palavra? Se ele diz que vai fazer uma coisa, cumpre o que prometeu.

— Bem, ele disse que ia me amar para sempre!

— Ele vai voltar.

— E tudo vai ficar uma merda. Nunca mais será igual.

— Vou fazer um chá para você.

Neeve foge do quarto enquanto eu desabo em lágrimas. Depois de um tempo, fico vagamente ciente de sua presença de novo.

— O que você vai fazer hoje? — pergunta ela.

Minha resposta é interrompida por soluços.

— A merda. Das compras. Da semana.

— Não, mãe. Não faça isso com você mesma.

— Não tenho opção. A gente precisa de COISAS!

— Compre pela internet.

— Mas eles sempre fazem merda nos pedidos pela internet — choramingo. — Peço maçãs Pink Lady e trazem Gala, e isso é a

coisa menos absurda que fazem. É um problema idiota, eu sei, mas não me julgue.

— Pode deixar que eu faço as compras — oferece Neeve.

— Você só faz besteira também. — Agora estou chorando e rindo ao mesmo tempo.

— Sério, mãe, eu faço.

— Tudo bem. — Seco meu rosto com a coberta. Bem, qual seria a pior coisa que poderia acontecer? O medo aperta meu coração, e seguro o braço de Neeve. — Não se esqueça do vinho.

— Então, o que vamos fazer hoje? — Lovatt ergue e deixa cair uma mecha do meu cabelo. — Vamos clarear o tom um pouquinho?

Eu o encaro através do espelho. Meu humor hoje é peculiar: aquele choro todo me esvaziou. Por fim, meus lábios dormentes formam uma palavra:

— Não.

Ele suspira.

— Bem, o que vamos fazer com essas pontas?

Isso é outra coisa que ele sempre faz: insistir para cortar meu cabelo antes de eu querer. Posso só ir embora. Posso me levantar, tirar a capa de proteção e sair. A porta está bem ali. Olho para ela, depois encontro os olhos de Lovatt de novo. Ele engole em seco e diz:

— Vou misturar a tinta.

— Vou trocar de cabeleireiro. — É assim que cumprimento Steevie.

Ela revira os olhos. Brincamos com frequência sobre isso nos últimos trinta anos.

— Não — diz ela. — Amy, esse é o pior momento para tomar decisões importantes. O próximo vai ser ruim do mesmo jeito. Mais cedo ou mais tarde, você vai acabar sem ter quem corte seu cabelo.

— Tem bilhões de cabeleireiros no mundo.

— Não dos bons. Eles são tipo homens bons; só existe uma quantidade muito pequena. — Como é que já chegamos ao assunto Todos os Homens São Babacas? — Você não quer acabar que nem eu — continua ela —, tendo que cortar o próprio cabelo.

— Mas você não corta. — Steevie tem um corte maravilhoso, um repicado bagunçado que segue o formato de sua cabeça bonita. Ela corta com Jim Hatton.

— Foi um eufemismo.

É mesmo deprimente a rapidez com que ela faz tudo girar em torno de si mesma e do abandono de Lee.

Tópicos de conversa adequados: botas de veludo, lisas ou estampadas?; refugiados da Síria, seria bom fazer outro evento beneficente, daqueles bem regados?; pais com Alzheimer — bater neles com o iPad é justificável? (Só uma batidinha, sem a intenção de machucar, apenas para repreender.)

— Você já fez o pedido? — pergunto.

— Claro que não. Esperei por você. — Ela me passa o cardápio.

Meu Deus, quantas opções. Cada prato tem tantas *partes* — linguado com molho de salicórnia e champanhe, *crumble* de legumes outonais e batatas *duchesse*. Bem, isso parece... nojento.

— O que você quer de entrada? — pergunta Steevie.

Entrada? Meu Deus. Não vou conseguir comer um, que dirá *dois* pratos complicados.

— Não quero entrada.

— Não? Tudo bem. Acho que não tem problema. Também não quero.

Exausta, escolho o prato que parece menos intragável. Então Steevie diz:

— Então, como você está?

É nesse momento que a discussão sobre botas de veludo deveria começar, mas hesito e admito:

— Um pouco na merda.

Ela assente com a cabeça.

— É isso que acontece quando seu *marido amoroso* bota as manguinhas de fora. Quando Lee me largou, parecia que alguém tinha arrancado meu coração do peito e pisado nele.

Steevie está esperando que eu concorde, mas não é assim que me sinto.

— Parece... que estou vivendo debaixo de uma sombra. Como se todas as lâmpadas do mundo tivessem sido trocadas por aquelas ecológicas de baixa energia que começam escuras pra caralho e

depois ficam mais fortes. Só que, agora, elas nunca ficam fortes. Tudo parece ameaçador, como se algo terrível estivesse prestes a acontecer. E aí percebo que já aconteceu.

— Ah, aconteceu *mesmo*.

— Na maior parte do tempo, não consigo acreditar que ele foi embora. Ainda acho que vou encontrar Hugh quando chegar em casa. — Almoçar com Steevie devia ser algo bom, animador. Certo, talvez animador fosse exagero, mas reconfortante. Em vez disso, sinto como se estivesse me afundando até o centro da Terra, ao mesmo tempo que a sensação de pânico aumenta. — Ele não me ligou. Até parece que não tem coração.

— Eu sempre soube.

— É mesmo?

— Ah, sim. Sem coração. E traidor.

— *Hugh?*

— Amy. — Ela parece preocupada. — Por que você está tão surpresa?

— Você está me dizendo que Hugh me traía? Aqui? Em Dublin?

— Pelo amor de Deus, não, Amy! Não que eu saiba, de toda forma. Só quis dizer que todos eles traem. Hugh tornou as coisas mais complicadas que a maioria dos homens. Teve que criar uma crise doida e viajar para o outro lado do mundo para trair você e se sentir bem com ele mesmo. Mas, ainda assim, é um traidor.

Certo. THSB. Todos os Homens São Babacas. Bem, ela tem razão, é claro. Tirando que... será *mesmo* que Hugh é um babaca?

— Então, você vai à festa de Vivi Cooper hoje? — pergunta ela.

Começo a explicar, mas então mudo de ideia de repente — tenho medo de Steevie sugerir que a gente saia, em vez disso, e, por motivos que não sei explicar, tudo que quero é me afastar dela.

— Sim. O aniversário de Vivi.

— Você e um monte de casais.

Steevie e Vivi não são amigas, mas, desde que Lee a largou, ela sempre insinua que não é convidada para as coisas porque não tem mais marido.

Num tom ameno, ela diz:

— É mais difícil do que parece, Amy. Ser a única pessoa solteira numa mesa cheia de casais. — Nossa comida chega, e torço para

mudarmos de assunto, mas não. — É ruim pra cacete, Amy. — A voz dela falha. — E não sei se você vai ter forças.

Meu Deus. Encaro meu prato, cheio de formas e líquidos misteriosos. De jeito nenhum vou colocar isso na boca.

— Você nunca vai se recuperar — insiste Steevie. — Nunca vai voltar a ser a pessoa que era. Mas, com o tempo, passa a aceitar.

Tentando não deixar transparecer minha hesitação, digo:

— Sabendo como sou, é bem capaz de eu só começar a aceitar quando ele voltar para casa.

Minha ideia era fazer piada, mas Steevie parece horrorizada.

— Amy, mas é aí que o problema vai começar. Depois que eles, sabe... — Ela faz uma careta. — Perdoe meu linguajar, mas depois que *fodem* outra mulher, nunca mais sossegam.

Foi basicamente isso que Derry me disse e o que insinuei para Neeve poucas horas atrás: quando — e se — Hugh voltar, a vida não vai retornar direto ao ponto em que estava, como se nada tivesse acontecido.

Mas a forma como Steevie coloca a situação está me deixando morta de medo.

— Quer dizer, presumindo que ele não volte cheio de DSTs e herpes e verrugas genitais e...

Ah, meu Deus, estou olhando para as formas e os líquidos misteriosos de novo e lembrando que Lee transmitiu uma verruga genital para ela, então Steevie sabe do que está falando. Meu estômago fica todo embrulhado, e me escuto dizer:

— Sabe, Steevie, não estou me sentindo bem. Desculpe, mas tenho que...

Tiro minha bolsa do chão e abro logo minha carteira, procurando dinheiro, porque preciso ir embora agora — não tenho tempo de passar o cartão.

Uma nota de cinco aparece. Isso não vai ser suficiente. O pânico aperta meu peito. Tenho que sair daqui! Uma nota de vinte, graças a Deus. E talvez algumas moedas. Sim, moedas, duas de dois euros. Deposito os trocados em cima das notas e digo, ofegante:

— Se isso não der, depois pago o restante. Desculpe.

— Amy. — Ela está se levantando, tentando segurar meu braço. — Eu só queria...

— Não tem problema, querida. — Eu giro para me libertar. — Meu estômago está esquisito. Preciso ir.

30

Domingo, 18 de setembro, sexto dia

Minha boca fica seca. Meu Deus! Quer dizer, tipo, meu *Deus*. Estou olhando para uma cópia exata de um vestido Dolce & Gabbana de veludo azul-marinho, tipo, *exata*, até com os detalhes bordados. Tirando que, em vez de custar oito trilhões de euros, é 65 dólares!

Clico para ampliar a imagem o máximo possível, e talvez o veludo pareça um *pouquinho* inflamável, mas, sabe como é, 65 dólares! Seria um crime deixar a oportunidade passar. É difícil imaginar quando eu o usaria, mas quem se importa? Um vestido assim pode ser usado em qualquer lugar, certo? Bem, talvez não para ir trabalhar. Ou para ir ao mercado. Mas em todos os outros lugares.

Esse site é *maravilhoso*. Eu devia comprar vestidos para todas as meninas, na verdade, já que tudo é tão bonito e barato. Posso até comprar um para Thamy, como agradecimento por ter me contado sobre ele.

Então, qual o meu tamanho nesse estranho universo das barganhas chinesas? O que significa 42? É como um 42 italiano? Um 42 francês? Ou um 42 chinês?

Clico para abrir os detalhes. Há uma foto de uma mulher com uma fita métrica, e os tamanhos são apresentados em centímetros. Deve haver uma fita métrica em algum canto da casa, mas eu teria que levantar da cama para buscar, e estou tão feliz aqui, clicando em roupas de terras distantes.

Por que tem que ser em centímetros? Eu sei minhas medidas — no chute — em polegadas. Dane-se, vou tentar o tamanho 40 e, se ficar grande demais, troco. Posso trocar? Talvez um site esquisito como esse não permita trocas com facilidade. Ou talvez permita. Não dizem por aí que os chineses são ótimos negociantes? Ah,

quem se importa, só custa 65 dólares, que não é muito. Não tenho certeza da taxa de conversão, mas dólares valem menos que euros.

Vou comprar! Coloco meus dados, feliz por entregarem na Irlanda, pago com PayPal, que não é recusado, graças a Deus — e então aparece: “Entrega dentro de sessenta dias úteis.” *Sessenta?* São dois meses!

Essa informação é um banho de água fria. Não posso esperar dois meses pelo vestido. Quero ele amanhã. Hoje, até. Preciso dessa alegria agora!

Vou cancelar o pedido, vou, mas clico e clico e não consigo encontrar essa opção. É melhor eu entrar em contato com o PayPal. Bem, não *eu*, mas vou pedir a Hugh para... Ah! Ele não está aqui.

Minha decepção tem várias camadas — não só meu marido deve estar transando com outras mulheres, mas também não está aqui para me ajudar a reverter uma compra virtual por impulso. Por um instante, não sei o que é pior.

De repente, me sinto muito deprimida. Acabei de desperdiçar uma hora olhando vestidos de que não preciso, que não posso gastar e que só vou receber daqui a dois meses. Ou foi mesmo um tempo desperdiçado? Tipo, o que mais eu poderia ter feito com esse tempo livre? Pelo menos me diverti enquanto via vestidos baratos.

Sei que é errado estar sozinha na cama numa tarde de domingo: eu devia estar interagindo com outros seres humanos. Mas só quero ficar na internet, procurando coisas para comprar.

Neeve e Kiara estão em casa — bem, pelo menos estavam quando limpamos a casa mais cedo, então levanto e desço para encontrá-las.

Na sala de estar, algo muito alto e barulhento está passando na televisão, e sentada no sofá está a pequena Maisey. Declyn deve tê-la deixado aqui. Ela está apertada entre Sofie — que fico encantada de encontrar — e Kiara, ambas com os olhos grudados no telefone e ignorando completamente a prima. Mas Maisey, que adora as meninas, tem aquele ar de “MELHOR! DIA! DA! MINHA! VIDA!” no rostinho rechonchudo.

Kiara me vê.

— Oi, mãe, você está bem?

— Que barulheira é essa? — Não acredito que disse isso.

Kiara aperta os olhos na direção da televisão.

— *Planeta dos Macacos*?

— Essa é a melhor coisa para um bebê assistir? — Tento apertar Maisey, mas ela me empurra.

— Declyn não está nos pagando. — Neeve aparece atrás de mim. — Então podemos cuidar dela do jeito que quisermos.

— Certo. Por que não fazemos alguma coisa?

— Mais limpeza? — pergunta Neeve, desconfiada.

— Alguma coisa legal. O carrinho de Maisey está aqui? Está? Por que não vamos fazer compras?

Depois de um silêncio chocado, Kiara pergunta:

— E comprar o quê?

— Roupas! Sapatos! Coisas bonitas! Vamos, temos um dos maiores shoppings da Irlanda aqui do lado.

— Ah, mãe. — Neeve passa um braço ao redor dos meus ombros. — Deixa disso.

— Não seria lá muito feliz — diz Sofie.

— Você só estaria fazendo isso porque está triste — explica Kiara. — Tentando compensar, ser dois pais em vez de um.

É estranho demais quando sua filha de 16 anos parece mais sábia do que você. Mas, se as meninas não querem sair, isso me libera por algumas horas para voltar às compras virtuais sem culpa. Dessa vez, vou procurar coisas de casa, tapetes, capas de almofada bordadas e quadros com preços acessíveis.

— Cara! — Sofie pula do sofá. — Você fez alguma coisa fedida!

Maisey está exibindo um sorriso perigoso.

— Um pum? — pergunta Kiara. — Ou cocô de verdade?

— Não sei! — Sofie está na porta. — E não consigo olhar.

Kiara dá uma cheirada hesitante na bunda de Maisey.

— Ah, caramba! Você precisa trocar de fralda!

— Não sou capaz de fazer uma coisa dessas — grita Sofie da cozinha.

— Nem eu — diz Neeve.

— Eu até *poderia*... — Kiara me encara com um olhar tristonho.

Ah, pelo amor de Deus.

— Passem a bolsa de fraldas.

— Se a gente não for, todo mundo vai perceber — diz Sofie.

— Nós somos tão importantes assim? — pergunta Kiara.

— A megera fofoqueira dos pêsames reclamou horrores. — Neeve está insistente. — Mamãe viralizou. Então, o que vamos fazer?

Obedientes, Sofie e Kiara entoam:

— Vamos acabar com os *haters*.

— Mãe? — Neeve franze a testa para mim.

— Hum, sim, desculpe, Neevey, vamos acabar com os *haters.*

— E *pisaaaaar* naquela vaca — promete ela.

Estamos debatendo sobre ir ao clube cinematográfico. Minha responsabilidade é manter a vida tão normal quanto possível, mas será que consigo parecer felizfelizfeliz? *Sim, meu marido está tirando seis meses para fazer turismo sexual, mas não vejo problema nenhum nisso.*

Além do mais, nenhuma das minhas amigas próximas vai hoje. Steevie ainda está irritada com a minha fuga do almoço de ontem. Mesmo depois de eu ter mandado mensagem pedindo desculpas, ela respondeu com um *Ótimo* passivo-agressivo. Então mandei outra mensagem, perguntando se iria ao cinema, e sua resposta foi *Ocupada*. Sinto uma mistura de irritação e culpa, mas não tenho forças para explorar ao máximo esses sentimentos.

Jana também não vai, tem um evento de família, nem Petra Pomposa: as gêmeas provocaram algum desastre.

— Ninguém quer ir — diz Kiara. — O que é mais importante? Cuidarmos de nós mesmas? Ou a opinião dos outros?

Tão sábia!

— Cara, eu empresto meu gorro pra você — diz Neeve.

Kiara engole um gritinho.

— Aquele do vlog? Com as flores?

— Esse mesmo.

Ela hesita. Então, de repente, sua determinação vai por água abaixo.

— E talvez o cachecol?

— Pode usar até as luvas.

— *Siiiiim!*

— Isso aí, meninas. — Neeve bate palmas. — Vamos nos arrumar!

As três perambulam pela casa, se ajeitando, trocando casacos e consertando penteados até Neeve decretar que todas estão arrasando: Kiara está usando coturnos que vão até o joelho, calça skinny, um suéter largo de lã preta e os belos gorro, cachecol e luvas emprestados pela irmã.

— Se alguém perguntar — orienta Neeve —, diga que são meus.

Como as roupas de Sofie estão na casa de Urzula ou na de mamãe, Neeve a veste com uma parca jeans com um capuz azul de pele falsa. Ela própria está com uma jaqueta *boyfriend* larga, legging preta com estampa de jaguar e sapatos brogue, e eu visto uma das minhas melhores peças — talvez a melhor peça: o casaco vermelho da Dior acinturado e rodado que encontrei no chão da TK Maxx por um preço tão barato que achei que estava tendo um surto psicótico. Botas brilhantes pretas até o joelho o acompanham, e Neeve complementa meu visual com um batom cor de cereja.

— Selfie! Selfie!

A foto é toda cabelos e lábios e bochechas e sorrisos — Neeve parece adoravelmente maliciosa; Kiara, um pouco séria; e Sofie, uma gracinha. Meu coração quase explode de tanto amor por elas.

Nós quatro ficamos paradas no vestíbulo, dedicadas em postar a foto em nossas redes sociais favoritas, e então saímos para a noite fria de setembro. Decidimos ir andando e seguimos de mãos dadas, o que faz com que eu me sinta bem.

31

Dezessete meses atrás

Então eu disse: "Estou brincando", e pareceu que Josh Rowan queria me jogar na cama e começar a desafivelar o cinto. Foi quando ele falou: "Que pena." E o que quis dizer foi "que pena, porque você é a mulher mais maravilhosa que conheci em muito tempo, e...".

— Mãe? — A voz de Kiara me fez dar um pulo. — O que você está fazendo aqui?

Meu devaneio sonolento foi interrompido.

— Estou deitada na cama — respondi, irritada. — O que é que parece que estou fazendo?

— Mas, tipo, *por quê*?

Para ficar remoendo o momento em que Josh Rowan disse: "Que pena."

— Tive uma semana difícil no trabalho e estou cansada.

— *Ainda* cansada?

Meu Deus do céu, faz menos de uma hora que estou deitada aqui e elas já estão se comportando como se fizesse um mês que não levanto da cama.

— Sim, ainda. Vou tirar uma soneca agora. Não me atrapalhe.

— Por que está tão mal-humorada?

— Porque estou cansada.

... e ele falou: "Que pena."

Josh Rowan achou que era uma pena! O fato de eu estar brincando sobre dormir com ele no hotel! O que significa que queria ficar lá comigo! No quarto! Na cama!

E a ideia de nós dois pelados, ele puxando meu cabelo e pressionando sua rigidez contra mim... Isso era excitante e assustador ao mesmo tempo.

— Como ele é, Amy?

— Como alguém com uma tristeza secreta.

— Ah! Que romântico.

Tudo bem, então eu tinha uma quedinha por Josh Rowan, o tipo de coisa que poderia acontecer com qualquer um, certo? Mas aquela era a primeira vez em todos os meus anos com Hugh que isso acontecia.

Tipo, eu gostava de Jamie Dornan e Aidan Turner e da maioria dos atores em séries de televisão escandinavas (Hugh os chamava de minhas "escandinites"), mas era a primeira vez que sentia qualquer coisa por um homem da vida real. Eu conhecia mulheres casadas que tinham casinhos, amantes, transas de uma noite. Algumas até abandonaram o barco de um relacionamento longo para ficar com o amante e começar algo novo. Acontecia. Derry já tinha feito isso.

Mas, desde que eu e Hugh começamos a sair, nunca beijei outro homem. A ideia era absurda. Eu amava loucamente o meu marido. Além do mais, *gostava* dele — o que descobri que acontece com bem menos frequência do que se imagina em relacionamentos duradouros. Eu o respeitava, o valorizava e sentia um carinho imenso por ele. Hugh era a melhor pessoa do mundo um milhão de vezes.

Então, não era nada normal me ver sozinha, tarde da noite, num quarto de hotel, com um homem que devia ser um mulherengo nojento, mas que, naquele momento, parecia maravilhoso.

Não bonito de uma forma convencional, nada assim, mas confiante e durão o suficiente. Era difícil explicar o que de repente se tornara tão desejável em Josh Rowan. Os olhos ou as maçãs do rosto não eram de grande destaque, mas algo na mistura daqueles traços abatidos parecia ótimo.

Também, ele não dava qualquer sinal de ser adepto de modinhas. Com certeza *não* era vegetariano. Essa era uma descrição de que eu gostava e usava bastante em minhas muitas conversas imaginárias.

— *Como ele é, Amy?*

— *Não é vegetariano. É assim que ele é.*

E essas conversas se tornavam cada vez mais elaboradas.

— *Como ele é, Amy, esse homem que está apaixonado por você?*

— *Um jornalista. Inglês. Bonito. Não é vegetariano.*

— *Ahhhh!*

Toda vez que eu pensava em Josh Rowan, parecia que estrelas faiscavam sob a minha pele e corriam pelo meu sangue. De repente, parte da minha vida tinha explodido num tecnicolor glorioso.

Será que nos veríamos de novo, Josh e eu?

Ele me ligara na manhã da publicação da matéria de Premilla. Eu tinha passado a noite num daqueles hotéis do aeroporto em que, se você respirar perto demais de uma garrafa de água no frigobar, uma imensa fortuna é debitada imediatamente do seu cartão de crédito.

— Você viu a matéria?

— Ficou ótima. Obrigada... — Eu fiz uma pausa, então disse seu nome com hesitação: — Josh. — Ouvir a mim mesma pronunciar aquilo fez com que eu me sentisse estranhamente ousada. — Ficou ótima.

— Você vai voltar para a Irlanda agora? Tenha um bom fim de semana.

— Você também... Josh. — Dessa vez, o nome me deixou cheia de uma animação poderosa.

— Tchau, Amy.

— Tchau.

Não repeti seu nome pela terceira vez — fiquei um pouco ansiosa sobre o que poderia acontecer. Talvez eu entrasse em combustão.

Quem sabe a gente pudesse marcar um almoço de negócios. Eu tinha feito essa sugestão no passado e sido dispensada. As coisas eram diferentes agora — nós tínhamos uma relação de trabalho, mas então eu estaria correndo atrás dele, e isso não trazia uma sensação boa: só me fazia parecer um pouco patética.

Talvez fosse melhor deixar para lá.

Mas não! A ideia sugou toda a minha alegria. Rápido! Antes que toda a sensação de felicidade se esvaia! *... e ele falou: "Que pena."* Saboreei a memória de como Josh Rowan me olhara antes de falar — como se estivesse falando sério, como se estivesse falando sério pra cacete!

Mas ele devia ser um canalha... Espere aí, é *claro* que era. Quanta ingenuidade a minha. O sujeito era casado!

Por outro lado, eu também era. Isso me tornava uma canalha?

Não. Não, não, não, não, não. No fundo do meu coração, não havia qualquer intenção de *fazer* qualquer coisa com Josh Rowan — se tivesse, eu não teria simplesmente

transado com ele naquela hora? Afinal, havia um quarto de hotel, uma cama, nós dois — nada que nos impedisse —, mas nos controlamos.

Nós não éramos canalhas. Sim: essa era a conclusão que mais me agradava. Meu Deus, foi só uma paquerinha. Que mal tinha aquilo?

Ele falou: "Que pena..." Josh Rowan era um homem fiel que jamais trairia a festiva Marcia, mas se sentia tão atraído por mim que não conseguira se controlar. Ele via coisas em mim que a maioria das pessoas ignorava. Não se importava com o fato de eu ser baixa ou não ser novinha. Gostava das minhas roupas peculiares — e as via como prova de uma pessoa rara, diferente.

A ficha da realidade caiu. Ele era um homem. Com um pau. Num quarto de hotel com uma mulher. Que tinha sugerido — não vamos esquecer esse detalhe — que os dois passassem a noite lá. Sim. *Eu* fiz isso. Não ele — eu.

Em que *raios* eu estava pensando?

Misturar trabalho e paquera — a pior ideia. Mas, pensando bem, eu tinha passado por 36 horas absurdamente estressantes: meu foco intenso em salvar Premilla tinha cauterizado todas as minhas conexões com o mundo exterior, e eu esquecera quem era por um instante.

Fora só um comentário tolo e idiota solto no calor tolo do momento tolo.

Mas Freud dizia que não existem acidentes, tolos ou não. Estava claro que aquilo fora meu subconsciente se manifestando, articulando o que a parte mais educada do meu cérebro não ousaria admitir.

Peguei meu iPad e abri o Facebook: hora de um trabalhinho investigativo.

Sentindo animação e vergonha ao mesmo tempo, fui lendo o feed dele, tomando muito cuidado para não curtir nada.

E então, bem diante dos meus olhos chocados, Josh Rowan curtiu algo que eu havia postado. Sim! Era o que dizia! Josh Rowan curtiu seu post! Eu encarei a tela, louca de alegria, as juntas dos dedos brancas de tanta concentração. Ele obviamente estava me fuxicando, assim como eu! Quase imediatamente a curtida sumiu — alguém estava tentando fazer as coisas na encolha. Meu Deus! *"Que pena..."*

— Você está bem? — A voz de Hugh fez meu coração disparar.

Pelo amor de Deus! Qual é a dificuldade em ter um tempo sozinha para pensar, analisando meus devaneios felizes? Só para variar!

— Sim. Ótima. — Minha voz tinha um tom de ressentimento. — Só estou no Facebook.

— Quer alguma coisa?

Um tempo com meus próprios pensamentos sem ninguém me perturbar seria bom.

— Não. Obrigada. Já vou descer.

... e ele falou: "Que pena."

32

Terça-feira, 20 de setembro, oitavo dia

— Se ele fosse perder a coragem e voltar para casa — diz Druzie —, já teria feito isso.

É noite de terça-feira, e estamos sentadas no jardim dos fundos, beliscando queijo. Ela voltou da Síria para passar alguns dias aqui e, nas suas roupas bege empoeiradas, parece uma soldada ou uma correspondente internacional. Tudo em Druzie aparenta ter a mesma cor: seu cabelo curto é louro-escuro e sua pele está bronzeada e cheia de sardas.

— Faz uma semana que ele está curtindo a nova vida — continua ela —, se acostumando com as coisas, conhecendo outros viajantes, começando a aproveitar. Peguei pesado?

Apesar de tudo, eu rio.

— É *claro* que sim. Mas você tem razão.

Nos primeiros dias depois da partida de Hugh, achei que talvez ele não fosse capaz de aguentar a solidão, a enormidade do próprio ato. Mas agora? Ele só volta quando suas férias acabarem.

— Então, o que você vai fazer? — pergunta ela. — São seis meses, menos uma semana. Dá para aprontar bastante nesse tempo.

— Ah, pare, não sou que nem você.

Druzie nunca sente medo de nada. Ela é uma zimbabuana que não assiste à televisão e sabe como usar um rifle; está cagando para as regras da sociedade. É a primeira pessoa para quem eu telefonaria se estivesse presa num país estrangeiro obscuro.

— Vamos, o que você quer da vida, Amy?

— Nada — admito. — Além de que Hugh volte para casa. Mas outras coisas, tipo listas de coisas para fazer antes de morrer, ambições não concretizadas... Não tenho nada disso.

— Hum.

— Vergonhoso, não? Quer dizer, quero que as meninas fiquem bem. Uma mãe só é feliz na mesma medida que seu filho seja feliz, e eu me preocupo com Neeve por causa de Richie...

— Aquele idiota.

— Põe idiota nisso. Tenho medo de que ela nunca consiga se sustentar sozinha. É difícil para ela ainda morar comigo. Neeve tem 22 anos, devia estar se divertindo, encontrando caras em aplicativos de celular. E Sofie... só quero que ela seja feliz.

— Parece tão simples, mas...

— ... é a parte mais complicada. E Kiara devia ser presidente do mundo. E aí fico com medo de que ela surte com o excesso de expectativa. — Caio em silêncio, refletindo, enquanto o vento aumenta um pouco. Eu preferia entrar, mas Druzie gosta de ficar do lado de fora e nunca sente frio. — Agora, me sinto patética por só ter objetivos que envolvam minhas filhas. Isso é quase tão ruim quanto querer que Hugh só volte para casa. Estou vivendo a vida de outras pessoas.

— Você não quer ser uma dessas mulheres. Vamos, Amy, pense bem.

Eu sigo algumas linhas de pensamento, e o máximo que consigo concluir é:

— Quero me sentir segura.

— E ser magra? — Druzie acha que querer ser magra é o suprassumo do patético.

— Diz a mulher que se esquece de comer!

— Diz a mulher que trabalha em zonas de guerra com pessoas morrendo de fome. Mas fique à vontade, querida, se permita.

Sei que isso é fútil, mas...

— Sim, tudo bem, e ser magra. E ter roupas bonitas e viajar para lugares maravilhosos com Hugh e morar numa casa lindíssima com uma equipe de empregados e jardineiros invisíveis e um homem cujo único trabalho seja resolver probleminhas chatos, como interruptores frouxos e vidros quebrados, e eu não teria que pedir a ele para fazer nada. O sujeito apareceria como num passe de mágica pela casa, consertando tudo antes mesmo de eu descobrir

que havia um problema, em vez de vir atrás de mim para me explicar todos os motivos pelos quais *não* dava para consertar nada.

Druzie sorri. Ela faz tudo isso sozinha. Mas, agora, peguei o embalo.

— A gente teria tantos cômodos na casa que eu teria um só meu para decorar exatamente como quisesse, e encomendaria papéis de parede de artistas da Hungria ou lugares assim. Seria uma pintura de verdade no papel, sabe? E cortinas bordadas a mão, não iguais, porque é brega, mas *parecidas*. Ou talvez até ficassem descombinadas, só que de um jeito estranhamente harmônico.

— Estranhamente harmônico? Hum.

— E quadros. Eu compraria todos os quadros de Dušanka Petrović.

— Quem?

— A artista sérvia misteriosa por quem sou obcecada. A gente teria uma academia e uma sala de cinema, talvez uma piscina... mas e se nunca a usássemos? Fico preocupada de pararmos de usá-la depois que passar a empolgação inicial, e aí eu me sentiria culpada pela água sendo aquecida todos os dias, e seria como Elton John gastando uma fortuna para ter flores em todas as casas dele, mesmo quando não está lá, e sei que é uma fantasia e devia ser algo legal, mas, agora, isso está me deixando ansiosa.

— E se Hugh não voltar? Você ainda vai querer ser rica?

Engulo em seco.

— Não faria mal.

— Mas de que adiantaria todo esse dinheiro se você não tiver Hugh?

— Pois é!

Essa antiga piada interna tinha começado quando eu sofria de amargura pós-Richie e Druzie vivia seu pragmatismo eterno. Nós costumávamos desdenhar da nossa sociedade machista que dizia para as mulheres que elas não valiam de nada se não tivessem um homem ao seu lado.

— Por mais triste que sua vida seja agora, Amy — o tom dela é trágico e zombeteiro —, seria pior se você fosse rica e solteira.

— É mesmo. Homens golpistas tentariam me enganar, rapazes jovens que me encheriam de elogios.

— E já que você teria injetado um monte de coisa na cara...

— ... e poderia bancar vestidos Simone Rocha...

— ... cairia nessa conversa-fiada.

— Mas eles não me amariam! Teriam uma namorada de *verdade*...

— ... ou um namorado.

— *Ou* um namorado. Me pediriam em casamento, mas só se assinássemos um acordo pré-nupcial que não deixasse nada para eles.

— E, como você é uma idiota completa, acharia que isso era um sinal de amor verdadeiro e diria: “Não, não, não vai ter acordo nenhum.”

— E aí eu juntaria as escovas de dente, feliz, apesar de todo mundo, Derry, Neeve, até *Kiara*, avisar que o sujeito era um golpista.

— Então seu novo marido resolveria virar diretor de cinema...

— Ah, sim! Adoro. Eu patrocinaria alguns filmes artísticos, que seriam estrelados pela namorada secreta...

— ... ou namorado.

— Os filmes seriam um desastre, e todos os críticos zombariam de mim.

— E aí você morreria em circunstâncias suspeitas, e fariam uma matéria enorme sobre isso na *Vanity Fair*.

— O que seria vergonhoso. E, *ainda por cima*, eu estaria morta. E, por pior que as coisas estejam, não quero morrer. Estou curiosa para descobrir como tudo vai acabar. Isso é bom, não é?

33

Sexta-feira, 23 de setembro, décimo primeiro dia

— Oi oi! — É hora do almoço de sexta, e Alastair chega de Londres com sua animação de sempre.

Tim termina uma ligação e diz:

— Faça um resumo rápido de tudo que aconteceu. Tenho que ir embora às três.

— O que houve?

— Minha mulher vai me levar para passar o fim de semana em Paris.

Alastair e eu emudecemos, chocados.

— Que ótimo! — Estou praticamente *morta* de inveja.

Então Tim acrescenta:

— A Sra. Staunton conseguiu ingressos para o jogo de rúgbi.

Ahhhh. Minha fantasia de um fim de semana sensual e romântico com lençóis emaranhados, *macarons* luxuosos, lojinhas lindas de brechós cheios de Chanel desaparece. O jogo de *rúgbi*. Essa não é a minha praia.

— A Sra. Staunton adora rúgbi — diz Tim. — Adora a França. Não há nada que goste de fazer mais na vida do que sentar num café na Champs-Élysées para tomar um absinto e fumar um charuto.

Nunca dá para saber quando Tim está brincando ou não.

— Tudo bem, talvez não um charuto — diz ele. — Só um cigarro. Ou vinte.

— Quem vai cuidar daquele monte de crianças? — pergunta Alastair.

— Os pais da Sra. Staunton. Eles dão medo.

Se forem parecidos com a filha, não tenho dúvidas. Eu e Alastair conhecemos Tim há uma eternidade, mas nunca nos aproximamos da Sra. Staunton. Ela está sempre muito, muito ocupada, chega

atrasada em tudo, até mesmo na festa de lançamento que demos para a Escotilha. Não é das pessoas mais amigáveis e tem a tendência de ser grossa. Quando Alastair faz alguma gracinha, ela franze a testa de um jeito perplexo, como se ele estivesse falando suaíli (tenho que admitir que admiro essa parte). E também não faz aquele negócio comum entre mulheres de eu enchê-la de elogios sobre sua bolsa, ela fazer o mesmo com a minha, eu dizer que seu cabelo é lindo, ela rebater dizendo que geralmente ele está um desastre, mas hoje não está tão ruim porque fez uma progressiva e por aí vai.

Só que Tim e a Sra. Staunton parecem se dar muito bem. Gosto não se discute.

— Você pode comprar umas coisas para mim na Sephora? — pergunto.

— Não.

— Você nem sabe o que é Sephora.

— Fala sério. Eu tenho uma filha adolescente.

— Coloco tudo num e-mail. Você só vai ter que mostrar o telefone pra vendedora, nem precisa falar.

— Não.

— Ah, Tim — diz Alastair. — Tenha dó. Pobre Amy.

— Sinto muito, Amy, mas a Sra. Staunton me informou que quer minha atenção total.

Às três em ponto, ele desliga a tela.

— Estou indo. Tenham um bom fim de semana. Até segunda.

— *Au revoir!*

— *Bonne chance!*

— É o primer da Marc Jacobs — grito para ele. — Caso você mude de ideia.

Tim balança a cabeça, exasperado, e vai embora.

— Sortudo — diz Alastair.

Verifico que ele foi mesmo embora antes de comentar:

— Mas vai ter que assistir ao jogo de rúgbi. Acho que eu choraria.

— E tem que ir com Rosanna.

— Ela é... Meu Deus, ela é esquisita. — Nós sempre temos essa conversa. — Com certeza o alfa do casamento. — Então acrescento: — Bom para ela.

Porque, sim, bom para ela. Mulher. Cirurgiã. Cinco filhos. Levando o marido para passar o fim de semana fora.

— E é aquela história — diz Alastair. — Tim é tão certinho com tudo que é difícil encontrar alguém que o ature.

— Ah, não! — Esse desaforo, não. — Tim é ótimo. Ele é *tão* confiável, e trabalhador, e bom pai, e gentil. Ele é *gentil*, Alastair. Nós temos sorte de tê-lo na equipe. A história com Rosanna, bem, ela não é a pessoa mais simpática do mundo, mas os dois se entendem.

— A regra é que o alfa não precisa ser legal com os colegas de trabalho do beta?

— Não sei dizer. Nem eu nem Hugh somos alfa, nenhum de nós ganha o suficiente...

— Amy? Oi? Amy?

Será que eu devia continuar a pensar em mim e Hugh no tempo presente?

— Amy? Fale comigo. Você está bem?

— Desculpe.

— Sério, você está bem?

— Claro.

34

Dezesseis meses atrás

— ... o que nos leva ao próximo prêmio da noite...

No palco, o mestre de cerimônias continuava falando num tom monótono. Durante o anúncio dos vencedores e os discursos de agradecimento humildes – porém – convencidos, esses prêmios da mídia eram *um saco*.

Se ao menos encerrassem tudo aquilo logo para eu poder dar uma sondada perto da mesa de Josh Rowan... Mas ainda faltava muito, e, se alguma coisa legal não surgisse logo na minha cabeça, eu temia de verdade que fosse enlouquecer — dez minutinhos olhando o site da Asos no banheiro talvez fosse a minha salvação.

— Vou ao toalete — sussurrei para Alastair.

Meu caminho poderia passar bem na frente da mesa dele se eu não tivesse tanto medo de ofender nossos anfitriões, o conglomerado de mídia que nos convidou para o evento, o Prêmio da Imprensa.

Alastair agarra meu braço com força.

— Não se esqueça de voltar. Você *não* pode me abandonar. Ninguém fica para trás, certo?

— Claro.

Com a cabeça baixa, morrendo de medo de fazer contato visual e arriscar ser humilhada por sair dali durante o momento de orgulho de alguém, me apresso entre as mesas circulares, seguindo para o banheiro feminino, que fica no fundo do salão, a oitocentos metros de distância.

O segredo era me mover rápido, numa corrida corcunda, para não obstruir a visão do palco das pessoas. Eu tinha acabado de cruzar a linha imaginária onde as fileiras de mesas terminavam, me sentindo como se tivesse escapado de uma ditadura cruel, quando minha cabeça acertou o peito de alguém.

— Desculpe — murmurei, já me afastando.

— Oi, Amy.

Alguém agarrou meu antebraço. Ergui o olhar e, Jesus Cristo amado, era Josh.

— Oi! — De repente, eu estava sem fôlego.

Fazia quase quatro semanas, 25 dias para ser mais exata, desde a entrevista com Premilla Routh, e eu tinha pensado nele durante esse tempo todo. Bastante. Para ser sincera, estava quase beirando a obsessão.

Alguns dias depois de nosso último encontro, ele me mandou por Instagram um clichê motivacional terrivelmente maravilhoso. Isso me fez mergulhar num estado yin-yang de vergonha eufórica, e, depois de passar tempo demais apagando respostas possíveis, acabei enviando um emoji sorridente e um “bj”. Imediatamente comecei a segui-lo no Instagram e, minutos depois, ele passou a me seguir também.

Outro clichê chegou dois dias mais tarde. Então, depois de desperdiçar muito tempo tentando encontrar algo especial, enviei um de volta para ele. A situação ficou mais intensa

depois que retuitei um vídeo de um cachorro dançando ao som de Wham! Ele retuitou também e aí — obviamente achando que aquele era o tipo de coisa de que eu gostava (e era mesmo) — me mandou um GIF de cocker spaniels vestidos de pinguins. Desde então, trocamos coisas engraçadas através do mar da Irlanda, as piadas entremeadas pela quantidade de “bjs” com que nos despedíamos.

Nesse meio-tempo, tínhamos nos tornado amigos de Facebook. Minha perseguição virtual estava sob controle durante o dia, mas, nas madrugadas em que talvez tivesse bebido demais, eu entrava nas páginas dele e de Marcia só para ver o que andava acontecendo.

A família tinha um novo cachorrinho, uma mistura de labrador que estava se revelando um inferno para treinar, mas eram posts animados: Sapatos mastigados — hilário! As pernas das cadeiras roídas — quantas risadas!

Cerca de duas semanas antes, Marcia tinha instalado um aquecedor à lenha na sala de estar e, apesar de eu não fazer ideia de por que alguém iria querer algo tão cheio de cuidados, ela estava felicíssima.

Pouco depois, a família toda foi esquiar em Utah — eu achava que Utah era quente *demais* para esquiar, mas era óbvio que estava enganada. Havia milhares de fotos dos quatro equipados com óculos de sol reflexivos e casacos de neve acolchoados diante de um cenário de neve ofuscante; pareciam estar se divertindo bastante.

Isso me deixou preocupada, mordendo os lábios, porque ninguém jamais poderia dizer que sou atlética. Talvez Josh pudesse fazer esse tipo de coisa com os amigos homens. Ou com os filhos, é claro. Mas, ah, meu Deus, eu teria destruído o lar feliz deles...

E parecia *mesmo* um lar feliz. O casamento de Josh parecia bom, e comecei a questionar o flerte, a atração, o que quer que fosse, que surgira entre nós.

Em meus momentos menos loucos, admitia para mim mesma que ele devia ser só um galinha com talento para separar bem as partes de sua vida. No entanto, esse tipo de pensamento não gerava aquela sensação eufórica que eu tinha passado a gostar tanto, e parecia bem melhor reconfigurar a situação como uma fantasia romântica intensa.

Era certo que acabaríamos nos encontrando naquela noite — tínhamos comentado de forma tranquila e casual sobre nos vermos depois da entrega dos prêmios. Como consequência, eu acabara me produzindo demais. Na verdade, mais cedo, antes de entrarmos no salão, Alastair estreitara os olhos para mim e dissera:

— Que peitos são esses?

— Sou mulher — foi minha resposta desdenhosa. — Tenho seios.

— Sim, mas...

Eu também tinha bunda e barriga.

— Vou dar uma olhada.

Depois de parar diante do espelho de corpo todo no saguão, analisei a mim mesma no vestido justo de alça. Meu Deus, parecia mesmo um pouco apertado, e não só na região do busto.

— Sério — disse Alastair —, você não tem um desses xales?

Havia uma echarpe no meu quarto, mas eu não queria ser o tipo de mulher que se cobre com uma. Ou, pior ainda, um bolero. Meu objetivo era ser uma mulher guerreira, ousada, que andava por aí exibindo os braços desnudos, uma postura ereta e uma abundância orgulhosa.

Tim já havia chegado, parecendo ter 11 anos de idade com seu smoking preto alinhado e uma gravata-borboleta preta.

— Tim, acha exagerado?

Depois de eu gesticular para a região do meu busto, ele abriu um sorriso que dizia que detestava ter que me dar uma má notícia. Bem, se Tim achava exagerado...

Eu tinha voltado para o meu quarto, e a echarpe desanimadora seguira comigo para o salão — mas, agora, Josh Rowan estava me encarando, ainda segurando o meu braço, e a echarpe estava a metros de distância, pendurada nas costas da minha cadeira.

— Você está linda.

— Você também! Esse seu smoking é muito James Bond. *Muito* Daniel Craig. Desculpe, desculpe. — Arrependida, balancei uma das mãos diante do meu rosto. Ele não se parecia com Daniel Craig... Bem, não fisicamente, mas talvez sua expressão inabalável fosse um pouco similar. Eu o puxei para perto e sussurrei em sua orelha: — Estou meio bêbada.

— Não tem problema. — Josh se afastou o suficiente para eu conseguir ver o rosto dele. — Eu também.

Juntos, dissemos:

— Só assim para aguentar esse negócio.

Então caímos na gargalhada por um bom tempo.

Quando a risada parou e nós ficamos ali, sorrindo um para o outro, eu disse:

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Tenho um quarto lá em cima.

— E?

— Quer ir para lá comigo?

35

Sábado, 24 de setembro, décimo segundo dia

— Oiiii! — Bronagh Kingston me cumprimenta com um sorriso radiante. — Como *vai*?

— Oi, tudo bem! — exclamo. Isso é animado o suficiente? Talvez não. — Ótima! — digo. — Maravilhosa! E você?

— Puxa, quanto bom humor. — Ela ri. — Você recebeu alguma notícia boa hoje ou coisa assim?

— Hum...

É estranho, mas estou achando meus momentos de lazer mais difíceis que o trabalho — ainda mais quando converso com alguém que não sabe o que está acontecendo com o meu casamento.

Bronagh me mandou uma mensagem na terça, dizendo que havia reservado um monte de roupas para mim. Então, durante a semana, sempre que a tristeza batia, eu me acalmava com a promessa de que peças lindas e baratas estavam esperando por mim no sábado. Parece, no entanto, que existe uma discrepância entre a expectativa e a realidade. Bronagh é ótima, mas nunca chegamos ao ponto de trocarmos confidências, então preciso fazer um esforço surpreendente para conseguir conversar com ela.

— Tenho um monte de coisas para mostrar.

Com orgulho, ela exibe uma pilha de roupas de pessoas mortas, e, como minha central de respostas instintivas parece estar desligada, preciso forçar reações. Estou tentando parecer animada, mas logo fica claro que estou pesando a mão, porque, em certo momento, Bronagh pergunta, preocupada:

— Amy, você está bem? Você parece um pouco... alterada?

Alterada? Certo. É melhor eu diminuir a alegria. É complicado equilibrar as coisas — imagino que seja um processo de tentativa e

erro. Bem, tenho seis meses (menos doze dias) para aprender. Tenho certeza de que pego o jeito até março.

Para me desculpar por minha esquisitice, acabo comprando coisas demais, roupas que não levaria se minha mente não estivesse descompensada, e, quando vou embora, seja pelo desperdício de dinheiro ou pela solidão de ter que fingir simpatia por alguém, quando antes isso era tão fácil, me sinto bem desanimada.

Dali, vou encontrar Steevie para tomarmos um café. Fizemos as pazes durante a semana — com uma enxurrada de "Desculpe" e "Não, sou *eu* que tenho que me desculpar" e "Não, *eu* que estava errada!". Mas, conforme atravesso a cidade correndo, está claro que minha conexão com todo mundo anda frágil. Se Steevie fizer piada da minha bolsa cheia de roupas de gente morta ou tentar me convencer a desejar que Hugh tenha gonorreia, acho que não vou aguentar.

E lá está ela, numa mesa diante da janela no Il Valentino. O convite tinha sido para um almoço, mas pedi para fazermos algo mais rápido e então tive que me apressar a amenizar o silêncio ressentido dela, explicando que ando propensa a ter crises de pânico.

— Até *comigo*? — Ela ficou magoada.

— Com todo mundo — respondi, o que não era exatamente verdade.

— Desde que Hugh foi embora?

— Sim.

— Pobre Amy. Hugh é um filho da puta. — E adicionou, num tom amargurado: — Espero que ele pegue alguma pereba no pau.

Mas ficou tudo bem, até nos divertimos. Conto sobre Genevieve Payne ter aparecido para me dar os pêsames, e, apesar de Steevie já ter ouvido a história de várias fontes, quer saber a minha versão. Ela morre de rir do "Não precisamos do seu ensopado" de Neeve. Apesar do quê, a frase que chegou aos seus ouvidos foi: "Enfie essa merda de ensopado, com a panela e tudo, nessa bunda magricela, sua nojenta."

Então me pergunto se devia me preocupar sobre as pessoas estarem inventando coisas sobre Neeve.

— Olhe, Jana e eu vamos a uma festa hoje e queremos que você venha...

— Não, Steevie. Por favor, não.

— Mas é tão errado, você vivendo enclausurada enquanto Hugh está comendo um monte de garotas por aí.

Eu preferia que ela não dissesse coisas assim. Pode ser que ele esteja comendo, só não quero pensar no assunto e não quero que seja falado de um jeito tão despreocupado. Por outro lado, se eu fizer algum comentário, talvez as coisas entre mim e ela fiquem esquisitas de novo.

É um alívio voltar para uma casa vazia, me enfiar na cama com meu iPad e ver as novidades no Net-a-Porter. Tanta coisa bonita. Fico animada só de olhar para elas. Casacos imponentes, clutches engraçadinhas — e então, me fazendo arfar de verdade, o par de sapatos mais indescritível do *mundo*. Muito alto, muito mágico, com vários enfeites brilhantes nos saltos; sem precisar confirmar, eu sei que são da Gucci. Não porque eu seja cliente *habitué* de lá — não consigo bancar nem um chaveiro deles —, mas tenho talento para identificar marcas caras.

Vejo as convidadas do *The Graham Norton Show* e na mesma hora consigo dizer de onde são seus vestidos e sapatos. Ou as roupas de Claudia em *Strictly*. Ou as peças que as juradas do *X Factor* estão usando. “Pergunte a Amy”, sempre dizem as pessoas. “Amy sabe.”

Todos temos nossos dons, e é verdade, sim, o meu é bem específico, mas, se houvesse uma carreira nesse ramo, eu seria extremamente reconhecida.

Kiara não aprova. Ela diz que saber tanto sobre roupas de marca não é algo digno de orgulho. Mas dane-se, que mal faz?

Hipnotizada, encaro os belos sapatos da Gucci. Eles têm um formato tão bonito — me lembram de *My Little Pony* — que me deixam feliz, mesmo que eu jamais seja capaz de comprá-los.

Talvez a Asos tenha uma cópia! Seis pontos de diferença: isso é tudo que as imitações precisam para receberem permissão de existir. Mas não encontro nada na Asos, então passo para a Kurt Geiger, depois para a Zara, TopShop, Russell & Bromley...

Entro num site atrás do outro e, de alguma forma, acabo distraída por um par de botas até os joelhos da Dune. Coisinhas lindas, com cara da era eduardiana, com cadarços, e, apesar de não precisar delas e não ter dinheiro, vou clicando até que se tornem minhas.

36

Segunda-feira, 26 de setembro, décimo quarto dia

A manhã de segunda está com muita cara de segunda.

— Kiara, acorde!

— Ah, mãe...! Me traz um suco de laranja.

— Sofie! — grito para o quarto no sótão. — Acorde! — Ela dormiu aqui ontem, mas seu uniforme da escola está na casa de Urzula, e preciso dar uma carona a ela até lá antes de seguir para o trabalho. — Kiara, são dez para as oito, levante!

— Suco de laranja!

— Levantem logo, cacete! — berra Neeve do seu quarto. — Estou tentando dormir.

Corro até a cozinha para pegar o suco de Kiara. Sofie ainda não apareceu, e dou um grito para ela.

— Sofie! Vou me atrasar para o trabalho se você não descer agora!

— Calem a boca, PORRA! — berra Neeve.

— Mãe, onde estão minhas blusas da escola?

— No guarda-roupa!

— Não estou encontrando.

Vou como um jato para o quarto de Kiara, abro o guarda-roupa e puxo uma blusa.

— Ela não estava aí antes — é a resposta emburrada. Kiara, normalmente tão boazinha, não funciona tão bem pela manhã.

Sofie vem cambaleando escada abaixo, e, verdade seja dita, essa situação de ela viver em três lugares diferentes está insustentável. Na casa de Urzula, as duas só brigam, e eu achava que tinha que deixá-las se entenderem. No entanto, talvez tenha chegado a hora de termos uma conversa.

Automaticamente, abro a boca para pedir a opinião de Hugh — e, é claro, ele não está aqui para dizer o que pensa, a sensação de perda ainda dói e me deixa chocada. Vou precisar de muito, muito tempo para abandonar o hábito de compartilhar todos os meus pensamentos com ele.

Mas *vou* conseguir: com o passar dos anos, as pessoas que perdem uma mão ou uma perna conseguem retirá-las da lista de membros disponíveis.

— Amy — diz Sofie —, você pode me dar dinheiro para comprar carvão? Para a aula de artes. Mamãe está passando uns dias fora.

— Bem, fique aqui. A menos que prefira ficar com a vovó — acrescento, rápido.

— Vou ficar aqui.

— Ótimo. Mas ande logo, temos que buscar seu uniforme.

— Mãe, você pode me buscar na natação às sete? — pergunta Kiara.

— E eu preciso de uma carona para a aula particular de história às sete — diz Sofie.

As duas coisas ficam em direções opostas, e é impossível me dividir. Bato à porta de Neeve.

— O QUÊ?

— Você pode levar Sofie à aula particular de história às sete?

— Não! Vou fazer um negócio de trabalho. Agora, vocês podem calar a boca?

Pelo amor de Deus!

— Tudo bem, Sofie, eu levo você.

— E eu? — questiona Kiara.

— Volte de bicicleta.

— Com o cabelo molhado? Vou voltar de bicicleta no frio, com o cabelo molhado? Bem, se eu pegar uma gripe e morrer, a culpa vai ser sua.

— Ninguém pega gripe por causa de cabelo molhado — grita Neeve do seu quarto. — É uma pena!

Depois desse drama todo, chego ao trabalho uns vinte minutos atrasada — Tim e Alastair já estão lá quando entro de fininho. Na teoria, não há chefes na nossa parceria, mas é desagradável passar do horário. Nenhum de nós quer parecer folgado.

— Olá — murmuro. — Desculpem.

Paro de supetão ao ver a sacola preta e branca sobre a minha mesa. É da Sephora. Chocada, eu a encaro intensamente e então me viro para Tim.

— Você comprou o primer para mim!

— Comprei. — Ele parece prestes a explodir de orgulho *e* morrer de vergonha.

— Ah, meu Deus! — Começo a rasgar a fita adesiva preta sofisticada, e minhas mãos tremem. Abro a sacola e dou uma espiada. Tem mais de uma coisa lá dentro. — Tim! — Fecho a embalagem e o observo. Estou rindo, maravilhada e encantada, tendo esquecido o tormento que são as segundas-feiras. Olho de novo e então volto a encará-lo. Há pelo menos três coisas. Sinto meus olhos se arregalarem. — Tim! O que houve?

— Eles estavam com um lançamento. De um rímel. Sei que você gosta de novidades.

— "A nova sensação." — Minha voz está estridente de alegria. — Gosto *mesmo*. — Já peguei o primer e o rímel e os reviro nas mãos.

— E então comprei um...

— Batom! — Acabei de pegar a caixa.

— Porque aí eu ganharia um delineador. Peguei o preto. Você gosta?

— Claro! Não dá para errar com um delineador preto.

E tem o batom, que já estou convencida de que será horroroso, talvez coral ou um vermelho-alaranjado, que faz meus dentes parecerem amarelados. Mas, mesmo assim, independentemente da cor, não importa, porque Tim é maravi... Ah! Meu! Deus! É lindo. É um vermelho-escuro, adequado para a estação, mas num tom azulado perfeito para a minha pele clara.

— Como você *adivinhou*? — Estou arfando diante dele.

— Descrevi você para *la femme*.

— *Como?* — Estou praticamente sussurrando.

— Ah, você sabe, falei que você tem um rosto céltico.

— Ah, meu Deus. — Já peguei meu espelho e estou passando o batom. A textura! E o acabamento! — Meu Deus, eu *adorei* muito!

— Fiz bem? — pergunta ele, tímido.

— Ah, Tim, você fez *muito* bem!

Parado com seu terninho e manchas cor-de-rosa de orgulho em suas bochechas, Tim parece tão feliz consigo mesmo que chega a ser ridículo.

Eu me jogo em cima dele, que imediatamente se afasta.

— Desculpe, Tim. Mas *preciso* te dar um abraço.

— A gente não pode nem fazer um agrado... — murmura ele enquanto o agarro.

— Ha ha ha ha! — Não consigo parar de rir. Estou muito contente. — Você é tão engraçado. — Acerto um beijo vermelho na bochecha dele. — Obrigada, Tim. Sério. Obrigada, Tim, obrigada um milhão, um trilhão de vezes.

— De nada. E nunca mais vamos tocar no assunto.

— Dinheiro! Quanto eu te devo?

Ele faz que não com a cabeça.

— É presente. Agora, se acalme, está na hora do trabalho. Para a sala de reunião, Alastair e Amy.

Ah, não! É a última segunda-feira do mês, então chegou a hora de nossa revisão financeira. Cadê meu Nexium? Ah, meu pobre estômago ansioso. Odeio essas reuniões. Analisamos o trabalho que foi gerado, e por quem, porque nossa renda é distribuída de uma forma complexa: a maior porcentagem vai para o sócio que trouxe o trabalho, mas outra porcentagem vai para os outros dois, e então pagamos Thamy, nosso aluguel, passagens aéreas e todos os gastos restantes. Só que, não importa como dividimos o dinheiro, nunca é o suficiente.

— E aí? — Ansiosos, eu e Alastair encaramos Tim. — Estamos muito mal?

— Os números estão todos nos seus laptops — responde ele.

— Diga logo.

Tim lê os relatórios de contabilidade como eu leio uma revista de moda.

— Estamos melhorando. O faturamento aumentou em oito por cento comparado ao mês passado, e em vinte e dois por cento em relação a esta época no ano passado, enquanto nossas despesas continuam estáveis.

— O que isso significa? — pergunto. — Em termos de grana na minha conta?

— Você está confundindo faturamento com fluxo de caixa — responde Tim. — O faturamento não significa nada antes que nos paguem.

— Bem, como fazemos para que nos paguem?

— É para isso que temos Thamy.

Tudo bem. Fico mais tranquila. Ninguém no mundo consegue enrolar Thamy.

Volto para a minha mesa bem a tempo de atender à ligação de mamãe.

— Preciso que você cuide daquele paspalho hoje.

— Mamãe, não posso. Tenho que levar Sofie na aula particular de história e buscá-la uma hora depois.

— Então o que é que eu vou fazer?

— Você tem mais quatro filhos. Fale com Maura.

— Seu pai detesta Maura.

— Derry?

— Ela conheceu um rapaz.

— Ah, *jura*?

— Não se anime muito. É bem capaz de o babaca acabar falando "broa" do jeito errado e levar um pé na bunda.

Quando foi que mamãe começou a usar palavras como "babaca"?

— E Joe?

Mamãe começa a cantarolar uma música folclórica irlandesa, o que quer dizer que Joe inventa desculpas complexas e óbvias para fugir das coisas que não quer fazer. Ele faz isso sempre.

— Declyn? — Minha voz é hesitante.

— Mas não podemos pedir a Declyn. Ele é tão novo.

— Ele tem 39 anos.

— É muito pouco. Amy, tem que ser você. — Sou invadida pelo desespero. — Amy, se eu não sair, vou matá-lo.

Eu entendo, de verdade. Mas também é provável que eu o mate.

— Mamãe, sério, hoje não dá. Se você me avisasse com mais antecedência... Olha, tente o Declyn. Tchau!

37

Dezesseis meses atrás

Josh Rowan largou meu braço como se ele fosse radioativo.

— Ir com você? Para o seu quarto?

— Hum, sim.

— Para quê?

Meu Deus, me mate agora. Por favor. Derrube um daqueles candelabros gigantes na minha cabeça.

— Para nada — respondi. — Desculpe, não, nada, só... — Que raios era *aquilo*? Eu estava bêbada, mas bêbada o suficiente para me oferecer para alguém? — Esqueça isso tudo.

Deus, me permita morrer.

Eu tinha passado tempo demais, na minha cabeça, criando fantasias e pirando. Mas a fantasia tinha acabado de bater de frente com a realidade, e o resultado era vergonhoso. Dei as costas para me afastar, e Josh agarrou meu pulso, virando-me de volta para ele.

— Amy, se você disser algo assim, tem que estar falando sério.

Muda, ergui o olhar.

— Então, está? — perguntou ele, baixinho. — Falando sério?

Pensei em Hugh e em como ele era bom comigo, em Marcia e seu aquecedor à lenha, em subir no elevador com Josh Rowan, no constrangimento de entrar no quarto com ele, em nos engalfinharmos numa cama em que muitos tinham se engalfinhado antes de nós, em revelar meu corpo de 43 anos... A cena toda era terrível.

— Não. — Baixei a cabeça.

Ainda segurando meu pulso, ele me guiou para fora do salão e para a luz ofuscante do saguão. E eu o segui, obediente, porque me sentia tão arrependida quanto uma criança que leva bronca.

A vergonha era minha emoção mais forte, uma vergonha profunda. O homem da fantasia sobre quem eu estava sonhando não era real, mas aquele diante de mim, *sim*. Não era certo ficar fazendo convites eróticos se a minha intenção não era levá-los até o fim.

— O que está acontecendo? — perguntou Josh.

O que eu digo? Será que deveria contar que ando meio obcecada?

— Vamos nos sentar um pouco.

Atravessamos o vasto piso de mármore até chegarmos a um sofá. Eu me acomodei num canto, ele também, mantendo uma distância enorme entre nós.

Quando um garçom apareceu com uma bandeja, Josh disse:

— Não, obrigado, amigo. — E só quando o homem se afastou, ele olhou para mim e perguntou: — Então? O que está acontecendo?

— Eu... ah... veja bem. — A única coisa educada a fazer era contar a verdade. — Eu tenho uma... queda por você. Depois daquele dia, da entrevista de Premilla.

Ele passou um bom tempo me encarando.

— Você é casada.

Cobri o rosto com as mãos.

— Eu sei. Por favor. Eu sei. Amo Hugh. Não entendo o que aconteceu.

— O que você teria feito se eu tivesse aceitado?

Gemi de novo.

— Provavelmente teria mudado de ideia antes mesmo de chegarmos ao elevador. — Uma nova onda de vergonha se abateu sobre mim. — Talvez eu só quisesse atenção. Queria saber o que você diria. Podemos fingir que nada disso aconteceu? — Porque minha preocupação agora era o impacto que aquilo teria na minha vida profissional, além da pessoal. E se Josh Rowan contasse a história para todos os jornalistas de Londres? Boa parte da reputação que eu, Tim e Alastair tínhamos lutado tanto para estabelecer seria destruída. — Por favor — implorei. — Nunca faço esse tipo de coisa. Deve ser alguma crise de meia-idade. Talvez um sinal de menopausa. Pelo que ouvi falar, isso deixa as pessoas um pouco loucas.

— Não tem problema, Amy, meu bem — disse ele. — Somos todos humanos.

Ah, aquele *sotaque*.

— Obrigada. — Eu soltei o ar num suspiro longo e trêmulo. E então: — Você teria dito que sim?

Os olhos dele encontraram os meus.

— Sim.

Foi como receber um choque elétrico. Engoli em seco.

— Certo.

— Não foi por acaso que esbarrei em você. — Ele sinalizou com a cabeça na direção do salão. — Eu estava contando os dias.

Merda! Esse era o tipo de coisa que ele dizia nas minhas fantasias. Mas, agora que eu estava ouvindo aquilo na vida real, parecia assustador.

— Passei a noite toda observando você.

Depois de alguns segundos em silêncio, consegui dizer:

— Eu nunca traí meu marido.

Josh sorriu. Era um sorriso de verdade, não o que geralmente dava, torto, contido.

— Isso é meio óbvio.

— E você? Você já...?

Sem falar, ele assentiu com a cabeça.

— Muito?

— Não... Mas algumas vezes.

Eu me senti enojada — ofendida, ciumenta, envergonhada. Queria que ele fosse fiel a Marcia. E queria que me quisesse. Mas era impossível ter as duas coisas.

— Josh. Vou fumar lá fora. Sozinha.

— Eu podia ter mentido.

— Não é isso. — Bem, não era *só* isso. A questão era tanto eu quanto ele. Era difícil lidar com aquela versão de mim mesma. — Mas é sério, preciso de um cigarro.

— Tudo bem. Mas, quando você voltar para o seu marido em casa — disse Josh —, faça questão de que ele saiba que tem uma mulher linda. Tá, é melhor eu voltar. Talvez eu tenha ganhado algum prêmio.

— Ah, meu Deus, me desculpe!

— É brincadeira. A menos que exista uma categoria para o editor mais sem autoridade da Grã-Bretanha.

Meu sorriso vacilou, e ele foi embora.

Certo, onde estavam meus cigarros? Minha clutch brilhante era ridiculamente minúscula, mas meus palitos de nicotina pareciam ter se escondido... Enquanto vasculhava a bolsa, algo me fez erguer o olhar. Era Tim, que tinha saído do salão e estava parado de costas para a porta, me observando.

Meu coração disparou. Há quanto tempo ele estava lá? Tempo suficiente, a julgar pelo olhar sério que lançou a Josh quando ele passou.

Toda a vontade de fumar sumiu, e meus saltos retiniram pelo mármore enquanto eu me apressava na direção de Tim.

— O que foi isso tudo? — perguntou ele.

— Nada.

Ele não pareceu acreditar.

— Sério, de verdade, não foi nada. — Eu estava escolhendo acreditar que Josh ficaria de boca calada.

— Aquele era Josh Rowan do *Herald*, não era?

— Era, sim. Mas não aconteceu nada.

Tim ainda parecia estar na dúvida, mas de jeito nenhum eu lhe contaria qualquer coisa: a gente não tinha esse tipo de intimidade. E talvez ele ficasse furioso comigo por ter arriscado a reputação da Escotilha. Mas que completo mal-entendido...

38

Sexta-feira, 30 de setembro, décimo oitavo dia

Já é sexta-feira de novo. Faz mais de duas semanas que Hugh se foi, e esta semana pareceu uma corrida de obstáculos: lavar roupa, cozinhar, supervisionar deveres de casa, aeroporto, Londres, reuniões, aeroporto, chegar me arrastando de tanto cansaço na noite de quarta e encontrar Neeve e Kiara aterrorizadas porque o Wi-Fi não estava funcionando, achando que eu — eu! — saberia o que fazer. Nesse ponto, pensei que a semana não pudesse piorar, mas então mamãe me encheu o saco para cuidar do papai na noite de quinta, em cima da hora.

Profissionalmente, não foi um desperdício completo: enfim, depois de enviá-la para uma centena de distribuições de sopa pensadas para torná-la mais humilde, a Quarto decidiu aceitar Tabitha Wilson como sua nova porta-voz e me deu a tarefa de prepará-la para uma grande e bela entrevista com a imprensa daqui a seis semanas.

Porém, a ausência de Hugh consegue se infiltrar em todos os momentos e encontros como um tipo de desespero em sépia. E, agora, Alastair quer saber que prazeres me aguardam no fim de semana.

— Ah, você sabe, ir ao mercado, fazer contas, limpar a casa, ser o centro das atenções no clube cinematográfico no domingo. Só diversão.

— *Nada* de bom? Por que não sai com Derry?

— Ela está ocupada. Transando. Arrumou um cara novo.

— É *mesmo*? Não vai durar, nunca dura. Nós dois somos muito parecidos...

— Não, de jeito nenhum. Você está sempre com alguma garota.

— Estou sozinho no momento, dá licença. Quero me guardar para alguém especial. Minha terapeuta diz...

Solto uma gargalhada. E então:

— Desculpe, Alastair.

— Qual o problema de fazer terapia? Estou comprometido em aprimorar a mim mesmo!

— *Desculpe*. Não sei por que ri. Não é tão engraçado quanto aquela vez que você fez uma análise de cores. Minha cabeça não anda bem, Al. Por favor, me perdoe.

— Tudo bem. — Ele nunca guarda rancor, isso é verdade. — E Petra Pomposa? Ou Steevie? Você não pode fazer alguma coisa divertida com elas?

Demoro um pouco para responder.

— Sabe, Alastair, as coisas andam meio esquisitas com Steevie. — Pronto, falei. Minha amiga mais antiga, uma amizade que sobreviveu a décadas; não sei exatamente qual é o problema, mas não estamos na mesma sintonia. — Quando nos encontramos, fico com medo.

— Como assim? Por quê?

— Ela está com tanta raiva de Hugh, fica dizendo coisas horríveis. Mas o problema não é ele.

— É o ex-marido?

— É. Ela quer almoçar amanhã, mas eu *preciso*, *de verdade*, fazer minhas contas. Prefiro ficar analisando meus gastos descontrolados do que passar tempo com Steevie. Que coisa horrível, não é?

— Paciência. Então, o que você vai fazer amanhã?

— Se mamãe não tentar me forçar a cuidar de papai de repente...

— O que está acontecendo por lá? Ela anda saindo bem mais do que antes ou é impressão minha?

— Não, pois é, você tem razão, é isso mesmo. Não que eu a culpe. Mas queria que pedisse ajuda aos outros em vez de só a mim. Enfim! Se eu não tiver que cuidar de papai, vou pegar um monte de comida e assistir qualquer bobagem estrangeira passando na televisão e depois espero dormir. Não ando conseguindo dormir, Alastair. Faz semanas que não durmo direito.

Ele me lança um olhar pensativo.

— Sei do que você precisa.

— Por que será que isso que você falou me deixa com medo?

— É um... um negócio... Tem um lugar onde leem histórias. Não para crianças, são adultos, somos todos adultos, mas um homem com uma voz grave, seu nome é Grigori, lê uma fábula. No hotel Kingsley, no centro. Tem pufes e chocolate quente e pouca iluminação. Um monte de gente vai. Todo sábado à noite. É... reconfortante. Vai ajudar você a dormir. Custa dez pratas.

— E quem vai? Que tipo de gente?

— Todas as idades. Tem quem vá sozinho, outros vão em casal. O clima é amigável, tipo uma aula de ioga.

Aulas de ioga *não* são amigáveis. São — na minha experiência reconhecidamente limitada — cheias de fascistas corporais metidos que vivem à base de pó verde.

— Amigável, mas não esquisito, você quer dizer? Eu seria velha demais?

— Todas as idades — repete ele, firme. — Aos sábados, nove da noite. Muito bom para o sistema nervoso central.

— O que teria que fazer?

— Ouvir a história. Beber chocolate quente.

— E é só isso? Você tem certeza?

— Tenho, sim.

Tudo bem.

Thamy entra correndo na sala.

— Façam cara de profissionais, ela está subindo.

É o dia do relatório mensal da Sra. SempreSeco, e, apesar de termos conseguido muita cobertura favorável na imprensa, um embaixador de incontinência ainda não foi encontrado. Ela vai nos descascar.

Mas é *impossível*. Não importa o quanto uma pessoa esteja desesperada, ninguém vai estar disposto a admitir publicamente que tem dificuldade em segurar o mijo.

39

É a semana de Derry preparar o jantar.

Um *peshwari naan* é pedido exclusivamente para mim — dane-se a dieta low-carb —, mas o trânsito está terrível hoje, estou atrasada e com medo de já terem comido meu pão.

Vários carros estão apertados diante da casa — nas sextas de Derry, uma legião de O'Connell aparece, até o marido de Maura, O Pobre Coitado, que nunca vemos em outras ocasiões.

Às vezes, até Urzula participa, literalmente parecendo o fantasma do banquete. Ela nunca pede um prato, mas come colheradas da comida dos outros e depois zomba de nós por comermos tanto.

Estou com muito medo de terem surrupiado meu *naan*.

Não consigo encontrar minha chave, e Jackson abre a porta para mim.

— A comida já chegou? — Estou quase em pânico.

Ele leva um dedo aos lábios.

— Fale baixo. Neeve está fazendo um vlog de maquiagem com a avó de Sofie. Acabou de começar.

Jackson sobe a escada na ponta dos pés, chegando até o grupo parado diante da porta do quarto. Vejo Derry, Sofie, Kiara, Maura, O Pobre Coitado, Joe, Siena — até o cuidador de papai, Dominik, está lá.

Com uma determinação silenciosa, abro caminho para poder ver a cena.

Mamãe está numa cadeira, sob o brilho branco das luzes de Neeve. Ela encara a câmera, com o cabelo e a maquiagem perfeitos demais, e usa uma saia de camurça azul-cobalto e uma camisa com a gola rasgada de um jeito moderninho. Ela parece... alguém completamente diferente da minha mãe. É uma pessoa descolada e maneira, como uma vovó maneira.

Estou chocada.

— Vamos começar agora — anuncia Neeve. — Se alguém der um pio, vai se ver comigo! Certo, vovó. Só olhe para a câmera e responda às perguntas.

— E se eu errar?

— Se você errar, a gente recomeça. Mas isso não vai acontecer. — A frase soa como uma ordem. — Tudo bem, Lilian, conte um pouco sobre você.

— Meu nome é Lilian O'Connell — diz mamãe. — Tenho 72 anos, cinco filhos, e acho que estampa de leopardo é neutra. — Ela lança um olhar nervoso para Neeve para ver se falou a parte do leopardo do jeito certo.

— Sua pele é maravilhosa, Lilian. Como cuida dela?

— Bebo bastante chá e faço esfoliação no rosto uma vez por semana com um chumaço de algodão embebido com removedor de esmalte.

Neeve permanece em silêncio por um instante. É óbvio que aquilo é tudo ensaiado.

— Removedor de esmalte?

— Pois é.

— Isso vai deixar muita gente chocada, Lilian.

— Arde um pouco, sim, mas minha pele fica mais clara. A primeira vez que usei foi por acidente. Achei que fosse adstringente. Os frascos eram iguais. E a questão é que, mesmo se as pessoas disserem que algo é errado, se você se sente bem fazendo aquilo, faça.

— Que produtos você levaria para uma ilha deserta?

— Não consigo sair de casa sem meu pó de arroz. — Mamãe lança um olhar assustado para Neeve. — Quer dizer, minha base. Gosto de produtos com uma cobertura boa. Não entendo de "iluminadores" e "brilhos" e tudo mais. — Ela ergue um frasco. — Esta aqui é boa e grossa. E gosto deste bronzer. Prefiro coisas que me deixem mais escura. — Ela fica imóvel. — Posso dizer isso? Que gosto de ficar escura? Ou é preconceituoso?

Neeve solta uma risada.

— Não tem problema.

— E gosto deste conjunto de sombras, porque não tem cores malucas. — Mamãe exibe um quarteto de marrons e bege.

— O que você acha de Botox e coisas assim? — pergunta Neeve.

— Nunca diga nunca. — Mamãe abre um sorrisinho fofo. — Quem sabe? Talvez, quando eu for mais velha.

Ela parece... bem, eu teria que ver o vídeo para ter certeza, mas ela parece... *adorável.*

— Obrigada por compartilhar sua sabedoria, Lilian.

— Posso dizer mais uma coisa? — pergunta mamãe.

Acho que essa parte não foi ensaiada, mas Neeve diz:

— Claro.

— Se você achar sua cor de batom, e talvez isso leve quase sua vida inteira, mas, quando acontecer, compre pelo menos três, porque vão parar de fabricá-lo assim que você encontrá-lo.

— Ótimo conselho.

— E a vendedora da loja vai tentar convencer você a comprar um pó de... uma base da mesma cor do seu rosto. Mas compre uma mais escura se quiser. O dinheiro é seu e o rosto é seu.

— Obrigada, Lilian. Muito bem, por hoje é só.

Com naturalidade, todos aplaudimos. Aplaudimos e gritamos e assobiamos, porque somos um grupo barulhento. Minha família tem muitos problemas, mas, verdade seja dita, sempre sabemos a hora certa de bater palmas.

Descemos as escadas bem a tempo de recebermos Declyn, seu marido, Hayden, e a Pequena Maisey, que é instantaneamente carregada pelos primos.

As pessoas ficam zanzando pela cozinha, esperando o jantar. Mamãe é o centro das atenções, ainda com a inquietante aparência de Vovó Bonitona.

E a comida chegou!

Todo mundo se aperta na sala de jantar, tirando papai, que insiste em comer na sala de estar, assistindo ao *The One Show*; Sofie, que não consegue fazer refeições na frente de ninguém que não seja Jackson; Finn, Pip e Kit, que vivem em constante movimento; e Neeve, que precisa da companhia do Snapchat, e por isso prefere ficar deitada no chão do segundo andar para conseguir Wi-Fi.

Derry vai para a ponta da mesa, abre a primeira sacola e anuncia:

— *Murgh makhani*?

— Meu! — diz Joe, e o prato é imediatamente passado de mão em mão até chegar a ele.

É como uma daquelas cenas lindas em que pessoas comuns formam uma corrente humana para apagar um tremendo incêndio.

— *Lal maas*?

— Meu — diz Dominik.

Derry o convidou para mostrar nossa gratidão enquanto família/suborná-lo com comida indiana para que nunca nos abandone. Foi comovente o quanto ele ficou surpreso, mas ficou para trás na corrida por assentos na mesa de jantar, de modo que teve que se juntar a Joe e O Pobre Coitado, que também ficaram sem cadeira. Eles vão comer em pé, apoiando os pratos no parapeito da janela.

— Frango com beterraba?

O Pobre Coitado sempre pede isso — será que ele vai se pronunciar?

— Dele! — grita Maura, apontando para o marido.

— Arroz para todo mundo — diz Derry, passando vários potes pela mesa. — E aqui temos um *naan* de alho. Não, é um *peshwari*. Não inventem moda, este é de Amy.

Murmúrios de “A gente *sabe* que é dela” chegam aos meus ouvidos.

Ai, meu bom Deus, Urzula chegou. Ela parece um esqueleto alaranjado com bolas de gude azuis no lugar dos olhos. Sua ideia de magreza não tem nada a ver com “bem-estar”. A mulher é só osso com uma cobertura de pele. Até seu cabelo é fino.

— Urzula — diz Derry num tom inabalável. Minha irmã não tem medo dela. — Devia ter avisado que vinha. Não pedi comida para você.

— Não tem problema. Para mim seria *impossível* comer um prato desses inteiro.

Ao redor da mesa, cabeças baixam de vergonha. Somos todos capazes de comer aquilo sem dificuldade nenhuma.

— Mas, talvez, alguém queira me dar uma colherada para provar.

A única parte boa é que ela literalmente só quer uma colherada. Mesmo assim, ninguém se voluntaria.

— Cadê Sofie? — pergunta Urzula.

— Lá em cima.

— O que ela está comendo?

Ninguém responde. Não vamos entregar a pobre Sophie, que, de toda forma, só pediu uma entrada e provavelmente vai convencer Jackson a comer a maior parte do prato.

— Pode provar o meu. — Tenho que me dar bem com Urzula porque amo a filha dela. — E quer um pouco de *naan*?

— Me deixe dar uma olhada. — Ela despedaça um quarto do meu pão antes de afastá-lo de si como se fosse algo contagioso. — Marzipã? Uvas-passas? Amy, isso é um bolo!

Urzula come sua colherada de curry e então nos inspeciona enquanto atacamos nossos pratos.

— Vocês comem rápido demais — diz ela. — Vão devagar! Leva vinte minutos para o cérebro receber a mensagem de que o estômago está cheio.

Baixamos cada vez mais a cabeça.

— O ideal é tomar um copo grande de água entre cada garfada — continua ela.

De repente, da sala de estar, papai grita:

— Vá se foder! Vá se foder, coisa insuportável!

40

Sábado, 1º de outubro, décimo nono dia

Que raios eu devo vestir para ir ouvir uma história? Algo confortável, provavelmente. Mas preciso da proteção de roupas bonitas.

Tem uma saia no meu armário que nunca usei, rodada de crepe azul-marinho com — de longe a melhor parte — bolsos. Foi mais uma das descobertas de Bronagh e é de fato dos anos 1950, como fica óbvio pelo corte, que veste bem numa mulher de baixa estatura como eu.

Experimento a saia com uma blusa preta com estampa de gatinhos bonitos e decido que está bom. Mas a blusa fecha atrás, e não consigo puxar o zíper até o fim. Não vou nem pensar em Hugh, então saio do quarto e grito:

— Zíper!

Neeve aparece vindo do quarto dela.

— Aonde você vai usando esses farrapos de gente morta?

— Sair. Para um lugar onde contam histórias. No centro.

— *Você?* — Ela fecha o zíper.

— Já ouviu falar?

— Já. O pessoal do Google gosta. Eles vivem cansados e estressados do trabalho, e, ao contrário dos irlandeses, ainda não adotaram os efeitos relaxantes de uma bebedeira. — Algo terrível parece passar por sua mente. Ela agarra meu braço. — Você vai sozinha?

— Não, com Alastair.

— Alastair do trabalho? Ah, ele é legal.

Lembro agora que, quando as meninas trabalharam como garçonetes na inauguração da Escotilha, Alastair foi generoso com as gorjetas.

— Já que você vai com ele — diz Neeve —, tem permissão para se divertir.

* * *

No saguão do hotel Kingsley, numa calça jeans desbotada e uma camisa larga de manga, Alastair parece mais jovem e mais descolado, mais desalinhado do que no trabalho. Ontem, seu rosto estava liso, mas hoje tem pelos suficientes no queixo para o conjunto quase se qualificar como uma barba. Como? Adubo capilar?

Nós subimos as escadas e chegamos a uma recepcionista, que está usando a maior jaqueta jeans que já vi — deve ser do tamanho de uma cabana.

Enquanto vasculho minha bolsa, Alastair paga nossa entrada e me guia para a sala.

— Pare de me apressar! — Encontro uma nota de dez. — Aqui.

— É por minha conta.

— Não quero que seja por sua conta. Pegue o dinheiro.

— Calma, Amy. Sério.

— Tá, tá bom. Eu pago o chocolate quente.

— Já vem incluso no preço da entrada.

A sala é grande e confortável, cheia de pufes, redes e sofás baixos. A iluminação é fraca e rosada, e há mantas aconchegantes espalhadas por todo canto. Já tem muita gente aqui — praticamente todos os homens têm barba e usam coque, e as mulheres exibem o suprassumo da moda dos *millennials*, o que basicamente quer dizer que parece que se vestiram hoje cedo com as primeiras coisas que viram no chão do quarto de outra pessoa: jaquetas enormes sobre blusas cropped fluorescentes e calças jeans desbotadas de cintura alta ou suéteres disformes quase tão compridos quanto as minissaias plissadas brilhantes que fingem cobrir alguma coisa.

Eu as observo com inveja — participei dos primórdios do grunge: o visual não me favorecia naquela época e continuaria não me favorecendo hoje em dia.

Todo mundo parece estar indo de um lado para outro, passando por cima dos outros e dando abraços entusiasmados.

Alastair analisa a sala e anuncia:

— Logo ali.

Nós abrimos caminho pelos assentos até chegarmos a uma ilha feita de almofadas, um pufe, uma mesa baixa e uma luminária fraca. Uma garota se apressa na nossa direção, vestindo o que parece ser todo o estoque de aventais pretos compridos de um convento, e nos entrega os chocolates quentes.

Alastair senta de pernas cruzadas nas almofadas, e eu cuidadosamente me abaixo até o pufe. Minha saia é curta demais para essa empreitada — sim, estou usando meia-calça, mas qualquer tarado tentando ver a calcinha dos outros ia dar sorte comigo. Então percebo que vou ter que me levantar de novo para ir ao bar.

— O que você quer beber?

— Não tem bar.

— O quê? Não tem álcool? — Fico com vontade de ir embora. Isto aqui não é para mim. Sou velha demais, metódica demais, sóbria demais...

— Prove seu chocolate quente.

Tomo um gole. Agora, queimei a língua.

— Então, veja bem, sobre o negócio da Sra. SempreSeco, eu estava pensando...

— Não vamos falar de trabalho.

— Bem, então vamos falar sobre o quê?

— Coisas que não tenham a ver com trabalho.

— Quer dizer coisas pessoais? Preciso de uma bebida.

— Tudo bem. Vou no bar lá embaixo. — Ele se levanta com uma graciosidade tão ágil que uma garota ali perto o encara. — O que você quer?

— Vodca com água tônica.

Sozinha, jogada sobre o meu pufe, me sinto um pouco idiota. Tento exibir um sorrisinho, para não parecer tão fora de lugar quanto me sinto, mas não adianta de nada, então pego meu telefone e dou uma olhada nos e-mails.

— Oi. — Um homem está me encarando. Ele parece levemente messiânico: cabelo comprido, barba, olhos intensos. Sua idade? É

impossível adivinhar hoje em dia, com esses rapazes e suas barbas, não é? Mas deve ser algo entre 19 e 37. — Posso sentar com você?

Fico paralisada. Qual a regra de etiqueta nesta situação?

— Pode, acho. Mas... — E, graças a Deus, Alastair está vindo, trazendo dois copos.

O Menino Messias segue meu olhar.

— Você está com alguém? Tudo certo. Adorei a blusa.

— Qual? Ah, a minha? Obrigada.

— São gatos?

— Sim.

As roupas dele são muito esquisitas — calça jeans skinny desbotada, slippers de pele de carneiro, meias esportivas e um suéter de tricô encolhido, esfiapado e cheio de bolinhas, que curiosamente poderia ter saído tanto de um brechó quanto ter custado setecentos euros na Dries van Noten.

O rapaz se retira para uma rede ali perto, onde fica se balançando para a frente e para trás, me observando com um ar um tanto insolente.

— O que houve? — Alastair me passa a vodca. — Deram em cima de você?

— Não sei. — Dou um gole na bebida, que está maravilhosamente forte, e digo: — Talvez ele só estivesse sendo amigável. Você pegou uma dose dupla?

— Eu não queria ter que descer de novo.

Olho ao redor. A sala encheu bastante e agora tem gente sentada em todo canto.

— Parece até que vai começar uma orgia.

— Não parece, não — responde Alastair.

— Como você sabe?

Ele abre um sorrisinho.

— Você já participou de uma orgia? — pergunto.

— Por quê? Você quer participar de uma?

— Óbvio que não — respondo, indignada.

— Tem certeza? — Alastair está achando graça. — Como vai saber se gosta ou não sem experimentar antes?

— Bem — dou outro gole na bebida —, para ser sincera, não acho que o sexo seja bem a melhor parte. Gosto de romance, de

paixão, do que sinto quando um homem diz “não consigo parar de pensar em você” ou “você não sai da minha cabeça”, sabe?

— Estou entendendo.

— Veja bem, eu nunca me daria ao trabalho de ser lésbica. Não quero que sexo seja uma coisa igualitária. *Meu Deus*, esta vodca está me deixando uma matraca. Gosto de ser dominada na cama, não com essa história de tapas e tal, só dominada de um jeito normal. Gosto de ser jogada no colchão e ouvir o cara dizer “esperei tanto tempo por isso”, e *adoro* sentir o peso de um homem me pressionando.

Alastair está imóvel.

— Que sem graça.

— Completamente. É uma pena, Alastair, que eu não me interesse nem um tiquinho por surubas ou sexo anal ou ser amarrada. O que eu gosto é da antecipação. Gosto da tensão sexual. Gosto de ser desejada. Mas sou tímida na cama. Eu nunca faria uma... — presto atenção na reação dele — cavalgada invertida.

— Hum, pois é. — Ele parece pensativo. — Não consigo te imaginar fazendo uma coisa dessas.

E, agora, estou ofendida.

Uma moça se acomodou na outra ponta do sofá de Alastair. Baixo minha voz e me inclino na direção dele.

— Ela está sozinha?

— Pare de imaginar.

— Fui casada por muito tempo — chio. — Estou tentando me adaptar.

— E mesmo que as pessoas venham sozinhas — diz ele —, isso não significa que irão embora sozinhas. Mas, não importa o que aconteça, vão ouvir uma história legal e tomar chocolate quente. Olha, Grigori chegou.

Um homem enorme, alto e corpulento, está atravessando a sala. Ele tem uma barba encaracolada e usa uma túnica de linho, um colete bordado e calça larga de linho, enfiada dentro de botas de couro.

— Ah! Ele parece mesmo um contador de histórias! — Estou encantada.

Grigori senta numa grande cadeira de madeira entalhada e abre um livro. Uma animação parece envolver a sala, e então o silêncio predomina. O homem soa como um Stephen Fry eslavo, o que combina completamente com a história, uma fábula que envolve um cortador de lenha, uma floresta, órfãos, bolo de Natal, um espelho d'água, pessoas maldosas, pessoas bondosas, pessoas misteriosas...

Uma onda de calmaria me envolve, aliviando o aperto no meu peito. Minha respiração está devagar, regular e forte, e juro que consigo sentir o embrulho no meu estômago se desfazer. O pufe absorve meu peso enquanto me disperso de um jeito maravilhoso. Meus olhos se fecham, e um sono misericordioso está vindo — e eis que surge uma dúvida. Puxo a manga de Alastair.

— Grigori é um ator? Ou é de verdade?

— Ele é de verdade.

Ele é de verdade. Fico feliz. Guardo esse pensamento reconfortante dentro de mim e me rendo mais uma vez. Estou flutuando num barco sobre um mar calmo. O sono me assola, tomando o controle. Não importa que eu não esteja na minha própria cama. Posso passar a noite inteira neste pufe... Pago o que quiserem para ficar na sala. Não há dinheiro que compre esta paz...

* * *

— Quê?

Estou sonhando com criaturinhas peludas, que se prenderam nas laterais do meu rosto, me fazendo parecer que tenho costeletas. Eu as agarro e as puxo, tentando tirá-las de mim...

— Amy... Amy...

Não quero ser uma mulher que tem costeletas.

— Não sou hipster! — grito.

E, de repente, estou acordada. O rosto de Alastair paira sobre o meu.

— Amy — diz ele, gentil. — A história acabou. Hora de acordar.

41

Quinta-feira, 6 de outubro, vigésimo quarto dia

Uma coisa muito esquisita acabou de acontecer. Recebi uma mensagem de Richie Aldin: **Amy, podemos nos encontrar? Papo rápido. Bj**

Fico *muito* preocupada. Sobre que raios ele quer conversar? Dinheiro? Só pode ser. Mas que dinheiro? Ele parou de pagar a pensão de Neeve quando ela completou 18 anos.

Minha quinta-feira acabou de ficar pior.

A semana toda foi uma batalha: um borrão de manhãs levantando cedo, tentando acordar Kiara — e Sofie, quando ela dorme aqui — para a escola, ajudando a encontrar várias coisas que as meninas não encontram, alimentando todo mundo no jantar, mantendo as roupas lavadas e todas essas besteiras domésticas em dia, o que inclui resolver problemas e estragos aleatórios, coisas que geralmente são território de Hugh.

Na noite de segunda, mamãe me obrigou a cuidar de papai — mais uma noitada com seus amigos misteriosos ou seja lá que diabos ela anda aprontando.

Meus dois dias em Londres quase parecem uma folga, porque neles só sou responsável por mim mesma.

E também consegui dois clientes novos. A reabilitação bem-sucedida de Bryan Sawyer parece ter chamado atenção para o meu trabalho, e é menos uma preocupação saber que teremos mais dinheiro.

Mesmo assim, Hugh não sai da minha cabeça. Estou seguindo a vida como se nada tivesse mudado, mas infestada por uma apreensão horrorosa. É tão exaustivo ficar me controlando para não ligar para ele.

A ânsia por voltar a fumar passou, o que seria uma boa notícia caso eu não tivesse trocado um vício por outro: as compras pela

internet chegaram a um ponto preocupante. Minha obsessão atual é encontrar o vestido perfeito para o prêmio em Brighton. Ele precisa ser sensual, formal, apropriado para a minha idade, interessante, comprido, curto e cair bem. Como resultado dessas exigências, todo vestido que chega não serve e precisa ser devolvido, enquanto mais três ou quatro são comprados. Imagino que estou dando emprego para o pessoal dos correios e das transportadoras e tal. Tudo para incentivar a economia, né?

Cheia de ansiedade, respondo a Richie: **O que houve?**

Nada de mais. Onde te encontro? Bj

Eu pretendia fazer as unhas depois do trabalho, mas estou tão nervosa que resolvo cancelar. Depois mudo de ideia. Seja lá o que Richie quer comigo, isso pode esperar mais uma hora. Passei tempo demais fazendo tudo no tempo dele e não pretendo cair nessa de novo. Mas é difícil.

Envio: **Me encontre às 7h30 no Bailey.**

Segundos depois, vem a resposta: **Sempre lotado. The Marker, 7h45. Bj**

Não. O The Marker fica longe demais e na direção oposta. Já cansada das palhaçadas dele, minha próxima mensagem é: **Estarei no Bailey às 7h30.**

Imediatamente surge um **Ok. Bj** na tela.

Ficar sentada na manicure e ter que agir naturalmente é um desafio. Seria algo complicado de toda forma, como tudo é complicado agora, mas Richie conseguiu me deixar nervosa. A moça é tagarela, mas rápida, então acabamos cedo, e saio para matar um tempo na Brown Thomas. A loja está lotada. Já dá para sentir o clima de Natal, apesar de ainda estarmos no início de outubro. Às sete e vinte, depois de ser empurrada e espremida até não poder mais, desisto e vou para o pub.

O lugar está cheio, mas não abarrotado, provando que a reclamação de Richie estava errada, e encontro um assento logo de cara. Ele é tão territorial: tudo tem que ser do jeito dele.

Ah, e lá vem ele, também chegou cedo. Todo arrumado num sobretudo de tweed com trama em zigue-zague e aparência cara, além de um cachecol macio num tom cáqui. Depois de me ver e acenar com a cabeça, alguém — uma mulher — interrompe seu caminho. Enquanto observo a interação entre os dois, vejo que ela é

uma admiradora. Richie fala, Richie sorri — e a moça se derrete toda. Agora, ele está se despedindo, e ela parece triste.

Finalmente, meu ex-marido chega até mim.

— Desculpe por aquilo.

Richie beija minha bochecha, senta num banco e tira o cachecol e o casaco. Por baixo, está usando um suéter púrpura de lã leve com gola em V. O tom arroxeado faz seu cabelo parecer mais dourado, e os olhos, mais verdes.

Uma frase desdenhosa da minha época de adolescente me vem à mente: *Ele se acha o último biscoito do pacote.*

Richie segura minha mão.

— Gostei das *unhas.* Ficou bonito.

— Obrigada — resmungo, educada demais para não agradecer.

— Foi à manicure?

— Sim. Então — pergunto —, o que houve?

— Quer beber alguma coisa?

— Já estou bebendo. — Indico minha vodca, porque esta conversa com certeza exige uma.

— Vou só pegar um...

Ele segue para o bar, e é óbvio que é servido quase na mesma hora, porque volta logo depois, trazendo o que parece ser um copo d'água, e então se reposiciona de frente para mim.

— Então? — pergunto.

— Tudo bem. — Ele espalha os dedos sobre a coxa, respira fundo e me olha nos olhos. — Quero pedir desculpas.

A surpresa e a desconfiança me silenciam. Depois de um tempo, consigo dizer:

— Pelo quê?

Outra respirada profunda. Outro olhar sincero.

— Por ter ido embora. Por você ter descoberto daquela forma. Por não te dar dinheiro suficiente. Por não visitar Neeve.

Estou chocada. Abro e fecho a boca, e então digo:

— Por que agora?

— Eu...

— Você está com câncer? Encontrou Jesus? Entrou numa reabilitação e está seguindo seus passos para se recuperar?

— Não, não é nada disso. Eu só... tinha que pedir desculpas.

— Mas... — Realmente não estou entendendo. — Tipo, vinte anos depois?

— Na verdade, 22.

Que seja.

— Amy, fico triste em perceber que passei muito tempo sem entender como fui egoísta. Como você deve ter ficado devastada.

— Não fiquei.

— Não quis dizer que... — Ele é o rei da sinceridade. — Desculpe, Amy, não quis insinuar... É só que você era jovem. E teve que criar uma criança sozinha. Deve ter sido difícil.

— Mas deu tudo certo.

— Não sei por que demorei tanto para perceber como fui egoísta. Não sei por que fui tão cruel. Quando Neeve me contou que Hugh largou você...

— Espere aí. Hugh não me largou. Ele está tirando um tempo para espairecer. E não tem problema nenhum nisso. — De jeito nenhum vou explicar os detalhes para Richie Aldin.

— Mas Neeve disse...

— Ela estava enganada. Errada. Que seja. Enganada. Está bem?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Mas, quando achei por engano que ele tinha largado você, fiquei pensando como você deve ter se sentido quando *eu* fiz isso. — Richie parece angustiado. — Você acha... Quer dizer, será que você vai conseguir me perdoar algum dia?

Naquele momento, percebo que já faz muito tempo que o perdoei. O rancor deve ter evaporado enquanto eu não estava prestando atenção.

— Perdoo você por ter me largado daquele jeito. Mas nunca vou perdoar todas as vezes que você magoou Neeve.

— Eu sei, eu entendo, e vou me redimir com ela.

Surpresa, digo:

— Isso é impossível. Não quero ser cruel, Richie, mas é fato. Você não pode compensar por todos os anos em que ela só quis ter um pai.

— Posso. E vou.

E lá está ele, tão calmo e tão determinado, os olhos verdes brilhantes cheios de boas intenções.

— Não estou entendendo — gaguejo. — Como você pode achar... O que quero dizer é que a única forma de consertar a infância de Neeve seria voltar no tempo.

Richie ri, mas eu não estava brincando.

— Há outras formas — diz ele.

— Quais?

— Vou passar mais tempo com ela. Deixá-la feliz agora.

— Sim, mas... — Isso não vai mudar o que já aconteceu. — Ei, nem pense em iludir Neeve.

Agora, estou com medo de Richie aparecer, dar esperanças a ela e então sumir de novo assim que perder o interesse.

— Não vou fazer nada disso. — Ele parece chocado. — Vou consertar as coisas, e quero muito que nós dois possamos ser amigos.

— Por que seríamos? — Faço uma pausa. — Não quis ser rude. Mas, sério, por que a gente seria amigo?

— Porque, um dia, nós fomos tudo um para o outro. Não fomos?

Para minha surpresa, uma memória surge. A primeira vez que tive a sensação de ter um lar foi quando eu estava com Richie. Depois de uma infância eternamente inconstante, era emocionante me afastar da família inferior que o Destino me reservara e criar uma nova. Eu achava que tinha descoberto o segredo da vida. Mas estava enganada. Minha família original não era tão inferior quanto eu pensava quando minha nova implodiu.

— Esses sentimentos não existem mais — respondo.

— Então vamos recomeçar. Como amigos.

— Mas, Richie... — Estou lutando para encontrar as palavras. — Minha regra é gostar dos meus amigos, e não acho que posso abrir uma exceção para você.

Ele ri de novo, e, outra vez, não era piada.

— Vou consertar as coisas. — Mais uma vez cheio de convicção. Havia uma época em que isso me faria morrer de alegria. — Vou me redimir com você.

— Não. Por favor, não. Por favor, Richie, não.

Assim que chego em casa, Neeve grita:

— Mãe, você me deve 112 euros.

— Por quê?

— Você não comprou uns troços da Coreia?

— Hum, ah, só uma coisinha ou outra. Nada de mais.

— Foram cobradas taxas de importação.

Foram?

— Não falavam nada disso no site! — Agora me sinto boba e enganada. Achei que aquele site fosse legal. Criado por pessoas legais.

— O cara das entregas, George, é bem simpático — comenta Neeve.

— Você sabe o nome dele! — diz Sofie.

— De tanto ele vir aqui entregar as coisas da mamãe, já estamos praticamente noivos. Enfim, vamos ver o que ela comprou.

Há duas caixas em cima da mesa de centro. Kiara, Sofie e Neeve ficam observando enquanto as abro. Nem sei direito o que tem nesse carregamento. Era tarde da noite e talvez eu estivesse um pouco bêbada. Ou quem sabe tenha pedido tanta coisa que está tudo se confundindo, e... Ah, estou começando a lembrar. Vestidos, não era? Desdobro um, longo de renda preta, com um decote com elástico. Ou é a barra que tem elástico? É difícil saber qual lado é qual, porque, bem, ele é enorme.

— Que *tamanho* você comprou? — pergunta Neeve.

— Quarenta. — Minha voz soa fraca.

— Parece *noventa*.

— Veja a etiqueta.

— Sim, aqui diz quarenta. Mas não é.

— Dá para duas de nós entrarmos aí — diz Kiara.

— Dá! — Neeve está colocando o vestido, então Kiara passa por baixo do pano e sua cabeça aparece ao lado da irmã. A gola com elástico estica ao redor dos ombros das duas, que morrem de rir. — Venha, Sofie, venha, mãe, tem espaço para nós quatro aqui!

42

Dezesseis meses atrás

— Hugh, você já me traiu?

— Ahn? O quê? — Ele se virou para me encarar. — Você precisa perguntar uma coisa dessas?

— Desculpe. — Balanço a cabeça. — Sou uma idiota. Esqueça.

Era a noite seguinte ao prêmio em Londres, depois que eu me oferecera para Josh Rowan. Eu estava morrendo de culpa desde que tinha acordado naquela manhã.

Como tive coragem de fazer uma coisa daquelas com Hugh? Hugh, a quem eu amava tanto. Hugh, que era tão bom comigo e com todo mundo. Minha culpa não se tratava só da noite passada, mas do mês quase inteiro em que eu fora ranzinza, ausente e passara o máximo de tempo possível na minha cabeça sonhando com outro homem. Aquilo era muito *errado.*

Eu me odiava. Eu era desprezível. E, tipo, *doida*. Porque não estava nem *tão* bêbada assim quando o convite para Josh Rowan saíra de minha boca.

Se eu estivesse completamente fora de mim, quase uma psicótica com dupla personalidade, talvez desse para entender por que tinha agido daquela forma. A gente sempre escuta histórias de pessoas que fizeram as coisas mais loucas quando alucinadas — tipo roubar o guindaste de uma obra e sair pela Oxford Street oferecendo carona para os outros. Mas eu não estava nem perto desse nível.

O que tinha acontecido? Aquilo era um jogo, isso sim. Eu queria saber se alguém ainda me desejava. O que era desprezível, porque Josh Rowan era um ser humano. Ele tinha sentimentos. E uma mulher.

Quando finalmente cheguei a Dublin, minha culpa tinha se transformado num alívio eufórico por nada ter acontecido.

Ao ser recebida na porta da frente por Hugh, me joguei em seus braços e me pressionei contra sua grandeza reconfortante, abraçando-o com tanta força e por tanto tempo que tive que ser afastada.

— O que houve? — Ele estava rindo um pouco.

Encarei seu lindo rosto, seus olhos azuis sinceros, e gentilmente toquei sua barba por fazer.

— Hugh Durrant, você é o melhor homem do mundo, sabia?

— Agora estou ficando com medo.

— Senti sua falta. Não posso sentir sua falta?

— Pode, mas...

Na cozinha, fui dominada por uma necessidade atávica de tocar todas as minhas coisas, de sentir a solidez da minha vida.

Eu tinha ido e voltado, e nada mudara — *nada*. Não havia qualquer rombo no meu casamento, qualquer traição vergonhosa queimando minha alma. Eu sentia o mesmo júbilo de ter escapado sem um arranhão de um acidente que destruíra um carro.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou Hugh.

— Não... Tudo bem, talvez. — Pela primeira vez no dia, comer era uma possibilidade. — O que você tem aí?

— Seu queijo. Fui buscar no centro de distribuição. Os pobres coitados de lá disseram que estão desde a semana passada só respirando pela boca.

Meu Deus, que homem! Hugh se dera ao trabalho de ir buscar meu queijo, aquele que chegava todos os meses porque ele fizera uma assinatura para mim.

— Tudo bem, então sim, por favor.

— Vinho?

Quase estremeci.

— Nada de vinho.

— Ontem à noite foi *tão* ruim assim?

Então estremeci de verdade.

— Terrível.

Enquanto Hugh andava pela cozinha, pegando um prato, uma faca, biscoitos, comecei a ser atacada por ondas de pânico.

Josh Rowan e eu, pelados.

Não aconteceu.

Josh se afastando de mim, colocando uma camisinha em sua ereção.

Não aconteceu.

Josh entrando em mim.

Não aconteceu.

Mas e se as coisas tivessem sido diferentes? E se eu estivesse sentada aqui, agora, na minha cozinha, depois de ter transado com outro homem?

Hugh perceberia, não é? Tínhamos uma sincronia tão profunda que ele intuiria que algo ruim tinha acontecido, e a ideia de manter um segredo dele, um segredo que o deixaria arrasado, fez com que eu me sentisse enojada.

Mas não aconteceu. Você não fez nada. Obrigada, meu Deus.

Puxa, quem diria que trair era quase tão ruim quanto ser traída?

E aí o pensamento veio: e se, em algum momento, *Hugh* tivesse *me* traído?

Foi então que perguntei, e sua resposta — "Você precisa perguntar uma coisa dessas?" — me mostrou o tamanho do meu erro.

— Mas seria tão difícil...? — Eu estava pensando alto.

— O quê?

— A culpa. Sabe, ter que guardar segredo da única pessoa para quem você conta tudo.

Hugh soltou a faca que estava usando e ficou imóvel. As únicas coisas que se moviam eram seus olhos, a dúvida neles, enquanto seu olhar analisava meu rosto.

— Tem alguma coisa que você queira me contar?

— Não. — Mais uma vez, fui inundada pelo alívio. Estava tão gloriosamente feliz por não ter acontecido nada com Josh Rowan. Eu me sentia limpa e entusiasmada. — Não, querido. Não. Nada. Ei, escute — continuei. — Deixe o queijo aí. Vamos lá para cima.

Hugh me olhou bem para se certificar de que tinha entendido o que eu queria dizer.

— Vou acender as velas. — Um código nosso. Esse era o meu sinal de que estava no clima.

Ele não pareceu impressionado, mas foi comigo para o quarto, onde fiz um sexo loucamente entusiasmado de quem não traiu o marido e não passei nem um segundo fantasiando com Josh. Não que eu já tivesse feito isso — pelo menos, não enquanto transava com Hugh. Uma ou duas vezes, sozinha, sim — naquelas noites em Londres, quando não compartilhava a cama com ninguém.

E nunca mais.

43

Sábado, 8 de outubro, vigésimo sexto dia

Na manhã de sábado, acordo na escuridão, e, apesar de eu não ter bebido ontem, minha cabeça está latejando. Deve ser uma ressaca de açúcar.

Não gosto muito de doces. Prefiro salgados. Adoro um enroladinho de salsicha — mas, de toda forma, ontem à noite, comecei com um saco de balas de gelatina da Haribo, depois passei para o chocolate, e, no fim, estava vasculhando os armários atrás de biscoitos.

E não havia ninguém para me impedir, porque Neeve, Sofie e Kiara tinham saído — estavam cuidando da dupla demoníaca de Petra Pomposa.

Tomo um susto quando escuto a respiração de outra pessoa ao meu lado — tem alguém na cama comigo! Quem? Minha mão se estica e encontra um braço magro, fino demais para ser de Hugh — então ele não tinha chegado no meio da madrugada e entrado de fininho na cama para me surpreender. Sei que isso seria improvável, mas, meu Deus, a súbita esperança dolorosa...

— Meu Deus do céu — entona Neeve na escuridão. — Aquelas gêmeas malditas.

Apesar de tudo, eu rio.

— Você podia ter avisado — diz ela.

— Eu avisei.

— Sofie está traumatizada.

— Elas por acaso...

— ... jogaram feijão na cabeça dela? Sim, jogaram.

— Ah, não.

Achei que a rigidez de Neeve e a doçura de Kiara seriam páreo para as gêmeas do mal. Fiquei em dúvida sobre expor Sofie às

duas, mas, como ela está sempre aqui, é natural incluí-la em todas as atividades familiares.

— Você devia ter visto o estado em que Petra Pomposa chegou — diz Neeve.

— Que estado?

— *Alucinada*. Tão bêbada que estava trocando as pernas e teve que ser carregada para casa por Peter Pomposo e o taxista. Parecia um soldado ferido! E, olha, não vou julgar, porque, se minhas filhas nascessem daquele jeito, eu já teria sido condenada por homicídio duplo. Você já acordou? Tudo bem, vou para o meu quarto. Preciso dormir mais.

Ela vai embora. Não tenho certeza do que estava fazendo aqui para início de conversa, mas a gente costuma dormir na cama uma da outra. Olho o relógio: quatro e trinta e sete da madrugada. De sábado. Eu até levantaria, mas o que tenho para fazer?

Fico pensando na época em que voltaria a dormir com gosto. Ah, como eu amava a minha cama. Ficava feliz em me jogar em seus braços confortáveis, mas, desde que Hugh fora embora, este é o lugar onde mais sinto sua falta. O fim e o começo do dia são os piores horários. Acho que é quando não há pensamentos suficientes correndo pela minha mente para ignorar a verdade. E as manhãs dos fins de semana são as piores. Nos outros dias, estou levando as meninas para a escola, indo para o aeroporto ou em Londres.

Nas manhãs de sábado e domingo, quando posso ficar deitada até tarde, só quero que os momentos livres passem logo. Encontros sociais se tornaram quase impossíveis. Continuo tentando, mostrando versões falsas de mim, e depois me recolho, exausta, para minha solidão e compras na internet.

Odeio a mim mesma por não “aproveitar” mais esse hiato inesperado. Mas não posso me forçar a nada e, em minha defesa, estou comparecendo às coisas importantes, tipo o trabalho.

Pego o iPad e, mais uma vez, confiro o Facebook de Hugh — nenhum post, nenhuma atividade, nada. Tudo está congelado. Fui eu que pedi por isso, mas, ainda assim, é tão estranho, como se meu marido tivesse morrido.

Quase preferia ver uma foto dele sentado numa praia tropical, tomando cerveja, cercado por uma garotada nova, só para saber

que está bem. Estou sentindo cada vez mais a falta dele, não menos. É como uma tortura. Pelo que me parece a milionésima vez, pego o telefone e fantasio sobre ligar para Hugh. Fico encarando seu nome por muito, muito tempo. Eu podia simplesmente tocar a tela e ouvir o som do toque e então o clique de quando ele atendesse. E só de *pensar* — ah, só de *pensar*! — em ouvir sua voz, em ouvi-lo dizer: “Amy?”

A fascinação surpreendente, o anseio sofrido, de saber o quanto ele está perto. Bastaria um toque do meu dedo para fazer tudo acontecer. “Volte para casa”, eu diria. “Tudo bem”, responderia Hugh. E tudo voltaria ao normal.

44

Segunda-feira, 10 de outubro, vigésimo oitavo dia

Certo, manhãs de segunda nunca são divertidas, mas, hoje, assim que sento à mesa do escritório, chega um e-mail de Richie Aldin. O que será agora? Uma leitura rápida estabelece os fatos. Que desgraçado atrevido! Ele me convidou para um baile beneficente!

Emito um som indignado, e Alastair ergue o olhar.

— O que foi?

— Richie Aldin me convidou para um evento no mês que vem.

Ele parece confuso.

— Quem? Ah! O Richie Aldin com quem você foi casada quando tinha 11 anos de idade? De onde ele tirou isso?

Lanço um olhar discreto por cima do ombro.

— Onde está Tim?

Alastair adota um ar conspiratório igual ao meu e murmura:

— Saiu.

Ótimo. Não gosto de falar de coisas pessoais na frente de Tim.

— Richie quer que sejamos amigos. Como Hugh foi embora, ele diz que agora percebe como deve ter sido para mim quando fez isso comigo.

— Mas Hugh não foi embora-*embora*.

A menos que tenha ido.

— Sabe de uma coisa, Alastair? — exclamo. — Acho que Richie tem algum problema. Seja lá por que motivo, ele finalmente está se sentindo culpado e não gosta dessa sensação, então acha que pode resolver tudo como num toque de mágica se forçar uma amizade comigo. Mas ninguém pode simplesmente *decidir* que vai ser amigo dos outros, pode?

— Não se a outra pessoa não quiser.

— Richie está tão acostumado a ter tudo que quer que acha que sua força de vontade é suficiente para tornar qualquer coisa realidade. Mas não tenho que me sentir na obrigação, tenho? É como se ele estivesse me dizendo: “Eu magoei você e agora me sinto culpado, então vou te obrigar a ser minha amiga. Sei que não é isso que você quer, mas minha vontade tem que ser respeitada.” — Agora, Alastair está se perguntando por que me casei com um cara desses, então, do nada, digo: — Eu *era* louca por ele. Acho que nunca amei tanto alguém. Nem Hugh.

— O primeiro amor. — Alastair não parece impressionado.

De repente, tenho uma lembrança do meu fogo na época de Richie — aos 17 anos e insaciável, vivia à beira de um orgasmo.

— O que foi? — pergunta Alastair.

— Antes de nos casarmos...

— Quantos anos você tinha?

— Eu tinha 19. Uma loucura.

— E seus pais deixaram?

— Mamãe estava no hospital de novo, e papai andava distraído. Tirei vantagem disso. Eles ficaram doidos quando descobriram. Mas, antes disso, Richie e eu morávamos com nossos respectivos pais, não tínhamos muita chance para o sexo, então, uma vez, eu literalmente o puxei para dentro de um armário para a gente, você sabe, mandar ver. E teve outra vez em que o convenci de que era uma boa ideia roubarmos um barquinho no porto de Greystones e nos afastarmos um pouco da orla para trepar lá dentro.

Alastair me observa com um olhar especulador.

— Nunca transei com ninguém do jeito que transava com ele.

— Ninguém fica para sempre com sua melhor transa. Isso só acontece com a pessoa errada porque existe um elemento de amor e ódio envolvido.

— Eu não odiava Richie — digo. — Nunca fui tão louca por alguém.

Nós tínhamos nos apaixonado no último ano do colégio, e, enquanto o futuro de todo mundo era incerto, planejamos o nosso com precisão: ele seria um jogador de futebol de primeira divisão, eu seria estilista, e ficaríamos juntos para sempre.

Eu só tinha 19 anos quando fugi para Leeds para nos casarmos num cartório, mas não me sentia jovem: parecia que estava no lugar certo, na vida certa.

— Então, o que você vai fazer? — pergunta Alastair. — Sobre o baile beneficente?

— Ignorar o e-mail.

— Ele pode encarar isso como um sim.

Talvez Alastair tenha razão: isso pode mesmo acontecer. Então, digito um "Não, obrigada", aperto Enviar com força e espero que meu ressentimento fique bem claro.

— Você pode tomar conta do seu pai hoje à noite?

— Mamãe, tenho que ajudar as meninas com o dever de casa, e amanhã preciso acordar às cinco para ir para Londres.

— Vou estar em casa de volta às onze.

Não vai. Na última vez, era quase meia-noite, e ainda tive que pegar meia hora de estrada até chegar em casa.

— Por que Dominik não fica com ele?

— Nas noites de segunda, Dominik — o tom de voz dela é quase amargurado — tem uma "parada". Essa é a palavra que usa, como se fosse Bruno Mars. Ele cuida de uma velha chata em Ballybrack para o filho dela ir às aulas de zumba. Como se alguém fosse acreditar numa história dessas.

— Mamãe, parece plausível.

— Um homem? Fazendo aulas de zumba? Ah, faça-me o favor! Além do mais, todo mundo sabe que ninguém mais dança zumba.

Estou preocupada com ela. É óbvio que o estresse está sendo demais.

— Mamãe, aonde você vai quando sai?

— Eu *saio*, Amy, é isso que faço. Saio!

— Com quem?

— Com amigos.

— *Que* amigos?

Depois de uma longa pausa, ela diz, escolhendo as palavras com cuidado:

— Nas manhãs de quinta, eu e seu pai vamos num negócio com outros velhos lelés. A gente senta em roda e canta músicas da

nossa juventude. É desesperador. O fundo do poço, como dizem. Bem, eu e alguns dos outros cuidadores, os que *não* estão com um parafuso a menos, nos juntamos. Tomamos gins-tônicas e conversamos sobre como mataríamos os nossos companheiros. É maravilhoso, Amy. Isso me ajuda a viver.

O que posso dizer?

— Estarei aí às sete.

45

Sexta-feira, 14 de outubro, trigésimo segundo dia

Todo mundo só fala da última reviravolta no divórcio entre Ruthie Billingham e Matthew Carlisle. Ela é uma atriz britânica queridinha do país, enquanto ele é um jornalista ranzinza e sério que joga políticos mentirosos na fogueira. (“O Jamie Dornan das mulheres intelectuais.”)

Até alguns meses atrás, os dois tinham uma vida feliz e maravilhosa com seus dois filhos lindos, até que, do nada, anunciaram o divórcio. Nenhum motivo foi declarado além dos boatos maliciosos de que Matthew estava pulando a cerca. Há poucas semanas, Ruthie pareceu confirmar as fofocas ao dizer numa entrevista de rádio: “Certo dia, descobri que minha vida perfeita era uma mentira.”

Porém, nesta última terça, ela apareceu nas colunas de fofoca numa foto em que dava um amasso na encolha com um cara novo — Ozzie Brown, de *Game of Thrones*. (Se quiserem saber minha opinião, ele parece bem menos interessante que o marido ranzinza, mas talvez seja isso de que ela precisa agora.)

A foto granulada do amasso gerou várias matérias indignadas, que em essência dizem que é cedo demais para Ruthie ir para cama com outro homem — as pessoas tendem a tratá-la como se fosse uma irmã mais nova. Ela deu a desculpa de que os dois ainda estão se conhecendo, mas a mídia continuou criticando. Agora, sua nova tentativa é dizer que está sendo julgada por tentar reencontrar a felicidade, mas, mesmo assim, os comentários maldosos persistem. (Manchetes como “Ruthie, pense nos seus filhos”.)

Mas, hoje — sexta —, alegações terríveis e escandalosas surgiram de que Matthew está tendo um caso com a babá da família, uma beldade sul-africana chamada Sharmaine King, que

parece uma versão mais jovem de Ruthie. Não há provas — a história veio de “fontes próximas a Ruthie”. E, apesar de tanto Matthew quanto Sharmaine terem negado a história em sussurros assustados enquanto lutavam para passar pela multidão de jornalistas diante de suas respectivas casas, o rebuliço estava armado.

Parece que Sharmaine foi demitida, e tanto ela quanto Matthew estão escondidos (em lugares diferentes), recebendo ameaças de morte pelo Twitter.

Ele vai conseguir cuidar de si mesmo, mas Sharmaine King vai precisar de ajuda com sua imagem daqui a pouco, e experiências passadas estão me dizendo que Tim vai sugerir que a Escotilha “entre em contato” com ela.

Eu não quero mesmo fazer isso. Não tenho vontade alguma de me meter nessa história. Maridos traidores não fazem bem ao meu coração.

E, já que tocamos no assunto, Richie Aldin me mandou outro e-mail ontem, tentando me convencer a ir àquela porcaria de baile. Qual é o *problema* dele?

46

Quinze meses atrás

— E onde aconteceria? — perguntei a Derry.

— Na casa de Druzie? — Ela soava incerta.

A ideia de levar Josh Rowan para o quarto de hóspedes de Druzie para uma sessão de sexo ilícito parecia errada de muitas formas.

— Não.

— Na casa dele?

Na casa de Marcia? No espaço dela? Com a possibilidade de me deparar com o aquecedor à lenha?

— De jeito nenhum.

— Então tem que ser um hotel.

— Isso parece vulgar. Sórdido.

Derry permaneceu em silêncio por um tempo e deixou que eu assimilasse minhas palavras. *Vulgar. Sórdido.*

— É assim que funciona quando você tem um caso com o marido de outra mulher e também é casada. — Rápido, ela acrescentou: — Não que eu esteja julgando. É só que...

Minha decisão de me manter bem longe de Josh Rowan não tinha durado. Na verdade, apenas dois dias depois do prêmio, eu tinha mencionado seu nome sem qualquer sutileza num café da manhã de trabalho, tentando conseguir mais informações.

Desde então, em cada reunião com alguém da imprensa britânica, a conversa logo se voltava — às vezes de forma desajeitada o suficiente para que eu ficasse com vergonha — para Josh.

"... então ele é um bom chefe?"

E *"Você conheceu a mulher. Como ela é?".*

E *"Aprontando? Eu? Não, nada. É só que um cliente está pensando em talvez trabalhar com ele, e quero saber com quem estou me metendo".*

Algumas pessoas ficaram intrigadas, mas descobri bastante coisa. Marcia, pelo visto, "nunca deixava nada barato". O que era compatível com minha investigação virtual — ela parecia corajosa e confiante. Pelas informações reconhecidamente escassas, montei uma imagem do casamento dos dois: eles eram aquele tipo de casal que discute bastante, que tem brigas barulhentas e alterna entre o conflito e a paixão.

Tudo ficou mais preocupante quando, sob meu interrogatório atrapalhado, uma jornalista me contou que sabia que Josh tivera um caso com uma mulher de 28 anos que trabalhava num jornal concorrente. Não fiquei mal só pela confirmação de que ele traía mesmo a mulher — o que já me deixara bem desapontada quando o próprio *Josh* tinha me contado —, mas como eu poderia competir com uma rival de 20 e poucos anos?

No entanto, ele tinha terminado tudo porque — e minha informante disse que isso era uma citação direta da fonte — "Você é uma garota muito legal, mas otimista demais para mim".

Uma risada admirada escapou de mim.

— E o que é que isso quer dizer?

— Você conhece o cara, Amy. Josh Rowan não é dos mais animados.

Para ser justa, Josh parecia *mesmo* estar guardando um sofrimento secreto. Mas isso era bobagem, o tipo de coisa que uma mulher que passa tempo demais na própria cabeça, bolando cenas românticas, pensaria. Quer dizer, a maior parte da raça humana provavelmente parece ter preocupações. Nem todos podemos ser como o Dalai Lama.

Foi então que Josh me convidou para um almoço.

Eu gostava da ideia de almoçar. Era seguro. Nada parecido com um encontro. E não me daria motivo para me sentir culpada. Mesmo assim, era uma oportunidade para mostrar a melhor versão de mim mesma e ver se ainda me restava algum poder — algum poder como mulher. Seria bom exercitar esse lado, mesmo que pela última vez.

Nós nos encontramos num lugarzinho charmoso na Charlotte Street, onde Josh fez um milhão de perguntas sobre *mim* e eu soltei várias opiniões aleatórias, tipo sobre como não gosto da insistência do mundo moderno de que temos que jantar de determinada maneira.

— Primeiro, a gente precisa se sentar com a coluna reta, o que geralmente parece um castigo. Aí a comida chega, e sou obrigada a encarar o prato por pelo menos onze segundos. Depois, meu olfato se envolve. E, no fim das contas, quando finalmente te deixam comer, só pode dar garfadas minúsculas e ainda tem que mastigar numa lentidão absurda...

Ele estava sorrindo um pouco enquanto ouvia isso — só o canto direito da boca inclinado para cima.

— Gosto de jantar acomodada no meu sofá, vendo as novidades no Net-a-Porter e enfiando comida goela abaixo como se tivessem acabado de declarar uma crise de fome. É isso que me deixa feliz. E aí fico o tempo inteiro com a sensação de que estou fracassando na vida.

— Sim. — Ele conseguiu dizer muita coisa com uma palavra, e seu sorriso desapareceu.

Mas voltou quando contei sobre o curso de *mindfulness* de um dia que Alastair me convencera a fazer.

— A gente passou meia hora comendo uma única uva-passa. Depois mais uma hora apreciando uma flor. O problema é que esse povo que gosta de viver no momento parece não entender que eu consigo apreciar as coisas num ritmo acelerado. Posso ver uma flor e pensar: Ahh, que bonita. Certo, próximo. Não preciso parar no meio do caminho e, tipo, *lamber* pétala por pétala.

Isso fez com que Josh abrisse um sorriso de verdade, enorme, simétrico, deslumbrante com seus dentes brancos. Parecia que eu tinha acabado de ganhar um prêmio.

— Qual o seu filme favorito? — perguntou ele.

Segurei minha cabeça e gemi.

— Pare. Não faça isso. Não somos crianças. Daqui a pouco, você vai gravar uma fita para mim. — Dei uma espiada entre meus dedos. Ele parecia magoado.

— Só quero conhecer você.

Rápido, respondi:

— Adoro os filmes do Wes Anderson. — Um pouco na defensiva, acrescentei: — Sei que eles são mais bonitos do que profundos, mas adoro aquele clima.

— Pelo menos você não disse nada estrelado pela Jennifer Aniston.

— Também gosto de Jennifer Aniston. — Quando Josh me lançou um olhar de quem não estava me levando a sério, repeti: — É *sério*!

— Ceeerto.

— E você? Qual o seu filme favorito? Não! Me deixe adivinhar. — Analisei mentalmente os mais prováveis: *O Poderoso Chefão, Touro Indomável, Cidadão Kane...* De repente, tive certeza absoluta. — *A Vida dos Outros.*

O rosto dele empalideceu. Um instante se passou, depois outro.

— Como você adivinhou?

Não foi tão difícil assim. A maioria dos homens que conheço teria esse filme na lista. (Apesar de o favorito de Hugh ser *A Felicidade Não se Compra.*)

— É só... — respondi. — Você sabe...

— Uau. — Ele balançou a cabeça. — É um ótimo filme, não acha?

— Hum, nunca assisti.

— Meu Deus. — Josh ficou horrorizado. — Que *crime*.

— O cinema é a sua paixão?

— Minha *paixão*? — Ele pensa na palavra enquanto me olha nos olhos. — Uma delas. Roteiros, sim, seriam algo que eu teria adorado... — Então muda de assunto. — E arte? Qual o seu artista favorito?

— Acho que a maioria das pessoas diria Picasso ou Van Gogh. Eu até *gosto* deles... — Hesito antes de dizer mais.

— O quê?

— Não fiz faculdade. Sou um pouco sensível quanto a isso. As pessoas geralmente agem como se isso significasse que fui criada por lobos. E estou com medo de você me julgar.

— Não julguei você pela Jennifer Aniston.

— Ah, julgou, sim, um pouco. — Sorrio para ele. — Mas você com certeza nunca ouviu falar da minha artista favorita. Uma sérvia chamada Dušanka Petrović.

Pesaroso, ele fez que não com a cabeça.

— Ela pinta no estilo naïf. Só vi o trabalho no Pinterest, mas adoro.

— E ela faz exposições?

— As únicas que encontrei foram numa cidade da Sérvia chamada Jagodina. Mandei um e-mail perguntando como comprar cópias, mas eles não devem entender inglês. Também tentei ligar, mas ninguém atende ao telefone.

— Talvez o lugar tenha fechado.

— O Facebook deles é atualizado. Não entendo a língua, mas as datas são atuais.

— Mas sua artista deve ter um site, não?

— Pois é, não. Talvez ela já tenha morrido. Mas, um dia, vou visitar Jagodina.

Uma pontada de ressentimento me atingiu. Todas as minhas férias eram programadas para agradar as meninas e Hugh — geralmente as meninas, sejamos justos —, e minhas vontades nunca eram prioridade.

Nunca tínhamos dinheiro suficiente para eu e Hugh tirarmos um fim de semana romântico em alguma cidade europeia. Muito raramente um de nós era enviado para trabalhar num lugar interessante, e o outro ia junto para passar um dia e meio no fim da estadia.

Na única vez em que tivemos dinheiro de sobra, por causa de uma restituição de impostos inesperada, perguntei a Hugh se não podíamos ir ao museu em Jagodina, mas ele disse: “Desculpe, querida, mas não tenho a menor vontade de ir para a Sérvia. A ideia de gastar dinheiro indo para lá quando podíamos visitar Marraquexe ou o Porto...”

— Você está bem? — Josh observava meu rosto.

— Sim. — De jeito nenhum eu ia ficar reclamando de Hugh para ele.

Josh mudou de assunto ao perguntar sobre as minhas roupas, então contei sobre Bronagh, e, enquanto eu falava, ele me observava com avidez. A admiração em seus olhos contrastando com seu rosto impassível.

Toda aquela atenção era sedutora, e podem me chamar de patética, mas era bem legal ver a mim mesma como uma mulher interessante que vestia roupas vintage exclusivas e cuja artista favorita não era uma escolha previsível, mas uma sérvia desconhecida. Na realidade, claro, eu era uma pobretona sem estudo, porém o que importa é como você apresenta as coisas.

No fim do almoço, comentei:

— Então conseguimos passar um almoço inteiro sem eu me oferecer para você. Que progresso.

Outro sorriso de verdade. E então:

— Você pode se oferecer para mim sempre que quiser.

— Ha ha ha...

Eu corei — e Josh notou.

— Amy... — Ele tocou meu rosto com as juntas dos dedos.

— Preciso ir. — E escapei dali.

Desde então, nós almoçamos mais três vezes, sempre numa terça, sempre no mesmo lugar, sempre comigo falando na maior parte do tempo e ele me observando como se eu fosse a mulher mais interessante da face da Terra. Josh queria saber coisas que ninguém costumava perguntar.

Tentei inverter a situação e interrogá-lo, mas ele era bem menos informativo. Mesmo assim, admitiu algumas coisas: que adorava o mar; que seu lugar favorito no mundo era a costa de Northumberland; que sofria de uma insônia que o fazia acordar cedo; que raramente chorava, mas, quando o fazia, em geral era por causa de alguma notícia sobre crianças feridas — “Aquele garotinho na ambulância em Aleppo mexeu com a minha cabeça. Quando se tem filhos, você se torna mais sensível a esse tipo de coisa.”

As coisas ficaram meio esquisitas depois dessa declaração, que lembrava a nós dois nossas vidas, em que tínhamos filhos e cônjuges.

A única pessoa para quem contei sobre os almoços foi Derry, que pareceu não aprovar.

— Como você se sentiria se Hugh estivesse se encontrando com uma mulher do mesmo jeito que você está se encontrando com Josh Rowan? — perguntou ela.

Aquilo me deixou envergonhada. Eu ficaria profundamente magoada, *profundamente*, e louca de preocupação.

— Nada aconteceu — insisti. — Nada *vai* acontecer. É só um flerte inofensivo.

Tirando que não havia nada de inofensivo naquilo. Eu queria enfiar os dedos nas minhas orelhas e fazer lá-lá-lá-lá-lá até fazer sumir a verdade de que traição emocional existia. Talvez não fosse tão ruim quanto uma traição *de envolvimento carnal*, mas ainda era algo péssimo.

— Sabe o que você está fazendo? — perguntou Derry. — Convencendo a si mesma a começar alguma coisa com ele ao Normalizar o Anormal.

Eu conhecia essa expressão, que surgira em grupos de combate ao vício; a mensagem era que ninguém dormia saudável numa noite e acordava no dia seguinte completamente viciada. Isso era algo que acontecia aos poucos, de forma discreta. Primeiro, a pessoa dava um único passo ousado fora do caminho certo, só dando outro depois que aquilo deixasse de parecer uma aberração. Mais uma vez, ela esperava a vergonha e o medo diminuírem, e então, quando isso acontecia, se sentia encorajada a dar mais um passo, o tempo todo se afastando do rumo que deveria tomar.

— Nada vai acontecer — repeti. — Ah! Quer ver uma foto dele? — Eu já estava pegando o iPad.

— Não. Amy. Controle-se. Preste atenção, essa não é a primeira vez que Josh Rowan faz algo assim. Daqui a pouco você vai ter que intensificar as coisas. Não conheço esse cara, mas tenho certeza de uma coisa: ele não quer só andar de mãos dadas.

— A gente não andou assim. Não seguramos na mão um do outro. Nem trocamos beijos na bochecha.

— Homens querem transar.

— Ah, Derry!

— Vocês dois não são diferentes de nenhum casal pensando em trepar fora do casamento. — Ela estava sendo dura de propósito. — É sério, Amy, não tente ficar inventando moda de achar que vocês têm uma conexão mágica ou uma atração irresistível.

Isso me deixou triste, porque, sim, era exatamente o que eu *estava* fazendo.

— Posso perguntar por quê? — disse ela. — O problema é Hugh? Ele não está... sei lá, sendo seu companheiro?

— Não é Hugh. — Fui enfática. — O problema, seja lá qual for, é só meu. Será que cansei da monogamia?

— Eu jamais esperaria isso de você. Mas jamais esperaria *nada* do que está acontecendo. Será que é uma questão de idade? Talvez o seu corpo saiba que começou a se deteriorar e está incentivando você a ter uma última farra.

— Não sei... A única coisa que posso dizer com certeza, Derry, é que só quero algo meu. Quero que uma parte da minha vida seja só minha.

Parecia que nem minha alma era propriedade particular. As meninas não tinham pudor algum em pegar minhas coisas sem pedir — até meus sapatos eram emprestados para uma amiga de Neeve —, e meu tempo era tomado com completo descaso: elas ordenavam receber caronas para ir e voltar sem nunca me perguntar se aquilo se adequava aos meus planos.

Com Hugh, nosso déficit crônico de sexo me incomodava tanto que minha maneira favorita de me distrair — que era ficar deitada na cama com o iPad — fazia com que me sentisse culpada. Bem, a princípio culpada, depois amargurada, quando ele chegava e fazia insinuações lascivas sobre me fazer companhia. Meu único pensamento era: *Pelo amor de Deus, estou tão sobrecarregada, você não pode me deixar ficar deitada aqui, lendo um monte de matérias que não me fazem pensar e me sentindo livre por um tempinho?*

Derry pareceu pensativa.

— Você trabalha bastante.

— Estou sempre cansada. E preocupada. Sinto uma dor quase constante no meu estômago. É tão frequente que quase não percebo mais. Nunca temos dinheiro guardado. Nunca temos tempo. E nada que eu faço é suficiente. Minha casa sempre tem alguma coisa quebrada. Nunca consigo completar dez mil passos no Fitbit. Se consigo um sucesso no trabalho, não adianta de nada, porque ainda não temos clientes suficientes. Eu me preocupo com Neeve, me preocupo com Sofie, e odeio a mim mesma por reclamar quando temos comida na geladeira e não estamos em guerra, mas...

— Humm.

— E tudo que faço para me sentir bem, como beber, fumar, me encher de pipoca no cinema, me deixa cheia de culpa. Escute, pode me contar como foi para você?

Derry estava num relacionamento de oito anos com um homem chamado Mark quando começara um caso com outro. O cara novo — Steven — era casado.

— Foi uma merda — disse ela. — Mentir para Mark, bem, a culpa que eu sentia por fazer isso me deixava esgotada, e ser o segredo sórdido de Steven era muito vergonhoso. E me sentia ainda mais envergonhada por causa da pobre Hannah. — Hannah era a mulher. — Eu nunca quis ser essa mulher, a destruidora de lares, a ladra de maridos, e você é muito mais dramática, acharia bem mais difícil.

— Mas devia ter alguma parte boa, porque, caso contrário, você não teria seguido adiante com aquilo.

— Sim, mas não era real. Tipo, eu esperava um tempão e, quando ele finalmente me mandava uma mensagem, ficava superfeliz. Era como uma droga. É uma coisa química de *verdade,* sabe? Dopamina.

Eu já tinha ouvido falar de dopamina. De novo, as revistas de psicologia. A explicação simples é que é um elemento químico que o cérebro produz em resposta a certos estímulos e que faz você se sentir bem. E, sim, sempre que Josh me enviava um e-mail sobre um cachorro dançante ou com um quadro de uma vila eslava, meu humor melhorava.

— Sempre que Steven me mandava uma mensagem, eu produzia dopamina — explicou Derry. — Ou a antecipação pelo nosso próximo encontro me deixava empolgada por dias.

Sim. A expectativa pelos almoços de terça era emocionante, empolgante.

Ela suspirou.

— Acho que eu só estava viciada no alívio. E veja só como as coisas acabaram. — Ela largara Mark; Steven largara Hannah; os dois assumiram o namoro. Ficaram juntos por menos de um ano. — É isso que você quer? — perguntou Derry. — Contar para Hugh? Se separar dele? Ir morar com Josh Rowan?

Meu Deus. A ideia me fez ficar de cabelo em pé. Eu não queria nada disso. Não. Josh Rowan era só uma fantasia.

— Tudo que quero é sentir que um homem bonito é doido por mim. Qual o problema nisso?

— Tome cuidado, Amy — alertou ela. — Você tem muito a perder.

— Derry, como relacionamentos sobrevivem depois que uma pessoa tem um caso? Mesmo que ninguém descubra. Será que alguma coisa se perde? Deve se perder, não é?

— Claro. A inocência. A confiança.

— Mas é ingênuo esperar que nada nunca aconteça? As pessoas deviam simplesmente aceitar que, num relacionamento longo, problemas vão acontecer e você tem que aceitá-los? Como cicatrizes num corpo ou falhas num tapete trançado. Tipo, uma a cada três mulheres com crise de meia-idade tem um caso.

— Acho que você devia parar de se encontrar com ele.

— Não consigo.

— Dopamina — declara ela com desdém.

— A gente só almoça.

— Então pare.

— Não quero.

— Dopamina.

— Só quero uma diversão inofensiva — gaguejei.

— Diversão inofensiva? — Derry balançou a cabeça, cansada. — Então compre um trampolim.

47

Domingo, 16 de outubro, trigésimo quarto dia

— Vai ter bebida nessa festa? — pergunto, e Kiara, Neeve, Sofie e Jackson imediatamente começam a gargalhar.

— Vai ter bebida nessa festa? — repete Neeve, numa imitação de uma senhora caquética da minha voz.

— Ah, mãe! — Kiara está se acabando de rir. Continuo esfregando o fogão com afetação. Qual foi a graça? — É *claro* que vai ter álcool! — cantarola ela.

Todo pai quer que seus filhos sejam independentes. Mas não tenho certeza de que gosto que ajam como se eu fosse uma idosa medrosa, que precisa ser guiada para o mundo moderno.

Enquanto limpamos a casa, estamos conversando sobre uma "reuniãozinha" de Halloween de que Kiara vai participar. É só daqui a duas semanas, mas ela já está planejando a roupa que vai usar. Foi pouco depois de eu ouvir a frase "Derry deve ter algum vestido para me emprestar" que fiz minha declaração hilária sobre álcool.

— É claro que sempre tem bebidas "nessas coisas" — diz Kiara. — Você ficou tão *rígida*.

— Quando não está nos enchendo de dinheiro — acrescenta Sofie.

Pode até ser, mas vou te contar, é *difícil* virar mãe solteira de repente. É quase como ter que reaprender tudo do zero. Não basta continuar agindo como antes, porque Hugh e eu dividíamos a responsabilidade. Entre nós dois, conseguíamos fazer valer as regras e dar recompensas como uma dupla, só que agora, com sua presença removida de forma tão abrupta, as respostas que antes pareciam intuitivas se tornaram um mistério.

— Vai ter meninos também.

Kiara está me provocando, mas agora fiquei preocupada. Ela é sexualmente ativa? *Quão* sexualmente ativa? Será que devia começar a tomar pílula? Sofie toma há um ano, e essa conversa — iniciada por mim, sobre como sexo é uma expressão de carinho e amor — foi tão difícil que tive que me deitar depois. Com Kiara deve ser mais fácil, porque ela é bastante receptiva.

Mas será cedo demais? Ela nunca teve um namorado, pelo menos não que tenha sido apresentado a nós, tem vários amigos meninos, e talvez tenha chegado a hora de falarmos sobre isso. E o que será que Hugh acha?

— Os meus quinze minutos acabaram! — Neeve se afasta da tábua de passar.

— Você só fez doze. — Jackson confere o cronômetro.

Paro de esfregar o fogão — esses anéis de comida queimada são mais resistentes que lava seca — e olho para o relógio.

— Só foram doze.

— É! — diz Kiara.

— Doze — repete Sofie. — Mas pode ir. Não me importo de passar a roupa.

— Esquisitona — responde Neeve com afeição.

Todo mundo tem tarefas preferidas — eu gosto de cuidar do fogão, Jackson limpa os banheiros quando está aqui e Neeve acha melhor esfregar o chão — mas passar roupa é tão impopular que dividimos a tarefa em quinze minutos para cada.

Ainda não sei se Sofie voltou oficialmente a morar conosco. Ela acorda aqui vários dias na semana e aparece na maioria das noites para fazer o dever de casa, mas desaparece por um ou dois dias, às vezes ficando com Urzula, às vezes indo para a casa da minha mãe. É confuso e não deve fazer bem a Sofie, mas sou apenas tia dela.

Eu queria poder desabafar com alguém, só que conviver com as pessoas está sendo difícil. Apesar de Petra Pomposa estar estressada e deprimida, é uma das poucas com quem consigo relaxar. Ontem, fomos caminhar, só a gente. Nenhuma das duas queria ir, mas ela disse que nos faria bem.

— Natureza, oxigênio, essas coisas. Preciso parar de ficar bebendo sozinha em casa até cair.

— Eu também.

Na verdade, não tenho bebido tanto assim. Quer dizer, bebo um *pouco*, mas não tanto, porque, se beber demais, fico ainda pior no dia seguinte. Mas eu estava ativando meu Contágio Emocional, algo que foi observado no mundo animal — eles fazem isso para fortalecer seus laços. (Sim, a revista de psicologia de novo.)

Fomos para uma floresta qualquer, onde Petra ficou encarando o rio que corria rápido, como se estivesse considerando se jogar lá dentro, antes de dizer, desanimada:

— Queria ter abortado.

— Não, Petra, por favor, não diga isso!

— Mas queria, Amy. Queria ter abortado. Quase fiz isso.

Eu sabia. Nós tínhamos discutido o assunto por algumas semanas, antes de Petra decidir que sua gravidez tardia e surpreendente podia ser uma dádiva.

— Ninguém acha ruim quando as mulheres se arrependem de fazer abortos — disse ela. — E aquelas de nós que se arrependem de *não* ter feito?

— Petra, talvez você devesse ir ao médico. Quem sabe tomar algum remédio.

— Cianureto? Para mim ou para elas? — E então tirou uma garrafinha de vinho tinto da bolsa. — Quer um pouco? Por favor, diga que não.

— Você está bem, Amy? — pergunta Sofie.

Estou imóvel, feito um manequim.

— Hum... ah, sim, ótima.

Meu cabelo está molhado de suor de tanto esfregar o fogão.

— Onde estão as luvas de borracha? — pergunta Jackson. — Vou limpar o banheiro daqui de baixo agora.

Todas nós estremecemos, e ele ri.

— Prenda o cabelo, amor — diz Sofie. Ela surge com um prendedor e carinhosamente gira os cachos superlustrosos de Jackson num coque alto. Os dois esfregam os narizes e riem.

— Ei! — diz Neeve. — Nada de pegação.

— Aqui estão. — Kiara encontra as luvas para ele, as joga dentro de um balde cheio de material de limpeza, então hesita quando está prestes a entregá-lo. Subitamente melancólica, ela diz: — Fico me perguntando se papai pensa em nós. Se está sentindo nossa falta.

Meu coração se aperta.

— É, claro — diz Neeve. — Sentindo falta disto. — Ela indica nós cinco, vestindo calças de moletom e camisas, com rostos corados e cabelos escorridos. — Quem iria querer ficar num paraíso tropical quando poderia estar limpando a geladeira?

Todos riem, até Kiara.

A campainha toca, e interrompemos nossas tarefas para trocar olhares levemente assustados. Que tipo de pessoa aparece na casa dos outros numa manhã de domingo?

— Deve ser Maura — digo.

— Por quê?

— Só... porque...

— É, Maura é dessas — diz Sofie, e as três morrem de rir.

Eu me esforço bastante para entender o que elas falam, mas não consigo captar o significado exato dessa frase. E não vou perguntar, não logo depois de terem zombado de mim por causa da história da bebida.

Descendo o corredor, rezo para que, se não for Maura, não seja um vizinho “preocupado”.

Para minha grande surpresa, parada no frio da manhã de outubro está a mãe esquelética de Sofie.

— Urzula, oi — digo. — Ahn... entre!

Ela me entrega um saco de lixo.

— As coisas de Sofie. E daquele Jackson.

— Ahn? Hum... — Mas que raios? Ela está expulsando Sofie de casa? — Urzula, venha, vamos entrar! — É melhor conversarmos sobre isso.

— Ela é uma menina difícil.

Não quero que Sofie escute uma coisa dessas, então fecho a porta e saio.

— Não, não é.

— Ela é uma menina muito difícil.

— Não é não, Urzula, Sofie é um amor.

Ela muda de foco ao me olhar de cima a baixo, sua expressão é uma mistura de desdém e preocupação.

— Amy. Sou uma especialista em dietas. Acredite em mim quando digo que um Magnum pequeno é tão gostoso quanto um

grande.

Não sei como responder. Sem levar o insulto em consideração, aquilo é uma mentira descarada.

E percebo uma coisa: eu costumava pensar que a linha que separava pessoas sãs de pessoas malucas era bem nítida — ou você era doido ou não era —, sem nuanças. Mas, de repente, vejo que não é simples assim. Há muitas variáveis, em diferentes partes da vida. As pessoas loucas não são apenas aquelas pobres coitadas presas em alas hospitalares. Elas estão em todo lugar, vivendo entre nós, fingindo serem normais. Estão em cargos poderosos e influentes e, às vezes, conseguem seus próprios programas na tevê a cabo, humilhando gordos até eles emagrecerem. (Pelo menos temporariamente: li uma matéria que dizia que, assim que a maioria dessas pessoas escapava de Urzula, enchia a cara de comida como nunca.)

— Eu amo Sofie — digo. — Acho maravilhoso que ela volte a morar comigo.

— E o Hugh? — Que olhos maliciosos essa mulher tem! — Ele não está aqui para achar maravilhoso, está?

— Hugh vai voltar.

— Hugh vai embora de novo assim que der uma olhada em você e seus quilos de Magnum.

Se eu *estiver* gorda, o que nem tenho certeza de que seja o caso — na verdade, não sei nem *o que* estou, porque perdi completamente o contato com meu corpo —, é mais por causa do queijo com biscoitos, não pelo sorvete.

— Por que você não entra e conversa com Sofie? — sugiro. — Não quero convencer ninguém a nada, mas vocês deviam pelo menos discutir o assunto.

— Não.

— Quer que eu dê algum recado?

— Diga que ela é uma menina difícil. — Urzula se vira para ir embora.

— Urzula, por favor, espere...

Mas ela já se foi.

48

Segunda-feira, 17 de outubro, trigésimo quinto dia

É manhã de segunda, e quase fico aliviada pelo fim de semana ter acabado.

Depois da visita dramática de Urzula, fui diplomática ao dar a notícia a Sofie. Apesar da aparente fúria de Jackson, ela permaneceu tranquila.

— Eu dei o meu melhor — declarou minha sobrinha.

— E ainda mais — acrescentou Jackson. Muito embora ele pareça ser pequeno e frágil por fora, por dentro é forte e apoia Sofie em tudo.

— Isso é tudo que você podia fazer — falei para ela. — Nem todo mundo tem talento para ser mãe.

Eu não sabia se estava passando do limite, mas dane-se. Sofie é um amor, e eu não queria que achasse que aquilo era culpa dela.

A situação foi tão emocionalmente exaustiva que fui para cama e montei o orçamento de uma viagem de dezessete dias para a Argentina e o Chile, para todos nós, incluindo Jackson, em algum momento em julho do ano que vem. Escolhi julho porque parece um intervalo razoável para termos nos recuperado da volta de Hugh.

É claro, no fundo, sei que talvez a gente nunca se recupere, mas tudo que tenho é a minha esperança. Acho que fiz o equivalente a um quadro de desejos, e fui bem detalhista — procurei *tudo*: passagens, hotéis, transporte, tudo.

Viajaríamos de classe executiva (não de primeira classe: até na minha fantasia, tive alguma noção da realidade). Em vez de escolher o hotel mais chique de cada cidade (Buenos Aires, Córdoba e Santiago), optei pelo terceiro mais chique. As meninas ficariam em quartos normais — e, sim, Jackson ficaria junto de Sofie. Hugh e eu teríamos suítes na parte “antiga” dos hotéis.

Somando tudo, ficou exorbitantemente caro. Mesmo quando melhorei alguns detalhes — os pais de Jackson pagariam pelo voo dele, Neeve e Kiara dividiriam um quarto, nada de pagar ao hotel para nos buscar no aeroporto —, ainda era um absurdo. Bem, pelo menos a pesquisa me manteve ocupada.

No escritório, acabo de tirar o casaco quando Tim diz:

— Sharmaine King. Falei com o pessoal dela. Eles nos convidaram para fazer uma proposta.

Adoro a ambição de Tim. Geralmente.

— Qual de nós vai cuidar disso? — pergunta ele para Alastair. — Eu ou você? Ela é sul-africana, mas vive no Reino Unido, então as coisas vão acontecer por lá.

Alastair me lança um olhar.

— Bem, Amy passa tanto tempo em Londres quanto eu... Ah, certo! Sim, passe para mim. Pode me mandar tudo que você tiver.

Fico grata pela proteção de Tim, mas é vergonhoso ser considerada digna de pena, então me afundo no trabalho.

Logo antes do almoço, meu telefone toca. É um número de Londres, desconhecido. Pigarreio e me empertigo na cadeira.

— Aqui é Amy O'Connell.

— Dan Gordon. Estou representando um cliente interessado em trabalhar com você.

— *Ceeeeerto.* — É sempre bom ter mais trabalho. Bem, quase sempre. — Posso perguntar quem é essa pessoa?

— Não tenho autorização para dizer. O cliente quer uma reunião hoje. No centro de Londres.

— Infelizmente, estou em Dublin.

— Não pode pegar um voo?

Reflito sobre isso por um instante. Mas não, até eu chegar lá e a reunião acabar, vai ser tarde demais para retornar à Irlanda. Kiara e Sofie precisam de mim — já é ruim o suficiente eu não estar em casa nas noites de terça.

— Que tal um dos meus colegas? — ofereço. — Os dois são excelentes.

— Não foi você que cuidou do caso de Bryan Sawyer? O cliente insiste que seja você.

Bem, nada como ser desejada. A menos que o cliente misterioso seja Robert Mugabe.

— Estarei em Londres amanhã — digo.

— Precisa ser hoje.

Eu me preparo para convencê-lo, mas escuto um clique — ele desligou na minha cara! Encaro o telefone, e então grito:

— Não custa nada ser educado!

Ergo o olhar e encontro Tim, Alastair e até Thamy me encarando. Os três parecem chocados.

— O que foi? — reclamo. — Ele já tinha desligado, não me ouviu.

Seus olhares continuam focados em mim.

— Ele foi mal-educado — digo. — Muito mal-educado.

Na volta do almoço, saio do elevador e escuto o som da risada de Alastair, uma gargalhada completa. A isso se segue uma erupção de risos intensos de várias pessoas, e corro para o escritório, porque estou super a fim de diversão.

Tim e Thamy estão olhando para a tela de Alastair.

— Amy! — gritam eles. — Venha, você precisa ver isto!

Lá vou eu, e, para minha surpresa extrema, é mamãe! É o vlog dela com Neeve!

Puxo o ar.

— Como você descobriu isso?

— Alguém me mandou pelo Twitter.

— Por quê?

Chego mais perto da tela e vejo que o vídeo foi retuitado mais de trezentas vezes! É *impossível* explicar como é difícil conseguir uma façanha dessas. Já tentei tanto fazer clientes chamarem atenção com seus tuítes e vlogs, mas quase nunca dá certo.

— Sua mãe é tão *fofa* — diz Alastair. — E tão engraçada. Talvez ela coloque Botox quando ficar mais velha! Isso é hilário.

Estou muito orgulhosa dela. E de Neeve — foi bem inspirado fazer um vídeo com mamãe.

— Ela é linda, não é? — diz Thamy. — Já vi a quem você puxou, Amy.

— Puxei o quê? — Não gosto de elogios falsos.

— Ah, corta essa! — entoam os três. O vídeo os deixou de bom humor. — Você é maravilhosa.

— Imagine ter Lilian O'Connell, mãe de cinco, como sua sogra! — Alastair me encara. — Como vai sua irmã bonitona?

Eu lanço um olhar de desprezo na direção dele e volto para a minha mesa. Então, ligo para Neeve, e nós soltamos gritos de alegria uma para a outra.

— Eu postei o vídeo hoje cedo! — explica ela. — E foi, tipo, uau!

— Você arrasou, querida.

— Ah, mãe...

— Ha ha ha! — Estou bem alegre. — Que tal "Meus parabéns, minha filha querida, estou *extremamente* orgulhosa de você"?

Alastair passa boa parte da tarde assistindo aos vlogs de Neeve e tecendo comentários.

— Ha! Nunca soube disso.

— Do quê?

— Da diferença entre pele seca e pele desidratada. Não é a mesma coisa! Quem diria?

Eu digo:

— Na seca, falta óleo. Na desidratada, falta água. — Também já assisti a esse vídeo.

— Qual será o meu tipo de pele? Vou na Space NK descobrir. — Ele começa a se levantar da cadeira. — Só quero assistir a mais um antes.

Quarenta minutos depois, Alastair continua lá.

Em determinado momento, eu me levanto para ir ao banheiro, e, quando volto, ele grita do outro lado do escritório:

— Você sabia que ela fez um vídeo com o Sr. Melhor Sexo do Mundo?

Tim ergue a cabeça, Thamy se vira em sua mesa para ver melhor, e eu empalideço.

— Quem? Richie Aldin? Eu sei, mas, pelo amor de Deus, Alastair, não o chame assim!

— Que tal Babaca com Quem Você Foi Casada?

— Melhor.

— Vamos assistir para falar mal dele.

Tim e Thamy já se levantaram, e, mais uma vez, todos paramos em volta da mesa de Alastair.

E lá está Richie, contando a Neeve sobre seu xampu.

— Ele se ama. — Alastair soa muito ácido. — Como se acha, esse idiota pomposo. Ah, essa parte é boa, escute só, Amy.

Richie diz:

— Minha pele nunca me dá trabalho.

— Dá para acreditar numa coisa *dessas*? — diz Alastair. Numa voz zombeteira, ele repete: — "Minha pele nunca me dá trabalho." Como se isso fosse uma conquista. Que babaca.

— Ele é bonitão — diz Thamy.

Fora da câmera, Neeve pergunta a Richie sua opinião sobre Botox.

Com um sorriso, ele declara:

— Não preciso disso.

— Mas e quando for mais velho?

— Nunca vou precisar.

Alastair vocifera:

— Então agora ele está fazendo previsões do futuro? Fique longe dele, Amy, porque esse é o tipo de cara que insiste e enche o saco até te convencer a fazer a vontade dele.

Não sei como é possível chegar a essa conclusão depois de uma conversa de três minutos e quarenta segundos sobre protetor solar.

— Ele quer reconquistar você? — Thamy está animada.

— Bem, não, não é assim...

— Uau. Vai com tudo, ele é um GATO!

Por curiosidade, pergunto para Tim:

— O que você acha de Richie?

Sua resposta é simples:

— Ele não vai parar até conseguir o que quer.

Eu rio e penso que Richie Aldin pode ir se foder.

49

Catorze meses atrás

Ai! A gordura de bacon respingou da frigideira e acertou meu braço. A dor foi perdendo intensidade na mesma hora, mas eu não podia correr o risco de deixar cair gordura na minha blusa: tinha acabado de vesti-la, e a cesta de roupa suja já estava cheia.

Tirei a camisa, joguei-a sobre uma cadeira, mas o avental não estava no lugar de sempre, pendurado no aquecedor. Sabe-se lá o que tenha feito com ele, mas não havia tempo para encontrar outro. Eu teria que terminar de cozinhar usando calça jeans e sutiã, mas nem pensei muito no assunto: minha cabeça estava cheia de Josh Rowan.

No nosso almoço na terça anterior — a sexta semana seguida em que nos encontrávamos —, ele subitamente soltara a seguinte frase no meio da conversa:

— Sinto falta de você se oferecendo para mim.

— É mesmo? Ah, claro. Ha ha ha.

— Você pretende fazer isso de novo?

— Não sei.

— Então é a minha vez? De me oferecer?

Certo. Bem, eu devia ter imaginado que isso ia acontecer.

E, ah, a ideia de transar com ele. Nós dois pelados. Ele pressionando meu quadril para eu cair na cama. Posicionando-se entre as minhas pernas com uma ereção enorme. Brincando comigo...

O apartamento de Druzie estava vazio hoje. Eu podia levá-lo para lá, e ninguém ficaria sabendo.

Mas aquilo era tão perigoso. Talvez eu não conseguisse voltar atrás se seguisse por aquele caminho.

— Eu amo Hugh.

Josh assentiu com a cabeça. Era sua vez de dizer que amava Marcia, mas ele permaneceu quieto.

E a forma como me olhava... sua boca apertada numa linha soturna, os olhos ardendo de desejo, indicando que aquilo era mesmo sério.

Ele tinha virado a palma das mãos para cima, exibindo a pele pálida da parte interna de seus braços, as veias azuis sob a superfície, como o mapa de um rio. Dava para ver seus pulsos se contraindo, e essa vulnerabilidade fez surgir um carinho e uma dor dentro de mim.

— Não me leve a mal — disse Josh —, mas eu preferia não ter te conhecido no Black Friar naquele dia. — Ele encarava a mesa enquanto falava. — Eu estava indo bem. Mas, quando te vi, procurando seu pente, e você olhou para cima, com seu rosto doce e suas roupas, foi um choque, Amy, foi *estranho*, porque você é única, mas eu jurava que já te conhecia.

Ele podia estar inventando isso para me seduzir.

— E então você defendeu Premilla com toda aquela determinação. Tantos relações-públicas adoram dizer palavras bonitas, mas, no fundo, são pessoas frias. Só que eu sabia que você era boa. E me esforcei mais do que o normal para convencer Marie Vann a abandonar a matéria. Não fiquei feliz por ter fracassado, mas pelo menos aquilo me deu outra chance de encontrar você. Eu teria ficado no hotel naquela noite. Eu teria subido para o seu quarto na noite da premiação. Eu quero você.

Enquanto eu ouvia essas coisas, ondas de excitação percorriam meu corpo.

— Mas, olhe, Josh. Se a gente começasse um... caso, o que aconteceria? — Rápido, acrescentei: — Não quero dizer que tipo de sexo ou...

Engoli em seco. Fiquei paralisada, pensando nele pelado, entrando em mim... e, pela forma intensa e inabalável como Josh me encarava, tive certeza de que a visualização era mútua.

— Meu Deus. — Ele pressionou os olhos com uma das mãos e emitiu um som estranho, baixinho, uma mistura de gemido com um choramingo. E então me encarou de novo. — Quer dizer, o que vai acontecer no fim das contas? Você largaria o seu marido? Eu largaria a minha mulher? Não sei, Amy. — Ele deu de ombros, desarmado. — Não existe um roteiro para essas coisas.

Eu queria um roteiro. Precisava saber o final antes de ser capaz de começar qualquer coisa.

— E a sua mulher? Você ama a sua mulher?

— Às vezes. — Josh suspirou. — Mas não agora.

— O amor funciona assim?

— Não sei como é com as outras pessoas, mas é assim que são as coisas comigo e Marcia.

— Nas outras vezes, você se sentiu culpado? Ela desconfiou de alguma coisa?

— Sim e sim.

— E o que aconteceu? Você contou para ela?

— Não. Mas Marcia também tem os rolos dela.

— Rolos? Você quer dizer casos? Ela contou para você?

— Eu adivinhei. E perguntei a ela. Que, assim como eu, negou tudo.

— E?

— Esperei tudo se resolver.

— Josh, não sei o que fazer. Não... — Busquei as palavras certas. — Não sou como você. Nem como a sua mulher. Vocês são fortes. Mais fortes do que eu.

— Eu não sou forte. Mas, Amy, você ama o seu marido, não ama? Então por que está aqui? — Josh se inclinou para a frente, determinado. — Vou dizer o que acho. Você quer que eu diga que não amo minha mulher, que já nos separamos e estamos prestes a contar para as crianças. Quer que todos os problemas sumam como um passe de mágica, as outras pessoas, as que magoaríamos. Que Hugh continue sendo seu a longo prazo, mas quer que uma licença cósmica caia no seu colo, para que ele nunca saiba de nada e você não precise se sentir culpada. Mas, Amy, estamos no mundo real, e o mundo real é complicado.

As palavras dele foram recebidas com silêncio. Sua avaliação fora exata.

Eu queria um romance, um caso amoroso, e que toda a sordidez da situação fosse convenientemente apagada pela força de nossa paixão.

Não fazia diferença guardar aquilo para mim.

— Quero me sentir... desejada, como se você fosse louco por mim.

— Eu sou.

Minha boca ficou seca.

— Quero que você nunca tenha feito isso antes. Eu sei. Sou patética. E hipócrita.

— Eu podia ter mentido, e você acharia que sou um homem melhor.

— Quero ser indiferente com relação a você e as... outras. Mas não sou. Eu me sinto uma... caipira. Tosca. Quero saber os detalhes, mas me odeio por isso.

— Tudo bem, eu conto. Um caso durou cerca de seis meses, então ela conheceu outra pessoa. E teve outro com uma mulher de 20 e poucos anos, que terminou porque eu não aguentava a... — ele pensou nas palavras — a empolgação dela.

Isso batia com tudo que eu havia descoberto.

— Mas com você, Amy? — disse Josh. — Não vou aguentar outro almoço. Quero mais.

Eu também. Mas eu seria capaz?

— Posso pensar no assunto? — perguntei.

— Pense rápido.

Aquilo era uma ameaça? Eu devia ficar indignada? Decidi que não.

— E se eu decidir não... seguir em frente? — perguntei. — Nós ainda vamos nos ver?

— Não.

Ah.

— Estou falando sério, Amy. Não aguento mais.

Talvez eu devesse ficar ofendida — o Amor Verdadeiro Espera e tal —, mas gostei daquela sinceridade madura.

Desde então, a indecisão estava me corroendo. Eu acordava no meio da madrugada, mudando de ideia. Resolvia que ia, sim, para um hotel com ele e pagaria para ver. Então vinha uma avalanche de culpa, porque eu realmente amava Hugh e sempre nos imaginara envelhecendo juntos.

Só que a atração por Josh era poderosa, e logo eu voltava a fazer planos para dormir com ele.

E se nos descobrissem? Esse pensamento me fazia morrer de medo. A ideia de magoar Hugh e acabar com o meu casamento era impensável. Além do mais, o que eu sabia *de verdade* sobre Josh? Nós passamos muito tempo juntos, mas a maioria das confissões era minha.

Eu sabia que ele era atraente.

É, eu bem sabia como ele era atraente!

E então voltava a fraquejar.

Minha vontade era que algum desastre acontecesse em que nós dois ficássemos presos num lugar remoto — alguém acabaria vindo nos ajudar, isso sempre acontecia, mas, enquanto esperávamos, podíamos fazer todas as coisas erradas que quiséssemos.

No meio-tempo, minhas noites insones faziam com que eu passasse os dias me arrastando, exausta e preocupada-preocupada-preocupada, meu estômago queimando com a acidez da ansiedade.

Quando a terça-feira chegou, eu não tinha tomado nenhuma decisão, então não nos encontramos. No entanto, agora, onze dias depois da última vez que nos vimos, parada diante do fogão, fritando bacon, sei que preciso de uma resolução. Hoje. Agora. Porque essa história de ficar pensando numa coisa e depois em outra acabaria me deixando maluca.

Então tomei minha decisão: chega de Josh.

Eu lhe enviaria um e-mail na segunda-feira. Não seria bom encontrá-lo pessoalmente: isso só faria tudo recomeçar.

Terminar as coisas era o certo a fazer. No fim das contas, eu ficaria feliz com a decisão. Mas, naquele momento, me senti como a menina dos fósforos deve ter se sentido quando seu último fósforo apagou. Todas as cores e alegrias e emoções fizeram *puf*, e, de repente, só restava o cinza, o frio e a tristeza.

— O você está fazendo? — Era a voz de Hugh às minhas costas.

— Sanduíches de bacon para o jantar. — Não me virei. — A validade vai até hoje.

— Não, quero dizer... — Ele apareceu do meu lado. — O que aconteceu com as suas roupas?

— Ah. Fiquei com medo de sujar a blusa com gordura. — Mexi a comida na frigideira.

— Mas olhe só para você. — Ele se enfiou entre mim e o fogão. Suas mãos estavam na minha cintura, e sua voz estava cheia de admiração. — Fritando bacon com seu sutiã bonito. Parece que veio de uma fantasia.

Olhei para baixo. Meu sutiã era de seda vermelha. Só tinha vestido aquele porque todos os outros estavam na cesta lotada de roupa suja.

— É bem capaz de você saber as tabelas do campeonato de futebol também. — Hugh passou meu cabelo por cima de um ombro e enterrou o rosto no meu pescoço.

— Estamos em julho, o campeonato ainda não começou. — Mexi o ombro para afastá-lo.

— Viu só? Que outra mulher saberia disso? — Ele gemeu e passou as mãos pelas minhas costelas, parando sob meus seios. — Ah, Amy.

— Hugh. — Eu me desvencilhei do seu toque. — Estou tentando cozinhar.

— Ah, é? — Enquanto me encarava, ele esticou a mão para trás e, sem olhar, encontrou o botão do fogão. Sua mão ficou parada ali por um ou dois segundos, e então, ainda me encarando, devagar e deliberadamente, ele desligou o fogo. Na mesma hora, o brilho vermelho da boca elétrica do fogão desapareceu. — Opa — disse Hugh, arregalando os olhos com uma surpresa fingida. — Falta de luz.

— Ligue o fogão, Hugh.

— Vamos, querida, as meninas saíram, e você está tão...

— Agora não, Hugh. — Eu me afastei dele e liguei o fogão de novo. Sem encará-lo, avisei: — O jantar vai estar pronto em dez minutos.

Era quase como se Josh tivesse sentido minha decisão contra ele, porque, mais tarde, naquele dia, me mandou uma mensagem de texto: **Então, sei que isso não podia vir em pior momento, mas estou prestes a mandar um e-mail de trabalho para você. É sério. Bjs, Josh**

> Oi, Amy. Espero que você esteja aproveitando o fim de semana. Tivemos uma reunião ontem e surgiu uma ideia — será que Premilla Routh teria interesse em escrever uma coluna semanal para o jornal? Alguém pode ajudá-la com o texto, se ela achar melhor. O que acha?
>
> Obrigado,
> Josh

Uma coluna semanal? Paga ou de graça? Sobre uma recuperação do vício ou sobre coisas mais gerais? Ela teria prazos ou poderia entregar os textos quando quisesse? Havia muito a ser discutido, mas, a princípio, era uma boa proposta — uma fonte de renda interessante que daria pouco trabalho a Premilla.

Ela era disléxica, Josh sabia disso — fora por esse motivo que sugerira que alguém a ajudasse. Seria necessária uma supervisão constante para esse tipo de coisa: em vez de Premilla simplesmente escrever sua coluna e enviá-la, ela teria que se encontrar semanalmente com o jornalista para explicar as ideias, e depois ele montaria o texto. E em seguida eu teria que dar o meu aval: é normal que jornalistas, de propósito ou não, distorçam algo que foi dito, na esperança de criar uma matéria mais sensacionalista. O que significaria que eu teria que conversar constantemente com o editor — Josh.

Fazer aquilo seria impossível. Era doloroso me distanciar dele. A última coisa que eu devia fazer era me comprometer com um contrato de trabalho permanente.

Pensei no assunto, e minhas opções eram extremas: recusar a proposta sem falar com Premilla, na esperança de que ninguém descobrisse.

Mas isso seria injusto com ela.

Ou poderia passar Premilla para Alastair. E me despedir daquela fonte de renda estável: como relações-públicas dela, os pagamentos mensais passariam a ser dele, não meus. Era terrível, mas não havia outra escolha.

Então liguei para ela e, com uma conversa empolgada sobre revigorar sua imagem, vendi o peixe de Alastair. Premilla pareceu confusa no início, mas, no fim das contas, ficou animada.

Depois, liguei para Alastair e disse:

— Não me pergunte o motivo, porque não vou responder, mas Premilla Routh agora é sua cliente. — Assim como ela, ele pareceu confuso, porém animado.

E então chegou a hora de lidar com Josh.

Havia a abordagem radical — desafazer nossa amizade no Facebook, deixar de segui-lo no Twitter e no Instagram, bloquear seus e-mails...

Só que isso parecia excessivo. Além do mais, profissionalmente, éramos obrigados a termos uma relação cordial. Então respondi ao e-mail dele, explicando que devia enviar quaisquer questões de trabalho que surgissem para Alastair.

Quase na mesma hora, ele me mandou uma mensagem no celular: **Isso significa o que eu acho que significa?**

Esperei alguns minutos, perguntando-me exatamente o que dizer, até que, com o coração apertado, digitei: **Josh, sinto muito.**

Pouco depois, meu telefone tocou: era ele, mas eu não atendi.

Josh deixou uma mensagem de voz, que apaguei sem ouvir. Então, parei de segui-lo no Instagram e o silenciei no Twitter. Não era tão extremo como bloqueá-lo e deletá-lo, mas o suficiente para eu não me deparar com lembretes de tudo aquilo que eu estava planejando fazer.

Mesmo assim, de vez em quando, um post compartilhado aparecia ou uma memória surgia, sempre seguida por uma culpa insuportável.

50

Terça-feira, 18 de outubro, trigésimo sexto dia

Na manhã de terça, às 7h48 da manhã, num Heathrow caótico, meu telefone toca. Não são nem oito horas ainda, que abuso! O número é privado, mas, meio que já querendo brigar, atendo mesmo assim.

— Amy O'Connell.

— Dan Gordon. — Quem? Ah! O grosso que desligou na minha cara ontem. — Você está em Londres?

— Sobre o que...

— Está disponível para encontrar meu cliente daqui a uma hora?

— Estarei livre às três e quinze.

— Precisa ser mais cedo.

— Já tenho reuniões marcadas antes.

O homem emite um muxoxo irritado.

— Tudo bem. Onde você está?

— No Home House. — Bem, é lá que estarei daqui a uma hora.

— Arrume uma sala de reunião privada. Bem privada, está bem? A gente se encontra às três e quinze. Pontualmente.

Pontualmente? Que tipo de pessoa fala *pontualmente*?

Meu dia está atarefado. Há um monte de "celebridades" em desgraça ou esquecidas que querem recuperar a fama. Analiso cada uma como potencial embaixadora da SempreSeco, porque a Sra. Mullen continua irredutível.

Mas é difícil.

É óbvio que precisamos encontrar alguém carismático. Só que *pobre*. Porque ninguém vira porta-voz da incontinência urinária por prestígio, não é?

Então, carismático porém pobre, de preferência desesperado. E atraente, porque ninguém quer se identificar com um monstrengo. E

precisa ser, ainda por cima, alguém de certa idade, o que significa que não pode ter mais de 50 anos, porque as pessoas não gostam de se imaginar velhos. No entanto, também não pode ser alguém com muito menos que 50, porque seria impossível acreditar na situação. Meu Deus, que pepino.

Nenhum dos clientes potenciais de hoje cumpre os requisitos, e todas as minhas esperanças estão depositadas na reunião misteriosa das três e quinze.

Dan Gordon parece uma mistura de contador com um cachorro esfomeado, talvez um Harry Potter magricela que acabou de ficar sabendo que Voldemort ganhou uma Ferrari — de óculos, terno e ar agressivo. Em nossa sala de reunião *bem privada* (que é exatamente igual a todas as outras salas de reunião), eu me levanto para trocar um aperto de mão. Em resposta, ele abre uma pasta de papelão, puxa um contrato de confidencialidade e o coloca na minha frente.

— Assine.

— Com licença, vou ler primeiro.

Abro um sorriso gentil. Meu Deus, que babaca. Já dá para imaginar o nível de idiotice do cliente. E não preciso aceitar o trabalho. Sim, é sempre bom expandir os negócios, mas há coisas que não valem o dinheiro.

O contrato é padrão — basicamente, a reunião com a pessoa misteriosa nunca aconteceu, e, se eu tentar lucrar com qualquer coisa que me disserem, vou ser processada até perder tudo e mais um pouco.

— Tudo bem. — Com um gesto espalhafatoso, assino como Minnie O'Mouse e nem me dou ao trabalho de disfarçar as palavras. — Prontinho. Então, o que acontece agora?

Dan Gordon arranca o contrato da mesa e digita uma mensagem de texto no celular. Quanta *grosseria*.

— Acho melhor isso valer a pena — digo.

O sujeito me ignora enquanto seu telefone apita com uma mensagem.

— Ele vai chegar em quinze minutos.

— Então é um homem?

Dan Gordon fica mudo.

— Não faz diferença agora — digo. — Vou conhecê-lo em alguns minutos. É Wayne Rooney?

Ele solta uma risada irônica.

— Não.

— O líder da Coreia do Norte?

Ele não responde.

— *É* o líder da Coreia do Norte?

— Não é o líder da Coreia do Norte.

— Ah, fala sério. — Cutuco a perna dele com o bico da minha bota. — Brinque comigo. É Emma Stone?

— Você sabe que é um homem.

— Foi uma pegadinha. É Terry Wogan?

— Terry Wogan morreu.

Dan Gordon não dá mais nenhum pio, e não gosto do silêncio: tenho tempo demais para pensar. Do nada, me pergunto se Hugh morreu. Mas, se ele tivesse morrido, uma embaixada não teria entrado em contato comigo? A menos que ele tenha caído dentro de um rio na Tailândia e ninguém conseguiu encontrar o corpo. Mas por que Hugh cairia dentro de um rio? Isso não acontece com ninguém... a menos que a escova que atirei nele realmente tenha causado um aneurisma. Por mais improvável que isso pareça, sinto um frio de medo na espinha, e não consigo guardar minha ansiedade só para mim.

— Sr. Gordon, será que uma pessoa pode morrer por levar uma pancada na cabeça com uma escova de cabelo?

Ele me lança um olhar sério.

— Você está pretendendo jogar uma escova na minha cabeça?

— Não. — De repente, fico arrogante. — Nem tudo é sobre você. Então, o que acha?

— Não sou médico. Procure no Google.

Preciso parar com essa loucura de inventar catástrofes. Tirando que é óbvio que isso se trata de medos verdadeiros. É quase mais fácil aceitar que Hugh morreu no Mekong, comido por peixes asiáticos carnívoros, do que o fato de que não me ligou uma única vez.

O telefone de Dan Gordon apita. Ele sai da sala e volta logo depois com outro homem. A quem reconheço. Na verdade, quase desmaio. É Matthew Carlisle, o marido de Ruthie Billingham, que estava tendo um caso com a babá, Sharmaine King! E ele é maravilhoso! Alto, bem alto, de um jeito *imponente*. Tem cabelo preto, raspado curto, óculos com uma armação preta estilosa e olhos castanho-escuros. Alguns famosos são menos impressionantes na vida real, mas Matthew Carlisle é mais, *muito* mais.

— Obrigado por encontrar comigo tão em cima da hora — diz ele com um sorriso cansado.

— É claro — murmuro. — Quer se sentar?

Ele se acomoda numa cadeira diante de mim, e Dan Gordon se acomoda ao seu lado, como um cão de guarda que não come há dias.

— Quer um café? — ofereço. — Água?

Ele faz que não com sua cabeça linda.

— Não, obrigado, estou bem.

— Talvez algo mais forte?

Seus olhos brilham com interesse.

— Não. Não posso começar a beber à tarde.

— Então, como posso ajudar?

Dois dias atrás, eu não gostaria de me envolver de forma alguma com essa história triste, mas isso foi antes de Matthew Carlisle me mostrar um pouco do seu carisma absurdo. Seria injusto não ouvir o que ele tem a dizer, não seria?

— Ruthie Billingham — diz Matthew. — A atriz? Ela é minha mulher. Ex-mulher. Bem, ainda não, mas estamos nos divorciando.

Com gentileza, digo:

— Eu sei quem vocês são. — Antes que ele fique paranoico, acrescento: — Porque saber disso faz parte do meu trabalho. Não precisa me explicar tudo desde o início.

— Ah, tudo bem. Faz dois anos e meio que ela tem um caso com Ozzie Brown.

Dois *anos* e meio? A história que a imprensa estava publicando era que os dois tinham se conhecido havia umas poucas semanas.

— Ruthie não pode ser vista como a vilã da história, não aos olhos do público. — É claro. Todos os papéis que recebia contavam com sua fama de boazinha. — Então ela resolveu, bem, a equipe de relações-públicas dela resolveu plantar aquelas histórias sobre mim e nossa babá. Para que as pessoas mudem o foco das fofocas.

A pergunta precisava ser feita.

— E é verdade? Para eu ser capaz de fazer meu trabalho corretamente, preciso saber de tudo. Sem os fatos, não posso ajudar.

— Sharmaine é um amor — diz Matthew. — Uma ótima babá. Mas nunca tivemos nada.

Minha mente está a mil. Os relações-públicas de Ruthie trabalham para a agência mais poderosa do Reino Unido — eles provavelmente poderiam reabilitar até Jimmy Savile, se quisessem.

— Por que quer me contratar? — pergunto.

— Porque ninguém te conhece — responde Dan. — Precisamos ser discretos.

— *Algumas* pessoas me conhe...

— Você fez um ótimo trabalho com Bryan Sawyer. — O sorriso de Matthew aplaca minha raiva. Eu sou *patética*. — E Tabitha Wilton me disse que você é eficiente.

— Qual o seu objetivo final? — pergunto.

— Não quero sair como o babaca na história. Não *sou* o babaca.

— Você é um jornalista sério, que diferença isso faz?

— Não é a verdade. — Certo. Ele é idealista. — Você pode consertar as coisas?

Seria difícil. O público *ama* Ruthie. As pessoas detestaram lidar com o fato de ela ter superado o fim do casamento tão depressa. E foi bom poder culpar Matthew pelo comportamento levemente promíscuo da queridinha do país. Agora, pelo que me parece, o público está focado em apoiar Ruthie, e vai ser complicado fazer as pessoas mudarem de lado.

Além do mais, é impossível provar uma negação: Matthew e a babá podem dizer que são inocentes até perderem a voz, mas nunca vão ficar além de qualquer suspeita.

— Você consegue arrumar uma matéria num jornal neste fim de semana? — pergunta Dan. — Uma entrevista de destaque com

Matthew, para ele contar o lado dele da história?

— Isso seria um erro. — Um erro *colossal*. — Isso transformaria a questão toda em uma discussão “um contra o outro”, Matthew. Você viraria “isca de tabloide”, e disso é bem difícil se livrar. — Ele parece assustado. — Mas é fundamental emitirmos um comunicado para a imprensa. Negando tudo e pedindo por privacidade, especialmente para os seus filhos. Algo simples e digno.

— É *só isso* que você vai fazer? — Dan está furioso.

— Não, mas a minha experiência, coisa que tenho de sobra, está me dizendo que devemos planejar algo de mais longo prazo.

— Então *o que* você faria? — pergunta Matthew.

Essa é uma pergunta bem importante, e, para ser sincera, depende de quantas horas de trabalho ele está disposto a pagar.

— Eu teria que analisar todos os fatos. A cobertura atual, os jornalistas que estão do lado de Ruthie, como exatamente você quer que a situação se resolva. Mas posso mudar o foco da conversa, com certeza. Em médio prazo, é possível transformar sua imagem com o público.

— Mas as pessoas ainda vão achar que traí minha mulher.

— Se acharem, não vai fazer diferença.

— Ah! Entendi. Uma coisa não afeta a outra — diz Matthew.

— Exatamente! — Eu seria capaz de beijá-lo. — Uma declaração veemente e discreta de que você nunca teve um caso com Sharmaine, se por acaso perguntarem. E, com o tempo, o assunto vai desaparecer.

— Quero ouvir um exemplo do que você faria para mudar a imagem dele com o público — ordena Dan.

Meu Deus, faz dez minutos que conheço Matthew Carlisle, como vou bolar um plano de campanha? E então me bate uma inspiração.

— *Children in Need*, o programa de caridade infantil na televisão!

Matthew Carlisle coberto de creme amarelo, dentro de um balde, com uma tigela de vidro virada acima de sua cabeça, a gosma escorrendo por seu belo rosto: “Respeitado jornalista político mostra que é capaz de ser humilhado por uma boa causa.” As pessoas *adoram* esse tipo de coisa.

— *Children in Need*? — A careta de Dan Gordon é épica. Matthew o toca como sinal para que se acalme.

— Consigo bolar um plano abrangente em alguns dias — digo. — Posso dar uma sondada, ver quem está interessado em trabalhar com você. — Rápido, acrescento: — Todo mundo está, é claro.

Nunca podemos esquecer como os egos famosos são frágeis!

Reparo em um pequeno sorriso conspiratório por trás dos óculos de armação preta de Matthew. Fica claro que não é tão narcisista quanto a maioria.

— O que posso fazer? — pergunta ele. Então tira os óculos, esfrega os belos olhos cansados e diz: — Por você.

Um homem desses, que poderia facilmente me carregar para cama, não deveria sair por aí perguntando esse tipo de coisa. É obsceno.

— Quero dizer, sabe, como posso ajudá-la a fazer o seu trabalho? — Mas sua voz carrega certa oscilação, quase um pedido de desculpas, como se ele tivesse percebido tarde demais como sua pergunta tinha soado.

Sorrio para transmitir que entendi. Isso é bom — estamos conseguindo nos comunicar.

— Primeiro, preciso que confie em mim.

— Por que deveríamos confiar em você? — pergunta Dan Gordon.

Irritada, eu me viro para ele.

— Onde *você* entra nessa história toda?

— Sou o irmão.

— Irmão de quem?

— Dele. — Com um aceno de cabeça, Dan indica Matthew.

Surpresa, meus olhos vão do homem que parece um deus grego para o nervosinho sem graça. Então preciso pressionar os lábios para não deixar a risada escapar.

— Irmãos como? — Talvez ele queira dizer irmãos tipo amigos muito próximos.

— Irmãos de verdade — explica Matthew com um tom de advertência na voz. — Filhos dos mesmos pais. Irmãos assim.

O que surge na minha mente é aquele filme em que Arnold Schwarzenegger e Danny DeVito são gêmeos e, mais uma vez, fico com medo de soltar uma gargalhada e perder o cliente.

— Mas vocês têm sobrenomes diferentes? — É o máximo que consigo pensar para explicar meu choque óbvio.

— Meu nome não é Dan Gordon — diz Dan Gordon. — Eu precisava usar um falso até você assinar o contrato de confidencialidade. Sou Dan Carlisle.

— Na verdade, Dante Carlisle — diz Matthew. — Nossa mãe é italiana.

— Mas não tenho cara de Dante — rebate Dan.

Não mesmo. Dante remete a alguém sombrio e dramático, que deveria vagar por aí com uma longa capa preta esvoaçante.

Agora é um bom momento para apresentar o contrato básico da Escotilha, cedendo dez horas do meu tempo.

Matthew lê tudo, com Dan empoleirado em seu ombro, então assina, e aquilo tudo é surreal. Quero morder as juntas dos meus dedos de tanta emoção. Matthew Carlisle! Meu cliente! *O* Matthew Carlisle!

Estou embasbacada — embasbacada pra *caralho*!

— Vou escrever o comunicado para a imprensa e te envio mais tarde. Depois que fizermos qualquer correção que você queira, mandamos para todas as agências de notícias.

— O fato de ele ter uma relações-públicas pode ficar em segredo? — pergunta Dan.

— Não!

Idiota atrevido! O que ele acha que eu sou? Uma prostituta?

— Você sabe que estou em Londres só às terças e quartas — lembro a Matthew. — Meu sócio Alastair está aqui toda quinta e nas manhãs de sexta. Vocês também deveriam se encontrar; ele pode trabalhar comigo.

— Ótimo — diz ele. — Mas quero que você seja meu contato principal.

Uau — isso é *MARAVILHOSO*!

— Claro — murmuro, tentando esconder meu rosto corado de prazer por trás do iPad. — Então, podemos nos encontrar na próxima terça? Levarei algumas ideias para você.

— Pode ser na minha casa — diz Dan. — É onde Matthew está se escondendo. Mando o endereço por e-mail.

Preciso me esforçar muito para me recompor para a reunião das quatro.

51

E, no bar, quem é que eu encontro? Alastair!

— O que você está fazendo aqui?

— Vou encontrar uma cliente em potencial — diz ele.

De repente, tenho um mau pressentimento.

— Não é Sharmaine King, é?

— Isso aí.

— Não, Alastair, não podemos cuidar dela. Matthew Carlisle acabou de nos contratar.

Ele me encara.

— Achei que você não quisesse chegar nem perto dessa história.

— Isso foi decisão de Tim. Tentando me proteger — acrescento às pressas. — Mas estou bem. Está tudo bem.

— *Ceeeerto*. E bom trabalho. Matthew Carlisle. Impressionante! Ele é tão bonito na vida real quanto na televisão?

— Ah, Alastair, ele é *maravilhoso*. Olhe, sinto muito por você ter vindo aqui à toa.

— Ah, que mal faz? Heathrow é sempre agradável nesta época do ano. Ei, talvez eu possa passar a noite aqui e a gente saia para jantar. Você está na casa de Druzie? Posso ficar lá também?

— Não. Não para tudo. *Estou* na casa de Druzie, mas vou fazer um intensivo sobre Matthew Carlisle, então nada de jantar, nada de ficar lá também.

— Está bem. Meu Deus, ela chegou. Depois a gente conversa.

A aparição de Sharmaine King está causando *frisson* até entre o pessoal da mídia na Home House, que está acostumado com celebridades. Ela é linda — loura, vibrante e magra na medida certa, bonita de cima a baixo, do jeito que jovens saudáveis sempre são. Está vestindo calça jeans com as barras dobradas, sapatos brogue e um casaco largo de tweed, que tira para exibir um suéter quadrado esfarrapado.

A imprensa está errada: ela não parece nem um pouco com Ruthie. Sim, as duas são louras e bonitas, mas sempre achei Ruthie um pouco sem sal, e Sharmaine é radiante.

Por um instante, fico triste por não podermos trabalhar com ela — a moça parece muito fácil de ser promovida —, e então vem o alívio de saber que não ajudaremos a arruiná-la. Outra agência será contratada, e é óbvio o que vai acontecer — Sharmaine vai acabar fazendo reality shows de famosos e vai passar alguns anos na mira das revistas de fofoca. Com o tempo, vai cair no esquecimento — é o que acontece com todas. Elas pensam que um escândalo desses é a porta de entrada para o mundo da fama, mas, no fim das contas, acaba só em amargura e sofrimento.

Alastair leva Sharmaine para um sofá escondido num canto da sala, e a jornalista do *The Times* com quem combinei de me encontrar às quatro chega. Lá pelas cinco, quando ela começa a juntar suas coisas e nos levantamos para nos despedir, Alastair e Sharmaine King ainda estão acomodados no canto da sala. Pelo amor de *Deus*. Ele só precisava dizer a ela que não.

Não tenho mais reuniões hoje, mas resolvo ficar por ali para escrever o comunicado de Matthew Carlisle e então ralhar com Alastair quando ele finalmente dispensar Sharmaine... Merda, três ligações perdidas. Tim. Ligo de volta.

— Você tem certeza sobre essa história de Matthew Carlisle? — pergunta ele.

— Ah, tenho, Tim. Acho que vai ser bom ter um projeto grande.

— Alastair pode cuidar dele.

— Hum, não, Matthew quer trabalhar especificamente comigo. — Minha alegria fica evidente no tom.

— Bem, se você tem certeza... Ele vai ser indicado para o Prêmio da Mídia em Brighton, mas isso é segredo. Ainda não divulgaram.

— Como *você* sabe?

— Ah, alguém mencionou... Mas Paxman também vai concorrer.

— Acho que Matthew não está dando sorte este ano.

Tim se despede, e escrevo o comunicado para a imprensa.

> Recentemente, boatos na imprensa insinuaram que tive um relacionamento impróprio com a babá dos meus filhos. É de

> forma enfática e irrestrita que nego essas alegações sem fundamento. Nada indecoroso aconteceu. Minha família está passando por um momento muito difícil, e respeitosamente peço que preservem a privacidade de nossos filhos. Não farei mais qualquer declaração sobre esse assunto.

Mando o texto para Matthew e seu irmão chato para aprovação... E por que *raios* Alastair está demorando tanto? Eu me estico toda, feito um suricate — os dois ainda estão com as cabeças baixas.

É estranho, mas sinto vontade de proteger Sharmaine King, e, se essa conversa não tiver terminado em dez minutos, vou lá acabar com aquilo.

Finalmente, Alastair se levanta. Com olhos estreitos, o observo ajudá-la a vestir o casaco — meu Deus, como eu queria ser alta daquele jeito: o casaco é maravilhoso. É da Zara e eu o reconheço de minhas aventuras virtuais, mas ficaria gigante em mim. Alastair toca os antebraços dela e — veja só — desliza as mãos para cima, afastando o casaco e o suéter e encostando em sua pele. Todo mundo no recinto está prestando atenção. Então ele a move um pouco, de forma que um encare o outro, dobra um pouco os joelhos para apontar o quadril para o dela e dá um beijo na bochecha jovem, deixando os lábios ali um segundo a mais do que deveria... Ela cora. Solto uma bufada. Vou matar esse desgraçado.

— Tchau — arfa Sharmaine, então tropeça nos próprios sapatos.

Ela vai embora, e, pelo suspiro coletivo que se ouve no salão, todo mundo aparentemente estava prendendo a respiração. Parece que acordaram de um sonho, olhando para os colegas com um ar questionador, como se dissessem: “Quem raios é *você*?”

Pego minhas coisas e encontro Alastair na porta.

— Vamos. — Estou andando rápido. — Você vai pegar um táxi para Heathrow. Precisa sair deste país agora.

— O que foi que eu fiz?

— É isso que eu quero saber. — Estamos descendo as escadas e chegando à rua. — Aquela pobrezinha! Você devia ter dispensado ela. A conversa devia ter durado dez minutos, no máximo. — Vejo um táxi e ergo a mão. Ele para diante de mim com o motor

barulhento. — Entre. — Empurro Alastair. — Heathrow, mas passe por Shepherd's Bush primeiro — digo ao motorista.

Assim que nos acomodamos, Alastair diz:

— Eu me sinto sozinho.

— Mas está tentando resolver o problema do jeito errado. — Já devo ter dito isso para ele mil vezes, mas vou repetir: — Você acha que A Mulher Ideal vai aparecer do nada e que a sensação de andar com a cabeça nas nuvens que todo mundo tem no começo de namoro vai durar para sempre. Tudo bem, vocês se gostam e transam o tempo todo, pelo menos nos primeiros dias. Só que todos nós somos seres humanos com defeitos, tentando viver da melhor maneira possível. Com o tempo, A Mulher Ideal vai te irritar, do mesmo jeito que seus amigos te irritam às vezes. Ela vai te decepcionar ou, quando estiver comendo torta de maçã, o som da colher dela batendo nos dentes vai deixar você furioso. Mas não dá para simplesmente abandonar... — Minha voz falha e paro de falar. Porque, é claro, Hugh tinha feito exatamente isso.

Isso me acerta como uma porrada no peito. De novo. Era como se a sensação ficasse se repetindo de novo e de novo.

Alastair me incentiva a continuar:

— Você ainda não terminou. Fale aquela história de um relacionamento ser como um país pequeno. É para o meu próprio bem.

Continuo minha ladainha tradicional no piloto automático:

— Manter um relacionamento saudável é como manter um país pequeno sem saída para o mar. As fronteiras estão sempre sob ataque, e você tem que abastecê-las todos os dias. Então, quando um problema estoura lá dentro, os confrontos ocorrem de dentro para fora, e as fronteiras seguram a barra até a crise melhorar...

Que direito eu tenho de dizer essas coisas para Alastair? Nenhum. Não agora. Hugh e eu rompemos, nossas fronteiras não resistiram...

Alastair me dá um cutucão.

— Amy, você não terminou. Diga como sou bonito demais etc. e tal. Vamos!

Ele é como uma criança insistindo para ouvir uma história de ninar. Cansada, reúno forças para a parte final do sermão.

— As pessoas acham que é ótimo ser bonito, mas, Alastair, essa foi a pior coisa que poderia ter te acontecido. Você não trata isso com responsabilidade.

— É como? — incentiva ele.

— É como dar uma arma para uma criança.

Alastair assente com a cabeça. Ele parece satisfeito e desanimado ao mesmo tempo. Ficamos sentados em silêncio e, depois de aproximadamente oito segundos, ambos pegamos o celular.

Não falamos até chegarmos ao apartamento em Shepherd's Bush.

— Mande um beijo para Druzie. — Ele tira minha mala de rodinhas do táxi e a coloca na calçada.

Trocamos um abraço. Eu gosto dele e me sinto mal por ter lhe passado um sermão. Foi a suja falando do mal-lavado.

52

Estou correndo por uma rua cinzenta e empoeirada, ladeada por prédios altos e destruídos. Ao longe, vejo Hugh e tento chamá-lo, mas minha voz não sai. Esse lugar é perigoso, uma cidade arruinada — há atiradores lá em cima, inimigos por toda parte. Estou segurando vários gatinhos, que ficam se mexendo, tentando escapar, mas, quando olho para baixo, não são filhotes, mas bebês. Sofie. E Kiara. E Neeve. E mais uma, duas, não, três Sofies, seus rostinhos me encarando com olhos azuis estranhos.

Através da fumaça, Hugh ainda está visível, mas ele se afasta rápido, então tento acelerar o passo também. Uma pequena Sofie, bem menor que as outras, escapole dos meus braços, mas não há tempo para parar, eu a pego pela orelha e ela grita de dor, mas Hugh já sumiu e preciso correr mais rápido, só que minhas pernas estão pesadas demais. O céu está escurecendo com meu medo — se eu não alcançá-lo, nossa família estará arruinada para sempre, mas ele sumiu, sumiu, sumiu.

Hugh não sabia que eu estava lá. Não sabia o quanto me esforcei para alcançá-lo. Não sou importante para ele, nem um pouco, e essa perda é como um soco no peito. Ela brilha com uma eletricidade verde, dolorosa o suficiente para matar, mas não posso morrer.

E então acordo.

Deitada na escuridão com o coração disparado, leva alguns segundos para a sensação de angústia em meu peito sumir de vez. Tateio em busca do interruptor, e a luz repentina apaga os horrores do pesadelo.

53

Sexta-feira, 21 de outubro, trigésimo nono dia

— Que tal “Astro em carro de preço acessível”? — grito para Alastair, do outro lado da sala. — Juvenil demais?

— Talvez. É uma boa frase. Ele precisa parecer normal e simpático, mas não tão malandro a ponto de ser capaz de comer a babá.

— Hummm.

Estou me dedicando completamente a Matthew Carlisle, e a maior fonte de inspiração é um questionário no *The Guardian* que ele respondera dois anos atrás.

> Matthew Carlisle (39), filho de um eletricista e de uma imigrante italiana, cresceu em Sheffield. Há três anos, apresenta o famoso programa político *Esta semana* na BBC. Ele é casado com a atriz Ruthie Billingham, com quem tem dois filhos. A família mora em Londres.

- *Quando você foi mais feliz?* Na terça passada: mulher, filhos, sofá, filme, pizza.
- *Qual o seu maior medo?* Não ter mais pizzas.
- *Quem é a pessoa viva que você mais admira e por quê?* Minha mãe. Ela veio de Nápoles para o Reino Unido em 1968 com duas libras e teve que trabalhar em três empregos depois que meu pai nos abandonou.
- *O que você mais odeia em si mesmo?* Minha impaciência. Filas, micro-ondas, pedidos pela internet, tudo isso podia ser mais rápido.
- *O que você mais odeia nos outros?* Que mintam por omissão. (Passo muito tempo com políticos.)
- *O que te deixa infeliz?* Meias sem par.

- *O que você queria ser quando crescesse?* Jogador de futebol num time de primeira divisão.
- *Quem ou o que é o maior amor da sua vida?* RB.
- *Como é a sensação de amar?* É como encontrar seu lar.
- *Se você pudesse trazer de volta algo que não existe mais, o que traria?* Aquelas barrinhas de chocolate sabor morango, Pink Panther. Tenho boas memórias de gastar minhas moedas com elas.
- *Qual seria o seu superpoder?* Redistribuição de renda.
- *Qual foi o seu momento mais vergonhoso?* Fazer carinho num Maserati estacionado sem perceber que os donos estavam dentro dele (e levemente horrorizados).
- *O que faz você chorar?* A Ikea.
- *O que você menos gosta na sua aparência?* Meus olhos são muito juntos.
- *Que ator interpretaria você num filme sobre a sua vida?* Alguém meio vesgo.
- *Qual a sua maior conquista?* Convencer Ruthie a se casar comigo.
- *A quem você gostaria de pedir desculpas e por quê?* Minha primeira mulher. Fui um péssimo marido.
- *Com que frequência você faz sexo?* Menos do que deveria.
- *Uma única coisa que melhoraria sua qualidade de vida?* Um cachorro.
- *Qual o seu cheiro favorito?* O da minha mulher.
- *Como você relaxa?* Gosto de cozinhar.
- *Que lição a vida lhe ensinou?* Estamos todos fingindo ser o que não somos.
- *Conte um segredo sobre você.* No fundo, sou manteiga derretida.
- *Conte uma piada*. Como se chama uma ovelha sem pernas? Uma nuvem. (Desculpe, minha filha me contou essa.)

Os olhos de Matthew *não* são próximos demais — são inteligentes e calorosos e *perfeitamente* proporcionais. Fico maravilhada ao descobrir que ele gosta de cozinhar — já conversei com um contato do *Celebrity Masterchef*. E, como é amante de cachorros, estou planejando uma parceria com a sociedade protetora de animais Dogs Trust. Nada como um segmento no *Esta semana* sobre um homem adulto brincando com cachorrinhos abandonados para derreter corações...

E tem a história do Maserati, que deixa bem claro que ele é maníaco por carros. Talvez pudéssemos fazer um quadro de comédia chamado “O homem que aprendeu a amar a Ikea”...

A maioria das matérias sobre Matthew são preguiçosas e listam os mesmos fatos — a mãe era uma empregada doméstica italiana; o pai, um eletricista que abandonou a família durante a infância de Matthew; absurdamente inteligente desde pequeno; recebeu uma bolsa para estudar em Oxford; se formou com honras em Filosofia, Política e Economia, blá-blá-blá. Um casamento rápido e infeliz com uma aristocrata viciada em drogas, seguido pela famosa união com Ruthie.

Havia dois tons nas entrevistas: ou emocionada e frívola (nesses casos, a jornalista com certeza era mulher) ou a impressão de que o escritor o respeitava, porém achava que podia se soltar mais. Ele foi reprovado no Teste da Cerveja de Howard Hunter. (“Eu tomaria uma cerveja com esse cara? A resposta é não.”)

Até pouco tempo, todas as matérias sobre Matthew não tinham qualquer polêmica — um homem que amava a mulher e os filhos, vivia para a política e não tinha nenhuma tolerância com corruptos. Se ele for culpado de alguma coisa, é de uma leve falta de senso de humor. Isso, junto com os boatos sobre infidelidade, não cai bem.

Traidor + senso de humor = Mulherengo amável.

Traidor – senso de humor = Babaca nojento.

Ele precisa se tornar mais acessível e diminuir o excesso de pompa para passar com facilidade no Teste da Cerveja de Howard Hunter — todos os homens do país devem querer tomar uma cerveja com Matthew. E todas as mulheres devem ter uma quedinha por ele, ao mesmo tempo que têm certeza de que o coração dele ainda é de Ruthie... Que porra é essa?

É difícil acreditar, mas Richie acabou de me mandar outro e-mail, dessa vez uma imagem do convite, com um “Pense nas pobres crianças cegas” escrito embaixo. Seu comportamento é tão insistente que fico confusa — não é possível que ele ache de verdade que está sendo persuasivo.

— Alastair, vem cá ver isso.

Ele lê o e-mail.

— O sujeito enlouqueceu. Não tem outra explicação. Melhor você ir para casa. Algum plano para o fim de semana?

— Vou encontrar Steevie para um brunch amanhã e já sei que o tema vai ser “Por que os homens não conseguem manter o pinto

dentro das calças?”.

— Parece divertido.

— Ela tem boas intenções, mas vai querer me embebedar e reclamar de Hugh, e não estou muito nesse clima.

— Não?

— Eu preferia que nada disso estivesse acontecendo, mas, se ele voltar e quiser consertar as coisas, não quero estar cheia de ódio e ressentimento.

— Bom, cada um é cada um. Como vai Derry? Continua trepando adoidada?

— Acho que sim.

— Mande um beijo para ela.

— Nem morta.

Na casa dos meus pais, só se fala na estreia de mamãe no mundo dos vlogs e todos estão animados.

— O pessoal lá do trabalho assistiu — diz Joe. — Acharam hilário quando ela pergunta se está sendo preconceituosa.

O vídeo já é o mais visto do canal de Neeve.

— Podemos fazer outro? — pergunta mamãe a ela. — Você pode arrumar meu cabelo? Eu estava pensando em ficar loura.

Neeve engole em seco.

— Hum, claro. Vou pensar em alguma coisa.

— Não se irrite comigo — diz mamãe —, porque este é o meu momento. Mas onde exatamente ela fica?

— Onde quem fica?

— A internet? Onde guardam essas coisas? Tipo os sapatos que você comprou para mim e aquele outro negócio para o vovô. E, agora, meus vídeos. Ficam num armazém gigante? Tipo, na beira da estrada?

Pobre Neeve. É quase visível como ela engole a raiva.

— Vovó, não fica num lugar. Está no ar, como a eletricidade. Ou Deus!

Mamãe a fita com um olhar sério.

— Deus está morto.

— Jura? — pergunta papai. — Bem, até que ele durou bastante.

54

Sábado, 22 de outubro, quadragésimo dia

Steevie atende à porta enquanto seca o cabelo com uma toalha. Ela parece chocada, o que é justo: cheguei vinte minutos antes do combinado.

— Amy! Que horas são?

— Você está no horário, eu que cheguei mais cedo. — Entro no vestíbulo e passo por cima de uma garrafa. — Escute, Steevie, antes das outras chegarem, posso pedir um favor?

— Claro.

— Você se importaria de não fazer brindes hoje desejando coisas horríveis a Hugh?

— Tipo o quê?

Estou tentando parecer descontraída.

— Bem, tipo ele pegar gonorreia ou ficar com o pau verde e molenga.

O desânimo fica aparente em seu rosto.

— Por que não?

Ela devia ter rido. Rido e concordado em obedecer aos meus desejos. Levo um segundo para recobrar as forças.

— Porque não me sinto assim.

— Mas devia! Que ousadia a dele, ir embora por seis meses, deixando você aqui para ser humilhada. O que Hugh fez é um absurdo, e ele é um merda! Espero que o pau dele fique verde *mesmo* e molenga!

— Pois é, não acho que Hugh seja um merda. — Mantenho um tom de voz calmo.

— Mas ele *é*. Ele *é* um merda.

Steevie está confusa — e magoada. Não apenas se deu ao trabalho de organizar um brunch para mim como também acordou

cedo para fazer sua famosa *moussaka* vegetariana, depois sua *pavlova* de chocolate, e ainda foi ao mercado comprar quatro tipos de salada diferentes e um monte de queijos caros, e eu tenho a cara de pau de esnobar tudo isso ao me recusar a admitir que meu marido é um merda.

Meu ânimo vai por água abaixo: esse brunch vai ser longo.

— Tome um pouco de vinho — diz ela. — E não se preocupe com Hugh. Ele vai acabar tendo o que merece.

E lá vem a linguaruda da Jana Shanahan, usando um vestido engraçadinho, com o cabelo meio preso, meio solto. Sempre gostei do seu estilo jovem, mas acho que estou deixando de ver graça nela.

Ainda não sei bem quais serão as consequências do episódio da visita dos pêsames. É esquisito estar presa às convenções morais da classe média, em que, mesmo quando alguém usa um ensopado como desculpa para fuxicar descaradamente a sua vida, você é obrigada a fingir que a pessoa teve boas intenções. Por um instante, eu me pergunto o que aconteceria se eu parasse de hipocrisia e calmamente anunciasse: “Genevieve Payne é uma vaca.”

Meu Deus, não. Não tenho coragem.

Mesmo agora, semanas depois, sempre que me lembro de Neeve dizendo “Não precisamos do seu ensopado”, eu morro de rir.

Logo após a chegada de Jana, cumprimentamos Tasha Ingersoll, toda mega-arrumada num — eita! — vestido bandage azul da Hervé Leger. Faz pelo menos um ano que eu não a vejo, nunca gostei muito dela. Depois, numa calça jeans skinny e blusa larga, chega Mo Edgeworth. Ela é boazinha, mas não nos conhecemos direito, e é só agora que o denominador comum me é revelado: todas as mulheres aqui foram enganadas por um homem.

Lee largou Steevie para ficar com a secretária. Quatro dias antes do casamento de Jana, seu noivo rompeu com ela. Tasha Ingersoll “roubou” Neil O’Hegarty de Sioban O’Hegarty, mas então Neil fugiu e voltou para Sioban. O namorado de Mo Edgeworth era casado sem que ela soubesse. E quanto a mim...

Eu devia ter perguntado quem viria. Achei que tinha feito bem em insistir para Steevie não convidar Genevieve Payne. Mas a alegria dessa vitória me fez perder o foco, e, agora, é tarde demais. Todas

me cumprimentam com o “Olhar da Compaixão”, em que pegam minhas mãos, olham nos meus olhos e me dão uma apertada piedosa. É o olhar que dou para os outros depois que são demitidos ou recebem um diagnóstico de câncer, e só hoje percebo o quanto é humilhante ser a pessoa que o recebe. Tomarei mais cuidado no futuro.

— A *moussaka* está pronta. — Steevie parece magoada e mal-humorada.

Nós nos sentamos à mesa e tomo um gole do meu vinho, ciente do perigo de beber demais.

— Então! — exclama Tasha. — Como você está *segurando a barra*?

— Na verdade, estou bem.

Minha resposta é recebida com um silêncio rancoroso.

— O que anda *fazendo*?

— Eu me mantenho ocupada, sabe, estou cheia de trabalho. Arrumei um cliente novo na terça. Adivinhem quem é. Uma dica: ele é um pouco famoso!

— Hugh Jackman?

— Não tão famoso. Trabalha na BBC.

— Bruce Forsyth.

— Ah, que isso.

— Quem é, Amy?

— Matthew Carlisle.

— O tarado das babás!

— Ele não é...

Então Tasha diz, num tom negativo:

— Acho que ele é a cara do Tom Ford.

— O que mais? — pergunta Mo.

— Estou passando bastante tempo com minhas meninas. Sofie voltou a morar lá em casa, o que é ótimo!

Mas histórias sobre minhas filhas não são interessantes neste meio. No mínimo, eu devia confessar que criei um perfil no Barbr, ou seja lá qual for o nome do site que apresenta homens barbados para mulheres que amam barbas. No silêncio que se segue, me encho de *moussaka* como uma forma completamente falsa de mostrar minha gratidão por este encontrinho horroroso.

— Então? E os homens? — pergunta Steevie a Tasha, e tenho vontade de sair correndo. Só a promessa de queijos chiques me segura.

Tasha começa a contar uma história terrível sobre um cara cujo pênis tinha uma curva de noventa graus, e isso era a coisa menos pior nele. Estou bebendo de forma constante e intensa. Ela termina seu relato me olhando de esguelha com ar maldoso e um:

— É isso que te espera, Amy.

Não é isso que me espera. Digo:

— A gente seria reprovada no teste de Bechdel.

Steevie me lança um olhar irritado, irritado de verdade, então tira a mesa com gestos bruscos, e percebo que comi sete vezes mais que todo mundo. E agora temos a *pavlova*. Só preciso aguentar esse prato, depois os queijos, e posso ir embora.

Nunca mais volto numa reunião dessas. Não posso. E Steevie vai ficar ofendida. Então só tenho péssimas opções a seguir: ou agrado Steevie ou me protejo — e, no processo, estrago uma amizade importante. Não quero que isso aconteça. Mas crescimento pessoal é assim mesmo. As circunstâncias que o causam são sempre desagradáveis, assim como o processo. No futuro, talvez eu me sinta orgulhosa e sábia, mas isso vai demorar.

Aceito um prato de *pavlova* de chocolate e o ataco, quase sem sentir o gosto de nada.

— Uau! Nada como ver alguém descontando a tristeza na comida! — diz Tasha.

Fico chocada com o ataque, mas rebato com uma expressão ótima que Neeve me ensinou:

— Ui. Agora você mostrou as garras, hein?

— Espere só para ver como ela vai ficar quando chegar a hora do queijo — diz Steevie.

Ah, não! Abandonamos a irritação passivo-agressiva e passamos para comentários obviamente maldosos.

Por um segundo, considero jogar meu guardanapo na mesa e ir embora, mas não tenho coragem. Em vez disso, entorno metade da minha taça de vinho goela abaixo.

— Então, ah, Amy, enquanto Hugh está fora, você tem uma lista de coisas que quer fazer? — Jana está desesperada para voltar ao

assunto.

— Ahhhh, viajar? — enrolo. — Machu Picchu?

— Fazer a trilha de três dias? — pergunta Jana.

— Não existe um trem? Nada de fazer trilha por três dias, não estou tão interessada assim. — Sabe de uma coisa, estou bêbada.

— Golfinhos? — sugere Jana. — Ir nadar com eles?

— Tenho medo dessa história de golfinhos. Eles têm sido muito tolerantes com a gente até hoje, mas me parece que podem mudar de ideia. — Estou mesmo *bem* bêbada. — A única coisa que amo de verdade são roupas. — Minha fala está arrastada. “Roupas” vira uma palavra enorme. — Se eu pudesse, passaria meus dias sondando brechós. — Meu Deus, *quantos* Ss nessa frase. — Atrás de peças vintage bonitas. E abriria minha loja. — Estou me esforçando bastante para falar de forma compreensível.

— Você devia mesmo fazer isso, Amy — incentiva Jana.

Tasha já está mexendo no telefone.

— Ah, não! — Dispenso o entusiasmo dela com um aceno de mão. — Não quero me iludir. Isso não é uma carreira. Você pode olhar duzentos vestidos e achar que todos são uns trapos velhos e vagabundos. Trapos. Velhos. Vagabundos. — Olho para Tasha enquanto digo essas palavras, e a vontade de rir sobe pela minha garganta. — As pessoas iam ficar irritadas por um vestido custar cinco pratas, quando só a limpeza dele me custou dez. E eu passaria uns três dias sentada lá, sem ninguém comprar nada, e seria impossível pagar o aluguel. E aí seria despejada.

Depois desse comentário alegre, Tasha se levanta.

— Preciso ir.

— Eu também — digo.

— Você não comeu o seu queijo — diz Steevie.

Eu a encaro com o olhar.

— Não quero queijo.

Isso é ruim. Ruim, ruim, ruim. Não sei bem o que aconteceu, mas estamos em guerra. É terrível, e estou assustada.

— Tem uma coisa que você devia saber — interrompe Tasha. — Quando Genevieve foi te visitar, ela só queria fazer uma gentileza.

— Porra nenhuma.

— Por favor, não use esses termos comigo. — Tasha está toda ofendida.

— Desculpe. — Sarcasmo. Escaldante. — *Mil* perdões. Genevieve só queria assistir ao desastre na primeira fila.

— Por que ela faria uma coisa dessas? — pergunta Steevie, fria. A mesma Steevie que sabe como Genevieve é.

— Você acha que Genevieve dá em cima de Hugh. — Tasha soa presunçosa.

Vou ficar quieta.

Eu *podia* contar a história de quando Hugh trocou de carro, comprando um Volkswagen usado, e Genevieve me veio com um "Que carrão" e depois perguntou se poderia dar uma volta com ele, como se estivesse falando de um Porsche.

Eu podia.

Mas não vou.

— Ela dá em cima dele — interrompe Mo. — A própria Genevieve me contou.

Então Mo também é amiga dela? Todas são amigas dela! Eu me enfiei num covil cheio de adoradoras de Genevieve!

— Bem... — A pobre Jana não sabe o que fazer, tentando transformar a conversa em algo inocente. — Bem, pois é, talvez ela dê em cima dele porque ele é mesmo gostoso!

55

Não posso dirigir de volta para casa, bebi muito, então sigo a pé em meus saltos altos demais. Depois que me afasto o suficiente das minhas companheiras de almoço reprovadas no teste de Bechdel, as lágrimas começam a escorrer por meu rosto.

Não lidei bem com a situação. Fico envergonhada, mas também ressentida. Estou na defensiva, mas também triste. Steevie e eu somos amigas há muito tempo e, de repente, as coisas ficaram uma merda. Será que tudo vai dar errado? Será que a viagem de Hugh foi o início da destruição da minha vida?

Odeio brigas, odeio me sentir culpada, e estou trêmula e enjoada.

Sigo mancando sobre os meus sapatos inadequados e, quando passo pelo Marley Park, resolvo dar um descanso para os meus pobres pés, talvez até esperar um pouco para ficar mais sóbria.

Encontro um banco sob uma árvore gigantesca — talvez seja um carvalho —, e fico lá sentada um pouquinho. Diante dos meus olhos, uma folha se solta do seu galho e flutua até o chão. Aquela lá já era. E ali tem outra, já escura e seca. E outra. E outra. Todas morrendo, como se chovessem folhas, chovesse morte, e sinto falta de Hugh, sinto tanto. Eu daria tudo que tenho para chegar em casa e encontrá-lo lá, à toa, lendo o jornal, ouvindo música.

Hugh me daria o antídoto para o problema com Steevie. Ele me colocaria em seu colo e me abraçaria, oferecendo o calor do seu corpo para combater o frio dentro de mim. E me deixaria desabafar, talvez até oferecesse argumentos com calma. Só que ele não está aqui.

E meu marido não está disponível há mais do que apenas seis semanas. De repente, fica óbvio que, depois de receber a notícia de que seu pai estava para morrer, em agosto do ano passado, ele se desligou do mundo.

Eu o tinha encontrado em nosso quarto, sentado na cama, todo rígido. A expressão em seu rosto — estranha e fria — me fez

pensar: *Ele descobriu sobre Josh*. Apesar de fazer um mês desde que eu terminara tudo, a culpa nunca desaparecia por completo.

— O que houve?

— Papai. Ele está doente. — A expressão de Hugh não era frieza, mas choque, um choque terrível. Minha culpa estava distorcendo a realidade.

— Doente como?

Câncer. Eu sabia antes mesmo de ele me contar.

— É o pulmão. Ele está mal, Amy.

— Mas a quimioterapia...

— Não. Ele está... morrendo. Ele vai morrer.

Aquele não era o momento para tentar consolá-lo com clichês.

— Quanto tempo?

— Três meses.

— Pode ser mais do que isso. É normal os médicos se enganarem.

— Em três meses, meu pai vai estar morto. — Hugh franziu a testa e murmurou: — Em doze semanas. Isso é muito estranho.

Quando sua mãe tinha morrido oito anos antes, fora péssimo, péssimo. Tudo fora inesperado, pois ela só tinha 62 anos, tão jovem, e era uma pessoa maravilhosa — carinhosa, prática, estável. Sandie era o próprio coração da família.

Apesar de tudo isso, em cerca de um ano, os Durrant se reorganizaram diante de sua ausência absurda, formando uma nova unidade, talvez até mais próxima que antes, sempre reconhecendo a perda, mas voltando a ser uma família.

Talvez seja estranho dizer isso, mas o processo de luto de Hugh pela mãe fora perfeito: ele chorava com frequência; tinha acessos inexplicáveis de raiva, pelos quais, horrorizado, imediatamente se desculpava; olhava fotos antigas e contava histórias sobre ela. Nós sofremos juntos, porque eu também a amava. Na verdade, a morte de Sandie pareceu *me* afetar mais do que a ele. Minha impressão era que um pequeno terremoto tinha ocorrido dentro de mim, como se as placas tectônicas tivessem se movido e acertado uma a outra, me impedindo de dormir, fazendo com que eu comesse demais e me fazendo achar que tudo era inútil. Aquilo passou, mas os efeitos

permaneceram por mais uns dois anos, e, de vez em quando, eu ainda ficava três noites seguidas sem dormir.

No entanto, um instinto poderoso me dizia que as coisas seriam diferentes para Hugh dessa vez. Talvez fosse por seu pai ser sua única figura de autoridade restante. Seja lá qual fosse o motivo, agora seria mais difícil, tenso, assustador. E eu precisava estar lá para lhe dar apoio. *Completamente* presente. Nada de fritar bacon só de sutiã, sonhando acordada com Josh Rowan. O fato de eu ter terminado tudo era um alívio.

— Precisamos fazer com que esses três meses sejam maravilhosos — declarei.

Mas não tivemos oportunidade de encher de felicidade os últimos dias de Robert, de riscar alguns itens na sua pequena lista de coisas que ainda queria fazer. Desde o início, ele ficou extremamente doente. Conseguiu sobreviver por dois meses, e seu sofrimento foi assustador. Todas as manhãs, eu fazia um pedido silencioso para o universo: por favor, permita que ele morra hoje. Testemunhar a dor absurda de outra pessoa, ficar parada ao lado de sua cama, impotente, enquanto ela implora por morfina, era difícil e surreal.

Carl, o irmão de Hugh, disse o que todos estávamos pensando:

— Será que ninguém pode fazer nada? Para... acabar com isso? Levá-lo para aquele lugar na Suíça? O que você acha, Hugh?

Sério, Hugh balançou a cabeça.

— Não — admitiu Carl, choroso. — Só disse isso por...

— Desespero — ajudei.

— Sim.

Ele me lançou um olhar grato, mas Hugh não prestava mais atenção. Ele se fechara. Mal falava com os irmãos — e, para a minha surpresa, rejeitava todas as minhas tentativas de convencê-lo a falar.

— Pare, Amy. Vamos só continuar enfrentando isso.

Finalmente, num dia de ventania em outubro, Robert conseguiu sair de seu corpo, e meu alívio foi tamanho que demorei um pouco para entender que meu sogro tinha morrido. Então chorei e chorei, porque ele fora um homem tão bom, com sua caixa de ferramentas e trocadilhos horrorosos.

Assim como a morte tinha libertado Robert, achei que libertaria Hugh: ele tinha se fechado para aguentar o sofrimento do pai, e, agora, passaríamos para um estágio de luto que fosse mais saudável, catártico. Mas meu marido permaneceu isolado e inalcançável em seus pensamentos e sentimentos não ditos, muito, muito longe de mim.

Às vezes, parecia haver uma abertura — como quando anunciou, no meio de *Game of Thrones*:

— Ele só tinha 73 anos. Isso não é idade.

— Era muito novo ainda.

Peguei o controle remoto, pronta para termos uma conversa, mas Hugh se levantou e saiu da sala.

Então teve a noite na cama em que ele declarou, na escuridão:

— Sou o próximo.

— Próximo em quê? — Mas eu sabia. Sua preocupação silenciosa com a morte estava saturando tudo. — Querido...

Tentei enroscar meu corpo no dele, mas Hugh continuou tenso e imóvel.

Acendi a luz, que ele imediatamente desligou.

— Boa noite, Amy.

— Hugh... — Mas ele já tinha dado as costas.

A vida depois do diagnóstico de Robert tem sido... Imagino que a palavra seja “solitária”. Só que eu ainda não havia parado para encarar a verdade porque nós dois ainda mantínhamos a infraestrutura de uma vida compartilhada. Ele permanecia presente em corpo, tínhamos nossa rotina e éramos educados um com o outro.

Todos os relacionamentos passam por bons e maus momentos — sei disso, de verdade. Não só casamentos, mas eu e Derry, eu e Alastair, eu e todo mundo. Há momentos em que seu coração parece explodir de amor por eles, e outros em que você se irrita só de ouvi-los passando pela porta. Meu subconsciente sabia que Hugh e eu estávamos passando por um momento distante. Já tinha acontecido algumas vezes antes: quando ele completara 40 anos, tinha se fechado por um tempo. Cinco anos atrás, quando fui demitida, houve um período horroroso de três meses em que me

senti afastada de todo mundo, até de Hugh. Porém, com o tempo, nos reaproximamos. Só que dessa vez não tinha sido assim.

56

Terça-feira, 25 de outubro, quadragésimo terceiro dia

O segredo para convencer as pessoas a fazer algo que elas não querem é começar oferecendo opções bem, bem piores.

— Então! — Meu sorriso é radiante enquanto olho para o belo Matthew Carlisle e depois para seu irmão bem menos interessante. — Recebi ligações dos produtores de *Eu Sou uma Celebridade* e *Big Brother Celebridade.*

Recebi *mesmo*. Não para falar de Matthew. E não nos últimos dias. No entanto, tecnicamente, não estou mentindo...

É manhã de terça-feira, e estou na cozinha de Dan Carlisle.

— Reality shows? — Sua voz é azeda, e ele chega a levantar para mostrar sua irritação. — Quer colocar meu irmão para comer patas de avestruz? *Esse* é seu plano genial?

Completamente sob controle, eu busco aquela voz especial que faz as pessoas me obedecerem.

— De forma alguma. Só quero mostrar que tem muita gente interessada nele.

Matthew mal esboça uma reação. Ele continua encarando as mãos grandes e sensuais sobre a mesa da cozinha do irmão; seu rosto bonito parece pálido e triste.

Que a*bsurdo* aquelas vacas no domingo não terem ficado impressionadas com o fato de que ele é meu cliente. Ah, merda, eu não devia ter pensado no brunch — a memória faz meu estômago se revirar. Na manhã de segunda, tive que ir buscar meu carro abandonado na encolha antes do trabalho. O de Steevie ainda estava lá: havia a possibilidade de ela abrir a porta de casa, sair com seu terninho e me flagrar. Abaixada, segui rápido para o carro, mas parte de mim queria encontrá-la. Cara a cara, seria mais fácil resolvermos qualquer estranheza. Provavelmente trocaríamos um

abraço, pediríamos desculpa uma para a outra, daríamos algumas risadas, choraríamos um pouco, e então tudo ficaria bem. Já brigamos antes, é claro — somos amigas há muito tempo —, mas aquilo parecia mais rancoroso do que das outras vezes.

Volto ao presente, onde Dan Carlisle está me atacando com seu sarcasmo.

— Vou adivinhar, você inscreveu Matthew em alguma competição de dança.

Na verdade, isso seria maravilhoso. Tenho a impressão de que Matthew não sabe dançar, mas que se esforçaria bastante para aprender — a mistura de beleza de astro de cinema, dois pés esquerdos e uma dedicação sincera e esforçada o faria durar um bom tempo no ar. Consigo imaginar os jurados morrendo de rir com a tentativa dele de dançar salsa, dizendo: “Meu querido, você é péssimo, mas está se esforçando para valer!” Então falariam mais bobagens e lhe dariam nota seis, por pena.

Na segunda semana, Matthew já seria o queridinho do país.

— Já estamos no fim de outubro — digo para Dan. — O prazo de inscrições já passou. Agora, por favor, sente-se.

A cozinha de Dan Carlisle, um lugar modernoso, cheio de laca branca e aço inoxidável, é meu pior pesadelo. Ela é fria e séria e nada convidativa. Assim como o próprio Dan, na verdade.

Com gentileza, digo para Matthew:

— Você não precisa fazer nada que não queira. Não pretendo fazê-lo passar vergonha.

Ele me encara com gratidão no olhar.

— Você gosta de cozinhar — digo. — Isso é algo com que se sente à vontade? Que tal *Masterchef Celebridade*?

Matthew assente com a cabeça.

— Talvez seja uma boa ideia.

— Ótimo. — Abro um sorriso largo. — Tudo bem se eu entrar em contato com a produtora? — Ele não precisa saber que já entrei.

— É melhor eu começar a treinar. — De repente, Matthew parece empolgado.

— Não precisa, é melhor não ser bom demais. As pessoas não gostam muito disso. Ser mais ou menos e ir melhorando com o tempo funciona melhor.

— Quanto cinismo — constata ele, voltando ao desânimo.

— Isso vindo de um homem que passa o tempo todo com políticos. — Sorrio para ele.

— Pois é. — Matthew devolve o sorriso com uma alegria inesperada. — Isso é bem pior.

— Que outras ideias você tem? — interrompe Dan.

Ainda olhando para Matthew, prossigo:

— Você adora cachorros.

— Mas Ruthie é alérgica.

Eu me controlo para não bufar.

— Talvez um cachorro ajude você a se sentir melhor.

Já entrei em contato com uma produtora para saber se existe interesse em fazer um documentário de meia hora sobre Matthew Carlisle e seu novo filhote.

— Se eu arrumar um cachorro, não vai parecer que não tem mesmo volta com Ruthie?

Ele poderia muito bem arrumar uma matilha de huskies — pela forma como Ruthie o jogou aos leões da mídia, está bem claro que ela não quer mais nada.

A menos que eu esteja enganada. Todo relacionamento não é um mistério, exceto apenas para as duas pessoas dentro dele?

— Pense no assunto — digo, tranquila. — Seria comovente.

— Comovente? Ele é o homem mais inteligente da Grã-Bretanha! — zomba Dan.

Por que é que esse palhaço está aqui?

— Você não deveria estar no trabalho? — Preso numa corrente barulhenta do lado de fora de um depósito distante, incentivado a latir para estranhos?

— Pois é, deveria. Mas cuidar do meu irmão é mais importante.

— *Eu* posso cuidar dele.

— Pode mesmo?

— Que outras ideias você tem? — pergunta Matthew.

Imagino que isso acontece com frequência, ele ter que colocar panos quentes sobre as grosserias do irmão.

— Certo, me escute. — Essa parte vai ser mais complicada. — Você já ouviu falar de um programa chamado *Intenções Mortais*?

É uma comédia que passa tarde da noite na BBC2, com um tema meio subversivo, que tem um personagem chamado Matthew Carlisle falando coisas como: “Meu nome é Matthew Carlisle e, por baixo do meu terno, estou usando a calcinha de Angela Merkel.”

Ele responde:

— Meu nome é Matthew Carlisle, e, quando gozo, eu grito: “Bernie Sanders!”

Certo. Então ele conhece o programa. Pelo menos isso me poupa do constrangimento de explicá-lo.

— Você quer que ele participe disso? — Dan quase entra em combustão. — Que ofensa!

— São só bobagens. — Outro sorriso confiante da minha parte. — Mas, se Matthew conseguir ser pior do que o personagem Matthew, as pessoas iriam adorar. É simpático mostrar que você é capaz de rir de si mesmo.

— Tudo bem — diz ele. — Eu topo.

— Ótimo! — Não achei que fosse ser tão fácil.

— Meu nome é Matthew Carlisle, e estou pronto para me humilhar em rede nacional se isso ajudar a limpar meu nome.

— Rá, rá, rá, boa, que engraçado. — Na verdade, foi bem engraçado *mesmo*.

— Então, o que preciso fazer?

— Eles começam a filmar a temporada nova em novembro.

— Novembro? — ataca Dan. — Então quando os episódios vão ao ar?

— No início do ano que vem. Vocês se lembram do que eu disse na semana passada? Este é um projeto a longo prazo, uma recalibragem lenta e cuidadosa da percepção que o público tem a respeito de Matthew.

— Mas o problema é o que está acontecendo *agora*, com as pessoas achando que ele comeu a babá. Você tem que fazer algo *hoje*.

— Matthew — digo. — Podemos acabar com isso agora mesmo. Devolvo todas as minhas horas não trabalhadas, e você pode procurar outro relações-públicas.

— Ah. — Ele parece chocado. — Somos tão ruins assim?

— Este relacionamento precisa funcionar para nós dois. — Meu tom é simpático, porém firme.

— Ah. Bem. Sim, mas... — Ele se vira para o irmão. — Quero continuar com ela.

Dan fecha os olhos. Parece meio enojado. E me sinto — porque sou humana — triunfante.

— Meu irmão só está tentando cuidar de mim — diz Matthew, sincero. — A gente sempre contou apenas um com o outro.

— Entendo. — O que não é verdade. Não entendo nem deixo de entender, só quero fazer o meu trabalho. — Mas essa agressividade toda não está ajudando.

— Desculpe — diz Matthew. — Vamos colaborar mais.

— Obrigada. — Aceito minha vitória com simplicidade. Tirando o olhar de esguelha que lanço para Dan, mas foi tão rápido que nem deu para notar. — Mais algumas coisas. Seria bom se associar a alguma instituição de caridade, então pense numa que queira ajudar. E você torce para o Fulham, certo? Comece a ir às partidas. Coma tortas. Seja acessível. Agora, o Twitter. Preciso ter acesso à sua conta para ajudar com o conteúdo.

— Vídeos de gatos dançando — volta a zombar Dan. Porém, para ser justa, ele imediatamente murmura: — Desculpe.

— Cachorros — corrijo. — *Cachorros* dançando. Matthew gosta de cachorros. — Encaro meu cliente com firmeza. — E vou enfatizar isso o máximo que posso. Nada de namoros. Nada de casinhos de uma noite. *Nada.*

E, quem diria, surge um brilho discreto em seu olhar, tão rápido que é quase invisível e que não consigo decifrar.

— Isso é *vital* — digo.

— Tudo bem — responde ele.

— Estamos de acordo?

— De acordo.

— Só mais uma coisa, o Prêmio da Mídia... Parabéns pela indicação. Mas você não pode levar ninguém.

— Ruthie sempre ia comigo a essas coisas.

— Eu sei. — Faço sons consoladores. — Mas você não pode levar nenhuma acompanhante dessa vez.

— Nem Mara Nordstrom? Ela é uma colega de trabalho.

— Matthew, *não*. — Mara Nordstrom é uma das apresentadoras mais desejadas da televisão. — Imagine o que o público britânico iria pensar se tirarem uma foto sua com Mara no momento errado. Se quiser mesmo um apoio, leve Dante.

Matthew lança um olhar ressentido para o irmão, que diz:

— Maravilha.

— Eu vou estar lá — digo. — Vai ter um monte de gente lá para te ajudar.

— Ah. Certo. Tudo bem, então.

— Ótimo. — Junto minhas coisas.

— Levo você até a porta. — Dan me segue pelo corredor e diz, por cima do meu ombro: — Boa tática. Ter se oferecido para cair fora. Agora ele confia *mesmo* em você.

— Porque pode confiar! — Como estamos longe demais para Matthew ouvir, libero parte da minha frustração. — Qual é o seu problema comigo?

— Só estou tentando tomar conta do meu irmão mais velho.

— Ele já disse isso.

Dan parece chocado. Eu também estou chocada. Isso não é nada profissional.

— Quer saber? — O rosto dele está todo franzido. — Você parece um daqueles cachorrinhos irritados.

— É *você* que parece um cachorrinho irritado! — Saio para a rua e sinto a porta bater com força atrás de mim. — Linda cozinha, *Dante* — digo em voz alta. E, depois, grito: — Só que não!

57

Quinta-feira, 27 de outubro, quadragésimo quinto dia

— Mãe — diz Neeve quando chego do trabalho na quinta —, seu telefone está desligado?

— Não, por quê?

— Porque papai ligou.

Meu coração quase vai parar na boca — Hugh ligou?

— Sobre um baile beneficente — completa ela.

Estou paralisada. Chego naquele ponto em que um alívio indescritível se torna uma decepção insuportável: Richie Aldin. Sim, eu vi a ligação e, não, não atendi porque já recusei a merda do convite para o baile beneficente um bilhão de vezes, e a encheção de saco dele está praticamente virando assédio.

— Ele disse que nós três devíamos ir juntos!

A expressão feliz e esperançosa no rosto dela me deixa em pânico, e percebo que tenho que lidar com isso logo de cara.

— Neevey, não vou ao baile. — Meu tom é gentil. — Mas vou conversar com seu pai.

Encontro o número de Richie e ligo. Ele atende rápido demais.

— Amy? — Todo animado.

— Você pode me encontrar para conversarmos?

— Posso ir até a sua casa.

— No Starbucks da Dundrum. — Não estou preparada para me deslocar demais. — Que horas você consegue chegar lá?

— Ah, quer dizer agora? Mas estou em Clontarf, em casa. Vou demorar um pouco.

— Então venha logo. Mande uma mensagem quando chegar.

— Não seria mais fácil eu ir aí?

— Mande uma mensagem quando chegar ao Starbucks.

Meu telefone apita.

Cheguei. O que você quer beber?
Chá de hortelã.
Tá, pode deixar! Bjs

Richie está todo sorridente e animado, feliz em me ver.

— Amy.

Ele se inclina para a frente para me beijar e mira na boca, algo que eu quase esperava que fizesse, então consigo desviar a tempo. Isso o deixa surpreso, mas não por muito tempo.

— Você está linda — declara ele. — Que casaco *bonito*. — E gesticula para o atendente atrás do balcão, que surge com um bule de água fervendo para o meu chá de hortelã. — Não queria que seu chá esfriasse — explica, com outro sorriso.

Eu não tinha notado antes, mas, em algum momento, é óbvio que ele colocou próteses: seus dentes estão quadrados e brancos demais. Como alguém consegue ser convencido até com os dentes?

— Pedi um muffin para você. — Ele empurra um prato diante de mim. — Gosta de canela? — E serve meu chá. — Então, o que houve? Não conseguiu esperar até sábado para me ver? — Um vislumbre das próteses presunçosas.

— Richie, não vou mesmo ao baile.

O semblante esperançoso no seu rosto não muda.

— Você não gosta desse tipo de evento? Acho que é o tipo de coisa que deve fazer bastante por causa do trabalho. Bem, que tal sairmos para jantar? Em qualquer lugar que você quiser. No The Green Room? Guilbaud's? Ou a gente...

— Richie, não quero fazer nada com você.

— Por que não? Você está dando um tempo.

— Hugh está dando um tempo, não eu. E, mesmo se estivesse, não me sinto assim por você.

— Você só precisa tentar. Vamos, Amy, lembra como nós éramos? *Eu* lembro.

Deve haver um nome para isso, para essa total falta de empatia. É óbvio que se trata de algum distúrbio de personalidade. Seria narcisismo? Vou procurar no Google os sintomas exatos.

— Você merece que eu me redima — diz ele.

— Não faz mais diferença.

— Para mim, faz. Eu me sinto culpado. Amy, estou... abalado. Acordo no meio da noite pensando em você e Neeve, e você era tão nova, da idade dela agora, sozinha. Eu te sacaneei com a história do dinheiro, e...

— Eu perdoo você. Já disse isso.

— Mas o remorso não vai embora.

Dou de ombros, impotente.

— Não sei o que sugerir. Talvez você devesse fazer o Caminho de Santiago.

— Mas não se trata só de culpa — diz Richie. — Ainda me sinto atraído por você.

Ah, pelo amor de Deus.

— Sim — continua ele. — Sexualmente, quer dizer.

Como posso segurar a risada? *Sim. Sexualmente, quer dizer*. Essa vai ser uma história maravilhosa. Espere só até eu contar a Hugh — ah, meu Deus, Hugh foi embora. Mas para outras pessoas. Derry. A frase já tem potencial para se tornar uma grande piada. *Sim. Sexualmente, quer dizer.*

Pode me passar aquela coxa de cordeiro? Sim. Sexualmente, quer dizer.

ADOREI o seu cabelo. Sim. Sexualmente, quer dizer.

Richie deve achar que a risada que deixo escapar é uma expressão de prazer, porque segue em frente, sério:

— Não me importa que você esteja com 40 e poucos anos. Eu também estou. E quando olho para o seu rosto, só vejo a Amy de 17 anos.

— Pare, Richie. — Ele está passando vergonha. Chego a estar ficando com pena.

Será que alguém pode me explicar o que está acontecendo, por favor? Isso é algum tipo de prêmio de consolação? O universo lhe tira um marido, um marido ótimo, e, como tentativa de se desculpar, devolve o babaca a quem você amava vinte anos atrás?

É tão curioso saber que, em determinado momento, um Richie implorando por perdão teria me deixado nas nuvens. De repente, me pergunto se, algum dia, Hugh e eu estaremos sentados assim,

em lados opostos da mesa de um Starbucks lotado, com o nosso relacionamento morto, enterrado e engavetado no Passado. A ideia me causa uma pontada insuportável de sofrimento.

Para onde vai o amor depois que acaba? Entra em flores e coisas bonitas? Volta para o universo para ser reciclado? Porque Richie tinha razão: nós dois nos amávamos loucamente, mas, agora, não resta nada além dessa culpa egoísta, que já passou do prazo de validade.

— Confie em mim, Amy — insiste ele. — A gente pode voltar a ser como éramos.

— Não podemos, não.

— Você não está tentando. *Tente*. Você precisa tentar, porque não posso continuar me sentindo assim.

— Richie, talvez fosse melhor você buscar ajuda médica. Uma consulta não faria mal.

— Você está me punindo!

Essa não é minha intenção. Mas não posso dar o que ele quer, não agora, anos depois, tarde demais, o que me faz compreender que tudo passa. No fim das contas, tudo passa, as coisas boas e as ruins, o amor e a dor. É uma verdade difícil de aceitar. *No fim das contas, tudo passa.*

— Vá fazer terapia — sugiro. — Ou se voluntarie para distribuir sopa em algum projeto de caridade. De um jeito ou de outro, Richie, aprenda a viver com a culpa.

— Tudo bem. — De repente, ele começa a botar banca. — Se você não quer mais me ver, Neeve também não vai mais me ver.

Agora, fico assustada. Mas só por meio segundo. Porque, digamos que eu fosse louca o suficiente para acreditar nessa babaquice. Ele se cansaria de mim num instante, e Neeve seria chutada para escanteio de novo.

— Sério, Richie, ameaças? É assim que você quer se redimir? Talvez se fosse legal com a sua filha isso ajudasse a melhorar esse sentimento de culpa. Por que não leva Neeve para o baile das crianças cegas?

— Eu só queria...

— Richie, você precisa me ouvir. Não quero passar tempo com você. Não quero um encontro com você. — Eu me levanto. — Não

quero falar com você, a menos que seja sobre Neeve.

— Ah, não, Amy...

Com a faca tilintando sobre o prato, empurro o muffin de volta para ele.

— Só mais uma coisa. Eu odeio canela. Sempre odiei canela. Todo mundo sabe disso.

Neeve está fazendo hora na entrada de casa.

— Como foi?

— Neeve. — Engulo em seco. — Vamos sentar.

Ela sabe. Dá para ver. Ela sabe o que vou dizer, e seus olhos já estão cheios de lágrimas, minha pobre Neevey, que quase nunca chora.

Nós sentamos no sofá com os joelhos encostados, segurando as mãos.

— Neeve, eu amo Hugh — falo com gentileza, porque estou conversando com uma garotinha. — Você quer que eu fique com seu pai, e eu compreendo. Mas o que aconteceu entre nós foi há muito tempo, e agora eu amo outra pessoa.

— Mas Hugh é tão cruel. — As lágrimas começam a escorrer. — Ele foi embora e largou você, e papai está aqui e arrependido. Ele me disse, mãe, que sente muito por tudo, como queria mudar o passado. E falou que vai consertar as coisas. Ele vai consertar tudo para nós duas, para nós três.

— Só que eu amo Hugh.

Neeve chora, soltando soluços curtos, sofridos, como se saíssem dela às punhaladas.

É terrível.

Eu a deixo chorar, porque não há nada — *nada* — que possa ser feito.

58

Sábado, 29 de outubro, quadragésimo sétimo dia

Manhã de sábado, ainda nem são dez horas, e já pedi uma saia de seda na Asos, fiz as compras da semana, fritei uma omelete, li os jornais e me perguntei se Steevie algum dia vai voltar a falar comigo. Nada como uma insônia.

E lá vem Kiara.

— Bom dia — digo. — Vamos colocar as decorações de Halloween hoje?

— Qual o sentido de fazer isso se papai não está aqui? — Ela parece ressentida.

Graças à habilidade de Hugh com aparelhos eletrônicos, sempre temos as melhores decorações da rua no Halloween, talvez do estado todo — raios e trovões e brilhos no quintal enquanto piados roucos e risadas assustadoras ressoam. Todo ano desde que nos mudamos, ele se fantasia de carrasco para distribuir doces. Mesmo com seu capacete de cota de malha e máscara, todas as crianças o identificam. Adoro observá-lo entregando saquinhos de bala para pequenos fantasmas e esqueletos, que dizem: “Obrigado, Hugh, obrigado, Hugh.” E, às vezes: “Que fantasia irada, Hugh.”

— Faz todo sentido! — exclamo, decidida. — Nós estamos aqui, também somos importantes!

— Mãe — diz Kiara —, estou me sentindo, sabe, chateada com papai. Por ter ido embora. No início, meio que admirei a postura dele, mas agora estou, tipo, irritada.

— Kiara. — Que bom que ela me contou, mas o fardo de dizer a coisa certa agora é pesado. — Seu pai ama você com todas as forças. Ir embora desse jeito não foi uma... uma... sabe, uma coisa impensada, um passeio. Ele não teve escolha.

— Você acredita *nisso*, mãe? E não minta para eu me sentir melhor.

— Juro por tudo que é sagrado, Kiara, acredito mesmo que seu pai não teve escolha. Ele detestou nos magoar, mas, se ele deixasse de ir, quem acabaria prejudicada seria a saúde mental dele. Seu pai já estava tomando antidepressivos.

— Estava? Ah, coitadinho.

— Ele não conseguiu aguentar a morte do vovô Robert.

— Que estranho — diz ela. — Eu achava que, na idade do papai, ninguém mais fica chateado quando as pessoas morrem.

— Pois é, para você ver.

— Uau. Então! Vamos deixar a casa em clima de Halloween. — Kiara nunca fica desanimada por muito tempo. — Vou acordar Neeve e Sofie.

Ela dispara pelas escadas, e escuto Neeve resmungando por ser acordada cedo no sábado para "essa merda de Halloween". Mas, quando saio do quarto, ela já levantou. E me abraça sem qualquer motivo. Algo mudou depois da noite de quinta: de repente, estamos mais próximas.

A cabeça de Sofie aparece no alçapão para o sótão.

— Halloween! Que legal!

— Onde estão os enfeites? — pergunta Kiara.

— No forro do telhado.

Uma de nós vai ter que se enfiar lá para pegar as caixas. Geralmente, quem faz isso é Hugh. Então, agora, sou eu. Nem me dou ao trabalho de suspirar.

Neeve me passa uma lanterna, e subo com cuidado na escada dobrável que Hugh instalou. Sob o foco da lanterna, é fácil encontrar as caixas: ele desenhou uma caveira e ossos cruzados para diferenciá-las das que guardam os enfeites de Natal, que são marcadas com árvores verdes. Merda, tem uma aranha, um monstro preto e de pernas grossas, parada na caixa de cima. Eu a encaro com um olhar duro, e ela sai correndo.

— Arrasei — digo. Mas uso um tom baixo, porque falar sozinha não é bom nem mesmo quando é para encorajar.

As meninas estão me esperando ao pé da escada quando desço com as caixas. Então começam a pegar as coisas.

— Luzes de abóbora! Túmulos! Teias de aranha! Que maneiro!

— O que é isto? — Neeve pega um pano preto comprido. — Ah! A fantasia de Hugh! — Ela embola a roupa de carrasco e a joga na minha direção.

— Por que eu tenho que ficar com ela?

— Porque você vai ter que fazer o papel dos dois — diz Neeve. — Vamos! Vista!

Ela está brincando — além de tudo, aquilo ficaria imenso em mim —, e todas rimos.

— Ah, bem — diz Kiara. — Ano que vem, tudo vai ter voltado ao normal.

Porém, quando elas se afastam para prender os túmulos nas laterais da porta da frente, levo a fantasia ao rosto e dou uma fungada hesitante. Faz quase um ano desde a última vez que Hugh a usou, então é improvável que ainda reste qualquer vestígio dele, mas resta, e uma onda de memórias me deixa tonta. É o cheiro do meu marido: impossível de descrever, quente, doce, terroso, simplesmente *ele*. A nostalgia, a terrível sensação de perda, por um instante, parece insuportável.

Mas ela *é* suportável, lembro a mim mesma. Já sobrevivi a coisas piores.

Pouco depois das quatro, Derry aparece com três vestidos — hoje é a noite da festa de Halloween de Kiara.

— Alguma notícia de Steevie? — pergunta ela, baixinho.

Desde o terrível episódio do brunch na semana passada, não entrei em contato com Steevie e vice-versa. Pior, nenhuma das duas curtiu nenhum post da outra no Facebook, o que hoje em dia equivale a um duelo com pistolas.

Odeio ficar brigada, mas, no momento, nós não somos o que a outra precisa. É uma merda, mas fazer o quê?

— Mostre esses vestidos lindos para a gente! — Coisas bonitas podem me distrair.

— Achei que este tinha a ver com a ocasião. — Derry balança um longo de alça, de veludo preto, com uma fenda que vai até a coxa, para Kiara.

— Passe isso para cá. — Vou direto para a etiqueta. Givenchy. — Aaargh! Sabia! Meu Deus, Derry, você é tão generosa consigo mesma. *Por que* não somos da mesma altura?

— Porque a vida é injusta.

Acho isso tão engraçado que solto uma gargalhada.

Kiara prova o vestido. Minha filha é tão alta e esbelta e bonita que tenho que engolir em seco.

— Não sei. — Ela está tentando fechar a fenda. — Acho que não é muito a minha cara.

— Ajeite a postura — ordena Derry. — Vamos, você está maravilhosa.

— Ah, não, vou provar outro.

O segundo, de seda azul-marinho com a parte de cima mais solta, da Preen, também cabe bem. Mas as costas têm um decote até a cintura, e, como Derry explica:

— Não dá para usar sutiã.

Kiara fica vermelha e diz:

— Não posso sair sem sutiã.

— Não é como se você tivesse uma fartura nos seios.

— Vou de sutiã.

Meu Deus, ela não puxou essa determinação toda de mim!

O terceiro é um vestido reto e elegante de cetim creme — de mangas compridas, sem decote, muito modesto —, bem a cara de Kiara.

— Parece um vestido de casamento — exclama Neeve. — Tem alguma coisa que você queira nos contar, Derry?

Derry a encara com um olhar ácido.

— Você é minha heroína, Der.

— Gostei desse — diz Kiara.

— A noiva cadáver — exclamo.

— Isso aí!

— Você vai precisar colocar alguma coisa na cabeça. — Neeve já está no Google. — Flores pretas. Um véu. Mãe, veja na sua caixa de costura!

Com certeza tenho rosas de tecido preto. Eu me lembro do dia em que as comprei, menos de dois anos atrás, na feira de Natal da igreja. Todos os verões e todo Natal, a feira era uma tradição de

família, mas, uma por uma, as meninas ficaram grandes demais para me acompanharem. Dois anos atrás foi a primeira vez que todas furaram. Eu ainda estava com vontade de ir — haveria bolos e livros baratos e a possibilidade de achar algo maravilhoso —, então, quando Hugh viu meu desânimo, disse:

— Danem-se elas, vamos só nós dois.

Lá, andamos de mãos dadas e nos divertimos. Havia uma barraquinha com acessórios de costura, e, incentivada por Hugh, me enchi de fitas e apliques de tecido, que custaram uma mixaria.

Hugh também descobriu um bom negócio ao encontrar um trenó de fibra de vidro vermelha.

— Olhe! — gritou ele. — Está perfeito. Neevey ia adorar, não acha?

Eu não tinha tanta certeza. Neevey estava crescida demais para andar de trenó. Todas as três estavam.

— Ah, não. — A ficha dele caiu na mesma hora. — Por que elas não podem continuar pequenas para sempre?

— Pois é. — Fiquei triste.

— Vamos ter outro bebê — disse Hugh.

Soltei aquela risada exagerada que geralmente quer dizer “ha, ha, você ficou maluco”. Agora eu queria era que tivéssemos vindo direto para casa e transado. Não para fazer mais um filho, mas porque aquele era um momento de conexão ao qual devíamos ter nos agarrado.

Bem, agora é tarde demais, então volto para o presente. Tenho certeza de que há um pedaço comprido de tule branco na caixa que serviria para o véu de Kiara.

— Vou precisar de uma faixa de cabelo.

— Pode deixar! — Sofie está empolgada. — Eu cuido do penteado.

Neeve senta Kiara no meio da sala de estar, numa das cadeiras da cozinha, e começa a maquiagem de noiva cadáver, enquanto eu costuro rosas pretas na faixa de cabelo de veludo preto. Derry passa o vestido e então continua passando a pilha de roupas.

— Já que o ferro está ligado, não custa nada.

Em algum momento, abrimos a caixa de doces que comprei para distribuir para as crianças no Halloween. Pouco depois, Derry,

Neeve e eu tomamos um copo de Baileys. Talvez seja o álcool ou o açúcar, mas, sentada no sofá, observando Neeve colar cílios postiços em Kiara, com Sofie apoiada em mim e Derry sentada no chão, com a cabeça nos meus joelhos, percebo que me sinto bem. Minha vida está longe de ser perfeita, e pode ser que daqui a cinco minutos eu esteja sofrendo tanto que queira arrancar meu coração do peito, porém, neste momento, estou satisfeita e muito feliz por sentir esse alívio.

— Já posso olhar? — pergunta Kiara.

— Não.

Neeve pintou o rosto dela de branco e desenhou olheiras roxas ao redor dos olhos. Agora, ela passa um batom preto, e, quando acaba, Sofie entra em ação, penteando o cabelo de Kiara para trás, prendendo apliques de fios azul-escuros, transformando-os em mechas contorcidas como as de Medusa e finalizando a obra com um texturizador.

— Pronto, Amy — diz Sofie. — Agora, arrume o véu.

Com cuidado, prendo a faixa de rosas pretas e o véu ao cabelo elaboradamente entremeado de Kiara, então me afasto.

— Ficou ótimo — diz Derry. — Ótimo mesmo.

— *Agora* você pode olhar! — decreta Neeve, enfiando um espelho na cara da irmã.

— Ah! Ah! — Kiara solta um gritinho. — Ficou legal, não ficou?

Ainda dá para reconhecer seu rosto animado por baixo de toda a maquiagem.

— Você está *linda*.

— Agora, é melhor comer alguma coisa antes de ir — digo.

— Ah, mãe... — reclama Kiara. E então: — Tudo bem.

— Pode ser macarrão? Faço o gravatinha.

Jogo um molho vermelho pronto por cima da massa, e Kiara diz, imitando a brincadeira que eu e Hugh — fãs de *Masterchef* — sempre fazemos:

— Isso, sim, é um belo prato de comida.

Ela é mesmo um amor de pessoa.

Às sete e cinco, o menino que vai levá-la à festa chega.

— Dez minutos mais cedo? — Derry está desconfiada.

— Educado — digo.

— É mais provável que seja neurótico.

Faço um “Shhh!” irritado para ela.

Neeve abre a porta.

— Você é o Reilly? Kiara já vai descer.

— Entre, queremos dar uma olhada em você — grita Derry.

— Ah, não, melhor eu...

— Entra!

— Acho melhor você entrar — sugere Neeve.

Então, o coitado vem se arrastando.

É difícil julgar como é sua aparência de verdade, porque está fantasiado de vampiro — base branca, lápis de olho preto e muita baba vermelha ao redor da boca. Mas ele é alto, o que é bom, porque Kiara também é alta e sempre fica constrangida por isso.

E lá vem ela, tropeçando pela escada. Os dois gritam ao se verem.

— Cara!

— *Caaaara!*

— Zerou o Halloween!

— Você zerou muito *mais*!

— Tchau, mãe. Tchau, gente! — Kiara se despede rapidamente e vai embora.

— Hum, tchau — grito. — Divirtam-se. Está levando seu telefone?

Tenho que me controlar para não berrar: “Não faça sexo!”

A porta bate atrás deles. Então, nós quatro nos encaramos de olhos arregalados.

— Nossa bebê cresceu! — exclama Neeve. E então: — Ah, mãe! Você está chorando *de novo*?

Tarde da noite de sábado, percebo que Jana está me dando um gelo.

Mandei duas mensagens para ela durante a semana, primeiro para agradecer por ser legal comigo naquele brunch horroroso, depois para perguntar se tinha recebido a primeira mensagem. Nas duas vezes, a única resposta que recebi foi um silêncio ensurdecedor, mas eu estava tão ocupada lamentando o fato de

Steevie estar me ignorando que não percebi que Jana também estava.

Cinco minutos depois, a paranoia bateu em mim feito um tijolo, e, quando fui olhar minha página no Facebook, vi que Jana não curtiu nenhum post meu desde sábado.

Ela tomou um partido. Até então, eu não sabia que havia partidos a serem tomados. Achei que o problema com Steevie seria resolvido logo. Mas, pelo visto, isso vai além de nós duas.

Agora, estou com medo: quem mais será recrutado? Porque tenho certeza de que Jana não foi a única a resolver ficar contra mim. Será que Steevie vai fazer minha caveira para todo mundo?

Também estou bem magoada. Gosto tanto de Jana — sinto muito carinho por ela. Não gosto quando as pessoas zombam de seu comportamento infantil e já a defendi várias vezes, incluindo de — sim! — Steevie. Se Jana está tomando partido, sou *eu* quem devia ganhar o apoio dela.

Mas será que ainda não aprendi que não é assim que a vida funciona?

59

Quarta-feira, 2 de novembro, quinquagésimo primeiro dia

Caroline Snowden, a jornalista sentada diante de mim, está querendo me contar alguma coisa. Fico esperando.

— Amy — diz ela depois de um tempo. — Ruthie Billingham deu uma entrevista enorme para a revista do *Sunday Times* dessa semana.

Merda. Essa é a primeira entrevista impressa que Ruthie dá. Até agora, todas as informações vinham de "fontes próximas".

— Olhe, sei que você precisa apagar logo esse incêndio — diz Caroline, encerrando nosso almoço mais cedo.

— Desculpe, Caroline.

— Já estava mesmo na hora de eu ir embora. — Ela é tão legal. — A gente se fala em outro dia.

Eu lhe dou um abraço apertado em agradecimento, e agora tenho 21 minutos antes da próxima reunião. Pense, pense, pense...

Certo. Uma sessão de fotos com as crianças. Onde? Num parquinho? Humm, seria melhor algo mais emocionante. Tudo bem, já sei, aquela partida de futebol!

Pego o telefone.

— Matthew?

— Amy? — Ele parece distraído.

— Você está podendo falar? Tenho algumas perguntas. Quando é a próxima partida do Fulham em casa?

— Sábado agora.

— Você pode levar as crianças?

— Este é meu fim de semana com elas, e temos ingressos para a temporada.

— Até para Beata?

Ele solta uma meia risada.

— Olha o estereótipo de gênero, Amy!

— Ha ha, foi mal. — Francamente, não estou com tempo para isso. — Certo. Preciso encontrar com você o mais rápido possível.

— Ahn? Por quê?

— Para organizarmos uma sessão com os paparazzi na partida.

— Não quero meus filhos aparecendo no jornal.

Eles já apareceram em vários.

— Vão embaçar os rostos.

— É errado. Não posso ir sozinho? Ou com Dan?

Para um homem inteligente, ele consegue ser surpreendentemente sem noção.

— Matthew. — Sou gentil. — Dois caras. Numa partida de futebol? Perdoe minha sinceridade, mas isso não chega nem aos *pés* de ser tão trágico quanto um pai solteiro numa tarde rara com seus dois filhos queridos.

Consigo ouvi-lo engolir em seco.

— Hoje está uma loucura aqui.

Ah, sim. É quarta-feira, o dia em que ele filma o programa para humilhar políticos.

— Só tenho uns quinze minutos, por volta de cinco e meia.

Vou perder meu voo, mas paciência.

— Você está na BBC? Passo aí, então.

— Então finalmente algo vai acontecer. Dan vai ficar contente.

Duvido muito.

Segundos antes de eu chegar à BBC, sinto uma repuxada estranha no ombro direito, seguida pela queda rápida do meu seio. Mas que raios... Ah, Deus, uma das alças do sutiã bateu as botas.

Desesperada, olho para a Oxford Street — há uma Marks & Spencer tão perto daqui que quase consigo vê-la, mas não posso arriscar chegar atrasada no encontro com Matthew. Preciso de cada segundo com ele. Talvez eu consiga dar uma escapulida para o banheiro, prender a alça com um alfinete e voltar a erguer meu peito. Só que, para isso, eu precisaria ser o tipo de pessoa que carrega alfinetes por aí, o que não é o caso...

Minha fachada está torta, dá para perceber só de olhar para baixo. Eu poderia tirar a peça de vez, pelo menos deixando tudo

caído num nível simétrico. Mas, não, a decência insiste que o sutiã permaneça.

Merda. Esse é o pior momento para algo assim acontecer, e, infelizmente, estou usando as roupas erradas — alguns dias eu passo vestida em peças ajustadas, que ajudariam a manter tudo no lugar. Por outro lado, o vestido de hoje tem gola alta e segue um estilo vitoriano que não oferece qualquer suporte. Não há nada que eu possa fazer além de improvisar, então passo o braço direito para a frente do corpo, prendendo o seio sob ele e andando pela rua à la Quasimodo.

Pelo olhar feio que o segurança da BBC me lança, imagino que não esteja funcionando muito bem. No entanto, não posso deixar a peteca cair. Sigo a ladainha de sempre de me cadastrar na recepção, pegar um crachá e ser informada de que alguém virá me buscar. E então quem eu vejo, aguardando no enorme saguão coberto de mármore? O próprio Dante. Hoje, não! Não quando acabei de sofrer um acidente com meus peitos! E qual é o problema dos irmãos Carlisle? Os dois precisam fazer *tudo* juntos?

Dante analisa o teto, dá uma olhada no telefone e então, com um movimento rápido do pescoço, me vê. Na mesma hora, faz cara de cão irritado, como se fosse *eu* quem não deveria estar ali. Brusco, com seus sapatos fazendo barulho contra o piso de mármore, ele atravessa o salão até me encontrar.

— O que você está fazendo aqui?

— Olá para você também.

Ele faz uma pausa, alisa as lapelas do paletó e então parece se recompor.

— Desculpe. Olá, Amy. Mas por que essa necessidade repentina de tomar uma atitude?

Tenho uma vontade infantil de não contar.

— Isso é confidencial.

Dante quase parece triste.

— Estou aqui para ajudar.

— Sua ajuda não é necessária. Sério, Dante, sou muito boa no que faço.

— Sim, você é.

Aceito essa declaração com um aceno rígido de cabeça.

— E prefiro que me chame de Dan.

— Eu sei.

Ele suspira.

— Dan? Amy? — Um dos milhares de pessoas que trabalham na televisão, indistinguíveis com suas pranchetas, fones de ouvidos e tênis, acaba de aparecer. Subimos pelo elevador enquanto o rapaz explica: — Matthew está em reunião. Ele já vem.

No terceiro andar, Dante e eu seguimos o funcionário por corredores intermináveis e diversos cubículos de trabalho. Nosso guia praticamente corre, e é difícil segurar meu peito rebelde dentro do bojo. Só paramos ao chegar a um espaço diante de um escritório pequeno, cujas paredes de vidro estão cobertas por persianas pretas.

— Esperem aqui — diz o rapaz, que imediatamente some.

Não há lugar para sentar. Dante pega o telefone, e eu o imito, mas nenhum de nós está prestando atenção na tela, porque queremos chegar primeiro a Matthew quando ele sair da sala.

Finalmente, ele surge do escritório envidraçado, seguindo algumas pessoas. Dante e eu corremos na sua direção, quase nos empurrando.

— Amy. — Recebo um beijo na bochecha de Matthew. — Entrem.

Dante e eu o seguimos para dentro do escritório, que é minúsculo, quase um cubículo. Seria de imaginar que um homem tão importante ocuparia uma suíte na cobertura, mas a BBC deve ter uma política muito igualitária, porque quase não há espaço para nós três ao redor da mesa apertada.

— Então? — Matthew está nervoso.

— Tudo bem. Está tudo bem *mesmo*. — Entrei no modo Amy Tranquilizadora. — Vai sair uma entrevista grande com a Ruthie no *Sunday Times* desse fim de semana.

Ele engole em seco.

— Dizendo o quê?

— Ainda não li. Mas fiquei sabendo que é mais do mesmo. Insinuações, mas nada palpável. Ela continua sendo criticada pelo namoro com Ozzie Brown, e é por isso que fica tentando jogar você aos leões. Não temos outra escolha além de agir.

— Uma entrevista! — declara Dante.

— Quieto, Dante! Eu já expliquei por que isso seria uma péssima ideia, e não vou ficar me repetindo. Vamos tirar algumas fotos.

Matthew tira os óculos com armação preta e esfrega o rosto.

— Tudo bem. Diga lá.

— Fotos de paparazzi. Você com as crianças no jogo. A imagem que queremos passar é de um pai solteiro se esforçando enquanto a mulher o trocou por outro cara.

Meu Deus, a tristeza no rosto dele.

Eu lhe dou um momento antes de continuar:

— As crianças devem estar agasalhadas e parecer bem-cuidadas.

— Elas *são* bem-cuidadas. — Isso, é claro, parte de Dante.

— E vocês têm bonés, cachecóis, essas coisas, do Fulham? — pergunto a Matthew. — Ótimo. Os três têm que parecer uma versão em miniatura do time. Agora, isto é importante, Matthew. Preste atenção nas crianças. Não deixe que subam nas cadeiras da frente. Nada que possa passar a imagem de que você seja um pai ruim.

Seria melhor não termos nenhuma cena como a de Britney dirigindo sem colocar o cinto de segurança nos filhos.

Ele concorda com a cabeça, mordendo o lábio inferior.

— Leve um monte de brinquedos para o caso de eles começarem a chorar. — Seria desastroso se as pessoas tirassem fotos dos pequenos Carlisle se esgoelando. — E vários lanches. Mas nada de chocolates ou balas. — Isso também entraria no território de Péssimo Pai. — Uvas-passas, biscoitos de arroz, essas coisas. E seja carinhoso.

— Não preciso que alguém me lembre de ser carinhoso com meus filhos. — Sua boca exibe sinais de revolta.

— É claro, desculpe, é claro. — Parece que alguém é sensível! — Mas exagere, Matthew. Este não é o momento para ser sutil. E preciso do número dos assentos para os fotógrafos saberem onde se posicionar.

— A ideia de ficar sendo bisbilhotado...

Para a minha surpresa, lágrimas começam a escorrer por seu rosto. Encontro um lenço na bolsa e passo para a mão dele.

— Sinto muito, Matthew, mas tudo vai valer a pena no fim das contas.

— Você vai estar lá? — pergunta ele, e ninguém seria capaz de ignorar o nervosismo de Dante diante dessa ideia.

— Você não pode ser visto com outra mulher, lembra? — Sou gentil. — E nada disso pode parecer forçado. Uma relações-públicas parada do seu lado não ajudaria em nada.

— Mas posso te ligar? Da partida? Se eu precisar?

— É melhor não, Matthew. Você vai estar se divertindo com seus filhos. Se for pego ao telefone, vai parecer que está entediado. Então, nada de ler e-mails ou coisas assim. Seu telefone vai deixar de existir por essas duas horas, está bem?

— Matthew. — Uma moça enfia a cabeça pela fresta na porta. — Trouxe sua camisa.

— Greta? — Ele seca o rosto com as mãos. — Cinco minutos?

Ela faz que não com a cabeça e se enfia no espaço apertado, trazendo uma camisa e várias gravatas.

— Precisa ser agora. Está na hora da maquiagem.

Matthew se levanta.

— Com licença — diz ele para mim, então puxa a camisa por cima da cabeça e a joga para Greta.

Jesus Cristo amado, que tanquinho. Um tanquinho de verdade. Faz muito tempo desde a última vez que vi algo assim. E o peitoral! Salpicado com pelos escuros, na quantidade certa, não em excesso, nada nojento.

Greta tira a camisa creme do cabide e, num farfalhar de algodão recém-passado, Matthew a veste e fecha os botões. Diante dos meus olhos chocados, ele rapidamente desabotoa a calça e abre o zíper, me dando um vislumbre surpreendentemente provocante de sua cueca azul-marinho da Calvin Klein e dos pelos escuros descendo até um evidente volume... Ah! Não! Rápido demais, o espetáculo acabou: a camisa está dentro da calça, as partes emocionantes estão cobertas por um pano branco sem graça, e fico atordoada diante da perda, como se estivesse assistindo a um filme eletrizante e, de repente, no momento mais importante, a tela se apagasse. Em um segundo, tudo está fechado e arrumado. Na verdade, minha cabeça está girando um pouco.

E a cara de Dante? Tão emburrado. Deve ser difícil ser irmão de um deus grego. Não é de admirar que sempre esteja irritado.

— E então? — pergunta Matthew a Greta.

— Ótimo.

Ele joga uma gravata escura em volta do pescoço, e ela se aproxima. Entendi. Um dos deveres de Greta é amarrar a gravata de Matthew Carlisle.

— Ninguém dá nós como os de Greta — explica ele, como se pedisse desculpas.

Ela fica em silêncio enquanto ergue a gola da camisa e metodicamente passa a gravata por baixo do pano, seu jovem rosto a milímetros do dele. Que emprego! Apesar de ser bem capaz que ela tenha doutorado em ciências políticas e deteste cada segundo degradante disso.

Quando acaba, Greta ergue um espelho em silêncio para ele, gesto que é obviamente parte de uma rotina ensaiada.

— Grande e grosso. — Matthew mexe o nó um pouco e sorri. — Obrigado, Greta.

Ela o leva embora, então sigo com Dante e meu seio rebelde para o andar de baixo e o mundo exterior.

— Quer uma carona? — pergunta ele.

— Você mora em Islington. Vou para o Heathrow.

— Posso fazer *alguma coisa* para ajudar?

— Não — digo, brusca. E então: — Na verdade, será que você pode me arrumar um mapa do estádio do Fulham?

Dante pensa um pouco, mexendo os olhos enquanto considera as opções, olhos que são iguais aos de Matthew e, observo, a única coisa que os dois têm em comum.

— Para quando você precisa disso? O mais rápido possível, eu sei. Posso mandar amanhã de manhã?

Faço que sim com a cabeça. E agora? Ainda tenho uma hora antes de ter que ir para o aeroporto para pegar o voo tardio. Estou cheia de coisas para fazer — arrumar um fotógrafo, entrar em contato com o editor de imagens de algum jornal, talvez o *The Times*. Mas estou cansada e preciso de um sutiã novo, e a ideia de comprar algo me atrai — a ideia de comprar algo *sempre* me atrai. No final, o sutiã vence.

60

Quinta-feira, 3 de novembro, quinquagésimo segundo dia

— Reservei um provador — disse Matthew.

— Tudo bem. — Eu estava ofegante.

— Na Marks & Spencer. Vá na frente. Finja que está experimentando sutiãs. Encontro você em quinze minutos. *Por* quinze minutos. Não tenho mais tempo, depois preciso ir humilhar políticos na televisão.

— Quinze minutos já vão bastar.

Quando dou por mim, estou dentro da loja. Peguei três sutiãs e entrei no provador. Assim que comecei a me perguntar como Matthew saberia em qual eu estava, a porta abriu de repente e ele entrou rápido, me beijando freneticamente. Seus óculos entortaram, e ele os tirou e jogou por cima da porta da cabine. Eu perguntei:

— Você não vai precisar deles?

E Matthew respondeu:

— O pessoal do figurino me arruma outro.

— Alguém viu você entrar?

— Talvez.

— Não, isso é péssimo, Matthew, alguém pode nos descobrir.

— Gosto assim. Do risco de alguém nos encontrar. Mas é melhor sermos rápidos.

Matthew abre a calça, pega minha mão e a coloca lá dentro — sua ereção é *enorme*.

— Grande e grosso — disse ele.

— Igual ao nó da sua gravata! — exclamei.

— Grande e grosso. — Matthew riu.

Ele é muito diferente do que eu imaginava. Bem mais machão.

Comecei a puxar suas calças para baixo, mas ele protestou:

— Não, não, não podemos tirá-las. Isto é só uma rapidinha.

De alguma forma, minha calcinha e meia-calça desapareceram, e ele começou a tocar meus peitos porque meu vestido deixou de ser um vestido e, convenientemente, se transformou numa saia e blusa. Matthew estava de pé. Enrosquei minhas pernas ao redor da sua cintura, e ele me penetrou bem mais rápido do que eu imaginava ser possível.

Enquanto ele entrava e saía de mim, nos olhávamos nos espelhos — conseguíamos nos ver de todos os ângulos.

— São excelentes — disse Matthew. — Não são?

— Os espelhos da Marks & Spencer? Sim, excelentes.

— Dá para ver *tudo*. Seu corpo é ótimo — acrescentou ele. — Você não devia se preocupar.

Olhei para mim mesma e vi que ele estava certo: meu corpo era ótimo.

— Vou gozar agora — disse Matthew —, porque estou atrasado para a maquiagem. Se você também quiser gozar, é melhor fazer isso logo.

— Tudo bem.

E gozei. Então foi a vez dele, e seu rosto no espelho lembrou o de Richie quando o peguei no flagra com aquela garota tantos anos atrás.

Quando dou por mim, Matthew está fechando a calça.

— Vou embora com Greta agora — disse ele. — Espere cinco minutos antes de sair. Aja naturalmente.

— Compro um sutiã?

— Sim. Acho que arrebentei esse aí. Você está com aquele negócio, a plaquinha com o número de peças que trouxe?

E então eu acordo.

Meu Deus, que sonho. Eu não estava nada mal nele... Então percebo que o corpo que transou com Matthew Carlisle foi o que eu tinha 25 anos atrás.

Estou um pouco abalada — Matthew foi bem... *desagradável*. Machão, quase voraz. Nesta manhã, me sinto menos solidária e protetora em relação a ele do que ontem. O que é injusto — o comportamento do Matthew do sonho não é culpa do Matthew verdadeiro.

Mas algo aconteceu ontem naquele pequeno cubículo de vidro. Um momento mínimo tão estranho que me forcei a arquivá-lo para ser analisado mais tarde: quando ele estava colocando a camisa dentro da calça, pareceu que sua mão, que se movia com rapidez, diminuiu a velocidade por um brevíssimo instante quando chegou ao volume. Ela pareceu parar ali, segurando-o — e, nesse momento, Matthew olhou diretamente para mim.

Por bem, *bem* menos de um segundo. Não foi uma interação longa e cheia de um silêncio com segundas intenções, mas algo que terminou antes mesmo de começar. Porém, nossos olhos com certeza se encontraram.

Para ser justa, será que era mesmo culpa dele? Afinal, o espaço era tão apertado que não havia muito para onde olhar. E, é claro, pode ter sido um acidente. Ou talvez ele tenha se tocado como se seu pau fosse um talismã — acho que vários homens fazem isso... para verificar que o dito-cujo continua lá?

Também existe sempre a possibilidade de o olhar ter sido um pedido de desculpas: *Sinto muito por você ter que sentar aí e ficar olhando enquanto tiro a roupa.*

E pode ser que eu tenha imaginado tudo.

61

Sexta-feira, 4 de novembro, quinquagésimo terceiro dia

Mamãe está de cabelo novo! Agora ela é loura, com um corte charmoso abaixo da orelha e fios volumosos.

— Coloquei aplique! — grita ela. — Neeve organizou tudo, convenceu o salão a fazer de graça.

— Em troca de um vlog, vovó. Nada nunca é de graça.

— Mas isso não é problema para mim — rebate mamãe. — Todo mundo diz que tenho um talento natural para vlogs.

Derry e eu trocamos um sorriso.

— Bem, você está *linda* — digo.

— Pois é! Vou contar uma coisa para vocês, meninas. Passei tantos anos doente, sem vida própria, mas nunca é tarde demais! Na segunda, vou à manicure testar aquele esmalte que dura duas semanas, não é, Neeve?

— Isso mesmo, vovó.

— E estou pensando em fazer uma tatuagem — diz mamãe.

— Só por cima do meu cadáver! — grita Maura de outro cômodo.

— Já que é assim — diz Joe para mamãe —, por favor, faça uma.

Para evitar que uma briga comece entre Maura e Joe, Derry interrompe:

— Terminei com meu namorado.

— Bom para você — diz mamãe. — Por que se acomodar aos 45 anos? Vá se divertir, querida, vá se divertir!

Puxo Derry num canto para conversarmos a sós.

— Que história é essa? Ela está tomando tarja preta ou coisa parecida?

— Você está falando de antidepressivos? Acho que não. Mas as coisas estão bastante esquisitas.

— Então, o que aconteceu com o cara novo?

— Nada. As meias dele. Eram *horrorosas*. Sim, pois é, eu sei, tenho medo de compromisso. Cada um com os seus problemas.

Estou indo para a cama quando Neeve aparece na porta do quarto.

— Mãe? — A expressão no seu rosto me deixa preocupada.

— O que foi, querida? Entre.

Ela se senta na cama, mas não me encara.

— Diga.

Neeve não costuma ser tão reticente, e minha ansiedade está aumentando.

Mirando as mãos, ela diz:

— Olhe, não sei, não tenho certeza...

O que ela fez? Difamou alguém num vlog? Deu perda total no carro de Hugh?

— Não pode ser tão ruim assim.

Finalmente, ela me encara.

— Mãe, desculpe. Eu não queria espionar, só ficar de olho nas coisas. Em Hugh. No Facebook. E...

Como um golpe, percebo que o problema, seja lá qual for, não envolve Neeve.

— Ele postou alguma coisa?

Faz uns dias que não entro na página dele.

— Não. Mas foi marcado na foto de uma pessoa, e...

Automaticamente, pego o iPad.

— Mãe, mãe, espere, espere um pouco. Sério, pare!

Então eu paro.

Ela respira fundo.

— Mãe, você precisa se preparar.

Isso torna tudo pior. Meu coração está disparado; minha boca, seca. Preciso ver o que é, *agora*.

— Está tudo bem. — Minha voz soa aguda e pouco convincente. — Eu sabia que ele ia conhecer outras... — Meus dedos atrapalhados abrem o Facebook. — Nós combinamos, era esse o combinado...

Ah, merda.

É Hugh. Com uma mulher. Uma garota, na verdade. Jovem. Bonita. Engraçadinha. Cabelo escuro, curto, preso atrás das

orelhas, olhos grandes, queixo pontudo. E Hugh, grande e barbado, com um bronzeado levemente vermelho. Ele usa a camisa de linho branco... e tirou a aliança. Bem, é *claro* que tirou. Por que isso é um choque tão grande?

Os dois estão em lados opostos de uma mesa rústica de madeira escura, no que parece ser um bar à beira-mar, à noite — duas long necks suadas de cerveja tailandesa estão posicionadas sobre porta-copos de madeira, e uma lamparina brilha. Suas cabeças estão inclinadas na direção uma da outra — quer dizer, é o que geralmente se faz ao tirar uma foto —, mas tudo exala intimidade. Os dois têm os braços esticados sobre a mesa em arcos paralelos, quase se tocando.

Fico encarando e encarando enquanto minha cabeça gira. Sinto a ponta dos meus dedos formigando. Parece que acabei de acordar de um pesadelo. Eu sabia que isso ia acontecer, sabia que *estava* acontecendo, mas ver assim...

— Mãe? — chama Neeve de muito longe.

Desesperada, tento me recompor.

— Obrigada, Neeve. Ah, obrigada por me mostrar isso, ah... Você fez a coisa certa. Quer dizer, eu mesma acabaria vendo por conta própria. Abro a página dele quase todo dia.

Eu sou a adulta aqui: ela não pode se sentir culpada e não pode me ver desabar.

— Mãe. — Sua voz é baixa. — Está tudo bem. Eu sei que dói.

O nome da garota é Raffie Geras.

— Sim, mas não, não de verdade — tagarelo para Neeve. — Tipo, eu sabia em *teoria*, então está tudo bem...

Clico na página de Raffie Geras.

— Mãe! Não!

Ela é escocesa, pelo visto, Universidade de Edimburgo. Formou-se em 2002, então deve ter seus 35, 36 anos, não é? É jovem, mas não de um jeito absurdo. Imagine só se tivesse 19. Teria sido muito, muito pior.

— Mãe!

É advogada — advogada! Como posso competir com uma coisa *dessas*? Começo a descer a página...

— Pare, mãe!

Lá está ela, fazendo snorkel. Lá está ela, num barco. E... Ah, meu Deus. Meu Deus meu Deus meu Deus... É Hugh. Na cama. Dormindo. Coberto até o peito por um lençol branco, mas é óbvio que está nu. O cômodo é um quarto simples, típico do Sudeste Asiático. Um mosquiteiro de musselina está preso acima da cama, há persianas de madeira escura fechando a janela. E então vejo a legenda: “Gato irlandês na minha cama.”

Vou vomitar. Meus pés tocam o chão, e Neeve chega para o lado para liberar o caminho até o banheiro. Mal chego a tempo. Tudo no meu estômago sai de uma vez só. Passo um ou dois minutos jogada ali, esperando voltar ao normal, então escovo os dentes com desânimo e me arrasto de volta para a cama.

— Meu Deus — murmuro, fechando os olhos.

O ciúme é quente e intenso nas minhas veias. Eu começo a tremer, como se tivessem me injetado veneno.

— Mãe... — A voz de Neeve é hesitante, como se pedisse desculpas. O que foi agora? — Kiara e...

— As meninas! — exclamo, sentando na mesma hora.

Kiara e Sofie *não* podem ver a foto na página de Hugh. Porque vão acabar entrando na de Raffie Geras e descobrindo todo o resto.

— Exatamente! — diz Neeve. — Elas não podem ver isso. Hugh não deve estar sabendo que está marcado na foto dela. Você tem que avisar.

O que faço? Mando uma mensagem de texto? Falo pelo Messenger? Posso até ligar. Essa é a oportunidade perfeita. Só que não quero mais falar com ele — na verdade, acho que nem conseguiria. Um amontoado de sentimentos tóxicos se infla dentro de mim — uma mistura de tristeza, ciúmes, traição e fúria. Que ódio que sinto por ele.

— A melhor forma é pelo WhatsApp — diz Neeve. — Ele lê as mensagens. — Num tom pesaroso, ela acrescenta: — É o que Kiara e Sofie usam quando querem, sabe, falar com ele.

Que coisa mais humilhante.

Com dedos trêmulos, digito: **Por favor, peça para sua namoradinha Raffie desmarcar você na foto do Facebook. Que isso não se repita. Você prometeu que protegeria as meninas.**

— Deixa eu ver — ordena Neeve. Ela lê e concorda com a cabeça. — Está ótimo. Mande.

— É maldoso chamá-la de “namoradinha”? — pergunto.

— Quem se importa?

Envio a mensagem; Neeve e eu ficamos nos encarando.

— Não se sinta culpada — digo. — Meu Deus, não consigo respirar. — Puxo ar para dentro dos meus pulmões relutantes. — Estou tão cansada disso tudo. — Lágrimas de tristeza e fúria enchem meus olhos. — Mas você não deve se sentir culpada...

O telefone apita, e meu coração dispara. Meus olhos mal conseguem focar as palavras. **Desculpe. Vou apagar agora mesmo. Isso não vai se repetir. Bj, Hugh.**

Só isso? *Só* isso? Nada de perguntar como eu estou? Nenhuma negação de que a mulher seja sua namorada? Dois meses de silêncio, e ele me envia *doze* palavras? Achei que fosse impossível ficar mais magoada ou furiosa, mas, pelo visto, não é o caso.

— Me passa o telefone — diz Neeve.

Ela lê em silêncio e então me passa um travesseiro. Enfio a cara nele e grito.

62

Sábado, 5 de novembro, quinquagésimo quarto dia

— Por que você está assistindo a um jogo de futebol? — pergunta Neeve. — Tem alguma coisa a ver com papai?

— Qu... Ah! — Ela está falando de Richie Aldin. — Não. Não. É coisa de trabalho. Um cliente está na partida. Só queria saber como as coisas estão indo.

Sempre que mostram as arquibancadas, procuro Matthew e os filhos, mas não os vejo. Porém, convenhamos, tem um monte de gente lá.

Na noite passada, não consegui dormir nem por um segundo, literalmente. Passei horas e horas lendo o perfil de Raffie Geras. Entrei na página dos seus amigos, parentes, colegas de trabalho, e, hoje, estou cansada, enjoada e atordoada pelo choque.

Achei que tinha sido difícil quando Hugh foi embora, mas aquilo não foi nada comparado a isso.

A foto sumiu rápido da página dele, mas, analisando o perfil de Raffie Geras, o relacionamento dos dois não parece uma pegação casual. A impressão que passa é a de que eles estão tendo um *romance*.

Meus piores medos estão se tornando realidade: Hugh não vai voltar. Foi uma ilusão pensar o contrário — depois que ele teve um gostinho da liberdade e das novidades que tanto queria, já era.

Eu mantinha a esperança patética de que, depois de muitas transas casuais, ele começaria a sentir falta de uma conexão profunda e decidiria voltar para mim. Agora, vejo o desenrolar de uma situação que não considerei: Hugh conhecendo alguém especial durante a viagem e criando uma conexão com ela. No final das contas, ela é que vai oferecer a conexão que ele deve estar querendo.

Ele vai se apaixonar por essa mulher — se já não se apaixonou, o que parece ser o caso —, pedir o divórcio e se casar com ela.

E talvez seja isso que eu mereça — talvez a culpa seja minha, graças a minha enrolação com Josh Rowan.

Estou tão feliz de poder me afundar no trabalho. Por volta das seis da tarde, recebo as fotos de Matthew e os filhos no jogo; estão maravilhosas. Em cada imagem, ele se mostra bonito, amoroso, bondoso e carinhoso. Lá está ele, agachado para amarrar o sapato de Beata; falando com um ar solene e gentil com Edward; sentado com uma criança em cada joelho; batendo na mão de Beata para comemorar um gol do Fulham; abrindo um saquinho de uvas-passas com dedos desajeitados... Duas ou três o mostram rindo, mas, no geral, Matthew exibe um sorriso trágico maravilhoso — e autêntico.

Vai ser difícil escolher só vinte para o jornal. Dessas, só três ou quatro devem sair na versão impressa, mas talvez publiquem as outras no site.

Já sei que, depois que o público ver as imagens, a opinião geral sobre Matthew vai melhorar. E haverá uma *fila* para ocupar o lugar de Ruthie — nada é tão atraente quanto um pai amoroso.

É claro, ele não pode nem cogitar se aproveitar disso, porque precisa viver como um monge por enquanto. E estou com um pouco de medo de Matthew tentar se rebelar. Ele não fez nada de errado, mas, desde aquele sonho na outra noite, quando transamos na Marks & Spencer, comecei a vê-lo como um mulherengo canalha. O que é loucura.

— Sofie! — berra Neeve, do quarto. — Vem arrumar meu cabelo AGORA!

Escuto sons de correria e uma sensação de frenesi por trás da porta do meu quarto, porque hoje é a noite em que Neeve vai à porra do baile beneficente de Richie Aldin. Ela está mais nervosa do que se estivesse indo a um encontro. *Se ele magoar a minha filha...*

Neeve nunca teve um relacionamento longo. Bem, é claro que pode ter tido — sem dúvida a garota guarda bilhões de segredos de mim —, mas nunca trouxe ninguém em casa para ficarmos jogados na sala assistindo a clipes do Drake, como fazemos com Jackson.

De vez em quando, ela fica estranhamente chorosa e obcecada por alguém, mas nenhum desses casos progrediu até virar algo normal e tedioso — o que não é muito surpreendente. Há pouco tempo — para grande alegria de Kiara —, ela se envolveu com uma garota, mas acabou declarando que “estou na extremidade heteronormativa do espectro e me sinto, tipo, chata”. (“Ah, pelo menos você *tentou*”, consolou Kiara.)

Eu costumava ficar com medo de a aparente repulsa de Neeve a amores estáveis fosse culpa de Richie. Será que seus frequentes abandonos danificaram a capacidade dela de confiar nos outros? Agora, vejo que estava completamente enganada — que tipo de idiota se expõe a tanto potencial de sofrimento? É bem melhor para Neeve se dedicar ao trabalho e aos amigos, e, portanto, manter o coração em segurança.

Eu devia ter mantido o senso de equilíbrio que encontrei depois de ser largada por Richie. É errado dizer que me arrependo de conhecer Hugh, porque Kiara é uma dádiva na minha vida, mas, se tivesse permanecido a pessoa independente que fui um dia, agora não estaria passando por tanta agonia.

Kiara entra de repente no quarto.

— Mãe, venha! Traga seu kit de costura!

É como se eu fosse uma paramédica. O salto de Neeve prendeu na bainha do vestido e rasgou um pouco o tecido, e ela está tão desesperada que parece que acabou de escapar de um acidente de carro.

Nós a ajeitamos, deixando-a pronta para o baile, arrumada e tranquila. O vestido, uma peça assimétrica de renda preta e branca da Self-Portrait, é a coisa mais chique que ela já convenceu alguém a lhe dar por causa dos vlogs. Os sapatos, sandálias pretas com brilho, são imitações de um modelo da Dolce & Gabbana, e sua gargantilha de veludo preto é uma cópia daquela da Mark Jacobs que está na minha lista de compras atual. Seu belo cabelo louro-acobreado está preso num coque, acrescentando mais dez centímetros à sua altura.

— Mãe, estou bonita? — Sua ansiedade é uma tragédia.

— Está maravilhosa.

Mas o resumo da ópera é que não acredito que Richie Aldin vá continuar se sentindo culpado por muito mais tempo e abandonar seu estilo cruel e inconsequente de ser. Só posso torcer para que ele não magoe Neeve.

Pela milionésima vez no dia, aperto Atualizar. Nada ainda. Já passa de meia-noite, e estou esperando pela versão online do jornal ser publicada. A ideia de subir e passar outra noite sem dormir é tão insuportável que me sinto menos patética se fingir que preciso trabalhar.

Meu medo é que, apesar de suas garantias, o *Sunday Times* não publique as fotos de Matthew. Até elas estarem lá, de fato, não se pode confiar que um jornal vá cumprir as promessas. Qualquer coisa poderia nos minar — politicagem interna, os caprichos de um editor ou, é claro, alguma tragédia.

Tomo um gole de vinho, então outro de Gaviscon, aperto Atualizar mais uma vez, e, finalmente, lá está a edição de amanhã. Matthew aparece na página cinco, uma localização ótima, que garante visibilidade máxima. Dezesseis das vinte fotos estão no site, assim como uma matéria positiva que dá detalhes sobre as roupas aquecidas das crianças, o carinho evidente de Matthew e como os três pareciam felizes juntos. E a melhor parte é que não há qualquer menção a Sharmaine.

Então dou uma lida rápida na entrevista de Ruthie: várias alusões, mas nenhum fato incontestável. Fico satisfeita em declarar um empate midiático esta semana.

63

Segunda-feira, 7 de novembro, quinquagésimo sexto dia

Na noite de segunda, mamãe me convence mais uma vez a tomar conta de papai. Ela está radiante, muito bonita mesmo. O cabelo novo ficou maravilhoso, e suas orelhas exibem um lindo par de brincos. Bem, lindo para *ela*, com uma pedra azul cercada por pequenos diamantes. Eu jamais combinaria com algo assim.

— Que brincos chiques — digo.

— Uma loja mandou para Neeve, para mim! De graça! Só preciso postá-los no Instagram.

— Você não tem Instagram.

— Agora eu tenho. Neeve criou uma conta para mim. Ela faz tudo, tira as fotos e tal. Mas é muito divertido! Não consigo nem explicar o quanto estou feliz, Amy. Parece que acabei de começar a viver. E não se trata só do cabelo, dos vlogs e das minhas novas unhas vermelhas. — Ela mostra as unhas pintadas com o esmalte que dura duas semanas. — Mas tudo. Meus novos amigos e as gins-tônicas, tudo.

Algo me incomoda, o mesmo instinto que veio à tona recentemente.

— Fale mais sobre esses novos amigos. Todos são casados com pessoas que sofrem de Alzheimer? E por acaso tem algum homem nesse grupo?

Ela fica vermelha. De verdade.

— É claro que há homens. A lei das médias deixa isso claro.

— E quantos desses homens participam desses encontros?

Ela abre a porta da frente e enfia a cabeça na noite fria.

— Meu táxi chegou?

Dou uma olhada rápida. Não há nada lá fora.

— Então, quantos homens vão beber gins-tônicas?

— Neeve se divertiu na outra noite com aquele inútil do Richie Aldin?

Ela se divertiu à beça, pelo que parece. Por volta das três da manhã, entrou no meu quarto, elétrica de felicidade por ter conhecido vários amigos do pai e ser apresentada como filha dele.

— Mãe, pare de tentar me enrolar. Então, conte dos caras das gins-tônicas.

— Não é nada disso, meu amor. A gente só se diverte. E gins-tônicas são meu novo passatempo favorito. — E então: — Amy. — Ela segura meu pulso com uma força surpreendente e me olha nos olhos. — Na maior parte do tempo, papai está perdido no mundo dos malucos, mas há momentos em que retorna à consciência. Foi com ele que me casei, e, apesar de eu achar difícil lidar com as coisas, jamais o magoaria.

Na mesma hora, me arrependo. A vida de mamãe foi triste, e ela enfim está se divertindo. Seja lá o que estiver aprontando com seus brincos bonitos e suas gins-tônicas, não tenho nada a ver com isso.

64

Terça-feira, 8 de novembro, quinquagésimo sétimo dia

Hoje, o metrô da linha Piccadilly que pego em Heathrow fica vinte minutos parado dentro de um túnel, sem qualquer explicação, e chego atrasada no Home House.

— Seria esperar muito que Matthew Carlisle ainda não tenha chegado? — pergunto a Mihaela, a recepcionista.

— Ele já chegou — responde ela. — E está um gato. Na sala de reunião pequena do terceiro andar.

Subo correndo, peço mil desculpas, e Matthew Carlisle se levanta, se inclina na minha direção e me dá um beijo na bochecha. Seu rosto está barbeado, e ele cheira a mojito. Guerlain Homme, se não me engano.

— Hum, oi.

Essa é a primeira vez que nos encontramos desde aquele sonho sensual desconcertante, e me esforço para lidar com o homem real e não com o canalha que me seduziu num provador da Marks & Spencer.

Parado atrás dele está o irmão. A essa altura, não fico mais chocada em sempre encontrá-lo. Não preciso temer que Dante tente me beijar, o que acho ótimo. Em vez disso, ele acena bruscamente com a cabeça e solta um ríspido:

— Amy.

— Dante — respondo, e, apesar de tudo, sinto um prazer infantil ao vê-lo se retrair. *Nunca* vou chamá-lo de Dan.

— E aí? — Matthew parece feliz e esperançoso. — Você acha que as fotos deram certo?

— Não houve qualquer menção a Sharmaine — digo. — Com certeza começamos a mudar a opinião pública.

— Então podemos dizer que viramos a página? — Matthew parece radiante.

Rápido, começo a amenizar suas expectativas.

— As fotos foram um bom começo, Matthew. Mas não se esqueça do que sempre digo. O processo será longo e demorado.

— Longo e demorado? — Ele me fita com seus olhos charmosos. E, sinceramente, não sei se estou com ressaca do sonho, mas seu comentário parece sugestivo. — Tudo bem. — De repente, ele aparenta tristeza. — Que seja.

Limpo a garganta e me recomponho.

— Seguindo o ritmo das fotos, consegui ingressos para você e as crianças irem à pré-estreia do novo filme da Disney terça à noite. Não precisamos avisar aos paparazzi, haverá fotógrafos oficiais. E equipes de telejornais locais, então fale com os jornalistas. Preparei algumas declarações inofensivas. Não improvise muito.

— Tudo bem.

— Que tal uma viagem para a Lapônia no início de dezembro? Para conhecerem o Papai Noel. Você e as crianças?

— Hum, claro.

— O *The One Show* já concordou em entrevistar você sobre a viagem.

Continuo listando várias outras propostas, todas partes do mosaico que vai formar o novo e reformulado Matthew Carlisle.

— Certo, agora preciso mesmo voltar ao trabalho — diz Matthew.

— Tudo bem. Vejo vocês dois em Brighton, na sexta.

65

Quinta-feira, 10 de novembro, quinquagésimo nono dia

“Praia deserta, Koh Samui” é a legenda da foto mais recente no Facebook de Raffie Geras. Hugh e ela estão sentados na areia branca e macia. Raffie está acomodada entre as pernas dele, as costas contra sua barriga, sendo abraçada. Os dois estão rindo — e por que não estariam, considerando sua proximidade à água turquesa cristalina e ao matagal de palmeiras?

Pelo visto, a praia não devia estar *tão* deserta assim se encontraram alguém para bater a foto. Isso me causa uma satisfação amargurada até eu entender que a câmera simplesmente deve ter um timer.

Mais imagens românticas e tropicais surgem todos os dias. Quase dá para *sentir* o calor úmido e sensual de Koh Samui emanando das fotos. Aqui não para de chover, e o céu já está escuro às quatro e meia da tarde.

Fico com uma vontade louca de enviar uma foto de mim mesma, sentada à minha mesa, emburrada, com a legenda: “Escritório deserto, Dublin chuvosa e fria.”

Ei, para contra-atacar o fluxo contínuo de letargia tropical preguiçosa que ela posta, talvez eu devesse bombardear os dois com fotos da minha vida!

“Tomando banho frio porque o aquecedor quebrou, não tenho ideia de como consertá-lo e isso era tarefa do meu marido.” E sempre dá para usar o “Assistindo a *Dentro da Mente dos Assassinos em Série Mais Perversos do Mundo* com meu pai que sofre de Alzheimer e insiste que pareço uma Myra Hindley morena.” Que tal?

Mas não posso, de jeito nenhum, perder a cabeça por causa disso. Preciso manter a sanidade pelas meninas.

— O que houve? — Alastair entra no escritório.

— Onde você estava? — Faz mais de uma hora que estou sozinha aqui e não gosto nada disso.

— Fazendo um tratamento masculino de beleza. Para Brighton amanhã. Preciso estar nos trinques.

— As coisas não deram certo com Sharmaine King? — E então: — *Essa* deve ter sido a pergunta mais ingênua que já fiz. Desde quando isso seria empecilho para você?

— Dá licença, sou viciado em monogamia. — Ele está todo indignado. — Não traio minhas namoradas. E Sharmaine partiu meu coração.

— E é por isso que você precisa estar nos trinques amanhã?

— Ah, veja bem, a vida continua. Mas, sim, Sharmaine não me quis.

— Foi a primeira vez na vida que isso aconteceu?

— Claro que não. Sempre me apaixono por mulheres que não me querem. Que nem sabem que eu existo! — De repente, ele vê a foto na minha tela. — Ah, merda, Amy. Pare de vigiar os dois.

Bem que eu queria conseguir.

— Estou pensando em mandar fotos da minha vida para eles. Tipo: “Voltando para casa depois de trabalhar por onze horas para descobrir que não tenho nada para comer, nem queijo, porque meu marido, que costumava buscar a encomenda mensal do clube para mim, agora está na Tailândia, trepando com uma garota.”

— Ah, Amy.

— Ou: “Eu, louca com a possibilidade de que minha mãe esteja tendo um caso.”

— O quê? Lilian O’Connell, mãe de cinco, tendo um caso?

— Fique longe dela, seu tarado.

— Não podemos mais ter heróis neste mundo vazio e cruel? Ela não está mesmo tendo um caso, está?

— Provavelmente só está aproveitando a vida. Melhor para ela. Já são cinco horas?

— Faltam vinte minutos.

— Ótimo. — Pego minha bolsa. — Já chega por hoje. Vou fazer uma escova no cabelo e depois ir fofocar com Derry.

— Mande um beijo para ela.

Estreito os olhos.

— Fique longe da minha família.

— A gente se vê no aeroporto amanhã.

* * *

— E eu me sentia tão culpada por causa da história com Josh Rowan! — desabafo com Derry. — Agora, estou furiosa por não ter transado com ele.

— Então transe com ele agora — diz Derry.

— Como? Faz mais de um ano que não nos vemos. *E* ele é casado. Mas vou te contar: agora entendo por que Steevie queria que o pau de Hugh ficasse molenga e verde.

Minha raiva tem proporções épicas. E, por trás dela, há uma sensação de perda tão enorme, tão terrível, que não consigo nem pensar.

— Vocês duas já se falaram de novo?

— Ela desfez nossa amizade no Facebook. Em qualquer outra semana, eu ficaria arrasada, mas não tenho forças agora.

— Vocês vão se entender.

— Não sei, Derry. Nem acho que tenho vontade. E outra coisa. Tenho certeza disto: não quero mais saber de Hugh. Talvez, se eu não tivesse visto as fotos, a gente poderia se acertar. Mas essa esperança era tão ingênua que chegava a ser ridícula.

Derry dá de ombros. Ela sempre achou isso.

— Mesmo que Hugh volte e ainda me queira, coisa que duvido, nunca vou conseguir superar algo assim.

— Você é forte — diz Derry. — E vai conhecer outra pessoa.

— De jeito nenhum. *Nunca mais* passo por isso de novo. Der, me conte como é bom ser solteira.

— É incrível, de verdade. Chego em casa, bato a porta, e só tem *eu*.

— Você não se sente sozinha?

— Nunca.

Existem outras formas de viver. Guardo essa informação para mais tarde.

Um dos meus muitos medos sobre ficar solteira na minha idade era acabar me tornando uma daquelas mulheres serenas e nada glamorosas. Meu cabelo seria curto e livre de tinturas, então minha cabeça ficaria toda espetada e grisalha. Eu acordaria às seis da manhã todos os dias, agradeceria pelas dádivas na minha vida, e, no casamento de Kiara, seria a mãe da noiva atraente porém envelhecida, como a galera da ioga, com rugas bonitas e nenhuma papada. Essas mulheres geralmente têm mandíbulas surpreendentemente esticadas, com a pele limpa e brilhante, como se passassem galões de ácido ascórbico na cara, apesar de você saber que não é o caso, porque só usam linhas de produtos naturais que não fabricam nem creme antirrugas.

Não quero ser essa mulher. É bem melhor ser uma doida bêbada cheia de Botox. Pelo menos ainda haverá vida em mim.

E agora vejo que não preciso me transformar numa das moças da ioga — Derry ainda é glamorosa.

— Acho que não conseguiria mais morar com outra pessoa — diz ela. — Eu me acostumei a só agradar a mim mesma. — Derry já teve relacionamentos longos, o equivalente a casamentos. Ela sabe do que está falando. — Além disso, se você se sentir sozinha, sempre pode conhecer um homem novo.

— Você está falando de sexo — digo. — Como eu teria coragem de fazer isso com alguém diferente? Tipo, veja só o meu estado de velhice.

— Se você gosta de alguém, e a pessoa também gosta de você, a paixão toma conta, e ninguém se importa com aparências. Falo com tranquilidade, Amy. Nós, mulheres, na perimenopausa, estamos *cheias* de energia sexual.

— Eu, não. Estou mais interessada em ter alguém para assistir à televisão e comer batatas fritas. Juro, Derry, alguns dos momentos mais felizes na minha vida foram passados no sofá, assistindo a alguma série com Hugh. Tipo, na época, eu não sabia que minha vida era perfeita, mas era.

— Você está acostumada a ser casada, mas pode se desacostumar. Um dia, vai deixar de se importar com Hugh.

— Apesar de tudo que ele fez, acho que isso seria muito triste.

— Parece triste *agora*. Mas dê um tempo. Não seja tão dependente.

— Existe uma diferença entre dependência e uma interdependência mútua saudável.

Ela me olha com um ar especulativo.

— A revista de psicologia de novo? Quer saber? Aconteceu. Ele foi embora. E, antes disso, você estava aprontando por aí. Eu sei! — Ela interrompe meu protesto com a palma da mão erguida. — Você nunca transou com Josh Rowan. Mas, Amy, foi uma traição emocional. Pense um pouco. Pense *bem*. Você queria algo que não recebia de Hugh e sua “interdependência mútua saudável”.

66

Sexta-feira, 11 de novembro, sexagésimo dia

— O que achou do seu quarto? — É Alastair no telefone do hotel.

Observo minha cama de solteiro horrorosa e o banheiro apertado.

— Uma merda. E você?

— Mesma coisa. O lugar ideal se você estiver pretendendo explodir os miolos. Como é a sua "vista"?

— Uma parede suja a uns quinze centímetros da janela.

— Mesmo assim! Que bom que viemos.

E, na verdade, é bom mesmo. Decidi me esforçar para ser positiva sobre minha nova normalidade, e vir ao Prêmio da Mídia em Brighton é algo positivo. Quero estar perto de pessoas bêbadas se divertindo. Quero dançar e aproveitar minha vida e ficar acordada até tarde e rir. Quero me distrair, me comunicar com outros seres humanos, saber que ainda estou viva.

— Vamos beber no bar — diz Alastair. — Dar uma olhada em quem já chegou.

— Tenho uma reunião rápida com Matthew Carlisle.

— Ah, a conversa motivacional. Sim, escute, o hotel está cheio de paparazzi. Ele precisa ficar bem-comportado mesmo.

É verdade. Mas Matthew é ingênuo num nível *preocupante* e precisa ser lembrado o tempo todo sobre a importância das aparências.

Meu quarto-armário fica no anexo do porão, e tenho que subir dois lances de escada para chegar ao saguão e pegar o elevador até o quarto de Matthew, no último andar.

O hotel está cheio de gente, e o pessoal já começou a beber. Depois de esbarrar com algumas pessoas que não vejo há séculos, me pergunto, pela enésima vez, se Josh está aqui. Seria estranho vê-lo; até pensar nele é doloroso.

O último andar parece outro mundo, com luz, ar e corredores largos. O quarto de Matthew fica bem no final. Bato à porta de carvalho claro, e, ah, meu Deus, escuto um clique e vejo o brilho de um flash vindo de trás de mim! Um fotógrafo!

Seja lá quem for, o sujeito está escondido duas portas depois da de Matthew. Volto pelo corredor e dou uma batida rápida à porta. Quando ninguém aparece, grito:

— Sou Amy O'Connell, *relações-públicas* de Matthew.

A porta abre. É um paparazzo. Eu o reconheço vagamente e começo a rir, porque aquela situação é tão louca.

— Len... ah, Lenny? Certo, Lenny. Sou relações-públicas dele, seu bobo. Amy O'Connell, você me conhece!

Emburrado, Lenny diz:

— Ele pode estar se engraçando com você.

— Não está. — Continuo rindo. Deve ser a adrenalina. — Ele não está se engraçando com ninguém.

Lenny parece desanimado.

— Mas todo mundo vai estar se engraçando hoje — digo. — Você não vai voltar para casa de mãos vazias. Certo. Tchau.

Dou outro pá-pá-pá na porta de Matthew e, depois de dez segundos, escuto o som de passos apressados. Então a porta se abre.

— Desculpe! — A camisa de Matthew está amarrotada, e ele parece atordoado de cansaço. — Caí no sono. Entre.

— Ah, que *bonito*.

O quarto dele é uma suíte. Há uma sala de estar com dois sofás e poltronas, e o lugar todo é inundado por uma luz azul.

— Recebi um upgrade. — Ele esconde um bocejo.

Corro para a janela.

— Vista para o mar!

— A do seu quarto não é igual?

Eu rio.

— Tive sorte de conseguir uma cama. Então? Onde está Dante?

Imagino que escondido no armário.

Matthew sorri.

— O quarto de *Dan* fica em outro andar.

Sim, isso é bem provável. Dante deve ter sido jogado no Anexo Merda junto comigo e os outros zés-ninguéns.

— Quer café? — pergunta Matthew. — Ou outra coisa? — Ele gesticula para um aparador. — Veja. Tenho um bar cheio de bebidas.

— Credo, não. A noite vai ser longa. Aceito um café.

O quarto tem até uma máquina da Nespresso!

Ele leva duas xícaras até a mesa ao lado do sofá.

— Tudo bem — diz ele, focando seus olhos castanhos em mim. — Então, as instruções para hoje à noite. Nada de mulheres?

— Ah, você prestou *mesmo* atenção. Sério, discrição perto de qualquer pessoa do sexo feminino.

— Nada de danças lentas na festa? Nada de dançar agarradinho?

— Nada de festa.

— O quê? Mas é a tradição.

— Fotos de você alegrinho e se divertindo? Não, Matthew. — Hora de pegar pesado. — Tem um fotógrafo hospedado num quarto a duas portas do seu.

Ele empalidece.

— *Por quê?*

— Porque você é o marido de Ruthie Billingham. Porque Ruthie continua fazendo insinuações por aí. A imprensa, o público, todo mundo quer fotos incriminadoras.

Ele leva as mãos ao rosto.

— Quando esse pesadelo vai acabar?

— Não sei. Mas prometo que vai. Enquanto isso, aguente firme.

Ele dá um suspiro longo e exausto.

— Outra coisa, Matthew. Digamos que você não vença hoje?

— Você quer dizer “no caso improvável de isso acontecer”? — Ele tenta dar uma piscadela nada convincente.

— Exatamente! Você precisa sorrir. Muito. Bata palmas com entusiasmo.

No mundo das relações públicas, é quase melhor perder de forma graciosa do que vencer.

— Entendi. — E então: — Você acha que não vou vencer?

— É claro que você vai vencer.

Não vai. O prêmio já é de Jeremy Paxman.

— Não o Paxman?

— Não o Paxman.

— Aposto dez pratas.

— Combinado. — Merda. Perdi dez pratas. — Enfim, o que você vai usar hoje? — O traje é black-tie. — O terno é alugado?

— É meu mesmo.

— Quero ver.

É da Zara Man. Pelo menos não é nada ajustado à perfeição de alguma marca feito a Gucci. Ainda assim...

— Tente não parecer muito bonito, está bem?

— Como faço isso?

Não sei se rio ou choro.

— Até logo, Matthew.

Lá embaixo no bar, Alastair está esperando, e Tim se juntou a ele.

— Como está Matthew? — pergunta Alastair.

Balanço a cabeça.

— Se... — É difícil encontrar as palavras certas. — Se... sim, se ele tivesse senso de humor, seria o homem mais trepável do planeta. — Algo surge na expressão de Alastair, e, exasperada, pergunto: — O quê?

— Tenho senso de humor? *Eu* sou engraçado, não sou?

Arregalo os olhos.

— Engraçado de um jeito *peculiar*. — Paro para pensar. — E mais carente que o normal.

Então, para minha grande surpresa, Tim — Tim! — pergunta:

— Você tem uma quedinha por Matthew Carlisle?

— Hum, não.

Sinto que estou corando, porque *Tim*... Não gosto de falar sobre meus sentimentos com ele.

— Eu só me sinto bem quando tenho uma paixonite de trabalho — diz ele.

Estou sem palavras! O máximo que consigo dizer é:

— Mas você e a Sra. Staunton...

Sério, ele responde:

— Tenho certeza de que a Sra. Staunton também tem suas paixonites de trabalho.

— Mas você não faz nada com suas paixonites, não é?

Ele me lança um olhar travesso, então pisca — *pisca*!

— Você está me sacaneando — digo, e me viro para Alastair. — Ele está brincando, não é?

— E eu que sei? Estou mais chocado que você.

— Por favor, Tim, não nessa semana. Preciso de algo, de alguém, com quem eu possa contar. Por favor, diga que está brincando.

— Estou brincando — responde ele, sério.

Mas não sei se acredito.

67

— E, agora, para apresentar o prêmio de Melhor Comentarista Político do Ano, vamos receber...

Essa é a categoria de Matthew, e não é surpresa nenhuma quando Jeremy Paxman vence. Matthew se levanta num pulo, bate palmas de forma escandalosa, assobia e então acena a cabeça para mim do outro lado do salão imenso, gesticulando com a boca: “Você me deve dez pratas.”

Dante Carlisle segue o olhar do irmão e, quando me vê, fecha a cara. Jogo um beijo para ele.

Quando finalmente terminam de entregar os prêmios, a parte divertida da noite começa. Pretendo passar de mesa em mesa, conhecer um monte de gente, ir à festa e dançar até me expulsarem.

Mas, primeiro, é melhor eu ir lamentar com Matthew e dar a ele o dinheiro da aposta.

Ele está sozinho na grande mesa redonda. Todo mundo deve ter ido correndo para o bar.

— Que pena — digo.

— Eu avisei que Paxman ia ganhar.

Matthew tenta abrir um sorriso, mas não consegue manter a expressão por muito tempo.

— Você está bem? — Ele queria vencer tanto assim? Nervosa, sento na cadeira ao seu lado. — O que houve?

— É só que... Sinto falta da minha mulher. — Ele fica de costas para o salão e me encara. Seu olhar está cravado no topo da mesa. — Ainda não acredito que ela me largou.

De olhos arregalados, faço que sim com a cabeça.

— Todo dia quando acordo, há um momento em que finjo que nada aconteceu. Então tenho que encarar a realidade, e a sensação de perda... É como se eu tivesse voltado a ser criança, na época em que meu pai foi embora.

Só posso continuar assentindo. Que agonia.

— Não é só de Ruthie que sinto falta. É da nossa família, de nós quatro.

Agora, quero que ele pare de falar.

— Como o Jardim do Éden antes da queda. Éramos perfeitos, mas acabou.

Hugh me amava, amava a todas nós — a mim, Neeve, Sofie e Kiara. Nós éramos uma família feliz. Não foi só ele que perdi, mas tudo, toda a dinâmica especial entre os cinco.

Sinto um nó na minha garganta.

— As pessoas achavam que eu tomava conta de Ruthie — diz Matthew. — Mas ela tomava conta de mim, a gente tomava conta um do outro, e... Você está bem? Amy? Você está bem?

— Estou.

Faço que sim com a cabeça, apesar de as lágrimas estarem escorrendo pelo meu rosto.

— Meu Deus! O que foi que eu disse?

— Nada. Desculpe. Que vergonha.

Seco meu rosto com as costas da mão.

— Quero saber. Por favor. — A testa dele está franzida de um jeito tão belo. — Por favor.

Sei que isso não é nada profissional, mas estou arrasada.

— Posso mostrar uma coisa?

— É claro.

Toco meu telefone algumas vezes e desço a tela até encontrar a foto mais recente de Raffie, que mostra ela e Hugh num deque, enroscados um no outro.

— Está vendo esse homem? O homem com essa mulher? É meu marido.

— Mas ele...

— Pois é. Com outra. Estão na Tailândia.

— E... o quê? Como você sabe disso?

— Estamos dando um tempo. Bem, ele está. Por seis meses. Vai voltar em março. Só que não vai, né? Quer dizer, você voltaria?

O rosto de Matthew se enche de pura preocupação.

— Amy, quer ir embora? Terminar a noite mais cedo? Ninguém vai perceber. Venha, acompanho você até seu quarto.

De repente, perdi toda a energia, toda a força, e só quero fugir.

— Tudo bem.

Nós nos levantamos, e Dante surge do nada, trazendo bebidas.

— O que houve?

— Amy está cansada. Vou levá-la até o quarto.

Os olhos de Dante passam do meu rosto para o do irmão, e então voltam para mim.

— Eu levo você. — Ele coloca as bebidas sobre a mesa. — Fique aqui, Matthew.

— Não. — Não quero que Dante chegue perto de mim.

— Sim, mas...

— Volto em cinco minutos — diz Matthew. — Fique aqui.

Enquanto nos afastamos, pergunto:

— Qual é o problema do seu irmão? Ele é apaixonado por você?

Matthew solta uma risada seca e rápida.

— Algo assim.

Ah, meu Deus. Meu Deus, meu Deus, é Josh Rowan. Parado na porta do salão, conversando com alguém. Ele me viu, seus olhos estão cravados em mim. Achei que não fosse querer encontrá-lo. Achei que havia culpa demais associada à ideia dele. Mas, agora que o vejo, tudo volta — o interesse, o desejo, a vontade de que as coisas pudessem ter sido diferentes.

Vejo meus próprios anseios refletidos no rosto dele. Por um bom momento, apesar dos festeiros animados, é como se só houvesse nós dois ali. Consigo sentir suas emoções, e tenho certeza de que ele sente as minhas. Sem nos falar, estamos nos comunicando, e é como se os dezesseis meses desde a última vez que nos vimos tivessem deixado de existir.

Um bêbado, com a cabeça semelhante a uma bolha de sangue, joga um braço ao redor do pescoço de Josh, grita animado na cara dele, puxa-o para longe, e os dois somem de vista.

Quando Matthew e eu passamos pela porta, analiso o saguão lotado em busca dele, mas não o encontro. Matthew é muito eficiente, levando-me pelas escadas e então passando o cartão na porta e enfiando a cabeça no quarto.

— Só quero ver se não há ninguém escondido embaixo da cama — diz ele. E então: — Ah, meu Deus, parece uma cela!

— Está ótimo.

— Não, é terrível. Não posso deixar você aqui. Vamos ficar um pouco no meu quarto. Podemos beber alguma coisa.

— Não, não. — Não tenho forças para isso.

— Um drinque. Não quero ficar sozinho, não, me sentindo desse jeito. Você estaria me fazendo um favor.

— Ah, dane-se — digo. — Tudo bem.

Alguém passou no quarto de Matthew para arrumá-lo para a noite: a luz está baixa, e uma música clássica baixinha toca ao fundo. Vou até a janela. Agora, está escuro demais para ver o mar, mas ainda consigo escutá-lo, fazendo seu ruído de sempre. O som é tranquilizador.

— Sente. — Matthew indica o sofá e começa a analisar a fileira de garrafas no aparador. — O que quer beber?

— Vodca, acho. E Coca diet.

Ele serve uma dose generosa num copo de fundo pesado e se junta a mim no sofá.

— Então, pode contar.

Tomo um gole da bebida, abro a boca e solto toda a minha tristeza. Meu copo esvazia com uma rapidez impressionante, e Matthew o enche de novo, incentivando-me a falar mais.

— Na verdade, chega — digo. — Acho melhor parar. É exaustivo ficar reclamando, e estou cansada de me sentir triste.

Lá de fora, ouço o som da música — a festa deve ter começado. De repente, meu humor muda.

— Ei, Matthew, não adianta ficar se lamentando! Vamos para a festa, quero dançar.

Estou um pouco bêbada, mas, surpreendentemente, fico alegre, não chorosa.

— Não posso ir à festa — responde ele. — Foi o que você disse.

Bato na boca.

— Ah, meu Deus, me desculpe! — Depois de uma pausa desconfortável, exclamo: — A gente podia fazer nossa própria festa aqui, colocar umas músicas. Sério! Vai ser divertido!

A culpa está motivando meu entusiasmo.

Matthew começa a mexer no aparelho de som do quarto, e um som dançante que quase reconheço começa a tocar. Então escuto “Groove Is in the Heart” e fico ainda mais animada.

— Ah, eu ADORO essa música! — Fico em pé num pulo e tiro os sapatos. — Aumente! Matthew, aumente!

Na mesma hora, o som se torna dez vezes mais alto e faz as paredes pulsarem. As batidas tocam dentro de mim, a melodia me envolve, e me sinto *viva*. Giro pelo quarto, e, por um instante, todas as minhas preocupações desaparecem. As únicas coisas no mundo somos eu e a música, e estou feliz e livre.

Então noto que ele está me observando dançar com uma expressão tensa e imóvel. Seu corpo está relaxado sobre o sofá, os braços esticados sobre o encosto. A gravata preta desapareceu, a camisa tem três botões abertos — não lembro quando isso aconteceu —, e, do nada, fico superconsciente do clima*. É como se eu estivesse fazendo uma dança erótica para ele.* A ideia me deixa excitada, desconfortável, e então uma mistura estranha dos dois.

— Mais alto! — digo.

Movendo apenas o braço, ainda me observando com avidez, ele estica a mão para trás e, sem olhar, gira o botão do volume.

Não aguento seu olhar silencioso.

— Venha dançar. — Pego suas mãos e o puxo para fora do sofá.

Matthew está em pé agora, mas continua sem se mover, apenas me observando.

— Dance comigo — diz ele.

— *Estou* dançando.

— Não, você está dançando *para* mim. Quero que dance *comigo*.

Ele tenta me pegar pela cintura, mas me desvencilho. Só que ele vem por trás de mim, passa as mãos pelas minhas costas e me puxa contra si.

— Não!

Não quero diminuir o ritmo, não quero parar. Mas, num gesto fluido, Matthew afasta meu cabelo para o lado, enterra o rosto no meu pescoço e me dá uma mordida rápida. De repente, minha atenção foi tomada. Parei de dançar.

Sussurro:

— O que foi isso?

Quero me afastar, mas os braços dele estão firmes contra as minhas costas e, presa em seu campo magnético, tudo que posso fazer é encará-lo.

Seu rosto está chegando perto do meu. Uma das mãos foi parar atrás da minha cabeça e me aproxima da dele. E então sua boca está na minha, ele está determinado, as coisas não vão parar por aqui...

Eu me solto dos seus braços.

— Não podemos... Não posso!

Estou arfando, ele está arfando. Sua camisa está amarrotada, e os olhos, selvagens.

Matthew geme, e repito:

— Não podemos.

Eu me afasto, aumentando a distância.

— Por que não?

Porque... porque eu não quero.

Estou um pouco bêbada, em choque, mas tenho certeza disso.

— Não estou arrependido. — Ele dá um passo na minha direção. — Queria fazer isso há séculos.

— Sério?

— Desde a primeira vez que vi você.

São palavras bonitas, eu devia me sentir lisonjeada, mas não é o caso...

— E Ruthie?

— E o seu marido? A gente pode consolar um ao outro.

Não. De jeito nenhum.

Meu telefone toca, me dando um susto. É Alastair.

— Cadê você? — pergunta ele.

— Por quê?

— Você está com Matthew Carlisle?

— Sim.

— Venha me encontrar no saguão agora. — Ele parece furioso. — Se você não descer, vou subir para te buscar.

Viro na direção da porta — e Matthew bloqueia meu caminho.

— Não vá.

Por uma fração de segundo, penso que isso é para ser lisonjeiro, mas, de repente, ele parece uma figura ameaçadora.

— Você me disse para ficar longe de outras mulheres — diz ele. — Então vai ter que...

Ah, meu Deus. Ah, meu Deus, que horrível. E assustador.

— Se eu não descer agora — minha voz está trêmula —, Alastair vai vir me buscar.

O rosto de Matthew se obscurece de raiva impotente.

— Então vá.

Sua boca se retorce, amargurada.

Alastair me espera com Tim e Dante Carlisle no saguão lotado.

— Aqui. — Ele nos guia até um sofá, e nós quatro sentamos. — Você chegou aos finalmentes? Chegou?

— Com Matthew Carlisle? Isso não seria só da minha conta? — pergunto.

— Não — diz Alastair. — Em primeiro lugar, ele é nosso cliente.

Meu Deus, como se ele pudesse falar alguma coisa.

— Em segundo lugar — diz Dante —, ele está tendo um caso com Sharmaine King.

Ah.

— Sinto muito, Ames — diz Alastair. — É verdade.

— Como você sabe?

— Ela não queria, sabe, ir para a cama comigo, e não me dizia o motivo. Mas imaginei. Quando nosso amigo Dante me contou, liguei para ela. Sharmaine confirmou.

Minha cabeça está tentando acompanhar.

— Foi por isso que Ruthie o dispensou?

— Foi a gota-d'água — conta Dante. — Ele teve um caso com todas as babás.

— O sujeito não consegue se controlar. — Alastair quase soa pudico.

— E há outras mulheres também — continua Dante. — Sempre.

— Mas ele ama Ruthie.

Bem, pelo menos passa muito bem essa impressão.

— Ama *mesmo* — diz Dante. — Essa é a pior parte.

— Então por quê...

— Ele é tarado. — O tom de Alastair é crítico.

— O sujo falando do mal-lavado. — É a primeira vez que Tim fala. Sua voz está rouca. Qualquer resquício do Tim piscante desapareceu.

— Ele é bem pior que eu. — Alastair está falando sério. — Dante tem várias histórias.

— Acho que seria mais politicamente correto chamá-lo de “viciado em sexo” — diz Tim —, em vez de “tarado”.

Eu me viro para Dante.

— Por que você não me contou?

— Ele é meu irmão. — Dante faz um gesto desamparado. — Mas tentei impedir que vocês ficassem sozinhos. Não queria que trabalhassem juntos, mas ele insistiu.

Talvez isso explique sua antipatia.

— Achei que você só não gostasse de mim.

— Não mesmo. Não gosto de você.

Tim interfere:

— Por que não? — Ele parece irritado.

— Ela é mandona. Tudo tem que ser do jeito dela.

— Se Amy fosse homem, você a chamaria de eficiente.

Tenho uma dúvida.

— Então ele estava mentindo quando disse que Ruthie está com Ozzie Brown há dois anos e meio?

— Não. Isso é verdade.

— E Greta? — pergunto. — Greta, do trabalho de Matthew? Ele já... sim? Ah, meu Deus. — Eu sabia. O jeito canalha como ele se comportou no meu sonho. E, apesar de toda a estranheza da noite, preciso me dar os parabéns. Tirei dez no quesito intuição. — Então, o que vai acontecer agora?

— Você vai parar de trabalhar para ele imediatamente. — Tim é enfático.

— Mande a conta das horas não pagas — diz Dante. — Eu dou um jeito em tudo. E desculpe o transtorno.

— A culpa não é sua se seu irmão não consegue controlar a cabeça de baixo. — Dá para ver que Alastair nunca se sentiu tão moralmente superior.

Dante me oferece uma das mãos e diz:

— É um prazer não ter mais que trabalhar com você.

— Igualmente — respondo.

Depois que ele some no meio da multidão, Alastair diz:

— Sinto muito, Amy, se você achava que tinha alguma coisa rolando com Matthew.

— Eu não achava.

Matthew é bonito, mas não sei... Não é atraente. Não para mim, pelo menos. Algo me deixava desconfiada.

— Pelo que fiquei sabendo, ele pega qualquer coisa. — Alastair balança a cabeça, pesaroso.

— Ah, Alastair. — Tim é seco. — Talvez esta seja a noite mais feliz da sua vida.

— Bem, eu vou para a festa, dançar The Killers — digo. — Vocês dois vêm?

Pode ser que Josh esteja lá, pode ser que não, mas, agora, tudo que quero é encher a cara e dançar.

68

Sábado, 12 de novembro, sexagésimo primeiro dia

O calor me acorda. Sinto como se estivesse *assando* neste quarto de hotel minúsculo, parece que estou sendo queimada viva num forno, e, mesmo mal sendo sete da manhã, preciso sair daqui.

Tomo um banho rápido, penteio o cabelo e passo batom, visto meu casaco e atravesso o saguão, ainda ocupado por gente aleatória com as roupas da festa de ontem, até chegar ao lado de fora.

O céu está pintado de malva e azul-marinho — o dia em breve vai clarear de verdade —, e a brisa é agradável e fresca. Sigo na direção do mar: quero ouvir as ondas e respirar o ar salgado. Sinto as pedras sob os saltos altos demais das minhas botas enquanto caminho até a beira da água. Não há ninguém aqui além de mim — o hotel inteiro ainda deve estar dormindo um sono profundo e alcoolizado. É um milagre eu estar acordada. Dancei feito louca com Alastair durante horas e horas, e eram quase três da manhã quando caí na cama.

Veja bem, não me sinto completamente alerta. Estou naquele estado meio aéreo causado pela ressaca, quando tudo parece um pouco distante, quase como se eu estivesse assistindo a um filme sobre minha vida.

As ondas calmas e tranquilas não me agradam. Ondas enormes e violentas ajudariam mais a clarear minha mente.

Eu me enganei sobre Matthew Carlisle, o que é decepcionante. Dei início à redenção de um homem que não a merecia. E perder uma fonte de renda é chato, ainda mais com o Natal chegando. Pelo menos não transei com ele. Temos que nos contentar com as pequenas vitórias.

Pela praia, uma pessoa surge na escuridão e se aproxima de mim. Mais alguém que acordou cedo e está andando para curar a ressaca. É um homem alto, num sobretudo escuro com a gola levantada para se proteger do frio. No meu estado atordoado e sonhador, quase me convenço de que ele é fruto da minha imaginação. É Josh.

Nossos olhares se encontram, andamos na direção um do outro e, quando estamos separados por apenas alguns centímetros, paramos. Nenhum de nós sorri.

— E então? — diz ele. — Como vai?

Apesar de fazer mais de um ano desde a última vez que nos falamos, pulamos toda a enrolação de uma conversa educada e passamos direto para a intimidade que tínhamos naqueles almoços que não deviam ter acontecido. E não sei como, mas ele sabe sobre Hugh.

— Hum, meu casamento anda meio complicado.

Os olhos dele se enchem de pena.

— Pois é.

Aperto meus lábios. Estou com vergonha.

— Não fiquei te vigiando — diz Josh. — Mas ainda penso em você, e, de vez em quando... dou uma olhada no Facebook. Tem dias em que não consigo resistir.

Dou de ombros.

— Como vão as coisas com você?

— Na mesma.

— Sua mulher continua sem te entender?

— Pare com isso.

— Desculpe — digo. Enfática, continuo: — Desculpe, sério. É a culpa que eu sinto.

— Você não fez nada de errado.

Isso não é verdade.

— Fico me perguntando se Hugh foi embora por minha culpa. Se ele sabia, no fundo, que estava sendo traído. Porque eu o *traí*, mesmo que a gente nunca tenha feito nada.

O vento sopra um ar frio, espirrando água do mar em mim, mas não me movo. É um alívio estar cara a cara com Josh e conversar sobre isso.

— Posso fazer uma pergunta? — começa ele. — Se você não fosse casada e eu não fosse casado, será que...?

Penso a respeito, de verdade.

— Não sei se nossos temperamentos combinam. — Eu nunca seria tão sincera se não fosse o distanciamento causado pela ressaca. — Mas a atração, a coisa física, como quer que você queira chamar, era bem, hum, forte.

Algo brilha nos olhos de Josh.

— Sim. Era. — E então acrescenta: — Ainda é. Pelo menos no meu caso.

Cansada, admito:

— Para mim também.

— Certo, ah... — Ele engole em seco. — Então, o que a impede agora?

Muito pouco. Já perdi meu casamento.

— Sua mulher.

— Você quer que eu me separe?

— Meu Deus, não! Pelo contrário.

Talvez seja a desilusão após as revelações sobre Matthew Carlisle. Descobrir a verdade sobre ele, logo depois de ver as fotos de Hugh, me faz pensar que a monogamia é um caso perdido. Parece que ninguém é capaz de ser fiel a uma única pessoa. Nem Hugh, nem Matthew, nem Josh, talvez nem Tim.

Parece que o mundo virou cinzas, e sinto, neste momento, que tenho muito pouco a perder. Bem, exceto essa imagem que tenho de mim mesma como uma pessoa decente. O que provavelmente já não basta para me impedir.

Quando comecei a ficar obcecada por Josh, minha esperança era de que algo mágico acontecesse para me livrar de todas as questões éticas. Mas isso é impossível. Se quero ficar com ele, então cabe a mim, uma adulta, tomar uma decisão adulta.

— Muitas vezes, fazemos coisas que não estão de acordo com nossa essência moral — digo. — Certo?

— Certo. — Ele parece desconfiado.

— Fazemos coisas que sabemos que não deveríamos fazer porque somos fracos e cheios de vontades.

Seus olhos se estreitam enquanto ele tenta entender minha filosofia.

— Josh. — Meu tom é duro. — Você não pode falar em se separar dela. Você *não vai* se separar dela. E precisamos ter um limite de tempo. É a única forma de eu ficar com a consciência tranquila. Até o fim do ano, e só.

— O que você... Amy, o que você está dizendo?

— Terça à noite, em Londres. Reserve um quarto.

69

Segunda-feira, 14 de novembro, sexagésimo terceiro dia

Nada de cetim preto. E *com certeza* nada de cetim vermelho. Nada de espartilhos, corpetes, nada ligeiramente cafona. Nada de renda, nada aberto na virilha, nada muito atrevido.

Acabo comprando uma calcinha e um sutiã pretos simples. Talvez não sejam totalmente simples, porque têm um brilho acetinado, mas não há nenhuma surpresa, tipo a calcinha ser aberta na bunda.

Com relutância, também compro meia e cinta-liga, porque simplesmente não posso usar meia-calça na nossa primeira noite. E não vou me sujeitar a meias sete oitavos com elástico; é bem capaz de começarem a deslizar pelas minhas coxas enquanto eu estiver atravessando o bar lotado.

E, agora, realmente tenho que voltar ao trabalho; meu almoço de segunda-feira durou 128 minutos.

— Como foi? — pergunta Alastair quando entro de fininho no escritório.

— Onde está Tim?

Ele acena com a cabeça para a sala de reunião com a porta fechada.

— Lá dentro.

Ótimo. Posso falar à vontade.

— Desculpe a demora. Mas missão cumprida.

— Tudo certo então?

— Quase. Vou fazer bronzeamento artificial à noite. No tom mais claro, só para tirar a palidez deste corpo velho. E... eu não deveria te contar, mas que diferença faz? Me depilei ontem.

— Ah? Você diz...? — Ele indica minha virilha com as sobrancelhas.

— Normalmente, eu mantenho uma vibe anos 1970 lá embaixo. O Hugh gosta. *Gostava*. Você deve achar nojento.

— Não, eu... Na verdade, melhor pularmos essa parte. Então você fez as pazes com seu corpo horroroso?

— Não há nada que eu possa fazer a respeito. Tenho a idade que tenho, vivi a vida que vivi. E ele também não é nenhum garoto de 19 anos. Tem 42. É engraçado, Alastair. Não quero que ele seja, sabe, um David Gandy da vida, com tanquinho e cheio de músculos. Isso seria muito intimidante. Mas também não quero que seja flácido e... você sabe. Quero que ele seja tão decrépito quanto eu. Bem, talvez não *tanto* quanto eu.

— Então, onde vai rolar?

Durante o horário de almoço, Josh mandou uma mensagem: **Hotel Sarah, estarei no bar do terraço às sete.**

— No Hotel Sarah — respondo.

— Uau!

— Eu sei. Chique, né?

— Nunca me hospedei lá, mas, sim, chique. Caro. Ele gosta de você, Amy!

Sou tomada pela ansiedade.

— Ah, merda, agora estou com medo. Mas qual é a pior coisa que pode acontecer?

— O que você acha?

— Bem. — Esses são pensamentos que me atormentam desde que fiz o convite na manhã de sábado. — Posso perder a coragem e desenvolver vaginismo, bloqueando o acesso de Josh Rowan à minha dita cuja.

— Isso seria péssimo.

Péssimo mesmo. Imagino Josh me acertando com seu pênis inchado de sangue, como se fosse um aríete. Fico ansiosa/horrorizada/assustada/excitada.

— Ou Josh pode achar meu corpo de 40 e poucos anos tão flácido e nojento que nem vai ter uma ereção.

— Isso não vai acontecer. Não me leve a mal, Amy, mas a maioria dos caras... Bem, você já ouviu falar que os homens têm sangue o suficiente pra fazer um cérebro e um pênis funcionarem, mas não ao

mesmo tempo. De toda forma, você está ótima. Toda bonita. Já cansei de te dizer isso.

— *Por outro lado* — digo por cima dele —, pode acabar sendo legal, e quero dizer *só* legal. Nada incrível. Algo que nenhum dos dois vai querer se dar ao trabalho de repetir, e isso também não seria bom. Passei um ano e meio pensando demais nele. Eu ficaria horrorizada se tivesse sido à toa.

— Por outro lado, pode ser inacreditável — diz Alastair.

— Sim! É como Derry falou, essa não é a primeira vez de Josh Rowan. Ele com certeza sabe como divertir uma mulher.

— Não é assim que funciona — diz Alastair. — É inacreditável quanta gente atura sexo ruim. A quantidade de moças que tive que reabilitar...

— Não, por favor, Alastair, fique quieto. Enfim, não estou querendo sexo selvagem ou... ou... uma técnica de dedos maravilhosa...

— Você quer romance.

— Preciso de uma *narrativa*. E preciso acreditar que há um futuro para mim depois de Hugh.

— Com Josh Rowan? — Alastair parece nervoso.

— Não. Só um futuro. Não sei bem o que isso significa, mas preciso saber que ainda existo. E não me diga que sim.

— Eu não ia dizer isso. É como falei, a viagem de Hugh mexeu com seu senso de identidade. E leva um tempo para isso ser processado. Você está perdida, procurando outros marcos de vida.

— É isso que está acontecendo? E, moralmente falando, é correto fazer algo assim?

— Não é ideal. Josh Rowan é um ser humano.

— Um ser humano de quem gosto. — Meu tom é acalorado. — Um ser humano com quem me importo.

— E que tem uma mulher.

— Siiiim.

Não há argumentos contra esse fato vergonhoso.

70

Terça-feira, 15 de novembro, sexagésimo quarto dia

No elevador até o bar do terraço, um grupo de pessoas fabulosas se amontoa, parecendo ter saído diretamente de um iate em Portofino.

Olho fixamente para meus sapatos novos — imitações do Rockstud em preto com salto agulha — e tento ignorar os corpos bronzeados, os lindos vestidos esvoaçantes e o glamour natural das minhas companheiras de elevador.

A ansiedade me acompanhou durante o voo de Dublin, pelo dia cheio de reuniões, enquanto eu secava meu cabelo em ondas sensuais, comprava sapatos tão-caros-que-é-melhor-nem-ficar-pensando, colocava cílios postiços na Shu Uemura (a aplicação foi gratuita — tive que pagar pelos cílios, mas eles são reutilizáveis, então, na verdade, foi uma pechincha, exceto pelo fato de que, todas as vezes que tento colocar cílios postiços, eles grudam tão longe da linha dos meus cílios naturais que parecem uma fileira de dentes de tubarão), enquanto corria de volta para o Home House para deixar minhas malas, vestia uma blusa esvoaçante com ombros vazados e uma saia de cetim e pegava um táxi até o Hotel Sarah.

As portas do elevador se abrem para revelar uma fileira de recepcionistas armadas com iPads. Elas me lembram uma tropa de choque. Olhando por cima de seus ombros, no bar, todos parecem fabulosos, e espero que, com iluminador nas clavículas, o cabelo em cascatas, os lábios lustrosos e os sapatos altos demais, eu consiga me encaixar.

— Josh Rowan — informo à mulher que bloqueia meu caminho.

Ah, e lá está ele, abrindo caminho pelo mar de pessoas que se divertem, também parecendo ter saído de Portofino, vestindo um

pulôver azul-escuro e calças jeans de corte reto com cara de novas. Trocamos um olhar tenso.

— Vi você de longe — diz ele. — Está tão cheio aqui que achei melhor vir te buscar.

Com um sorriso apreensivo, deixo que ele me guie pela multidão animada até uma mesa baixa e estreita, quase uma cápsula, com dois assentos com costas altas afuniladas, um de frente para o outro, parecendo uma amêndoa partida ao meio.

Sento na cadeira que mais parece um casulo, e ela é fofa demais para manter as costas empertigadas. No entanto, quando repouso meus cotovelos sobre a mesa, me aproximo muito de Josh, e nossos rostos ficam separados por apenas alguns centímetros.

Um iPad com o cardápio de bebidas é colocado diante de mim. É uma longa lista de uísques.

— Meu Deus. — Estou grata por ter algo a dizer. — É verdade.

— O quê?

— Umas semanas atrás, li que a bebida da moda é o uísque, mas esta é a primeira vez que vejo isso ao vivo.

Sem parecer muito interessado, Josh analisa a lista.

— O que vamos pedir? Um Macallan de trinta anos? — Seu tom é um pouco zombeteiro. — Um Laphroaig raríssimo?

— Água — respondo.

— Tem certeza? — pergunta ele, surpreso.

— Não vou ficar bêbada. Não quero me convencer de que isto é algo além do que realmente é.

— Que seria?

Ainda não sei.

— Vamos descobrir.

Josh chama um garçom e faz o pedido. Então pergunta:

— Amy? Como foi que nos encontramos na praia, naquela manhã? Sexto sentido?

— Isso não existe. É apenas uma mistura dos outros cinco sentidos. Sabemos de algumas coisas, mesmo quando não estamos cientes delas. Um tempo atrás, você me disse que costuma acordar cedo. — Então percebo outra coisa. — E que gosta de praias frias.

— Então você estava me *procurando*?

— Eu não sabia, não de forma consciente, que queria encontrar você. Mas, no fundo, eu tinha todas as informações.

— Então nada é por acaso?

— Acho... — Tenho dificuldade em organizar meus pensamentos. — Acho que somos responsáveis por nossos atos. Fazemos escolhas. Mesmo quando achamos que não. De toda forma, Josh, eu trouxe camisinhas.

Ele solta uma risada levemente escandalizada.

— Eu também.

Toco seu punho.

— Josh...

Ele espera.

— Eu... Meu Deus, como digo isso? Sou tradicional. Na cama. Odeio dizer uma coisa dessas, mas não quero nenhuma surpresa desagradável. Para nenhum de nós dois.

— Tudo bem.

— E você? É tradicional?

— Nunca pensei... É, acho que sim.

— Ah, Josh, que alívio. — Abro um sorriso largo. — Certo, vamos lá.

Ele ri.

— Você já tinha me conquistado com as camisinhas.

— Desculpe. Não estou sendo muito romântica. É o nervosismo.

Josh desliza um cartão de plástico pela mesa.

— Quarto 504. Quinto andar. Vá na frente. Só vou acertar a conta.

Sigo na direção do elevador, agitada com uma paranoia nervosa. Será que as pessoas conseguem adivinhar o que está acontecendo? Por outro lado, mesmo que consigam — e por que conseguiriam? —, por que se importariam?

Algo mudou em mim. Abandonei uma inocência a respeito do amor, da lealdade e da fidelidade. Sou uma pessoa diferente, levando uma vida mais imoral. Não sei se gosto de mim mesma, mas talvez eu me acostume.

Abro o quarto com o cartão, entro, fecho a porta depressa e apoio as costas nela. O lugar é bom. Bem masculino. Madeira escura, móveis angulares de meados do século, luminárias diferentes.

Claramente foi decorado com bom gosto — a manta de angorá creme, a poltrona de couro marrom com design clássico.

Estou muito sóbria e muito centrada. Não há nenhuma confusão e nenhum fervor em mim que torne as coisas mais fáceis. Cada detalhe chama atenção: o barulho do frigobar; a mala de Josh na cama, amassando o imaculado edredom branco; os gritos e barulhos aleatórios vindo da rua. E, ah, meu Deus, há uma garrafa de algo borbulhante num balde de gelo. Um gesto atencioso? Ou sacana?

Eu me movo com agilidade, alterando a iluminação, criando sombras e círculos de luz dourada. Enquanto tento decidir qual música colocar, ouço uma leve batida à porta. Meu coração quase sai pela boca.

Viro a maçaneta. Josh entra no quarto e me olha.

— Gostou? — pergunta ele. — Quer dizer, do quarto?

— É bonito. Só estou nervosa.

— Também estou nervoso.

— E se você me achar muito velha, muito...

— Não vou. Prometo. Tem algum daqueles negócios de “Não Perturbe” por aqui?

Ele encontra a placa, abre a porta e a coloca na maçaneta. Agora, não há risco de interrupções.

Estamos nos encarando, meio sem jeito. Torço para que alguma força nos jogue na direção um do outro, derrame um balde de paixão sobre nossa cabeça e facilite as coisas.

Josh se aproxima e segura minha cintura.

— Não faça essa cara de assustada. — Ele pega minha mão direita com sua mão livre e se aproxima mais. Nosso rosto está tão perto que quase se toca, e sinto a respiração dele na minha pele. — Eu te quero há tanto tempo. Não acredito que isso está acontecendo.

Agora é o momento em que Josh deveria me beijar, e, quando isso não acontece, seguro seus ombros e levo meus lábios aos dele, hesitante. Sinto como se minha boca estivesse inchada e sensível contra a sua. Josh segura meu rosto e me beija com carinho e doçura. É inesperado — pensei que ele seria mais bruto, mais macho — e maravilhoso.

Faz dezessete anos que não sou beijada por um homem que não seja Hugh — aquela loucura com Matthew Carlisle não conta —, e é tudo diferente com Josh. Seu gosto é diferente, seu cheiro é diferente, não tem barba. Até as mãos...

Ele interrompe o beijo — ah! — e sussurra:

— Pare de pensar nele.

Fico aflita por um instante, com medo de não conseguir, mas sussurro em resposta, aparentando mais coragem do que de fato sinto:

— Me faça parar.

Tenho um vislumbre dos seus dentes quando ele abre um sorriso rápido e então lentamente leva uma das mãos até minha nuca, erguendo meu cabelo e fazendo meu corpo se arrepiar. Com a outra mão, acaricia minha bochecha com o polegar e me beija de novo, dessa vez com mais intensidade, mais intimidade.

Ele é muito, muito bom nisso.

— Você não tem ideia — diz ele — do quanto te quero.

Minhas mãos passam para a lateral do seu corpo e o seguram, como se Josh fosse um volante. Com cautela, me forço a passá-las para suas costas. Mais uma vez, só consigo pensar em como Hugh é diferente — Josh é mais forte, mais musculoso, e sinto um lampejo de deslealdade.

A mão no meu pescoço desliza até o limite entre minha cintura e minha bunda, e ele começa um movimento circular sobre o cetim escorregadio, me apalpando, descendo cada vez mais.

— Você é ainda mais bonita do que eu imaginava — diz Josh.

Uma das minhas mãos escorrega para o bolso de trás da sua calça, puxando-o contra mim, e lá está seu membro, já rijo e ereto. Por instinto, Josh desce um pouco, e eu o pressiono com minha pelve, e, sim, aquilo está acontecendo, meu corpo o deseja. É um alívio estranho e triste.

A mão que estava em meu rosto passa para a barriga e imediatamente sobe na direção dos seios. Os dedos avançam, tocam a lateral macia, então se retiram, fazendo meus mamilos despertarem em interesse. Eles precisam ser tocados. Isso tem que acontecer, então pego a mão dele e a coloco sobre um seio, enviando uma carga de sensações até minha dita-cuja.

— Vamos mais devagar — sussurra Josh.

— Não.

Não vou aguentar horas de preliminares, não hoje, na primeira vez. Quero que isso já tenha acontecido, quero estar no futuro, quando já transei com um homem que não seja Hugh.

— É nossa primeira vez — diz ele. — Não vamos correr.

— Sério. — Eu o encaro, e é chocante descobrir que ele não é Hugh. — Podemos ir devagar em um outro dia, mas, agora, eu só quero que aconteça.

Josh parece irritado, talvez magoado, não sei. Mas ele escorrega as mãos para baixo da minha bunda e, de surpresa, me ergue do chão. Por instinto, passo as pernas em volta do seu quadril enquanto sou carregada pelos poucos passos que nos separam da cama.

Ele me deita sobre o edredom, joga a mala no chão e recomeça os beijos deliciosos enquanto desabotoa minha blusa em uma velocidade impressionante. Levanto seu pulôver, e nossas peles se tocam.

— Ah, como é bom te tocar — sussurra ele.

Com dedos desajeitados, abro seu cinto, desabotoo sua calça, e então Josh interrompe o beijo para me observar enquanto abro o zíper. Afasto o jeans e vejo a cabeça de seu membro surgir da calça. Coloco a palma da mão sobre ele e o sinto pulsar. Então aperto, e Josh diz:

— Não.

Ahn?

— A menos que você queira que acabe agora.

Minha blusa está completamente aberta, as mãos dele passaram para o fecho do sutiã, e sinto uma onda de liberdade quando Josh o abre. Com eficiência, ele me senta, tira minha blusa, o sutiã e seu pulôver.

— Eu já fantasiei sobre isso — diz ele, baixinho. — Mas a realidade é muito melhor.

Antes que Josh me coloque deitada mais uma vez na cama, tenho um vislumbre do seu corpo, com pele clara e pelos escuros. Ele não é sarado, o que é um alívio, já que também não sou, mas tem peitoral largo e barriga razoavelmente chapada.

Voltamos a nos beijar enquanto os dedos de uma das mãos dele exploram meu seio com toques leves, por vezes encostando no mamilo, fazendo com que eu quase chegue lá.

A outra mão explora por baixo da minha saia, e, quando os dedos chegam ao limite onde a meia termina e minha coxa começa, Josh geme.

— Ah, *meu Deus*.

Com as duas mãos, ele levanta a saia, dá uma olhada e geme de novo.

— Como essa saia funciona?

Josh está desabotoando e abrindo minha saia, tirando-a. Aproveito a oportunidade para passar as mãos por baixo de suas roupas e chegar à sua bunda, afastando então o tecido e libertando seu pênis, deliciosamente roxo, hipnotizante.

Com a calça e a cueca no meio das coxas, ele tira minha calcinha, e, quando esbarra o polegar no meu ponto mais sensível, solto um gemido.

— Ah? — Ele dá um sorrisinho. — Você gostou?

Josh se move para olhar nos meus olhos e, com uma das mãos, belisca meu mamilo, ao mesmo tempo que pressiona a outra contra mim, e aquilo é demais. Tenho espasmos contra seu toque, meus olhos arregalados em choque e prazer, suspiros involuntários saindo do peito. Ele dá uma risada baixinha, quase debochada.

— Coloque a camisinha — sussurro.

Porque, se ele me penetrar agora, consigo gozar de novo.

— Coloque você.

Com as mãos trêmulas, desenrolo a camisinha até a base enquanto ele me observa com uma expressão agoniada, seus olhos basicamente só pupilas.

— Preciso que fique por cima de mim — digo. — Para começar.

Apoiado em um cotovelo, Josh se posiciona entre minhas pernas e me penetra com uma facilidade impressionante. Está feito: traí Hugh, penso. Talvez seja apenas um detalhe, mas não tem mais volta.

Com a pelve dele contra a minha, Josh faz movimentos circulares lentos e deliberados, massageando meu interior latejante.

— É isso que você quer, Amy? É assim que você quer?

Meu Deus, ele é dos que gostam de falar. Nunca estive com alguém assim. Hugh e eu, a gente simplesmente agia; parecíamos nos entender sem precisar de palavras.

Mas Josh está se movendo muito devagar para o meu gosto, e cravar as unhas em sua bunda e mover mais o quadril não está fazendo a menor diferença.

— Você pode ir mais rápido? — Estou constrangida.

— Assim?

— Hum, sim, mas...

— O quê?

— Com força.

— Você quer que eu meta com força?

— Sim — sussurro.

— Peça.

Ah, meu Deus.

— Mete com força.

— *Josh.*

— Mete com força, Josh.

— Assim?

— Mais rápido. Mete mais rápido, Josh.

— Vou meter mais rápido, Amy. Vou meter mais forte.

É meio bobo. Mas é sexy também. De novo, sou tomada por ondas de prazer, e Josh rosna em meu ouvido:

— Vou meter com tanta força, Amy, que você vai gozar.

E então eu gozo.

Meu âmago explode, meus quadris dão espasmos, minhas costas se arqueiam, breves suspiros saem da minha garganta, e percebo que quase furei a bunda dele com o salto dos sapatos.

Enquanto ainda estou fraca do orgasmo, Josh sai de mim, se levanta, tira toda a roupa, se senta recostado na cabeceira e me puxa. Sento no colo dele, coloco suas mãos em meu quadril e me movo para cima e para baixo. Olhamos fixamente um para o outro, mas começo a me sentir estranha, como se estivesse sonhando.

Fecho os olhos, ouço a respiração dele ficar cada vez mais ofegante, e Josh diz, com a voz rouca:

— Desculpe, Amy, vou gozar. Vou... Vou gozar, vou gozar, vou gozar.

Abro os olhos e vejo seu rosto se contorcer de prazer. É tão estranha essa força que leva as pessoas a traírem as pessoas que amam.

Deslizamos pela cama e nos deitamos juntos, minha cabeça em seu peito, o coração dele batendo em meu ouvido. Um dos seus braços me envolve, os dedos enroscados no meu cabelo. O outro está esticado sobre meu corpo, com a mão agarrando meu quadril.

Conforme me acalmo, um sentimento se destaca mais do que qualquer outro: tristeza.

Transar com Josh — com qualquer outro que não Hugh — é um marco, e, mesmo que eu tenha tido uma nova experiência, perdi tanta coisa.

Choro sem me mexer ou fazer barulho. Uma lágrima cai sobre a pele de Josh, e, apesar de não falar nada, a forma como ele me abraça mais forte demonstra que me entende.

Acordo e percebo que ainda estou na cama. Com Josh Rowan. Acho que caímos no sono.

— Que horas são? — pergunto, aflita.

— Pouco mais de uma da manhã.

— Você não pode passar a noite aqui. Nenhum de nós pode.

Seu olhar fica nebuloso.

— Tome um banho — digo — e vá embora.

— Você pode dormir aqui.

— Não.

Vou para a casa de Druzie.

— Amy, você não gostou do hotel?

— Gostei.

— Mas?

— Talvez eu prefira um lugar menos chique.

— É?

Não sei se ele está sendo sarcástico ou não.

— Há um hotel pequeno em Marylebone que a gente pode reservar na próxima vez?

— Na próxima vez?

— Terça que vem — acrescento, rápido. — Se você quiser.

— Eu quero.

Sinto o sangue fervilhar.

— Vou reservar um quarto — diz ele.

Hesito. Eu deveria pagar pelo hotel na semana que vem. Somos parceiros igualitários, o que quer que isso signifique.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Deixe por minha conta.

71

Quarta-feira, 16 de novembro, sexagésimo quinto dia

Sou inundada com mensagens na quarta-feira: **Obrigado por ontem à noite.**

E:

Não consigo parar de pensar em você.

E:

Você é incrível.

E:

Ainda falta muito para terça-feira.

Quando chego ao escritório na manhã de quinta, Thamy me cumprimenta dizendo:

— Alguém está muito arrependido ou muito agradecido.

— Oi?

— Flores. Mas não flores normais. Chegaram ontem. Estão na sua mesa.

Entro apressada e...

— Ai, meu Deus!

Dá para sentir o cheiro antes de vê-las, e não é só pelo tamanho do buquê, mas pelo tipo de flores — minha mesa parece um campo de plantas selvagens. De algum jeito, ele encontrou flores de primavera: há papoulas de um vermelho intenso, com pétalas finas como papel, dedaleiras elegantes, brancas e roxas, cravos-do-brejo amarelos e ramos de verônicas azuis.

O cartão diz: “Você é uma Deusa. Bjs, Josh.”

— Quem mandou? — pergunta Tim.

Meu rosto queima de vergonha, e não sei o que dizer.

— Um homem.

— Hugh?

Balanço a cabeça, porque me sinto desconfortável demais para falar.

E lá vem Alastair.

— Uau, Amy. Que flores. Josh Rowan é um cara esperto. Elas são a sua cara.

— Josh Rowan mandou as flores? — pergunta Tim. — Por quê? Ah! Puxa!

Ele dá uma tossida e se afasta.

— Nunca ouvi falar dessa floricultura — diz Alastair. — Bom saber. E aí, como foi?

— Estranho. Bom. Triste. Ótimo.

— Excelente. Bem, tenho novidades também. Estou apaixonado.

— Está? Que rápido.

— Eu a conheci na terça à noite, em um curso de salsa-ioga.

— Claro.

— Ela foi a facilitadora. O nome dela é Helmi, e, nossa, *que conexão*. Foi imediata e maravilhosa. Passamos a maior parte da noite acordados, conversando, e ontem à noite fui a uma vidente...

— Ah, Alastair, você é um *idiota*.

— Sério, Amy, preciso saber se ela é a mulher certa para mim, porque não tenho tempo a perder. E a boa notícia é que eu e Helmi somos almas gêmeas! — Ele abre um sorriso radiante. — A vidente disse que nos conhecemos em várias outras vidas. Às vezes, eu fui a mãe, e ela, o filho. Não foi sempre como nesta manifestação.

— Ah, Alastair.

Fico com vontade de chorar por meu amigo e as porcarias em que resolve acreditar.

— Helmi e eu somos almas gêmeas — insiste ele.

— Isso não existe — digo. — Há seis bilhões de pessoas no planeta, mas é tão conveniente que a maioria delas encontre sua "alma gêmea" a alguns quilômetros de distância de onde moram e trabalham.

— Não...

— Cai na real, Alastair! Sério! O amor funciona assim: você conhece uma pessoa, gosta dela, e isso faz com que queira conhecê-la melhor. Todo mundo tem uma lista das coisas que quer em alguém especial, e essa pessoa não vai ter todas as

características, mas vai ter o suficiente pra você decidir que, sim, está disposto a se esforçar para fazer dar certo. Mas é preciso aprender a ignorar as coisas que te incomodam e decepcionam *e* tentar mudar em si mesmo as coisas que a outra pessoa não tolera.

— Não...

— E a gente aprende a fazer concessões. Por exemplo, você vai, pela milésima vez, passar as férias numa praia no Algarve, em vez de viajar pela Sérvia para encontrar sua pintora favorita.

Alastair parece perplexo, mas ainda não terminei.

— Almas gêmeas são como aqueles voos para Nova York que custam 79 euros: maravilhosos em teoria, mas não existem.

— Nossa, Amy. — Ele balança a cabeça. — Isso é deprimente. Cruel.

— Você precisa ser realista, só isso.

— Primeiro você foi magoada por Richie, depois Hugh foi embora. Mas talvez tenha encontrado uma alma gêmea nova. — Ele indica as flores com a cabeça.

— Não encontrei.

— O que você acha, Tim? — pergunta Alastair. — Você e a Sra. Staunton são... almas gêmeas?

— Você teria que perguntar para ela.

— Você acha que ela é a única mulher para você?

— Como eu disse, você teria que perguntar para ela.

Graças a Deus, Tim voltou a ser todo quadrado. A outra versão dele me deixou assustada.

Mas, graças ao sermão que passei em Alastair, meu humor ficou péssimo.

— O que houve? — pergunta ele.

— Vou me divorciar pela segunda vez. Tenho um histórico ruim. E não adianta tentar fingir que sou a vítima. Tenho minha parcela de culpa nisso tudo.

— Você foi a vítima com Richie Aldin, o senhor “pense nas pobres crianças cegas”.

— Talvez. A gente era muito jovem, foi um erro casar. Eu não queria. Devia ter seguido meus instintos.

— E com Hugh?

— Com ele, tive culpa. Mas não quero pensar nisso agora.

Uma coisa muito estranha aconteceu. Raffie Geras voltou para Edimburgo. Está de volta ao trabalho, à sua vida anterior. E sem Hugh.

Eu pensei que ela fosse daquelas viajantes de tempo integral. Nem por um momento imaginei que estivesse apenas passando duas semanas de férias em algum lugar ensolarado.

Há uma foto das botas que ela comprou na Dune da George Street. (Sei que isso soa tendencioso, mas não são botas legais: o salto é horrível.) Em outra foto ela está bebendo com as amigas numa noite de sexta, seguida por uma dela na cama, sozinha, na manhã de domingo, tomando um complexo vitamínico.

É difícil saber o que pensar. Exceto que, agora, não tenho mais como ficar de olho em Hugh. Parece que vou ter que esperar até que ele seja marcado nas fotos de outra mulher. A menos que pretenda se mudar para Edimburgo para ficar com Raffie.

O que não é impossível — Hugh conseguiria arrumar emprego lá. E talvez eu devesse ficar feliz, porque ele estaria razoavelmente perto, por Sofie e Kiara, mas só consigo me sentir enojada.

72

Terça-feira, 22 de novembro, septuagésimo primeiro dia

Quarto 18, ele me avisou por mensagem. Já usei esse hotel algumas vezes para hospedar clientes, mas nunca estive aqui no terceiro andar, que é um labirinto. O corredor faz uma curva e segue até uma porta de incêndio, sobe por meio lance de escadas e... Ah! Certo, achei o quarto 18.

Arrumo rapidamente o cabelo, mas, antes que eu consiga bater, a entrada para o quarto é aberta e Josh me puxa para dentro. A porta se fecha atrás de nós, e ele me empurra contra ela. Não acredito que já achei que seus olhos cinzentos não eram nada de especial, quando a promessa que refletem deve ser a coisa mais sexy em Josh.

Ele segura meu rosto e arfa:

— Esses foram os sete dias mais longos da minha vida.

E então me beija com vontade.

Meu corpo já despertou; cada terminação nervosa está extremamente sensível. Josh desabotoa meu vestido, tento abrir sua calça, ele suga um dos meus mamilos, puxo seu membro ereto para fora, ele abaixa minha calcinha, arranco a calça dele.

Dessa vez é diferente, mais bruto, mais rápido, tudo acontecendo com muita agilidade, e gosto disso.

Em menos de três minutos, ambos estamos seminus, e Josh pega uma camisinha.

— Eu coloco — diz ele, desenrolando-a sobre o pênis.

Josh ergue minhas pernas, eu as enrosco na cintura dele e ele me penetra, empurrando minhas costas contra a porta.

Tudo é tão intensamente sensual que grito de prazer.

— Você gosta assim?

— Adoro. — Suspiro — Faz de novo. Mais rápido.

— Diga...

— Mete mais rápido, Josh!

Suas mãos estão na minha bunda, minhas mãos agarram seu cabelo, a boca dele está nos meus seios. Eu pressiono os saltos contra seu traseiro enquanto ele bombeia.

— Amy — ofega Josh ao meu ouvido. — Vou gozar.

Eu ainda não cheguei lá, e ele sabe.

— Por favor, goze, Amy — pede Josh. — Por favor, goze.

Só que é tarde demais: com um uivo breve e intenso, o corpo dele congela, e Josh pulsa dentro de mim. Depois de um tempo, sussurra contra meu pescoço:

— Desculpe.

— Ainda temos a noite inteira.

Com carinho, ele me carrega — me *carrega* — até a cama e, após uma ida rápida ao banheiro para jogar fora a camisinha, tira a própria roupa e a minha. Então, usando a boca com delicadeza, me leva à loucura e me mantém no limite por um tempo deliciosamente longo antes de me fazer chegar ao clímax.

Minha cabeça está flutuando, e ouço minha voz repetindo:

— Ah! Ah! Ah!

Quando abro os olhos e volto à Terra, Josh está ereto de novo.

— Veja só o que você faz comigo — diz ele. — Fiquei com tesão pra caralho esta semana, Amy. Eu não batia tanta punheta desde a adolescência.

Engasgo com o choque.

— O que eu disse? O que foi? A parte da punheta?

— Hum.

Ele ri.

— Posso te mostrar.

— Não!

— Não? Então o que você quer que eu faça?

— Você sabe.

— Diga.

Muito tempo depois, Josh diz:

— Baixei *O Grande Hotel Budapeste* para você.

Fico feliz com o gesto. Ele também pediu um prato de queijo para o serviço de quarto.

— Mas qual o motivo para essas tendências maltrapilhas? — pergunta ele. — Por que você preferiu vir para cá e não para o hotel chique?

— Aqui está ótimo — digo. — Temos tudo de que precisamos, e a chance de encontrar alguém que você conheça é menor.

— Mas não é só isso?

— Não quero desperdiçar dinheiro que poderia ser gasto com sua família.

— E?

— Hum. — Tento encontrar as palavras. — Não é certo fingir que temos algo que não temos.

— Então o que é que não temos?

É difícil conseguir me expressar.

— Isso não é um relacionamento. E não é certo. Sua mulher... Não consigo parar de me sentir culpada. E nem quero.

— Então, contanto que você não se divirta demais, pode continuar me encontrando?

— Não. Contanto que eu não confunda o que é certo e o que é errado.

A expressão de Josh é um misto de exasperação e afeição.

— Minha pequena Maltrapilha. Você não sabe nada sobre minha mulher. Até onde consta, ela pode me odiar; ela pode gostar de eu ter arrumado uma amante.

É difícil acreditar nisso. Mas quem sabe? As pessoas não cansam de surpreender.

— Como ela é?

— Tem certeza de que quer saber?

— Tenho.

Talvez.

— Ela é... confiante. Quando a conheci, ficou claro que tinha encontrado alguém igual a mim. A primeira mulher que não ia abaixar a cabeça para mim.

— Então por que está aqui? Comigo?

Ele demora para falar.

— As coisas mudam, né? As crianças. Eu as amo. Mataria qualquer um que tentasse machucá-las, mas elas são difíceis. — Josh suspira. — Quando se tem filhos, você vive sua vida sob uma tensão constante.

Não sei o que dizer. Minhas filhas me aproximaram de Hugh. Mas meu marido está do outro lado do mundo, e eu estou na cama com Josh Rowan, então talvez nossos casamentos sejam parecidos.

Enquanto Josh cai no sono, ele se vira, se aconchega junto a mim e sussurra:

— Minha pequena Maltrapilha.

73

Quarta-feira, 23 de novembro, septuagésimo segundo dia

Para *variar,* meu voo de volta não atrasa, o trânsito não está péssimo, e, quando chego em casa na noite de quarta, Neeve, Sofie e Kiara estão grudadas no sofá. Elas conversam de forma intensa e, ao notarem minha presença, imediatamente ficam quietas. Sou tomada por ansiedade — tem algo errado.

Não sou supersticiosa, não acredito em punição divina. Mas palavras passam pela minha mente — *castigo, amoral, vagabunda.*

— O que foi? — Não consigo respirar.

Após um silêncio hesitante, Neeve dá uma olhadela para Kiara e Sofie antes de dizer:

— Ela está grávida.

A voz condenatória dentro de mim aumenta o volume: *péssima mulher, péssima mãe, péssimo exemplo*.

— Quem?

— Sofie.

Solto minha mala e vou até ela.

— Como você está se sentindo, meu amor?

— Assustada. — E começa a chorar.

— Conte o que aconteceu.

Sento no sofá e abraço seu corpo pequeno e magro. A situação não é ideal, mas não é a pior coisa que poderia ter acontecido.

— Foi um acidente. — Ela chora no meu ombro. — Deixei o anticoncepcional na casa da minha mãe quando estava ficando na casa da vovó.

— Ela tomou a pílula do dia seguinte — acrescentou Kiara. — Custou sessenta euros.

— Mas não deve ter funcionado — rebate Neeve. — Deviam devolver o dinheiro.

— O que Jackson disse? — pergunto.

— Ele também está assustado. — Agora, Sofie está soluçando, com aqueles espasmos fortes e descontrolados causados pelo pavor. — Estamos apavorados.

— Calma, calma. — Acaricio seu cabelo e a deixo chorar. Já entrei no modo gerenciamento de crise. — Vai ficar tudo bem.

— Posso fazer um aborto, por favor? — Sofie soa digna de pena.

— Se você tiver certeza de que é isso mesmo que quer.

— Você está brincando? — Ela se afasta de mim. Paradoxalmente, nunca pareceu tão adulta. — Olhe só para mim! Não consigo nem tomar conta de mim mesma.

Vou ter que levá-la a Londres. A menos que eu consiga obter um remédio ilegal e a gente resolva tudo em casa. Mas não seria perigoso fazer isso sem orientação médica? Como saber qual remédio é o certo? Como eu cuidaria dela durante o processo? E depois? Com uma força intensa e repentina, sinto uma falta desesperada de Hugh — da bondade, do bom senso, da presença reconfortante dele.

Eu não estaria fazendo a coisa certa como *quase* mãe de Sofie se não oferecesse outra opção.

— Você sabe que todos nós ajudaríamos se você decidisse levar a gravidez adiante.

Ela me encara em choque.

— Você quer me convencer a ter o bebê? — Sua voz fica estridente. — Porque não tem como.

— Ela só tem 17 anos! — Kiara está igualmente estridente.

— Nem saiu da escola! — Isso vem de Neeve.

— Eu estou apavorada!

— Você não pode obrigá-la a ter um bebê! — diz Kiara.

— Agora me arrependi de ter contado.

— Sofie, meu amor, está tudo bem. Está tudo bem, está tudo bem. — Tento tranquilizá-la. — Só quero que saiba que vamos ajudar no que você precisar.

Olho para Neeve e Kiara por cima da cabeça raspada dela.

— Talvez eu devesse conversar sozinha com Sofie.

— Não. — Kiara agarra a mão de Sofie em um gesto do tipo “vamos superar essa situação”. — Estamos juntas nessa.

— É isso aí — diz Neeve.

Hesito. É difícil saber se devo tratar as três como crianças ou adultas — e me pergunto onde Hugh está neste exato momento; talvez numa praia, bebendo uma cerveja, completamente despreocupado.

— Só quero acordar amanhã e não estar grávida — sussurra Sofie. — Queria não ter que tomar essa decisão. Não quero colocar uma pessoa como eu no mundo. Alguém que pode ser criada por uma mãe que não sabe ser mãe e um pai ausente. Não estou criticando você e papai, Amy, os dois foram incríveis. Se não fosse por vocês, eu não teria família.

— Você não é a sua mãe.

— Mas metade de mim é. Talvez eu não saiba amar de verdade.

— Você sabe amar. Claro que sabe. — Não é a primeira vez que temos essa conversa. — Você ama Kiara e Neeve.

— E nós te amamos — diz Kiara.

— E você ama Jackson — digo.

— Eu o amo tanto — declara ela, intensa. — E você. Eu te amo, Amy, e papai. E amo a vovó. Mas não estou pronta para amar um bebê.

— Não agora.

— Talvez nunca.

Não insisto nessa parte.

— Você tem certeza absoluta de que está grávida? Fez um teste?

Ela dá uma risada chorosa.

— Fiz uns mil testes.

— E sabe com quantas semanas está?

— Seis. Talvez sete. — Ela soa incerta.

— Seis ou sete semanas desde a última menstruação?

— Não, desde que não usamos proteção durante... você sabe.

— E você passou esse tempo todo preocupada?

Estou envergonhada por não ter percebido — e, rápido como um raio, esse sentimento se transforma em fúria direcionada a Hugh. Se eu não estivesse lidando com a ausência dele, talvez tivesse notado a preocupação de Sofie.

— Precisamos levar você ao médico — digo.

Para determinar exatamente de quantas semanas ela está grávida. Um pensamento inesperado me ocorre: o médico pode nos denunciar por fazer um aborto? A clínica que frequentamos é bem movimentada e tem vários ginecologistas, mas, apesar de eu confiar nas mulheres, não tenho certeza a respeito dos homens mais velhos.

Quer dizer, sei que o aborto é ilegal na Irlanda, mas até agora nunca tinha compreendido de fato que poderia ser presa. Talvez seja assim que qualquer pessoa descubra as coisas — quando elas a afetam diretamente.

Que absurdo. Um país civilizado, onde eu trabalho e pago impostos, e mesmo assim poderia ser criminalizada por ajudar minha sobrinha grávida.

— Você está com raiva de mim? — pergunta Sofie.

— É claro que não.

— Tenho que contar para Joe?

Dou um suspiro.

— Sim.

— Tenho que contar para minha mãe... Urzula?

Penso a respeito. É complicado ser responsável pelo filho de outra pessoa.

— Joe pode contar a ela.

— Então tenho que ir até a Inglaterra?

— A menos que a gente consiga comprar o remédio. Talvez seja possível achar na internet.

Neeve está mexendo no iPad.

— Se ela estiver com menos de oito semanas, pode tomar o remédio.

Se ela estiver com menos de oito semanas.

— Os pais de Jackson sabem? — pergunto a Sofie.

— Você vai contar para eles?

— Precisamos conversar com Jackson.

Passa pela minha cabeça a vaga memória de um caso em que o homem tentou processar a namorada por ter abortado, e Sofie precisa estar protegida de uma situação parecida.

— Mas é ela quem está grávida — diz Kiara. — Isso não interessa a mais ninguém.

— Sim, mas ele deveria pagar metade dos custos — opina Neeve. — Se conseguirmos o remédio.

Meu Deus, meu cérebro derreteu. Tantas perguntas complicadas e ninguém com quem desabafar.

74

— Amy, posso perguntar outra coisa? — diz Sofie. — Sabe as pessoas que dizem que fazer um aborto é igual a matar um bebê?

— ... sim?

— É isso que estou fazendo?

Kiara e Neeve imediatamente interferem, protestando:

— Claro que não! Não nesse estágio!

Demoro mais para responder. Sempre achei que cabe a cada mulher escolher o que é certo para si, mas ninguém gosta de optar pelo aborto. Conheço três mulheres que já fizeram — Derry, Jana e Druzie. Todas as três ficaram apavoradas ao se descobrirem grávidas, sim, até Druzie, mas nunca expressaram qualquer arrependimento pela decisão.

Porém, mesmo quando você tem certeza de que essa é a melhor opção, cenários alternativos sempre acabam se apresentando. Tipo, se Sofie tivesse o bebê, Joe seria avô; mamãe e papai, bisavós; e Sofie poderia surtar e dar no pé, deixando a criança para ser criada por outra pessoa, como aconteceu com ela.

Por outro lado, será que ter um filho a tornaria uma pessoa mais segura? Nem imagino uma coisa dessas, mas quem sabe? E a questão é justamente esta: é *impossível* saber. Só podemos tomar a melhor decisão com a informação que temos no momento.

Resolvo dizer:

— *Eu* acho que seu corpo é seu, então cabe a você tomar qualquer decisão sobre ele, mas a sua opinião é mais importante que a minha.

— Não acho que eu esteja fazendo nada de errado.

— Tem certeza?

— Tenho.

Quero acreditar nela, mas fico com a sensação de que não fiz nem disse o suficiente para dar todas as opções. Isto é, eu nunca

acho que faço *nada* tão bem quanto poderia, mas não sei o que dizer. Talvez o médico tenha algum conselho.

— Vou pesquisar sobre o remédio.

— Vai dar tudo certo, né? — pergunta Sofie, sua voz baixa e lamentosa.

— Sim, meu bem, vai dar tudo certo.

— Viu? — declara Neeve. — A gente não disse que mamãe daria um jeito?

Puxa, não sei se sou merecedora de me tornar o centro de todas as esperanças delas.

— Mãe. — O tom de Kiara é gentil. — Você devia ir dormir, está com cara de cansada.

— Vamos todas dormir. — Passo os braços ao redor de Sofie. — Quer ficar comigo, querida?

— Posso dormir com Kiara — diz ela.

— Queria que todo mundo pudesse dormir na sua cama — diz Neeve. — Como quando a gente era pequena.

E quando Hugh estava aqui.

— Ah! — exclama Sofie, arfando. — Aquela época era boa.

Tenho lembranças daqueles corpinhos inquietos, subindo e se amontoando uns sobre os outros na escuridão. Ou de acordar só para descobrir uma das meninas enroscada em mim, dormindo profundamente, seu hálito doce soprando quente no meu rosto.

— Ou das manhãs de sábado — diz Neeve, alegre —, quando a gente se jogava em cima de você e Hugh na cama.

— Vocês imploravam para a gente descer e assistir à televisão. — Sofie sorri diante da memória. — Mas continuávamos apertadas lá, com os nossos brinquedos.

— E você e papai ficavam cansados demais para preparar o café — diz Kiara. — Então todo mundo dividia um pote enorme de sorvete na cama.

— Ou aqueles biscoitos de menta e chocolate. Com o embrulho brilhante?

— Eles eram *gostosos*!

— Mas, às vezes, eram de laranja em vez de menta. Aqueles eram *péssimos*.

— Eu gostava dos de laranja.

— Você é esquisita...

Eu as deixo discutindo os méritos dos biscoitos de laranja e de menta, subo a escada e desejo, desejo, *desejo* que alguém já tivesse inventado maquiagem autodissolvente. Água micelar parecia um néctar dos deuses até eu ler uma matéria dizendo que não se pode usá-la o tempo todo, que é necessário fazer uma dupla limpeza pelo menos a cada três dias, e, ah, Deus, a vida já não é difícil o suficiente?

Mando uma mensagem para Derry, pedindo para que me ligue. De repente, sinto muita falta de Steevie, desejo poder conversar com ela, especialmente sobre Sofie. Mas — numa onda de paranoia — e se eu lhe contar sobre nossos planos e ela me dedurar?

Na cama, meus dedos tremem enquanto começo a pesquisar o remédio. Na mesma hora, desenvolvo um novo conjunto de preocupações: e se algo der errado, medicamente falando? E se Sofie tiver uma hemorragia? Todos os sites dizem que ela deve ir a um hospital e dizer que sofreu um aborto espontâneo. Se eu contar a verdade, estarei confessando um crime.

Mas, se não contar, como ela vai receber o tratamento médico correto? E se ela morrer?

Essa é uma situação muito, muito estranha, o tipo de coisa que só vi em filmes. Não tenho talento para ser criminosa. Também não tenho talento para ser enfermeira — não sei lidar com a dor, ainda mais com a dos outros.

E se eu *for* pega? E se eu *for* presa? Esse tipo de coisa acontece. Uma mulher na Irlanda do Norte passou três anos na prisão por comprar o remédio para a filha.

Pode haver uma comoção pública, mas não tenho nenhuma intenção de ser garota-propaganda de nenhuma causa. Só quero que Sofie fique bem.

Então me lembro do sonho que tive, no qual eu carregava os bebês. A maioria tinha a cara de Sofie, e o que deixei cair e peguei pela orelha era uma versão em miniatura dela.

Eu devia estar suspeitando da gravidez, detectado subliminarmente que Sofie estava mais pálida que o comum, comendo ainda menos que o normal, não menstruava há um

tempo... Meu subconsciente tentou me contar a verdade quando eu não estava pronta para enfrentá-la.

Bem, vou enfrentá-la agora. Compro o remédio. O site parece amigável, mas a situação toda não deixa de ser furtiva e assustadora.

75

Quinta-feira, 24 de novembro, septuagésimo terceiro dia

Às quatro da tarde, eu me levanto e digo:

— Certo, Tim, desculpe abandonar o navio.

Tenho que levar Sofie ao ginecologista. Pedi que fosse uma médica mulher, mas nunca se sabe qual vai ser. Realmente espero que não seja a Dra. Frawley, que é muito nova e me disse que eu devia reduzir meu estresse e meu peso, como se isso fosse acontecer num passe de mágica só porque ela quer. Na época, fui orientada a começar a caminhar.

— Eu *caminho*.

Ela pareceu surpresa.

— Que bom. Onde?

— Ahhh... Em Glendalough.

Bem, fui lá uma vez. Foi no fim do ano passado? Ou no fim do outro ano?

— Que distância você costuma percorrer?

— Vou até a cachoeira.

— É uma subida e tanto. — Então ela pareceu desconfiada. — A não ser que você esteja falando da primeira cachoeira. A menorzinha?

É claro que eu estava falando da primeira. Que fica a quatro minutos do estacionamento.

Mas quem tem tempo para fazer exercício? Para ser honesta, eu me esforço — nas terças e quartas, ando *quilômetros* nos aeroportos, e limpo a casa todos os domingos.

— Compre um Fitbit — disse a médica.

Fiquei calada. Eu já tinha um Fitbit. Odiava aquela coisa. Parecia quase impossível alcançar o objetivo diário de dez mil passos. Era só mais um jeito de eu me sentir fracassada.

No final das contas, temos sorte: é a Dra. Conlon que nos atende. Ela deve ter seus 40 e poucos anos e sempre me pareceu uma pessoa prática.

Sofie está chorando e quer que eu fique na sala durante o exame. Apesar de ela já saber, começa a chorar ainda mais quando a médica anuncia:

— É, você está mesmo grávida.

— De quanto tempo? — pergunto.

— Sem saber a data da última menstruação, não posso dar certeza, mas umas oito ou nove semanas.

— Não é tanto tempo assim. — Sofie está determinada.

— Contamos a partir da data da última menstruação — diz a Dra. Conlon. — Não desde a concepção.

Isso me tira do eixo. Será que já é tarde demais para Sofie tomar o remédio? O susto me torna impulsiva.

— Sofie não vai manter a gravidez. Mas ela ainda pode tomar o remédio?

— Remédios abortivos podem ser usados com segurança até que a gestante complete dez semanas.

— Você diria que ela com certeza não tem esse tempo todo de gravidez?

— É preciso fazer uma ultrassonografia para termos certeza. Mas é provável.

Decido me arriscar.

— Há alguma possibilidade de você receitar o remédio?

A médica faz que não com a cabeça.

— Eu perderia minha licença. Na pior das hipóteses, seria presa.

— Desculpe! — Estou com vergonha só de ter feito a pergunta.

— Por que isso é tão ilegal? — pergunta Sofie.

A Dra. Conlon suspira.

— Boa pergunta. — Ela nos encara, e seu olhar é cheio de compaixão. — Marque a ultrassonografia o mais rápido possível. — Então pega uns folhetos e me entrega. — Dados sobre algumas organizações que podem dar informações, endereços no Reino Unido, essas coisas. Um conselho: se usarem o remédio que vendem pela internet e alguém as delatar, cada uma de vocês pode pegar até catorze anos de cadeia.

— Que loucura! — exclama Sofie, cheia de indignação e descrença. — Esse povo devia cuidar da própria vida! O problema é meu, a decisão é minha.

É isso que acontece quando uma garota de 17 anos sem qualquer noção de política vê suas necessidades irem de encontro com as limitações do sistema legal.

— Outra coisa, Sofie — diz a médica: —, consulte um psicólogo. Converse sobre o assunto. Você não quer se arrepender dessa decisão.

— Não vou me arrepender! — Sofie se abraça. — Não posso trazer outra pessoa como eu para o mundo. Estou com tanto medo. — Ela desaba em lágrimas. — Eu pesquisei. Só dois por cento das garotas se arrepende de fazer um aborto, e não serei uma delas.

— Mesmo assim. — A Dra. Conlon permanece impassível. — Mal não vai fazer.

No carro, ligo para marcar a ultrassonografia, e o próximo horário disponível no hospital é na segunda. Isso é um problema, não temos tempo a perder, mas o que posso fazer? Eu queria muito que tivéssemos juntado dinheiro para pagar o plano de saúde mais caro que nos permitiria aparecer no hospital a qualquer hora do dia ou da noite (pelo menos de acordo com os anúncios) e fazer qualquer exame que desejássemos.

Então empertigo os ombros.

— Sofie, você sabe que há alternativas. Pode ter o bebê e colocá-lo para adoção.

— Amy! — Sua voz está aguda de medo. — Isso seria *pior* do que ter o filho e ficar com ele, porque eu viveria me preocupando que a criança ficasse igual a mim sem que eu soubesse. — Ela começa a chorar de novo. — Você não sabe como é sentir tanto medo.

É verdade que nunca estive nessas mesmas circunstâncias, mas já senti algo parecido — o pavor diário de quando Richie me largou e eu não tinha um centavo para cuidar de Neeve. Aquilo foi terrível. Então o ataque de terror de uma semana quando descobri que estava grávida de Kiara. Hugh e eu tínhamos começado a namorar havia pouquíssimo tempo, menos de quatro meses. Quem poderia

me culpar por pensar que era cedo *demais*, que a gente acabaria terminando?

Mas eu era onze anos mais velha que Sofie é agora. Já tinha mecanismos de sobrevivência e era, no geral, uma pessoa diferente, mais estável.

— Por que você não espera até conversar com o psicólogo antes de tomar uma decisão? — sugiro.

— Não vou mudar de ideia, Amy, quero ir para a faculdade, quero virar cientista e descobrir curas, quero um futuro.

Essa é a primeira vez que a ouço expressar qualquer ambição. Em outras circunstâncias, eu ficaria maravilhada.

— Desculpe, Amy. Por tudo isso. Eu não devia ter feito sexo.

— Você é humana. É assim que sobrevivemos por tanto tempo.

— Mas sou nova demais, só tenho 17 anos.

É mesmo? Aos olhos da lei, ela tem idade suficiente. Mas meu coração sente outra coisa — minhas meninas sempre serão novas demais. Se eu pudesse, passaria a vida com as três enroladas em mantinhas de algodão. Mas...

— Quando eu tinha a sua idade, fazia isso o tempo todo.

— Sério? Não!

Fico um pouco ofendida com seu ar horrorizado e quase lhe dou os detalhes da história que contei para Alastair, sobre convencer Richie a roubar o barco em Greystones. Só o fato de ela precisar de bons exemplos na vida me faz calar a boca.

Mas é mesmo verdade que toda geração acha que foram os primeiros a inventar o sexo.

— Pelo menos Jackson e eu usamos proteção — diz Sofie. — Mesmo que não tenha dado certo. Quer dizer, não sou uma fracassada completa.

— Na minha época... — digo, e faço uma pausa. Não acredito que acabei de falar “na minha época”. Mas me forço a continuar. — Na minha época, nós não tínhamos acesso a métodos contraceptivos, nem camisinhas, e tínhamos que...

— Usar embalagens de biscoito. Eu sei. Era uma barbaridade.

Jesus amado. Embalagens de *biscoito*?

— Nada disso. Eu ia dizer que os homens tinham que ejacular fora.

— O que é quase tão ruim.

Suspiro.

— Agora, vamos contar para seu pai.

— Não. Por favor, Amy. Hoje, não. Por que não vamos comer alguma coisa?

Sofie está jogando sujo — geralmente, eu ficaria tão feliz de vê-la comer que abandonaria qualquer plano, mas isso precisa ser feito.

— Então vamos conversar com Jackson e os pais dele.

— Não, Amy!

— Sim, Sofie.

Também não estou com ânimo para nada disso.

Joe faz um péssimo trabalho em esconder seu alívio ao saber que estou no controle da situação.

— Obrigado, Amy. Fico agradecido.

Eu o olho de cara feia. Não consigo evitar — e é um erro, porque ele acha que tem que ser mais rígido. Então se foca em Sofie.

— Você não é jovem demais para essas coisas? Só tem...

— Ela tem 17 anos — interrompo antes que ele tenha a chance de mostrar que esqueceu a idade da filha.

— Ah, é? Bem, não é tão ruim.

— Quem vai contar a Urzula? — pergunto.

— Ela precisa mesmo saber? — pergunta Sofie.

Já debati muito esse tópico comigo mesma, e parte de mim quer punir Urzula — e Joe — por negligenciarem Sofie. Mas Urzula é a mãe biológica.

— E se ela disser que tenho que ter o bebê? — pergunta Sofie.

Duvido muito.

— Não posso contar a ela — diz Joe. — Nós não temos uma relação boa.

Bem, nem eu. Ela não bate bem da cabeça, e talvez eu devesse ter mais compaixão, mas paciência.

— Você vai contar. — Sou firme com Joe. — Mudando de assunto, conhece alguém com habilidades médicas? Que possa, sabe, acompanhar Sofie durante o momento?

Ele franze o cenho.

— Como assim? O procedimento não vai acontecer numa clínica?

Pelo amor de Deus!

— Não neste país. É ilegal.

— Até com o remédio?

Joe é *tão* idiota!

— Até com o remédio. Escute, não conte nada disso para Maura.

— Quando eu falaria com Maura? — O tom dele é seco.

— Ótimo. Muito bem, Sofie, vamos.

— Aonde vocês vão? — pergunta Joe.

— Falar com os pais de Jackson. — Diante da cara inexpressiva dele, digo: — Jackson é o namorado dela. Já faz um ano. Ligue para Urzula. Tchau.

Jackson já contou para os pais, que estão adequadamente preocupados. Os dois são boas pessoas — é óbvio que o filho teve a quem puxar o temperamento gentil e educado.

O alívio da família com o fato de que Sofie não vai seguir com a gravidez não é surpresa.

— Nós amamos Sofie — repete a mãe várias vezes —, mas você sabe...

O pai não consegue tirar os olhos do garoto, como se simplesmente *não conseguisse* acreditar que um menino tão franzino fosse capaz de engravidar alguém.

— Vocês vão para o Reino Unido? — pergunta a mãe de Jackson.

— Pedimos o remédio.

Ela concorda com a cabeça.

— Vamos dividir os gastos.

O que é mais do que Joe se ofereceu a fazer. Mas eu não esperava nada dele — faz muito tempo que meu irmão se absolveu de qualquer responsabilidade para com Sofie. Se eu me permitisse, sofreria uma combustão espontânea de tanta raiva pela negligência dele — e pela de Urzula. Mas a única pessoa que importa nesse caso é Sofie, e, contanto que ela não se importe, o que parece ser o caso, posso aguentar.

Não adianta desejar que o mundo fosse como eu acharia ideal. É melhor simplesmente aceitar as coisas como elas são.

76

Sexta-feira, 25 de novembro, septuagésimo quarto dia

Nenhuma das meninas aparece na casa de mamãe e papai para o jantar de sexta-feira. Elas não deram certeza de que viriam, porque ninguém nunca dá, mas o fato de as três não estarem aqui é um sinal da nuvem que paira sobre nossas cabeças.

Vou embora mais cedo que o normal e as encontro em casa, sentadas na escada, parecendo refugiadas.

— Mãe, quando o remédio vai chegar? — pergunta Kiara. — Ela está tendo um treco.

— Se eu tiver que ter o bebê, vou me matar — sussurra Sofie.

— Shh, shh, shh, ninguém vai ter bebê algum, vai ficar tudo bem. — Com a bunda, empurro Neeve e Kiara para longe e me agarro em Sofie. — Estou rastreando o pacote — digo, mostrando os detalhes da entrega no iPad. — Ele chegou ao país ontem — continuo. — Devem entregar na segunda.

Assim espero.

— E então faremos o procedimento? — pergunta Sofie com a voz fraca.

— Depois que você fizer o exame e falar com o psicólogo. — Quanto a isso serei irredutível.

— E se o remédio não chegar? — pergunta ela. — E se a alfândega apreender o pacote?

Essa é uma possibilidade real que tem feito meu estômago queimar com o fogo de um lança-chamas.

— É claro que o remédio vai chegar — digo, animada, porque todas precisamos ter esperança.

77

Segunda-feira, 28 de novembro, septuagésimo sétimo dia

Na manhã de segunda, bato à porta de Neeve. Geralmente, eu receberia uma enxurrada de reclamações por tomar tal liberdade, mas o fim de semana foi tenso.

— Neevey? Você vai ficar em casa hoje?

— Por quê... ah! Para o caso de o remédio chegar? Claro.

— Você tem algum compromisso?

— Isso é mais importante. Mando uma mensagem quando entregarem o pacote.

Sofie desce cambaleante do quarto no sótão, ainda de pijama.

— Querida — digo. — Roupas.

— Não posso ir para a escola.

Seguro o rosto dela entre minhas mãos e o encho de beijos.

— Você precisa ir. Prometo que vai dar tudo certo.

— Ah, Aaaamyyyy.

— Vá! Se! Arrumar! Vou fazer o café.

— *Vai?* — A porta de Kiara se abre de repente. — Uau.

— Não precisa — diz Sofie. — Não vou comer.

— Você precisa comer, Sofie.

— Só vou comer depois que tudo isso estiver resolvido.

O que eu faço? Se cozinhar, ela não vai comer. Mas vou me sentir irresponsável se não fizer nada. Além do mais, já estou atrasada para o trabalho... Então vejo a carinha ansiosa de Kiara.

— Batatas? — pergunta ela.

Não consigo deixar de rir.

* * *

Passo a manhã toda checando o telefone, esperando um feliz *O pacote chegou!* de Neeve. Mas nada. E nenhuma notificação do site de entrega.

Na hora do almoço, ligo.

— Neevey?

— Nada ainda, mãe. Estou com um mau pressentimento.

Eu também.

— Talvez chegue amanhã — diz ela.

Mas acho que não.

— Eu não... — Alastair engasga. — Não acredito.

Tim e eu nos viramos para encará-lo.

— O quê?!

Alastair, ainda encarando a tela, engole em seco.

— Amy. É Lilian O'Connell, mãe de cinco. De novo!

É o segundo vlog de mamãe, filmado quando ela colocou o aplique e fez luzes no cabelo. Ela está falando sobre o novo visual.

— Gosto de pensar que fiquei parecida com Mary Berry. Só que... — Ela baixa os olhos em modéstia, então volta a olhar para cima com um brilho travesso no olhar. — Mais jovem!

Tim arfa.

— Ela acabou mesmo de esculhambar Mary Berry?

— Sim. — Alastair balança a cabeça, admirado. — E, ao mesmo tempo, não. Existe um tom respeitoso, um charme, uma brincadeirinha. Lilian O'Connell, mãe de cinco, sabe o que faz.

— Onde você encontrou o vídeo? — pergunto, achando que ele vai responder no Facebook ou no Twitter.

Mas Alastair diz:

— No *The Independent*. Postaram um link.

O *The Independent* é o maior jornal da Irlanda.

— O negócio está ficando sério! — Thamy surgiu da recepção.

Eu devia ligar parar Neeve, porque o trabalho é dela, mas é mamãe quem recebe meu telefonema.

— Mamãe? Ficou sabendo do seu vídeo?

— Sim! Neeve disse que estou bombando. Amy, posso perguntar uma coisa? Que coisa idiota a dizer, isso já foi uma pergunta. Enfim, o que significa estar bombando? Neeve fica repetindo isso, mas, se

eu pedir a ela para me explicar, vou levar um sermão. Tem alguma coisa a ver com explosões?

— Nada de explosões. Escute, o *The Independent* postou um vídeo do seu vlog!

— O jornal? — A voz dela se enche de admiração. — Apareci no jornal?

— Hum, Neeve vai explicar melhor.

— Amy, já que você está na linha...

Merda. Eu sabia que isso ia acontecer.

— ... será que pode passar umas horas aqui hoje? Eu queria sair para tomar gins-tônicas e comemorar.

Eu preferia atear fogo a mim mesma, mas já me sinto assim o tempo todo mesmo.

— Nove semanas — anuncia a médica que faz a ultrassonografia para Sofie. — Você está grávida de nove semanas.

— Isso significa nove semanas desde a última menstruação? — pergunto. Essa parte é importante.

— Sim.

Puxa, que alívio.

78

Terça-feira, 29 de novembro, septuagésimo oitavo dia

Na manhã de terça, aterrisso em Heathrow, ligo meu telefone e encontro uma mensagem de Neeve: **Me liga.**

Meu coração acelera, mas sinto um estranho alívio. Agora descubro o pior.

— Neevey?

— Nada do remédio, mãe. Mas recebemos uma carta assustadora do... — E um barulho de papel. — Pessoal da Alfândega. Algo sobre o Ato de Consolidação Aduaneiro. Dizem que confiscaram o remédio. Alguém da Unidade de Cumprimento das Leis, do órgão de Regulação de Medicamentos entrará em contato em breve. Você vai ser presa?

— Ah, não.

— Não foi legal para caralho da parte deles? — E então: — Não sei por que precisam mandar uma carta tão assustadora!

Sua voz está trêmula, e ela parece chorosa.

— Está tudo bem, querida, sério.

— Sério? — Neeve funga. — Acho que agora é a hora do plano B.

Mas não adianta perguntar a ela que plano é esse. Quem deveria saber sou eu, a adulta.

Só no início da tarde consigo um intervalo longo o suficiente para fazer as ligações necessárias.

— Quero marcar um horário para minha filha. — É mais fácil apresentar Sofie como filha, e, curiosamente, ela é a única das meninas que tem o mesmo sobrenome que eu. — Para a... hum, versão do remédio. Para o mais rápido possível.

— Quando foi a data da última menstruação dela? Precisamos marcar uma ultrassonografia também. Temos um horário vago hoje, às...

— Hum, não. Ela mora na Irlanda. Mas fez o exame ontem.

— Precisamos fazer um aqui também. E podemos marcar para o mesmo dia do procedimento. Mas, se ela estiver com mais de dez semanas de gravidez — ainda é extremamente chocante ouvir alguém falar em relação à pequena Sofie —, o uso do remédio não é recomendado.

— Então posso marcar? Para o mais cedo possível?

Existe a possibilidade — apesar de mínima — de que Sofie mude de ideia depois de conversar com o psicólogo, mas é melhor garantir. Simplesmente vou ter que sofrer o risco de perder o dinheiro da reserva.

— Deixe-me ver. Só para explicar: precisamos que sua filha venha aqui duas vezes em 24 horas. Vamos administrar a primeira dose do remédio, e então ela será liberada. No dia seguinte, daremos a segunda. Ela ficará com a gente até sofrer o aborto, o que leva em torno de três horas.

— Entendi.

— Temos vaga na próxima segunda, à uma da tarde, com retorno no dia seguinte, às duas. Um adulto precisa buscá-la às cinco. Essa parte é importante. Ela não pode ir embora sozinha.

Ah, não. As datas e horários são péssimos. Tenho a apresentação para a imprensa de Tabitha Wilton/Quarto às cinco horas na terça. Está muito em cima da hora para desmarcar.

— Talvez eu só consiga chegar às sete e meia — respondo.

— Fechamos às seis.

— Não há nenhum horário mais cedo? — pergunto, desesperada.

— Estamos lotados.

— E se eu tentar outra clínica?

— Acho difícil, mas posso segurar esse horário para você por um dia.

Passo a próxima uma hora e quinze minutos ligando para clínicas na região de Londres, e nenhuma consegue atender Sofie nesta semana, então acabo retornando para a primeira e agendando.

Recebo várias informações, e a mulher informa:

— Sua filha não pode pegar um voo de volta para casa na noite de terça. Não depois de fazer o procedimento à tarde. Podemos indicar alguns hotéis na região. — E então repete: — Um adulto deve vir buscá-la.

Mas quem?

Druzie vai passar pelo menos outro mês fora. Penso em Jackson: ele é sensato e bondoso, e Sofie ficaria feliz com sua presença. Mas o garoto só tem 17 anos e parece ainda mais novo. Seria muito arriscado trazê-lo para ser o “adulto”.

Talvez possa ser Derry. Se ela não estiver trabalhando em Ulaanbaatar ou algum lugar distante. Eu poderia pedir a Joe, mas já sei que ele vai inventar alguma desculpa esfarrapada.

Do nada, a raiva toma conta de mim. *Vá se foder, Hugh, vá se foder por ter me abandonado e por me obrigar a me virar sozinha*.

Ele não tinha como saber que algo assim aconteceria. Mas, sejamos justos, quando se deixa uma pessoa encarregada de duas adolescentes, *tudo* pode acontecer. Apesar de ser impossível ter previsto essas circunstâncias exatas, ele devia ter imaginado que algo aconteceria, porque é *assim* que a vida funciona.

79

Eu devia encontrar Josh em menos de duas horas, mas, hoje, isso parece completamente errado.

Depois de debater comigo mesma o que fazer, acabo mandando uma mensagem: **Avise quando eu puder te ligar.**

Em dez segundos, o telefone toca.

— Maltrapilha?

— Josh, não posso me encontrar com você hoje.

Depois de uma longa pausa, ele diz:

— Você está terminando comigo?

— Estou com um problema em casa, e não parece certo... encontrar você hoje.

— Mas vai parecer certo em outra noite?

— Sim.

Bem, quem sabe?

— Você está menstruada?

Isso faz com que eu solte uma risada de surpresa.

— Porque não me importo — continua ele. — Se você não quiser fazer, sabe, a gente não precisa. Mas ainda podemos, tipo...

— É complicado demais para eu explicar por telefone.

— Quer beber alguma coisa? *Só* beber.

— Hoje não, Josh.

— Na semana que vem?

— Talvez.

— Tudo bem, Amy. — O tom dele se torna mais tranquilo. — Vou ficar torcendo. Se você mudar de ideia...

— Está bem, sim — digo de repente. — Hoje à noite, mas só para beber. No bar do hotel.

Dividida entre a tristeza e a necessidade de ser consolada, escolho o consolo.

Josh me espera num canto do bar para hóspedes do pequeno hotel em Marylebone. Ao me ver, ele se levanta num pulo, sua expressão ao mesmo tempo desconfiada e preocupada. Solícito, tira meu casaco e me passa um drinque, mas sinto sua ansiedade. E talvez impaciência.

— Você está bem? — pergunta ele depois que me acomodo.

— Sim. Tipo, não há nada de errado comigo, em termos de saúde e tal.

Josh está tenso, esperando para ouvir o problema.

— É difícil explicar... Há uma situação. Não na minha vida. Mas com uma garota que está sob meus cuidados, e... Já falei demais.

— Uma garota que está sob seus cuidados? — incentiva ele.

— Está grávida. E não quer ter o bebê.

— Ela vai fazer um aborto?

— É a coisa certa para ela. Acho que a mulher tem o direito de escolher. E você?

Josh parece chocado.

— É claro.

— Vocês, ingleses — digo —, são tão sortudos por não ter que conviver com tudo isso de remorso e culpa.

— Você teve criação católica?

— Não muito. Mamãe e papai não eram muito fãs de Deus. Mas, morando na Irlanda, é impossível escapar da culpa. Ela paira no ar.

— Não dá para culpar o ar por isso. É consequência das leis irlandesas. Catorze anos de cadeia por tomar um remédio? É um julgamento pesado.

— Uau — digo. — Nunca pensei por esse lado. Enfim, não sei exatamente como explicar, mas parece... inadequado, para mim, uma mulher casada, ir para um hotel encontrar com você, um homem casado, quando uma garota sob meus cuidados vai fazer um aborto. A situação é muito... — Faço uma pausa. — Digna de Sodoma e Gomorra.

É impossível decifrar a expressão de Josh. Só sei que ele não parece se sentir tão preocupado quanto eu.

— Amy. — Ele escolhe suas palavras com cuidado. — Eu não estou me comportando bem. Mas você não fez nada de errado. Está dando um tempo do seu casamento.

— Hugh pode estar dando um tempo, mas não tenho certeza de que me dei permissão para isso. Sei que parece loucura, mas não aprovo o que estamos fazendo. É algo chamado dissonância cognitiva...

— Você leu sobre isso na revista de psicologia? — Um breve sorriso.

— Sim. Tem esse problema. E também me sinto triste. Sobre muitas coisas. Sobre a garota. Ela teve uma vida confusa, em termos de quem deveria amar, e a gravidez a deixou apavorada. E é bem próxima do meu... de Hugh, e fico triste por ele não estar aqui para apoiá-la.

Josh cobre minha mão com a dele, mas me afasto; ninguém pode vê-lo me tocar em público. Como se pedisse desculpa, digo:

— Do jeito que as coisas são, seria bem capaz de a melhor amiga de Marcia nos pegar no flagra. — Mas me sinto gelada e trêmula, e adoraria receber um abraço. — Vou fazer uma pergunta — digo. — Mas não pense besteira. Tudo bem? Você cancelou a reserva do quarto aqui no hotel?

— Não.

— Por favor, não crie expectativas, porque eu não conseguiria fazer nada, mas podemos subir?

Completamente vestidos, deitamos na cama, enroscados um no outro. Ele acaricia meu cabelo enquanto falo em momentos aleatórios, relatando coisas bobas, como as aventuras de mamãe no mundo dos vlogs, o idealismo de Kiara, a beleza do cabelo comprido e escuro de Jackson. Fico em silêncio por um tempo, mas logo depois me lembro de outra coisa.

Conforme o tempo passa, vou me sentindo mais calma, e a tristeza some.

— Conte alguma coisa sobe você, Josh. Você escreve? Roteiros de cinema?

Ele permanece quieto por um instante antes de responder.

— Costumava.

— Você escrevia?

Quase sem perceber, começo a brincar com a frente da calça dele, passando meus dedos para cima e para baixo do jeans

dobrado que cobre seu zíper.

— Sim, quando eu era... Amy, o que você está fazendo?

— Não sei.

— Por favor, pare.

— Você se importaria se eu não parasse?

— Mas...

— Podemos só ver o que acontece? — sussurro.

— Não.

Ele segura meu pulso e afasta minha mão.

— Por favor. Por favor, Josh. Eu quero.

— Não parece certo.

— Para mim, parece.

Dessa vez, é completamente diferente. É mais gentil, mais carinhoso, tão maravilhoso que chega a doer. Quando ele me penetra e começa seus movimentos circulares lentos, lágrimas silenciosas caem dos meus olhos. Horrorizado, Josh para.

— Por favor, não pare, Josh. Eu quero — digo.

Ele está se afastando e saindo.

— Não.

Com as mãos, com as pernas, eu o agarro.

— Por favor. Fique em mim, fique comigo.

— Mas você está triste.

— Estou ficando menos triste.

— Não parece.

Solto uma risada chorosa.

— Tem certeza? — sussurra ele.

Eu choro o tempo todo, e Josh beija minhas lágrimas, dizendo:

— Amy. Bela, bela, bela Amy.

80

Quarta-feira, 30 de novembro, septuagésimo nono dia

Na noite de quarta, quando chego em casa de Londres, Sofie está ainda mais nervosa e esquelética do que dois dias atrás.

— Só como depois que tudo isso estiver resolvido — repete ela.

Entrando em pânico, faço uma ameaça impulsiva.

— Se você não comer, não vou levar você à Inglaterra.

— Se você não me levar, nunca mais como na vida.

— Sofie!

— Você não entende, Amy. Eu prefiro morrer a ter o bebê.

— Você não vai ter bebê nenhum. Juro por tudo que é mais sagrado.

Ela balança a cabeça.

— O voo pode ser cancelado, a clínica pode pegar fogo, os ativistas antiaborto podem me sequestrar...

— Sofie, que bobagem! Que tal eu fazer uma sopa?

— Sopa é comida.

— Milk-shake?

— Comida.

— Que tal soro caseiro?

— Tudo bem.

Já é um começo.

Derry não vai estar em Ulaanbaatar na semana que vem, mas irá para algum lugar distante, então não pode buscar Sofie na clínica.

— Em quem você confia? — pergunta minha irmã.

— Fácil. Alastair. Mas não seria certo pedir para ele ir.

E, como Steevie e Jana continuam sem falar comigo e Petra nunca consegue sair de perto das gêmeas, minhas opções são limitadas.

— Que tal Maura? — sugere Derry. — Siena? Jackson?

— Não — digo. — Não. Não.

— A mãe de Jackson?

— Ela não pode.

Os pais de Jackson têm um filho com necessidades especiais que precisa de cuidados constantes.

— Urzula?

— De jeito nenhum! — Isso faz nós duas darmos uma risada.

Hesitante, Derry sugere:

— Joe?

Suspiro.

— O que você acha?

— Acho que ele inventaria qualquer mentira absurda para não ir. E se por algum milagre topasse, ia acabar furando no dia. Você ficaria enlouquecida, esperando-o aprontar alguma.

Ela tem razão, em todos os aspectos.

— Derry — digo. — Pode ter outra opção. Sofie, ela não está comendo nada, literalmente. Diz que só vai comer quando resolvermos tudo. Então podemos dizer que ela apresenta tendências suicidas? Porque a legislação diz que, se uma mulher se mostrar suicida, ela pode fazer um aborto.

Derry corta logo a ideia:

— Eles ficariam querendo uma segunda, terceira, quarta opinião, e, quando finalmente resolvessem que Sofie quer *mesmo* se matar, o feto já estaria na faculdade.

— Ou Sofie já teria pulado de uma ponte.

— Ou feito jejum até morrer.

— Pois é.

Bem, valeu a tentativa.

— Vai ter que ser Neeve — diz Derry. — Não tem mais ninguém.

— Ela é nova demais.

— Ela tem 22 anos. E não há outra alternativa.

Derry tem razão.

— E Kiara pode ficar com Joe — continua ela. — É o mínimo que aquele babaca imprestável pode fazer.

* * *

— O que está acontecendo? — É manhã de quinta, e Alastair me liga de Londres.

— Como assim?

— Thamy disse que você vai fugir do escritório para outra missão secreta hoje à tarde. E que pretende tirar a segunda-feira de folga.

— *Thamy* ligou para você? Em Londres?

— E não vá brigar com ela. Eu a obriguei. Que raios está acontecendo, Amy? Quer dizer, eu sei que você anda trepando feito louca com Josh Rowan. O que pode ser mais emocionante que isso?

— Seu... seu fofoqueiro de *merda*!

— Eu sempre te conto tudo!

— Mas o segredo não é meu para ser contado.

— Ah! — Ele parece entender agora que não é assunto para brincadeira.

— Mas, tudo bem, talvez eu precisasse te falar de toda forma. Sofie está grávida.

— Ah, merda. — E então: — Por que você precisaria me falar de toda forma?

Eu quase rio.

— Ela não disse que você é o pai da criança, se essa é sua preocupação.

— Esse é um medo que não tenho. Tenho respeito demais por você, *jamais* me envolveria com alguém da sua família.

— Tirando, talvez, minha irmã gostosa.

— Tirando ela, talvez, pois é. E Lilian O'Connell, mãe de cinco, como va...

— Então o motivo da minha *fuga* esta tarde — falo por cima dele — é levar Sofie ao psicólogo.

— Desculpe, Amy, de verdade, por ligar desse jeito e pelo que você e Sofie estão passando.

— Ela vai fazer o aborto em Londres, na terça.

— Esse não é o dia do seu negócio importante com Tabitha Wilton?

— É. Então, talvez eu precise de você, Alastair.

— Pode deixar comigo — diz ele. — É só me avisar.

81

Segunda-feira, 5 de dezembro, octogésimo quarto dia

— A próxima parada é a nossa — anuncio.

Sofie, Neeve e eu nos levantamos na mesma hora, pegando nossas malas de rodinha, tentando nos equilibrar no trem oscilante. Podíamos ter continuado sentadas por mais uns três minutos, mas estamos fazendo tudo cedo. Chegamos quase três horas antes do horário marcado, mas é melhor estarmos adiantadas do que atrasadas.

A clínica fica nos confins de Wimbledon, e matamos tempo numa cafeteria que lembra aquela da equipe perdedora de *O aprendiz*. Meu coração se aperta diante da visão de Sofie tão jovem e desolada. Isso não seria fácil em país algum, mas é pior o fato de ela ter tido que acordar de madrugada para pegar um voo e precisar circular por uma cidade desconhecida.

Há algo sobre o qual tenho hesitado: não quero que Sofie se sinta culpada, mas ela precisa ser protegida.

Engulo em seco.

— É melhor usarmos um endereço falso. Não queremos que alguém rastreie Sofie.

— Isso é uma *palhaçada* — diz Neeve.

— Por favor, Neeve, nem todo mundo na Irlanda é como nós. As pessoas julgam as outras.

O tom dela é pacífico.

— Não tem problema, mãe, eu entendo. Só estou irritada por ter que ser assim.

A clínica fica em uma casa grande e feia em uma rua movimentada. A entrada é pela lateral. Sofie está visivelmente trêmula, e até Neeve parece assustada.

Nós nos apresentamos na recepção, e uma olhada rápida ao redor determina que há cerca de oito grupos de pessoas ali, de idades e etnias diferentes. Talvez haja outros irlandeses. Ninguém faz contato visual.

Meu “endereço” é uma mistura dos endereços de amigos e parentes. Deixo pistas em todo canto, e Derren Brown seria capaz de descobrir o verdadeiro em segundos. Se apenas eu tivesse tido o bom senso de usar um sobrenome falso quando marquei a consulta. Registros médicos devem ser confidenciais, mas se alguém invadir a clínica e publicar todos os detalhes para expor as mulheres...

Meu Deus. Minhas mãos estão suando.

— Você está bem? — pergunta Neeve.

— Sim, claro, sim, com certeza!

— Sofie? — Uma mulher usando um vestido que reconheço ser da Cos enfia a cabeça pela fresta da porta. — Pode vir.

— Amy, quer dizer, minha mãe pode vir comigo? — pergunta ela.

— Não, querida, nós vamos conversar. Precisa ser em particular.

Outra psicóloga. Que bom. Até onde me consta, quanto mais psicólogos, melhor.

Sofie passa uma hora lá dentro, e, assim que volta, uma mulher com avental cirúrgico a busca para a ultrassonografia. Dessa vez, posso ir junto.

— Você está quase completando dez semanas, Sofie, chegou bem na hora. — Ela lhe passa dois comprimidos e um copo de água. — Se vomitar dentro de uma hora, precisa voltar.

Como faz dias que Sofie não come, quais são as chances de ela vomitar? Pouquíssimas, espero.

— Talvez você comece a ter cólicas hoje à noite ou amanhã de manhã, mas pode ser que não sinta nada. Se sentir alguma coisa, tome ibuprofeno e só. Esteja de volta às duas da tarde de amanhã. Precisamos que passe três horas aqui, e alguém deve vir buscá-la.

É minha deixa.

— Minha filha, hum, minha outra filha, Neeve, que está na sala de espera, vem com Sofie amanhã e vai esperar até a hora de irem embora.

Mas estou perdendo a coragem. Isso tudo parece assustador demais para despejar nas costas de Neeve.

Sei que outras garotas fazem isso sem a ajuda de alguém como eu. Sei que eu tinha muito mais responsabilidades aos 22 do que Neeve terá amanhã. Porém, ainda assim, sinto que estou abdicando dos meus deveres de mãe.

Será melhor ligar para Alastair e pedir a ele para que venha amanhã para Londres e cubra o lançamento de Tabitha Wilton?

Antes de sairmos da clínica, é hora de pagar. Os pais de Jackson disseram que vão cobrir a metade, mas estamos esperando até descobrirmos o valor total. Enquanto isso, me arrependo demais de todos os vestidos inúteis que ando comprando e torço para cartão de crédito não explodir.

Mas a quantia é menor do que eu esperava.

— Isso é só parte do total?

A mulher diz:

— Cobramos menos para quem vem da Irlanda. Porque vocês já gastam dinheiro demais para chegar aqui.

— Obrigada.

Isso é muito gentil da parte deles, de verdade. Ainda assim, fico com vergonha por um país estrangeiro ter que nos ajudar porque nosso próprio não o faria.

A caminho da casa de Druzie, Sofie parece bem mais animada.

— Por favor, você pode comer hoje? — peço.

— Sim! — E então: — Será que, se eu comer, vou estar desafiando o Destino e algo horrível dará errado, e...

— Nada vai dar errado.

Paramos no Tesco e compramos donuts, abacaxis frescos e outras coisas. Depois que as meninas estão acomodadas diante da Netflix, ligo para Alastair.

— Oi — diz ele. — Como foi?

— Tudo bem, ótimo, certo. Eu acho. Só estou perdendo a coragem para amanhã. Sobre deixar Neeve lidar com tudo.

Sem hesitar, ele diz:

— Vou pegar o primeiro voo para Londres amanhã. Não faz diferença alguma eu trabalhar daqui ou daí.

— Sério? Mas onde você vai ficar? Estamos na casa de Druzie.

— Fico num hotel.

— Não quer dormir no sofá?

— Fico num hotel. — E então: — Não tem problema, Amy. Nenhum. E isso vai te deixar mais tranquila sobre o que fazer.

— Você é um homem bom, Alastair Donovan.

* * *

Sofie divide a cama comigo, e passo a noite toda sem conseguir dormir direito, sem nunca cair num sono muito profundo para o caso de algo dar errado e ela precisar de mim. Mas a manhã chega, e tudo parece bem.

— Nada de cólicas? — pergunto.

— Não. Acho que só devem começar depois do segundo comprimido.

Ainda não sei o que fazer hoje. A ideia de abandonar Tabitha Wilton e a instituição de caridade nas mãos de Alastair não parece certa, apesar de eu saber que ele só precisaria de quatro segundos para conquistar o coração de todos.

No entanto, não sei se Sofie se sentiria bem se um homem fosse buscá-la na clínica. Ela conhece Alastair há muito tempo e parece gostar dele, mas estará num estado muito vulnerável. A melhor coisa a fazer é deixá-lo como reserva.

Mas, agora, estou com medo de Neeve achar que estou minando sua autoridade, então a puxo num canto enquanto Sofie toma banho.

— Neeve, você se lembra de Alastair, que trabalha comigo? Ele está em Londres hoje. Se alguma coisa der... acontecer, ligue para ele.

— Tudo bem. Sabe, tudo isso... é bem assustador. — Rápido, ela acrescenta: — Tipo, não tem problema, eu dou conta do recado, podem contar comigo. Mas é bom saber que se algo... Sim. Obrigada, mãe.

Ótimo. Ligo para Alastair e peço para que fique alerta. É um alívio enorme saber que Neeve e Sofie não vão passar por isso sozinhas.

82

Terça-feira, 6 de dezembro, octogésimo quinto dia

Ao meio-dia, o táxi chega para buscar Neeve e Sofie. Então pego o metrô para o Jade, um hotel pequeno e meio vagabundo perto da Goodge Street, mais caro do que parece. Encontrar o lugar certo para o evento foi, francamente, um inferno. Como é organizado por uma instituição de caridade, não pode parecer muito ostentoso, mas, como preciso que a imprensa venha, também não pode ser muito sovina. Isso significa que vamos servir vinho, mas não Prosecco; petiscos de Gruyère, mas não hamburguinhos de carne de *kobe*.

Quando chego, a arrumação acabou de começar. No fim de semana, tive a ideia de criar um bufê de balas — achei que isso enviaria a mensagem subliminar de que Tabitha é doce (coisa que não é bem o caso). Mas, agora, olhando para os grandes sacos plásticos de balas de gelatina em formato de banana e garrafinhas de refrigerante açucarados, estou me perguntando se aquilo tudo não parece frívolo, se tomei uma decisão absurdamente errada.

A sala está equipada para receber cem pessoas — Tabitha Wilton é uma figura tão controversa que a imprensa estará em peso aqui.

Mas a coisa mais importante é que os comes e bebes sejam servidos sem parar.

— Não tentem fazer as coisas com calma — digo à equipe. — Não estamos falando de um pessoal civilizado. Essas pessoas são *jornalistas*.

A hora oficial para começarmos é as cinco, mas, dezessete minutos antes do horário, a primeira picareta aparece. E é seguida por outros três.

— Vamos lá — murmuro ao ouvido de Tabitha e começo a guiá-la pela sala cada vez mais cheia, apresentando-a a um jornalista atrás

do outro, ajudando-a a não sair da linha, mesmo quando lhe perguntam coisas que provavelmente a irritariam.

Por um tempo, eu até me esqueço de Sofie. Então, recebo uma mensagem de Neeve: **Tudo certo. Já estamos voltando.** Sinto uma onda tão grande de emoções — alívio e uma tristeza estranha — que quase não vejo Tabitha dar uma resposta atravessada para o cara do *The Telegraph*.

Às seis e meia, hora marcada para o evento terminar, o lugar continua cheio, e todo mundo está empolgado. Os garçons pararam de servir bebida, o que geralmente faz as pessoas saírem correndo.

Mas temos um problema: o bufê de balas é um sucesso *estrondoso*. Há uma multidão em volta da mesa, se esticando uns por cima dos outros, corados e felizes, enchendo os saquinhos de papel listrados de azul e branco com balinhas de vinho e ovos fritos de gelatina. Só Deus sabe como eu queria que eles todos fossem para casa, em vez de ficarem plantados ali, animados enquanto recordam memórias da infância.

— *Lábios* de cereja!

— *Anéis* de maçã!

— Posso chupar o pirulito?

— Rá, rá, rá! A gente costumava dizer isso para o moço da loja! Vocês também? Rá, rá, rá!

São quase oito horas quando consigo me livrar do último convidado e me enfiar num táxi. Estou morta de cansaço, meu rosto dói de tanto sorrir com educação, e, conforme me aproximo da casa de Druzie, meu estômago começa a queimar de ansiedade. Será que está tudo bem? Será que Sofie vai conseguir se recuperar disso tudo?

Neeve abre a porta para mim.

— Tudo certo? — pergunto.

Ela concorda com a cabeça.

— Sofie está bem.

Eu a encontro na cama, encolhida. Seu rosto está mais pálido que nunca, e ela se senta, fazendo um esforço enorme.

— Como você está? — pergunto.

— Aliviada. — Ela se debulha em lágrimas. — Ah, Amy, estou tão aliviada. Não sinto mais medo. Obrigada, Amy, obrigada.

— Está sentindo dor?

— É como uma cólica forte, mas não me importo. — Ela chora, chora, chora. — Estou tão feliz, tão agradecida. Agora sou só eu de novo, e me sinto tão feliz, tão feliz, parece que nunca mais vou ficar triste. Que alívio, Amy. Eu não podia trazer alguém igual a mim para o mundo. E nunca, nunca mais vou transar de novo.

Vamos ver quanto tempo isso dura.

Ficamos deitadas na cama. Eu me enrosco nela, segurando a bolsa de água quente contra a sua barriga, caindo no sono.

Pouco antes de eu chegar àquele vazio delicioso, Sofie murmura:

— Queria que papai estivesse aqui.

83

Quarta-feira, 7 de dezembro, octogésimo sexto dia

No aeroporto de Heathrow, entramos na área de inspeção de segurança — e ah, não! Há dezenas e dezenas de pessoas, enfileiradas em linhas serpenteantes que se estendem ao longe e depois voltam.

— Sofie? — chamo baixinho.

Ela está tão pálida que quase chega a parecer verde. Seu corpo está curvado por causa da cólica, e tem gente nos encarando. Será que pode esperar sentada em algum banco? Num lugar onde eu possa guardá-la até chegarmos ao raio X? No entanto, não encontro nada assim.

E se Sofie desmaiar? E se *apagar*? E se não a deixarem embarcar?

— Mãe — murmura Neeve —, dê outro analgésico a ela.

Não faz tanto tempo assim que lhe dei um. Estou com medo de enchê-la de remédios, seu sangue afinar e aumentar o risco de hemorragia.

— Você consegue aguentar? — pergunto a ela. — Assim que sairmos daqui, vamos para uma sala VIP onde você pode ficar deitada até embarcarmos.

— Tudo bem.

Levamos angustiantes vinte minutos antes de chegarmos ao raio X.

— Como seria se Sofie tivesse que passar por tudo isso sozinha? — pergunta Neeve, baixinho. — Mas que palhaçada.

Por azar, Sofie apita ao ser revistada e precisa ir ao cubo de acrílico para uma inspeção mais profunda. A vontade de gritar cresce dentro de mim: será que nunca vamos chegar em casa?

Ela passa pela inspeção, e, depois que somos todas liberadas, sigo para a sala VIP. O aeroporto parece maior hoje — eu devia ter alugado um daqueles carrinhos motorizados. Sempre achei que morreria de vergonha de andar numa coisa daquelas, mas agora eu daria tudo para estar sentada em um, lentamente apitando enquanto passava por pessoas que andavam quase na mesma velocidade.

— Precisamos de um carrinho de malas — diz Neeve. — Podemos colocar Sofie nele. Veja se encontra algum.

Mas, antes de isso acontecer, chegamos à sala VIP.

— Vinte e cinco pratas para cada uma! — resmunga Neeve enquanto entrego o cartão de crédito. — Mais 75 libras. Essa situação toda é um absurdo!

— Quieta — digo. — Entre.

Sofie se acomoda num sofá de dois lugares com os pés no meu colo, coberta por meu casaco. Neeve se afasta para buscar "25 pratas em brindes" enquanto penso em todas as catástrofes possíveis. E se não deixarem Sofie embarcar? Sério, o que vamos fazer?

Ah, meu Deus, lá vem uma moça de salto alto e cara de mandona para brigar comigo.

— Está tudo bem por aqui? — Ela gesticula para o montinho de ossos que é Sofie.

— Filha adolescente — digo com um sorriso confiante. — Está com uma cólica forte. Ela só precisa chegar em casa e de uma bolsa de água quente.

— Nada de sapatos em cima dos móveis.

— Eles não estão nos móveis. Estão no meu colo.

— Mãe — chama Neeve. — Já roubei biscoitos o suficiente para abrir uma loja, e a tela diz que o embarque já começou. Vamos.

Fora da sala VIP, vejo um carrinho de malas abandonado. Neeve e eu ajudamos Sofie a sentar nele, junto com a bagagem dela. Eu a empurro enquanto Neeve carrega nossas coisas.

— Vamos rir disso um dia — diz ela.

Talvez.

No portão, esperando para entrar, sinto como se meu estômago estivesse rasgando. Suas paredes devem parecer renda belga a essa altura. Estou suando de ansiedade quando entrego os cartões

de embarque. A funcionária olha para Sofie de cara feia — mas nos deixa passar.

Nós a colocamos na janela, e meu corpo parece duro como aço enquanto o avião começa a taxiar, entra na fila de decolagem, depois em outra. Finalmente, graças a Deus, o avião decola. Nenhuma de nós fala enquanto subimos cada vez mais alto, e é só quando o sinal dos cintos de segurança se apaga que eu e Neeve soltamos o ar devagar e trocamos um sorriso hesitante.

84

Segunda-feira, 12 de dezembro, nonagésimo primeiro dia

— Mais escuro. — Mamãe está animada.

— Não vai ficar bom — diz a esteticista.

— Mas por que eu faria preenchimento nas minhas sobrancelhas para ninguém ver?

— As pessoas *vão* ver.

— Coitada da esteticista — diz Alastair. — Lilian O'Connell, mãe de cinco, tem punho de ferro.

É manhã de segunda, e o vlog mais recente de Neeve, estrelando mamãe fazendo preenchimento de sobrancelhas, acabou de entrar no ar.

— É quase um filme de suspense — comenta Alastair. — Esperando para ver quem vai vencer. Aposto na LOC.

— Quem?

— LOC. Lilian O'Connell.

A esteticista — Elaine — explica com tranquilidade que o cabelo de mamãe é louro, então suas sobrancelhas precisam combinar.

— Mas quem disse que vou ser loura para sempre? — pergunta ela. — Posso resolver pintar tudo de vermelho amanhã. Ou até de azul! Então, pode fazer as sobrancelhas num tom mais escuro. Por favor.

O vlog nos mostra — em ritmo acelerado — o processo de uma hora e meia, e, no fim, mamãe tem sobrancelhas belas, bem-definidas, num tom mediano de castanho, e está nitidamente outra pessoa.

— Meu rosto ficou completamente diferente! — Anima-se ela. — Estou *visível*. Sou uma mulher que as pessoas notariam. Uma mulher que as pessoas *respeitariam.*

— Eu já te respeitava antes disso, LOC — diz Alastair. — Amy, será que ela consideraria me adotar?

— Você tem uma mãe maravilhosa, seu ingrato. Por que está sempre atrás das mulheres que não pode ter? — Então vejo a hora. — Ah, meu Deus, Alastair, são dez para uma. Rápido!

A loucura de Natal já começou — as luzes, as multidões, as sacolas, as reuniõezinhas, o vinho com especiarias, as ressacas. O trabalho se mistura ao prazer conforme distribuo presentes para meus jornalistas e clientes favoritos e os levo para almoçar ou beber. Hoje, será nosso almoço do escritório, apesar de, como diz Alastair:

— É como dar gelo para esquimós, já que nosso trabalho é basicamente encher a cara.

— O meu não — resmunga Thamy.

Em casa, eu e as meninas cuidamos da decoração, apesar de termos deixado algumas coisas de lado, como o pisca-pisca na árvore do quintal, porque precisávamos de Hugh e de uma escada para isso.

Na ausência do pai, Kiara sugeriu uma mudança nos nossos hábitos de Natal.

— Não quero que sejamos só nós quatro, eu ficaria com saudade dele, e Sofie também. Podemos fazer algo com Derry, talvez? Ou Declyn?

— Podemos ir para um hotel?

— Ah, não, mãe! — Eu devia ter imaginado que Kiara não gostaria que gastássemos mais dinheiro sem necessidade. — Isso seria completamente errado. E quero que a gente cozinhe juntas!

Merda. Merda ao infinito. Hugh sempre faz nosso jantar de Natal, e a ideia de Kiara de compartilhar tarefas é abrir o forno e gritar: “De que cor fica o peru quando ele está pronto?”

Derry odeia cozinhar ainda mais do que eu. Vai ser péssimo.

— Será que posso comprar um presente para papai? — perguntou Kiara. — Mesmo que ele não esteja aqui para abrir.

Uma nova onda de raiva toma conta de mim: odeio Hugh por fazer isso com ela.

Quando me dei conta, Maura também estava envolvida nos preparativos natalinos, e, de repente, foi decidido que a família

inteira iria almoçar na casa de mamãe e papai.

Foi Derry quem me deu a notícia.

— Mas você ficou com a parte mais tranquila, Amy, só precisa levar um pavê e um bolo.

— Jackson e eu podemos ajudar — disse Sofie.

Para meu grande alívio, Sofie está bem. Ótima, até. Está comendo, participando das coisas, e o namoro com Jackson continua indo de vento em popa.

— Vamos fazer o pavê — digo a ela. — Mas vou comprar o bolo. A vida é curta demais.

É mamãe ao telefone.

— Amy, fui reconhecida na rua por causa dos vídeos. Em Cornelscourt. Umas meninas vieram falar comigo e me perguntaram se eu era a avó de Neeve Aldin.

— Mas que ótimo!

— Pois é! Elas queriam ver minhas sobrancelhas de perto. Então disseram que sou um arraso.

— Mãe. Mãe.

Neeve entra na cozinha enquanto estou fazendo o jantar a muito contragosto. Meu coração aperta. O que houve agora?

— Mãe. — Sua voz está rouca. Então, lágrimas começam a rolar.

— O quê?

— Aconteceu.

Pelo amor de Deus!

— O que aconteceu?

— Renda. Dinheiro! Finalmente. — Ela está chorando de verdade agora. — Uma agência quer fazer propagandas no meu site. Vão me pagar. As visualizações são altas o suficiente.

— Ah, Neeve!

Eu sabia que as coisas estavam melhorando. Seu número de seguidores teve um aumento vertiginoso, o nível dos produtos recebidos melhorou, e algumas empresas da moda sugeriram parcerias. Mas isso é outra história.

— Mãe, dá para acreditar? — A voz dela está embargada. — Dinheiro de verdade. Que eu ganhei, e não só os trocados que me

pagam naquela merda de boate. Eu estava pensando em começar a trabalhar com entregas depois do Natal, mas não preciso mais.

— Ah, Neevey, parabéns! Você se esforçou tanto para isso acontecer, foi merecido.

— Preciso agradecer à vovó. O primeiro vlog dela mudou tudo.

Mudou mesmo. Há várias youtubers parecidas por aí, todas tentando entrar no mercado para atrair o mesmo tipo de público. Para terem sucesso, precisam de algo inovador: um cachorro fofo, um namorado fofo ou — como é o caso de Neeve — uma avó fofa.

— Você teve a ideia de filmá-la — digo. — Precisa aceitar parte do crédito.

— De repente, as coisas melhoraram. — Ela voltou a chorar. — Papai está participando de verdade da minha vida, e agora isso! Nunca achei que eu seria tão feliz!

85

Terça-feira, 13 de dezembro, nonagésimo segundo dia

Acordo de repente. O mundo está completamente escuro, e me pergunto o que me despertou — minha mente analisa as preocupações de sempre: Hugh, Sofie, dinheiro, Kiara, Neeve, papai, mamãe, Josh... Então percebo que é Marcia. De novo. A sensação de culpa é intensa. Não tenho estrutura para ser a outra.

Faz quase quinze dias que não vejo Josh — a gente não se encontrou na semana passada, quando Sofie estava em Londres, mas nos veremos amanhã. Ou melhor — uma olhada rápida no relógio estabelece —, mais tarde.

Josh e eu tivemos três terças num quarto de hotel, onde toda a minha tristeza é deixada de lado. Meu sofrimento complicado por Hugh some por essas poucas horas, e me perco em Josh, no quanto ele me deseja. Durante esse tempo, meu remorso por Marcia vai embora, mas, assim que fico sozinha — o que quer dizer na maior parte do tempo, porque só estou com ele por meras seis horas a cada semana —, a sensação volta, com frequência me acordando no meio da madrugada.

O que estou fazendo com ela é completamente errado.

Ao pensar em como fiquei arrasada ao pegar Richie no flagra, ou — bem pior — quando vi as fotos de Raffie Geras com Hugh, lembro que estou agindo com Marcia da mesma forma que essas mulheres agiram comigo.

Em tese, é Josh quem deve lealdade à mulher — eu não tenho nada com isso —, mas a vida não é tão simples assim. Na verdade, quando os homens traem, são as mulheres que levam a culpa: a mulher por não ser bonita o suficiente ou a adúltera vadia que foi atrás de um cara que já tinha “dona”.

Meu plano era deixar as coisas rolarem até o fim do ano. Amanhã à noite — hoje, tanto faz — será a penúltima vez que estarei em Londres antes do Natal. Só tenho mais dois encontros com Josh. E não quero que termine.

— Josh?

— Maltrapilha?

— Terça que vem será a última terça que venho a Londres antes do Natal. Depois, só volto no dia 10 de janeiro.

— O quê?

Ele senta no mesmo instante.

— A outra terça cai no dia 27, e a depois dessa será 3 de janeiro. Não tenho por que vir a Londres nessa época. Ninguém vai trabalhar.

Josh está fazendo as contas.

— Então vamos passar três semanas sem nos ver?

Agora é o momento de lembrá-lo do meu prazo até o fim do ano, mas não faço isso.

— Não gostei — comenta ele. — Já é difícil te encontrar só uma vez por semana.

Também me sinto assim.

De repente, Josh diz:

— Viaje comigo. Na semana entre o Natal e o Ano-Novo. Por uns dias.

Não descarto a ideia de imediato.

— Para onde?

— Aonde você quer ir?

— Aonde *você* quer ir? — Porque estou curiosa.

— Você adora roupas — continua ele. — Quer ir para uma das capitais da moda? Milão?

Fico surpreendentemente comovida, mas tenho que rir.

— Eu ficaria apavorada em Milão.

— Paris? — Nego com a cabeça num gesto determinado, e ele pergunta: — Romântico demais para minha Maltrapilha?

— Clichê demais.

Uma expressão surge no rosto de Josh... Ele parece irritado. Só um pouco. Mas...

Rápido, digo:

— Aonde você gostaria de ir?

— Eu gosto de lugares históricos. Berlim é legal. Nunca fui a Veneza...

— Não vamos a Veneza.

— Clichê?

— Clichê.

— São Petersburgo?

— De jeito nenhum. Por causa de Putin.

— O Lake District?

— Nenhum lugar no Reino Unido. — Tenho certeza disso. — Já me sinto mal o suficiente por causa da sua mulher, e não vamos correr o risco de encontrar algum conhecido dela.

— Então onde fica esse lugar que não é clichê demais, romântico demais ou britânico demais?

Não consigo pensar em nada.

— Há algum lugar que você sempre tenha tido vontade de ir? Deve haver.

Na verdade, há.

— Sérvia.

Josh solta uma gargalhada, mas então para de repente.

— Ah, meu Deus, você está falando *sério.*

86

Quarta-feira, 14 de dezembro, nonagésimo terceiro dia

Meu telefone toca. Eu o tiro da mesa e olho a tela — como imaginava, é Josh. De novo. Já é o terceiro telefonema esta manhã. Geralmente, nos comunicamos por mensagem, mas acho que ele quer conversar de verdade porque nossa despedida não foi das melhores ontem à noite. Depois que Josh riu do meu pedido de destino turístico, me vesti em silêncio, corada, e fui embora enquanto ele me implorava para ficar.

Uma mensagem apita, e, sim, é dele: **Por favor, fale comigo. Desculpe. Sou um idiota. Quero consertar as coisas.**

Não. Pode passar mais um tempo se preocupando.

Tipo, é *óbvio* que vou falar com ele de novo. Isso — minha irritação, seu arrependimento — é só um joguinho, algo que eu gostava de fazer no passado. Fiquei mesmo magoada, mas essa parte é divertida — coisa que eu só admitiria se apontassem uma arma para a minha cabeça.

Quando o telefone toca pela quarta vez, atendo e suspiro:

— O quê?

— Podemos nos encontrar hoje?

— Não. Estou cheia de reuniões.

— Depois do trabalho?

— Aeroporto. Tenho que voltar para casa.

— Que horas é o seu voo? Você pode me encontrar no aeroporto antes de ir?

— Por quê?

— Se você me encontrar, eu digo.

* * *

Vejo Josh curvado sobre seu telefone, numa mesa do Pret a Manger do aeroporto. Está sem casaco, com a camisa azul-acinzentada esticada sobre os ombros largos, as mangas dobradas para revelar os antebraços. Então ele me vê e abre seu sorriso de verdade, aquele que o entrega.

— Amy. — Até a forma como diz meu nome me deixa tão eletrizada que chega a ser patético.

— Oi.

Sento à sua frente.

— Comprei chá de hortelã para você.

— Obrigada.

Em silêncio, apenas movendo os lábios, ele diz:

— Odeio não poder te beijar.

— Quem disse que eu deixaria?

Josh suspira.

— Você não vai me perdoar?

Uma vontade absurda de chorar quase me domina.

— Estou arrasado — continua ele. — Desculpe por não ter te levado a sério. Só fiquei surpreso. Mas com você é sempre assim, Maltrapilha. Eu sempre me surpreendo.

Josh mexe as mãos esticadas sobre a mesa, e, quando roça as juntas dos dedos às minhas, um choque percorre meu corpo.

Há pessoas ao nosso redor, mas agarro a mão dele por um instante, só para sentir o calor de sua palma contra a minha, e logo depois a solto.

— Então, pesquisei um pouco — diz Josh, falando por cima da barulheira ao redor. — Seu museu sérvio fica a uma hora e meia de Belgrado. Nada fecha em dezembro, porque eles só comemoram o Natal no dia 7 de janeiro.

— Você *falou* com alguém lá?

— Uma colega de trabalho fala sérvio. Ela me ajudou. Então, há um voo que sai cedo de Londres no dia 27, chegamos a Belgrado à uma da tarde do horário local. Alugamos um carro, seguimos para o sul, estaremos no museu às três. Que tal?

— Hum, parece assustador.

Josh ri.

— Podemos voltar para Belgrado no mesmo dia e passar duas noites num hotel chique. Ou podemos seguir suas tendências maltrapilhas e dormir na cidade do museu. Já dei uma olhada, e as opções não são das melhores. Depois, passamos um dia em Belgrado e voltamos para Londres no dia 29. — Ele faz uma pausa para dar mais emoção. — E aí?

— O que você diria a sua mulher?

— O que você quiser. Posso contar a verdade.

— Não! — Essa é a pior ideia de todas.

— E se eu precisar contar? E se me apaixonei por você?

Só fico olhando para Josh. Ele está falando sério?

— Não faça isso.

— Reservo os voos?

— *Calma*. Não sei. Vou pensar no assunto. Preciso ir agora.

— Em vez disso, posso passar essas noites em Dublin?

Eu definitivamente não quero isso. Alguém nos veria e contaria às meninas.

— Sério, está na hora do meu voo. Ligo para você amanhã cedo.

— Amy — Josh se inclina na minha direção e segura meu pulso —, não vá.

— Tenh...

— Pegue outro voo mais tarde. — O rosto dele está ávido. — Vamos para um hotel.

Não sei como reagir. Mas meu corpo parece ter sido ligado na tomada, cada terminação nervosa desejando sentir seu toque. É uma ideia tão tentadora...

— Vamos — insiste ele. Então, articula com a boca: — Já estou de pau duro.

Sob a mesa, tiro um sapato e deslizo meu pé pela perna dele até chegar à virilha. Sigo um pouco adiante e percebo que, sim, Josh está rijo como uma pedra — e o *calor* que emana. Com a sola do pé posicionada sobre sua extensão, eu o pressiono. Ele solta um barulho engasgado.

Incapaz de esconder que estou me divertindo, espero até ele se recuperar.

— Você ainda está disposto? — pergunto. — Ou já acabou?

Rouco, Josh diz:

— Ainda estou disposto.
Pego a bolsa.
— Bem, então vamos lá.

87

Quinta-feira, 15 de dezembro, nonagésimo quarto dia

— Quem vai pagar? — Essa é a primeira pergunta de Derry.

— Ele.

— *Ceeerto*. — Ela está impressionada.

— Péssima feminista?

Derry suspira.

— As pessoas ainda podem fazer agrados umas às outras, não podem? Você vai contar às meninas?

— Ficou *doida*? Não! Vou dizer que vou viajar com alguém do trabalho. Mas, se perguntarem se é um homem, eu vou *mentir*. Derry, e se ele mastigar com a boca aberta?

— Você já almoçou com ele, sabe que não mastiga.

— E se o carro quebrar, ele não conseguir resolver o problema, ficar irritado, jogar a chave de boca no chão e sair andando puto da vida?

— Você está pensando na maioria das viagens de carro com papai.

Meu Deus, é verdade.

— Tudo bem. E se ele for nojento?

— De que forma?

— Sei lá. Josh é bem másculo, mais que Hugh. Não quero pensar no assunto, mas há várias formas de um homem ser nojento.

Derry entende.

— Talvez seja bom reservar um quarto com dois banheiros?

— Como eu faria uma coisa dessas? Ah, Derry, e se ele disser “toalete” em vez de “banheiro”? E se disser: “Preciso ir ao toalete”?

— Se isso acontecer, volte imediatamente para casa.

Minha irmã não é a pessoa ideal para se ter essa conversa — afinal de contas, foi ela quem terminou um relacionamento de cinco

meses quando o pobre idiota insistiu que “kebab” se pronunciava “kebob”.

— E eu? — pergunto. — E a *minha* bexiga? Tenho que fazer xixi a cada meia hora. A primeira coisa que faço num lugar novo é ver onde fica o banheiro. Como vou sobreviver a uma viagem de carro num país subdesenvolvido?

Derry balança a cabeça, sem saber o que dizer.

— Em viagens de carro aqui — digo —, já preferi ficar desidratada a arriscar aqueles banheiros estranhos nos fundos de postos de gasolina. — Estremeço. — E eles devem ser piores na Sérvia, não devem?

— Jesus amado, Amy! — explode Derry. — Por que você não pode fazer as coisas como uma pessoa normal? Qualquer um teria escolhido um lugar bonito, tipo Barcelona, para passar um fim de semana romântico, ficaria em hotéis sofisticados com vários banheiros públicos, não numa pousada no meio do nada, onde é bem capaz de você ter que dividir uma latrina com uma família inteira, incluindo o avô desdentado que deixa o pau pendurado para fora da ceroula suja. E *com certeza* ninguém se meteria numa viagem de carro com um homem que é praticamente um desconhecido.

O que posso dizer? Ela tem razão.

— Até parece que você não quer se divertir!

— Não quero. Bem, quero. Mas não muito.

Ela balança a cabeça de novo.

— Imagino que Belgrado tenha bons hotéis? — Derry pega o tablet, clica algumas vezes e começa a ler. — Isto é do *Lonely Planet*. “Direta, aventureira, orgulhosa e audaciosa, Belgrado não é exatamente uma capital bonita, mas sua exuberância rústica a torna uma das cidades mais efervescentes da Europa.”

— Não sei que palavra me assusta mais — digo. — “Rústica” ou “efervescente”.

Derry desce a tela.

— “Cercada por florestas... barroca... belo cenário à beira do rio, com um castelo quase em ruínas no topo da montanha.”

— *Belgrado?*

— Não. Heidelberg. Essa é a viagem que você *poderia* ter. Ou, escute esta: “Uma visão apimentada dos contos de fadas, com um dos centros históricos mais impressionantes da Europa, com palácios imponentes e ruas de paralelepípedo estreitíssimas.” Estocolmo — conclui ela. — Só estou dizendo. Mas você prefere algo rústico e feio. — Então, murmura: — Você é esquisita.

— Sou diferente — protesto. — Excêntrica.

— É — responde Derry —, e cheia de remorso. E aí? Você vai?

— Acho que sim.

— Josh, vai estar muito frio na Sérvia?

— Acho que deve nevar — responde ele, relutante.

Era exatamente isso que eu queria ouvir. Tenho visões de gorros com bordas de pelo, casas de madeira, toalhas de mesa bordadas, botas com pontas enroladas...

— Vou encontrar você lá. Tipo, no aeroporto de Belgrado.

Depois de um instante de silêncio, Josh pergunta:

— Por quê?

Porque eu teria que vir para Londres na noite anterior para conseguir pegar o voo cedo no dia seguinte. É mais fácil ir direto de Dublin e fazer escala em Viena. Mas tenho outro motivo...

— A gente passaria três horas preso num avião. Não nos conhecemos bem o suficiente para isso.

— Mas essa seria uma oportunidade.

— Não. Não acho que seja uma boa ideia.

Parecendo um pouco emburrado, ele pergunta:

— Você confia em mim o suficiente para me deixar reservar o hotel?

— Acho que não, Josh.

Há um longo momento de silêncio magoado. Quer saber, ele é meio sensível demais...

— Desculpe, Josh. Mas estou saindo tanto da minha zona de conforto que preciso manter algum controle.

— Tudo bem. — Ele suspira. — Mas reserve um lugar legal em Belgrado, nada maltrapilho demais. Em Jagodina, só oferecem o básico. Então é melhor passarmos as duas noites em Belgrado e aproveitarmos. Vou te passar o número do meu cartão.

E isso é estranho. Transei com esse homem. Minhas partes mais íntimas já estiveram na boca dele. Mas saber o número do cartão de crédito parece algo íntimo demais.

Encontrei *o* hotel mais fabuloso em Belgrado. Ele tem todas as conveniências modernas, mas os quartos parecem pertencer a casas eslavas tradicionais, como se meus sonhos tivessem virado realidade: tapetes grossos com estampas de pavão ou carvalhos frondosos; papéis de parede num veludo maravilhoso; janelas imensas com molduras onduladas e cortinas pesadas de jacquard; luminárias de cristal colorido; pufes otomanos de couro; aquecedores decorados com azulejos vibrantes; quadros peculiares de homens que parecem cossacos; camas belíssimas, com batentes pintados à mão, cobertas com várias mantas e travesseiros; capas de almofadas bordadas e — veja só — paninhos cobrindo os encostos das cadeiras!

As coisas não combinam, há um excesso de estampas e cores, e o efeito é maravilhoso em sua confusão. É boêmio, é *folk*, mas *sem ser* brega.

— *É* brega — diz Petra Pomposa. — Fiquei com dor de cabeça só de ver as fotos. O que o tal do Josh vai pensar?

— Não me importo. Esse lugar é para mim. De toda forma, Josh não vai se importar com a decoração do quarto se puder transar comigo o quanto quiser.

Petra Pomposa parece surpresa.

— Amy? — Ela faz uma pausa. — Essa história entre vocês dois é *séria*?

— Não. Bem, não se... É intenso, o que não é a mesma coisa. Mas não temos futuro.

— Por que não?

— Porque, dã, ele é casado. Moramos em países diferentes. Tenho três filhas, ele tem dois, não temos dinheiro, não sabemos nada sobre coisas bobas do cotidiano um do outro. A lista é infinita.

— As pessoas conseguem resolver essas coisas. Homens largam as mulheres... — Penso em Hugh na mesma hora que Petra, e ela exclama: — Desculpe! Querida, desculpe!

— Não tem problema. Está tudo bem. — A dor diminui para um incômodo chato.

— Casamentos terminam o tempo todo. Josh e a mulher podem estar infelizes. E suas meninas já são quase adultas, vão sair de casa daqui a pouco.

— Porra nenhuma — digo. — O mercado imobiliário anda tão ruim que elas vão morar comigo para sempre.

— Mas *você* pode ir embora.

— Petra, pare. Por favor. Só estou me divertindo com Josh. Em algum momento, vou ter que enfrentar meus sentimentos por Hugh, e isso vai ser uma tragédia. Por enquanto, preciso viver o momento.

88

Sábado, 17 de dezembro, nonagésimo sexto dia

— Mãe! *Mãããããe!* MÃE! — Gritos de alegria vêm do andar de cima, então abandono a máquina de lavar roupa. Quero algo mais divertido.

Mas as meninas estão descendo a escada correndo, com Neeve balançando o iPad no ar.

— Olha, mãe, olha só!

É um site, e sob o título "Pessoas para ficar de olho em 2017" está "Neeve Aldin, vlogger de estilo irlandesa. Charmosa, engraçada, manda a real. Fique atenta às aparições da avó dela, você vai *amar*."

— Fiquei famosa! — berra Neeve. Ela vira o rosto para o teto e grita: — Eu. Fiquei. FAMOSA!!!

— Que site é esse?

— Da revista *Glamour*. Eu sei! É de verdade! Sou praticamente uma estrela!

— Então, ah, vocês não vão achar ruim se eu passar uns dias fora depois do Natal?

Estou tentando parecer descontraída, mas elas não se interessam em nada pela minha vida. Neeve vai para um hotel chique em Tipperary com Richie e os avós. Dando crédito onde é devido, ele está tentando incluí-la mesmo na vida da família — mesmo que eu duvide que ele vá conseguir manter o interesse pela filha para sempre. Sofie e Jackson vão para a casa meio despojada de alguém em Connemara. E Kiara vai para um acampamento estilo sobrevivência na selva, em Kerry, com amigos da escola.

É estranho me despedir de Josh no dia 21.

— A gente se encontra na Sérvia.

Meu estômago se revira. Estou cometendo um erro terrível?

— Não. — Ele responde à minha pergunta não dita. — Vai dar tudo certo.

— Mas e se a gente brigar? Eu posso estar morta de fome e ficar feliz em parar em algum pé-sujo, mas você pode querer ficar andando por horas no frio até encontrarmos o lugar perfeito. Ou eu posso roncar...

— Você ronca. Eu não ligo. Mas, Maltrapilha, ficarei com saudade até lá. Vou bater punheta até dizer chega. Posso te ligar? No Natal.

— Não.

Ele fecha a cara.

— Josh, não, é sério. Seria uma falta de respeito com sua mulher — digo. — O Natal é um dia para a família.

— Por isso que é insuportável.

— Pare com isso, Josh. Algumas coisas são sagradas. Não me ligue nessa data.

89

Domingo, 25 de dezembro, centésimo quarto dia

— Mãe! Acorde! — Kiara está me sacudindo. — Vamos abrir os presentes! Feliz Natal!

Neeve e Sofie aparecem na porta do quarto.

— Vamos *logo.*

As três descem a escada, saltitando e rindo. Visto meu pijama com estampa de bonecos de neve e minhas pantufas de renas e vou atrás delas, observando com carinho enquanto as meninas se jogam em suas "pilhas" e começam a rasgar o papel de presente.

Enchi uma meia para cada uma com um monte de bobagens — meias com estampa de leopardo, bijuterias — e um presente de "verdade".

— Ah, *mãe*! — berra Neeve. — Óculos da Tom Ford!

A armação é caramelo, e a lente tem um tom de âmbar diferente, que combina perfeitamente com o cabelo louro-acobreado dela.

— Eu amei, amei *demais*! — Neeve os coloca no rosto e desfila pela sala com seu pijama e pantufas. — Estou fabulosa? — quer saber ela. — Estou ou não estou?

— Está!

Uma lata de chocolates surge, e todas a atacamos, até Sofie.

— Mãe...

Kiara abriu seu presente de "verdade", uma doação para uma instituição de caridade para comprar sapatos para quatro meninas, em países em desenvolvimento, para que possam ir andando até a escola e estudarem. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Pois é, eu também estaria chorando se ganhasse uma coisa dessas! — diz Neeve.

— É o melhor presente de todos!

Kiara se joga em cima de mim, e caímos no chão, rindo.

O presente de Sofie é um telefone novo.

— Você é ótima, Amy. Você é maravilhosa.

As três me compraram várias coisinhas — um voucher de massagem, brincos e:

— Algo legal!

Elas tiram um pacote maior de trás do sofá e o colocam no meu colo.

— O que é? — pergunto.

— Um *wolfhound* irlandês adulto! — Neeve está atacada.

— Abra e veja — diz Sofie.

Não tenho grandes esperanças, porque, sabem como é, ainda que suas intenções sejam boas, elas não me entendem de verdade. Mesmo assim, se esforçaram, e isso já é emocionante por si só.

Mas, ah, meu Deus, é linda. É uma bolsa de couro, com uma cena de camponeses com aparência eslávica bordada.

— Gostou? — arfa Kiara.

— *Amei.*

Isso faz com que as três comecem a me encher de informações.

— Eu me lembrei daqueles quadros que você adora.

— Achamos no Etsy.

— Ficamos com medo de não chegar a tempo!

— Mas chegou!

— E, quando a vimos ao vivo, *sabíamos* que você ia amar!

— Eu AMO o Natal — diz Kiara.

— Vamos tomar um copo de Baileys? — pergunto.

— São nove e meia — diz Neeve. — Da manhã! Ah, vamos lá, então!

Quando me levanto para ir à cozinha, escuto um barulho na porta da frente. Visitas? Mas quem? Essa hora, no Natal?

Nós quatro trocamos um olhar assustado. E então, para piorar, ouvimos o som de uma chave na fechadura. Quem entraria com uma chave?

Então outro som, um retinido, a porta da frente abre — e ah, meu Deus, é... Meus olhos o veem, mas meu cérebro não consegue processar a informação. Mais magro, bronzeado, com o cabelo mais comprido e uma jaqueta desconhecida, é Hugh.

* * *

O choque é paralisante. Fico congelada onde estou enquanto o observo arrastar uma mochila enorme para dentro de casa. Então, a sala explode. Sofie e Kiara se levantam num pulo e correm até ele, gritando:

— Pai!

Hugh estica os braços e agarra as três — até Neeve se permite ser incluída.

Ele me fita, gesticula para o abraço e articula com a boca:

— E você?

Mas não consigo me mover.

Sofie se vira para mim.

— Você sabia disso? Guardou segredo da surpresa?

Dura, mexo a cabeça de um lado para outro.

— Entre, entre.

Elas guiam Hugh para o sofá. Kiara me empurra com gentileza, e acabo sentada ao lado dele enquanto as três se aglomeram no chão.

— Por que você não ligou? — pergunta Kiara. — Ou mandou uma mensagem?

— Quis fazer uma surpresa.

— E conseguiu! O melhor presente de Natal da *vida*!

— Quanto tempo você vai ficar? — pergunta Neeve. — Quando vai embora?

Hugh parece surpreso.

— Não, não, não vou. Voltei para casa.

— Voltou?

— Ah, uau, tipo, eu estava *esperando...*

— O melhor presente da vida!

— Hoje é *Natal* — diz Kiara.

— Eu sei.

Hugh sorri para mim, como se quisesse dizer como Kiara é fofa. Ele parece feliz. Estou atordoada e muda, como se estivesse sonhando.

As meninas começam a perturbá-lo com pedidos de presente.

— Não tive tempo de comprar presentes de Natal de verdade — diz ele. — Mas trouxe lembrancinhas.

Hugh puxa a mochila para a sala e distribui echarpes de batique em cores vívidas, belas pulseiras de contas e pequenas caixas laqueadas.

Observo tudo acontecer como se estivesse assistindo a um filme.

— Ei! — Kiara olha a hora no telefone. — É melhor a gente ir.

Combinamos de ir trocar presentes na casa de mamãe e papai. Apenas os netos vão ganhar alguma coisa, mas será divertido. Bem, seria divertido se eu não estivesse tão chocada.

Escuto minha voz pedir:

— Neeve, você pode levar Sofie e Kiara?

— Por que você não pode?

— Porque preciso ficar aqui e conversar com o papai.

— Mas você *vai*?

— Daqui a pouco.

As três correm para o andar de cima, se arrumam rápido, pegam a sacola de presentes e vão embora, batendo a porta ao saírem.

Finalmente estou sozinha com Hugh. Eu o encaro por um tempo.

— Você está mesmo aqui?

— Querida, desculpe. — Ele segura minha mão inerte. — Eu devia ter mandado uma mensagem ou algo assim. Achei que seria uma surpresa.

— Mas foi um choque. Você devia ter imaginado que seria.

Hugh morde o lábio, pesaroso.

— Eu estava tão animado em voltar para casa que não pensei direito. Desculpe. — Com gentileza, pergunta: — Posso conversar com você? Podemos conversar?

— Humm.

— Eu não devia ter ido. Foi uma péssima decisão, uma loucura. Agora, nada daquilo faz sentido. Não consigo nem entender como pensei que seria uma boa ideia. Eu devo ter enlouquecido. Tipo, de verdade, mentalmente instável. Não consigo entender como achei aquilo justificável. — Sua angústia parece real. — Amy, senti tanta saudade. Eu me sentia tão sozinho em quase todos os segundos...

Não.

— Eu vi as fotos de você com Raffie Geras. Você não me parecia nada solitário.

Hugh baixa a cabeça feito um penitente.

— Aquilo foi... Não durou muito. Meu coração não estava ali. Sinto muito por você ter visto a foto.

— Você deve ter conhecido outras garotas.

Ele fica em silêncio, mas parece triste. E então:

— Foi um erro. Tudo, foi tudo um erro. Eu me sentia ridículo. Sempre com vergonha. Dizia a mim mesmo para aproveitar o paraíso, mas não adiantava de nada sem você comigo. Eu conseguia sentir alguma coisa às vezes... ia seguindo a maré e pensava: Tudo bem, agora estou pegando o jeito. Mas nunca durava muito.

“Com o tempo, ficou tudo claro. Sobre como amo você. Nós dois, Amy, como a gente se ama. Eu só, não sei, parei de sentir isso por um tempo. Mas, agora, sou grato por nossa conexão, por nossa sorte.”

Só que não temos sorte, não mais.

— Nas últimas três semanas, eu só consegui dormir fingindo que estava com você ao meu lado. Então resolvi voltar. Cerca de 36 horas atrás, eu estava em Mianmar, num lugar nas montanhas, e percebi que, se fosse embora naquele exato momento, talvez conseguisse chegar em casa a tempo do Natal. Eu teria sido capaz de vir andando, se precisasse. Depois que tomei a decisão, foi como se um peso tivesse saído das minhas costas.

Acho que ele quer que eu sorria ou fique feliz, mas só consigo encará-lo.

— E agora — diz ele — estou com medo de ter estragado tudo entre nós.

Muda, eu o encaro — o que posso dizer?

— Fiz isso? — pergunta Hugh com urgência. — Estraguei as coisas?

Faço que sim com a cabeça.

— Por favor, Amy. Dê um pouco de tempo para nós. Estou de volta agora. Você vai demorar um pouco a se acostumar comigo de novo, e espero que me perdoe e...

— Hugh, não é só isso. Eu... bem, acho que conheci outra pessoa.

Ele se retrai. Seu rosto perde a cor.

— Ah.

— Você sabia que isso podia acontecer. Disse que não tinha problema.

— Sim, mas... Ah, meu Deus, Amy. Desculpe, só preciso de um... — Ele esfrega o rosto com as mãos e depois me encara. — É sério entre vocês?

— Não sei. Pode ser. Tipo, ainda não, mas pode ser que fique.

— Quem é ele?

— Alguém do trabalho.

— Faz tempo que você o conhece?

Agora é minha vez de me retrair.

— Mais ou menos.

Hugh pergunta, engasgado:

— É Alastair?

— Não. Claro que não, Hugh.

Ele parece aliviado, mas só por um instante.

— Mas existe outra pessoa? Então, você quer que eu vá embora? De casa?

Não posso colocá-lo para fora no Natal, mas não sei se aguento ficar perto dele.

— Onde você esteve? — pergunto de repente. Há tanto que não sei. — Tipo, em que países?

— Ah, hum, Vietnã, Laos, Tailândia e Mianmar.

— E os lugares eram bonitos? — Antes que ele consiga responder, digo: — Olha, Hugh, essa situação toda é complicada. Eu me acostumei a pensar que você não ia voltar.

Ele está perplexo.

— Mas eu disse que voltaria.

— Achei que depois... daquela garota, você não se daria ao trabalho. Que iria morar com ela na Escócia.

— Só passei dez dias com ela. Nunca foi nada sério.

— *Parecia* sério.

— Não pensei bem antes de vir para cá. — É como se ele falasse consigo mesmo. — Eu me empolguei. Não tenho o direito de

aparecer e esperar que as coisas voltem ao normal. Vou embora.

— Para onde?

— Para a casa de Carl.

— Você não pode ir embora no Natal. Não posso te jogar na rua com essa frieza. — Meu coração parece estar morrendo, como se tudo tivesse virado cinzas. — Mas você estragou as coisas, Hugh. Você estragou tudo.

— Não chore, Amy, por favor, não chore. Desculpe, Amy, ah, por favor, não chore.

— Você está cansado — digo. — Tome um banho e vá dormir.

— Onde?

— Na nossa cama. — Quer dizer, onde mais? — Vou sair. Para a casa de mamãe e papai.

— Posso ir junto.

— Não! — E então, mais calma: — Não, Hugh. Isso seria estranho demais para todo mundo. — Especialmente para mim. — Vá dormir, e nos falamos mais tarde.

* * *

Na casa de mamãe e papai, só se fala no retorno surpreendente de Hugh. As meninas reclamam por ele não ter vindo participar do jantar de Natal, mas digo qualquer coisa sobre *jet lag* enquanto me pergunto o que elas vão achar quando eu contar que a presença atual do pai sob nosso teto é apenas temporária.

Aguento a refeição, mas, antes da sobremesa, preciso ir embora. Tenho que me certificar de que aquilo tudo aconteceu mesmo.

Ainda com a sensação de estar num sonho, subo a escada e abro a porta do quarto — e Hugh está mesmo aqui. Seu peso sobre a cama, o calor que seu corpo emana, essa justaposição de familiaridade extrema e injustiça chocante é mais do que estranha.

Eu me aproximo na ponta dos pés e percebo que ele está dormindo. Mas deve ter me ouvido, porque acorda e se senta.

— Ah! — Hugh me puxa e me segura. — Amy! Achei que eu tinha sonhado. Estou em casa. — Ele beija meu rosto todo. Então o prazer desaparece de seus olhos. — Desculpe, Amy. — Ele me

solta. — Desculpe. — Franzindo a testa, pergunta: — O que você quer que eu faça?

— Vou viajar depois de amanhã. Por uns dias.

— Para onde?

— São tipo umas férias.

— Com o cara?

Confirmo com a cabeça.

— Podemos conversar quando eu voltar?

Hugh engole em seco.

— Sim. Claro. — Ele engole de novo. Sua fisionomia é extremamente triste. — Fiz por merecer, não é?

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. — Não vou viajar para puni-lo. — Você pode ficar aqui por enquanto e, quando eu voltar, a gente conversa direito.

90

Terça-feira, 27 de dezembro

Acordo quando o voo aterrissa. Praticamente não parei de dormir desde que saí de Dublin. O aeroporto de Belgrado parece algo saído de um filme de espiões pós-guerra: um bloco cinza e feio com placas em alfabeto cirílico e neve girando no ar.

Estou borbulhando de ansiedade e expectativa.

O retorno chocante de Hugh foi uma bomba. Estou atordoada. Mas já tive uma conversa séria comigo mesma: faz muito tempo que sonho em fazer essa viagem, e eu devia tentar aproveitar. Sim, o momento é péssimo, mas paciência.

Nos dois últimos dias, fiquei na dúvida se devia contar ou não a Josh sobre a volta de Hugh. Acho melhor não. Na verdade, pelos três dias que passarei com ele, *eu* preciso ignorar que meu marido está em casa.

Mas o que está atormentando minha mente para valer é determinar onde colocar Hugh: ele não devia dormir na nossa cama, mas as meninas estão tão animadas com sua volta que despachá-lo para a casa de Carl causaria um estresse inimaginável. Então, nas últimas duas noites, ele dormiu no chão do quarto.

Tipo, que loucura.

Às três e meia da manhã, saindo para o aeroporto, disse a ele:

— Vá para a cama agora.

Mas ele fez que não com a cabeça.

— Estou bem aqui. — Obviamente, tratava-se de algum tipo de autopunição. — Você está linda. — Sua voz era tão triste.

Isso me deixou pouco à vontade: a verdade é que dei um trato no visual. É a primeira vez que vou acordar junto de Josh, e me recuso a ser aquela mulher que dorme de maquiagem. No entanto, para melhorar um pouco a pressão, fiz alongamento de cílios e um leve

bronzeamento artificial. Também consegui convencer Neeve a me dar um creme facial diurno perolado.

Sim, Josh já meu viu pelada e nos meus momentos mais vulneráveis, mas tenha dó!

Hora de sair do avião. Pego minhas coisas. Neeve — apesar de não saber — me emprestou seu conjunto de gorro, luvas e cachecol, aquele decorado com flores. A contribuição de Derry foi uma parca da Mr & Mrs Italy. O tecido dela é azul-marinho, e o gorro tem a borda forrada com pelo azul. Pelo de verdade. Olha, eu *sei*. Mas preciso me aquecer, quero ficar bonita, e se eu tiver que lidar com mais alguma questão moral agora, minha cabeça vai explodir.

Minha mala consiste basicamente em conjuntos de lingerie. Ao contrário da maioria dos relacionamentos, só agora vou entrar com a artilharia pesada. A Asos estava vendendo umas calcinhas maravilhosas estilo anos 1950, uma homenagem às da Dolce & Gabbana, de cintura alta e cheias de seda e renda, com cintas-ligas e sutiãs combinando, o tipo de coisa que se veste só para tirarem logo de você.

Passo pelo controle de imigração — e lá está Josh, com o olhar estreito, focado no progresso de todos que saem. Então me vê. Ele não sorri, mas não tira os olhos de mim enquanto caminho em sua direção.

Então paro diante dele e ergo o rosto.

Josh agarra meu braço com força suficiente para doer.

— Maltrapilha. — Sua voz é grave e cheia de atrevimento.

— Olá.

Ele segura minha nuca e me dá um beijo rápido e hesitante na boca. E então:

— Ah, que se foda.

E me beija de novo, devagar, intenso, acalorado.

Agora, o filme passou a ser um clássico da Segunda Guerra Mundial, e estou dando as boas-vindas ao meu amado recém-chegado da batalha.

Nós nos separamos e nos encaramos. Meu coração está disparado, e as pontas dos meus dedos, formigando.

— É melhor a gente ir — diz ele. E então, praticamente gemendo: — Enquanto ainda consigo.

Josh pega minha mala de calcinhas, já tendo pendurado sua bolsa preta de náilon no ombro, e saímos para a neve rodopiante. E, ah, o frio absurdo, a dor que é respirar. Adoro.

— O carro está aqui perto.

Josh não usa gorro nem luvas, e seu casaco não é forrado e à prova d'água, mas um simples agasalho de lã.

— Então é verdade o que dizem sobre o pessoal de Newcastle. Vocês não sentem *mesmo* frio — digo.

— Mas estou usando um cachecol. Faz tempo demais que estou no sul, fiquei fraco. Ali está o carro.

Somos guiados para fora do aeroporto pelo Google Maps do telefone de Josh e, num tempo surpreendentemente curto, chegamos à estrada para o sul.

— De acordo com o aplicativo, estaremos em Jagodina às 14h33 — diz ele. E então: — Você está bem?

— Hum. É só que isso é estranho, não é?

— A sensação vem e vai.

Tudo bem. Isso significa que haverá momentos de normalidade.

— Você comeu?

— No avião.

— Tem um saco cheio de coisas, biscoitos e tal. E postos de gasolina no caminho. Se você quiser parar, é só avisar.

Sorrio. Ele foi alertado sobre minha bexiga problemática.

Josh fez uma playlist com músicas sérvias, e, conforme seguimos pela estrada, fico olhando pela janela. Aqui existe inverno de verdade e áreas rurais de verdade: campos silenciosos cobertos de branco; fazendas distantes com telhados cheios de neve; a ausência quase total de anúncios, os poucos que surgem escritos no alfabeto cirílico.

Estou em outro filme agora, dessa vez algo do cinema experimental europeu, talvez sobre a separação da Iugoslávia.

Do lado de fora, o prédio parece um museu de "verdade", mas em miniatura. É pequeno, bonito, amarelo-claro, e lembra um bolo decorado. Enquanto Josh estaciona, fico paralisada com a importância do momento.

— Não acredito que estou aqui, Josh. Passei tantos anos olhando a foto desse prédio e *querendo* visitá-lo, e agora estou aqui.

— Mas você precisa sair do carro — incentiva ele com gentileza. — Não vai adiantar nada ficar olhando daqui.

O colega de Josh que fala sérvio ligou antes de chegarmos, então Marja, uma moça que fala um pouco de inglês, está nos esperando. Não sei exatamente o que foi dito sobre nós, mas deve ter sido bom, porque reservaram uma sala de exposições para mim. E, ah, a *beleza* dos quadros na vida real!

— Eu queria poder entrar neles e viver lá dentro.

— O que faz você gostar tanto desses quadros? — pergunta Josh.

— Em parte, as cores. — Quase todos são pintados em tons de azul. — Petra Pomposa diz que são *déclassé*, mas gosto não se discute, certo?

— Certo. — O olhar dele é cheio de significado.

— Adoro os temas. — São cenas campestres, geralmente com árvores e flores azuis. As imagens passam uma sensação levemente alucinógena. — Sei lá, Josh, gosto da sensação que me passam.

— Que seria?

— De alegria e segurança.

Meu Deus, ter um deles em casa... Mas talvez eu consiga comprar um pôster na lojinha do museu.

No entanto, tudo que encontro lá é uma coleção aleatória de cartões-postais, e nenhum exibe imagens da minha pintora.

Não sei se vou ofender alguém com a minha pergunta, mas já estou aqui e seria loucura não tentar.

— Marja, seria possível... comprar um dos quadros de Dušanka do museu?

Ela nega com a cabeça, pesarosa.

— Propriedade da nação.

É claro. *Merda.*

— Mas galeria em Belgrado ter.

Ah, meu Deus do céu! A onda de adrenalina! É como se tivessem acabado de me dizer que a Selfridges está doando todo o seu estoque da Tom Ford.

— Endereço? Você ter? — (Para minha vergonha, sempre que estou perto de pessoas que não se comunicam em inglês tão bem, acidentalmente imito seu jeito de falar.) — E o preço? Você saber?

— Endereço, saber. Preço? — Ela dá de ombros, triste. — Não saber.

Mesmo assim! Eu me viro para Josh, explodindo de tanta animação.

— Se houver quadros à venda na galeria de Belgrado, talvez pessoas comuns possam comprá-los. Não seria tipo os Van Goghs que custam mais que um país e precisam viver num cofre subterrâneo no Japão.

Ele ri baixinho.

— Sim. — E se vira para Marja. — Você pode nos passar o endereço da galeria?

Se eu literalmente não comprar nada no ano que vem e conseguir mais três clientes fixos... Já estou fazendo as contas, perguntando-me quanto posso gastar.

Agradecida, entrego uma caixa gigante de chocolates para Marja e então sigo com Josh para Belgrado.

91

São só quatro e meia da tarde, mas o céu está praticamente escuro, e pegar a estrada à noite é diferente. Não há qualquer iluminação no caminho para o norte, e não gosto da velocidade com que Josh dirige, mas não posso gritar “Diminua!”, como faria com Hugh. *Não pense nele. Não pense nele.*

— Josh, será que você pode ir um pouco mais devagar?

Ele pisa no freio de forma dramática. Mas, em poucos segundos, a velocidade começa a subir de novo, e dessa vez eu fico quieta.

Então chegamos ao topo de uma subida e temos nossa primeira visão de Belgrado, que enche meu coração de pavor: blocos de apartamento cinzentos e decrépitos.

Josh lê meus pensamentos.

— Dizem que o centro da cidade é bonito.

Conforme nos aproximamos de lá, o trânsito se torna pesado e lento, e os carros estacionados em ambos os lados da rua não ajudam. Bondes passam correndo pelas mesmas vias, me dando sustos.

O telefone de Josh nos guia até o hotel, mas algo dá errado, e, de repente, estamos presos numa faixa de mão única que a moça do GPS desconhece.

— Como saímos daqui? — resmunga ele, tentando olhar para o telefone e para a rua ao mesmo tempo, o que me deixa muito nervosa.

— Talvez se você... — Estou baixando o Google Maps, mas é só para constar. Sou péssima com direções. — Você pode virar à direita lá atrás?

Damos a volta, o que leva uma eternidade, cerca de quinze minutos, e, apesar de entrarmos em outra rua, acabamos presos na mesma via de mão única.

— Que raios eu preciso fazer? — pergunta Josh.

Não faço ideia, e o fato de não conseguirmos ler as placas em cirílico não ajuda.

— Por que não posso virar aqui? — pergunta ele. E imediatamente vira.

Eu não devia saber a resposta, mas percebo que sei.

— É só para táxis e bondes.

— Ah, puta mer... — resmunga Josh.

Meu estômago começa a se revirar. Estou *mesmo* começando a reviver minhas viagens de infância com papai. Estamos infringindo a lei? E se a polícia nos parar? Estamos num país desconhecido, não falamos o idioma, não conhecemos ninguém...

Esse é o inferno, não é? Vamos ficar presos aqui, condenados a dirigir pelas ruas de Belgrado por toda a eternidade.

Olho para Josh. *Quem é esse homem? O que estou fazendo aqui, neste lugar estranho, com um desconhecido zangado?* Por um instante, fico gelada de medo.

— Podemos perguntar a alguém — sugiro, hesitante.

— A gente não fala sérvio!

— Talvez alguém fale inglês.

— Ah, fique à vontade então! — Josh freia bruscamente, fazendo com que uma cacofonia de buzinas comece atrás de nós. — Pergunte a ele.

Pela janela, chamo um rapaz com cara de estudante, e — graças a Deus — ele fala inglês. Sabe o caminho até o hotel e começa a dar uma explicação detalhada. Então, porque as buzinas não param, diz:

— Mais fácil eu mostrar.

E imediatamente entra no banco traseiro do carro.

Josh e eu nos olhamos. O que foi que nós fizemos?

Mas o rapaz é extremamente simpático e nos leva até o hotel em literalmente três minutos...

Fico chocada quando ele diz:

— Aqui. Estacionamento do hotel.

— Já?

— Sim. Perto. Espero que se divirtam em Belgrado.

— Obrigada, mas como você vai voltar para onde estava?

— É perto — responde ele. — Mais perto andar que dirigir.

— Bem, obrigada.

— Sim, valeu, meu camarada — diz Josh.

Estacionamos o carro, pegamos nossas malas e nos dirigimos para a recepção. Seguimos a linha de “Uau, finalmente chegamos”, mas não nos olhamos.

Vai demorar um pouco até a tensão se dispersar.

O Hotel Zaga é uma gracinha de cinco andares, com sacadas e janelas ornamentadas. Entrar no saguão é como chegar ao interior de um livro belamente ilustrado de contos de fada. Mais esbanjadora do que precisava ser, reservei uma suíte pequena, coisa que me pareceu sensata: não apenas teremos uma pequena sala de estar, como também dois banheiros.

Estamos no último andar, e, quando a moça do hotel abre nossa porta, os tons de azul, violeta, branco e preto da sala de estar explodem diante de nós. Tudo — os tapetes, os quadros, os tecidos, os acessórios — foi disposto com cuidado e dedicação.

Não é feminino nem brega. Na minha opinião, é uma obra de arte.

A moça vai embora, e olho para Josh.

— Você detestou? — Estou tão apaixonada que nem me importo com a opinião dele.

— Não. — Ele parece perplexo. — É, hum, autêntico. — E então, do quarto: — Veja só. Gostei da cama.

A cama é *mesmo* ótima — com uma cabeceira linda e várias mantas e almofadas com estampas gloriosas. No entanto, ele não está falando da decoração.

— Ficaria ainda melhor se tivesse uma Amy pelada sobre ela. — Josh me puxa pela cintura e inclina minha cabeça para trás com seu outro braço. Seu rosto quase encosta no meu. — Estou excitado desde o aeroporto — confidencia ele. — Você faz ideia de como é difícil dirigir de pau duro?

Mas é cedo demais — o rancor da viagem ainda não se dissipou por completo.

Ele me puxa para perto, para que eu sinta melhor seu pau duro, e então, na velocidade da luz, começa a tirar minha parca.

— Espere.

Dou um passo para trás.

— O que foi?

Josh parece surpreso. Talvez até irritado?

— Podemos só... nos ambientar? Esperar um pouco?

— Sério? — Ele está mesmo irritado. — A gente não se vê desde... — Josh se interrompe. — Ei, desculpe, sim. Sim. Desculpe. É claro. — E então: — *Sério*, Amy, me desculpe. Estou indo rápido demais. É só que senti sua falta. Quer beber alguma coisa? Um chá? Será que tomam chá aqui?

— Sabe, um vinho cairia bem. O que você quer? Vou ligar para a moça.

Mas Josh já pegou o telefone.

— Branco ou tinto?

Algo está diferente...

Ahhh. Homem errado. É Hugh quem detesta chamar o serviço de quarto. *Não pense nele. Não pense nele.*

Enquanto esperamos o vinho chegar e melhorar o clima, desfazemos nossas malas, tomando cuidado de não nos esbarrarmos. O segundo banheiro não tem chuveiro.

— Esse aí é o seu — digo a Josh. — Você pode tomar banho no meu.

Ele concorda com a cabeça. E tenta esconder um sorrisinho.

— Hum, enfim! — digo.

A bebida chegou, graças a Deus. Uma garrafa de vinho tinto e duas taças de cristal surgem em uma bandeja de prata ornamentada, e logo o álcool começa a agir.

— Para *que* tantas almofadas? — pergunta Josh numa irritação bem-humorada. — Quase não tem espaço para sentar. — E então: — O que foi?

— Nada.

Parece que ainda não conheci um homem que ame meu gosto por almofadas.

Ele começa a jogá-las no chão.

— Sou o bispo de Southwark. Posso fazer o que quiser.

E isso é tão inesperado e tão engraçado que fico com medo de vomitar de tanto rir.

Quando me recupero, digo, tímida:

— Comprei um presente para você. De Natal.

É um livro pesado de capa dura, que foi descrito pelo *The Guardian* como o guia definitivo para o cinema da década de 1970.

Josh parece realmente comovido.

— Você comprou algo que combina comigo e trouxe até aqui. Se eu contasse o que minha família me deu...

— Não! — E então, com mais gentileza: — Melhor a gente tentar esquecer o mundo real enquanto estamos aqui.

— Trouxe algo para você. Algo pequeno.

Eu me esforço para não comentar que, já que é assim, não pode ser o pênis dele.

— Josh, não! Você me trouxe aqui, e esse é o melhor presente que eu poderia ganhar.

— Não é nada de mais — responde ele.

Estou curiosa para ver o que ele acha que combina comigo, e, quando abro o embrulho e descubro uma calcinha da Victoria's Secret, sou pega de surpresa. Pelo amor de Deus! Essas coisas são jovens demais e *muito* bregas.

Mas homens não sabem comprar presentes. Essa é uma lição que aprendi faz tempo.

— Talvez você possa provar — diz Josh, esperançoso.

— Quem sabe mais tarde?

A menos que a calcinha sofra um acidente infeliz — talvez chegando perto demais de uma chama e começando um incêndio que destruiria metade de Belgrado.

Paro diante de uma das janelas e observo a cidade à noite. Não há nem de perto tantos anúncios e luzes quanto estou acostumada. Que legal. Em minha defesa, fiquei assustada com a ideia de vir, mas estou aqui mesmo assim.

— Josh, quer sair para comer alguma coisa? — Do nosso pequeno mirante, vejo algo que não compreendo. E então fica claro o que é! — Josh, venha ver! Tem um rio congelado!

Ele se inclina sobre o meu ombro e olha na direção em que aponto.

— É a primeira vez que vejo um rio congelado! — digo. — Que *loucura.* Será que ele está assim até o fundo?

Josh está bem perto de mim, e, conforme se estica para ver melhor, sua ereção roça minha bunda. Sinto seu cheiro exalando do

pescoço, e, de repente, fico louca de desejo. Eu me viro, seguro seu rosto e o beijo freneticamente. Puxo sua calça jeans, sua blusa, minhas próprias roupas. Sinto seu gosto e seu cheiro, e, se sua pele não tocar a minha agora, vou morrer.

— Me ajude. — Nossas roupas não saem rápido o suficiente. É irritante. Tantos botões e cintos e zíperes. E as *botas* dele! Tantas coisas para soltar e desamarrar. — Fique com elas!

A calça jeans e a cueca são empurradas até seus joelhos, o torso está nu, a ereção é enorme, e eu o empurro para a cama.

Tiro a saia.

— A camisinha!

Onde está a porra da camisinha?

— Deixe isso para lá — diz ele.

— Não!

— No banheiro.

Josh se mexe, mas eu grito:

— Não! Fique aí.

Volto. Deslizo sobre ele, e seu gemido é longo e indefeso.

— Não goze! — ordeno. — Ainda não!

Subo e desço, e Josh geme de prazer.

— Tire a blusa — diz ele.

— Não, você vai acabar gozando.

— Por favor.

— Não!

— Estou implorando.

Ainda me movendo para cima e para baixo, eu lentamente abro os botões da blusa. Tudo que resta é o sutiã.

— Por favor — diz ele.

— Não.

— Por favor.

Estico os braços para trás, abro o fecho e espero. Devagar, passo as alças por baixo dos braços enquanto os olhos de Josh brilham com avidez. Um impulso vigoroso termina o serviço, e a peça cai. Ele goza na mesma hora, gritando as palavras:

— Eu te amo, Amy. Ah, eu te amo.

Depois, derrotados pela exaustão, ficamos deitados lado a lado. Quebrando o silêncio, digo:

— Nunca mais fale aquilo.

O corpo de Josh fica tenso, mas ele permanece quieto.

92

Degraus tortos de pedra nos levam para uma ruela inclinada e estreita, que segue na direção do rio surpreendentemente branco. Não há muita gente por perto. A neve parou, e postes antigos pretos formam poças de luz que brilham, mas não se espalham. A cidade permanece em preto e branco.

— Parece que estamos em *O Terceiro Homem* — diz Josh.

— É mesmo?

— Você nunca viu esse filme? — Ele para de andar para expressar seu choque. — Maltrapilha! É um clássico, um filme *noir* clássico. Um suspense pós-guerra em Viena. Tem uma fotografia bonita. Cheguei a escrever um roteiro para uma refilmagem.

— *Sério?*

— Calma. Não deu em nada. — De repente, ele parece incomodado.

A descida íngreme chega ao fim, e Josh consulta o mapa que o hotel nos deu.

— Então vamos para a direita agora.

Os prédios têm cara de Europa Central do século XIX; bonitos, mas caindo aos pedaços. As fachadas estão pichadas, as portas duplas ornamentadas e as janelas com molduras chiques são enfeitadas com cortinas espalhafatosas de crochê ou renda.

Não há ninguém além de nós na rua escura e escorregadia, e só um carro ou outro passa, o som das rodas parecendo quase sinistro contra a rua cheia de lama de neve. Já passa das dez, e estamos a caminho de um restaurante à beira do rio.

— Nem parece que Belgrado tem uma vida noturna agitada. — Estou um pouco tensa.

— Pois é. Talvez ainda esteja cedo.

Através de uma janela perto do chão, vejo uma moça fazendo jantar — esses prédios bonitos em ruínas devem ser residenciais. Encaro com avidez sua calça jeans sérvia, seu corte de cabelo

sérvio, sua luminária sérvia, sua mesa de cozinha sérvia. Admirada, arfo:

— Como será que é ser ela?

— Igual a ser qualquer outra pessoa.

— Mas morar num lugar tão atmosférico deve ser...

— Não estamos na melhor época para ser sérvio. É difícil conseguir visto para outros países, não há muito investimento estrangeiro, então o desemprego está em alta...

Certo, eu estava romantizando a vida da mulher, mas o Sr. Fatos Reais acabou com minha vibe.

— Agora, temos que entrar aqui — diz Josh, antes de parar. Tem uma linha de trem entre nós e o rio. — Isso não está nessa porcaria de mapa.

Olhamos para a direita, olhamos para a esquerda. Não há nenhum lugar óbvio para atravessarmos. Eu não teria problema em passar por cima dos trilhos, mas uma cerca de metal bloqueia o caminho.

— Hum, vamos andar mais um pouco e ver o que acontece?

Mas o frio de repente se faz sentir, e, conforme seguimos pelas sombras, começo a desanimar.

— Eles não estão facilitando — murmura Josh.

Essa não é como as outras cidades em que encontramos placas em tudo quanto é canto e os pontos turísticos são entregues de bandeja, onde cada avenida leva a um lugar maravilhoso e todas as caminhadas são logo recompensadas.

Porém vejo uma estrutura lá na frente.

— Opa, opa! — diz Josh.

Faço uma careta. “Opa, opa” não é tão ruim quanto “toalete”, mas também não é bom. Chegamos a algo que parece uma cabana de metal minúscula, quase como a Tardis, de *Doctor Who*, mas feita de metal.

— Acho que é um elevador — diz ele.

Ah, pronto. Agora estou num filme de ficção científica? Ou talvez num episódio de *Lost*?

Josh aperta um botão, a porta abre, e a luz do interior quase me cega.

— Acha que ele dá lá embaixo? — pergunta ele.

Como é que eu vou saber?

— Vamos tentar?

Ele não pode estar falando sério. Aquela sensação volta. *Quem é esse homem? Que raios eu estou fazendo aqui?* E se isso não for um elevador? E se for uma espaçonave? Ou um contêiner para sequestrar idiotas? Ou...

— Vai dar tudo certo. — A voz dele está tranquila. — Já entendi tudo. O elevador vai parar no rio.

Não quero ir, mas, sentindo-me como se estivesse fora do meu corpo, entro na caixa. Depois de uma eternidade, ou talvez tenham sido cinco segundos, a porta abre, e lá está ele, o Sava congelado.

— E achamos o restaurante — anuncia Josh.

93

Quarta-feira, 28 de dezembro

A galeria fica na parte da cidade que não se parece em nada com o ambiente de filme *noir* de ontem à noite.

— É bem turístico. — Josh olha ao redor com desagrado.

— Mas nós *somos* turistas! — digo, feliz.

É como se estivéssemos numa vila rural próspera: as ruas são de paralelepípedos, os restaurantes e as lojas parecem fazendas de contos de fadas. Pisca-piscas brilham no ar gélido. Uma pequena orquestra local, amontoada diante de um braseiro fumegante, toca uma canção animada, interrompida por um instrumento de cordas que emite um som oriental agradavelmente soturno. Homens desafortunados, extravagantes em sobrecasacas e calças, nos param com cardápios, tentando nos atrair para suas tavernas.

— Talvez mais tarde. — Porque tenho uma missão.

— Lareira à lenha — diz o homem do cardápio. — Panquecas com chantili. Porco assado em...

Várias mesas e cadeiras ocupam a frente de cada taverna, cobertas por toldos bonitos.

— No verão, as pessoas devem sentar do lado de fora — comenta Josh.

— Bem, teremos que voltar para ver — brinco.

Logo depois, desejo voltar atrás, porque ele aproveita a deixa e pergunta:

— Você está falando sério?

Aperto sua mão e continuo andando e — e finalmente — vejo minha galeria! Estou *tremendo* de tanta adrenalina.

O rapaz sabe falar inglês direitinho, mas, quando explico meu propósito, ele abre um sorriso pesaroso e diz:

— Não há nenhum agora.

— Nenhum quadro de Dušanka Petrović? Tem certeza? Posso encomendar um?

— Você passar dados? Eu enviar e-mail quando próximo chegar.

— Existe uma previsão? — As palavras estão saindo atropeladas.

— Difícil dizer. Artistas...

O rapaz dá de ombros como se pedisse desculpas, e, para conquistar sua amizade, eu sorrio e faço um contato visual especial. *Sim, verdade, artistas! Esse bando de babacas sem consideração.*

Nós dois pensamos da mesma forma.

— Então, ela ainda viver? — pergunto. — Hum, está viva?

— Sim. Ainda viver.

— E ela tem algum site? É tão difícil encontrá-la, e... Não? — Claro que não. Por que ele me passaria o contato da artista para eu falar com ela diretamente e tirá-lo das negociações? — Quanto custam os quadros? Digamos... — Aponto para um aleatório. — Um daquele tamanho?

Meu novo amigo me passa um valor tão baixo que quero vomitar. Ah, por que não há nenhuma obra aqui para eu comprar?

Depois de ele prometer que vai me mandar um e-mail assim que um quadro novo chegar, volto com Josh para o frio. De repente, estou faminta. É uma mistura de decepção aguda e o fato de estarmos no início da tarde — passamos a manhã inteira na cama.

— Sinto muito, Amy. — Josh me abraça.

— Vamos voltar no moço de sobrecasaca e comer panquecas.

— Aqui? Tem certeza? Eu preferia ir conhecer a Belgrado de verdade.

— A Belgrado de verdade entrou no nosso carro ontem para nos ajudar a chegar ao hotel, e nós dois quase tivemos um treco — digo. — Mas, se você quiser mesmo algo autêntico, podemos dar outra volta naquela via de mão única?

Ele parece impressionado.

— Você é maravilhosa.

Sou? É incrível como as pessoas interpretam um discurso irritado de fome.

Não demora muito até estarmos dentro do restaurante, sentados ao lado da lareira crepitante. Peço uma dose de conhaque de ameixa.

— Para me manter no clima local. — Mas só quero algo que melhore rápido minha decepção.

— Sinto muito sobre o quadro, Amy — repete Josh.

— Não. — Estou determinada. — Eu nem estaria aqui se não fosse por você. Não precisa ficar chateado. Já foi maravilhoso ver o trabalho dela ao vivo ontem. E, nunca se sabe, talvez a galeria receba mais quadros. Está tudo bem.

— Tem certeza?

— Sim. Claro.

Meu Deus, quero transar com ele de novo. Estou *descontrolada*.

— Você está pensando na mesma...

— Ah. Sim. — Josh começa a rir.

— Não — digo. — Não vamos embora. As pessoas foram legais... Olhe, a comida está vindo. Aguenta aí.

Minhas panquecas parecem ótimas, mas o porco de Josh, com maçãs e batatas assadas, é maravilhoso.

— Uau — digo. — Isso, sim, é um belo prato de comida.

Ele me olha com uma cara esquisita. Tarde demais, percebo que essa é minha piada interna com *Hugh* — e a expressão no rosto de Josh deixa claro que ele sabe.

— Homem errado? — pergunta.

— Hum, pois é. — Não tenho outra opção além de falar a verdade. Seria pior mentir. — Desculpe, Josh, me desculpe.

— Não tem problema.

Eu sou a errada nessa situação, mas a forma como a boca de Josh se retorce me deixa incomodada.

DEPOIS

94

Quinta-feira, 29 de dezembro

Extraviaram minha bagagem. É óbvio, esse é o tipo de dia que estou tendo. O aeroporto de Dublin está *lotado* de viajantes por causa do Natal, e há onze pessoas na minha frente na fila de bagagens perdidas.

Nossa despedida no aeroporto de Belgrado foi tão romântica. Ficamos nos beijando até eu ter que dizer:

— Vou perder meu voo.

— Tudo bem. Até logo. A gente se vê no dia 10. — Mais um beijo. — Aproveite o resto do seu recesso. Posso te ligar no Ano-Novo?

Foi só então que lembrei que teria que enfrentar o caos absurdo causado pelo retorno de Hugh.

— O quê? — Josh ficou desconfiado na mesma hora. Então, quando hesitei: — O que houve?

— Hugh, meu marido. Ele voltou.

Josh se retraiu como se tivesse levado um tapa.

— Voltou para onde?

— Para a Irlanda. Para Dublin. Para casa.

— De vez?

— Sim.

— Quando ele chegou? No *Natal*? Onde ele vai ficar?

— Não sei. Bem, na nossa, na minha casa, mas só por... Olha, Josh, eu não sei, mas acho que na casa do irmão dele.

— Vocês voltaram?

— Não! Não, Josh, não. — Eu tinha certeza dessa parte. — Isso nunca vai acontecer. Ele sabe sobre você. Não dei detalhes, mas ele sabe que estou viajando com você.

Os olhos de Josh se escureceram, e ele apertou meu ombro. Numa voz baixa, ordenou:

— Não transe com ele.

Eu não iria para a cama com Hugh de jeito *nenhum*, mas o que respondi foi:

— Josh, você não manda em mim.

— O quê?

— Eu não fico te interrogando sobre Marcia.

— Eu não transo com Marcia.

Por algum motivo, eu duvidava disso. E, se ele transasse, eu me sentiria até contente. Não sei por que, mas é óbvio que tem a ver com a culpa que eu venho sentindo.

Meu Deus, uma pessoa pode ir a extremos de emoção em um caso extraconjugal: as alegrias imensas seguidas por momentos de reflexão dolorosa. Ou uma depressão profunda — voltar para Dublin depois da minha escapada gloriosa nos últimos três dias faz com que tudo pareça triste e sem graça.

A fila das bagagens perdidas anda. A minha deve ter ficado em Viena, onde fiz conexão. Só quero resolver a papelada e ir para casa — mas Hugh está lá. Teremos que conversar sobre coisas muito, muito dolorosas. Vai ser quase insuportável.

Meu telefone toca, me deixando nervosa. É Josh.

— Desculpe — dispara ele. — Entrei em pânico. Foi só... Foi um choque saber que seu marido voltou. Sinto que só conquistei você porque ele foi embora.

— Espere, Josh, não. Sou *eu* que tenho que me desculpar. Eu devia ter contado antes. Mas não queria que ficasse um clima esquisito. Queria que tudo fosse perfeito.

— Foi tudo perfeito.

Não exatamente, mas quase.

É muito estranho viajar com um homem, chegar em casa e encontrar outro. As três meninas ainda não voltaram, e Hugh está sozinho. Antes mesmo de eu estacionar o carro, ele abre a porta da frente.

— Cadê sua mala? — pergunta ele.

— Extraviada.

— Ah, querida...

Seu tamanho, sua masculinidade, na casa. Ela fica apertada com sua presença.

— Quer alguma coisa? — pergunta Hugh. — Chá? Vinho?

Não peço nada, porque não quero que a gente comece a agir como se tudo tivesse voltado ao normal.

— Você se divertiu? — quer saber ele.

— Hugh, temos que conversar...

— Aonde você foi?

— Para a Sérvia.

— Ah?... *Por quê?*

— Tem uma pintora que eu amo e que é sérvia. Já brinquei sobre irmos até lá para encontrá-la.

— Ah, certo. — Ele lembra. Vagamente, pelo visto. E então: — Ele te levou? Esse cara novo? Uau. Que chique. — Isso não é dito de forma sarcástica, mas com admiração. — Então, Amy, conversei com Carl e volto ao trabalho no começo de janeiro. Você pode ficar com o restante do dinheiro do papai para fazer o que quiser. Vamos equilibrar de novo nossas finanças. Fazer com que tudo volte ao normal.

— Hugh? — Ele não pode estar falando sério. — Não, sério, a gente já passou desse ponto.

— Não estou entendendo.

Mas eu, sim: ele está em negação. Pensou que ia voltar e encontrar a família que deixou para trás. Não está pronto para aceitar o que eu já aceitei — que nossa família se foi para sempre e estamos encarando um futuro completamente diferente, em que não viveremos mais juntos.

Sou gentil, porque gosto dele.

— Hugh, tudo mudou entre nós dois. A gente não vai mais morar junto.

Ele insiste em se manter confuso, e não sei se está fingindo ou não.

— Seu namoro com o outro cara é sério assim?

— Isso não tem nada a ver com ele. Estou falando de nós dois, Hugh. E a gente... — Engulo em seco. — A gente não tem mais volta.

— Mas eu te amo, Amy. Você não me ama mais?

Eu hesito, e Hugh parece que levou um golpe. Não sinto qualquer prazer em magoá-lo. Essa é só mais uma camada de dor para cobrir todas as outras que estão se acumulando desde que ele foi embora.

— Não como antes, Hugh. Sempre vou te amar. Sempre vamos ter uma conexão, especialmente por causa das meninas. Mas vai ser diferente.

Ele franze o cenho.

— Só passei três meses e meio fora. Como isso pode ser suficiente para mudar tudo?

— Ver aquelas fotos...

— Estou tão, tão arrependido.

— ... provocou algo estranho em mim. Eu quase explodi de tanto ciúme, e então foi como se uma lâmina caísse.

Ele está abalado.

— Como assim?

— Ela cortou o amor que nos unia.

— Mas amor não morre rápido assim.

Uma raiva inesperada sobe pelo meu corpo e sai da minha boca num fluxo tóxico.

— Vá se foder! Não venha me dizer como caralhos eu deveria me sentir depois de ver a porra do meu marido na porra da Tailândia com a porra de outra mulher! — Estou berrando. — Posso sentir a porra que quiser!! — Eu me levanto e acerto o ombro dele com meu cotovelo, e então repito a dose. — Vamos ver como você se sentiria na mesma merda de situação!

Hugh sussurra:

— Estou tão, tão arrependido.

— Eu sou assim, Hugh — continuo gritando. — É assim que eu *funciono*, merda. Eu me protejo. É assim que eu sobrevivo, Hugh. Estou me protegendo. Eu *nunca* devia ter confiado em você. Estávamos bem sozinhas, eu e Neeve. “Sou tão leal quanto um cachorro”, você disse. Bem, quer saber de uma coisa? Você não é porra nenhuma!

— Sou, sim! E como seu amor por mim sumiu tão depressa? Você nunca deve ter me amado.

— Eu te amava! Ver você indo embora foi a coisa mais dolorosa que já me aconteceu.

— Mas agora eu voltei!

Hugh começa a chorar. Ele cobre o rosto com as mãos e chora, sem parar. Eu o encaro, minha barriga embrulhada de tanto sofrimento. Não há nada que possamos fazer um pelo outro.

— Vou dormir. — Já estou ansiosa pelo santuário do meu quarto, mas então lembro que Hugh está lá. — Vou ficar no quarto de Kiara hoje, e você fica no meu, mas vá embora amanhã.

Enquanto eu estava fora, para me manter no meu mundo com Josh, não abri o Facebook. Mas chegou a hora de voltar à realidade, e estou detestando esse momento, porque as pessoas já devem ter descoberto que Hugh está em casa. Sim, uma olhada rápida me confirma que o retorno está causando um rebuliço similar ao da partida.

Como esse recado de uma das minhas vizinhas, por exemplo: **Eita, Amy, vi Hugh saindo de carro, e ele está um GATO!!!!**

Emojis de berinjelas e outros símbolos fálicos se seguem. Recebo até mesmo uma mensagem de Jana, que deve ter se esquecido de que Steevie a proibiu de falar comigo ou, na empolgação geral pelo retorno do meu marido, simplesmente foi incapaz de seguir ordens: **Amy! Hugh está maravilhoso! Tranque esse homem no seu quarto e faça bom uso dele até a Páscoa!**

Nada disso é divertido, mas é bem menos humilhante do que quando ele foi embora. Tenho 31 mensagens privadas não lidas no meu perfil. Elas permanecerão assim pela eternidade, e é bem provável que mensagens de texto extremamente curiosas estejam atravessando Dublin, especulando sobre o retorno de Hugh. Será que o recebi de braços abertos, ou ele está livre e desimpedido?

Bem, elas logo vão descobrir.

95

Sexta-feira, 30 de dezembro

Pela manhã, acordo no quarto de Kiara, mais triste do que nunca. Hugh está na cozinha, então, chateada e deprimida, vou encontrá-lo.

Quando me vê, seu rosto desaba, e ele me agarra num abraço apertado. Eu me apoio em seu corpo e choro contra seu peito, segurando-o com força enquanto ele estremece de tanto soluçar. Quando a tempestade de lágrimas acaba, digo:

— Hugh, ontem à noite, toda aquela gritaria e tal, não foi saudável. Podemos tentar, nós dois, agir como pessoas educadas? Porque não se trata só da gente. — Com xícaras de café, sentamos à mesa da cozinha, e, com gentileza, continuo: — Você sabe que não pode ficar aqui, não é?

— Sério? Mas...

— Vai deixar as meninas confusas.

Durante minha longa noite praticamente insone, pensei em continuar morando com ele até Sofie e Kiara terminarem a escola, mas esta casa é pequena demais para vivermos como colegas de quarto. Só Deus sabe como vamos resolver a questão financeira — a gente já vivia contando moedas antes —, mas teremos que dar um jeito.

— Você não pode esperar um pouco para ver se as coisas normalizam? Por favor, Amy. Meu arrependimento... Eu faria de tudo para voltar atrás e mudar as coisas.

O sofrimento de Hugh é verdadeiro. O meu também. Mas o amor que eu sentia por ele foi dilacerado.

— Querido, não podemos voltar atrás.

— Talvez você mude de ideia.

Não vou.

— A gente acabou, sério, é coisa do passado.

— Como você tem tanta certeza?

Deve ser autopreservação.

— Algo aconteceu dentro de mim. Não foi uma decisão que tomei, as coisas tomaram esse rumo.

Ele concorda com a cabeça, hesitante.

— Eu tinha certeza de que você não ia voltar — explico.

— Mas voltei.

— Eu tinha certeza de que não voltaria. Mas não ache que não sinto nada, Hugh. Há tanta tristeza dentro de mim que só consigo aguentar doses homeopáticas. Vou levar anos para superar isso tudo. Se é que vou superar. Nós perdemos tanto. Não só eu e você, mas todos nós.

— Mas... se você sabe disso, por que não podemos voltar?

— A gente não tem volta.

— Não. É rápido demais.

— Quando se quebra o pescoço de um ser vivo, a morte é instantânea.

Quase num sussurro, ele diz:

— Por favor, não fale assim.

— Hugh, estou alguns meses na sua frente nesse... processo de luto. Parece horrível agora, mas juro que até os piores momentos passam.

— Essa sensação não vai passar nunca.

Pode até ser que não, mas vai se tornar suportável.

— Amy? — A voz dele é tranquila, mas algo no seu tom me deixa nervosa. — O que aconteceu?

— Como assim?

— No penúltimo verão.

Hugh faz uma pausa, e meu coração se aperta. Ele fica me encarando por um bom tempo, em silêncio.

— Eu...

— Você transou com alguém?

Meu rosto fica vermelho.

— Não, não, Hugh, não transei.

— Amy. Eu sabia que tinha alguma coisa acontecendo.

— Como?

Quem teria contado?

Ele solta uma meia risada.

— Porque eu te conheço.

Escolho minhas palavras com cuidado.

— Conheci um homem. Tive uma quedinha por ele. Mas nada aconteceu.

— O homem com quem você está saindo agora?

Baixo a cabeça.

— Sim. — Irritada, acrescento: — Mas eu não teria transado com ele se você não tivesse fugido.

E talvez você não tivesse fugido se eu não...

Na defensiva, questiono:

— Então você agora quer jogar a culpa em cima de *mim*?

— Não, é cla...

Eu me sinto envergonhada e confusa e não gosto nada disso.

— Ótimo. — Sou ríspida. — Contanto que fique claro que a culpa é sua.

Hugh concorda com a cabeça.

— Então. Você queria tirar seis meses de folga?

— Não quero mais.

— Quieto. Aqui está meu plano. A gente diz para as meninas que você vai terminar os seis meses, o que nos dá mais dez semanas. Você vai morar com Carl e Chizo para nos adaptarmos a essa nova realidade. As meninas vão se acostumar a vivermos todos na mesma cidade, mas não juntos. Quando as dez semanas acabarem, contamos que é permanente.

Ele faz uma careta.

— Enquanto isso, pensamos numa solução para conseguir pagar as contas.

— Amy...

Não. É assim que as coisas vão funcionar.

— Acima de tudo, nós dois, Hugh, nos tratamos com respeito. Sofie está no último ano da escola, Kiara está logo atrás. Elas precisam de estabilidade, então temos que mostrar união. Certo?

— Certo.

— Preciso te contar uma coisa. Enquanto você estava fora, Sofie engravidou...

— Eu sei. Ela, eu... A gente se falava sempre. O plano sempre foi que elas pudessem entrar em contato se precisassem.

Certo. Eu sabia disso. Já tinha entendido que as necessidades das meninas eram mais importantes que as minhas. Mesmo assim, isso me magoa.

Espero até a mistura de tristeza e fúria passar, e digo:

— Posso pedir um favor? Se você ficar se oferecendo por aí, pode ficar longe de Genevieve Payne?

— Você ficou doida? Eu te amo, não vou me oferecer para ninguém. E Genevieve é casada.

Não faz diferença nenhuma a pessoa ser casada ou não, como nós dois sabemos.

Ele lê meus pensamentos.

— Tudo bem, vou ficar longe dela. E se você e seu... cara terminarem, tem uma pessoa de quem quero que fique longe.

— Quem?

— Alastair.

Essa é a segunda vez que ele menciona Alastair nesse contexto.

— Por que tanta obsessão com aquele idiota? Hugh, ele seria literalmente a última pessoa na Terra, com exceção de Richie Aldin.

— Sei lá. Vocês são tão próximos. Ele gosta tanto de você. E é tão... bonito.

É difícil saber por onde começar.

— Alastair não faz meu tipo. — Gosto de homens mais rústicos. — Mas, se você ficar longe de Genevieve Payne, não vou para a cama com ele.

Nós trocamos um sorriso hesitante.

96

Subo para o quarto de Kiara e fico lá até ouvir a porta da frente fechar atrás de Hugh e o som do seu carro se afastando, deixando-me numa casa que grita com sua ausência.

Dor emocional não mata, eu sei. Por mais insuportável que tudo isso seja, eu *vou* sobreviver. O tempo vai me curar. Porém, cada segundo é uma superação.

Quero me enfiar na cama e passar uma semana dormindo, mas só consigo sentir o cheiro de Hugh no meu quarto, então troco as fronhas e os lençóis e coloco tudo na máquina de lavar. Na cama recém-arrumada, fecho os olhos e espero pela fuga misericordiosa do sono, mas minha mente fica repassando imagens de Hugh. De novo e de novo, eu o vejo entrando na casa com sua mochila, se debulhando em lágrimas, implorando... Meu cotovelo dói pelo golpe que eu dei.

As imagens não param. É como estar dentro de um filme de terror.

Muita coisa aconteceu rápido demais, estou sofrendo uma overdose de adrenalina ruim — talvez esteja em estado de choque.

O telefone vibra com uma mensagem. É Derry — pela vigésima vez. Ela quer receber o relatório completo, só que não consigo mais habitar minha realidade.

Mando uma mensagem de volta: **Você tem algum remédio para dormir?**

Sua resposta é quase instantânea: **Isso é igual a perguntar se o Obama é um cara maneiro. Estou a caminho.**

Ela chega em dez minutos, esperando que a recompensa pelo remédio seja uma explicação completa de tudo que aconteceu.

— Não, Derry, estou arrasada. Mal dormi ontem à noite...

— Mas Hugh vol...

— Eu sei, Derry, por favor... — Lágrimas pingam nas minhas mãos. — Agora não. Passe os remédios. Preciso apagar.

— Apagar? Apagar como?

— Apagar temporariamente.

— Não sei... — Ela me observa com ar preocupado. — Só vou te dar dois comprimidos.

Não existe a possibilidade de eu sofrer uma overdose, mas não tenho forças para discutir. Dois terão de bastar.

Tomo o primeiro, e é como levar uma pancada na cabeça: escuridão instantânea. No meio da noite, volto à consciência, então tomo o segundo. Quando acordo de novo, são dez para as duas da tarde do último dia do ano.

Vinte e cinco horas se passaram. Estou 25 horas mais perto de me sentir bem de novo. Haverá uma quantidade absurda de parcelas de 25 horas pela frente, mas já é um começo.

Meu telefone está cheio de convites para festas de Ano-Novo — uma noite que sempre detestei. Agora que virei assunto de novo, ela me parece ainda menos convidativa. Fico horrorizada só de pensar em todas aquelas pessoas ávidas de curiosidade vindo para cima de mim, tentando conseguir informações sobre meu casamento, com a desculpa de me darem parabéns.

Fico em casa e, com a exceção de um telefonema de Josh, não falo com ninguém.

Passo o primeiro dia do ano fazendo tarefas domésticas, detestando a chegada do dia seguinte, quando contaremos às meninas que Hugh não vai voltar para casa “por enquanto”.

97

Segunda-feira, 2 de janeiro

Hugh chega por volta de meio-dia. Abro a porta, e nos cumprimentamos com um aceno de cabeça desconfortável.

— Como foi na casa de Carl? — pergunto.

— Bem — diz ele. — Ótimo. Muito bom.

Tenho certeza de que não foi o caso, mas paciência. Carl é o irmão Durrant mais extravagante e bem de vida. Apesar de sua casa chique ter três quartos de hóspedes (eles só têm um filho, Noah, o Menino-Prodígio), sinto que Chizo não vai deixar o cunhado ficar lá por muito tempo. Ela é muito controladora. Nunca perde a oportunidade de me dizer que nossa casa é assustadoramente caótica. Gosto muito, mas também morro de medo dela.

— Kiara deve chegar em meia hora. Espere na sala.

Assim que Hugh e eu explicamos o plano para Kiara, ela fica desconfiada. Seus olhos passam de Hugh para mim, depois voltam.

— Mas você voltou para casa porque queria ficar com a gente, certo? — pergunta ela para o pai.

— Sim.

Ela se vira para mim.

— E você não sentiu muita saudade de papai?

— É claro, ma...

— Então por que não podemos ficar juntos agora? Por que você precisa esperar os seis meses acabarem?

— Deixar vocês foi algo muito sério. — Hugh está rouco. — Não tomei essa decisão de forma impulsiva, e...

— ... ele precisa ter certeza de que resolveu seus problemas — digo.

Várias emoções passam pelo rosto de Kiara, como nuvens rápidas.

— Não, pai.

— O quê, querida?

— Não, você sabe, com outras pessoas. Mulheres. Gente que possa nos conhecer. Seja lá o que você fez quando estava fora, bem... Não quero nem pensar nisso. Mas, aqui, onde mamãe seria humilhada...

— Não vou fazer nada assim. Não é por isso que não vou voltar!

O olhar frio com que Kiara o fita indica que muita coisa mudou desde que Hugh foi embora. Começo a me perguntar se ela viu aquela foto no Facebook. Bem, alguma coisa aconteceu, mesmo que tenha sido só o fato de ela amadurecer.

— Querida — digo. — Você pode ficar com raiva, decepcionada, preocupada.

— Não preciso da sua permissão para sentir meus sentimentos.

Ela sai da sala batendo os pés.

Estou tremendo de nervoso. Hugh e eu trocamos um olhar preocupado. Nossa doce Kiara... Será que isso vai arruiná-la, deixá-la amargurada e desconfiada?

— Vou atrás dela? — pergunta Hugh.

— Vá.

Eu esperava me sentir menos tensa depois que as três meninas fossem informadas de que Hugh não moraria aqui, mas, depois de ver como Kiara reagiu mal, fico com medo de com Sofie ser ainda pior.

Surpreendentemente, não é.

— No Natal — diz ela para Hugh —, eu achei que você só fosse ficar por uns dias, e isso não me incomodou. Sei que foi difícil para você ir embora em setembro e que só fez isso porque precisava, então acho importante que termine o que começou.

— Obrigado, querida.

— Você também é um ser humano — diz ela. — Com sentimentos e tal. Entendo isso agora. Amo você, pai.

Ela dá um beijo rápido nele e vai embora, deixando nós dois embasbacados.

— Sofie vai ficar acabada quando descobrir que você não vai mais voltar — digo.

— Vai.

— Uma coisa de cada vez.

— Só falta Neeve agora.

Neeve, porém, deve gostar do fato de Hugh não voltar para casa por enquanto. E, quando descobrir que ele não voltará nunca mais, vai ficar radiante.

Ela só deve chegar daqui a duas horas. Na sala, fico sentada com Hugh, contida, mas logo me sinto desconfortável demais, digo alguma besteira qualquer sobre “ter que me organizar” e fujo.

No segundo andar, deito de costas na cama, encarando o teto do quarto. Só quero acabar logo com isso e parar de sofrer. Fecho meus olhos por um instante...

... e sou acordada pelo rugido de um motor de carro do lado de fora, seguido pelo som da porta da frente sendo aberta e pés correndo no vestíbulo.

Ouço a voz de Neeve:

— Mãe! Kiara! Sofie!

Mas o quê...? Já são três e dez da tarde. Devo ter caído no sono.

— O que foi? — berra Kiara.

— Venham aqui fora!

Mais pés batendo, seguidos por gritos de alegria na rua. Alguém sobe a escada correndo e grita:

— Mãe! Mãe! Cadê você? — É Kiara, que entra no quarto. — Venha, você precisa vir!

O que houve? Ela parece loucamente animada, não em pânico.

Um carro prateado brilhante está estacionado lá fora — um Audi, do modelo bonito e redondinho.

— É da Neevey! — exclama Sofie. — Novinho em folha, veja!

Ela aponta para a placa que indica o ano de 2017.

Ah, meu Deus, Richie Aldin comprou um carro para Neeve. Ele é tão babaca. Podia ajudá-la a dar entrada num apartamento, a ganhar um pouco de independência, mas, em vez disso, comprou um brinquedo chique.

— Mãe! — Os olhos de Neeve estão loucos de animação, e ela agarra minhas mãos. — Custou 65 mil.

Minha nossa senhora, eu mal consigo ganhar isso num ano de trabalho.

— Você sabia que *ele* também tem um Audi? — Ela parece tão orgulhosa. — Estacionamos os dois um do lado do outro, e ficaram parecendo pai e filha.

— Uau, Neevey, que maravilha.

— Pois é, não é? Contei para o papai que Hugh voltou e que ia querer o carro de volta, e ele disse que compraria um para mim. Pensei que fosse ser uma lata-velha usada. Mas ele ligou para um cara, fomos à concessionária, papai disse “Aquele ali”, pagou, tipo, *na hora*, o cara fez as placas, e eu, tipo, vim *dirigindo* para casa!

Se Richie Aldin tivesse pagado uma pensão decente pelos primeiros dezoito anos da vida de Neeve, teria gasto bem mais que 65 mil, mas jamais vou dizer uma coisa dessas.

— As minhas irmãs também têm um.

Quem? Ah, ela está falando das outras filhas de Richie.

— Mas o meu é o mais novo!

— Quando sua cabeça sair das nuvens, Hugh e eu queremos conversar com você.

— Sobre o quê? — Ela fica desconfiada na mesma hora.

— Hugh não vai voltar para casa até os seis meses acabarem — diz Sofie.

— Ah, é? — Neeve estreita os olhos. Girando a chave do carro no dedo indicador, ela diz: — Vamos conversar agora.

Hugh está esperando na sala.

— Que carro maneiro, Neevey.

— Sei. E aí? O que houve?

— O plano era que eu passasse seis meses fora. Então vou fazer isso.

— Mas onde você vai ficar? Tipo, morar?

— No tio Carl.

— Aqui em Dublin? — Ela parece furiosa. — Porra nenhuma.

— Mas Neeve... — começo.

— Não faça minha mãe passar vergonha — diz ela. — Já foi ruim quando você estava na Tailândia, comendo garotas com idade suficiente para serem suas filhas. Melhor você não fazer isso aqui. E fique longe daquela assanhada da Genevieve Payne.

— Eu não ia...

— E de todas as amigas da minha mãe. Fique longe delas. Você não tem ideia do que a fez passar.

— Neevey — digo. — Pare.

— Eu vi o que ela passou. Você não deixaria nem um bicho sofrer daquele jeito.

98

Terça-feira, 10 de janeiro

O quarto do hotel se abre de repente, Josh me puxa para dentro, bate a porta e me pressiona contra ela. No meu ouvido, sussurra:

— Você transou com ele?

— Você sabe que não.

— Maltrapilha?

— Não transei com ele.

— Fico imaginando-o te comendo. Estou ficando louco com isso.

Durante os doze dias que passamos separados, esse comportamento possessivo, que começou no aeroporto de Belgrado, acabou se transformando num joguinho. E não gosto disso. Mas estar aqui com ele, com ele de *verdade*, faz qualquer pensamento racional se esvair da minha mente. Puxo seu rosto para o meu e sinto — ah, meu Deus — o calor de sua boca, o prazer delirante de beijá-lo, de ser beijada. Quando nos separamos, digo num suspiro:

— Senti saudade.

O alívio de estar com Josh, de ouvir sua voz, de sentir seu cheiro, daquele lugar especial na lateral do seu pescoço, tocar sua pele, deslizar meus dedos por suas costas.

Tiro seu moletom, e ele desabotoa meu vestido com dedos atrapalhados.

— Quero tanto você — diz ele — que nem consigo fazer isso direito.

Josh me ergue, e enrosco as pernas ao redor de sua cintura, pressionando sua ereção contra a parte de mim que mais o deseja. O alívio e a ânsia me fazem gemer.

— Na cama — ordeno.

Ele me deita, ergue o vestido para tirar minha calcinha.

— Deite por cima de mim — digo. — Preciso sentir seu peso.

Josh se estica sobre meu corpo, pressionando seu membro rijo contra minha pelve, produzindo mais gemidos em mim.

— Ele saiu de casa? — Ele está falando de Hugh.

— Você sabe que sim.

Nós dois conversamos praticamente todos os dias desde a Sérvia.

— Ele foi lá depois disso?

— Você sabe que sim. — Abro a calça jeans e seguro aquela pele tão macia e delicada que cobre uma rigidez tão promissora. — Preciso sentir seu cheiro. — Faço-o sair de cima de mim e enterro meu rosto em seu calor almiscarado. Mas há outra coisa, um leve aroma de limão. — Ei, Josh, nas terças, não tome banho.

— Por quê?

— Porque você tem um cheiro tão bom, não quero que o seu cheiro se misture com sabonete.

— Pare de mudar de assunto. Quantas vezes Hugh foi na sua casa?

Na maioria dos dias. Para pegar roupas, para ver Kiara e Sofie, existem centenas de motivos legítimos para suas visitas.

— Josh, pare de falar nele.

— Por quê? Você está escondendo alguma coisa?

— Por favor, Josh. Meu tempo com você é tão precioso, por favor. Vamos só...

— Você está falando sério. — Ele parece satisfeito.

Estou. Esta noite com Josh foi a única luz no fim do túnel nos últimos doze dias. Tem sido difícil estar em casa: Hugh vive aparecendo, atordoado de tanta tristeza; Kiara anda irritada e chorosa; Neeve exala desconfiança; e Sofie permanece despreocupadamente — bizarramente — animada.

Quanto a mim, não consigo conter meu sofrimento. Tento ignorar minhas emoções, mas elas persistem em dar sinal de vida e, em momentos de dor horrível, vir à tona.

O problema é a frequência das aparições de Hugh. A casa de Carl e Chizo fica só a quinze minutos de carro da nossa. Além disso, Chizo não permitiu que Hugh levasse todas as coisas dele para lá, então as visitas para buscar algo se tornaram comuns.

Em sua defesa, Hugh não está fazendo nada errado. Tipo, ele conseguiu uma reunião de última hora no banco para conversar sobre uma nova hipoteca para o estúdio de gravação que divide com Carl e precisava buscar seu único terno. Ou Sofie queria sua ajuda num problema de física para a escola.

Até *eu* sou culpada. No sábado à noite, um fusível queimou, jogando-nos na escuridão. Ligar e desligar vários interruptores enquanto eu os iluminava com uma lanterna trêmula não funcionou. Então, quando Sofie sugeriu chamá-lo, não precisei de muita persuasão.

Hugh estava lá em menos de meia hora. Depois de ele ter descoberto o fusível certo, eu lhe ofereci uma cerveja.

— Pode deixar que eu pego — disse ele.

Assim que ele abriu a geladeira, houve um lapso de tempo na minha mente, e, numa fração de segundo, esqueci que estávamos no agora. Eu me vi de volta *àquela* época, quando a vida era mais tranquila e confortável e meio tediosa, quando Hugh era meu marido e todos vivíamos juntos, felizes na maior parte do tempo, mesmo que essa felicidade raramente fosse notada.

Por um instante, aquela sensação de segurança me preencheu e mudou por completo a noção que tenho de mim mesma no mundo: eu estava segura, protegida, pertencia a alguém e tinha seu apoio. Então as memórias voltaram, e minha mente foi só confusão antes de a realidade dura e fria me acertar. Esses lapsos de tempo e a consequente sensação de ter perdido algo é como cair de um abismo. Eu continuo tendo esses momentos — eles devem estar acontecendo com nós cinco.

Términos diretos funcionam melhor para mim. O contato constante com Hugh me mantém perpetuamente desequilibrada, e, se não fosse pelas meninas, eu faria questão de nunca mais me encontrar com ele.

Mas elas são as pessoas mais importantes nisso tudo.

A única coisa que posso fazer é me forçar a seguir em frente, um dia de cada vez, e manter em mente que as coisas ficarão mais fáceis em certo momento. As situações mais estranhas e mais dolorosas vão acabar se tornando normais com o tempo.

— Então — pergunta Josh com um sorriso —, o que você achou da nossa transa por FaceTime?

Engulo em seco.

— Ah, meu Deus, foi a coisa mais gostosa...

Provavelmente foi a transa mais emocionante e empolgante que já tive na vida. Aconteceu no último dia de dezembro — Josh estava sozinho em casa, eu também, e virei o ano observando-o fazer... *aquilo* consigo mesmo. Até pensar nisso faz meu sangue começar a ferver e me deixa latejando de um jeito que requer atenção imediata.

— A gente pode repetir a dose — diz ele. — Sabe, durante a semana...

— Não. E você sabe por quê. Não vou fazer uma coisa dessas com Marcia em casa.

— Posso pedir para ela ir embora.

Giro para encará-lo.

— *Nunca* faça isso. — Sou enfática. — Mal consigo aguentar meu remorso do jeito que as coisas estão. Não force a barra.

99

Quarta-feira, 11 de janeiro

Pego o voo de volta de Londres. A quinta passa, depois a sexta, então o fim de semana, e, quando vejo, já é segunda de novo. O tempo está passando. Sim, numa velocidade dolorosamente lenta. Mas estamos na metade de janeiro. Isso *está* acontecendo.

No escritório, na tarde de segunda, Alastair fica atualizando o navegador, torcendo para o vlog mais recente de Neeve surgir, porque ele está "sentindo" que mamãe vai aparecer.

E, olha só, ela aparece mesmo!

— Como você sabia? — Estou desconfiada.

— Intuição. — Ele dá de ombros e então fica paralisado. — Meu Deus, acho que ela vai se tatuar!

— *O quê?*

— Vai fazer uma tatuagem!

— Minha *mãe*?

Vou correndo até a tela de Alastair, assim como Tim e Thamy. Parece que ele tem razão.

Mamãe está reclinada sobre uma cadeira, e uma mulher — cheia de tatuagens e piercings — se inclina sobre ela, segurando uma máquina.

— Então, está pronta para a dor, Lilian? — pergunta a tatuadora, cujo nome é Micki.

— Duvido que doa muito — diz mamãe.

— Ihhh — comenta Neeve por trás da câmera.

— Depois que você der à luz, podemos conversar sobre o que é dor de verdade. — Então mamãe acrescenta, ansiosa: — Não estou dizendo para você fazer isso de *verdade*. Nunca tenha filhos, Neevey. Eles acabam com sua vida. — Ela olha diretamente para a câmera. — Sem querer ofender meus cinco.

Alastair, Tim e Thamy morrem de rir.

— Não vou ter filhos. — Neeve parece desdenhosa. — Mas, sério, vovó, tatuagens podem doer bastante.

— Mas você vai passar um anestésico? E podemos fazer aos poucos?

— Uau — diz Alastair. — Lilian O'Connell, mãe de cinco, é minha heroína. É uma tortura se tatuar.

— O que você tem tatuado? — pergunta Thamy.

— Deixe-me adivinhar — interrompo. — Alguma merda escrita em sânscrito no cóccix, que você acha que significa "O maior ato de generosidade é a ausência de apego", mas, na verdade, quer dizer "Promoção de dois sacos de marshmallow tamanho família pelo preço de um".

— Vá se foder — diz ele enquanto solto uma gargalhada.

— Fiquem quietos. — Tim está sério. — Queremos assistir ao vídeo!

— Desculpe.

Faço expressão de compenetrada, mas gesticulo "Marshmallow" com a boca para Alastair, que articula um "Eu te odeio".

Na tela, Micki pergunta:

— Por que você quer fazer um Lapras?

— Eu estava jogando Pokémon Go com meus netos no Natal...

— *Sério?* — pergunta Tim.

Na verdade, não faço ideia. Eu estava tão dispersa com o retorno chocante de Hugh e depois com a minha viagem para a Sérvia que o fato de mamãe jogar Pokémon Go com meus sobrinhos me passou completamente despercebido.

— Fiquei um pouco viciada — diz ela.

— Uau. Tipo, uau. — Micki está tendo que rever seus conceitos sobre a velhice. — Então Lapras é seu favorito?

— Não, é que eles são super-raros...

— Super-raros! — grita Alastair. — Ela é tão fofa!

— Dá pra ficar quieto? — reclama Tim.

— Nunca conseguimos capturar um.

— E você quer a tatuagem para que seus netos consigam "capturá-lo"?

— Claro que não! Quero irritá-los. Esfregar o fracasso na cara deles.

Depois dessa, todo nós — Micki, Neeve, eu, Alastair, Tim e Thamy — caímos na gargalhada.

— Eles me tratam como se eu fosse uma... uma idiota, mas peguei mais Pokémons que os três. Espere, posso falar essa parte de novo, Neeve? Corte a primeira frase. Eu peguei *bem mais* Pokémons que os três.

Mais risadas minhas e dos meus colegas de trabalho.

— Ela não cortou — diz Thamy.

É porque Neeve não é boba e sabe do que o povo gosta.

— *Ceeerto* — diz Micki. — E você tem certeza de que quer a tatuagem no pulso? Porque, se mudar de ideia, vai ser difícil cobri-la.

— Tenho certeza — diz mamãe. — A parte azul do Lapras é da mesma cor que meu cardigã favorito, e não vou precisar mais usar pulseiras.

O restante do vídeo não se demora muito nos detalhes sórdidos. De vez em quando, uma mamãe suada de dor faz um intervalo e fala com a câmera.

— Dói, mas não tanto quanto um parto. E no fim de tudo, pelo menos, você vai ter algo que quer, não um bebê.

Ela pisca, e Alastair murmura:

— Acho que estou apaixonado.

O vídeo passa em velocidade acelerada até o final, e um curativo grande cobre a área tatuada. Depois, a edição pula para dez dias no futuro, para a grande revelação, quando a gaze é removida. E lá está *minha mãe*, com um personagem de Pokémon Go tatuado no braço.

— Não importa o que os outros digam — aconselha ela com um sorriso maroto —, se você quiser fazer algo, nunca é tarde demais.

E assim o vídeo termina.

— Não acabe — diz Alastair, triste.

— Esse foi o melhor dela até agora — diz Tim enquanto voltamos para nossas mesas com relutância.

— Você estava sabendo disso? — pergunta Thamy para mim.

— Minha vida tem andado uma loucura ultimamente — respondo, na defensiva.

Na sexta passada, no jantar semanal, mamãe devia estar com o curativo no pulso. Mas, mesmo que não estivesse, era bem capaz de eu não ter notado.

Tento voltar ao trabalho, mas não consigo me concentrar. Estou assim desde o início do ano. Quero muito me manter focada — tudo está tão incerto que preciso manter o controle da minha renda. Mas é difícil, minha mente não parece fazer as conexões necessárias, as ideias não surgem...

— Amy! — grita Alastair, me tirando da minha introspecção com um susto. — Venha ver!

— O que foi? Você me assustou!

— Você vai gostar disso.

É o site do *The Guardian*, com a legenda “Vovó do Insta”, exibindo uma imagem granulada de mamãe no vídeo.

> Uma avó irlandesa, que participa dos vídeos de sua neta no canal *Miga, Se Liga,* do YouTube, se tornou a mais nova estrela da internet. A aparição mais recente de Lilian O’Connell, em que ela tatua um personagem de Pokémon Go no braço, foi assistida mais de 40 mil vezes desde que o vídeo entrou no ar na manhã de hoje.

— Meu Deus — digo, e olho para Alastair. — Isso é... Que loucura!

— Eu avisei que ela era especial — rebate ele.

— Estou me sentindo mal por Neeve. Faz mais de um ano que ela se mata para o *Miga, Se Liga* dar certo, e é só sua avó aparecer algumas vezes para o negócio decolar.

— Mas foi Neeve quem teve a ideia de incluí-la. Isso é crédito dela. E o que importa é ela ter público. De toda forma, Neeve vai se dar bem. Mais renda de anúncios, mais ofertas de produtos...

— Alastair! — Agarro o braço dele. — Imagine se ela conseguir bancar um apartamento sozinha!

— Você não sentiria falta dela?

— Sim... sim. Mas ela não pode morar comigo para sempre.

100

No caminho de casa, compro uma garrafa de Prosecco — dane-se essa secura de janeiro — para comemorar o sucesso do vlog de Neeve. Mas ela não vem para casa, e tanto Sofie quanto Kiara estão estudando e não querem beber comigo. Por um instante, penso em beber a garrafa mesmo assim, mas fico com medo de acabar com tudo sozinha. Então reúno todas as minhas forças para me convencer a guardá-la no fundo da geladeira. Fica para a próxima.

Estou no andar de cima, jogando coisas aleatórias na mala, quando a campainha toca. Por favor, Deus, que não seja Hugh.

Lá vou eu atender, e, para minha surpresa, encontro Steevie. Eu a encaro. Ela não mudou nada: o mesmo excelente rosto pequeno, o mesmo excelente corte de cabelo, o mesmo casaco bonito. É a última pessoa que achei que veria nessa noite chuvosa e triste de segunda-feira.

— Ah! — Estou tão chocada que nem sei o que dizer. — Oi...

— Amy, me desculpe. — Ela parece prestes a cair no choro.

— Ahhh. — Não sei se tenho disposição para ela. Estou exausta. Parece que vivo cansada. — Hum... entre.

Vamos até a cozinha, onde abro uma garrafa de vinho. Não o Prosecco — ela não merece. Mas chá também não bastaria, não para essa conversa.

Steevie pendura o casaco nas costas da cadeira e empertiga os ombros.

— Desculpe, Amy — repete ela.

Sem saber o que fazer, tomo um gole generoso da minha taça. Jesus, que *delícia.*

— Quando Hugh foi embora... — Parece que Steevie ensaiou o que dizer. Admito que estou comovida. Ela toma metade da taça num gole e recomeça: — Quando Hugh foi embora, me senti igual a

quando Lee me largou, os sentimentos voltaram, e fiquei meio doida.

Concordo com a cabeça.

— Era bom não ser a única a ter sido humilhada. Mas, quando você se recusou a reclamar dele, eu me senti... Desculpe, Amy, eu me senti traída.

Lembro como eu queria que o pau de Hugh ficasse verde e molenga depois de ter visto aquelas fotos no Facebook. Mas essa raiva se dissipou — mais ou menos na mesma época em que comecei a dormir com Josh. Não quero contar nada disso a Steevie. Ainda não. Faz muito tempo que somos amigas, e odeio o fato de estarmos brigadas. Foi preciso muita coragem da parte dela para aparecer aqui sem avisar, mas não posso esquecer que ela passou dois meses me ignorando, desfez nossa amizade no Facebook e convenceu Jana a se voltar contra mim.

— Então ele voltou? — pergunta Steevie.

— Não estamos juntos.

— Mas, tipo, o que você *pretende* fazer?

Fico confusa.

— Como assim?

— Arranhar o carro? Cortar uma perna de todas as calças dele?

— Ah... — Isso é uma piada?

— Fiquei sabendo de uma ótima! — De repente, ela está animada. — Uma mulher pegou o marido no flagra e jogou todos os pés esquerdos dos sapatos dele no Tâmisa. E o cara era, tipo, *apaixonado* pelos tênis. Ele colecionava Nikes. E acabou ficando com dúzias de pés sozinhos que não serviam para nada.

Preciso pensar.

— Posso fazer alguma coisa com a coleção de discos dele, talvez quebrar todos.

— Ele adora aqueles discos, não é? — Agora, Steevie está rindo. — Ficaria fulo da vida. E você precisa filmar e colocar no YouTube.

— É claro!

— A gente pode dar uma festa! — Ela se inclina na minha direção com os olhos brilhando. Meu Deus, como senti falta disso. Como senti falta de *Steevie*, que é sempre tão divertida. — Podemos convidar Jana. Tasha e Mo, não. Desculpe por aquele brunch. Mas

mulheres legais. Petra. Derry. O que você acha? Na sexta? Sexta agora?

Não consigo entender bem o seu tom, mas Steevie pega o telefone e começa a escrever.

— Que horas pedimos para chegarem? — pergunta ela.

— Steevie, você está, tipo, falando *sério*?

— Sim. — Ela fica surpresa, e meu coração se enche de decepção. Então percebe que compreendemos mal uma à outra. — Mas, Amy — ela parece quase irritada —, você tem que fazer alguma coisa. Precisa punir Hugh.

Não é isso que quero. Eu ficaria contente de nunca mais vê-lo na vida. Mas, como nós duas somos amigas há tanto tempo, ofereço:

— Bem, eu bati nele algumas vezes. Isso basta?

Com uma risada rápida, ela diz:

— Tem que ser bem pior que isso. Ele traiu, então precisa ser punido. E depois você pode aceitá-lo de volta com seu amor-próprio intacto.

— Isso não vai acontecer.

— Pare, Amy. Você pode me falar a verdade. Fiquei sabendo que ele quer voltar para casa.

Passo por cima do incômodo de saber que as pessoas estão falando sobre meu casamento.

— Não quero mais saber de Hugh.

Steevie empalidece de surpresa.

Depois de alguns instantes, tento melhorar o clima.

— As pessoas fazem *mesmo* esse tipo de coisa com maridos infiéis? Cortam fora as bolas e as prendem em postes? Escondem camarões na cortina da casa nova deles?

Ela faz uma cara engraçadinha.

— A mulherada *surta* quando ganha um par de chifres.

— Não estou surtada.

— Por que não? — Steevie está confusa.

— Só estou triste.

Depois de uma longa pausa, ela anuncia:

— Você é passiva demais.

— Nunca vou voltar com ele. Não há nada de passivo nisso.

Trocamos um olhar desconfortável. Nenhuma das duas sabe o que dizer — o que é estranho e trágico.

— Bem, escute. — Steevie levanta e veste o casaco. — Foi ótimo ver você. Mas, sabe como é, noite de segunda, trabalho amanhã, melhor ir, estou cheia de coisas para fazer, a gente se vê qualquer dia desses, sim?

— Hum... Claro. Com certeza.

Trocamos um meio abraço esquisito e Steevie sai para a noite fria e escura.

Não sei bem o que aconteceu, exceto que, mais uma vez, ela acha que a decepcionei.

Sua chegada inesperada tinha me dado esperança de que eu não estava tão sozinha quanto achava. Agora, conforme ela se afasta daqui o mais rápido possível, entendo que Steevie não vai me ajudar a preencher o vazio dentro de mim e, por isso, me sinto perdida.

Na mesma hora, minha mente começa a repassar todas as coisas boas de que me lembro — KiaraVinhoDerryComidaSofieNeeveSapatosNovos — para tentar afastar a solidão, mas nada funciona. Então penso em Josh, e é como se o sol tivesse despontado por trás de um céu nublado. Vou encontrá-lo amanhã. Eu me sinto tão grata pelas noites de terça. Enquanto elas existirem, vou conseguir seguir em frente.

101

Terça-feira, 17 de janeiro

— Josh, me conte sobre os roteiros de cinema.

Estamos deitados na cama, agarrados um ao outro, e o sinto ficar tenso. Ele faz uma pausa antes de responder.

— Isso é passado.

Já tentei conversar sobre esse assunto algumas vezes nas últimas semanas e fui ignorada, mas sei que é uma parte importante dele.

— Quero saber mesmo assim.

Depois de outro silêncio tenso, Josh murmura:

— Aconteceu já faz muito tempo.

— Quero saber mais sobre você. Tudo.

— Odeio falar sobre isso.

— Por quê?

Outro momento de silêncio. E então:

— Quando eu tinha 21 anos, me achava tão talentoso e original. Pensava que o mundo estava aos meus pés. Não entendia que todo mundo é arrogante e sem noção nessa idade. Mas meu talento não era nem de longe tão genial quanto eu achava.

— E o que aconteceu?

Josh dá de ombros.

— Escrevi roteiros de cinema, vários. Até arrumei um agente. Mas não deu em nada.

— Nada?

Ele suspira.

— Produtores me chamavam para reuniões. Pediam que eu mudasse uma coisa ou outra no texto, e eu obedecia. Então pediam mais mudanças. Ou alguma coisa muito parecida com o que eu tinha escrito era lançada. Ou só perdiam o interesse.

Abraço-o com mais força.

— Os dez anos entre os 21 e os 31 foram uma porrada atrás da outra. No início, eu ficava surpreso com o fato de que nem todo mundo entendia minha genialidade, mas eu era jovem e seguia em frente. Só que, com o tempo, acabei aceitando a verdade, o sonho idiota caiu por terra, e entendi que nunca seria bom o suficiente.

Não consigo pensar em nada para dizer que não soe infantilizador.

— Agora, estou na meia-idade, e é difícil saber que meu futuro maravilhoso já ficou para trás. Que nunca aconteceu de verdade.

— Você não está na meia-idade. Esse conceito nem existe mais, existe?

Josh me olha com seriedade.

— Ah, acredite em mim, existe, sim.

— Mas... — E não há nada que eu possa dizer.

— Tive que aceitar que nenhum dos meus sonhos se tornaria realidade. Não foi fácil.

— Mas você tem coisas boas na vida. Sua... — Quase digo “sua família”, mas me interrompo a tempo. — Você tem um ótimo emprego no *The Herald*. Como editor.

— Meu Deus — murmura ele.

— O que foi? Você não sente orgulho e gosta do seu trabalho?

— Odeio aquele lugar.

Eita. Todo mundo reclama do trabalho, e eu me incluo nisso, mas achei que boa parte da autoestima de Josh estivesse atrelada à profissão.

— Odeio a politicagem interna — continua ele. — Odeio as merdas que publicamos. Odeio os danos que causamos com nossas “pós-verdades”.

Ah, meu Deus...

— E a pior parte é que nem posso reclamar. Sou um dos sortudos com um emprego que paga bem.

— E isso é bom. — Minha voz sai baixa.

— Eu me sinto encurralado. Tenho dois filhos, uma hipoteca, essas coisas de sempre. — Ele solta um suspiro pesado. — Sou um homem medíocre de meia-idade. Olha, Maltrapilha, não estou

reclamando. Não sou diferente de ninguém. Todo mundo se depara com essas verdades mais cedo ou mais tarde.

Não sei o que dizer. Eu tinha noção de que Josh não adorava as escolhas que fez na vida, mas estou chocada com seu nível de desilusão.

— Olho para o resto da minha vida — diz ele. — Tenho 42 anos e não vejo nada bom pela frente. Vou continuar me arrastando, sendo medíocre, brigando com Marcia, querendo que as crianças saiam de casa e se tornem financeiramente independentes, mas isso nunca vai acontecer, não com o capitalismo do século XXI. Tudo vai continuar exatamente igual até eu desenvolver Alzheimer, como meu pai, e morrer.

Engulo em seco.

— Tudo que podemos fazer — continua ele — é aproveitarmos os momentos de esperança e felicidade que aparecem.

Imagino que seja isso que significo para ele.

— E você, Maltrapilha?

— Devo ser igual. — Embora nem de longe tão deprimida.

— Qual era o seu grande sonho?

É difícil tomar parte nessa conversa, mas me esforço, porque ela tem que melhorar antes de nós dois nos afogarmos nas águas frias e brutais da realidade.

— Eu queria fazer algo artístico. Como ser estilista ou decoradora. Mas não me esforcei para isso, e, agora, nunca vai acontecer.

— Não vou mentir e dizer que “nunca é tarde demais” — diz Josh. — Porque gente da nossa idade não conquista nada. Se as coisas não acontecem quando somos jovens, não acontecem nunca mais.

Mas nem todo mundo pode ser uma Angela Merkel ou uma Malala ou uma Beyoncé da vida; a maioria de nós é comum. Se não houvesse tanta gente normal, as pessoas extraordinárias não se destacariam. E me sinto bem com isso — não é um fato doloroso, ou pelo menos não tão doloroso quanto obviamente é para Josh.

— O Dia dos Namorados está chegando — diz ele, mudando de assunto de repente. — Vamos viajar por alguns dias?

Eu li uma matéria na *Grazia* sobre uma mulher de Manchester que tinha um caso com um homem de Düsseldorf. Todo mês, os dois se encontravam numa cidade — Amsterdã, Praga, Madri —,

ficavam num hotel chique, trepavam feito doidos, comiam morangos, tomavam champanhe e faziam compras antes de retornar, saciados e felizes, para seus cônjuges ignorantes. Por um instante, me pergunto se poderia viver assim. Apesar de que, nesse caso, eu precisaria de malas melhores...

Então, a sanidade volta.

— Josh, pare com isso. Não temos dinheiro. — E então, mais gentil: — Você devia viajar com sua *mulher* no Dia dos Namorados.

— Eu quero ir com você, Maltrapilha. — Ele está emburrado.

— Mas não pode.

— Seria difícil encontrar um destino deprimente o suficiente para você e sua culpa — diz ele. — Mas isso não vai me impedir de tentar.

— Eu não vou — digo. — E não pergunte de novo.

— Por quê? Está pretendendo viajar com Hugh?

— Pare com isso. — Agora, estou irritada de verdade. — Não quero mais saber de Hugh.

— Tem certeza?

— Tenho. E pare de me perguntar sobre isso, Josh. Não gosto.

— Ah. Tudo bem. — E então: — Eu estava pensando. Para economizar, em vez de virmos para cá nas noites de terça, podemos ir para a casa da sua amiga? De Druzie?

Não. De jeito nenhum. Ele está falando do lar dela. Tudo bem, o lugar vive vazio, mas nem sempre. Josh e eu, nos atracando no quarto de hóspedes enquanto Druzie lava suas roupas e faz o jantar ali do lado? Não. Seria completamente equivocado. Eu me sentiria mal-educada, envergonhada e sem noção.

102

Terça-feira, 24 de janeiro

Uma semana passa — mais sete dias soturnos e deprimentes de janeiro. Durante esse tempo, uma preocupação enjoada se agarra ao meu coração: estou incomodada com Josh.

A última coisa que quero é outro comentário sobre transferirmos as noites de terça para o apartamento de Druzie. Há uma diferença imensa entre ficarmos num hotel e usarmos o quarto de hóspedes de uma amiga. A primeira alternativa é aceitável, enquanto a segunda parece... *sórdida*. Agora, acabamos de rolar para longe um do outro, arfando, quando Josh diz:

— Com que frequência Druzie está em Londres?

Sinto um frio na barriga, como se tivesse pulado de um abismo.

— Você me ouviu? — insiste ele.

— Josh. Não vai rolar. Seria errado. — Diante do seu silêncio, acrescento: — Não posso.

Depois de um bom tempo sem dizer nada, ele pergunta, insistente:

— Você vai viajar comigo no Dia dos Namorados?

— Josh.

— O quê?

— Não. A resposta é não. Por favor, pare com isso. Temos tão pouco tempo juntos.

Ele suspira, tira o travesseiro de trás da cabeça, molda-o com um soco, devolve-o para a cama e abaixa a cabeça de novo. Qual é o propósito de continuar deitada aqui, com o estômago queimando de ansiedade?

— Ei — diz Josh, e dou um pulo. — Era a sua *mãe* no *Daily Mail* de hoje? Aquela que fez uma tatuagem? O site é da sua filha?

— Ah. Sim. Isso. Era.

Meu Deus, Josh sabe disso!

— Eu a reconheci pelo nome. — Agora, ele está sorrindo. — Você deve estar muito orgulhosa.

— Ah, sim. — Nos oito dias desde que o *The Guardian* escreveu sobre o vlog, Neeve e mamãe receberam muita atenção. — É maravilhoso. Neeve se esforçou tanto. E agora está famosa. Bem, *conhecida*. Ela não está roubando o lugar de Zoella. É ótimo.

— Talvez eu devesse falar com minha equipe. — Ele abre um sorriso maroto. — Podemos conseguir uma exclusiva quente, já que tenho acesso íntimo à família.

— É melhor ser rápido. — Fico feliz por ele estar com um humor melhor. — Elas vão aparecer no *This Morning* na sexta, e, depois disso, é bem capaz de eu mesma ter que marcar hora para conseguir falar com as duas.

103

Sexta-feira, 27 de janeiro

— Então você passou boa parte da vida no hospital? — pergunta Holly Willoughby com gentileza para mamãe.

É manhã de sexta, e eu, Alastair, Tim e Thamy estamos com a televisão ligada no escritório para assistir à entrevista de mamãe e Neeve no *This Morning*.

— Lilian O'Connell, mãe de cinco, está linda — diz Alastair.

Ela está linda *mesmo* — loura e bonita num conjunto de blusa e saia que é uma cópia gritante de um modelo da Gucci.

— No total — diz mamãe —, acho que não fiquei tanto tempo assim internada, mas, sempre que recebia alta, eu sabia que era uma questão de tempo até ter que voltar.

— Como isso a afetou? — pergunta Phillip Schofield.

— Acho... que me deixou meio acanhada — responde mamãe.

— Acanhada! — grita Alastair. — Adoro essa palavra.

— Como era a vida sendo acanhada? — quer saber Phillip.

— Eu nunca participava de nada — diz mamãe. — Havia coisas que queria fazer, mas achava que não havia motivo.

— Olhem só para ela — diz Alastair, cheio de admiração. — Sentada lá, batendo papo, sem se preocupar com nada.

— E que tipo de coisa você queria fazer? — É óbvio que Phillip foi instruído a dar a deixa para um "momento engraçado" programado.

— Eu queria ser baterista de uma banda — admite ela, corando de um jeito fofo. — Bateristas são legais.

— E milhões de pessoas em toda a Grã-Bretanha — diz Alastair — acabaram de se apaixonar.

Por algum motivo, estou achando seus comentários extremamente irritantes.

— E você, Neeve? — pergunta Holly. — Seu pai é ninguém menos que Richie Aldin. — Rapidamente ela acrescenta para aqueles que não sabem, o que sem dúvida é a maioria das pessoas. — Ele jogou no Rotherham United na década de 1990. Então você já sabia como é ser famosa?

— *Beeeeem...* — A pobre Neeve tem que tentar desconversar rápido. — Papai sempre foi muito discreto.

— Ele com certeza foi muito discreto na nossa vida, Neevey — grito para a televisão. — Aquele *babaca* ridículo.

— Então! — Phillip assume o comando quando percebe que não adianta tentar falar sobre o "parente famoso". — Separamos alguns dos melhores momentos do seu canal no YouTube — diz ele bem-humorado.

— Isso vai ser ótimo para Neeve — diz Tim.

De repente, estou furiosa com ele também. Eu *sei* que isso vai ser ótimo para Neeve, eu *entendo* como o mundo da publicidade funciona.

O segmento termina com mamãe puxando a manga da camisa falsificada da Gucci e exibindo a tatuagem.

— Não se arrependeu? — pergunta Holly.

— Não! — Mamãe está empolgada. — A vida serve para ser vivida. Nunca deixe que ninguém diga que você é velho demais. Se quiser fazer alguma coisa, faça agora, porque pode ser que não tenha outra oportunidade.

— Palavras muito sábias. — Phillip está encerrando a entrevista. — Agora, vamos para nossa cozinha, onde...

— Ela é uma estrela — conclui Alastair. — Uma inspiração e uma estrela.

— Quem a representa? — quer saber a Sra. SempreSeco. Diante de nossos rostos inexpressivos, ela aumenta o volume. — Quem? É? O? Agente? Dela?

Quando eu, Alastair e Tim continuamos mudos, a Sra. SempreSeco estreita os olhos.

— Vocês estão me dizendo que ela não tem um agente?

— Ela é só a minha mãe — digo, mais incomodada do que deveria.

Devagar e com desdém, a Sra. SempreSeco soletra:

— Lilian O'Connell é um fê-no-me-no.

Mamãe? Ela está passando por seus quinze minutinhos de fama que só podiam ter acontecido na calmaria de janeiro.

— E vocês ainda me dizem que têm uma agência de relações públicas? Meu Deus, assim que eu tiver dinheiro, vou tirar meus negócios daqui! Vocês três idiotas não conseguiriam organizar uma bebedeira num armário de bebidas.

— Sra. Mullen... — Alastair tenta melhorar a situação.

— Como anda a continência dela? — ruge a Sra. SempreSeco para mim.

— A senhora quer saber se ela tem *in*continência? Por que eu saberia uma coisa dessas?

— Ela pode fingir — diz Tim.

— Ela está precisando de dinheiro? — quer saber a Sra. SempreSeco. — Ganhar uns trocados nunca faz mal, não é?

Eu não respondo, e Alastair me lança um olhar confuso.

— Acho — diz ele, com cuidado — que Lilian só quer se divertir.

— E aí está o nosso slogan. "Garotas só querem se divertir." Juro por Deus! — A Sra. SempreSeco está enfurecida, talvez até mais do que eu, e pelo menos a raiva dela tem motivo. — Por que raios pago vocês quando estou montando a campanha inteira sozinha?

— E os homens? — pergunta Tim. — Os *homens* incontinentes. Eles não vão comprar um produto direcionado a mulheres.

— A maioria dos homens não compra coisa alguma. São as coitadas das esposas que vão à farmácia. De toda forma, estou pensando em criar uma embalagem voltada para o público masculino, um belo tom de cinza-escuro para absorver todo mijo machão deles. E sempre podemos usar Pierce Brosnan.

— P-Pierce Brosnan?

— Ainda tenho esperança de que ele entre numa época de vacas magras e finalmente responda aos meus e-mails.

— Alastair — digo entre os dentes. — Não somos uma agência de talentos.

— Mas poderíamos ser — responde ele. — Não em tempo integral, mas podemos cuidar de Lilian enquanto ela é garota-

propaganda da SempreSeco. Ou seria melhor dizer “bexiga-propaganda”?

— Pelo amor de Deus! Esse sinal não vai abrir nunca?

Estamos no meu carro, a caminho da casa de mamãe e papai. A visita da Sra. SempreSeco nos deixou desesperados, e Alastair implorou pela oportunidade de trabalhar com mamãe, então vai entrar de penetra no jantar de sexta dos O’Connell.

— Amy, você está bem?

— Ótima — respondo, irritada.

— Sabia que a raiva é um dos estágios do luto?

— Ah, cale essa boca. Só estou cansada!

— Tudo bem. Cansada. Claro. E aí, quem vai estar lá hoje?

— É a noite de Derry, então todo mundo.

— Jesus... Lilian O’Connell, mãe de cinco, sua irmã gostosa, a cunhada espevitada, Siena... é esse o nome dela?

— Comporte-se.

— É claro que vou me comportar.

Ele vira o quebra-sol, abre o espelho e ajeita o cabelo. Minha vontade de dar um tapa nele é tanta que a mão chega a tremer.

Neeve abre a porta da frente antes de sairmos do carro.

— Uau! — exclama ela diante da visão de Alastair. — Coroa gato!

— E aí, Neevey. — Ele vai gingando, *gingando* de verdade, até o vestíbulo e abre Aquele Sorriso para ela. — Você estava ótima na televisão hoje.

— Eu sou ótima.

Ela cora, e penso: *Ah, pare com isso, ele é só um garotão arrumadinho.*

Agora, Alastair passa para mamãe.

— Lilian O’Connell, mãe de cinco — murmura ele. — É uma honra. — E beija sua mão.

— Q-quem é você? — Mamãe parece perplexa. — O namorado novo de Amy?

— Claro que não! — reclamo.

— Não precisa ficar irritada! — diz mamãe. — Podia ser pior.

— Sou Alastair Donovan. Trabalho com Amy.

— Seu terno é bonito.

— Alastair! — Maura descobriu que ele está aqui e se vira para mim, mamãe e Neeve. — Não o deixem parado no vestíbulo! Entre, Alastair, entre!

Ele é arrastado para a sala de estar lotada, onde sua presença glamorosa impressiona todos os presentes. Pip e Finn estão paralisados de admiração, Dominik assume uma posição de agachamento, como se achasse que deve estar pronto para pular em cima de alguém a qualquer segundo, e papai grita:

— QUEM DIABOS É O ASTRO DE CINEMA?

— Esse é Alastair — apresenta Maura para todos na sala. — O chefe de Amy.

— *Ele não é meu chefe!*

Então, algo inimaginável acontece. O Pobre Coitado se pronuncia.

— Olá.

Sua voz é rouca, como se não fosse usada há muito tempo, mas ele com certeza emitiu um som.

Só Derry permanece afastada, com um sorriso indiferente e não exatamente amigável no rosto. Ora, ora. Ela vai se engraçar com Alastair...

Se Neeve não chegar primeiro.

Eles que se divirtam. Todos os três. Seja lá o que isso signifique.

Sem firulas, levo mamãe, Neeve e Alastair para o andar de cima e o Wi-Fi dos Flood, e fico ouvindo de cara feia enquanto ele enche mamãe de elogios, dizendo como ela é maravilhosa e quanto dinheiro ganharia. Mas ela não gosta da ideia de ser embaixadora da SempreSeco.

— Gosto de fazer os vlogs com Neevey. A gente se diverte.

— Você pode continuar fazendo os vlogs de Neeve, Lilian. A campanha da SempreSeco não seria um emprego em tempo integral.

— Mas incontinência... É vergonhoso. E eu não seria jovem demais?

— Entendo, Lilian — diz Alastair. — Com certeza, é claro, mas todos os anúncios usam modelos mais novos para alcançar um público mais velho.

— Imagino que as pessoas não costumam dizer não para você — diz mamãe. — Mas acho que não posso aceitar.

Mais uma vez, pela bilionésima vez na minha vida, ela parte meu coração.

— Tudo bem, Alastair. — Eu me levanto. — Já acabamos aqui.

— Vocês vão embora? — pergunta mamãe. — Mas hoje é a noite de Derry.

— Sim. Vou embora.

— Mas e o seu pão especial?

— Dane-se o pão. Vamos, Alastair.

— Ele pode ficar e comer seu jantar — diz Neeve.

— Sim — respondo, desagradável. — Pode se empanturrar, Alastair. Mas eu vou embora.

— Amy? — Mamãe parece ansiosa. — Seria bom para sua carreira se eu fizesse esse negócio da incontinência?

— Ah, não preocupe sua cabecinha com isso.

— Huuuuum, pensando bem — ela se embola com as palavras —, decidi aceitar. Eu não facilitei a vida de nenhum de vocês quando eram pequenos. — Mamãe me observa com atenção, torcendo para eu me comportar. — E, talvez, com o dinheiro extra, a gente possa pedir para Dominik ser só nosso.

— Só nosso. — Neeve cutuca mamãe, e as duas gargalham, achando graça do fato de Dominik ser só delas.

Meu Deus, que coisa patética.

104

Sábado, 28 de janeiro

Estou afundada na paz do sono quando a campainha toca. *Vou ignorar*. Mesmo sendo sábado, passei a manhã resolvendo a papelada para acelerar o processo para mamãe se tornar embaixadora, mas cheguei a um ponto em que não conseguia mais continuar, subitamente tão cansada que fui para cama e caí no sono.

Agora, vivo exausta. Tenho que fazer um esforço monumental para terminar qualquer coisa, e há dias em que literalmente sinto como se houvesse chumbo amarrado às minhas pernas. O único momento em que fico otimista é quando estou com Josh — ou quando penso em estar com ele.

Vá embora, Visitante Misterioso. Preciso tanto dessa soneca.

Mas a campainha faz *triiiim* de novo, e, de repente, estou energizada de fúria. Quem diabos está aqui? Algum babaca chato, sem dúvida! Querendo uma doação para uma merda qualquer. Ou pode ser que uma das meninas tenha perdido a chave. Idiotas sem noção.

Estou com vontade de brigar, então desço a escada batendo os pés, abro a porta com força e grito:

— O que foi?!

Hugh está parado lá. Fico chocada ao vê-lo. Sempre fico chocada ao vê-lo: nós já fomos tão próximos, e agora somos estranhos.

Eu *nunca* vou conseguir seguir em frente se continuar encontrando com ele o tempo todo.

— Amy, desculpe — diz ele. — Mandei uma mensagem perguntando se podia vir... Você não recebeu?

— Meu telefone estava no silencioso. Porque eu estava dormindo!

— Desculpe ter te acordado. Só preciso pegar meu...

— Por que tocou a campainha? — Minha voz fica mais alta. — Você tem a chave! Não troquei a fechadura!

— Achei que seria errado sair entrando assim. Quer dizer, eu teria entrado se você não atendesse, mas não moro mais aqui.

— E não se esqueça disso! Pelo amor de Deus. — Volto para a escada batendo os pés. — Não só você acabou com meu casamento, como também estragou minha soneca. — Ele parece envergonhado e triste, e paro de subir. — Por que está aqui?

— Vim pegar meu saco de dormir.

— O quê? Chizo te expulsou? Você agora está *desabrigado*?

— Vou passar umas semanas na casa de Nugent. Ele tem um colchão de ar, mas nenhum edredom sobrando.

— Ah, pelo amor de Deus! Não tente me fazer ficar com pena de você!

— Não estou tentando.

— Chizo tem três quartos de hóspedes, foi ela quem te expulsou, e *eu* tenho que me preocupar.

— A família dela vem da Nigéria de visita. Só vou passar duas semanas na casa de Nugent, depois posso voltar.

Pega de surpresa, acuso:

— Daqui a pouco, você vai me dizer que temos que conversar sobre dinheiro.

— Agora não parece o melhor momento para isso.

— Porque estou mal-humorada? Só estou assim porque...

Sim, *por que* eu estava mal-humorada?

— Porque está cansada.

— Ótimo. Bem, só estou mal-humorada porque estou cansada.

E só estou cansada porque estou... outra coisa. Talvez triste. Mas é melhor estar mal-humorada.

— Posso ajudar com alguma coisa? — pergunta Hugh.

Eu o encaro.

— Na verdade, pode.

Seu rosto fica radiante de esperança.

— Você pode voltar no tempo até setembro passado e ficar aqui comigo, em vez de fugir para o caralho da Tailândia para foder com mil mulheres.

— Amy — sussurra ele. — Estou tão arrependido.

— Dane-se.

— Escute, Amy. Estou implorando para que me escute. Não sou infiel. Até... isso acontecer, nunca olhei para outra mulher. Sério. De verdade. E nunca vou fazer isso de novo.

— Talvez seja melhor você repensar essa ideia — digo. — Porque nós dois não temos volta. De jeito *nenhum*.

Depois de um instante de hesitação, numa voz embargada, ele diz:

— Vou pegar meu saco de dormir no barracão e te deixar em paz.

— O seu amado barracão. — Minha voz soa amargurada. — Onde você planejou sua Grande Fuga.

Subo o restante da escada batendo os pés e fecho a porta do quarto com força. Volto para cama e, do nada, me pergunto como Hugh se sentiu no penúltimo ano, quando eu estava flertando com Josh.

Ele disse que sabia que tinha algo acontecendo. Deve ter sido difícil. Muito difícil.

Não quero pensar nesse assunto. Vou começar a me sentir incomodada e envergonhada. De toda forma, ele não deve ter visto problema. E, se viu, isso é passado. Tanta coisa aconteceu desde então que a questão agora é irrelevante.

Mas algo dentro de mim precisa saber. Pulo da cama, corro escada abaixo e alcanço Hugh quando ele está prestes a sair.

— Ei! — grito. — Quero falar com você.

Ele parece desconfiado.

— Tudo bem.

Eu me sento na escada, e ele se acomoda alguns degraus abaixo de mim.

— No penúltimo verão — digo —, quando eu tive uma coisa inocente, uma paixonite, por Josh... — Como digo isso sem parecer que eu era a errada da situação? — Como você soube?

Hugh me encara.

— Você quer falar sobre isso agora?

— Ahn... sim.

— Tudo bem. Você estava diferente. Ausente. Eu falava as coisas, e parecia que você estava a quilômetros dali. Emocionalmente distante.

Bem, isso não parece tão ruim. Esse tipo de coisa sempre acontece em casamentos.

— E você parecia diferente.

Parecia?

— Comprava roupas novas...

— Eu sempre compro roupas novas.

— Mas essas eram diferentes. Os sapatos eram mais altos; as saias, mais apertadas... E seu cabelo. Você começou a fazer escova toda segunda de manhã.

Eu não me dei conta que era tão óbvia. Mas, pensando bem, admito que Hugh tem razão.

— Você sempre ficava animada nas noites de segunda. E irritada quando voltava de Londres nas quartas.

— Porque eu estava cansada! Continuo cansada nas noites de quarta.

— Você perguntou como eu sabia — diz Hugh, inexpressivo. — Estou respondendo.

— Tudo bem.

— Você queria transar com mais frequência.

— Isso é bom!

Hugh pressiona os lábios e balança a cabeça.

— Quer saber? Não era, não.

Minha pele fica quente. Não gosto de ouvir nada disso, mas, para ser justa, fui *eu* que perguntei.

— E como você se sentia naquela época?

— Como você acha? — Ele toca meu joelho, e sua voz é tranquila. — Amy? Eu estava com medo. Morto de medo. Apavorado. Eu amo você, *amava* você, você é minha vida, e a ideia de te perder...

— Então por que não disse nada?

— Isso tornaria tudo realidade. Eu não queria que fosse real. Então fiquei esperando as coisas se resolverem.

— E elas se resolveram.

— Não se resolveram, *não*. — De repente, Hugh parece estar com raiva.

— Claro que se resolveram. Eu parei de encontrá-lo.

— Você está com ele agora.

— Só porque você foi embora.

Por um instante, acho que Hugh vai perder a cabeça. Seus olhos escurecem, e ele engole as palavras raivosas que nitidamente quer dizer.

— Mas não foi por isso que você foi embora, foi? — pergunto. — Por causa de Josh? Foi por causa do seu pai? E depois de Gavin?

— Sim, mas...

Era só isso que eu precisava saber. Seca, digo:

— Obrigada por conversar comigo sobre esse assunto. Pode ir embora.

Volto para a cama. A conversa com Hugh não decorreu exatamente como eu queria. Ela não aplacou meu remorso, não por inteiro, e não gosto de me sentir assim.

Mas tudo na vida vem e vai — aprendi isso com os anos. Nenhuma emoção permanece constante. Tudo que aumenta acaba diminuindo. Em algum momento, essa chama incômoda da vergonha será apagada.

Aperto os olhos e tento voltar ao sono, mas o telefone toca: Maura.

— O quê?

— Você vai voltar com Hugh?

— Não.

— Era o que eu temia.

— Isso não é da sua conta.

— Desculpe. — Ela parece arrependida. — Sei que sou controladora demais. Estou tentando melhorar.

Sinto que ela pode começar a declamar o famoso discurso sobre sua infância sofrida, e estou irritada demais para ouvi-lo.

— Boa sorte — digo.

Assim que desligo, a porta da frente abre e fecha com um estrondo, e ouço passos barulhentos subindo a escada.

— Mãe? Mãe? — É Neeve. Ela irrompe no quarto e declara: — Meus anunciantes me ofereceram um pacote novo. Mais dinheiro!

— Que ótimo. — Minha voz é desanimada.

— Você está bem? Hugh passou aqui?

— Como você adivinhou?

— Porque você sempre fica rabugenta depois das visitas dele.

— Eu estava rabugenta antes de ele vir.

— Ah, meu Deus, então está piorando. Você vai viver rabugenta agora. Ontem, na vovó, foi *tenso*.

— Só porque Alastair estava de palhaçada. E a vovó foi egoísta e... — Eu me interrompo.

— Então, qual é a de Alastair? — pergunta ela com um sorriso travesso. — Ele está solteiro? Estou perguntando para uma amiga.

— Você não tem amigas. — Isso nem é verdade.

Ela morre de rir.

— Você é tão engraçada quando fica irritada! Enfim, eu podia estar falando de Derry. Foi tão fofo o jeito como ela o ignorou.

Ah, dane-se. Neeve e Alastair, Derry e Alastair, Neeve e Derry — por mim, os três podem ir até para a cama juntos, estou pouco me importando.

— Sobre sua nova oferta, Neevey. Não assine nada antes de falar com um advogado.

Ela devia se consultar com a firma que a Escotilha usa, o pessoal de lá é competente.

Mas Neeve parece surpresa.

— Eu tenho um advogado. Papai me passou o contato dele.

Ah.

— Puxa, que ótimo.

Simplesmente ótimo.

105

Terça-feira, 31 de janeiro

Devagar, Josh diz:

— Marcia encontrou o livro... Aquele que você me deu no Natal.

Fico esperando. Não fiz nada idiota tipo escrever uma dedicatória, não há nada incriminador, nenhum problema.

— Ela veio me encher o saco por desperdiçar dinheiro.

Certo. Não é a pior das consequências.

— Mas expliquei que foi um presente.

O quê?

— De uma mulher.

Ah, meu Deus, ele é um babaca completo.

— Ela ficou fula da vida.

— É *claro* que ficou! Josh, onde ela encontrou o livro?

— Na minha mesa de cabeceira. Tipo, não estava escondido.

— *Tipo*, bem na cara de Marcia.

— Como assim?

— Você... — Estou tentando formular meus pensamentos. — Você quer arrumar confusão com a sua mulher? O que ela disse?

— Ela disse para eu terminar tudo. Eu respondi que ia pensar. Mas, Maltrapilha, claro que não vou fazer isso.

— Josh. No que você está *pensando*?

— Casamentos terminam. Acho que o meu terminou.

De repente, essa conversa ficou importante demais, séria demais, problemática demais, e não quero participar dela.

E tem outra coisa: não acho que Josh esteja sendo sincero. Algo me diz que isso tudo é algo que ocorre com frequência entre ele e a mulher.

— Josh? Seja honesto. Eu estou no meio de algum joguinho entre você e Marcia?

— *O quê?* Como você pode...? Não, estou falando *sério*. Você é importante.

Não sei o que pensar. Estou confusa, desconfiada e com muito medo. Se ele não está brincando com Marcia, a alternativa é ainda pior.

Emburrado, Josh diz:

— Quero contar a ela sobre você...

— Não!

— ... sobre como você é doce, sobre como é diferente dela.

— Josh! Pare! Por favor! Por que fazer uma coisa dessas? Nossas vidas estão em países diferentes.

— Mas não precisam estar.

Eu me sinto como se tivesse caído num poço muito fundo e estreito.

— É sério, Amy — continua ele. — Você pode morar em Londres. Comigo. Só penso nisso. Você pode arrumar um emprego aqui.

É difícil saber qual argumento apresentar primeiro.

— Tenho três filhas.

— Elas são quase adultas. E todas têm pai. Klara pode morar com Hugh.

— Você está falando de Kiara?

— Isso, Kiara. Quero dizer, desculpe, *Kiara*. E Sofie também.

— E Neeve?

— Ela tem 26 anos. Não é mais sua responsabilidade.

— Ela só tem 22.

— Dá na mesma. — Ele parece irritado.

Isso está saindo de controle.

— De toda forma, e você? — De repente, quero saber dos "planos" de Josh para o futuro.

— Vou me separar de Marcia, vender a casa. As crianças ficam com ela.

— E se ela não quiser isso? — Porque eu não ia querer viver com dois pré-adolescentes traumatizados.

— Tudo bem, podemos dividir a guarda meio a meio.

— E Yvonne e Buddy? — Os cães.

— Quero ficar com os cachorros. — Ele é enfático nesse ponto.

Nunca tive um cachorro, eles parecem adoráveis, levam muita alegria às pessoas, mas não dão muito trabalho?

— E onde a gente moraria? — Minhas perguntas são totalmente teóricas, porque nada disso vai acontecer.

— Compraríamos um lugar. Eu dividiria com Marcia o valor da venda da casa, e você usaria o dinheiro da sua.

— A gente mal se conhece, Josh. Isso é loucura. Essa conversa toda é loucura.

— Eu sei o que quero. E quero você.

Mas eu não quero você. A verdade me acerta como uma punhalada no coração, e acho que sou a pior pessoa do mundo. Eu queria Josh quando tudo era paixão e diversão, quando achava que isso era só o que ele queria de mim.

— Josh, por favor... — digo, hesitante. — Isso é loucura. Não quero morar em Londres.

— Tudo bem, eu arrumo um emprego em Dublin.

Fico chocada com o horror que sinto.

— Josh, você não quer se separar de Marcia.

— Quero, sim. Faz tempo. Nosso casamento é deprimente.

Isso pode ser verdade. Mas...

— Se você se separar de Marcia, não tome essa decisão para ficar comigo.

Sua irritação desaparece, e ele fica gélido.

— Que porra é essa? Você está terminando comigo?

— Quer dizer... — Jesus amado, como estou nervosa. — Você e sua mulher precisam resolver os problemas que vocês têm. Sem botar mais ninguém no meio.

— Você está terminando comigo?

Estou? Não era isso que eu queria fazer. Mas a guinada repentina sobre mudanças de vida me deixou apavorada. Com certeza me fez perder todo o tesão. Um sexo secreto maravilhoso a cada sete dias é bem diferente de sair de casa, de emprego, de país... Gosto de Josh. Mas não o bastante para fazer tudo isso.

— Josh... — Escolho minhas palavras com cuidado. — Você está falando de coisas importantes. Sérias. A gente vai se encontrar na terça que vem. Vamos aproveitar essa semana para pensar no que realmente queremos um do outro.

— Você está terminando comigo? — repete ele.

— Não, não mesmo.

Não quero acabar com nosso caso. Mas tenho que admitir que as coisas estão *bem* longe do que eu tinha planejado originalmente.

— Isso tudo é porque seu marido voltou. Eu sabia, eu sabia, merda.

Mal consigo falar de tanta irritação.

— Eu sinto saudade da família que formei com Hugh, mas o que nós dois tínhamos nunca vai existir de novo.

Josh me encara.

— Você é tão fria.

Meu Deus do céu, é impossível vencer.

— Olha só. — Meu tom é apaziguador. — Vamos pensar no que nosso relacionamento significa e conversar na semana que vem. Está bem?

— Não preciso pensar. Eu sei o que quero. E quero você.

106

Sexta-feira, 3 de fevereiro

Não tenho contato com Steevie desde a noite de sua visita surpresa — parece que nossa amizade acabou. Depois de trinta anos, isso é estranho.

O fim é doído e desagradável, e sei que, se topar com ela no meio da rua, vai ser muito esquisito. O ponto divisor foi não compartilharmos — não conseguirmos compartilhar — a mesma opinião sobre a questão de maridos infiéis. Steevie tem as suas regras: depois de causar um pouco de sofrimento, ela teria aceitado Lee de volta, se ele quisesse. Mas a minha regra — que eu nem sabia que tinha até estar nessa situação — é que não posso dar outra chance a Hugh. Não "decidi" que as coisas seriam assim, apenas aconteceu.

Queria que Steevie pudesse aceitar minha posição. O fato de ela ser incapaz de fazer isso me deixou magoada e ressentida. Mas pelo menos estou fazendo o que acredito ser certo. E há algum consolo nisso.

Apesar de eu ter perdido um segundo relacionamento importante — primeiro Hugh, depois Steevie —, sou completamente cética sobre astrologia: eu jamais leria meu horóscopo, mas talvez haja algo no meu mapa astral que indique que esse é um período de términos?

Falando em términos, meu telefone apita ao receber uma mensagem. Uma palavra. **Cabul?**

Desde a noite de terça, Josh fica me mandando sugestões de destinos de viagem, cada uma apropriadamente deprimente para minhas tendências maltrapilhas. Acho que ele está tentando fazer graça, mas seu tom é mais passivo-agressivo do que bem-humorado.

Alastair ergue o olhar da tela.

— Você está bem?

— Outra sugestão de Josh para o fim de semana do Dia dos Namorados que não vai acontecer.

— Vou tentar adivinhar. Aleppo?

— Quase. Cabul.

— Nossa, o sujeito é hilário. Que dia é hoje, 3 de fevereiro? Seria melhor ele fazer logo as reservas no emcimadahora.com. Eu reservei minha viagem para Nice semanas atrás, e nem tenho namorada.

— Por favor, cale a boca — murmuro. E depois: — Desculpe.

— Não precisa se desculpar — diz Alastair, alegre. — Você está naquela fase do luto em que sente muita raiva.

Queria que ele parasse de repetir isso.

— Você já passou pela negação e a negociação. Agora, só falta a depressão antes de chegar à aceitação.

— Você sabe muito bem que não é assim que funciona. As pessoas podem passar de uma fase para outra aleatoriamente. Vou ficar nessa por anos. Acho que nunca vou me sentir bem outra vez.

— Mas vai. O luto é um processo.

No momento, é difícil ter esperança.

— A única coisa que me deixava feliz era Josh — admito. — E, agora, até isso está estranho. Ele começou a falar sobre abandonar Marcia e eu me mudar para Londres. Que loucura.

— Mas o que você achou que fosse acontecer? Que vocês iam ficar eternamente nessa lenga-lenga, toda terça?

— Não. Mais cedo ou mais tarde, as coisas iam desandar.

— Talvez — sugere Alastair — esse seja o final do começo.

Acho que não.

— Essas mudanças seriam péssimas para todo mundo.

Eu tinha dito a Josh que devíamos aproveitar a semana para pensar sobre o que realmente queríamos um do outro. Mas o que eu quis dizer foi que ele devia colocar a cabeça no lugar. Já sei o que *eu* quero: nada sério ou profundo. Só diversão. E, sim, sexo selvagem.

Talvez seja diferente para outras pessoas que têm casos: sua conexão pode ser genuína e ir além de sexo intenso. Elas se

apaixonam mesmo e transformam a própria vida — abandonando empregos, mudando de cidade, separando famílias.

Mas não amo Josh, e Josh — apesar do que ele diz a si mesmo — não me ama. Suspeito que estou sendo iludida de formas que nem entendo. Minha única certeza é que não quero que nosso relacionamento acabe, porque, sem ele, não tenho nada. Na verdade, isso não é verdade, e me sinto culpada por pensar uma coisa dessas — tenho Neeve, Sofie, Kiara, mamãe, papai, Derry, até Alastair...

Olho para o meu telefone. São dez para as cinco.

— Vou embora — digo. — Hoje é sexta, afinal de contas. — Desligo o telefone, visto o casaco e então estreito os olhos para Alastair. — E se você não arrumar ninguém até o Dia dos Namorados? — Estou curiosa.

Ele dá de ombros.

— Talvez ela não seja a mulher dos meus sonhos, mas acho que consigo desencavar alguém.

Com uma afeição óbvia, digo:

— Odeio você.

— E eu *amo* você. Mas não desse jeito. Aproveite o fim de semana.

Bem, seria maravilhoso se isso fosse possível. A esperança é a última que morre.

No entanto, quando chego à casa de mamãe e papai, descubro que Sofie, Jackson e Kiara combinaram de ir ao clube cinematográfico no domingo à noite — com Hugh!

— Não quer vir com a gente, mãe? — convida Kiara. (Depois de sua suspeita inicial de que o recém-chegado Hugh ia começar a dar em cima de todas as mulheres de Dublin, Kiara fez as pazes com ele.)

— Vamos, Amy. — Jackson é todo sorrisos.

— Ah, vamos — diz Sofie.

De olhos arregalados, eu os encaro. Os três ficaram *doidos*? Não quero passar tempo nenhum com Hugh. Tipo, nunca. Sempre que nossos caminhos se cruzam — quando ele pega as meninas em casa ou as deixa lá — mal consigo respirar com o excesso de emoções descontroladas. É tanto sofrimento, ciúme, raiva, culpa...

Mas ir ao clube cinematográfico — não consigo pensar em nada pior! Faz séculos que não vou lá, desde que Hugh voltou, e não pretendo voltar. É o lugar onde me sinto mais exposta e mais julgada. Tenho muitas “amigas” que frequentam o lugar. E aparecer com Hugh, fingir que somos uma família feliz, saber que todo mundo está especulando sobre nós, seria mais vergonhoso do que sou capaz de suportar.

Todos esses pensamentos explodem na minha cabeça enquanto Sofie, Kiara e Jackson sorriem para mim, incentivando.

— Não — digo. — Hum. Não. Está tudo bem. Não quero. Não.

O clamor de reclamações é tamanho — “Ah, manhêêê!” e “Ah, Aaamyyy!” — que tenho que sair da sala, subir e esperar a enxurrada de emoções passar.

Como resultado, cada segundo de sábado e domingo é infundido com um receio raivoso. Não quero que todas aquelas vacas — Genevieve Payne e sua patota — fiquem de olho em Hugh.

Porém, pode ser que nada aconteça. Talvez Hugh perceba que ir lá é uma péssima ideia.

Mas, às quatro e meia em ponto, ele aparece para buscar Sofie, Kiara e Jackson. Ver como ele está bonito me causa uma dor imensa. Hugh sempre foi corpulento, o que eu adorava, mas, toda vez que o vejo agora, está levemente mais magro. Ele já chegou ao ponto em que é perceptível que suas roupas estão largas; os instintos maternais de qualquer mulher entrariam em alerta. Isso acontece até comigo. Quero abraçá-lo e consolá-lo, sentá-lo na minha cozinha e alimentá-lo.

— Tem certeza de que não quer ir? — O tom dele é gentil.

— Absoluta — murmuro.

Sofie, Kiara e Jackson descem a escada e saem da casa. Fecho a porta atrás deles. Mas, assim que o carro vai embora, abro-a de novo e a bato com todas as minhas forças, então sento na escada e choro lágrimas quentes e raivosas. Elas se transformam em uivos de dor, porque aquele clube cinematográfico idiota e vergonhosamente típico da classe média representava algo raro e precioso para mim. Era o único momento na minha vida em que as pessoas que mais amo se juntavam em harmonia — eu, Hugh, as três meninas, até Jackson.

Olhando em retrospecto, agora, posso dizer com certeza absoluta que nunca fui tão feliz quanto naquelas noites de domingo, quando íamos comer pizza depois de assistir a filmes iranianos estranhos.

Separação, divórcio... Esses realmente são alguns dos momentos mais difíceis na vida de uma pessoa. Bem, talvez nem de todas as pessoas. Tem gente que perde o amor gradualmente e em perfeita sincronia, então, quando se torna óbvio que o relacionamento acabou, o casal resolve tudo com tranquilidade e é capaz de manter uma amizade.

Mas é diferente comigo e com Hugh. Nós éramos tão próximos, e nosso término foi chocante e brutal. Sua partida foi repentina demais; um golpe árduo e doloroso. Fomos separados com o mesmo descuido com que se parte um pão francês com as mãos. A destruição não poderia ter sido pior. Eu me sinto em *carne viva.*

Mas, um dia, essa sensação vai passar, lembro a mim mesma. Ainda que não pareça agora, já estou me curando, porque cada segundo que passa me leva mais perto de uma nova normalidade. Um dia, vou estar ocupada com alguma coisa e perceber, do nada, que me sinto feliz e que tudo vai ficar bem.

Isso vai acontecer. Só preciso ser paciente.

107

Terça-feira, 7 de fevereiro

— Mete com força, Josh!

Obediente, ele se impulsiona contra mim. Eu gemo e me remexo um pouco na cama do hotel... mas algo está errado.

Não quero estar fazendo isso. Na verdade, não queria ter feito nada — ser puxada para dentro do quarto, descobrir que Josh já estava pelado, ter minha calcinha arrancada, me deitado sobre ele, me movendo de forma deliberada sobre seu corpo, ouvi-lo implorar para que eu tire a blusa, e observá-lo sem qualquer emoção enquanto seu rosto se perde no clímax.

Mas é assim que sempre fazemos — ele me puxa para o quarto e começamos a nos atracar. Porém, não fosse pelo hábito, eu não teria feito nada disso hoje.

A gente devia ter conversado. Muitas reflexões sérias vieram à tona na semana passada, e é um erro pensar que podemos transar para tentar esquecer tudo.

Não vou gozar. Só quero que termine. Josh está atrás de mim, empolgado, e me pergunto se seria melhor fingir.

Mas fingir é péssimo, é uma violação de intimidade, e faz literalmente décadas que não faço isso, desde a época do pai solteiro, porém, sem graça da creche de Neeve.

E também não tenho forças para fingir.

No entanto, se eu não gozar, vamos cruzar um limite. Josh vai levar para o lado pessoal.

Mas algo pior acontece... Por um instante, penso que imaginei, mas então sinto de novo a moleza, a falta de controle, ele continua me penetrando, mas está diminuindo a velocidade, e não sou idiota a ponto de tentar incentivá-lo com outro grito de *Mete com força.*

Então ele berra de frustração, e meu coração se aperta.

Acabou. Já era. O peso de Josh sai de cima de mim, e, irritado, ele desaparece no banheiro. Quando volta e se enfia embaixo das cobertas, não me encara.

Fico quieta. Josh não é um homem com quem se discute esse tipo de fracasso masculino.

— Você quer que eu...?

— Não! — Seja lá o que ele estiver oferecendo para me ajudar a gozar, não quero.

Mais silêncio se segue enquanto penso no que dizer. *Não precisa ficar com vergonha. Todo homem passa por isso em algum momento. De toda forma, ele já gozou. Mesmo que normalmente goze duas ou três vezes comigo.* Nada disso parece aceitável.

— Pois é, sabe de uma coisa, acho melhor eu ir embora — diz ele.

— Tudo bem.

Com movimentos rápidos e raivosos, Josh se veste e sai do quarto em segundos. Espero dez minutos para ter certeza de que ele foi mesmo embora, então saio também.

O dia seguinte também é péssimo — uma ressaca emocional da noite anterior. Sinto como se tudo estivesse morrendo.

Pego meu voo de volta para Dublin, chego em casa, e estou removendo os restos da minha maquiagem, cansada, quando Neeve entra no quarto. Na mesma hora, percebo o que está acontecendo.

— Mãe — diz ela. — Prometa que não vai chorar.

— Você vai se mudar?

Ela faz que sim com a cabeça, quase como se estivesse com medo de explodir de tanta alegria.

Finjo estar animada.

— Ah! Neeve! Que bom! Bem, estou arrasada, mas me conte tudo.

— É o papai — confidencia ela, feliz. — Ele tem um apartamento.

De repente, Richie Aldin parece estar *muito* mais envolvido na vida da filha. Seria ótimo se isso não tivesse qualquer ligação com a fama recente dela, mas acho improvável.

— Você não vai acreditar onde fica. — Ela faz uma pausa dramática. — No condomínio Beira do Rio.

— Uau.

O condomínio Beira do Rio é um conjunto de prédios residenciais de luxo em frente ao Liffey. O lugar é todo moderno, tem sua própria academia e sala de cinema, e fica bem no centro da cidade.

— Na verdade, ele tem mais apartamentos lá. Comprou quatro logo depois da crise por, tipo, uma *mixaria*, e agora os aluga.

Ah, meu Deus, como eu odeio Richie. Os aluguéis em Dublin estão estratosféricos, e as pessoas se endividam cada vez mais. Não há propriedades disponíveis para compradores de primeira viagem, porque oportunistas como Richie Aldin se aproveitam da falência dos outros e compram tudo. Sua própria filha — Neeve — é vítima disso: ela não pode bancar um aluguel nem um financiamento. Sofie e Kiara terão o mesmo problema. Até Hugh.

— Então ele vai deixar você morar num desses?

— Vai.

É difícil fazer a próxima pergunta, porém me parece necessário.

— De graça?

— Não de graça! Manhê! Tipo, ele ainda está pagando a hipoteca.

Mas as taxas de juros estão baixas, e as parcelas devem ser uma miséria.

— Ele só vai me cobrar metade do valor de mercado.

— Bem. Que ótimo.

— E vai me ajudar a encontrar um apartamento para comprar. Vamos pesquisar juntos. Papai diz que não pode ir olhar os lugares comigo, porque, assim que os corretores o veem, o preço automaticamente sobe em vinte por cento. É o imposto Richie Aldin! — O tom dela é animado.

Tudo bem, o capitalismo é assim mesmo. Mas Richie é *desprezível*. E pior: Neeve o admira.

— Então ele vai dar uma olhada na região, ver se os vizinhos são ralé e tal.

Ralé! Se Kiara a ouvisse, cairia no choro.

— Quando você vai?

— No sábado?

— Sábado agora? Daqui a três dias?

— Isso mesmo. Papai contratou uma van.
Não, não, não, não, não. É rápido demais.

108

Sábado, 11 de fevereiro

Às nove e meia, a van de mudança de Neeve estaciona lá fora. É como se meu coração levasse uma marretada, sendo espatifado com a mesma facilidade de uma casca de ovo vazia.

Sempre quis que Neeve fosse independente e tivesse uma vida divertida de mulher solteira. Mas não assim. Não passando para o lado negro sob a influência de Richie Aldin. Não tenho o direito de desgostar das suas escolhas, e não posso querer que ela seja independente apenas da maneira como acho correto. Minha cabeça está ciente dos fatos, mas ninguém informou meu coração.

Passo o dia todo subindo e descendo a escada com as meninas, carregando caixas com as roupas de Neeve, seu equipamento de filmagem, esvaziando o quarto. Quase parece que ela morreu. Passado algum tempo, está tudo na van.

— Certo! — Neeve está superanimada. — Bem, está na hora de ir!

— Você não vai se esquecer da gente, vai? — Consegui ficar sem chorar o dia todo, mas, agora, meu rosto está molhado de lágrimas.

— Ah, mãe, sua boba! Vou estar só a cinco quilômetros daqui.

Como posso lhe dizer que estou com medo de sua mudança ser mais do que geográfica? Parada diante da casa, acenando enquanto ela se afasta, sinto um temor ridículo de que a gente nunca mais a veja de novo.

Passo o domingo na cama, chorando, sofrendo pela ausência de Neeve, e a manhã de segunda é um desastre — levo uma eternidade para levantar e chego 35 minutos atrasada ao trabalho. Não tenho ânimo algum ao longo do dia, e fico aliviada quando chega o horário de ir embora e posso fugir do olhar analítico de Tim. Porém, a noite também não será das melhores — Hugh vem

conversar comigo. Faz seis semanas desde que ele voltou para a Irlanda, e chegou a hora de resolvermos nossas finanças problemáticas e bolarmos um plano para todos termos onde morar.

Minha vida parece uma crise atrás da outra. O único alívio que eu tinha era Josh, e estou ciente de que nosso relacionamento está prestes a chegar ao seu fatídico fim. Realmente espero que Hugh fure, mas, exatamente na hora combinada, a campainha toca. *Merda*. É bem capaz que as coisas entre nós fiquem feias, então mandei Sofie e Kiara passarem algumas horas na casa de Derry.

Abro a porta, e lá está ele, parecendo desanimado e ainda mais magro. Sua pele está começando a ficar macilenta.

— Entre — digo. — Talvez fosse melhor tomarmos vinho para aguentar a barra, mas precisamos manter o foco, então vou fazer um chá. Tudo bem?

— Tudo bem.

A caixa com os documentos nos aguarda na cozinha. Sentamos de frente um para o outro e nos encaramos, desconfiados. Foram poucas as vezes em que ficamos sozinhos desde que ele voltou.

Odeio fazer isso. Estar com Hugh, até mesmo ter um vislumbre dele quando deixa as meninas em casa, me cansa enormemente.

— Antes de começarmos a discutir dinheiro — diz ele —, posso falar uma coisa?

— O quê? — Meu estômago se revira. O que será?

— Falta menos de um mês para os seis meses acabarem. A gente precisa resolver o que vamos falar para as meninas.

— Ah, Deus. — Isso vai ser tão difícil. Neeve não vai se importar, mas Sofie e Kiara ficarão arrasadas. Estou cansada demais para bolar um plano muito elaborado, então digo: — Acho melhor contarmos a verdade.

— Eu também.

Estou mais preocupada com Sofie, que vai prestar vestibular em breve. Sim, é o pior momento possível, mas Hugh não pode voltar a morar aqui, eu não aguentaria. E também não podemos enrolar as meninas por mais três meses.

— Elas cresceram — diz ele. — Não são mais crianças.

— Cresceram *mesmo*, mas isso não vai ser fácil. Temos que dar apoio a elas.

— Principalmente a Sofie.

— Como você acha que ela está? — Quero saber a opinião dele. É difícil me preocupar sozinha.

— Bem. Melhor do que antes. Menos ansiosa.

— Sofie fala com você sobre o aborto?

— Às vezes. Ela parece em paz com a decisão.

— E por que não estaria? — Meu tom é cortante.

Hugh parece surpreso.

— Eu não quis insinuar nada.

Mas uma onda de raiva que eu nem sabia que existia sai de dentro de mim, como o monstro de *Alien*.

— Você me deixou sozinha! — desabafo. — Sofie estava grávida! Precisei levá-la para Londres!

— Eu sei. Desculpe.

Meu rosto está quente, e lágrimas repentinas de raiva começam a jorrar dos meus olhos.

— Enquanto você trepava pelo Sudeste Asiático, eu estava lidando com uma emergência médica! — Estou quase cuspindo de tanta emoção. — Eu podia ter sido presa!

— Desculpe — sussurra Hugh.

Estou com medo de começar a bater nele de novo, como na noite em que voltei da Sérvia, então, em vez disso, golpeio a mesa com o punho fechado.

— Seu babaca de merda!

— Amy...

Ele se levanta.

— Não me *toque*, porra. Sente!

Hugh obedece, me observando com cautela.

Fungadas raivosas saem de mim, e choro, choro, choro. Choro até sentir os olhos inchados e o rosto ardendo de sal.

Longos minutos se passam. De vez em quando, ele tenta se aproximar de mim, mas eu grito:

— Nem pense em chegar *perto* de mim!

Preciso magoá-lo, insultá-lo, envergonhá-lo. Então o ataco.

— Você é egoísta. Você é fraco. E patético!

— Eu sei.

— Quando transo com Josh, é *miiiil* vezes melhor do que qualquer coisa que já fiz com você.

Ele fica pálido.

— É bom para caralho!

O fato de que eu e Josh vamos terminar amanhã subitamente se torna claro. Mas não vou contar isso a Hugh.

Uma nova onda de lágrimas amarguradas surge de dentro de mim.

— Só transei com uma pessoa, enquanto você dormiu com centenas.

— Você pode transar com mais gente — diz Hugh. — Com quantos homens quiser.

— Foram *mesmo* centenas? — pergunto com a voz embargada.

— Duas e meia.

— Por que meia?

— Não transamos. Eu só queria dividir a cama com alguém e fingir que ela era você.

— E como foi o sexo com as mulheres com quem você transou de *verdade*?

Hugh hesita e, antes que eu comece a gritar de novo, diz, rápido:

— Assustador. Diferente. Novo.

— Diga que foi ótimo. Porque eu *sei* que foi.

— Foi ótimo.

Achei que fosse isso que eu quisesse ouvir, mas não era.

— Só que elas não eram você — diz Hugh.

— *Elas!* — Sou inundada pelo ciúme e pela raiva ao pensar em tudo que ele teve que fazer para enfiar seu pau em outras vaginas. O contato visual na praia, o sorriso, a oferta de um drinque, o roçar de mãos, a expectativa em seus olhos, os beijos, os toques, as roupas tiradas, a intimidade, tudo. — Era para você ser meu!

E eu devia ser dele, mas não me importo com isso agora.

— Isso é saudável — sugere Hugh, hesitante. — Você tem o direito de ficar com raiva.

— Pare com esses clichês de merda! Você e Alastair!

Realmente não aguento mais. Com gestos bruscos, me levanto, vou pisando firme até a geladeira, me sirvo de um pouco de vinho,

sigo para a sala com a taça e a garrafa e me jogo no sofá. Pouco depois, Hugh me segue, mantendo a distância.

Ficamos sentados num silêncio desconfortável por muito, muito tempo. Eu entorno vinho garganta abaixo enquanto ele encara as próprias mãos.

Depois de um tempo, digo:

— Steevie acha que eu devia quebrar todos os seus discos.

— Isso a faria se sentir melhor?

— Não.

— Há alguma coisa que possa fazer você se sentir melhor?

— Não. — E então: — Talvez se você morresse. — Depois de um instante, digo: — Não falei sério.

— Talvez tenha falado.

— Ah, pare de ser tão conciliador!

Tomo um susto ao ouvir um barulho no vestíbulo. Só pode ser Kiara ou Sofie — elas deviam voltar mais tarde. Mas uma olhada rápida para o celular estabelece que já *é* mais tarde — Hugh e eu estamos travando essa conversa amargurada há duas horas e meia.

— Pai! Pai! — As duas estão encantadas. — Achamos que você já teria ido.

— Não, eu... ah...

A expressão no rosto de Sofie muda; ela percebeu o clima carregado, e Kiara também. Nervosas, as duas olham de Hugh para mim e discretamente vão saindo da sala.

— Vou só... — diz Kiara.

— Eu também — grita Sofie, já na escada. — Até sábado.

Quando escuto as portas dos quartos baterem, Hugh suspira e diz:

— Vou embora.

— Vá. Isso você sabe fazer muito bem.

109

Terça-feira, 14 de fevereiro

Josh pede para a gente se encontrar no bar do hotel em vez de no quarto de sempre. Imagino que ele não tenha reservado o quarto, o que significa que sabe o que está por vir — *deve* saber. Por que desembolsar oitenta libras se não haverá sexo? Então, cá estamos nós, no bar do hotel.

Que ironia hoje ser Dia dos Namorados.

Murmuramos nossos cumprimentos, e me sento.

— Pode começar — diz Josh.

Merda. Sou *eu* quem tem que falar?

— Vamos — insiste ele.

Apoio meus cotovelos sobre a mesa e tento pensar nas palavras.

— Achei que você teria um discurso preparado — diz ele.

Bem, eu tinha vários, e nenhum parece certo. Em vez disso, surpreendo a mim mesma ao perguntar:

— Josh, você já passou por uma situação assim?

— Quer saber se já levei um pé na bunda de alguém como você?

Ele concorda com a cabeça. Por um instante, seus olhos brilham de forma suspeita.

— Sinto muito. — Com delicadeza, pego sua mão. — Mas não sou sua resposta.

— Para quê?

— Você acha que o vazio dentro de você vai ser preenchido se começar uma vida nova e divertida comigo. Mas não vai.

— E qual é a sua desculpa?

— A mesma coisa. Eu gostava muito de você e queria fugir da minha vida.

— Você me usou.

Agora, estou com vergonha.

— Acho que usamos um ao outro.

Na última semana, passei a ver nosso relacionamento como algo indecoroso e trágico; éramos duas pessoas tentando superar suas vidinhas normais e frustrantes. Eu sempre soube que não teríamos futuro, mas não achei que terminaríamos de um jeito tão abrupto. E *não* há mesmo volta.

— As pessoas que fazem loucuras na meia-idade — digo —, e isso inclui quase toda a raça humana, na minha opinião, parecem querer desafiar a morte. Mas, no nosso caso, acho que estávamos lamentando o potencial da juventude que nunca realizamos.

— Se nós morássemos na mesma cidade — diz Josh — e não estivéssemos com outras pessoas, tipo, se não fôssemos casados, você acha que...?

— Não sei.

— Sabe, sim.

Suspiro.

— Tudo bem. Acho que não, Josh. Somos pessoas diferentes. Não sou animada demais, mas, depois de um tempo, meu bom humor te irritaria.

— E o que você acharia de mim?

— Talvez que você fosse... muito pessimista. E não estou te julgando — acrescento, rápido demais. — As pessoas são como são. Você não precisa mudar. Só devia encontrar alguém que goste do seu pessimismo.

Ele abre um meio sorriso.

— Tipo Marcia. Não sei como funciona seu casamento, mas ela parece combinar com você.

Josh concorda com a cabeça.

— Talvez. E você? Vai fazer as pazes com seu marido?

— Não.

— Ah, Maltrapilha, tenha *dó*. Assim que ele voltou, eu sabia que a gente ia acabar terminando.

Tentando não erguer minha voz, digo:

— Duas semanas atrás, você me chamou de fria. E talvez eu seja. Porque isso nunca vai acontecer. Sinto falta de Hugh, de como éramos juntos, e não desejo nenhum mal a ele, mas nós dois não temos volta.

— Tudo bem. — Ele se convenceu? Quem sabe, e que diferença isso faz? — Então, como você vai preencher o vazio dentro de si? — pergunta ele.

— Com nada. Não há nada. — E é difícil encarar essa verdade. Simplesmente vou ter que viver com esse vazio eterno. — Josh, obrigada. Por tudo, de verdade. — No geral, me sinto grata pelo sexo, mas não vou dizer isso com todas as letras porque não quero que pareça que estou dando em cima dele. — Foi... *ótimo.*

— Foi ótimo mesmo — responde ele.

E, agora, quero chorar. Eu me levanto.

— Espero que você seja feliz. Adeus, Josh.

Cada ponto de luz na galáxia explodiu. Os milhões de cacos brilhantes suspensos no ar se transformaram em poeira molhada. Todas as cores desapareceram, e o mundo se tornou cinza, cinza, cinza.

110

Segunda-feira, 27 de fevereiro

Nos dias que se seguem, sinto como se tivesse dado de cara com uma parede. Na época em que estava com Josh, parecia que eu dançava por um universo luminoso em que caminhos de estrelas se formavam sob meus pés brilhantes. Agora, a música mágica parou, e tudo que resta são meus pensamentos e eu mesma.

Uma semana se passa sem qualquer notícia dele — nada de e-mails, mensagens de texto, nem uma curtida no Facebook. Outra semana se inicia, e permanecemos sem contato. Conforme o marco de duas semanas se aproxima, começo a relaxar.

Parece que realmente acabou — meu alívio é enorme. Mas não completamente livre de culpa: estou envergonhada pelo que fiz com a mulher dele. Quebrei minhas próprias regras e me sinto uma merda. Estou envergonhada por ter usado Josh. Não foi um ato deliberado ou cínico, mas aconteceu mesmo assim. A menos que todos os relacionamentos sejam uma troca? Não importa, acabou, e não pretendo repetir a dose. Não com um homem casado. Na verdade, com homem nenhum. Não quero um. Não preciso de um. Posso me virar sozinha.

O trabalho está especialmente difícil, porque passo a maior parte do tempo cuidando da SempreSeco — trabalhando com *minha própria mãe*. Para alguém que nem queria ser embaixadora, ela tem muitas opiniões sobre o seu papel: não gostou das roupas confortáveis com que a vestimos para a sessão de fotos (“Estou parecendo uma velha”), não quer que os anúncios apareçam nos pontos de ônibus da sua vizinhança (“Algum conhecido pode acabar me vendo”), não quer dar entrevistas para o *The Guardian* (“Não gosto deles”) e assim por diante. Some a isso a determinação conflitante, porém implacável, da Sra. SempreSeco e o resultado,

ultimamente, é parecido com entrar num campo de batalha toda vez que chego ao trabalho.

Não vejo Neeve desde o sábado em que ela foi embora atrás da van da mudança. Vivo mandando mensagens a ela, talvez até demais, e, apesar de tentar parecer despreocupada, ela ainda assim não mencionou nada sobre nos fazer uma visita.

Hugh e eu também não tivemos outra conversa sobre nossas finanças — não depois que a última terminou tão mal. Deus sabe que precisamos resolver essa questão — parece que Hugh continua morando na garagem de Nugent. Só nos vimos uma vez depois da briga, quando trocamos um aceno de cabeça constrangido enquanto ele deixava Sofie e Kiara em casa. Por enquanto, as coisas estão no ar. Na verdade, tenho a sensação de que tudo na minha vida está suspenso.

Então, certa manhã de segunda, Alastair aparece no escritório com um buquê de vibrantes tulipas laranja. Elas brilham, cheias de vida e luz.

— Parece que você declarou o início da primavera! — digo.

— Achei que a gente precisava de alguma coisa para animar.

— Sei que fevereiro é o mês mais curto — digo —, mas este parece estar durando anos.

— Depois de amanhã já é primeiro de março — lembra Alastair. — Um motivo para ficarmos felizes!

— Tive outro sonho horrível ontem — anuncio para a sala.

— *Nããooo* — geme Alastair.

Ando tendo sonhos vívidos desde a semana passada, e gosto de relatá-los para meus colegas de trabalho.

— Não conte — implora Alastair. — Isso é tão ruim quanto ter que admirar a foto do filho dos outros.

Mas não me importo.

— Havia um homem — digo. — Ele não tinha onde morar e estava com muito frio, e precisava de botas novas. Então peguei uma nota de cem euros, mas, antes de conseguir entregá-la, acordei. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Fiquei tão triste.

— Ela está chorando de novo? — grita Thamy lá da frente.

— Sim — responde Alastair.

— Seus pés deviam estar frios — diz Tim. — Nosso corpo cria histórias para nos manter dormindo.

Alastair balança a cabeça, como se discordasse.

— O quê? — pergunto a ele.

— Nada.

— Você acha que estou pensando em Hugh morando na garagem de Nugent, não acha? Acha que sinto pena dele.

— Você sente.

— Ele fez por merecer. Mas tenho o direito de ficar triste.

— É difícil conviver com essa choradeira toda — diz Tim —, mas pelo menos você parou de brigar com todo mundo.

— Nunca briguei com você. Só com Alastair.

— E comigo — grita Thamy.

— Porque você comprou a passagem para o voo errado.

— Não comprou, não! — gritam Tim e Alastair. — Foi você que errou.

Bem, talvez seja verdade, mas é melhor botar a culpa em outra pessoa.

— Está no ar! — grita Tim.

Ele está falando do vlog de Neeve. Corro para assistir, porque, agora, essa é literalmente a única forma que tenho de vê-la.

Esta semana, ela vai mostrar seu novo apartamento chique.

— Uau! — Alastair se contrai. — É tudo um pouco...

— Espalhafatoso?

— Sim.

— Ela passou para o lado negro. — As lágrimas voltam. — Foi seduzida pelo dinheiro e os contatos daquele palhaço.

— Amy — diz Tim, e sua voz tem um tom tenso —, não acha melhor ir para casa? Chore tudo que tem pra chorar.

E recomece amanhã, com seu senso de profissionalismo restabelecido — é isso que ele quer dizer.

— Hugh vai passar lá hoje à noite — explico. — Vamos decidir como contar às meninas que ele não vai mais voltar.

Tim e eu nos encaramos.

— Isso mesmo — confirmo. — A choradeira vai continuar por mais tempo.

— Se você está tão triste assim — ele parece exasperado —, por que não volta com Hugh de uma vez?

Pelo amor de Deus, por que é que as pessoas *insistem* em não ver as nuanças?

— Não quero estar com ele. Mas tenho direito de me sentir triste.

* * *

Hugh e eu nos sentamos à mesa da cozinha, e digo:

— Na segunda que vem, dia seis de março, uma semana antes do prazo, vamos contar.

— Tudo bem.

— Então começamos dizendo o quanto amamos as meninas — continuo.

— Quem vai falar isso?

— Não podemos improvisar?

— Temos que nos mostrar confiantes. Não podemos hesitar. Isso pode fazer com que elas se sintam inseguras.

— Tudo bem, você diz a primeira parte enquanto eu concordo com a cabeça e sorrio. Então digo que, apesar de nós dois não estarmos mais juntos, sempre seremos uma família.

— E eu concordo com a cabeça e sorrio?

— Sim. — Ah, meu Deus, eu queria que tudo isso já tivesse acontecido. — Mas, Hugh, elas podem ficar com raiva. Ou chorar.

— Vamos deixar que façam o que for necessário.

— Pode ser que fiquem com muita raiva de você — digo.

— Eu mereço. Vou aguentar.

Isso me faz sentir culpada. Talvez Hugh não seja o único responsável pelo fracasso do nosso casamento.

— Onde contamos? — pergunto. — Em que cômodo?

— Na sala de estar, acho. Vai ser formal demais se sentarmos aqui.

— E nós dois sentamos juntos? Ou eu fico no sofá, e você na poltrona?

— Você é a especialista em aparências.

— Ótimo. Vamos sentar juntos no sofá. Ficamos de mãos dadas?

— Não.

— Para mostrar que estamos unidos?

— Isso só vai deixá-las confusas. Você acha que Neevey vai aparecer?

Duvido muito. Ela nunca mais veio para nossa casa — e só manda mensagem quando quer alguma coisa. A última vez foi porque queria uma foto com Richie de quando era bebê. Parece que os dois deram uma entrevista de pai e filha para o *The Sunday Times*.

— É melhor não contarmos com isso.

O tom dele é seco.

— Vai ser uma pena perder a cara de satisfação dela.

Hugh tem razão. Ela vai ficar feliz da vida. Ou talvez nem se importe.

— Certo — digo. — Vamos treinar. Você começa.

— Você quer que eu diga as palavras? Agora? Espere, preciso de um minuto. Certo. — Ele respira fundo e encara o nada. — Sofie, Kiara — sua voz está rouca —, Amy e eu amamos muito muito vocês.

Concordo com a cabeça e tento sorrir, mas minha boca está trêmula.

— Agora é a sua vez — diz ele.

— Hugh e eu não estamos juntos... ou devo dizer “decidimos não continuar juntos”? — Olho para ele em busca de confirmação, então seco as lágrimas com a manga da camisa. — Acho que “decidimos não continuar juntos” é a melhor coisa a dizer.

— Amy...

— É tão triste, Hugh. É tão triste.

— Eu sei, querida. Venha aqui... Venha aqui — repete ele.

E, apesar de eu saber que não é uma boa ideia, levanto, vou para o outro lado da mesa e me sento no seu colo. Era isso que eu sempre fazia quando estava chateada. Provavelmente vou me arrepender desse momento depois, mas, por alguns instantes maravilhosos, me deixo relaxar no conforto dos braços dele, no cheiro da pele dele... Os braços de Hugh se apertam ao meu redor — e então, com um esforço absurdo, murmuro:

— Limites.

Eu me empertigo e olho para seu rosto, e lá está ele, Hugh. O *meu* Hugh. Um daqueles lapsos de tempo acontece.

— Ah, Deus. — Seguro minha cabeça e saio do colo dele.

— O que houve?

— Nada. Só um lapso de tempo. Às vezes eu esqueço. Acho que as coisas são como eram.

— Sei como é, querida, eu também.

— É mesmo?

— Claro.

De volta à segurança do meu lado da mesa, digo:

— Mas vai melhorar. Conforme o tempo passa, me sinto cada vez mais normal.

— Vai? — Ele parece arrasado.

— É claro. É assim que a vida funciona. — Retorno para a minha cadeira. — Tudo bem. Vamos continuar... Agora, a gente devia dizer que sempre poderemos contar um com o outro. Todos nós. — Paro. — Ah, Hugh! — Outra onda de lágrimas me domina.

— O que foi, querida?

— Você está tão *magro*.

— Eu estou bem.

Hoje, é bem capaz de eu sonhar com um homem faminto e acordar quando estou prestes a alimentá-lo.

— Você não consegue comer? — pergunto.

— Ah, sabe como é...

— Desculpe. — Estou sendo sincera. — Desculpe por não conseguir remendar meu coração. Desculpe por não conseguir me sentir como antes de ver aquelas fotos. Mas não consigo mudar quem eu sou.

— É por isso que eu te amo.

— Pare, Hugh, por favor. Escute, nós dois vamos ficar bem. Vamos ficar bem no fim das contas.

— E se não ficarmos bem...

— Não!

Nós dois detestávamos essa citação de *O Exótico Hotel Marigold*. A tentativa dele de mencioná-la melhora o clima.

— Talvez seja melhor encerrarmos por hoje. — Ele parece exausto. — Até segunda que vem.

— Até segunda.

111

Segunda-feira, 6 de março

A semana que passo esperando pela conversa é uma das mais difíceis da minha vida. Tenho quase certeza de que me sinto pior agora do que no início, depois que ele foi embora, o que é estranho.

Mas, naquela época, eu estava em choque. Isso é óbvio agora. Atordoada e confusa. A profundidade e a gravidade da partida de Hugh ainda não eram evidentes para mim. É assim que os seres humanos aguentam o impossível: nós nos expomos ao máximo de dor que conseguimos suportar em um dia ou num instante. Só quando processamos esse sentimento, podemos absorver mais.

Talvez isso explique por que demoramos tanto para metabolizar as grandes perdas da vida.

No entanto, eu *estou* seguindo em frente. Há momentos em que meu progresso é mensurável — a descrença inicial foi embora, e as compras descontroladas se acalmaram em níveis normais. Parei de tentar me comportar como se nada estivesse errado, então, quando encontro pessoas como Bronagh Kingston, não coloco uma máscara cansativa de falsa alegria. Em vez disso, sem ficar me debulhando em lágrimas sempre que falo com alguém, indico que minha situação ainda é complicada.

Até mesmo minha raiva absurda melhorou — pelo menos por enquanto. Agora, meu maior sentimento é a tristeza, e até isso vai passar. O fim do meu casamento nunca deixará de ser triste, mas o sofrimento não vai me limitar para sempre.

Às vezes, olho para trás e me pergunto como tudo aconteceu. De fora, ninguém jamais acharia que Hugh e eu poderíamos nos separar. Nunca brigávamos, tipo, não *de verdade*, não éramos o tipo de casal que grita um com o outro. Imagino que nem tudo na vida

acabe de forma explosiva; há coisas que terminam com uma lamentação.

Em outros momentos, parece completamente inevitável que nosso casamento acabasse. Não foi só o baque duplo de Gavin falecer logo após o pai de Hugh e o impacto existencial que isso causou nele. Tive que pensar também nas minhas estripulias com Josh no penúltimo verão. Tipo, por que aquilo aconteceu?

Ainda não entendo. O máximo que consigo pensar é que parecia que eu nunca tinha algo pelo que ansiar. Mas milhões de pessoas têm vidas complicadas — a minha não estava nem perto de ser difícil — e não começam a flertar com quem não deveriam.

E eu amava Hugh, amava a família que criamos juntos, e ainda assim queria mais.

Nós devíamos aprender com nossos erros, mas, se eu não entender o *motivo* por trás deles, nada me impede de repeti-los.

— Então. — Tento sorrir para Kiara e Sofie. — Precisamos conversar.

— Não é melhor esperarmos Neeve chegar? — pergunta Sofie.

— Neeve não vem.

— Ah — diz Kiara. — De toda forma, a gente sabe o que vocês vão falar.

Hugh e eu ficamos tensos.

— Papai não vai voltar para casa, não é?

— Não, querida — digo, engasgada.

— Tudo bem — responde Sofie baixinho.

Mas está tudo errado. Hugh e eu deveríamos fazer nosso discurso reconfortante.

— Eu meio que já imaginava — diz Kiara. — Todas nós imaginávamos. E entendemos. Sentimos muito por vocês estarem tão tristes.

— Não sintam.

— Tivemos tempo para nos acostumar a viver sem você — diz Sofie.

Ora, isso é bom. Era essa a ideia, afinal de contas.

— Mas vamos te ver sempre, não vamos? — pergunta ela.

— Sempre — responde Hugh. — É claro, querida, quando vocês quiserem.

— Mas queremos ver você e mamãe juntos — diz Kiara. — Não só a gente com você, depois a gente com mamãe. Todos nós juntos.

— Ah... — Hugh se vira para mim, em busca da resposta certa.

— Hum, claro. — Meu tom é terrivelmente alegre. — Em aniversários e coisas assim.

Sofie e Kiara trocam um olhar — parece que Hugh e eu não fomos os únicos a nos prepararmos para essa conversa.

— Não só nesses dias — diz Sofie. — Queremos fazer coisas normais de família.

— Tipo, assistir a *Crazy Ex-Girlfriend* juntos na segunda — continua Kiara. — Como costumávamos fazer.

— Mas...

— Estamos sendo muito tranquilas sobre isso tudo — alerta Kiara. — Tranquilas demais. Mas temos condições.

Indefesa, olho para Hugh. Ele parece tão atordoado quanto eu.

— Tudo bem — respondo, porque não parece haver outra escolha.

Mas será estranho e exaustivo.

— Onde você vai morar? — pergunta Kiara ao pai. — Com Carl e Chizo?

— Hum, não. Estou procurando um apartamento.

Está? Bem, o que mais eu esperava?

— Boa sorte — diz Sofie. — Talvez Richie Aldin deixe você alugar um dos dele.

— Pois é! — concorda Kiara. — Do seu "portfólio de propriedades".

— E só vai te cobrar metade do preço do mercado!

— Que cara *maneiro.*

— *Muito* maneiro.

Sofie e Kiara riem e batem os punhos, e preciso dizer que fico mais animada só de ouvi-las zombar de Richie.

— Então, não se preocupem — diz Kiara. — Contanto que a gente continue a agir como uma família por boa parte do tempo, não tem problema.

— Tudo bem.

— Meu amor por vocês é do tamanho da lua — declara ela.

— O meu também — diz Sofie. — Meu amor por vocês é do tamanho do sol.

— Bem, o meu amor é do tamanho de, tipo, *Vênus*.

— Vênus é menor que o sol, sua idiota.

— É? Não é, não!

— Claro que é! Então, podemos ir? — pergunta Sofie. — Porque tenho que estudar. E você também, Kiara. Tipo, *fala sério*... "Do tamanho de Vênus"!

— Claro, sim, tudo bem, com certeza. — O pobre Hugh está tentando se recompor.

— Até amanhã — diz Sofie.

— Sim. Amanhã. Isso mesmo. Vamos estudar física — lembra ele para mim.

As duas vão para seus quartos, e Hugh e eu nos encaramos.

— Até que foi bem — digo.

— Sim. — Ele está chocado.

— As duas são tão maduras — comento. — E calmas.

— Mais calmas do que eu — diz ele.

— Do que eu também. Elas já são adultas.

— Mas sempre vamos vê-las como menininhas.

— Ah, meu Deus, Hugh, pare!

A alegria de tudo ter dado certo de repente desapareceu, e, agora, quero morrer de tristeza.

— Odeio fazer isso, Amy... Precisamos conversar sobre as contas.

Muda, eu o encaro. E então:

— Não vamos ter descanso nunca, né? Que separação interminável. Tudo bem, quando? Vai ter que ser no fim de semana. Estou ocupada demais com o trabalho.

— Sábado?

— Ótimo. Sábado.

112

Sexta-feira, 10 de março

Quatro dias depois, os anúncios da SempreSeco com mamãe começam a ser exibidos. De repente, seu rosto sorridente e levemente retocado aparece em pontos de ônibus e estações de trem por (quase) toda a Irlanda e Grã-Bretanha, com o slogan imortal “Continuo me divertindo”.

Quando saio correndo na hora do almoço para comprar um primer novo, vejo um anúncio e quase morro de choque. Por mais que eu soubesse que isso ia acontecer — afinal, fui eu que negociei com a empresa de publicidade —, é muito esquisito ver sua mãe idosa passar a ser domínio público.

Faz só dois meses que ela se tornou embaixadora, mas essa é uma época do ano calma no que se refere a propagandas, e foi fácil acelerar o processo.

Mando uma mensagem para Neeve para me certificar de que ela também já viu. Para ser sincera, só estou usando mamãe como uma desculpa para entrar em contato. Já deixei tantas mensagens patéticas, em que rio debilmente e digo: “A gente nunca mais vai te ver? Rarara. Suas irmãs estão com saudade.”

É bom ter algo concreto para comunicar.

No geral, ela me ignora. Às vezes, responde com alguns emojis de beijo ou coração. A única vez que recebi palavras de verdade foi quando lhe contei que Hugh não voltaria para casa. **Ótimo**, respondeu ela. E então: ***Crazy Ex-Girlfriend*** **com ele toda segunda? Nem morta.**

Bem, eu também não adorei a ideia. Na verdade, estava tão infeliz na noite de segunda, esperando-o aparecer para brincarmos de família feliz, que nem consegui comer meu jantar.

Não vou conseguir fazer isso, pensei. *Não vou mesmo.*

Mas eu precisava. Não havia jeito. Eu acabaria me acostumando. Com o tempo, as pessoas se habituam às situações mais absurdas. Tipo, às vezes penso que seria como trabalhar num abatedouro ou cortando cabeças de galinha — empregos que ninguém *sonha* em ter. Mas, se você não tem outra opção, segue em frente. E sua repulsa não pode continuar para sempre em níveis estratosféricos, pode?

Estou observando um saco gigante de pipoca girar no micro-ondas quando Kiara anuncia:

— Papai chegou.

E, sim, de fato, lá está Hugh, entrando com a própria chave, conforme instruído.

— Olá, de novo — diz ele para mim.

— Meu Deus. — Estou tentando fazer piada. — Vejo você com tanta frequência que até parece que ainda mora aqui! — Isso é em referência à conversa que tivemos na tarde de sábado para arrumar nossas finanças.

Ele indica a chave.

— Não tem problema? Usar a chave?

— Foi o que combinamos!

Voltei a falar num tom meio alegre demais. Bem, é um processo. Vamos chegar lá. Logo, seremos um desses casais divorciados que vive se metendo na vida um do outro e são melhores amigos.

Bem, talvez não num futuro próximo. Mas em algum momento.

— Ei! — exclama Hugh. — Vi um dos anúncios da sua mãe! Num ponto de ônibus. Fiquei tão chocado que quase bati com o carro. — Ele ri. — Ela está ótima.

— Não é? — grita Kiara. — É uma loucura. Tipo, a *vovó*.

— Bom para ela.

E é bom para ela *mesmo*. Também é bom para mim, porque a Sra. SempreSeco pagou um bônus para a Escotilha, um belo monte de dinheiro que foi direto para o buraco enorme na minha conta conjunta com Hugh. Agora, podemos respirar um pouco melhor.

— Vamos, mãe, vamos, pai. — Kiara nos puxa para a sala.

— Tem cerveja na geladeira — digo para Hugh.

— Ah. Hum. Obrigado.

Ele parece levemente atordoado, e pergunto:

— Lapso de tempo?

— Sim. Lapso de tempo.

Desconfortável, dou-lhe um tapinha no braço.

— É uma merda, eu sei, mas vai passar.

— Sofie! — grita Kiara lá para cima. — Vamos!

Sofie vem correndo para a sala, e todos sentamos no sofá. Hugh e eu nos acomodamos em lados opostos, o mais longe possível um do outro. Ninguém menciona Neeve, apesar de sua ausência ser gritante.

Passamos a pipoca entre nós, Hugh e eu bebemos cerveja, e todos assistimos a *Crazy Ex-Girlfriend*.

Era isso que fazíamos toda segunda-feira à noite, mas não conseguimos replicar a experiência real. É como comer brownies feitos com adoçante — eles podem até parecer iguais, mas é nítido que há algo estranho.

Quando o episódio termina, estou desanimada, mas Hugh e eu conseguimos ser agradáveis um com o outro, e estou disposta a declarar a noite um sucesso. Um pouco rápido demais, as meninas se despedem do pai com um abraço e vão dormir, deixando-me sozinha com ele no vestíbulo.

— Antes que eu esqueça — diz Hugh —, marcamos uma data para espalhar as cinzas de papai. Domingo de Páscoa.

— Ah? Você quer dizer... Estou convidada?

O rosto dele se obscurece.

— É claro! Você faz parte da família, você e as meninas.

— Ainda?

— Sim! Nada muda isso.

— Meu Deus, essa nova etiqueta de casal separado é tão estranha. Sabe, quem convidar ou não para funerais.

Hugh concorda com a cabeça, parecendo muito triste.

— Ainda não acredito que isso aconteceu. Nunca achei que a gente fosse se separar. Nunca achei que a gente seria esse casal.

— Eu também não. Achei que éramos diferentes.

— Então. — Minha garganta arde com uma nova onda de lágrimas. — Qual o esquema das cinzas?

— Como eu disse, na manhã do Domingo de Páscoa, daqui a cinco semanas. Em Howth Hill, e depois um almoço chique no

Maldivas...

— No Maldivas! Que chique! — Na verdade, quero dizer “exagerado”.

— Chique mesmo. — A expressão dele é irônica. — Chizo está organizando as coisas.

— Ah, agora tudo faz sentido.

— Faz séculos que ela anda provando os cardápios dos melhores restaurantes da Irlanda.

— E quem vai?

— Todo mundo. John, Rolf e Krister, de Uppsala; Brendan, Nita e as crianças, de Manchester; Carl, Chizo e Noah, o Menino-Prodígio, de Foxrock; e eu, você, Neeve, Sofie e Kiara, de Dundrum. — Ele fica vermelho. — Quer dizer... o que quis dizer... sei que não moro em Dundrum.

— Pare.

Trocamos um daqueles olhares de aceitação impassível.

— E Neeve? — pergunto. — Tem certeza de que quer que ela vá?

— Papai gostava dela.

— Só Deus sabe por quê!

— Ah, não tem problema. Então, sim, é claro, Neeve.

De repente, penso em perguntar:

— Como você está, Hugh? Sabe, com o que aconteceu com seu pai? E Gavin?

No meu ressentimento por ele ter me abandonado, não tive qualquer interesse pela dor — que sem dúvida permanecia — causada pela perda dupla.

— Ah, estou bem.

— Hugh. Quero uma resposta honesta.

Ele se retrai.

— Não sei, Amy. Sinto falta dos dois. Penso muito em papai, em quando éramos pequenos. Ele era um homem tão bom.

— Você se sente sozinho?

— Sim, mas... — Ele se interrompe.

Tenho certeza de que estava prestes a dizer que se sentia sozinho sem mim e as meninas, além da questão de seu pai e Gavin, e não quer parecer que está botando a culpa disso em alguém.

— Você está triste? — pergunto.

Pensativo, Hugh responde:

— Acho mais correto dizer que estou assustado. — Ele suspira. — Não sei, Amy. Não sei o nome da maioria das minhas emoções. A única certeza que tenho é que não estou louco como no ano passado, quando parecia que eu precisava fugir, aproveitar o momento, viver ao máximo, essas coisas todas.

113

Sexta-feira, 17 de março

Na noite de sexta, no caminho para a casa de mamãe e papai, o dia continua claro. É a primeira vez em meses que o céu não está completamente escuro às seis e meia. Faço as contas rapidamente — o horário de inverno vai terminar em duas semanas. A primavera chegou.

Eu devia estar feliz por ter um sinal visível da passagem do tempo: todos os segundos me aproximam mais do lugar mágico em que meu sofrimento terá passado. Porém, hoje, estou triste. Cada novo evento, cada virada de estação, cada início de um mês novo é outro marco, afastando-me ainda mais da época em que Hugh e eu formávamos uma família.

Quando entro no terreno de mamãe, encontro duas pessoas brincando no jardim da frente. Então vejo que são Sofie e Jackson, plantando bananeira. As risadas dos dois enchem o ar noturno.

— Oi, Aaamyyy! — gritam os dois para mim quando saio do carro.

Fico parada ali, observando.

— Me segura — ordena Sofie a Jackson.

— Como assim? — pergunta ele.

— Me segura logo! — Ela consegue plantar uma bananeira decente enquanto ele apoia suas pernas. — Tudo bem, pode soltar.

Porém, assim que Jackson obedece, ela cai na grama, onde fica deitada de costas, rindo e rindo.

— Agora é a minha vez — diz ele. — Me segura!

Os dois são tão fofos. Ambos vão prestar vestibular em poucos meses. Eles têm se dedicado bastante aos estudos, e é bom vê-los se divertindo de forma tão inocente.

Eu tinha ficado na dúvida se o namoro sobreviveria ao trauma da gravidez de Sofie — pensei que fossem terminar. Mas os dois

parecem mais próximos que nunca.

— Amy!

Olho ao redor. Derry abriu a porta da frente.

— Venha aqui! — grita ela.

— O quê? — Vou correndo. — O que houve?

— Mamãe.

— O quê?

Mas escuto a voz dela falando alto, então não deve ter morrido.

Por instinto, me apresso para o centro nervoso energético da casa: a sala de estar. Mamãe está dando um discurso.

— ... eu! — diz ela. — Isso mesmo, a boa e velha *eu*! Apesar do quê, vejam bem, não tão velha assim.

Joe está aqui com Siena e Finn, Pip e Kit, assim como Maura, O Pobre Coitado, Declyn, a Pequena Maisey e Kiara. E o coitado do papai, é claro, que parece completamente desnorteado.

— Amy! — Mamãe nota a minha presença. — Você não vai *acreditar*. O *The Late Late Show* de hoje! Dispensaram Ed Sheeran por MIM!

Jesus amado. Bem, isso é uma notícia e tanto. Mamãe deveria começar a parte televisiva de seu contrato na segunda, mas o *The Late Late Show* negou todos os meus pedidos de entrevista.

— Não sou maravilhosa? — pergunta mamãe. — Sou maravilhosa, certo?

— Você é, ah, uau... — A voz de Joe se perde.

— Insuportável — interfere Derry. — Essa é a palavra que você queria usar. Ou intolerável, se quiser.

— Gostei de intolerável — diz Joe.

— ALGUÉM PODE ME CONTAR O QUE ESTÁ ACONTECENDO? — implora papai.

— Kiara — ordena mamãe. — Ligue para Neeve. Diga que ela precisa vir me arrumar. Diga que é *urgente*.

Meu coração dispara. Como Neeve irá responder? Ela vai se despencar para cá na mesma hora para ajudar a avó, quando não me dá nem dez minutos de atenção desde que se mudou?

— COMO CHEFE DESTA CASA, EU EXIJO SABER O QUE ESTÁ ACONTECENDO.

— Cale a boca, vovô — diz Kit.

— VOU CALAR A SUA BOCA, SEU ATREVIDO.

Sofie surge atrás de mim, puxando minha manga.

— Então, Amy? Podemos conversar?

Meu estômago embrulha.

— Está tudo bem. — Ela começa a rir. — Não estou grávida de novo. Escute, no recesso da Páscoa, vai ter um intensivo de revisão no Instituto. Posso fazer os módulos de física e química?

Sempre tive ambições modestas para Sofie, eu só queria que ela fosse feliz. Porém, de repente, ela tem ambições reais. Quer estudar físico-química na faculdade e está se dedicando de verdade.

— Mas é caro. — Ela faz uma careta. — Bem caro.

— Vou conversar com Hugh — digo. — Mas não se preocupe, daremos um jeito.

Ansiosa, volto para o agito da sala. Será que Neeve vem mesmo?

— Sim — confirma Kiara.

E é verdade, ela surge em menos de meia hora, parecendo radiante e cara.

— O QUE HOUVE COM VOCÊ? — Papai parece assustado. — ESTÁ TODA BRILHANTE.

Eu a agarro e a abraço com tanta força que ela diz:

— Ai! Mãe, pelo amor de Deus.

— Minha garotinha. — Cubro seu rosto de beijos.

— Sai de *cima* de mim! — Mas ela sorri.

— Senti sua falta, querida.

— Não precisa me esmagar por causa disso.

— Podemos conversar? Em particular?

— Ah, merda. — Ela olha para Sofie e Kiara.

— Não é nada ruim. Só... vamos lá para cima. — No cômodo que funciona como quarto extra, digo: — Domingo de Páscoa. Não marque nada nesse dia. Vamos espalhar as cinzas de Robert.

— Robert?

— O pai de Hugh. Querida, você *sabe* quem é Robert. Quem foi Robert.

A expressão dela fica rígida.

— *Eu* não vou.

— Mas...

— Não vou. Ele não era meu avô de verdade. Não preciso ir.

— Mas... — Robert sempre foi tão legal com Neeve.

— Eu. Não. Vou. Agora, preciso arrumar a vovó. Com licença.

De repente, estou furiosa.

— Ei! Tenha um pouco de respeito pelos outros. Robert te amava. E quer saber de uma coisa? Você deve isso a Hugh.

— Hugh? — cospe ela. — Isso é brincadeira, não é? Ele não é meu pai...

— Ele cuidou de você por anos, te buscava em festas e...

— Eu tenho pai! E não sei nem por que *você* vai. Seu casamento acabou.

— Eu quero ir. — Estou determinada.

— *Por quê?*

— Por *Hugh*.

Nossos rostos estão muito próximos, e estamos praticamente chiando uma para a outra. Era exatamente assim quando ela era adolescente.

— Por que você se importa? Ele foi embora! Ele te humilhou publicamente. Hugh não merece nada de você. Ele. É. Um. Babaca.

Não é. Hugh é um homem que cometeu um erro. Um erro enorme, gigantesco. Mas não foi cruel comigo, não de propósito. Por muito tempo, ele foi muito bom para todas nós, e merece nosso apoio quando for se despedir do seu amado pai.

— Eu vou. — Agarro o braço dela. — Você também. E ponto-final.

114

Segunda-feira, 20 de março

A entrevista de mamãe no *The Late Late Show* não dá muito certo. A fama subiu à cabeça, e ela não lembrou que só estava lá para promover um produto. A SempreSeco mal é mencionada, o que significa que a Sra. Mullen passou o fim de semana me mandando e-mails furiosos.

E Ed Sheeran *não foi* dispensado para receberem mamãe. Ninguém sabe de onde ela tirou essa bobagem.

Na manhã de segunda, Tim, Alastair e eu fazemos uma reunião de emergência para colocar mamãe de volta nos trilhos.

— Alguém precisa dar uma bronca nela. — Tim está sério.

— Por favor, que não seja eu — digo.

— Ótimo. — Até Alastair parece desanimado. — Eu falo com ela.

Que alívio!

Meu nível de energia está sempre tão baixo, e Petra me ofereceu uma explicação de que gostei: “As pessoas que vivem constantemente com dor estão sempre exaustas. Suportar o insuportável suga as forças de qualquer um. Imagino que deve ser assim também com a dor emocional.”

Ser obrigada a encontrar com Hugh é tão exaustivo. O desalento crônico está destruindo a parede do meu estômago, a queimação me desperta no meio da noite.

Mas Sofie e Kiara estão determinadas a manter nossa sessão de família feliz que assiste à tevê toda segunda à noite.

Hoje, depois de o seriado terminar e as duas fugirem, me deixando sozinha com Hugh, discutimos o pedido de Sofie para fazer o curso. É muito dinheiro, uma quantia que não temos sobrando.

— Aumentamos o cheque especial?

Ele faz uma careta.

— Acho que o banco não vai aceitar.

— Um empréstimo?

— Talvez. É mais fácil usarmos o dinheiro do depósito do meu apartamento.

Como eu suspeitava, Chizo não deixou Hugh voltar para sua casa chique. Não sei nem se acredito naquela história de que ela ia receber parentes da Nigéria. Então, ele continua morando na garagem de Nugent. Mas conseguimos juntar o suficiente para pagar um depósito e o primeiro mês de aluguel de um apartamento pequeno.

— Mas, Hugh, você está praticamente desabrigado.

Ele revira os olhos.

— Tenho um teto, Wi-Fi, acesso a um banheiro. Não preciso de mais nada.

— Você está morando numa garagem. Ah, Hugh, isso é triste pra cacete!

— Pare com isso, Amy, é melhor do que parece. E só vamos adiar os planos por algumas semanas. Daqui a um mês, vou ter minha própria casa.

Se alguma emergência financeira não cair no nosso colo.

— Vamos, Amy. Coragem. Não tem problema. Sofie pode fazer o curso, e eu me mudo para o apartamento no mês que vem.

— Tudo bem. — Quase com admiração, digo: — Olhe só para nós, Hugh. Conversando sobre nossas filhas. Sendo maduros e civilizados. Estamos progredindo.

— Sim. — Ele engole em seco. — Estamos.

Trocamos um olhar meio desesperado.

— Hugh... quero fazer uma pergunta.

— Hum? — Ele parece desconfiado.

— Quando estávamos juntos, antes de seu pai ser diagnosticado, você era feliz? E não responda automaticamente que sim, pense na resposta, por favor. Que mudanças faria na nossa vida? Não estou falando de dinheiro e coisas externas. O que você teria mudado no nosso relacionamento? E não diga que nada. Seja sincero.

Ele fica quieto. Parece que está pensando, mas tenho certeza de que sabe a resposta. Só tem vergonha de dizer.

— Sexo — digo. — Você queria sexo melhor. Sexo diferente?

— Eu queria mais. Com você — acrescenta ele. — Só com você.

— Mas teria gostado se eu te mandasse Snapchats ou mensagens picantes?

— Não acharia ruim. Mas, no geral, gostaria que acontecesse com mais frequência. Não é bom se sentir um monstro tarado tentando apalpar a própria mulher enquanto ela não está interessada.

— Eu vivia cansada — digo, na defensiva.

— Eu *sei*. — Agora, é ele quem está na defensiva. — Sei que seu trabalho é difícil. Mas você pediu para eu ser sincero. Era difícil gostar de você, querer você, e saber que não havia a menor possibilidade de algo acontecer. E, antes que meus comentários sejam dispensados como os de um homem tarado — acrescenta Hugh, agitado —, eu sentia falta tanto da intimidade quanto da parte física.

Não gosto do que escuto. A crítica me incomoda. Mas eu perguntei, já imaginava qual seria a resposta, e sei que ele tem razão.

— Quando a gente de fato começava a fazer, eu ficava feliz. Era a parte de me convencer a passar da vertical para a horizontal que eu achava... — Incômoda, irritante, um desperdício do meu tempo quando havia jantares a preparar, roupas a lavar, compras on-line a fazer. — Mas, quando meu corpo entrava no clima, era... — Na verdade, agora que lembro, era maravilhoso.

Hugh tomava iniciativa na cama. Ele era grande e confiante e sabia o que queria — num contraste enorme com seu habitual comportamento tranquilo e gentil. Seu corpo não era perfeito, e, desde que o conheço, ele nunca teve um tanquinho, mas era autoconfiante e decidido.

— Eu me sentia como se estivesse sempre no último lugar da sua lista — diz ele.

E estava mesmo. Transar com Hugh era só mais uma tarefa, no final das minhas prioridades.

— É difícil — digo. — De repente parar de ver alguém como um companheiro de casa e... quase um colega de trabalho, para encará-lo como um objeto sexual desejado.

— Não para mim.

Mas, para mim, sim. Ninguém quer virar um clichê na vida, mas é isso que acaba acontecendo.

— Como as outras pessoas têm vida sexual? — pergunto-me em voz alta. Porque sexo é a única coisa sobre a qual as pessoas não falam. — Eu costumava achar que todo mundo transava o tempo todo. Bem mais do que nós dois. Então percebi que era tudo uma fachada. É difícil saber o que é normal.

— Então, o que você teria mudado? — pergunta ele. — E não diga que nada.

— Eu me sentia como se estivesse sempre no último lugar da lista de todo mundo. Mas não sei se poderia mudar isso. A gente não tinha dinheiro suficiente para fazer tudo que todos queriam.

— Desculpe. — Ele parece desolado. — Era isso que você gostava em Josh? O fato de ele ter te levado para a Sérvia e tal?

— Ele me tratava como se eu fosse especial. Se você agisse da mesma forma, eu acharia que só estava sendo legal para me convencer a transar.

Mas, por outro lado, quando Josh era legal comigo, devia ser pelo mesmo motivo. Se nós tivéssemos nos iludido o suficiente para tentar construir uma vida juntos, nossas intensas estripulias sexuais teriam acabado num instante.

— Talvez, se tivéssemos tido essa conversa dois anos atrás, as coisas seriam diferentes agora.

— Mas não tivemos. E as coisas são como são.

115

Sexta-feira, 14 de abril

Sigo em frente com minha rotina previsível — nas noites de segunda, *Crazy Ex-Girlfriend* com Hugh; nas terças e quartas, Londres; no restante da semana, Dublin; e, nos fins de semana, Derry ou Petra.

O trabalho beira ao insuportável de tanta coisa para fazer e gera uma renda que é quase modesta demais para acalmar minha ansiedade financeira crônica.

A campanha da SempreSeco de mamãe me mantém ocupada até a Páscoa. Depois que Alastair colocou a cabeça dela no lugar, as coisas ficaram bem. Por algumas semanas no fim de março e no início de abril, ela parece estar em todos os cantos — em cada jornal, em cada programa de tevê. Admito que boa parte das entrevistas é condescendente, mas quem se importa? O importante é ter publicidade.

Enquanto terminamos o trabalho na Sexta-Feira da Paixão, há um clima de encerramento no ar: uma campanha bem-sucedida chegando a um final satisfatório.

A Sra. SempreSeco dá um pulo aqui e entrega ovos de Páscoa para todos. Entrando no espírito animado do recesso, tiro o meu da caixa, abro o papel celofane, dou uma pancada no ovo com o telefone e como um pedaço enorme.

— Vou seguir seu exemplo — diz Alastair, antes de atacar o seu próprio.

Pouco depois, Thamy o imita.

Tim nos observa com desdém.

— Vamos — brinca Alastair. — Coma o seu.

— Ainda não é Domingo de Páscoa.

— Deixe de ser certinho — diz Thamy.

— Pelo menos tente — incentivo.

Animados com o açúcar, continuamos provocando Tim até ele ceder. Na verdade, nunca o vi tão relaxado: a gravata solta, o cabelo bagunçado, a boca suja de chocolate.

Alastair e eu morremos de rir.

— Tim, você parece aquela freira da central de atendimento de chocolate em *Father Ted*!

Fico com medo de que isso faça Tim sair de seu estado relaxado. Em vez disso, ele nos manda encerrar o trabalho.

— Você não manda na gente — diz Alastair.

— Mas manda em mim. — Thamy foge antes de Tim mudar de ideia. — O chefe diz que posso ir embora. Feliz Páscoa, pessoal.

— Andem logo — insiste Tim. — Amy, Alastair, vão. Aproveitem a Páscoa. Descansem.

Meu plano é dormir até dizer chega. Mas, antes, as cinzas de Robert precisam ser espalhadas.

O Domingo de Páscoa está azul e cheio de vento enquanto caminhamos por Howth Head. Era aqui que Robert passeava com seu cachorro todas as manhãs e noites. Ele adorava esse lugar. A urna é carregada por John, o mais velho dos Durrant, que veio da Suécia com o marido, Rolf, e o filho, Krister.

Aglomerados atrás do trio fotogênico estão Brendan, Nita e suas três meninas.

Depois é a minha vez, ladeada por Kiara e Sofie. Atrás de nós, Hugh segue com Carl, Noah, o Menino-Prodígio, e Chizo, que grita instruções para nós.

Neeve não apareceu, e, nesse momento, eu a odeio.

A pior parte foi no estacionamento, quando, conforme o tempo passava sem qualquer sinal do belo Audizinho, ficou claro que ela não vinha.

— Nada de Neevey? — perguntou Hugh.

— Parece que não.

— Ah, bem... — Ele parecia extremamente desapontado.

— Hugh. — Minha garganta estava inchada e dolorida. — Sinto muito.

— Não tem problema.

Mas é claro que tinha. Aquilo era uma rejeição a Robert, que substituiu seu avô biológico ausente, e um golpe ainda maior contra Hugh, que a amara e cuidara dela por tantos anos.

— Podem parar — grita Chizo. — Aqui é um bom lugar.

Obediente, a procissão se interrompe.

— Então, fiquem um do lado do outro — orienta ela. — Peguem um punhado de cinzas, tenham seu momento e, antes de as espalharem, olhem para mim. Vamos tirar fotos.

Ansiosa, fito Hugh.

— Posso?

— Claro. — Ele está determinado. — Você faz parte desta família!

John começa, pega um pequeno punhado de cinzas.

— Obrigado, papai, por ser um ótimo pai. Fico feliz por você ter se livrado da dor.

E então solta a poeira ao vento.

Nita é a próxima.

— Obrigada, Robert — diz ela. — Por criar quatro filhos maravilhosos e me receber tão bem na família.

Um por um, todos nos despedimos.

— Obrigada, vovô — diz Sofie —, por me mostrar como furar uma parede e por ensinar papai a ser tão bom.

Agora, é minha vez. Na minha mente, digo: *Obrigada, Robert, você era um homem tão gentil. Obrigada por ser tão legal com minhas três meninas, e, mesmo que não estejamos mais juntos, obrigada por Hugh. Ele é bom porque você o ensinou a ser assim.* E solto as cinzas ao vento.

— Muito bem! — Chizo bate palmas. — Vamos!

A sala de jantar privada no Maldivas fica suspensa sobre o mar por palafitas. A mesa longa é coberta por uma toalha de linho branca como neve, talheres brilhantes e cristais reluzentes. Arranjos de flores bonitos — e que em nada lembram os enfeites de um funeral — estão espalhados pela sala.

Chizo, mestre nesse tipo de coisa, discretamente remove o cartão reservando o lugar de Neeve e manda um garçom próximo tirar seu prato.

— Aquela vaquinha estragou minha mesa — sussurra ela no meu ouvido, rouca.

Ocupamos nossos lugares, e fico entre Chizo e Kiara. Diante de mim está Rolf, e, ao seu lado, Hugh. Queria que ele estivesse sentado em outro lugar. Ainda fico triste quando o encaro.

Mudo meu foco para o cardápio, que tem opções vegetarianas e veganas, carne orgânica e de fazendas locais, e legumes direto da horta do restaurante.

— Tudo parece ótimo. — Rolf analisa a lista. Como os suecos são educados.

— Hum, sim, delicioso. — Para meu tormento, lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto.

— Amy? — Hugh parece preocupado. — Você está bem?

— Estou ótima. — Tirando que estou chorando. Muito.

— Mas...

— Você ouviu. Ela está ótima. — Chizo coloca um lenço na minha mão. Isso é uma ordem para engolir o choro.

Mas não consigo me controlar.

— Por que você está chorando? — sussurra ela.

Porque Robert morreu. Porque eu amava Hugh, e ele me amava, mas estragamos tudo. Porque esta era minha família, e agora não é mais. Porque algo deu errado, e talvez a culpa seja minha. Porque nada na vida é para sempre. Porque a dor é inevitável. Porque ser humano é insuportável.

— Estou na TPM — me forço a dizer.

— Hoje, não, Amy. Controle seus nervos.

Sei que ela se esforçou muito para organizar o almoço e que gastou bastante dinheiro. Tudo está perfeito, e é esperado que as pessoas demonstrem sua tristeza de um modo digno: alguns sorrisos tristes, e, se lágrimas forem *mesmo* necessárias, que sejam discretas e silenciosas, não essas minhas fungadas feias e barulhentas.

— Pare de chorar — resmunga Chizo.

Eu me esforço muito para isso, porque morro de medo dela.

— Não consigo.

— Então vá para o banheiro.

— Tudo bem — digo com a voz embargada. — Com licença.

Quando a porta do banheiro se fecha às minhas costas, meu choro toma força. Ah, meu Deus, Chizo veio atrás de mim.

— Pare com isso! Hoje não se trata de você. Vá embora. Vá para casa. Pegue um táxi. Não dirija.

— Tudo bem.

Hugh está parado do lado de fora da porta.

— Ah, Hugh!

Eu me jogo em cima dele e sou abraçada com força, me debulhando em lágrimas em seu peito.

— Eu sei, querida, eu sei.

Ergo o olhar para ele.

— Você sabe mesmo, não é?

— É claro.

Hugh também está chorando, e nossas lágrimas são causadas por muito mais que a perda de Robert.

— Vou levar você para casa — diz ele.

Eu me sinto tão agradecida que chego a ficar fraca.

— O quê? — diz Chizo. — De jeito nenhum. Você não pode ir embora.

Ela tem razão.

— Fique — digo a ele. — Por favor. Estou bem.

— Você não está bem.

— Você precisa ficar aqui. — Chizo estala os dedos e, como num passe de mágica, Kiara surge, seguida por Sofie. — Levem sua mãe para casa — ordena ela.

— Preciso pegar minha bolsa — digo. — E me despedir.

Saio andando antes de Chizo conseguir me impedir, mas ela me alcança, agarra minha bolsa e me puxa para fora da sala, murmurando:

— Gostava muito de Robert. Ela gostava muito de Robert. Está emocionada. Mas continuem aproveitando o almoço. As entradas devem chegar em cinco minutos.

116

Segunda-feira, 1º de maio

Dias passam sem que eu tenha notícias de Neeve. É um sofrimento imenso. Então, uma semana termina, outra começa, e fico me perguntando se vamos voltar a nos falar um dia.

Mas há outras coisas com que me preocupar: o calendário entra em maio, o que significa que Sofie prestará o vestibular em pouco mais de um mês. Ela — nós — só tem cinco semanas para aprender tudo que precisa saber. Não sou a única ansiosa — todos os pais da nação com filhos na época de vestibular se sentem da mesma forma.

Sofie precisa estar bem alimentada para sobreviver à batalha, então compro barrinhas de cereais, com a esperança de que ela se lembre de comê-las. E então ocorre um milagre: ela me entrega uma lista de compras: abacates, ovos, salmão, morangos, amêndoas e sementes de abóbora.

— É claro! — Estou animada. — Vou comprar tudo agora mesmo.

— Calma. — Ela ri. — Escute, andei pensando. Preciso trabalhar durante o verão. Tenho que juntar dinheiro para quando eu começar a faculdade em setembro.

Com sorte, quando ela começar a faculdade. *Se* tirar notas boas o suficiente. Seu maior problema é física, e, por mais que eu queira ajudar, seria mais fácil se Sofie me pedisse para lhe ensinar o idioma dos marcianos. Hugh, no entanto, é bom em exatas e está estudando com ela. (Às vezes, fico me perguntando se Sofie resolveu se dedicar a essas matérias só para mostrar como é parecida com ele.)

— Será que Derry me ajudaria a encontrar um emprego? — pergunta ela.

Meu Deus, não faço ideia. É provável.

— Que tipo de trabalho você quer?

— Talvez alguma coisa num hotel. Como garçonete? De preferência em outro lugar na Europa, porque pagam melhor do que aqui na Irlanda.

Bem, ela pensou bastante no assunto.

— Só para você? Ou para Jackson também?

— Só para mim. E talvez para Kiara.

— Sem Jackson? O que houve?

— Ele vai trabalhar com o pai durante o verão. Não vamos terminar, se é com isso que você está preocupada.

Bem, que ótimo. É só que... Preciso falar.

— Meu doce, vocês vão passar três meses separados. E essa é uma fase da vida em que as pessoas mudam muito.

Sofie parece surpreendentemente sábia e bem-humorada.

— A gente sabe. Mas nós dois estamos juntos. Já conversamos sobre isso. Estamos decididos.

Sim, mas e se ela conhecer outra pessoa e ficar dilacerada pela culpa?

— Vocês vão entrar em contato com um monte de gente diferente. Não é inconcebível que possam...

— Estou com Jackson. Vou ficar com ele, e ele vai ficar comigo.

— Só estou dizendo, querida, que se afastar por três meses é arriscado.

— Tudo na vida é arriscado, Amy. Não temos garantia de nada, não quando amamos alguém. Mas queremos continuar juntos, então resolvemos tentar.

— Hum, tudo bem, então.

Sinto que deveria dizer mais alguma coisa, mas não consigo pensar em nada.

Por sorte, meu telefone toca.

— Mamãe?

— Amy, vou ter mais algum trabalho? Como embaixadora?

— Não, mamãe. Alastair não conversou com você sobre isso?

— Bem, conversou, mas achei que as pessoas ainda poderiam estar interessadas em mim.

— Tenho certeza de que há muito interesse em você. — Jesus, que ego frágil! — Mas a Sra. SempreSeco está satisfeita com tudo

que foi feito, então não precisamos continuar a campanha.

— Mas eu não me importo. Ela nem precisa me pagar.

Porém, ela teria que pagar a mim e aos meus sócios, o que não vai acontecer.

— Mamãe, a campanha acabou. E foi um sucesso incrível, você devia ficar orgulhosa.

— Mas estou achando difícil voltar à minha vida antiga, presa aqui com seu pai.

— Dominik não está aí? Você não pode sair quando quiser?

— *Siiim*. Eu sei. É só que...

Já vi isso acontecer antes, o ostracismo da fama. É brutal.

Na segunda terça-feira de maio, o Prêmio da Imprensa acontece em Londres. Foi o mesmo evento, dois anos atrás, em que me ofereci para Josh e o convidei para o meu quarto de hotel. É muito difícil acreditar que eu — *eu* — me comportei de forma tão impulsiva. Talvez ele esteja aqui hoje, e estou com medo de encontrá-lo. Mas as coisas vão bem. Todos os discursos e entregas de prêmio ocorrem sem que eu o veja.

E então, depois que a parte formal da noite termina e a multidão começa a circular, eu o encontro, parado com um grupinho de seis pessoas, todas falando com animação.

Minha boca fica seca. É a primeira vez em quase três meses que o vejo. Josh não olha na minha direção, e aproveito a oportunidade para analisá-lo em segredo. Para minha surpresa, ele é quase completamente diferente do que me lembro.

Eu o achava tão atraente, tão sexy, porém, aqui, no salão do hotel, Josh parece, hum, *normal*. Devo ter projetado muitas fantasias nele, porque houve uma época em que o achava *surreal*.

Cenas daquela noite dois anos atrás surgem na minha mente. Era só a terceira vez que eu via Josh e o convidei para o meu quarto. Mas o que tinha sido aquilo? Tipo, sério, *que diabos tinha sido aquilo*?

Pior ainda: no dia seguinte voltei para casa e para Hugh, me sentei na nossa cozinha e o atormentei com comentários questionáveis.

Depois, Hugh me disse que sabia que havia algo errado, e eu acreditei nele. Mas, de um jeito chocante, visceral, agora consigo *sentir* isso. É como se cada célula do meu corpo tivesse se enchido de culpa: meu corpo formiga com ela.

É *claro* que Hugh sabia! Minha alegria, minhas insinuações, minha insistência em transar na noite em que voltei — todos os sinais estavam lá de que algo havia acontecido com outro homem.

E Hugh estava certo quando disse que eu me comportava de um jeito diferente naquela época: meus humores eram estranhos — eu vivia emburrada. Às vezes, tentava compensar sendo mais legal que o necessário por períodos curtíssimos de tempo.

Comprei roupas mais sensuais, sapatos mais altos — até minha lingerie era mais atrevida. Eu me lembro de sentar diante de Josh no restaurante onde almoçávamos, excitada pelo fato de que minha calcinha e meu sutiã eram de renda preta sexy.

No salão lotado, dou as costas para ele. Não quero que me veja. E principalmente: *eu* não quero vê-lo. Porque estou com vergonha. Estou com tanta, tanta vergonha.

Pior, estou triste. Hugh deve ter se sentido tão solitário durante aquela época — que durou cerca de três meses. Até então, eu era sua melhor amiga, seu cérebro compartilhado e, de repente, fui substituída por uma estranha fria. O motivo disso tudo foi o meu egoísmo, não uma crueldade calculada, mas o resultado foi o mesmo.

117

Quarta-feira, 17 de maio

Quando acordo no quarto de hóspedes de Druzie, a vergonha da noite anterior continua comigo e permanece pelo restante do dia. Preciso falar com Hugh. Preciso me desculpar.

No aeroporto, esperando pelo meu voo para casa, Derry me manda um e-mail para dizer que conseguiu empregos para Sofie e Kiara. Num impulso, ligo para ela, querendo desabafar com alguém.

— Certo! — Ela começa com a novidade. — As duas serão camareiras num spa de luxo na Suíça. Paga muito bem. É bom elas não me decepcionarem.

— Não, não vão decepcionar.

É óbvio que eu espero que as duas se comportem, e pelo menos elas sabem como fazer uma faxina.

— Ames, você está bem?

— Ahhh. — Eu me encolho. — Encontrei com Josh ontem à noite.

— *O quê?*

— Não, não desse jeito, ele não me viu. Mas estou me sentindo tão culpada. Sobre Hugh, quero dizer. Passei aquelas semanas todas almoçando com Josh, Hugh sabia que tinha alguma coisa acontecendo, e sei que já se passaram dois anos, mas, Der, me sinto uma merda. E me sinto tão culpada.

— E depois Hugh fugiu para a Tailândia. Pare com isso. Vocês estão quites.

— Derry, não estamos em uma competição. Nós dois erramos. É difícil encarar isso, mas sacaneei Hugh.

— Então, o que você vai fazer?

— Quero melhorar as coisas. Tirar essa mágoa dele.

— É bem provável que ela nem exista mais.

Isso não faz com que eu me sinta melhor, então me despeço e ligo para Hugh. Ele atende depois de dois toques.

— Amy? — Sua voz parece preocupada. — Está tudo bem?

— Ótimo. Nem tanto. Você pode passar na minha... na nossa, ah, *na casa* mais tarde? Só para uma conversa rápida. Vou embarcar agora. Chego em duas horas.

Quando entro em casa, Hugh já está lá. Sofie e Kiara estão zanzando pelos cômodos. Elas parecem nervosas — imagino que qualquer encontro inesperado que eu tenha com Hugh seja motivo de ansiedade. Casamentos arruinados são mesmo terríveis.

Ele se levanta quando me vê.

— A gente vai só, ahn... — Sofie e Kiara somem de vista.

— Quer alguma coisa? — oferece Hugh. — Para beber? Comer?

Esse comportamento solícito é um forte lembrete dessa mesma noite dois anos atrás: ele tinha acabado de buscar meu queijo e me servira um pedaço quando cheguei.

— Nada, obrigada — murmuro. — Vamos para a sala.

Temos que sair da cozinha, eu não sou capaz de enfrentar essas lembranças.

Depois que sentamos, começo:

— Hugh, quero me desculpar.

— Por...?

— No penúltimo verão, quando eu estava, hum, flertando com Josh, e você sabia. Desculpe por te magoar, por te preocupar. Eu me sentia culpada na época, mas está tudo pior agora.

— Não tem problema.

— Claro que tem. Eu fiz algo terrível, você não pode simplesmente... deixar para lá.

— Entendo seus motivos — diz ele. — O trabalho duro, o estresse, a preocupação eterna com dinheiro. Josh era uma fuga. Algumas pessoas bebem demais ou começam a correr, qualquer coisa para fabricar endorfina.

— Não. — Não mereço ser absolvida. — Minha vida era ótima. Só que eu queria mais. Algo para me deixar ansiosa. Não entendo por quê.

— Mas...

— Quando você foi embora, foi porque queria duas vidas: ser um pai de família e um homem solteiro. Eu não gostei dos seus motivos, mas os compreendo agora, melhor do que os meus.

— Olhe. — Ele parece cansado. Talvez esteja só triste. — Não podemos mudar o passado.

— Eu queria poder fazer isso. Está tudo tão complicado, e em boa parte do tempo não consigo entender como as coisas ficaram tão... ruins.

— Amy, se você pudesse voltar para o dia em que conheceu Josh, faria as coisas de outra forma? Sabendo como tudo acabaria?

— Sim. — Tenho certeza disso. — Nós dois perdemos algo muito... — Minha garganta dói. — Muito bonito. Mas agora é tarde demais.

Hugh faz que sim com a cabeça.

— Escute, encontrei um apartamento.

Isso deveria ser uma boa notícia, mas é outro golpe do punhal que está rasgando nossa vida em dois pedaços diferentes.

— Em Tallaght.

Tallaght fica no lado oeste de Dublin, longe. Pobre Hugh, sozinho, tão distante da família. Mas não somos mais a família dele — bem, eu não sou.

— É... legal? — pergunto.

— É bom. Pequeno, mas bom.

— Estou com pena de você.

— Não fique. Eu mereço.

— Pare. Não vamos mais falar assim. Hugh? — pergunto. — Ainda vamos trocar presentes de aniversário?

— Ahhh? — Ele está confuso com a mudança de assunto. — Como assim?

— O que vai acontecer quando minha assinatura do clube do queijo acabar em julho? Não vou mais receber queijo todos os meses?

Ele ri.

— Um mundo sem queijo, que tragédia! — Hugh coloca uma das mãos sobre o coração. — Querida, prometo que, enquanto eu estiver vivo, você vai receber seu queijo todos os meses.

E então acontece — meu coração se enche de uma sensação boa. É amor. Amor por Hugh. Deve ser o último estágio do processo de luto.

É óbvio que esse não é o fim absoluto — dois passos para a frente e um para trás. Não há como colocarmos um ponto-final aqui, então tudo vai permanecer equilibrado de agora em diante. Eu provavelmente vou retornar à amargura e ao sofrimento e à fúria de vez em quando. Mas senti a paz da aceitação, então há provas de que ela é possível.

118

Quinta-feira, 1º de junho

— As pessoas fazem piada sobre isso. — Entro na cozinha na noite de quinta e encontro Hugh. — Mas, juro por Deus, os pais dos alunos que prestam vestibular sofrem mais do que eles. — Descarrego um monte de sacolas de supermercado sobre a mesa. — A que devo o prazer? Física?

— Física. — Ele parece muito, muito cansado.

Porque o vestibular começa em menos de uma semana, e uma forte onda de calor está vindo. Todo ano é assim na época das provas.

— O que você tem aí? — Hugh me ajuda a desempacotar as compras.

— Um complexo vitamínico para a saúde de todos, B6 e B12 para o nervosismo dela, kava-kava para mantê-la calma, gingko biloba para mantê-la alerta. Florais, mas acho que quem vai tomar esses sou eu. E as garrafas de vinho são minhas. Bem, e suas. Aqui. — Abro o frasco do complexo vitamínico e lhe passo um comprimido. — Tome isso. Também temos que manter nossas forças. — As provas de Sofie só acabam no dia 20 de junho.

— Vão ser duas semanas intensas.

— As prateleiras das lojas de produtos naturais estavam quase vazias — digo. — Parecia que tinham sofrido um assalto. Todos os pais da Irlanda devem estar nessa onda.

Decido abrir a garrafa de vinho e deixar Hugh guardar o restante das coisas.

— O quê? — Ele está olhando para os sacos de espinafre e as caixas de ovos. — Isso é para ela?

— Ricos em vitamina B — digo, me sentindo como uma dessas mães frescas. Dois goles de vinho e já estou alegre.

— Jujubas! — exclama Hugh.

— Não abra! São para ela, para quando estiver fazendo as provas.

— Achei que açúcar fosse um instrumento do demônio.

— Mas causam ondas rápidas de energia mental. — Então acrescento, desconfiada: — Pelo visto. Meu Deus, é tão difícil saber quais são as coisas certas. — Passo uma taça de vinho para ele. — Às vezes, tenho vontade de me oferecer para fazer as provas no lugar dela. Mas não sei nada de física e química. Você devia fazer isso.

— Acho que ninguém me confundiria com Sofie.

— Não. — Ele é grande demais, peludo demais. — Você precisa cortar o cabelo. — Então solto: — Desculpe. Meu Deus, desculpe. Lapso de tempo! Mas não estão acontecendo mais com tanta frequência.

— Não, não estão.

— E, com o tempo, vão parar de vez.

— Estou ansioso por esse dia.

Hugh sorri. E, depois de um instante, sorrio também.

— Muito bem! — Sofie entra de repente na cozinha. — Vamos lá. Isso aí é *vinho*? Pai, não! Preciso que você esteja focado.

Os dois sentam à mesa da cozinha e embarcam em uma equação medonha. Num surto de empatia, eu discretamente deixo o saco de jujubas ao lado dele.

A noite está tão quente que vou sentar com Kiara lá fora, no nosso quintal mínimo. Bebo mais vinho do que deveria, deito na grama e me deleito com a sensação de conseguir descansar um pouco em meio à minha exaustão. Aguentar o cronograma pesado de Sofie é tão cansativo que meu corpo chega a doer. Minhas costas estão gostando da sensação de serem pressionadas contra a grama. Percebo que caí no sono quando Kiara me empurra e diz:

— Mãe, você está roncando.

Na cozinha, Sofie e Hugh continuam batalhando com as questões de física.

— Boa noite — digo. — Vou dormir.

— Eu também. — Kiara boceja.

Sofie e Hugh erguem as cabeças, exibindo olhos vermelhos.

— Pai — diz Sofie. — Talvez a gente devesse parar agora, dormir um pouco, e recomeçar amanhã cedo.

— Tudo bem.

Hugh se levanta e se espreguiça; a camisa levanta e deixa sua barriga exposta. Por um instante, quero tocá-la. Nossos olhos se encontram, e fico vermelha.

— Não vá para casa — diz Kiara.

— Isso — concorda Sofie. — Se você dormir no sofá, podemos acordar às seis. Mãe, a gente tem um edredom extra?

— Ele pode ficar com o de Neeve.

Kiara sobe a escada de dois em dois degraus, voltando com lençóis, travesseiros e um edredom. Ela e Sofie arrumam a cama dele na sala e fazem um estardalhaço enorme enquanto o ajudam a se acomodar.

— Durma bem, pai — diz Kiara, e lhe dá um beijo.

— Sim, durma bem. — Sofie também lhe dá um beijo. — Mãe, dê um beijo de boa-noite no papai.

— Beijar seu *pai*? Eu não sei onde essa boca esteve. — Minha ideia era fazer uma piada, mas pareço amargurada.

— Mãe! — Kiara está chocada.

— Bem, sinto muito. — Olho para Hugh. — Desculpe. Tudo bem?

— Tudo bem. — Sua voz é tranquila, mas acho que não é assim que ele se sente.

Assim que Sofie e Kiara vão para seus quartos, olho para Hugh deitado no sofá e digo, fria:

— Posso ficar ressentida por quanto tempo eu quiser. Não há um prazo.

Estou furiosa, tão furiosa quanto na noite em que voltei da Sérvia.

Logo quando acho que estou chegando ao fim, toda a raiva e tristeza voltam de novo. Será que isso não vai acabar nunca?

Eu sabia que ele estava no quarto pelo calor do seu corpo. Hugh se moveu rapidamente até a cama, e eu me sentei para encontrá-lo, segurando seu rosto, movendo as palmas das mãos pela aspereza da barba. Meu suspiro é de alívio, e então levo minha boca à dele. Ele move os lábios para encaixá-los aos meus, e, ah, o choque daquilo que é familiar e amado. *Olá. Senti sua falta.*

Tudo, seu gosto, a sensação dele, era tão certo.

Ele é o homem certo, ele é o homem certo para mim.

Foi como sempre costumava ser — seu tamanho, sua certeza, a confiança com que brincava com meu corpo. Nós nos movíamos juntos numa sincronia perfeita. Hugh sempre foi muito bom em saber do que eu gosto. Nada de ser desajeitado, nada de ser barulhento, só uma mistura fluida de sensualidade e familiaridade.

Depois que tudo chegou a um fim emocionante e ardente, fiquei me sentindo — o que talvez seja uma descrição estranha para sexo — profundamente reconfortada.

Que regra dizia que sexo só podia ser bom se fosse frenético e selvagem? Transas rotineiras podem ser tão boas quanto as que se tem com desconhecidos.

Quando acordo, levo vários segundos para entender que foi só um sonho. Tudo pareceu tão real, tão intenso, que estou convencida de que ainda consigo sentir o cheiro de Hugh no quarto.

Por que sonhei aquilo? Seria um aviso de que nós dois estamos nos aproximando demais e de que preciso ser cuidadosa?

Talvez, mais provável, tenha sido outra etapa do meu luto. Eu estava me desapegando da parte sexual de nossa vida conjunta. Num futuro próximo, terei me esquecido de tudo e ficarei livre.

119

Quinta-feira, 22 de junho

Sofie fez a última prova na quarta-feira, e, assim que acabou, saiu para comemorar com Jackson. Quando chego em casa na noite de quinta, ela ainda não apareceu.

Na verdade, não há ninguém ali — Kiara está cuidando dos filhos de Joe.

Vou ter que me acostumar com isso, porque as duas vão para a Suíça na semana que vem. Pela primeira vez na vida, vou morar sozinha.

Faz séculos que sei disso, mas, como todo o meu foco estava no vestibular, não tive tempo de sentir nada. Vai ser estranho. A casa vai parecer vazia, de um jeito doloroso. Mas vou me habituar. Por mais sofrido que tenha sido, me acostumei a viver sem Hugh.

No geral, nós dois estamos indo muito bem. Certo, meus surtos ocasionais de raiva não são bonitos, mas podia ser bem pior.

Fico zanzando pela casa, incapaz de me acomodar. Depois da batalha terrível que foi o vestibular de Sofie, esse vazio repentino me dá a sensação de ter caído de um abismo. Hugh, meu companheiro de batalha nessas últimas semanas, parece a pessoa certa para eu ligar.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Nada de mais. É estranho. De repente, não sei o que fazer.

— Eu também! Acho — digo — que precisamos comemorar o fim das provas também. A gente se esforçou tanto quanto Sofie. Bem, pelo menos você se esforçou. Quer ir beber alguma coisa?

— Tudo bem.

— No The Willows. Lá tem uma parte externa. Que horas consegue chegar?

— Depende do bonde.

— Estou saindo agora. Vá depressa.

Coloco uma sandália de salto alto e um vestido legítimo da década de 1950, de algodão azul, e chamo um táxi, no qual tenho que me esforçar para aplacar o motorista quando ele descobre que só vai me transportar por menos de três quilômetros.

— Você podia ter ido andando — reclama ele.

— Não com estes sapatos. Vou te dar uma boa gorjeta. Agora, pare com isso, estou de bom humor e pretendo continuar assim.

— Está indo encontrar um homem? — Ele me encara pelo espelho retrovisor.

— Não. Bem, sim.

Para o meu choque, quando chego, Hugh já está na parte externa, e conseguiu uma mesa.

— Como? — pergunto.

— Você me disse para vir rápido. Está bonita — diz ele. — Um dos achados de Bronagh?

— Sim. Nunca usei. Quer dizer, alguém já deve ter usado. E você também está bonito.

— Esse vestido deixa seus olhos muito azuis.

— Essa camisa deixa os *seus* olhos muito azuis. — É uma peça xadrez, uma das minhas favoritas dele.

— Invente seus próprios elogios — brinca Hugh. — Pare de roubar os meus.

Uma taça de vinho branco está sendo servida diante de mim, com uma cerveja para ele.

— A que vamos brindar? — pergunto.

— A Sofie tirar dez em tudo?

— Não estamos sendo muito ambiciosos? — pergunto, ansiosa. — Talvez seja melhor fazermos um brinde à felicidade dela.

— Que tal: “À felicidade de Sofie, e, se por acaso essa felicidade incluir tirar dez em tudo, não vamos achar ruim.”

— Excelente!

Batemos nossos copos.

— Sinto como se eu tivesse passado o último mês vivendo embaixo da terra, sem tomar banho, comendo porcarias... Estou acabada — confesso. — Você está acabado?

— Estou.

Não parece. Ele está com uma cara ótima. Ainda magro demais, mas com olhos radiantes, e arrumado. Sua camisa foi passada, sua barba está aparada, e o cabelo comprido demais...

— Ah! Você cortou o cabelo.

— Você me disse para cortar.

— E você faz tudo que eu mando?

No começo da frase, meu tom era brincalhão, mas, no final, estou inexplicavelmente chorosa.

— Querida? Você está bem?

Raivosa, digo:

— Agora que as provas dela acabaram, não tem motivo para você ficar indo lá em casa.

Parece que ele sofreu um golpe.

— Eu me acostumei — continuo. — E vou ter que começar a me desapegar de novo.

— Desculpe.

— Você não devia ter ido embora.

— Eu queria não ter ido.

— Nunca mais faça uma merda dessas de novo.

— Não vou fazer.

— Ah, faça o que quiser. Você está livre agora.

— Não estou. Vou ser sempre seu.

Eu o encaro em silêncio, então pego minhas coisas, rápido.

— É melhor eu ir embora — digo. — Desculpe. Achei que fosse conseguir lidar com isso. Mas...

Quando chego em casa, Sofie reapareceu. Ela está ladeada por Kiara e, surpreendentemente, Neeve. Até onde eu sei, elas mal falaram com Neeve desde o furo dela na cerimônia de Robert, mais de dois meses atrás.

— Mãe — diz Neeve, sem fazer rodeios. — Você precisa ver uma coisa.

— O quê? — Já estou ansiosa.

— Não estou pedindo permissão. Isso é só uma cortesia.

Como assim?

— Certo.

Ela aperta o botão de play no iPad, e algo começa a ser exibido. Um vídeo caseiro, pela forma como a imagem balança. A imagem está em preto e branco, e alguém — uma mulher, pelos sapatos — anda por um lugar movimentado, que a princípio acho ser um shopping, mas então, com horror crescente, reconheço como o aeroporto de Dublin.

Então a voz de Neeve surge:

— Durante sua vida, uma a cada três mulheres no mundo inteiro, fará um aborto.

Meu coração dispara.

— A média de abortos na Irlanda é igual à do mundo todo — diz o iPad. — Mas, aqui, o aborto é ilegal, então as mulheres precisam sair do país para ter acesso a esse serviço.

Viro para encará-la.

— Neeve, não! Você não pode fazer isso com Sofie!

— Não há nada que a identifique — diz a Neeve de verdade.

Ao mesmo tempo, Sofie intervém:

— Amy, eu quero que ela conte a minha história.

A Neeve do iPad continua:

— Minha amiga se esqueceu de tomar uma pílula, e, apesar de ter tomado a do dia seguinte, engravidou. Ela é jovem, não tem recursos financeiros e não estava emocionalmente pronta para ser mãe. Fui ao Reino Unido com ela.

O filme é cheio de movimentações, não há rostos, mas vemos o aeroporto de Dublin, a tela com as partidas, o interior do avião, o metrô — Neeve devia estar filmando o tempo todo com o telefone. Mas, quando o quarto de hóspedes de Druzie aparece, perco a cabeça.

— Druzie sabe que o apartamento dela está no seu...

— Ela disse que não tem problema.

Deixando claro que a “amiga grávida” é interpretada por uma atriz, a silhueta de uma mulher descreve tudo que aconteceu com Sofie como se tivesse acontecido com ela: o medo, a vergonha, o desconforto físico, os custos astronômicos.

— Por que nosso país faz isso com mulheres e meninas? — pergunta a Neeve do iPad, enquanto vemos Sofie (com o corpo embaçado) sendo colocada no carrinho de malas, fraca demais para

andar. — Nossa taxa de abortos é a mesma que a de qualquer outro país desenvolvido. Por favor, podemos parar de fingir que isso não acontece?

Em todos os seus vlogs, Neeve coloca links dos produtos que mostrou para as pessoas comprarem. Nesta semana, a lista inclui os sites da Aer Lingus, do serviço de táxi de Londres, do departamento de turismo de Londres, de Marie Stopes etc. e o valor total de mais de 2 mil euros.

— Isso aconteceu seis meses atrás — diz a Neeve do iPad. — Minha amiga está seguindo em frente com sua vida. Ela não se arrepende da sua decisão.

Não sei o que dizer. Estou preocupada com Neeve, com Sofie, até mesmo — para a minha vergonha — com mamãe: com sua conexão com o site de Neeve, pode ser que a vejam como alguém que incentiva abortos.

— Tenho que fazer isso — diz Neeve. — Tenho uma audiência fiel grande, tenho uma plataforma...

— Neeve, nem todo mundo vai concordar com você.

— Você tem razão. Vou perder inscritos. Talvez ganhe novos. Mas esse não é o motivo por trás disso.

— E seus patrocinadores? — E se ela perder renda por causa disso?

— Já conversei com eles. Ninguém viu problema.

— O que seu pai disse?

— Ele está tranquilo.

— E a vovó?

— A vovó sabe. De tudo. De Sofie. Ela está do nosso lado.

— Você vai receber muitas mensagens de ódio. Essas pessoas que ficam xingando na internet. E tudo que construiu...

— Vou mudar de posição, chamando atenção das pessoas que pensam como eu. Vou encontrar a minha tribo. O vídeo vai entrar no ar segunda à tarde.

120

Segunda-feira, 26 de junho

— Entrou no ar — anuncia Tim.

Merda. Alastair, Thamy e eu nos juntamos ao redor da tela dele para assistir ao vlog de Neeve sobre aborto. Passei a segunda-feira inteira nervosa. Em silêncio, assistimos aos quatro minutos e quarenta segundos.

— Que corajosa. — Tim soa como se achasse que ela é doida.

— Você devia se orgulhar — diz Alastair para mim. — Neeve é uma heroína.

Mas nem todo mundo vai achar isso.

De jeito nenhum vou conseguir trabalhar mais hoje. Fico monitorando os sites de notícia, o Twitter, aqueles fóruns horrorosos, e uma onda de comentários começa a surgir. Sigo o feed no YouTube, e, ainda bem, todas as postagens a apoiam. Continuo atenta. Mais de duas horas se passaram, e talvez tudo dê certo. E então...

— Ah, Deus, é... Um homem disse que vai esfaqueá-la.

Alastair vem correndo até mim e encara a tela.

— Ele acha que Neeve é a “amiga”.

— O que eu faço? — pergunto.

— Talvez não apareça mais nada estranho.

Porém, alguns minutos depois, outra pessoa surge, dessa vez dizendo que Neeve é uma assassina de bebês que vai queimar no inferno.

— Já era de esperar — murmura Alastair.

Uma mensagem nova aparece. Um homem diz que sabe onde Neeve mora e que pretende estuprá-la com uma garrafa de vidro quebrada. Começo a tremer.

— Essa gente — digo. — Essas ameaças. Podemos fazer isso parar?

— Talvez. — Alastair clica um pouco, e é como eu suspeitava. — São contas falsas. Não tem como rastrear. A polícia pode conseguir fazer algo mais sofisticado com a tecnologia que tem.

Volto para o Twitter: “Neeve Aldin” está nos Trending Topics da Irlanda.

Então, para meu horror absoluto, vejo que um anônimo tuitou o endereço dela no condomínio Beira do Rio. Ele está lá, exposto para o mundo todo, sendo retuitado diante dos meus olhos.

— Ligue para ela — chia Alastair.

Já estou ao telefone.

— Neeve. — Minha voz está trêmula. — Você está em casa? Precisa sair daí.

— Está tudo bem, mãe.

— Não, acabaram de colocar seu endereço no Twitter.

— Ah. Merda... Como?

Fácil — Neeve fez vlogs no seu apartamento chique. Declarou em público que estava morando numa propriedade do pai. A Irlanda é um lugar pequeno.

— Tem porteiro aqui — diz ela. — Entrada liberada por digitais. Câmeras de segurança. Estou segura.

— Prometa que você não vai sair.

— O assunto vai morrer daqui a algumas horas — diz ela.

— Até isso acontecer, não saia daí. Não atenda à porta para ninguém. Talvez fosse melhor avisar a segurança.

Neeve ri.

— Mãe, corta essa.

Desligo e pergunto para Alastair:

— Estou exagerando? São só homens estranhos e solitários batendo punheta em frente à tela?

— Ah, provavelmente.

Mas basta só uma pessoa mal-intencionada, determinada a moldar o mundo de acordo com suas preferências.

Paralisada, fico assistindo aos comentários. Tenho medo de parar de monitorá-los e algo pior acontecer. Há muita gente elogiando

Neeve, mas até essas pessoas presumem que ela seja a “amiga”, e a onda de positividade é equiparada à de ódio.

— Ah, Deus — digo. — Agora estão pegando no pé de Richie.

Muitos dos guerreiros de teclado fazem referência à matéria recente no *The Sunday Times* em que Neeve e Richie se vangloriavam de como são próximos.

“Richie Aldin pagou pelo procedimento da filha? Foi mal, pelo procedimento da ‘amiga’ da filha?”

E: “Richie Aldin abortou o próprio neto.”

Em casa, Sofie e Kiara fingem estar calmas, mas as duas não esperavam que Neeve fosse receber tanto ódio.

— Foi... *é* a coisa certa a fazer — insiste Kiara.

Escuto o som de uma chave na fechadura, e Hugh entra no vestíbulo.

Ah, certo, é segunda, noite de *Crazy Ex-Girlfriend*. Esqueci.

— Você está bem? — pergunta Hugh.

— Você ficou sabendo?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Vai ficar tudo bem — diz ele. — Ela vai ficar bem.

— Queria que ela estivesse aqui.

— Neeve deve estar mais segura no apartamento.

— Hugh, você se importa se cancelarmos o programa de hoje?

— Ah, não — diz Sofie. — Queremos que ele fique.

— Por favor — diz Kiara. — Deixe meu pai ficar.

— Tudo bem. Mas eu não vou assistir a nada.

Preciso ficar sentada na cozinha, monitorando as redes sociais, vendo se a situação piora.

Mas, quando o seriado começa, Hugh aparece na porta e diz:

— Por que não tenta assistir? Você precisa de uma folga dessa preocupação.

Hugh se aproxima, e tudo nele é reconfortante.

— Ela vai ficar bem? — pergunto.

— Ela vai ficar bem.

Ficamos sentados um ao lado do outro no sofá, ele segura minha mão, e eu deixo.

Depois que Hugh vai embora, decido que não vou a Londres amanhã. Pode ser que nada aconteça, mas pode ser que sim, e quero estar aqui caso Neeve precise de mim.

Eu me sento na cama, mando uma dúzia de e-mails cancelando minhas reuniões e enfim tento dormir.

121

Terça-feira, 27 de junho

Acordo ridiculamente cedo e na mesma hora procuro Neeve no Google. A coisa mais importante agora é a forma como a imprensa está retratando a situação.

Há uma matéria muito amigável no *The Irish Times* e outra no *The Examiner*. Por outro lado, no *The Independent*, um colunista famoso pega pesado com Neeve, chamando sua "artimanha" de histérica, imatura, espalhafatosa e totalmente patética. O *Daily Mail* tem um artigo ainda pior. Isso não é surpresa.

Um jornalista ataca Richie. Ele mal estava presente na vida da filha em dezembro, quando a viagem ocorreu, mas o fato de que os dois andam grudados nos últimos meses causa um baque na imagem dele. Os dois foram à pré-estreia de um filme na semana passada, e há até uma foto do "baile beneficente das pobres crianças cegas". As conexões dos dois são listadas — o fato de que Neeve mora no apartamento do pai, de Richie ter aparecido em alguns vlogs, até mesmo sobre como são parecidos.

Contanto que Neeve esteja bem, nada mais me importa. Quero ligar para ela, mas é cedo demais. Tenho que me contentar com uma mensagem de texto, mas não recebo resposta. Imediatamente, começo a pensar que ela foi assassinada e está caída numa poça de sangue em seu apartamento espalhafatoso.

Mas o que posso fazer além de me comportar como uma pessoa normal?

Acabo de chegar ao escritório quando ela me liga.

— Papai me expulsou de casa.

— O quê?

— Ele me expulsou do apartamento e pegou o carro de volta.

— Mas você não disse que ele estava tranquilo com o vlog?

— As críticas o pegaram desprevenido. Ele está fulo da vida, mãe. Posso ir para casa?

— É claro! Vou te buscar.

— Mããããe. — Por um instante, parece que ela sorri do outro lado da linha. — Eu pego um táxi.

— Mas... Olhe, tome cuidado, está bem? Tem gente, sabe, fazendo protesto do lado de fora do prédio?

— Ah, mãe. — Agora ela está sorrindo de verdade. — Sim, tem uma multidão lá fora, com placas.

— Tome cuidado para ninguém seguir você. Vou te encontrar em casa, ajudar a arrumar suas coisas. — Desligo e digo para Tim e Alastair: — Desculpe, rapazes, tenho que ir.

Quando chego em casa, exatamente uma hora depois de ter saído do trabalho, Neeve já se encontra lá dentro. Ela está pálida e com cara de assustada.

Há só uma mala de lona no vestíbulo, então concluo que Richie não a despejou de verdade, é só um surtinho.

— Não, mãe. — Ela lê meus pensamentos. — Ele queria que eu saísse imediatamente. Vai empacotar minhas coisas e mandar a van entregar.

Meu Deus do céu. Justo quando eu achava que Richie não pudesse piorar. Isso vai partir o coração de Neeve para sempre.

— Papai disse que não tinha problema eu tomar partido. Não entendo. — Ela está chorosa.

Mas *eu* entendo. Richie é um babaca sem qualquer senso de ética. Ele achava que ser a favor do aborto seria bom para a própria imagem, mas ficou assustado com tanta publicidade negativa. Quem sabe como as coisas vão terminar em longo prazo, se Neeve será declarada vencedora ou perdedora? Richie não tem coragem de manter seus princípios, nem mesmo pela filha.

Porém, como sempre, fico calada.

O som do meu telefone tocando faz nós duas darmos um pulo. É Hugh.

— Amy? — Ele parece frenético. — Onde você está?

— Em casa. O que houve?

— Neeve está com você?

— Sim, por q...

— Seu endereço foi postado num dos fóruns. As pessoas sabem que Neeve está aí, ou pelo menos suspeitam disso. De toda forma, é...

Com as mãos trêmulas, entro na internet. Ah, cacete, isso não pode ser real, não pode estar acontecendo — Hugh tem razão. Lá está o nosso endereço.

A situação já era difícil sabendo que as ameaças de estupro e morte dolorosa eram feitas contra Neeve enquanto ela estava segura, acomodada num apartamento moderno. Mas aqui? Nesta casa pequena numa área residencial?

Cenas surgem na minha mente com uma velocidade impressionante — um tijolo arremessado contra a janela, homens raivosos entrando na sala de estar vinte segundos depois, subindo as escadas em outros dez. Todas nós dormindo, sem nada para nos proteger nem ninguém para ajudar. *Quem é Neeve?* Se o alarme disparar, vai levar cerca de quinze minutos para a empresa de segurança ligar para ver se está tudo bem. Até lá, já estaremos todas mortas.

Se isso estivesse acontecendo com outra pessoa, eu pensaria: Sim, vai ser um período desagradável, mas nada vai acontecer com ninguém, esses covardes atrás do computador só gostam de botar banca para assustar os outros.

Mas, agora que é comigo, estou apavorada. Olho pela janela da cozinha, quase esperando encontrar homens espionando do outro lado ou a mão enluvada de alguém tentando abrir a maçaneta da porta dos fundos.

— Estou a caminho — diz Hugh. — Mas chame a polícia.

Ligo para a delegacia mais próxima, me sentindo idiota, aterrorizada e envergonhada ao mesmo tempo.

— Minha filha recebeu ameaças de morte.

Dentro de vinte minutos, uma dupla de policiais chega, uma mulher e um homem, que insistem que as ameaças devem ser levadas a sério. O homem vai verificar se estamos vulneráveis a uma invasão, e a mulher começa a anotar todos os detalhes. Então ela encontra algo no vestíbulo. Assustada, pula e grita:

— O que você está fazendo aqui?

É Hugh. Ah, graças a Deus, é só Hugh, que deve ter entrado com sua chave.

— Não tem problema, oficial... sargenta. — Não faço *ideia* de como funciona a hierarquia policial. — Esse é meu marido, ex... o padrasto de Neeve.

— Ele mora aqui?

— Não, mas não tem problema, sabemos quem ele é.

O policial volta e diz para Neeve:

— Você não deve ficar aqui. Pode passar alguns dias na casa de algum amigo? Até as coisas se acalmarem?

— Hum, claro, só preciso fazer uma ligação.

Neeve aperta um botão e começa uma conversa animada, cheia de “Claro!” e “Pois é!”, como se receber ameaças de morte fosse a coisa mais divertida do mundo. Mas, quando começa a pedir por acomodação, a coisa muda de figura. Parece que toda a energia se esvai dela.

— Certo. Eu entendo. Claro. Sim. Até logo.

Ela liga para outra pessoa e tem uma conversa quase idêntica. Quando desliga, Hugh pergunta:

— O que houve?

— Estão assustados demais para me abrigar.

— Que tal um hotel? — sugiro.

Mas essa não era a opção preferida da polícia: oportunidades demais de ser vista.

Hesitante, Hugh diz:

— E o meu apartamento? Não há quase conexão alguma entre mim e Neeve. Não faz muitos meses que moro lá. Nós temos sobrenomes diferentes.

Os policiais gostam da ideia e, depois de estabelecerem que Hugh mora sozinho, sem nenhum colega de apartamento esquisito que pudesse denunciar Neeve, parecem satisfeitos em deixá-la ir.

— Por quanto tempo? — Neeve está chorosa.

— É impossível dizer. O senhor também ficaria lá, Sr. Durrant?

Hugh olha para Neeve.

— Não preciso ficar. Posso ir para a garagem de Nugent.

— Tem espaço para nós dois no apartamento? — pergunta ela. — Eu me sentiria mais segura se você estivesse lá.

A polícia dá a notícia de que terão que levar o laptop de Neeve, e, pela primeira vez, acho que ela *vai* desmaiar.

— Também não aconselhamos que você e outros ocupantes da casa permaneçam aqui — diz a policial. — Pelo menos por alguns dias.

— Vou ligar para minha mãe.

Por sorte, mamãe está em casa e não bebendo gins-tônicas por aí. Começo a explicar a situação, mas ela entende na mesma hora.

— Então, Sofie, Kiara e eu podemos passar uns dias aí?

— E Neeve?

— Ela vai ficar com Hugh.

— Com Hugh? Mesmo sem ele ser o pai dela de verdade? — A risada de mamãe é amargurada. — Que sorte ele nunca ter se ressentido dela por isso, não é?

Mamãe e papai estão sentados no quintal com a grama alta demais, tomando chá.

— BEM NA HORA! — É assim que papai me recebe. — ESSA MULHER ACABOU DE ACEITAR SE CASAR COMIGO!

— Vá na onda dele — diz mamãe.

— Parabéns, papai.

— ELA É A MULHER DOS MEUS SONHOS. ESTOU EXPLODINDO DE ALEGRIA.

— Que boa notícia. — De certa forma, estou falando sério.

Logo, papai sente necessidade de voltar para seus serial killers. Fico lá fora com mamãe.

— Pobre mamãe. — Minha pena é profunda. — Você ainda encontra seus amigos de gins-tônicas? — É uma dúvida real, perguntada sem malícia.

Uma longa pausa se segue enquanto ela encara o próprio colo. Depois de um tempo, ergue a cabeça.

— É difícil, Amy, morar com alguém lelé da cuca.

— Eu sei.

— Não sabe. Você não faz ideia. Mas a história com meus amigos de gins-tônicas não era nada. Só uma distração. — Ela agarra meu pulso e me força a encará-la. — Eu nunca faria nada para magoar

seu pai. Bem ou mal, essa foi uma responsabilidade que assumi quando me casei com ele.

— Mas você nunca poderia ter previsto uma coisa dessas, não é?

— Essa é justamente a questão, Amy. É fácil amar alguém quando tudo está indo bem. Dá para fazer isso com um pé nas costas. O teste real é quando o outro começa a encher o saco, como diz Neeve. É isso que o amor significa *de verdade.*

— Isso não faz de você um capacho?

— Existe uma diferença — ela está estranhamente séria — entre ser uma idiota e perdoar alguém por ser humano.

— Ótimo. Bem. — Quero escapar logo dela e de seu humor estranho. — É melhor eu ir pegar lençóis e tal, organizar as coisas para mim e as meninas.

— Pode ir — grita ela às minhas costas. — Resolva suas coisas, Amy. Resolva suas coisas.

122

Sexta-feira, 30 de junho

As redes sociais continuaram inundadas com promessas de uma variedade de mortes lentas e dolorosas para Neeve; os principais jornais e programas de televisão a chamavam de boba, histérica e escandalosa.

Mas, na manhã de quinta, eu quase conseguia sentir o interesse se esvaindo, como uma maré que baixa. As postagens no Twitter, Facebook e YouTube foram se extinguindo, e, na tarde de quinta, tudo havia acabado.

Neeve recebeu permissão de voltar para casa, e estou começando a me perguntar, com certa vergonha, se não exageramos.

Na manhã de sexta, Sofie e Kiara partem para a Suíça. Hugh e eu nos encontramos no aeroporto para nos despedirmos delas. Depois de inúmeros abraços e perguntas, alguns conselhos despreocupados e mais abraços, finalmente chega a hora de deixá-las ir. Kiara desaparece primeiro por trás da inspeção de segurança. Mas, logo antes de Sofie sumir de vista, ela se vira e olha para mim e Hugh. Devagar, ela dá batidinhas no coração e gesticula um "Obrigada" com a boca. Há um sorriso em seu rosto, mas, mesmo ao longe, as lágrimas em seus olhos são visíveis.

Na mesma hora, também começo a chorar.

Eu me viro para Hugh.

— Você lembra...

— ... quando ela chegou da Letônia? — Os olhos dele também brilham.

— ... e estava tão assustada? Ela só confiava em você.

— ... e lembra quando compramos a cama?

— ... e a pintamos de cor-de-rosa?

— ... e você fez aquele tecido mágico?

— Olhe só para ela agora, Hugh.

— Fizemos bem, não fizemos, querida?

— Fizemos, sim. — Minha boca está trêmula.

— Podemos nos orgulhar disso. — Hugh me lança um sorriso enorme, reconfortante, e quero me jogar contra o seu corpo. — Certo, é melhor eu ir — diz ele. — A gente se vê.

— Quando?

Hugh parece surpreso.

— Em setembro — respondo à minha própria pergunta.

Não há motivo para nos vermos antes de as meninas voltarem.

— Bem, a gente podia... — começa ele.

Não, setembro está ótimo. Eu queria um tempo afastada para conseguir me recuperar de verdade. Essa é a minha chance.

São onze e meia quando chego ao trabalho.

— Você chorou? — pergunta Alastair.

— Não muito. Só no fim.

— Insensível.

— Alastair? Só vou ver Hugh de novo em setembro.

— Mas isso é bom. Você finalmente se livrou das amarras e pode passar o verão se esquecendo dele. — E então: — O quê? O que houve?

— É só que não consigo suportar a ideia de eu estar daqui a um ano ou cinco anos ou vinte anos sem Hugh.

— Ah. — Ele pisca. — Isso... é uma declaração e tanto, Amy.

— Achei que esse tipo de sentimento por ele tivesse sido, tipo, *extinto*...

— Ahhh, talvez você queira rever essa ideia.

— Não entendo o que está acontecendo comigo.

— É você que sempre diz que um caso de amor é como qualquer outro relacionamento, que duas pessoas podem ser muito próximas, depois ter uma briga terrível e então fazer as pazes. Siga seus próprios conselhos.

— Tenho que pensar um pouco.

— Você pode fazer um retiro de silêncio. — Ele está animado. — Na abadia de Glenstal? Vou falar com eles. O pessoal de lá

quebraria o galho, passaria você na frente da fila.

— Nada de abadias, nada dessas bobagens. Minha própria casa vai estar completamente silenciosa. Faço meu próprio — eu me sinto idiota só de dizer a palavra — "retiro" lá.

* * *

Às duas horas, pego minhas coisas.

— O que houve? — pergunta Tim.

— Preciso ir. Desculpe. Vou trabalhar de casa. Neeve está vindo buscar as coisas dela. A van de Richie deixou tudo lá ontem à noite.

— Ela já achou um apartamento novo?!

— Ao contrário de nós, ela tem bastante dinheiro. — Sinto que deveria fazer um acréscimo. — Tim, depois deste fim de semana, tudo volta ao normal. Não vou mais faltar.

— Que bom. Fico feliz de ouvir isso.

— Deixe Amy em paz — berra Alastair. — A vida dela anda uma merda!

— Não tem problema. Pare. Está tudo ótimo. Tchau.

Sigo para a porta, e Alastair grita às minhas costas:

— Boa sorte com seu retiro de silêncio!

Neeve não parece abalada com seu julgamento público.

— São nos momentos de crise que descobrimos quem são nossos amigos. — Ela está filosófica. — Ou seria melhor dizer que descobrimos quem *não são* nossos amigos?

Não sei ao certo se ela está falando dos amigos que não a ajudaram ou se isso é uma referência a Richie. E, então, tudo fica claro.

— Papai sempre foi assim? Egoísta? Achando que o mundo gira ao redor dele?

Hesito antes de meter o pau em Richie. Neeve tem o sangue dele — metade do DNA dela vem do pai. O que posso dizer que não invalide a forma como ele a tratou *nem* a faça temer que acabe com a mesma personalidade?

— Seu pai era diferente quando nos conhecemos — digo. — Ele era ótimo naquela época. Muito amoroso.

— E o que aconteceu?

— Acho... talvez muito sucesso quando era jovem demais?

Realmente não sei, e não consigo pensar em nada além disso.

— Eu tenho sido babaca ultimamente — diz ela. — E coincidiu de acontecer ao mesmo tempo que passei a fazer sucesso.

Meu instinto é dizer que isso é bobagem, mas ela tem sido horrível *mesmo*.

— Desculpe, mãe. E desculpe pela cerimônia de Robert.

Eu me obrigo a dizer:

— Hugh ficou mais chateado que eu. Você devia pedir desculpas a ele.

— Tudo bem. Ei, você já foi ao apartamento de Hugh? — pergunta ela. — Ah, *mãe*. Tipo, ele deixa tudo limpo e tal, mas é tão pequeno, tem tipo uns pedaços de cortiça no teto, que caem o tempo todo, e, ah, é bem ruim. Ele não merece viver daquele jeito. — Ficamos sentadas em silêncio, e então ela continua: — Eu sempre impliquei com Hugh, achava que ele não era bom o suficiente para você.

— Sério? Acho que nunca percebi.

De brincadeira, ela me empurra.

— Eu estava errada, mãe. Ele é muito legal. Eu costumava achar que ele só me tratava bem para me conquistar, mas é verdadeiro.

— Ah.

Agora, isso não adianta de nada.

— Richie só se interessou por mim enquanto pensava que eu fazia bem para a imagem dele, e me dispensou logo que a situação começou a ficar ruim. Mas Hugh, que nem é meu pai de verdade, me cedeu a própria cama. Ficou dormindo no chão da cozinha. Ele comprou donuts para mim e fazia comida. E me emprestou seu laptop e o carro.

— Sinto muito por Richie — digo.

— É uma droga. — Neeve suspira e seca uma lágrima. — Não sei por que, mas ele nunca vai me amar.

Ai, meu Deus.

— Neeve!

— Não tem problema. A culpa não é minha. Só porque ele não me ama, não significa que outras pessoas não amem.

— Acho que ele só ama a si mesmo — digo. — Eu te amo. Todos nós te amamos.

— Obrigada, mãe, também amo você. Então! Você acha que vai voltar com Hugh? Eu acho que você deveria.

— Por favor. Você viu as fotos dele com aquela escocesa.

A expressão dela se torna atormentada.

— Sim. Todo mundo acharia que você é uma idiota de voltar com um cara infiel. Desculpe, mãe. É melhor eu não me meter nas coisas dos outros. A gente se vê na casa da vovó e do vovô.

Assim que chego na casa de mamãe, Derry grita do outro lado da cozinha:

— Puxa vida, como eu tenho planos para você neste verão!

Maura ergue a cabeça.

Não! Depois de meses de liberdade sem ela interferir na minha vida, não quero um retorno disso.

As pessoas estão zanzando ao redor — Dominik, Siena, os pirralhos de Joe, Declyn, mamãe...

— Faz nove meses que você e Hugh se separaram. Chegou a hora de conhecer um homem novo! — declara Derry.

— Não. Tipo, de jeito *nenhum*. Não quero outro homem, nunca mais. Já chega. — Eu me aproximo dela. — Derry, não vamos ter essa conversa, não aqui.

— Sente-se. — Ela puxa duas cadeiras para um canto.

Mas mamãe ocupa uma delas.

— Sou sua mãe — diz ela. — Talvez eu possa compartilhar minha sabedoria.

Se isso acontecer, vai ser um evento raro.

— Vamos lá — diz mamãe para Derry. — Explique a ela.

— Amy, você só tem 44 anos — começa Derry.

— No mês que vem, 45.

— Você ainda tem uma vida inteira pela frente, vai ficar solitária.

— Mas um homem não vai me fazer me sentir menos solitária.

— Você não me entendeu. Se você o amasse, não se sentiria sozinha.

— É *você* quem não entendeu: eu não o amaria. Chega disso. Já amei homens o suficiente. Não tenho mais amor para dar.

— O que você quer dizer é que ainda ama Hugh.

Com cuidado, digo:

— Eu *amo* Hugh. De certa forma.

— De *que* forma?

— Como um amigo. — Depois de alguma insistência, conto a Derry e mamãe sobre a noite em que Hugh disse que sempre assinaria o clube do queijo para mim. — Senti tanto amor por ele quando ouvi aquilo.

— Um amor de amigo? — Derry parece desconfiada. — Tem certeza de que era *só* isso?

— Com certeza era amor.

— *Seeeei.* Ah, Neevey, o que você acha?

Neeve acabou de chegar e se mete no nosso grupinho.

— Mãe. — Ela parece ansiosa. — Estou me sentindo mal. Sobre algo que disse mais cedo. Sobre você parecer uma idiota se aceitasse Hugh de volta.

— Não tem problema, Neevey. É o que todo mundo acharia.

— Quem são essas pessoas todas que você acha que te julgariam? — interfere mamãe. Ela estava ouvindo em silêncio até agora.

— Bem, Steevie e Jana, e tal.

— Quem se importa com o que elas pensam? — diz Derry. — De toda forma, você também traiu. Tecnicamente, antes de Hugh. Você pode liberar um comunicado de imprensa, contando para todo mundo que fez isso primeiro. Amy vence nas traições! Então ninguém vai te julgar por ser uma mulher idiota.

— Você traiu mesmo? — Neeve está chocada.

— Agora não, Neevey, *por favor*.

— Tudo bem. Mas a questão mais importante é: *você* se acharia uma tola se voltasse com Hugh?

— Sim. — Preciso ser sincera. E então: — Mas não sei se me importo com isso.

— Não se esqueça do que eu disse — comenta mamãe. — Sobre amar o outro quando ele está na pior.

— Isso é uma receita para aturar desaforo!

— Nem tudo na vida é preto e branco! — De repente, mamãe está animada. — A vida se trata das partes cinzentas. Se Hugh fosse o

tipo de homem que tem o hábito de ser asqueroso, eu não diria para você lhe dar outra chance. Mas ele é ótimo.

— Até parece que vocês querem que eu volte com ele!

— Nós queremos!

123

Sábado, 1º de julho

Acordo com um pensamento: essa é a minha vida. Só tenho uma. Deveria vivê-la como eu quiser.

Enquanto tento estabelecer o que quero exatamente, o telefone toca: Alastair. Eu não devia, mas atendo.

— O que foi?

— Olá para você também, Amy.

— Você sabe que estou fazendo meu retiro de silêncio.

— Sim, mas escute! — A voz dele está fervilhando de animação. — Estou num curso agora e acabei de ouvir um negócio que *com certeza* vai te ajudar. Você *precisa* ouvir isso. O que você faria se não sentisse medo?

— Medo de quê?

— Não sei. Medo de se magoar de novo? Medo de ser julgada pelos outros? Medo de ficar sozinha?

— Não tenho medo de ficar sozinha.

— Então do que tem medo?

— Preciso conversar com alguém sobre isso.

— Você está conversando.

— Quer dizer, um amigo.

— Eu *sou* seu amigo.

— Sim, mas... — O *que* eu quis dizer?

O que eu quis dizer é que só tem uma pessoa que me entende de verdade. E meu maior medo neste momento é completar 70 anos e perceber que se passaram 25 desde que terminei com Hugh.

— Ligue para ele, Amy, pelo amor de Deus.

Alastair desliga.

* * *

Vamos com as cervejas para o quintal e sentamos de pernas cruzadas, encarando um ao outro.

— Preciso falar com você — digo. — Estou me remoendo, me perguntando qual é a coisa certa a dizer.

— Sobre o quê?

— Preciso que alguém sábio, tipo a Oprah, me diga: "Amy, essa é a sua vida. Você é a única pessoa responsável por vivê-la. Faça o que te deixa mais feliz." Preciso que alguém me dê permissão.

— Você pode dar permissão a si mesma.

— Devo voltar com você? Sem quebrar todos os seus discos?

— Por favor, pode quebrar todos — diz ele. — Você pode quebrar tudo que tenho se isso te fizer me aceitar de volta.

— Então não faz sentido. Preciso te magoar.

— Você *está* me magoando. Cada segundo sem você é uma agonia.

Lágrimas surgem nos olhos dele.

— Não quero te magoar — digo. — Só às vezes. Tenho esses surtos de raiva e sinto vontade de ser má com você.

— Então seja má. Estou disposto a aguentar a barra.

— Mas e se você cansar? Vai embora de novo?

— Não.

— Nos seis meses desde que voltou, você... sabe... transou com alguém?

— Não.

— Talvez você esteja mentindo.

Hugh vasculha os bolsos.

— Pegue meu telefone. Você sabe a senha. Veja as mensagens, as ligações, qualquer coisa que quiser. Pode ver. — Ele pressiona o aparelho contra mim.

— Você pode ter apagado as coisas.

— Então veja a lixeira.

— Você pode ter outro telefone.

— Não tenho. Mas fique à vontade para me revistar.

— Você não vai ficar esperando para sempre — digo. — A vida não funciona assim.

— Funcionou em *O amor nos tempos do cólera*.

— Sul-americanos são assim. Nós somos irlandeses.

— Vou esperar para sempre — diz ele. — Você é a melhor pessoa. A mais doce, a mais sexy, a mais bonita, a mais interessante. Juro que nunca mais vou te magoar.

— Você não pode prometer isso. Ninguém pode.

— Querida, não sou um desses caras. Algumas pessoas são naturalmente infiéis. Elas traem e seguem em frente. Não sou assim. Na viagem, era você quem eu queria. Mesmo quando estava com outras garotas, sentia sua falta.

— Viu? Agora quero te dar um soco por me lembrar delas.

— Então me dê um soco.

Não. Espero até a raiva passar.

— O que eu significo para você? — pergunta Hugh. — Esqueça a parte sobre como sou "bom" por "aceitar" Neeve e Sofie. O que significo para *você*?

— Você é a pessoa com quem mais quero assistir à televisão. Você é meu melhor amigo, e eu te amo. E — acrescento: — você é um homem. Um homem bem sexy. — Faço uma pausa. Porque ele *é mesmo* bem sexy. — Achei que meu amor tinha acabado quando vi aquela foto. Mas ele voltou.

— Ah, uau. — Sua voz está baixa, e seu rosto, radiante.

— Mas, Hugh, eu não aprendi com meus erros. Ainda não sei por que comecei a... me engraçar, sabe, a flertar... com Josh.

— É claro que aprendeu. Você disse que, se pudesse voltar no tempo, não teria saído com ele.

— Mas e se eu começar a gostar de outra pessoa? Tipo, não quero. Mas e se acontecer?

Hugh dá de ombros.

— Não faça nada.

— Simples assim?

— A vida é imprevisível. Tudo tem seu risco. Mas você pode decidir não fazer nada caso isso ocorra outra vez.

— Isso é muito sábio da sua parte. E se você decidir que quer fugir de novo?

— Não vou.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu tenho.

— Tudo bem. — Com cautela, digo: — Então não vou gostar de mais ninguém, e você não vai fugir. É isso mesmo?

— É.

— Tudo bem. Tudo bem?

Ele parece estar achando graça.

— Tudo bem.

— É só isso?

— É só isso o quê?

— Achei que, se a gente voltasse, seria mais dramático.

Hugh não se move, mas seus olhos escurecem.

— Se você quer drama, posso te mostrar drama.

Epílogo

Neeve ajeitava a rosa branca na lapela de Hugh.

— Você não consegue parar quieto?

— Eu *estou* quieto.

Mas não estava. No seu terno elegante — em qualquer terno, na verdade —, ele parecia desconfortável, apesar de estar bonito e imponente.

— Veja só você — comentei. — O pai da família.

— Veja só *você* — respondeu ele. — A esposa gostosa.

— Que nojo. — Neeve revirou os olhos.

— Ela está descendo — grita Kiara de cima da escada.

Mamãe, Derry e Maura estavam entre as pessoas que correram para o pé da escada para ver Sofie começar sua decida cuidadosa. Seu vestido era simples, reto, de seda, e não havia nada no cabelo louro além de flores frescas. Parecia que ela havia saído de um conto de fadas.

Pego a mão de Hugh e a aperto.

— Não é tarde demais para mudar de ideia — grita Neeve para ela.

— Quieta.

— Sério — disse Derry. — Vinte e seis anos é uma idade jovem demais para casar.

— Cale a boca. — Maura estava indignada.

Sofie era a primeira da nova geração a casar. Se pudesse, minha irmã teria guardado cada um dos sobrinhos em caixinhas para mantê-los em segurança — ela não permitiria que nada estragasse o momento.

— Só porque Alastair não toma uma providência — zomba mamãe.

— Rá. — Derry permanece despreocupadamente indiferente. — Ele casaria comigo num piscar de olhos.

— Mentira.

— Só porque você queria que ele fosse *seu* namorado.

Mamãe levou uma das mãos ao peito e arfou.

— Só faz três anos que o pobre papai se foi. Como ousa?

— Queria que ele estivesse aqui hoje — disse Sofie.

Por mais intratável que ele fosse, todos sentimos muita falta de papai.

— Mas ele não saberia onde estava — comentou mamãe. — Foi melhor assim.

Quando papai finalmente faleceu enquanto dormia, tranquilo, já havia perdido completamente a cabeça. Ele não reconhecia mais ninguém, e isso tinha sido difícil. Mas fez diferença o fato de que sofrêramos nosso luto enquanto ele ainda estava vivo.

O fotógrafo, que estava mexendo nas suas coisas, se enfiando na frente de todo mundo, gritou:

— Podemos juntar a noiva e as madrinhas?

Ele as arrumou no primeiro degrau da escada, onde pareciam um trio comicamente descombinado: Sofie, pequena e luminosa; Kiara, séria e sem maquiagem; e Neeve, brilhante de um jeito nada natural — quase com uma aparência plastificada, do jeito que estrelas da mídia costumam ser.

— Você está uma tristeza. — Neeve deu um peteleco no ar, na direção do rosto limpo de Kiara.

— *Você* está uma tristeza.

Kiara afastou a mão da irmã, e as duas riram.

Ela dispensara o serviço de cabelo e maquiagem que Neeve conseguira de graça. A única coisa em sua aparência que Neeve aprovava era seu bronzeado. Apesar de ter suspeitado que um dia ela deixaria para trás suas tendências altruístas, assim que Kiara terminou seus estudos, conseguiu um emprego em uma ONG. Ela crescera rápido dentro da organização e, cerca de dezoito meses atrás, fora promovida para vice-diretora na sede da Uganda.

Um telefone na mesa do vestíbulo apitou.

— É Jackson — gritou Derry para Sofie. — Ele está implorando por outra chance.

Uma risada bem-humorada se seguiu. Sofie e Jackson tinham terminado o namoro três anos depois da formatura, mas continuavam melhores amigos.

O futuro marido de Sofie, David, era pesquisador no laboratório onde ela trabalhava. Ele a compreendia do mesmo jeito que Jackson compreendera.

(Mesmo assim, pensei, os dois eram jovens *demais* para se casar. Mas todo mundo tem a própria vida. Ninguém mais pode vivê-la por nós.)

— É melhor a gente ir — disse Maura.

— Fique à vontade — respondeu mamãe. — Ninguém vai te impedir.

— Você vem comigo — disse Maura.

— Porra nenhuma. Vou no conversível de Derry. Podemos abrir o teto, Der?

— Mãe, *não*. Esqueceu o nosso *penteado*?

— Não quero ir sozinha. — De repente, a voz de Maura ficou chorosa.

— O Pobre Coitado vai te encontrar lá, não vai?

— Mas quero companhia durante o caminho!

Hugh se aproximou de mim.

— Daqui a pouco — murmurou ele —, esse povo todo vai embora. Vamos ter a casa só para nós de novo. — E me deu uma piscadela.

— Ah, vamos?

— Ah, *vamos*.

De repente, me lembrei daquele verão, tantos anos atrás, quando Hugh voltara para casa.

Tinha sido uma época extraordinária — a casa vazia, toda aquela liberdade, a emoção interminável das redescobertas. Parecia que tínhamos acabado de nos conhecer e estávamos vivendo os primeiros dias inebriantes de um caso de amor. A gente se sentia — e agia — como se fôssemos *jovens*. Saíamos mais cedo do trabalho para nos encontrarmos, íamos a bares e enchíamos a cara, passávamos fins de semana inteiros na cama.

Tudo ficou uma verdadeira bagunça.

Paramos de cozinhar — se comíamos, eram jantares impulsivos em restaurantes ridiculamente chiques ou, tão divertido quanto, kebabs em fins de noite depois de uma bebedeira. Todas as tarefas de casa foram abandonadas, assim como qualquer sinal de

orçamento. Hugh me levara para fazer compras na Brown Thomas, tirando coisas das araras e insistindo que eu as provasse. Eu tinha ficado apaixonada por um vestido da Sandro, mas não deixei que ele comprasse. No dia seguinte, quando cheguei do trabalho, uma bolsa da Brown Thomas me aguardava.

Passamos dois meses assim, numa fase do nosso relacionamento que havíamos perdido no início.

— Estamos compensando o tempo perdido — dizia Hugh com frequência.

E não se tratava só de sexo — apesar de isso acontecer bastante —, mas da novidade de ser o único foco um do outro. A gente conversou tanto durante aqueles dois meses, raramente sobre assuntos profundos, mas sobre coisas divertidas e detalhes ocasionais que nos surpreendiam. Quer dizer, como eu consegui passar dezoito anos com Hugh sem saber que, por três meses durante sua adolescência, ele fazia entregas de moto? Ou como ele não sabia que eu já tinha ordenhado uma vaca? Afinal de contas, era uma das conquistas das quais eu mais me orgulhava!

De vez em quando, a velha fúria surgia dentro de mim, e eu passava metade de um dia atacando Hugh. Mas ele aceitava tudo sem reclamar e nunca me lembrava do meu flerte com Josh, que tinha acontecido antes de suas aventuras.

Não quebrei sua coleção de discos — não infligi qualquer punição dramática. Não tive estômago para isso. Nós havíamos passado por coisas demais — nós dois —, e a ideia de adicionar mais sofrimento à história me causava repulsa.

Dava para imaginar o que Steevie pensava de mim, mas não me importava.

A única certeza que eu tinha era de que queria ser feliz pelo máximo de tempo possível, e cada segundo com Hugh era muito melhor do que sem ele.

No fim daquele verão, Sofie e Kiara voltaram da Suíça. De certa forma, a vida ficou mais fácil: havia menos gente zanzando pela casa agora que Neeve tinha se mudado. Pelo mesmo motivo, tínhamos mais dinheiro. Além disso, Sofie havia amadurecido, então havia menos drama, menos preocupações.

Era como se Hugh e eu tivéssemos começado um casamento novo. As expectativas de cada um sobre o outro eram mais realistas, e a inocência anterior desaparecera. De alguma forma, isso parecia triste.

E então deixou de parecer. A gente seguiu com a vida.

Com o tempo, meus ataques de raiva foram embora. (Provavelmente na mesma época em que nossa vida sexual voltou ao ritmo normal.)

— Temos que ir. — Kiara me trouxe de volta ao presente. — Sofie e papai só podem sair depois que a gente for.

Todo mundo saiu correndo para os carros, e a frente da casa ficou vazia numa velocidade impressionante, até restarmos apenas Hugh, Sofie e eu.

— Até logo. — Eu beijei Hugh.

— Mãe! — gritou Neeve do carro. Ela ia levar a mim e a Kiara. — Vamos *logo*.

— Você não pode vir comigo? — perguntou Hugh.

— No carro com você e Sofie? Não, seu bobo.

— Não quero ficar sem você.

— A gente vai se ver em quarenta minutos.

Mas eu tinha entendido. Conforme envelhecíamos, nos tornávamos mais dependentes um do outro.

— E se eu fizer bobagem enquanto estou levando Sofie até o altar? E se eu chorar? E se eu tropeçar e derrubá-la?

Eu ri.

— Isso não vai acontecer.

— Mãe!

— Estou indo!

Enquanto Neeve dirigia, ela voltou ao assunto do casamento de Sofie acontecer ao ar livre.

— Uma cerimônia a céu aberto na *Irlanda*, mesmo em agosto, é se arriscar de um jeito que beira à psicopatia.

Apesar de várias pessoas darem “uma palavrinha” com ela, ninguém fora capaz de convencer Sofie a não realizar a cerimônia na fazenda das Macieiras.

— Mas o tempo está ótimo hoje — disse Kiara.

— Por enquanto — respondeu Neeve, mal-humorada. — Tudo pode mudar num segundo, não pode? O que mais me irrita é que Sofie fica se fazendo de boazinha, quando na verdade é a pessoa mais teimosa que já conheci.

— Talvez tudo dê certo.

Talvez desse mesmo.

— Onde fica essa porcaria de lugar? — perguntou Neeve.

A gente tinha saído da estrada e entrado numa ruela estreita, ainda mais apertada pela vegetação exuberante de fim de verão crescendo por cima dos muros e das cercas que nos ladeavam.

— Não são assustadores? Esses arbustos?

— Chegamos! — gritei. — Entra aí. — Saímos da ruela e entramos em uma estrada de terra, passando por uma casa branca de fazenda. — E está todo mundo aqui!

De repente, várias pessoas estavam zanzando no pôr do sol, seus trajes elegantes combinando de forma surpreendente com a beleza verdejante. Vi Joe e Siena, Declyn e Hayden, e o noivo, parecendo um pouco nervoso. Ao seu lado estavam a mãe e as duas irmãs, usando chapéus impressionantes. Tive um vislumbre da expressão de mamãe: ela parecia bem irritada.

E lá estava Urzula, com o semblante tão emaciado e magro como sempre. Fiquei feliz em vê-la: sua ausência deixaria Sofie chateada.

Os filhos de Joe, Finn, Pip e Kit — cada um mais magricela e desajeitado que o outro —, estavam guiando as pessoas para seus lugares. Kit, com um pomo de adão do tamanho de um carro compacto, disse:

— Amy, posso acompanhar você ao seu assento?

— Claro que sim.

— Por aqui.

Ele apontou para um caminho por entre árvores nodosas, com os galhos pesados de frutas.

Pelo menos havia uma passarela de madeira para meus saltos não afundarem na terra macia.

A clareira se abriu para revelar cem cadeiras brancas, organizadas em ambos os lados de uma nave improvisada, que levava a uma pérgula delicada, enfeitada com flores e pequenas maçãs.

As cadeiras estavam adornadas com fitas lustrosas que se balançavam ao sabor da brisa. Dava para sentir o cheiro das maçãs do pomar — e então, bem no meu ouvido, Neeve disse:

— Basta uma tempestade rápida para destruir essas cadeiras e a pérgula.

— Pare com isso, sua estraga-prazeres. Está tudo lindo.

— Ela chegou — gritou alguém. — Sentem-se. Todos em posição.

David foi correndo para a pérgula, seguido pelo padrinho e o ministrante. Os convidados se acomodaram rápido, e então a música começou.

A primeira a aparecer na nave, numa velocidade de tartaruga, conforme instruído, foi Maisey, a dama de honra, e então Kiara, seguida por Neeve, que exibia um sorriso enorme. Finalmente, Sofie e Hugh pararam no ponto em que o tapete vermelho começava. Ela parecia extremamente feliz e bonita. Eu sabia que não podia derramar uma única lágrima, porque, se começasse, seria incapaz de parar.

Hugh disse algo para Sofie, que lhe deu um tapinha encorajador, prendeu sua mão ao braço dele, e os dois começaram sua caminhada.

Engolindo em seco, eu os observei. Naquele terno nunca usado, Hugh parecia um bonito desconhecido. Meu coração se inundou de tanto amor por ele e por Sofie e por Neeve e por Kiara que chegava a ser doloroso.

Hugh era só sorrisos, e seus olhos brilhavam, como se ele fosse capaz de explodir de orgulho. Quando os dois chegaram à pérgula, ele gentilmente soltou a mão dela e lhe “entregou” para David, então se afastou pela nave até o lugar que guardei. E segurou a minha mão.

— Sim — sussurrei, respondendo à sua pergunta não dita. — Você foi ótimo. Não podia ter sido melhor.

Agradecimentos

Obrigada a todos na Michael Joseph por me publicarem com tanto entusiasmo, talento e atenção aos detalhes, com um agradecimento especial à renomada Liz Smith.

Obrigada a Jonathan Lloyd, o rei dos agentes, e a todos da Curtis Brown por tomarem conta de mim e dos meus livros.

Obrigada a Annabel Robinson e a todos da FMcM por manter meus livros na mídia.

Obrigada às minhas editoras estrangeiras pelo mundo, sou muito grata pela oportunidade de me conectar com tantos leitores.

Várias pessoas leram este livro enquanto ele era escrito e me deram feedbacks inestimáveis — um agradecimento sincero a Suzanne Benson, Jenny Boland, Roisin Ingle, Cathy Kelly, Caitriona Keyes, Mammy Keyes, Rita-Anne Keyes, Colm O'Gorman e Louise O'Neill.

Minha gratidão especial e de coração a Kate Thompson, que leu inúmeros rascunhos desta história e continuou acreditando, mesmo quando eu não acreditava em mim mesma.

Obrigada a Betsey Martian do Twitter pela palavra "escandinites".

Obrigada a Bronagh Kingston, que fez uma doação a Carol Hunt para ter um personagem nomeado em sua homenagem.

Obrigada a Caroline Snowdon, que fez uma doação para a Highgate Has Heart (que ajuda refugiados), para ter um personagem nomeado em sua homenagem.

Obrigada a Ele, que sempre me apoia. Sua crença no meu trabalho é inabalável, seu apoio é constante, e suas críticas são boas e construtivas. Nada disso seria possível sem sua ajuda.

Obrigada a vocês, meus amados leitores, por continuarem comigo por todos esses anos, e em especial pela paciência de aguardarem este livro. Espero que o próximo não demore tanto...

Algumas informações sobre a viagem de Amy para a Sérvia: Dušanka Petrović existe de verdade, mora em Jagodina, que fica a

uma hora e meia de viagem de Belgrado. Adoro seus quadros, mas não conseguia encontrar quase nada sobre ela. No entanto, em novembro de 2016, algumas conexões foram feitas, e fui à Sérvia conhecê-la.

Obrigada a Ljiljana Keyes por fazer as ligações que acabaram encontrando Dušanka. Obrigada a Marica Vračević, Nina Krstić e toda a equipe maravilhosa do Museum of Naïve and Marginal Art de Jagodina que intermediaram a apresentação. Obrigada à minha sobrinha maravilhosa, Ema Keyes, que foi comigo e com Ele e traduziu tudo no museu, no hotel e para a própria Dušanka com uma habilidade maravilhosa.

Infelizmente, o Hotel Zaga de Belgrado é imaginário. Em vez disso, fiquei num lugar chamado Square Nine — é fabuloso, mas, em vez da decoração de arte popular do hotel imaginário, ele tem a elegância e a modernidade de meados do século.

Por fim, Louise Moore é minha revisora, editora e amiga querida nos últimos vinte anos. Desde o início, ela defendeu meus textos e mobilizou equipes inteiras para me ajudar. Louise é visionária, apaixonada, dedicada e incansável quando se trata dos meus livros. Devo minha carreira ao seu apoio, e, como forma de expressar meu agradecimento, dedico este livro a ela.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Dando um tempo

Site da autora
https://www.mariankeyes.com/

Wikipédia da autora
https://pt.wikipedia.org/wiki/Marian_Keyes

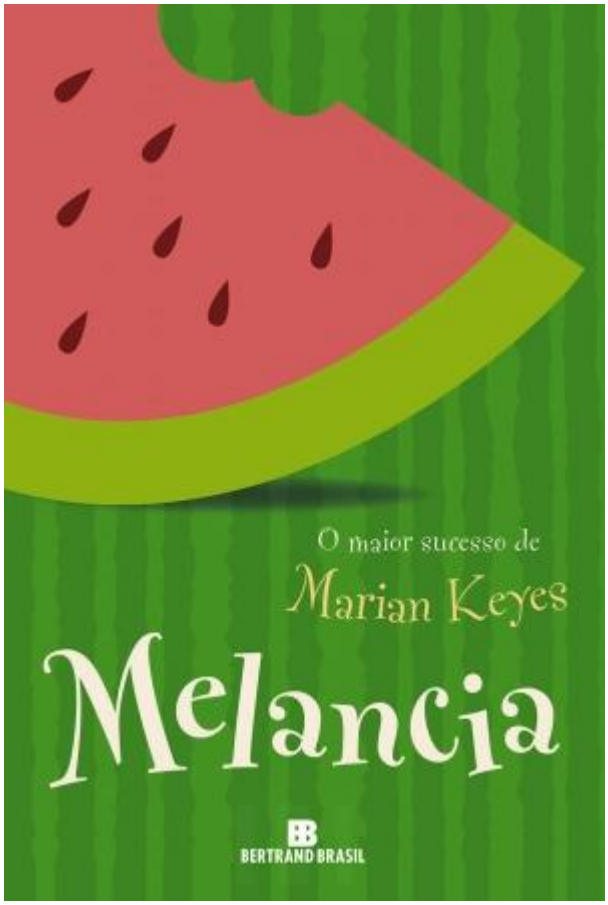
Twitter da autora
https://twitter.com/MarianKeyes

Facebook da autora
https://www.facebook.com/MarianKeyes/

Instagram da autora
https://www.instagram.com/marian_keyes/

Goodreads da autora
https://www.goodreads.com/author/show/6104.Marian_Keyes

Sobre a autora
http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=2844


O maior sucesso de
Marian Keyes
Melancia
BERTRAND BRASIL

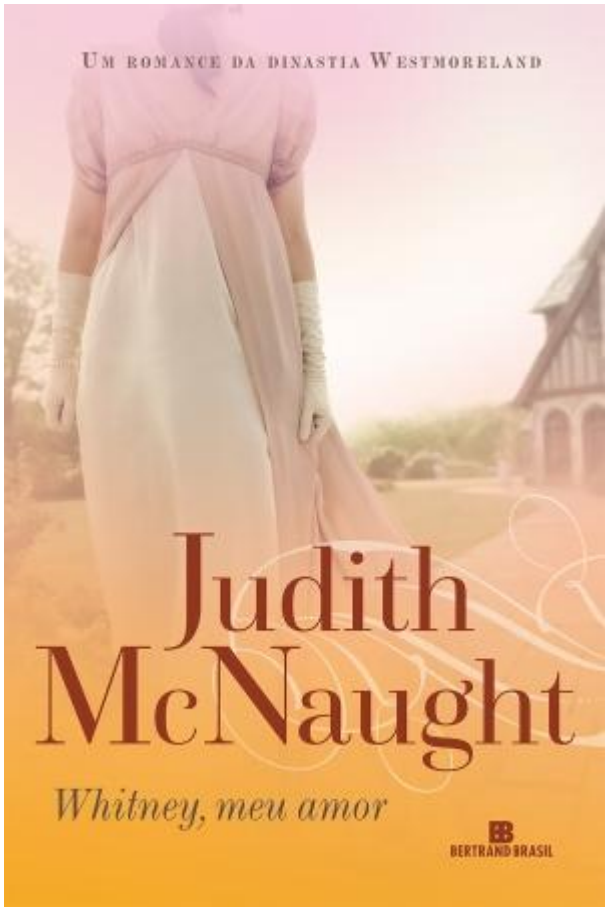
Melancia

Keyes, Marian
9788528622867
490 páginas

Compre agora e leia

Com este romance engraçadíssimo e irreverente, a autora irlandesa Marian Keyes conquistou milhares de leitores no Brasil e no mundo. Melancia é sobre sobrevivência e a arte de manter o bom humor mesmo diante das circunstâncias mais adversas. Com 29 anos, uma filha recém-nascida e um marido que acabou de confessar um caso com a vizinha, Claire Walsh se resume a um coraçãopartido e um corpo inteiramente redondo, aparentando uma melancia. Não tendo nada melhor em vista, ela volta a morar com sua excêntricafamília. Depois de muitos dias em depressão, Claire decide avaliar os prós e contras do casamento, e começa a se sentir bem melhor. É justamente nesse momento que James, seu ex-marido, reaparece. Claire irá recebê-lo, mas lhe reservará uma bela surpresa.

Compre agora e leia


Um romance da dinastia Westmoreland
Judith McNaught
Whitney, meu amor
BERTRAND BRASIL

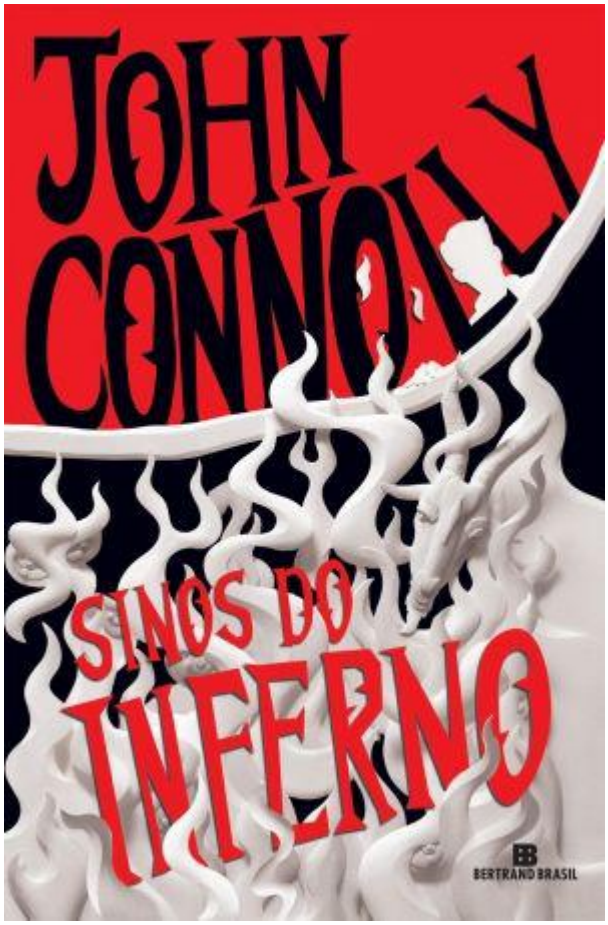
Whitney, meu amor

McNaught, Judith
9788528623246
490 páginas

Compre agora e leia

Romance histórico da mesma autora de Tudo por amor. A encantadora e impetuosa Whitney não tem medo de dizer o que pensa. Por conta de seu comportamento pouco apropriado para uma moça da sociedade inglesa do século XIX, ela é forçada, pelo pai frio e severo, a mudar-se para a casa dos tios em Paris, onde recebe aulas para se tornar uma dama. Sob o cuidado dos amorosos e dedicados tios, ela desabrocha em uma mulher sofisticada e bela, tornando-se a sensação da esfuziante sociedade parisiense. Quando retorna à Inglaterra, está mudada, mas ainda deseja conquistar o belo Paul, seu primeiro amor. Mas há alguém que parece disposto a destruir sua felicidade: trata-se de Clayton Westmoreland, um poderoso duque, que está decidido a ter Whitney a qualquer preço.

Compre agora e leia


JOHN
CONNOLLY
SINOS DO
INFERNO
BERTRAND BRASIL

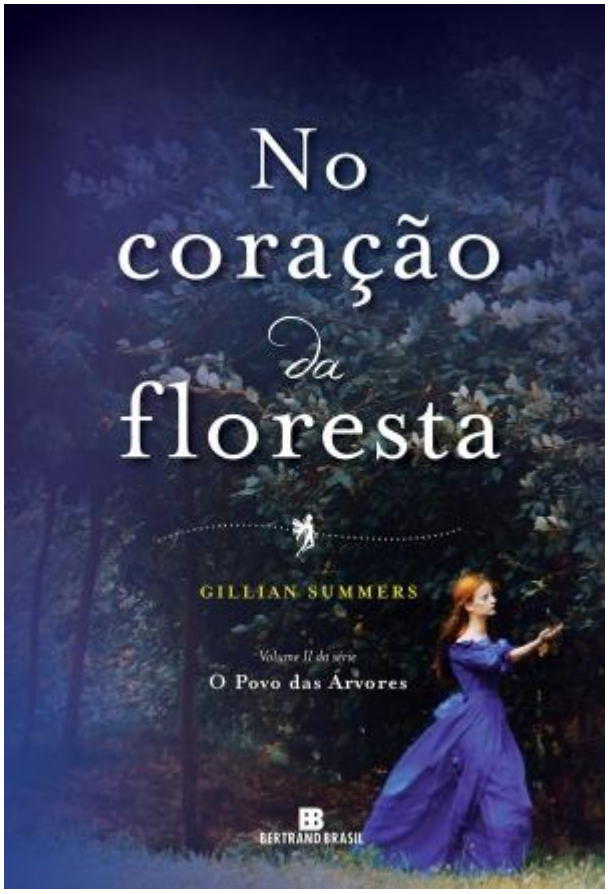
Sinos do inferno - As aventuras de Samuel Johnson - vol. 2

Connolly, John
9788528621297
322 páginas

Compre agora e leia

Continuação da série Samuel Johnson iniciada com Os PortõesSamuel Johnson está em apuros. Sua visão ruim o faz passar o maior vexame, e o demônio sra. Abernathy está com sede de vingança desde que seus planos de invadir a Terra foram frustrados pelo jovem. Ela planeja aprisioná-lo e, quando o Grande Colisor de Hádrons é religado, a oportunidade bate à porta. Samuel e seu fiel bassê, Boswell, são arrastados para as profundezas do Inferno, onde serão caçados pela sra. Abernathy e seus lacaios infernais.Mas apanhar Samuel não será nada fácil para o demônio, que já testemunhou de perto a bravura e a inteligência do garoto e seu cão, além da leal amizade entre Samuel e o infeliz demônio Nurd. Ela também não conta com a presença de dois incompetentes policiais e de um azarado – no sentido mais otimista da palavra – sorveteiro. Tampouco poderia esperar a intervenção de um grupo de pequenos seres que confirmam que Samuel e Boswell não são os únicos habitantes da Terra a pararem de uma hora para outra no Inferno.Se você pensava que demônios eram assustadores, espere até encontrar Os Elfos do Sr. Merryweather.

Compre agora e leia


No
coração
da
floresta
GILLIAN SUMMERS
Volume II da série
O Povo das Árvores
BERTRAND BRASIL

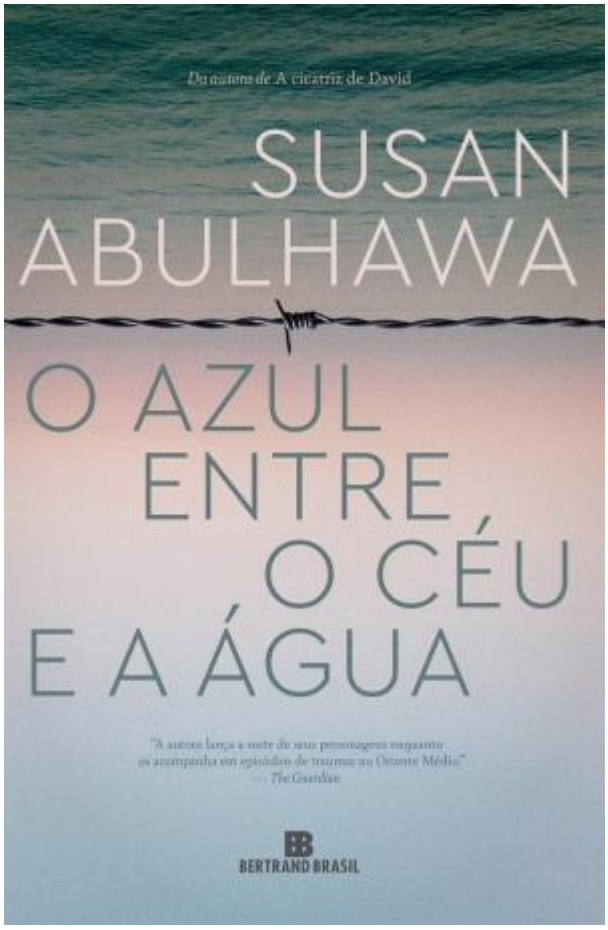
No coração da floresta - O povo das árvores

Summers, Gillian
9788528621709
322 páginas

Compre agora e leia

Segundo volume da série O povo das árvores, No coração da floresta é um romance mágico e instigante que prende o leitor do começo ao fim. Após a leitura, viver na floresta em meio a um Festival da Renascença será uma ideia muito atraente. Os leitores vão se emocionar, se divertir e se surpreender com a história da elfa Keelie Heartwood, que dessa vez está pronta para se divertir no próximo Festival da Renascença de Wildewood. Mas, de repente, sua vida deixa de ser encantadora e passa a ser um pesadelo. E, como se não bastasse, a floresta próxima ao festival está com problemas e um estranho unicórnio parece persegui-la. Tudo isso somado a uma doença que assola a raça de Keelie.

Compre agora e leia


Da autora de A cicatriz de David
SUSAN ABULHAWA
O AZUL ENTRE O CÉU E A ÁGUA
"A autora lança a sorte de seus personagens enquanto os acompanha em episódios de traumas no Oriente Médio."
— The Guardian
BERTRAND BRASIL

O azul entre o céu e a água

Abulhawa, Susan
9788528622775
322 páginas

Compre agora e leia

Romance envolvente da autora do best-seller A cicatriz de David. Palestina, 1947. Beit Daras é uma vila tranquila rodeada por oliveiras e também o lar da família Baraka. Quando forças israelenses surgem nos arredores, ninguém suspeita do terror que está prestes a acontecer. Logo, a vila está em chamas. Entre fumaça e cinzas, famílias precisam abrir caminho até os campos de refugiados em Gaza, em uma viagem que testará seus limites. Após chegarem, nada mais é o mesmo. Em uma narrativa que vai do mágico ao terrivelmente real, percorrendo pontos no Oriente Médio e na América em diversas gerações de uma mesma família, O azul entre o céu e a água conta a história de mulheres profundamente corajosas, de corações partidos, de resistência e de renovação.

Compre agora e leia

Table of Contents

Obras da autora
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Antes
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
Durante
20
21
22
23
24
25
26
27

28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64

65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
Depois
94
95
96
97
98
99
100

101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
Epílogo
Agradecimentos
Colofão
Saiba mais